



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**RAQUEL MARIA DA SILVA COSTA**

**A alternância das formas pronominais *tu, você* e o(a) *senhor(a)* na função de sujeito no *Português* falado em Cametá-PA**

**FORTALEZA – CE**  
**2016**

**RAQUEL MARIA DA SILVA COSTA**

**A alternância das formas pronominais *tu, você* e o(a) *senhor(a)* na função de sujeito no  
*Português* falado em Cametá-PA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para o obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan

**FORTALEZA – CE  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

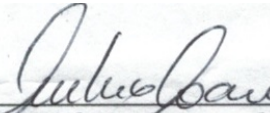
- C875a Costa, Raquel Maria da Silva.  
A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA / Raquel Maria da Silva Costa. – 2016.  
390 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
1. Pronomes de referência à segunda pessoa. 2. Variação linguística. 3. Princípio da marcação. I. Título.  
CDD 900
-

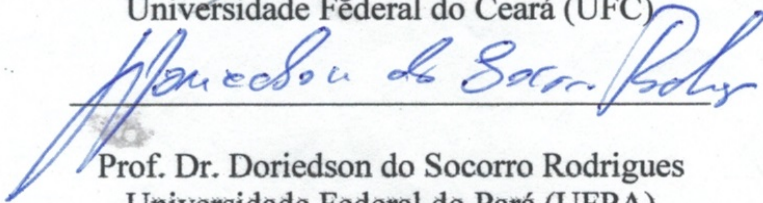
**RAQUEL MARIA DA SILVA COSTA**

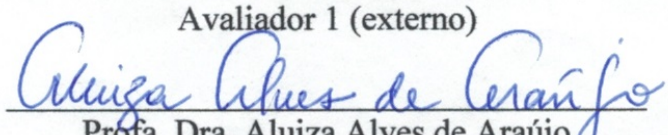
**A alternância das formas pronominais *tu, você* e *o(a) senhor(a)* na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA**

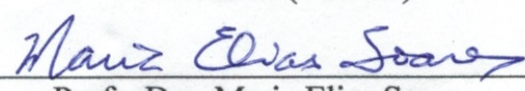
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

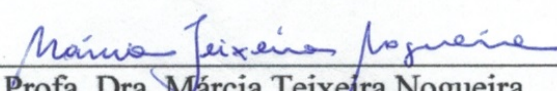
**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Márluce Coan – Orientadora  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Avaliador 1 (externo)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
Avaliador 2 (externo)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Avaliador 3 (interno)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Márcia Teixeira Nogueira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Avaliador 4 (interno)

**À senhora,  
“Minha Família”  
meu bem e amor maior.**

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão,

À Deus! Luz e poder maior. Pela presença e força ao longo desta caminhada terrena! A Ele sempre, obrigada!

A minha Mãe e amiga Guilhermina, por todo carinho, imensa dedicação, apoio e generosidade dispensados a mim, não somente nesses longos anos de caminhada acadêmica, mas em toda a minha vida. Sua torcida e crença na minha capacidade, são peças fundamentais de todas as minhas conquistas. A ela, o meu imenso amor e gratidão sempre!

Ao meu Pai, Lindinho Costa (em memória), de quem a saudade lembra sempre de lacrimejar meus olhos quando a presença de sua ausência invade minha vida. Ele, de muito pouco estudo, sabia a importância do estudo para seus filhos e por isso estaria hoje, muito orgulhoso de sua filha. Mas sua torcida pelas minhas conquistas não se extinguiu através de sua ausência física. Presença sentida e amada!

Aos meus “Irmãos-camaradas”, Paulo (em memória), Ricardo, Sebastiana, Nonato, Elias e Cláudia, que permanecem lado a lado comigo nesta caminhada, contribuindo generosamente das mais diversas formas, no limite de suas possibilidades, para a concretização deste trabalho. E a minha pequena subrinha Beatriz Costa, que pelo amor que exala, compreendeu sempre porque a tia Raquel, nunca tinha tempo para os passeios prometidos. Presenças marcantes, estimuladoras e indispensáveis na minha vida. Meu amor a vocês!

À Márluce Coan, minha orientadora, pela simplicidade, competência, orientação densa e precisa deste trabalho. Agradeço pela confiança e respeito atribuído a mim, enquanto pesquisadora, nesses quatro anos de orientação, o que fez aumentar minha admiração e respeito por ela, como profissional e pessoa. Exemplo a ser seguido!

Às professoras Dra. Maria Elias Soares e Dra. Márcia Nogueira pelos comentários preciosos fornecidos para o enriquecimento deste trabalho, durante o Exame de Qualificação deste projeto de pesquisa. E à professora Dra. Aluíza Araújo pelo parecer positivo, valioso, bastante motivador e sugestões oportunas, dadas durante o Exame de Qualificação desta Tese. Conhecimentos compartilhados generosamente, merecem sempre respeito e aplausos.

Aos meus professores do PPGL/UFC, pelos ensinamentos, enriquecimento teórico e contribuição ao meu crescimento profissional. Pelos olhares e falas de apoio presenteados generosamente, dentro e fora da sala de aula, em especial e com carinho: Maria Elias Soares, Ricardo Leite, Hebe Macedo e Márcia Nogueira. Grata Professores(as) Doutores(as)!

À coordenação do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará, prof. Dr. Gilmar Pereira e prof. Dr. Doriedson Rodrigues, e à diretora da Faculdade de Linguagem Ivone Veloso, pela minha liberação, durante o ano de 2012, para cursar este doutoramento, em outro estado. Eles, pelo grande comprometimento com a formação de seus profissionais e crescimento do Campus, permitiram-me, quando diante da lei não havia permissão. Minha gratidão a vocês!

À professora Martha Scherre, nada mais grandioso dado para a constituição desta tese, do que a sugestão do tema. Eis uma grandiosa pesquisadora de luz e generosidade. Só agradecimentos!

As minhas “forminguinhas trabalhadoras” do projeto PROBRAVO: Mara Costa, Marlúcia Lopes, Marivelson Araújo e a professora Dra. Regina Cruz, pelo significativo auxílio com o programa *Praat*, para a elaboração e qualificação de meu artigo científico, pré-requisito deste programa de pós-graduação. A eles, o meu apreço e gratidão acadêmica.

Ao Tarcísio Lima, pelo apoio significativo com as leituras e esclarecimentos dos textos em inglês desta Tese. Uma ajuda oportunamente valiosa e doada. O meu muito Obrigada!

As minhas conterrâneas paraenses Socorro Campos e Rosangela Nogueira, que além de colegas de curso, foram colegas de moradia em Fortaleza, pelo compartilhar da vida, para além da acadêmica, juntas éramos mais fortes e eficientes. Em especial, minha querida amiga-colega de trabalho Socorro Campos, que pelos corredores do Campus Universitário do Tocantins/Cametá - UFPA convidava-me veemente ao pleito de uma vaga neste PPGL, consegui convencer-me e eis aqui o resultado de seu convite! Meus sinceros agradecimentos!

À Família de Pedro Jorge Marques, que me acolheu generosamente com o coração, por muitas vezes, longos períodos, durante este curso. Pessoas do bem, a quem eu quererei

sempre muito bem nesta vida. Em especial ao Pedro, 'Pedroca', que merece sempre estar do lado esquerdo do peito! Muito ajuda, quem sempre ajuda! Obrigada!

Ao meus queridos-amigos, amigos-queridos cearenses, que ajudaram não somente com as tarefas árduas do curso, mas principalmente a tornar minha estadia pelo Ceará, mais alegre, humana, enriquecedora, divertida e feliz! Quando a solidão e a tristeza faziam questão de se apresentar, lhes pedia socorro, e lá estavam eles: Emerson Santos, Hermínia Cordeiro, Marílio Salgado, Ana Marins, Pedro Jorge, Jordane Alves e Lívia Chaves. Os amigos que o PPGL gentilmente e caridosamente pôs em minha vida! Meus queridos sempre! Para toda a vida!

Ao Jards Nobre, nobre colega, que demonstrou ao longo desses 4 anos, que o Nobre não é apenas um sobrenome, mas sim uma virtude de sua pessoa. Pela nobre ajuda doada em vários momentos tensos e de reflexão sobre este tema. Meu nobre e sincero agradecimento!

Aos meus alunos das turmas de Letras – Habilitação língua portuguesa – turma 2013 e 2014, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá- UFPA, que me ajudaram na testagem das gravações pilotos deste projeto. Jovens pesquisadores, meu respeito e admiração!

À minha gratidão acadêmica aos profissionais/informantes-base que gentilmente, dentro do seu espaço de trabalho e atribuições diárias, aceitaram em participar desta pesquisa, sem eles não haveria saber científico que pudesse ser concretizado. A ciência agradece!

A todos os meus amigos que contribuíram, das mais diversas formas, por meio de palavras, apoio, incentivo e pensamento positivo, para a execução deste.

**AGRADEÇO.**



*“Se tu me perguntares, o que eu andei fazendo nos últimos tempos, direi, ora, nada além do que pensar em você, tu e o(a) senhor(a)”.*

*(a autora)*

## RESUMO

Esta Tese apresenta um estudo sobre a alternância das formas pronominais de referência à segunda pessoa, *Tu/Você/o(a) Senhor(a)*, na função de sujeito, no português falado na zona urbana do município de Cametá, Nordeste do estado do Pará. Adota, como quadro teórico, a interface entre dois postulados teóricos: a Teoria da Variação e Mudança Linguística e o Funcionalismo linguístico, gerando dessa forma uma abordagem caracterizada no âmbito dos estudos linguísticos de sociofuncionalista. Nossa pesquisa objetiva analisar o papel de fatores linguísticos (referência do pronomes, estrutura do verbo, paralelismo estrutural, tipo de relato/discurso, tipo de frase, tempo discursivo do verbo e tempo gramatical do verbo) e de fatores extralinguísticos ou sociais (sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e relação social entre os interlocutores) como motivadores do comportamento variável de *tu/você/o(a) senhor(a)* em função de sujeito. O *corpus* contém dados de interações face a face de 16 grupos focais, cada qual constituído por 04 (quatro) sujeitos participantes, sendo um o informante-base, todos cametaenses, estratificados de acordo com a faixa etária (21 a 29 anos e 32 a 42 anos), o sexo/gênero (masculino e feminino) e o nível de escolaridade (médio e superior), totalizando 64 participantes. Na fala dos 16 informantes-base, obtivemos **527** dados de uso de *Tu, Você e o(a) Senhor(a)*, os quais foram analisados quantitativamente (mediante uso do pacote estatístico GOLDVARB) e qualitativamente, seguindo os pressupostos teóricos da sociolinguística laboviana e do funcionalismo norte-americano. Os resultados apontaram **307** ocorrências da forma pronominal *tu*, **182** de *você* e apenas **38** da forma *o(a) senhor(a)*, o que corresponde, respectivamente, a 58.3%, 34.5% e 7.2%. Observamos que a forma *tu* é favorecida quando se encontra em *paralelismo sintático tu-tu*, pela frase *exclamativa*, pela *referência indireta/direta* a um indivíduo, pelos homens, falantes do ensino médio e nas interações socialmente simétricas; a forma *você* é também motivada pelo princípio do *paralelismo sintático, você-você*, ocorre com maior frequência em *referência indireta* a um interlocutor ou grupo de denotação genérica e na *fala própria/discurso direto*; em relação à forma *o(a) senhor(a)*, observamos que é condicionada pelo tipo de frase *interrogativa*, *referência direta/específica* a um indivíduo, *fala reportada* (do próprio falante e/ou terceira pessoa), preferida pelos mais jovens e pelas mulheres. No âmbito do Sociofuncionalismo, ao avaliarmos a correlação entre variável dependente e variáveis independentes pelo princípio da *marcação*, verificamos que a forma *tu* é menos marcada na linguagem cametaense, considerando-se a distribuição de frequência e a complexidade estrutural. Portanto, ocorre preferencialmente em ambientes menos marcados, atestando o princípio da *marcação*

(GIVÓN, 1995), como em: contextos de *estruturas paralelas tu-tu* e tipo de referência *específica direta e indireta* a um interlocutor. A forma *você*, de menor frequência e maior complexidade estrutural e cognitiva, por isso *mais marcada*, encontra predileção, nos contextos mais marcados, como: referência *genérica* e frase do tipo *declarativa negativa*. Da mesma forma *o(a) senhor(a)*, pronome *marcado* na língua, ocorre em contextos mais marcados também, de maior complexidade estrutural e cognitiva, como frases *interrogativas e negativas*.

**Palavras-chave:** Pronomes de referência à segunda pessoa; Variação linguística; Princípio da marcação.

## ABSTRACT

This thesis presents a study of the alternation of pronominal forms of reference to the second person, Tu/Você/o(a) Senhor(a), in the subject function, in the Portuguese spoken in the urban area of Cametá, Northeast of the State of Pará. It adopts, as a theoretical framework, the interface between two postulates: Linguistic Variation and Change Theory and Linguistic Functionalism, generating a featured approach within the language studies of social functionalist. Our research intends to analyze the role of linguistic factors (pronoun reference, verbal structure, structural parallelism, type of report/speech, type of sentence, discursive tense and grammatical tense) and of extralinguistic or social factors (sex/gender, age, level of education and social relationship between the interlocutors) as motivators of the variable behavior of tu/você/o(a) senhor(a) in the subject function. The corpus contains data of face to face interaction of 16 focus groups, each one constituted by 04 (four) participant individuals, with one being the basis informant, all born in Cametá, stratified by age (21-29 years old and 32-42 years old), gender (male and female) and level of education (high school and higher education), totalizing 64 participants. By the basis informants speech, we got 527 data uses of Tu, Você e o(a) Senhor(a), which were quantitatively (via use of the statistical package GOLDVARB) and qualitatively analyzed, following the theoretical assumptions of the labovian sociolinguistic and of the North American functionalism. The results pointed 307 occurrences of the pronominal form tu, 182 of você and only 38 of o(a) senhor(a), which represents, respectively, 58.3%, 34.5%, e 7.2%. We noticed that the tu form is favored when in syntactic parallelism tu-tu, by the exclamatory sentence, by the indirect/direct reference to a individual, by men, high school speakers and on socially symmetric interactions; the form você is also motivated by the syntactic parallelism você-você principle, it occurs with higher frequency in indirect reference to an interlocutor or a group of generic denotation and in the own speech/direct speech; regarding the form o(a) senhor(a), we noticed that it is conditioned by the interrogative sentence, direct/specific reference to an individual, reported speech (of the own speaker and/or third person), preferred by younger individuals and by the women. Within the Social functionalism, evaluating the correlation between dependent variable and independent variables by the principle of marking, we noted that the form tu is less marked in the language of Cametá, considering the distribution of frequency and structural complexity. Therefore, it occurs in less marked environments, attesting the principle of marking (GIVÓN, 1995), as in: contexts of parallel structures tu-tu and specific direct and indirect type of

reference to an interlocutor. The form *você*, that presents less frequency and greater structural and cognitive complexity, hence more marked, finds predilection, in more marked contexts, as: generic reference and negative declarative type of sentence. Similarly *o(a) senhor(a)*, marked pronoun in the language, also occurs in more marked, of greater structural and cognitive complexity, contexts, as interrogative and negative sentences.

**Key-words:** Pronouns of reference to the second person; Linguistic variation; principle of marking.

## RESUMÉ

Cette thèse présente une étude sur l'alternance des formes pronominales de référence à la deuxième personne du singulier, *Tu/Você/o(a) senhor(a)*, comme sujet, dans le portugais courant parlé, dans la zone urbaine de la municipalité de Cametá, elle-même localisée au nord-est de l'état du Pará. On adoptera, comme cadre théorique, l'interface entre deux postulats : la Théorie de la Variation e des Changements Linguistiques, et le Fonctionnalisme Linguistique. On suggère ainsi un abordage caractérisé de socio-fonctionnaliste dans le cadre des études linguistiques. Notre recherche a pour but d'analyser le rôle des facteurs linguistiques (référence du pronom, structure du verbe, parallélisme structurel, type de conversation/discours, type de phrase, temps discursif du verbe et temps grammatical du verbe) e des facteurs hors contexte linguistiques et sociaux (sexe/genre, tranche d'âge, niveau de scolarité et relations sociales entre les interlocuteurs) comme moteur de la variabilité de l'usage de *Tu/Você/o(a) senhor(a)* comme sujet. Le *corpus* contient les données de l'entretien face à face de 16 groupes, chacun constitué de 4 (quatre) individus participants totalisant 64 participants à l'étude. Tous les participants sont originaires de Cametá, ils sont scindés en deux catégories d'âge (de 21 à 29 ans, et de 32 à 42 ans), différenciés par leur sexe/genre (masculin ou féminin), et différenciés par leur niveau de scolarité (niveau moyen ou niveau supérieur). Dans les conversations des 16 groupes participants, nous avons obtenus 527 occurrences de *Tu, Você, o(a) senhor(a)* qui ont été analysées quantitativement (par l'intermédiaire du pack GOLDVARB) et qualitativement, à partir du présupposé théorique de la sociolinguistique labovienne et du fonctionnalisme nord-américain. Les résultats montres 307 occurrences de la forme pronominale *tu*, 182 de *você*, e seulement 38 de la forme *o(a) senhor(a)*, correspondant respectivement à 58,3%, 34,5% e 7,2% des occurrences. Nous avons pu observer que la forme *tu* est favorisée dans un contexte de parallélisme syntaxique *tu-tu*, dans les phrases exclamatives, par référence directe/indirecte à un individu, par les hommes, de niveau d'étude moyen, et dans un cadre d'interactions sociales symétriques. La forme *você* est également motivée par le parallélisme syntaxique. *você-você* apparaît avec une fréquence supérieure en référence indirecte à un interlocuteur ou à un groupe de dénotation générique, et dans un discours direct. La forme *o(a) senhor(a)* apparaît comme étant conditionnée par un type de phrases interrogatives, en référence directe/spécifique à un individu, sur des conversations rapportées (du propre locuteur ou d'un tiers), préférée par les plus jeunes et les femmes. Dans le contexte du Socio-fonctionnalisme, de par l'évaluation de la corrélation entre les variables dépendantes et indépendantes par le principe de la marcation, nous avons

pu vérifier que la forme *tu* est la moins marquée dans le langage de Cameté, en considérant la distribution de la fréquence et la complexité structurelle. Ainsi, elle apparaît préférentiellement dans des environnements moins marqués, confirmant le principe de marcation (GIVÓN, 1995), comme par exemple en contexte de structure parallèle *tu-tu* avec un type de référence spécifique directe et indirecte à un interlocuteur. La forme *você*, de fréquence inférieure et de complexité structurelle et cognitive supérieure, et de ce fait plus marquée, se rencontre de forme plus privilégiée dans des contextes plus marqués, comme dans des références générique avec des types de phrases déclaratives. De la même manière, *o(a) senhor(a)*, pronom marqué dans la langue, se rencontre dans des contextes également plus marqués, de plus grande complexité structurelle et cognitive, comme dans des types de phrases interrogatives et négatives.

**Mots clés:** pronom de référence à la deuxième personne du singulier; variation linguistique; principe de marcation.

## RESUMEN

Esta tesis presenta un estudio sobre la alternancia de las formas de pronombres de referencia a la segunda persona, tú/usted (valor informal)/el(la) señor(a), la función de sujeto, en portugués que se habla en la zona urbana del municipio de Cametá, que está situado en el Noreste del estado de Pará. Adopta, como marco teórico, la interfaz entre dos aportes teóricos: la Teoría de la Variación y Cambio Lingüístico y el Funcionalismo Lingüístico, generando así un enfoque presentado en el ámbito de los estudios lingüísticos desde una perspectiva sociofuncionalista. Nuestra investigación tiene como objetivo analizar el rol de los factores lingüísticos (referencia pronombre, la estructura verbo, paralelismo estructural, tipo de cuenta/dirección, tipo de frase, tiempo discursivo del verbo y la forma gramatical del verbo) y factores extralingüísticos sociales (sexo/género, edad, nivel de educación y la relación social entre los interlocutores) como motivadores del comportamiento de las variables tú/usted/el(la)señor(a), en la función de sujeto. El corpus contiene los datos de interacciones cara a cara de 16 grupos focales, cada uno compuesto de cuatro (04) sujetos participantes, siendo basados en informantes, todos cametaenses, estratificados en función de la edad (21-29 años y 32 a 42 años), sexo/género (masculino y femenino) y el nivel de educación (secundaria y superior), por un total de 64 participantes. En el habla de los 16 informantes-base, obtuvimos 527 datos de tú, usted y el(la) señor(a), los cuales fueron analizados cuantitativamente (por el uso del paquete estadístico GOLDVARB) y cualitativamente, a partir de los aportes teóricos de la Sociolingüística Laboviana y del Funcionalismo norteamericano. Los resultados muestran 307 ocurrencias del pronombre *tú*, 182 de usted y sólo 38 de la forma el(la) señor(a), que corresponden respectivamente a 58,3%, 34,5% y 7,2%. Observamos que el pronombre *tú* se ve favorecido por el paralelismo sintáctico *tú-tú*, por la frase exclamativa, por la referencia indirecta/directa a un individuo de los hombres, estudiantes de la escuela secundaria y las interacciones sociales simétricas; el pronombre *usted* también está motivado por el principio del paralelismo sintáctico, *usted-usted*, se produce con mayor frecuencia en referencia indirecta a un interlocutor o grupo de denotación genérica y en el lenguaje del discurso directo a un individuo;; en relación con la forma el(la) señor(a), observamos que está condicionada por el tipo de frase interrogativa, referencia directa/específica a un individuo, el estilo indirecto (del hablante y/o tercera persona), el preferido por los más jóvenes y por las mujeres. Bajo el Sociofuncionalismo, para evaluar la correlación entre las variables dependientes e independientes por el principio de marcación, identificamos que la forma *tú* está menos marcada en el lenguaje cametaense, teniendo en



cuenta la distribución de la frecuencia y la complejidad estructural. Por lo tanto, se produce preferentemente en contextos menos marcados, lo que confirma el principio de marcación (GIVÓN, 1995) como en: estructuras paralelas tú-tú y contextos específicos del tipo de referencia directa o indirecta a un interlocutor. La forma usted, con menor frecuencia y mayor complejidad estructural y cognitiva, por ello está más marcada, encuentra como mejor opción los contextos más marcados, como referencia genérica y sentencia negativa de naturaleza declarativa. De la misma forma en que el(la) señor(a) pronombre marcado en la lengua, ocurre en contextos también, más marcados, de mayor complejidad estructural, cognitiva como oraciones interrogativas y negativas.

**Palabras-clave:** Pronombres de referencia de segunda persona; Variación lingüística; Principio de marcación.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Códigos dos Informantes .....	115
Figura 2 - Relação social entre informante-base e interlocutores .....	175

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes pessoais: retos e oblíquos do PB em Perini (2010) .....	40
Quadro 2 - Pronomes-sujeitos no PB conforme Castilho (2010) .....	41
Quadro 3 - Segunda pessoa no PB culto contemporâneo conforme Bagno (2013) .....	42
Quadro 4 - Síntese das características divergentes entre funcionalismo e sociolinguística .....	88
Quadro 5 - Plano de Amostra Estratificada dos informantes (total de 64 informantes).....	112
Quadro 6 - Sinais utilizados na transcrição grafemática do <i>corpus</i> .....	131
Quadro 7 - Duração de áudio dos 16 (dezesesseis) grupos focais para análise de tu/você/o(a) senhor(a) da linguagem falada na zona urbana de Cametá .....	132
Quadro 8 - Grupos de fatores linguísticos e sociais para análise de Tu/Você/o(a) senhor(a) .....	150

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - A importância do fator faixa etária para o fenômeno variável <i>tu, você e o(a) senhor(a)</i> no português falado na zona urbana de Cametá.	230
---	-----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	155
Tabela 2 -	Frequência de ocorrência da rodada binária <i>tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	157
Tabela 3 -	Atuação do paralelismo estrutural no uso de <i>tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	162
Tabela 4 -	Tipo de interlocução/referência do pronome na rodada binária <i>Tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).....	165
Tabela 5 -	Tipo de Frase na rodada binária <i>Tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	168
Tabela 6 -	A importância da Escolaridade na rodada binária <i>tu</i> versus <i>você</i> .....	172
Tabela 7 -	Tipo de relação entre os interlocutores na rodada binária <i>Tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA)	176
Tabela 8 -	A importância do Sexo/gênero na rodada binária <i>tu</i> versus <i>você</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	182
Tabela 9 -	Grupos de fatores eliminados pelo programa no <i>stepping down</i> na rodada entre <i>tu</i> versus <i>você</i> .....	186
Tabela 10 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	191
Tabela 11 -	Paralelismo Estrutural na rodada binária <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	194
Tabela 12 -	Tipo de Frase na rodada binária <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	195
Tabela 13 -	Faixa Etária do Informante na rodada binária <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	197
Tabela 14 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – <i>tu</i> versus <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	198
Tabela 15 -	Sexo/gênero na rodada binária <i>você</i> versus <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> .....	199
Tabela 16 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – <i>tu</i> versus <i>você/o(a) senhor(a)</i> no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	200
Tabela 17 -	Grupos de fatores eliminados pelo programa no <i>stepping down</i> na rodada entre <i>tu</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> .....	202
Tabela 18 -	Grupo de fatores <i>escolaridade</i> não selecionado no <i>step-up</i> e nem excluído pelo <i>step-down</i> .....	204

Tabela 19 -	Grupos de fatores <i>Referência de pronome e tipo de discurso</i> não selecionados no <i>step-up</i> e nem excluídos pelo <i>step-down</i> , com a presença dos nocautes .....	205
Tabela 20 -	Grupos de fatores <i>Referência de pronome e tipo de discurso</i> não selecionados no <i>step-up</i> e nem excluídos pelo <i>step-down</i> , com amálgamas .....	206
Tabela 21 -	Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	207
Tabela 22 -	Paralelismo na rodada binária <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	209
Tabela 23 -	Frequência de ocorrência do fator paralelismo estrutural na rodada binária <i>tu</i> versus <i>você/o(a) senhor(a)</i> , do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	210
Tabela 24 -	Referência do pronome na rodada binária <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> ...	212
Tabela 25 -	Tipo de relato da rodada binária <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> , do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA) .....	216
Tabela 26 -	Grupos de fatores eliminados pelo programa no <i>stepping down</i> na rodada entre <i>você</i> versus <i>o(a) senhor(a)</i> .....	217
Tabela 27 -	A importância do tipo de relação entre os interlocutores para a alternância entre <i>tu</i> versus <i>você</i> e <i>você</i> versus <i>tu</i> .....	224
Tabela 28 -	O indivíduo no processo de alternância de <i>tu/você/o(a) senhor(a)</i> (527 dados completos) .....	226

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	23
2	UM PERCURSO SOBRE O USO DE SEGUNDA PESSOA: AS FORMAS DE TRATAMENTO E OS PRONOMES PESSOAIS EM PORTUGUÊS .....	29
2.1	Os pronomes pessoais e de tratamento em perspectiva histórica: tu, você e o(a) senhor(a) .....	29
2.1.1	<i>Vossa Mercê e Você</i> .....	30
2.1.2	<i>Tu e Você</i> .....	32
2.1.3	<i>O(a) Senhor(a)</i> .....	35
2.2	Os pronomes de tratamentos: conceitos preliminares .....	36
2.3	Quadro pronominal atual .....	39
2.3.1	<i>Quadro pronominal de segunda pessoa nas Gramáticas</i> .....	44
2.4	As variantes tu/você/o(a) senhor(a) no português do Brasil sob a perspectiva variacionista .....	47
2.4.1	<i>Região Sudeste</i> .....	48
2.4.2	<i>Região Sul</i> .....	56
2.4.3	<i>Região Centro-Oeste</i> .....	60
2.4.4	<i>Região Nordeste</i> .....	64
2.4.5	<i>Região Norte</i> .....	71
2.5	<i>Considerações finais do capítulo</i> .....	77
3	ABORDAGEM TEORICA: UMA INTERFACE ENTRE TEORIAS	79
3.1	A Sociolinguística Variacionista .....	79
3.2	Funcionalismo .....	82
3.3	O Sociofuncionalismo .....	86
3.4	<i>Considerações finais do capítulo</i> .....	94
4	VARIAÇÃO ESTILÍSTICA DA LINGUAGEM: A DIMENSÃO DO ESTILO NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	96
4.1	A variação estilística da linguagem .....	96
4.2	O estudo da variação linguística em função da dimensão estilística .....	100
4.2.1	<i>Estilo: alguns conceitos mais gerais</i> .....	102
4.3	Estilo: Conceitos a partir dos estudos sociolinguísticos .....	105
4.3.1	<i>Abordagem teórico-metodológica para estudos de variação estilística</i> .....	106
4.4	<i>Considerações finais do capítulo</i> .....	108

<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS .....</b>	<b>109</b>
5.1	Natureza da pesquisa .....	109
5.2	Delimitação da amostra: os sujeitos/informantes .....	110
5.3	Lócus da pesquisa .....	115
5.4	Técnicas: Instrumentos e coleta dos dados .....	118
5.4.1	<i>O perfil dos líderes da mudança linguística .....</i>	119
5.4.2	<i>A coleta dos dados: Comunidades de prática e redes sociais .....</i>	121
5.4.3	<i>A técnica de grupo focal .....</i>	127
5.4.4	<i>Processamento dos dados .....</i>	130
5.5	Definições das variáveis: o envelope da variação .....	134
5.5.1	<i>Variável dependente .....</i>	135
5.5.2	<i>Variáveis independentes .....</i>	135
5.5.3	<i>Hipóteses .....</i>	146
5.6	<i>Considerações finais do capítulo .....</i>	151
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>152</b>
6.1	As formas de referência à segunda pessoa no português falado na zona urbana de Cameté .....	154
6.2	<i>Tu versus você no português falado em Cameté .....</i>	157
6.2.1	<i>Os Condicionantes linguísticos e socio-interacionais de tu versus você .....</i>	161
6.2.1.1	<i>Paralelismo Estrutural .....</i>	162
6.2.1.2	<i>Tipo de interlocução/referência .....</i>	165
6.2.1.3	<i>Tipo de Frase .....</i>	168
6.2.2	<i>Fatores sociais .....</i>	171
6.2.2.1	<i>Escolaridade .....</i>	171
6.2.2.2	<i>Tipo de relação entre os interlocutores .....</i>	174
6.2.2.3	<i>Sexo/gênero .....</i>	181
6.2.3	<i>Um breve olhar sobre os grupos não selecionados estatisticamente na rodada binária entre tu e você .....</i>	185
6.3	<i>Tu versus o(a) Senhor(a) .....</i>	190
6.3.1	<i>Os Fatores linguísticos estatisticamente relevantes.....</i>	193
6.3.1.1	<i>Paralelismo Estrutural .....</i>	193
6.3.1.2	<i>Tipo de Frase .....</i>	194
6.3.2	<i>Fatores sociais estatisticamente relevantes: as variáveis extralinguísticas ...</i>	196

6.3.2.1	<i>Faixa Etária do Informante</i> .....	196
6.3.2.2	<i>Sexo/gênero do falante</i> .....	199
6.3.3	<i>Os fatores estatisticamente não significantes na rodada entre tu versus o(a) senhor(a)</i> .....	201
6.4	<i>Você versus o(a) Senhor(a)</i> .....	206
6.4.1	<i>Os fatores linguísticos manifestados como estatisticamente relevantes na rodada entre você e o(a) senhor(a)</i> .....	208
6.4.1.1	<i>Paralelismo Estrutural</i> .....	208
6.4.1.2	<i>Tipo de interlocução/referência</i> .....	211
6.4.1.3	<i>Tipo de relato</i> .....	215
6.5	<i>A relevância dos fatores não significantes estatisticamente para a compreensão de você versus o(a) senhor(a)</i> .....	217
6.6	<i>Os dados e as implicações teóricas</i> .....	222
6.6.1	<i>Variação estilística e as formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a)</i> .....	222
6.6.2	<i>Os pressupostos variacionistas: VARIABILIDADE</i> .....	227
6.6.3	<i>Os pressupostos funcionalistas - o princípio da marcação em análise</i> .....	231
6.3	<i>Considerações finais do capítulo</i> .....	236
7	<b>CONCLUSÕES</b> .....	237
	<b>REFÊRENCIAS</b> .....	242
	<b>APÊNDICES</b> .....	250
	<b>ANEXOS</b> .....	319

## 1. INTRODUÇÃO

Esta tese aborda *formas de referência à segunda pessoa*, tratando especificamente *da alternância dos pronomes tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado na zona urbana do município de Cametá, estado do Pará*. Insere-se no campo da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo Linguístico, pelo viés sociofuncionalista.

O Português Brasileiro (doravante PB) dispõe de um pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa *tu* usado para se referir *à pessoa com quem se fala*, porém se observa, em algumas regiões do Brasil, com base em trabalhos já realizados sobre este pronome, como os de Herênio<sup>1</sup> (2006), Modesto<sup>2</sup> (2006), Dias<sup>3</sup> (2007), Mota<sup>4</sup> (2008), Andrade<sup>5</sup> (2010), Santos<sup>6</sup> (2010), Nogueira<sup>7</sup> (2013) que está cedendo espaço, na fala, para o pronome de tratamento *você*, passando este a ganhar valor de pronome pessoal e constituindo-se um dos elementos linguísticos mais recorrentes para se dirigir a qualquer pessoa.

Em função disso, surge o interesse em investigar este fenômeno em variação na língua cotidiana dos falantes cametaenses, para verificar até que ponto fatores sociais como *faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero*; sócio-interacionais como as *relações hierárquicas* (simétricas e assimétricas); e fatores linguísticos como: *referência do pronome, estrutura do verbo, paralelismo estrutural, tipo de relato/discurso, tipo de frase/entonação, tempo discursivo verbal e tempo gramatical do verbo* podem condicionar o uso alternado entre *tu, você e o(a) senhor(a)*.

O interesse pelo estudo desse fenômeno no Português falado na zona urbana do município de Cametá surgiu a partir de algumas observações empíricas em interações verbais nas quais me encontrava. As formas dirigidas a mim, dependendo do nível de formalidade/informalidade ou das relações sociais hierárquicas instituídas através do status social assumido durante as interações verbais, alternavam-se entre *tu, você e a senhora*. Isso me chamou atenção e aguçou-me a curiosidade científica. E apesar de existirem inúmeros estudos realizados em diversas regiões do país sobre os usos dos pronomes de segunda pessoa, como os citados acima, na região Norte, este é um estudo muito pouco explorado, principalmente no estado do Pará, fato observado pela carência de bibliografia sobre o tema.

<sup>1</sup> Pesquisa sobre *tu/você* nos estados de Uberlândia (MG) e Imperatriz (MA).

<sup>2</sup> Pesquisa sobre *tu/você* em Santos (SP).

<sup>3</sup> Pesquisa sobre o uso de *tu/você* no falar brasiliense (DF).

<sup>4</sup> Pesquisa sobre o uso de *tu/você* em São João da Ponte (MG).

<sup>5</sup> Pesquisa sobre o uso de *você/cê/tu* na Vila de Planalto (DF).

<sup>6</sup> Pesquisa sobre o *tu/você* no Centro urbano da cidade de Rio de Janeiro (RJ).

<sup>7</sup> Pesquisa sobre *tu/você* em Feira de Santana e Salvador (BA).



Tem-se, somente, no estado do Pará, o trabalho de Leal e Soares (1993) sobre as formas de referência à segunda pessoa. Por isso, torna-se oportuna a realização deste trabalho, pois contribuirá para a ampliação dos estudos sobre o emprego das formas de referência à segunda pessoa no Pará e, conseqüentemente, na região Norte.

E uma pesquisa mais atual sobre o fenômeno neste estado, sob novo enfoque de análise, e que controle outros contextos motivadores dessa variação, sejam eles situacionais, estilísticos, sociais, interacionais ou discursivo-pragmáticos, poderá apontar resultados diferentes dos observados por Leal e Soares (1993), principalmente, porque este aqui desenvolvido abordará relações interacionais mais amplas, não se restringirá ao seio familiar como fizeram esses autores. Então, buscaremos verificar se o *tu* aparece mesmo nas relações mais simétricas e íntimas ou não, pois a forma pronominal que o falante emprega ao se dirigir ao seu interlocutor poderá expressar papéis sociais diferenciados e alternantes, manifestando assim as relações assimétricas ou não-recíprocas e as relações simétricas ou recíprocas, porém tudo isso dependerá do grau de proximidade/intimidade, de inferioridade ou superioridade, em relação ao status social, que o falante mantiver com seu interlocutor.

Para alcançarmos tal objetivo, conjugamos duas bases teóricas da linguística: *a Teoria da Variação e Mudança linguística e o Funcionalismo*. À luz da Teoria da Variação, que considera o estudo da língua em seu contexto sociocultural dentro de uma comunidade de fala, pretendemos compreender a variação das formas de referência à segunda pessoa, através da combinação da estrutura social, pela observação das variáveis sociais sexo/gênero, nível de escolaridade e faixa etária, à estrutura linguística, na possibilidade de deprendermos e sistematizarmos o caminho desta variação na língua falada.

Relacionaremos à interferência das variáveis sociais, neste estudo, a análise da variação estilística, no uso alternado das formas *Tu, Você e o(a) Senhor(a)*, motivados pelo contexto de fala e pelas situações relacionais hierárquicas entre os interlocutores. Considerar a análise da mudança de estilo aqui decorre de nosso interesse em compreender até que ponto há uma correlação entre a situação social de comunicação e a variação linguística intrafalante e como os diferentes interlocutores podem influenciar na escolha de uma variante em detrimento de outra. Esse viés metodológico diferencia-se de outros estudos já realizados sobre as formas de tratamento à segunda pessoa, constituindo, portanto, um diferencial metodológico desta pesquisa, além, é claro, da utilização de fatores semântico-pragmáticos subsidiados pelos princípios sociofuncionalistas, considerados teoricamente para efeito de análise de nosso objeto de estudo.

Comungado à vertente da Sociolinguística Variacionista, usaremos o *princípio*

*funcionalista da marcação* (conforme GIVÓN, 1995), com o intuito de associarmos a alternância das formas de referência à segunda pessoa em estudo a motivações cognitivas. Consideraremos, também, a teoria *de poder e de solidariedade* (BROWN E GILMAN, 1960): nas interações comunicativas, as formas de tratamento estão voltadas ou para o poder (relações assimétricas) ou para a solidariedade (relações simétricas). A adoção deste ponto de vista torna-se necessário por acreditarmos que a variação pode surgir devido ao status social ou ao grupo do qual o interlocutor participa ou no qual está inserido.

Ressalto aqui que escolher a cidade de Cametá, para ser a comunidade de fala objeto de análise desta pesquisa, não foi uma escolha aleatória, mas motivada, primeiro, pela forte relação e sentimento de pertença que possuo com esta região do Baixo Tocantins. Segundo, sou genuinamente cametaense, resido e trabalho nesta cidade e desde o meu primeiro contato, ainda como estudante de Graduação, com a linguagem cametaense e a gama de variedade de falares que esta localidade possui, senti-me atraída por esse falar local. Agora, como pesquisadora, senti-me atraída em conhecer melhor e documentar este dialeto da Amazônia Tocantina. Escolhi *as formas de referência à segunda pessoa*, a fim de analisar motivações que conduzem a uma ou outra forma e, por conseguinte, tornar tal uso linguístico mais conhecido e reconhecido no quadro dos estudos sociolinguísticos em âmbito nacional.

Isto ampliará, portanto, os conhecimentos acerca desse fenômeno linguístico, contribuindo para maior compreensão do objeto investigado e também para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil, principalmente no Pará, pois poderá contribuir para a descrição e explicação de um quadro pronominal de segunda pessoa mais próximo realmente do uso que se faz desses pronomes no dia-a-dia. Ainda há muito a ser estudado como também regiões a serem pesquisadas, para melhor se determinar se existe e quais são os locais em que se usa somente o pronome *tu* ou *você*. Com isso, poderemos contribuir para a inserção de um quadro pronominal mais coerente com os dados da língua oral, em nossos materiais didáticos e Gramáticas do Português Brasileiro.

Enfim, observa-se que tal tema se constitui ao mesmo tempo interessante e complexo, na medida em que, apesar da existência desses estudos realizados em algumas regiões do Brasil, ainda não se conseguiu definir com exatidão e de forma completa todos os mecanismos que favorecem tal variação dentro do sistema linguístico do Português Brasileiro. Então, a partir da observação das lacunas deixadas em trabalhos já realizados sobre os pronomes de referência à segunda pessoa no PB, bem como de questões de cunho teórico-metodológico não abordadas em investigação sobre este tema, há a necessidade da realização de um estudo caracterizador deste fenômeno. Os trabalhos existentes sobre tais formas de

tratamento centram-se na forma *você* e suas variantes (*você*, *ocê*, *cê*) ou na variação entre *você/tu*; também poucos são aqueles que consideram as três formas em um único trabalho, como esta pesquisa propõe-se fazer. De acordo com Menon (1995), embora o uso de *você* seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda existem áreas, mais ou menos definidas, onde a vitalidade do uso do *tu* é característica do(s) dialeto(s)”.

E no estado do Pará e em todo o Norte do país, há pouquíssima literatura sobre as formas pronominais; diante disso, torna-se necessário um trabalho que apresente resultados sistemáticos sobre essa variável, e amplie, portanto, os conhecimentos acerca desse fenômeno linguístico, contribuindo para uma maior compreensão do objeto investigado e também para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil, e principalmente no Pará, pois além dos aspectos de cunho sociolinguístico variacionista considerados nos trabalhos sobre as formas de referência à segunda pessoa descritos anteriormente, este aqui desenvolvido pretende cercar tal objeto por diferentes pontos de vista, não somente pelos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da Variação sempre recorrentes em outras análises, mas através da variação regular das formas em estudo a partir dos diferentes estilos contextuais (LABOV, 2001).

Considerando-se o exposto acima, este trabalho tem por objetivo analisar como os fatores linguísticos (referência do pronome, estrutura do verbo, paralelismo estrutural, tipo de relato/discurso, tipo de frase/entonação, tempo discursivo verbal e tempo gramatical do verbo) e os fatores sociais (sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, relações hierárquicas) motivam o comportamento variável das formas pronominais de segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na função de sujeito, na fala dos moradores da zona urbana do município de Cametá, região Norte do estado do Pará.

Para a análise da influência de tais fatores linguísticos e sociais sobre a variável linguística aqui estudada, pretendemos, como objetivos específicos: 1. Investigar se o pronome *tu* é favorecido quando usado em *referência* a um locutor *específico*, e o pronome *você* quando utilizado em *referência genérica*<sup>8</sup>; 2. Observar se a codificação explícita precedente dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* favorece a codificação destas mesmas formas sequencialmente na sentença, gerando assim a manutenção de *tu*, *você* e ou *o(a) senhor(a)* na cadeia da fala. 3. Examinar qual o tipo de discurso, *fala própria*, *relatado do próprio falante* ou *relatado de terceira pessoa* que mais pode favorecer o uso das formas *tu*,

---

<sup>8</sup> Adotamos a tese de Neves (2000), que defende que os pronomes pessoais podem fazer referência genérica, como ocorre com pronome *você*, pois “embora seja de pessoa envolvida no discurso (segunda pessoa), pode indicar referência genérica. A indeterminação, nesse caso, é muito forte (*VOCÊ* = uma pessoa, seja qual for)”. (NEVES, 2000, p. 463).

*você* e *o(a) senhor(a)* na fala da comunidade investigada; 4. Analisar se o *tipo de frase*, afirmativa, interrogativa, negativa e exclamativa, constitui-se um fator motivador da escolha entre uma das formas de segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*; 5. Averiguar se o *tempo discursivo* e o *tempo gramatical do verbo* apresentam condicionamentos significativos para a escolha alternada entre *tu/você/o(a) senhor(a)* na fala dos cametaenses; 6. Investigar o uso das formas *o(a) senhor(a)*, *tu* e *você* nas relações interacionais simétricas e assimétricas, levando em consideração se o fator proximidade/intimidade e distância social/ relação não íntima contribuem para a escolha desses pronomes na fala dos cametaenses da zona urbana; 7. Identificar se há correlação entre a preferência das formas de referência à segunda pessoa *tu/você/o(a) senhor(a)*, no português falado em Cametá, e os traços sociais dos falantes, como *faixa etária*, *nível de escolaridade*, *gênero/sexo*.

Esta tese compõe-se de 5 capítulos, além da introdução (capítulo 1) e das considerações finais (capítulo 7). No segundo, há um breve histórico sobre os pronomes pessoais e as formas de tratamento no português brasileiro, com base em Menon (1995), Preti (2004), e nas línguas europeias, com base em e Brown e Gilman (1960). Apresenta-se, também, a abordagem desses pronomes sob o ponto de vista tanto das Gramáticas tradicionais, a partir de Cunha (1985), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009); dos livros didáticos, como os de Amaral (2009), Barreto (2010), Faraco e Moura (2002); como de estudos que consideram as formas linguísticas faladas do PB: Perini (2002), Castilho (2010) e Neves (2012). Para complementar essa revisão da literatura sobre o fenômeno em estudo, consideramos pesquisas realizadas no Brasil sobre os pronomes *Tu*, *Você* e *o(a) Senhor(a)*.

Em seguida, há um capítulo que estabelece uma interface teórico-metodológica entre a Sociolinguística laboviana/variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006) e os princípios do funcionalismo (GIVÓN, 1995), associando essas vertentes teóricas da linguística, que possuem como escopo de análise a língua em uso, de natureza heterogênea e que abriga a variação e a mudança, sob a denominação de *sociofuncionalismo*. No terceiro capítulo desta tese, abordaremos a intervenção do contexto social na variação linguística, considerando como os diferentes estilos da linguagem se refletem no uso alternado dos pronomes em análise, a partir da observação dos diferentes padrões estabelecidos pelas relações interpessoais e regras sociais instituídas durante as interações verbais, de acordo com Bell (1984), Labov (2001) e Corvalán (2001).

Posterior a isso, apresentaremos a orientação teórico-metodológica da Sociolinguística quantitativa que subsidiará a coleta e tratamento dos dados, abordando desde os passos que serão seguidos para a realização de nossa pesquisa (natureza e técnicas

utilizadas na pesquisa, a escolha dos instrumentos e coleta dos dados, a amostra, os sujeitos informantes, o *locus* da pesquisa), incluindo a descrição da técnica de entrevista, denominada de *grupo focal* utilizada para a obtenção dos dados deste estudo, como também a caracterização da *comunidade de prática*, formada pelos 64 informantes, que constituem a amostra desta pesquisa, os quais foram agrupados conjuntamente de acordo com as redes sociais pelas quais estão fortemente relacionados. Feito isso, definimos as variáveis e o processamento dos dados no programa estatístico GOLDVARB.

Por fim, exporemos a descrição e a análise dos resultados sobre as formas pronominais de referência à segunda pessoa, na função sintática de sujeito da oração: *tu, você e o(a) senhor(a)*, no Português falado na zona urbana do município de Cametá-PA. Neste capítulo, interpretamos, a partir dos números, os resultados quantitativos aqui encontrados, oriundos das rodadas estatísticas e os correlacionamos ao arcabouço teórico que ancora nossas hipóteses. Sempre que possível, comparamos, a partir de pontos convergentes e divergentes, nossos resultados aos resultados de trabalhos anteriores no PB, sobre o objeto em análise.

Após as considerações finais, encontram-se as Referências, os Apêndices e os Anexos. Do Apêndice constam: o modelo do Termo de Consentimento para os informantes; os questionários elaborados para a realização da entrevista; a enquete para a escolha dos profissionais de maior status social em Cametá-PA realizada pelo FACEBOOK; quadro dos profissionais eleitos como de maior status da cidade de Cametá; as transcrições dos grupos de força que contêm a variável dependente em estudo; o arquivo de especificação e o Teste de atitude sobre os pronomes – contexto formal e informal da coleta dos dados. Em seguida, em Anexos, encontram-se: o documento de aprovação, para a realização desta pesquisa, pelo Conselho de Ética do estado do Ceará; o mapa do estado do Pará, com destaque para o município de Cametá, e o mapa do município de Cametá.

## 2. UM PERCURSO SOBRE O USO DE SEGUNDA PESSOA: AS FORMAS DE TRATAMENTO E OS PRONOMES PESSOAIS EM PORTUGUÊS

Neste capítulo, tecemos breve histórico sobre os pronomes pessoais e as formas de tratamento do Português brasileiro, com base em Menon (1995) e Preti (2004), além de considerações sobre tais formas em línguas europeias a partir dos estudos de Brown e Gilman (1960), mais especificamente, sobre os aspectos pragmático-discursivos dessas formas. Abordamos também os pronomes de referência à segunda pessoa e de tratamento sob o ponto de vista tanto das Gramáticas tradicionais, Cunha (1985), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009), Silveira (1983) e Cegalla (1994), quanto dos estudos que consideram tais formas linguísticas na linguagem falada do PB, em especial os de Perini (2002), Castilho (2010) e Neves (2012).

O intento de apresentarmos tais discussões sobre os pronomes pessoais e formas de tratamento é demonstrar como tais gramáticas e estudiosos acompanham as transformações ocorridas no paradigma pronominal de segunda pessoa da língua falada. Ao final do capítulo, apresentamos pesquisas, de natureza diversa ou não desta aqui desenvolvida, que descrevem os usos dos pronomes de segunda pessoa por região do Brasil, visando a acrescentar, a partir de um novo posicionamento teórico – o Sociofuncionalista, mais conhecimento sobre o tema abordado.

### 2.1 Os pronomes pessoais e de tratamento em perspectiva histórica: *Tu, você e o(a) senhor(a)*

A definição das pessoas do discurso, advinda da Gramática Tradicional e utilizada pelos gramáticos e por livros didáticos, nem sempre foi consensual. Sob este ponto de vista, temos definido a primeira pessoa, como aquela de quem se origina o discurso – (eu); a segunda pessoa é aquela para a qual o discurso é destinado – (tu); enquanto a terceira pessoa – (ele), é sobre quem recai o discurso. Porém, para autores como Bechara (2009), há somente duas pessoas do discurso (o eu e o tu) e a não pessoa (ele).

Eis a importância funcional dos pronomes pessoais de uma língua: a responsabilidade pela qualificação pessoal e a constituição de “expressões referenciais que representem na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação” (CASTILHO; BASILIO, 2002, p. 82). São os pronomes, portanto, que substituem ou lembram o nome (pessoa discursiva) dentro da interação. A significação deles,

advinda pela perspectiva gramatical, é interna e não externa ao discurso, e depende da interlocução para ser definida. Nesta direção de sentido, Said Ali (1964, p. 98) define o pronome como a “palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. Em decorrência desta noção funcional, temos os pronomes substantivos, os quais podem sozinhos exercer função sintática própria na frase. É o caso dos pronomes pessoais do caso reto - eu, tu, ele, nós, vós, eles(as).

Tais pronomes podem indicar diretamente as pessoas gramaticais que interagem linguisticamente: o falante, a primeira pessoa (eu, nós); o ouvinte, a segunda pessoa (tu, vós), e aquele que não está fazendo parte da conversa, a terceira pessoa (ele, ela, eles, elas); ou indicar, indiretamente, a segunda pessoa, como no caso das formas de tratamento – *você, o(a) senhor(a)*. Logo, olhar para estas noções conceituais sobre pronomes e pessoas do discurso, nos levará a compreendermos melhor como são definidas as relações pessoais e papéis sociais nas interações comunicativas, a partir do uso pelo sujeito discursivo (eu) de um pronome referencial dirigido ao seu ouvinte (tu), segunda pessoa, objeto este de nosso estudo.

Castilho e Basílio (2002), ao mencionarem Apolônio (Da sintaxe III) no que diz respeito à segunda pessoa, argumentam que esta pessoa não é simplesmente aquela a quem se fala, mas é também “a respeito dela que se fala”. (CASTILHO; BASÍLIO, 2002, p. 83). Para os autores, além de existir uma pessoa implicada no discurso, há também um discurso sobre esta pessoa, implicada nesta forma e usada na interação, referida pela primeira pessoa, só sendo portanto construída no interior de uma situação discursiva proposta pelo eu.

Será convergindo para esta noção, que se buscará analisar e entender o uso alternado em referência à segunda pessoa - *tu, você, o(a) senhor(a)* durante uma situação comunicativa, isto é, quem é a pessoa com quem se está interagindo e sobre a qual estamos falando e qual a relação social construída com ela, representada através do uso de um pronome de segunda pessoa.

### **2.1.1 Vossa Mercê e Você**

Ao estudar o sistema pronominal do português brasileiro, pela perspectiva histórica, Menon (1995) ressalta que, na época medieval até o século XIV, as modificações no uso da forma pronominal de segunda pessoa começaram pela forma plural menos marcada *vós*, que podia tanto ser empregada para se referir a mais de um interlocutor (nesse caso seu uso era em referência à segunda pessoa do plural), como também em menção a um único interlocutor (uso na segunda pessoa do singular), mas neste caso de posição social/hierárquica mais

elevada ou por questões de idade, já que segundo a autora, as convenções sociais da época exigiam do falante a utilização de uma forma de tratamento respeitosa, pois, no geral, o uso desse pronome era dado “pelos de baixo” “aos de cima” numa hierarquia social. E como a forma *vós* era considerada polida, constituía-se a preferida pelas situações formais ou de manifestação de respeito ao interlocutor, enquanto o *tu* era usada para os iguais ou de superior para inferior, sendo, por conseguinte, bem *marcada*<sup>9</sup>.

A autora demonstra que, no século XIV, e sobretudo no século XV, houve a introdução na língua de formas mais respeitosas, ao lado de *vós* para se dirigir ao rei, como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade* e, por constituírem uma locução nominal substantiva, empregavam o verbo na terceira pessoa do singular. De acordo com Rodrigues (2003), a primeira forma de tratamento dirigida ao rei foi *Vossa mercê* e a primeira ocorrência escrita deste termo é datada nas cortes em 1331. Era um tratamento nominal em menção ao rei, pois significava uma qualidade do soberano - a mercê (generosidade). Porém, a partir de 1490 passou a ser destinada também a duques e infantes e, no início do século XVI, seu uso passou a abranger a classe dos burgueses. Assim, tal forma foi perdendo, no decorrer da história, o valor honorífico que possuía em decorrência das transformações sofridas pela sociedade portuguesa, ocasionadas principalmente com a queda do período feudal.

Já na segunda metade do século XVIII, esta Forma de Tratamento passou a ocorrer em referência também a indivíduos de status social menos elevado, em menção a pessoas de classes sociais sem descendência nobre, mas de prestígio econômico, e ainda assim revestidos de algum prestígio social. Com a vulgarização, portanto, de seu uso nos séculos seguintes, o tratamento por *Vossa Mercê* chegou inclusive a ser considerado como um tratamento insultuoso, como aponta Said Ali (1964) e Rodrigues (2003). De acordo com Said Ali (1964), do uso e abuso da fórmula *vossa mercê* nasceu, na boca do povo, a variante *você*, a qual segundo o autor se esvaiu de todo o seu antigo brilho, e começou a ser aplicada “a indivíduos de condição igual, ou inferior, à da pessoa que fala”. (SAID ALI, 1964, p. 93). Ficando seu uso mais condenado ainda quando o sintagma nominal passou a sofrer alterações fonéticas em sua estrutura, e ganhar formas de menor prestígio social como *vossancê* ou *você*. Para Castilho (2010), a gramaticalização de *Vossa Mercê* se produziu simultaneamente, nos seguintes campos:

---

<sup>9</sup> O pronome *tu* deveria obedecer a essa relação bem específica e não poderia ser usado para se dirigir a uma pessoa desconhecida, por isso era *bem marcado*. Já a forma *vós*, segundo Menon (1995), não apresentava restrições de uso, por se caracterizar como um pronome respeitoso, não seria ofensivo a ninguém ser tratado com esta forma, por isso era a *menos marcada*.



alterações fonológicas bilineares (= fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*; em outra linha tivemos *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: *Vossa mercê* era um tratamento dispensado aos reis. (CASTILHO, 2010, p. 479 – *grifos do autor*).

Logo, o valor funcional que ela expressava foi afetado também, a partir das transformações não só nos aspectos fonético-morfossintáticos, mas também na semântica, sofrendo, portanto, um processo de descategorização, passando a ser empregada por todos os falantes, tanto nas relações entre os nobres, não íntimas, como entre aqueles de classe social mais baixa, artesãos e servos, que usavam entre si, tal forma respeitosa. E o resultado disso foi a transposição dessa forma de tratamento a outras pessoas, sem a dignidade honorífica, o que propiciou, ao final do século XIX, já com o estabelecimento da forma *você*, a esta se tornar um tratamento pronominal e ser utilizada, embora não definitivamente, como um tratamento empregado entre iguais.

De todo o modo, a origem do pronome *você* encontra-se atrelada a um tratamento cerimonioso, embora esses sentidos “nobres” tenham sido, para Castilho (2010), desvinculados da forma *você*, usada hoje, naturalmente, com qualquer interlocutor e sem valor de formalidade, de igual para igual.

No início do século XX, a Forma de Tratamento (FT) *você* recebeu uma cotação positiva pela sociedade, caracterizando-se como forma de *um fino trato, chique, polida*. E essa apreciação positiva perdura até hoje, pois, para Rodrigues (2003, p. 351), o tratamento “de *você* encontra-se largamente expandido entre os portugueses de Portugal, sinal de que os valores depreciativos ou insultuosos que outrora o marcaram terão já desaparecido, ou estarão em vias de desaparecer.” Pode-se até inferir que a forma *você* possui hoje, tanto no Português europeu quanto no brasileiro, uma relativa cortesia expressa no seu uso.

### **2.1.2 Tu e Você**

Segundo Brown e Gilman (1960), desde o Latim, os pronomes *tu* e *vós* (T/V) são usados na interação entre duas pessoas. Para os autores, *tu* era utilizado em relações de maior *intimidade* e o *vós* (usado como pronome de segunda pessoa do singular), em situações de maior *cerimônia*, por isso este último passou a ser utilizado como forma de se dirigir ao imperador demonstrando um poder hierárquico acentuado. No decorrer da história, o uso do *vós* foi estendido do rei para outras pessoas que detinham o poder. Esse tipo de relação foi

denominado *poder semântico não recíproco*, pois apenas prescreve o uso entre superior e inferior, na medida em que, em um relacionamento entre duas pessoas, estas não podem exercer o mesmo poder sobre o comportamento da outra.

E estas diferenciações no poder são ocasionadas pelas diferentes idades entre os interlocutores, pelo sexo, pelos papéis sociais exercidos entre eles. Seguindo Brown e Gilman (1960), o superior usava *tu* e recebia *você*. Contudo, atualmente, essa relação de poder está enfraquecendo-se e sendo substituída pela relação *semântica de solidariedade*. No Português Brasileiro, de acordo com a hipótese de Mendes (1998), como está havendo uma forte tendência crescente para a informalidade, isso se reflete no uso das formas de tratamento, o que pode substituir o uso de *você* pelo pronome *tu* na linguagem oral.

Said Ali (1964, p. 93) argumenta que, do latim, “vieram o tu e o vós como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra”. Porém a forma *tu* tornou-se insuficiente para expressar respeito ou humildade a pessoas de escalas hierárquicas superiores, por isso criou-se o tratamento indireto, a partir do emprego do plural vós, em vez do singular tu como manifestação de polidez e respeito.

Para Preti (2004), sociedades contemporâneas, como as da América, em que a formalidade não é uma prioridade nas interações sociais mediadas pela linguagem, variantes como *você*, outrora indicativa de poder, estão demonstrando maior tendência para expressar solidariedade e intimidade, perdendo dessa forma a função diferenciadora, expressa pela oposição *tu/você*, solidariedade e poder.

No Brasil, o que se observa é que a forma *você*, de maior frequência na fala, é usada indistintamente tanto para as relações de maior como de menor intimidade. Talvez essa aproximação no uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* deva-se ao fato de nossa sociedade brasileira não se constituir altamente hierarquizada, por isso a não necessidade da existência de fórmulas de tratamento igualmente hierarquizadas, já que as formas de tratamento mantêm sempre estreitas relações com a sociedade as quais pertencem. Porém, segundo Preti (2004), quando o falante deseja enfatizar, na interação, as relações sociais hierarquizadas, usa o sistema dual *tu/o(a) senhor(a)*.

De acordo com Rodrigues (2003), a forma *tu* sempre foi associada a relações de proximidade e/ou intimidade. Durante a Idade Média, este pronome era usado em referência ao rei, em textos literários, mas com valor estilístico. No Português de Portugal, Rodrigues (2003) argumenta que essa forma é usada também entre desconhecidos (pessoas jovens) e de

relação ascendente - de filhos para pais. Para o autor, "O uso de formas T<sup>10</sup>, de filhos para pais (que pessoalmente também já verificámos ocorrer de alunos para professores), mostra, em nosso entender, que a cortesia também se encontra em T." (RODRIGUES, 203, p. 343), e apesar de não constituir uma forma institucionalizada, manifesta um tratamento respeitoso e cortês.

Conforme Cunha e Cintra (2008, p. 306), o "tu é substituído por *você* como forma de intimidade, mas *você* também se emprega fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior". Os autores argumentam que, no português europeu normal, o pronome *tu* é usado como forma de expressão de intimidade, em interações familiares, realizadas, por exemplo, de pais para filhos, de avós para netos, entre marido e mulher etc., ou até mesmo, entre amigos íntimos de mesma idade ou idade muito próxima. Porém, o que Cunha e Cintra (2008) observam é que, nos últimos anos, o emprego de *tu* tem se alargado, e tenta ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, objetivando, na fala, o estabelecimento de uma interação de forma solidária e igualitária, ou simplesmente aproximativa, entre amigos, colegas de classe ou de mesma profissão, inclusive usado, em certas famílias, de filhos para pais.

No Brasil, diferentemente de Portugal, a forma *você(s)* passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa. No entanto, Castilho (2010) acrescenta que, em regiões do Brasil, em que o *tu* é ainda o tratamento mais recorrente, "o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento". (2010, p. 479 - *grifos do autor*). Mas, para o autor, é preciso tomar cuidado no uso alternado dessas formas de tratamento, pois alternando o pronome, alterna-se também o tipo de relacionamento com o interlocutor.

Porém, tais mudanças na classe pronominal geraram, segundo Menon (1995), uma assimetria na composição do paradigma dos pronomes pessoais sujeitos, com a introdução de uma nova forma para as segundas pessoas *você/vocês*, que passaram a co-ocorrer com a antiga oposição *tu/vós*. A forma *vocês* se integrou completamente no paradigma, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa.

E como o derivado de *Vossa Mercê* passou a ser usado no português do Brasil como um pronome de tratamento de igual para igual, e que não denota muita formalidade, inventou-se a forma *o(a) senhor(a)*, pois quando há a manifestação da função social de respeito, devoção, maior diferença de idade entre um falante e seu ouvinte, torna-se mais apropriado e

---

<sup>10</sup> A forma *tu*.

evidente o uso de *o senhor* ou *a senhora*.

### 2.1.3 *O(a) Senhor(a)*

A forma *o senhor* na Idade Média era um termo de cortesia usado como sinônimo de rei, já que, como Rodrigues (2003) aponta, o monarca era o primeiro dos senhores, portanto merecedor desse termo cortês. Era um tratamento estendido também a toda a família real e ao clero. Rodrigues (2003) demonstra que era o próprio rei que reclamava para si esse tratamento, exigido inclusive através de regulamento: "o rei regulamentava não só como ele próprio devia ser tratado por senhor, mas também quem assim o devia ou podia fazer" (RODRIGUES, p. 353). Além do monarca, os principais filólogos, caracterizados como puristas da língua, reclamaram o uso dessa forma também àquelas pessoas de status social e político considerado mais elevado.

No que diz respeito à forma *o senhor*, *a senhora*, Neves (2002), ao tratar sobre os aspectos de gramaticalização em Português, argumenta que essas formas sofreram acomodação em processo pela gramática, isto é, alterações graduais em suas propriedades, motivadas tanto pelas pressões externas como pelas determinações do sistema linguístico no qual tais formas encontram-se encaixadas. Assim, *o senhor e a senhora* oscilam, em Português, entre seu significado originário do latim - *seniore* - ligado a classe dos substantivos, denotando um sujeito "mais velho, e a acepção marcada pela noção de respeito, culturalmente ligada ao tratamento com pessoas idosas". (NEVES, 2002, p. 178).

Nesse processo de gramaticalização, em que a gramática torna-se passível de mudanças, decorrentes não só das atitudes do falante como também das pressões de informatividade, como apontado por Neves (2002), as propriedades dos itens da língua acabam sendo afetadas gradualmente. Isso ocorreu com a forma *o(a) senhor(a)*, que após sofrer fluidez semântica, passou também a expressar a noção de respeito e ser usada como forma de tratamento, haja vista principalmente os aspectos sociais interferirem em seu uso.

Porém, Neves (2002) ressalta que ainda é mantida, no uso dessas formas de referência respeitosa, uma propriedade da categoria substantivo "a determinação pelo uso do artigo definido - *o(a) senhor(a)*" (NEVES, 2002, p. 178), o que expressa umas das características da gramaticalização, a permanência na nova categoria, de um traço da categoria da qual se originou.

Hoje, embora esse pronome ainda manifeste respeito com quem se fala, seu uso encontra-se mais recorrente entre pessoas conhecidas próximas (no caso de membros

familiares) ou não e também entre desconhecidos, ainda que não deixe de apresentar algum valor de cortesia. Outro aspecto interessante que convém ressaltar ao uso das FT's, incluindo aqui o *tu* e o *você*, diz respeito à variação estilística, pois o que a história desses pronomes nos revela é que tanto a alternância deles num dado estado sincrônico da língua, quanto a própria mudança na estrutura desses vocábulos diacronicamente são decorrentes não só da necessidade que o falante possui em adequar o seu discurso ao contexto ou situação de comunicação, formal, informal, coloquial, fala/escrita, mas também de adaptar o discurso ao seu interlocutor, considerando os traços sociais deste.

No caso do uso de *senhor*, legitimado por meio de decreto pelo rei Felipe II e seguido por D. João V<sup>11</sup> em 1597, como já mencionado aqui, era imposto o emprego de tal forma, porém o que se observa é que não há imposição maior do que a dinâmica da língua em intensa relação com a sociedade à qual pertence. Então, nem sempre, "nem decretos nem gramáticos conseguem fixar eternamente as regras a que devem obedecer os tratamentos". (RODRIGUES, 2003, p. 356).

## 2.2 Os pronomes de tratamentos: conceitos preliminares

Os pronomes de tratamentos são formas que normatizam o comportamento linguístico adequado dos interlocutores na interação comunicativa e contribuem não só para o êxito desta, como também para o equilíbrio e suavização de qualquer possível conflito entre os interactantes, agindo como um instrumento de preservação da imagem social destes. Silva (2008, p. 157) vê estas formas como “regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados e inadequados”.

E é principalmente na busca desse equilíbrio que as formas de tratamento têm um papel fundamental segundo Silva (2008), pois um tratamento inadequado, expresso via escolhas de um pronome inapropriado, pode ameaçar o bom andamento da interação. Por isso, a seleção de categorias linguísticas adequadas ou não por parte do locutor para se dirigir ao interlocutor manifestará o intento de aproximação ou distanciamento nas relações sociais estabelecidas no ato comunicativo.

De acordo com Preti (2004), tais formas ligam-se a diversos fatores, como intimidade, solidariedade, polidez, reverência, afetividade, hierarquia, poder etc. E em função da forma linguística que se emprega em referência ao interlocutor, com o objetivo de se obter algum efeito ou reação deste, Rodrigues (2003), Preti (2004), Silva (2008) subdividem os

<sup>11</sup> cf. Descrita por Rodrigues (2003, p. 353).

pronomes de tratamento de acordo com as situações comunicativas que ocorrem, a partir de quatro níveis: *formas pronominalizadas*, palavras ou expressões que equivalem a verdadeiros pronomes de tratamento, nesse caso incluem-se as formas *você, o(a) senhor(a)* e são usadas em referência a pessoas realmente envolvidas no processo comunicativo, com papel discursivo definido – locutor-interlocutor; *formas nominais*, nomes próprios e de parentesco, nomes de funções como doutor, padre, professor, e indicam também a pessoa com quem se fala, podendo ser substituídas por *você, o(a) senhor(a)*; *vocativo*, palavras desligadas da estrutura argumental do enunciado e são usadas para designar ou chamar a pessoa com quem se fala; e *outras formas referenciais*, palavras empregadas em referência à pessoa de quem se fala, englobando o eixo não subjuntivo que abriga as pessoas e coisas não implicadas na interação verbal.

Porém a mudança entre uma forma de tratamento e outra, disponíveis no repertório linguístico dos interlocutores, sinaliza a alternância de status social e conseqüentemente dos papéis sociais assumidos durante a interação verbal. Para Preti (2004, p. 185 - *grifos do autor*), nas “relações entre status, não se passa de repente, de um tratamento mais formalizado como *o senhor*, para *você* (e muito menos para *tu*) sem marcar a mudança de papéis sociais”. Então o uso das FT's (*você/tu, o(a) senhor(a)*) é motivado significativamente pelas relações sociais estabelecidas com o interlocutor, a depender do status assumido por este e do grau de intimidade que se tem com ele.

O uso dessas formas de tratamento encontra-se também condicionado ao tempo histórico da sociedade a qual pertence, por isso reconhecer a organização social e cultural de uma dada comunidade de fala é importante porque nos leva a identificar as estratégias linguísticas utilizadas pelo interlocutor na organização do sistema de tratamento, seja de base nominal e/ou pronominal da língua que utiliza. Foi com esse intuito que Rumeu (2011) analisou as formas pronominais e nominais de tratamento e os tipos de relações sociais usadas entre remetentes e destinatários nas cartas setecentistas e oitocentistas e chegou à seguinte conclusão,

Nas *relações sociais assimétricas de superior para inferior*, a forma *Você* mostra-se no século XVIII, como uma produtiva estratégia de cortesia descendente;  
 Nas *relações sociais simétricas entre membros de um mesmo grupo social (classe alta)*, as formas *Vossa Excelência e Vossa Mercê* se manifestam nos séculos XVIII e XIX, como formas de tratamento concorrentes. Ainda em relação ao período oitocentista, observa-se que entre iguais, *Vossa Senhoria* compete com *Você, Tu e Senhor*. (RUMEU, 2011, p. 124 – *grifos do autor*).

Observa-se pelo uso de formas de tratamento em referência à segunda pessoa, em

termos das relações interpessoais assimétricas e não recíprocas, no século XVIII, que estes traços linguísticos revelam as relações sociais supostamente baseadas nas relações de poder mantidas na época do Brasil Colônia. Rumeu (2011) observou em cartas setecentistas e oitocentistas que o uso de *Você* era mais frequente nas relações assimétricas descendentes (superior para inferior), com 94% de percentual. Resultados provenientes principalmente de cartas particulares entre pai e filho e de cartas de amizade entre o *Marques do Louvradio* e seus filhos, o que indicia maior grau de cordialidade e formalidade no tratamento, assim como maior distanciamento entre as relações pessoais.

A forma pronominal *Tu* é praticamente categórica, 92% em cartas particulares, haja vista apresentar texto de menor grau cerimonioso, o que explicita maior proximidade entre remetente e destinatário. Rumeu (2011), ao olhar para a amostra oitocentista, observou a presença de *Vossa Mercê*, *Você* e *Tu* somente nas cartas não oficiais, trocadas entre membros de um mesmo grupo social – classe alta. Já em cartas de um mesmo grupo social, não oficiais, há maior produtividade, na transição do século XIX, das formas de tratamento *Tu de 92% para 100% e Você de 6% para 100%*, o que legitima, segundo o autor, as relações sociais movidas pela solidariedade.

Um dos fatores motivadores de considerarmos aqui neste trabalho sobre as FT's *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, a partir da observância do status social dos interactantes, é o fato de assumirmos que o uso alternado dessas formas é influenciado também pelas relações simétricas, íntimas, próximas ou recíprocas e pelas relações assimétricas, entre estranhos, não próximas, entre pessoas de status diferenciados ou relações não-recíprocas entre os interlocutores.

Acredita-se que, em situações não formais de interação, em que não há discrepância entre status social, já que as relações são tidas como simétricas ou recíprocas, os interlocutores usem entre si a mesma forma de referência *tu-tu*, *você-você* ou até mesmo *senhor-senhor*, considerando, é claro, o nível de proximidade/intimidade entre eles, já que se colocam em um mesmo patamar na escala social. Porém, quando a relação interacional é assimétrica, marcada pela distância hierárquica entre os interlocutores com papéis sociais e status diferenciados, estes passam a tratar-se por FT's diferentes, como *tu-você/você-tu*; *tu-senhor/senhor-tu*, por exemplo.

Portanto, a partir das relações sociais, os pronomes *Tu/Você* podem ser empregados tanto por falantes de mesmo status social, como de status sociais diferentes. Nas relações sociais simétricas, instituídas pela igualdade de status social entre os interactantes, como entre amigos, irmãos, vizinhos, o uso recíproco de *tu* e *você* pode indicar *Solidariedade*. Contudo, a

assimetria nas relações sociais, manifestada pela não reciprocidade no emprego de *tu* e *você*, pode expressar a semântica do *Poder*, pois o interlocutor superior, em status social, dirige-se a seu interlocutor hierarquicamente inferior, como em uma conversa de pai para filho, usando *tu*, porém, o filho, ao se referir ao pai, não usará a forma *tu*, pois aí se instaura uma relação de poder, assimétrica e, por isso, o filho utiliza a forma de tratamento *o senhor* ou a forma *você* - formas estas que podem manifestar respeito – de filho para pai. Porém, ainda, ressalta-se que o uso diferenciado destas formas pronominais pode depender da região a que pertencem tais interlocutores. Rumeu (2011), sobre estas relações, argumenta que, nos séculos XVII e XVIII, nas

relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *Tu* e é tratado por *Vous*. A semântica da solidariedade se expressa pelo uso de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores. O uso recíproco do pronome *Tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível observar-se o uso recíproco da forma de tratamento *Vous* entre interlocutores, o que permite entender o relacionamento entre iguais (classe alta) como um relacionamento movido pela *solidariedade*. (RUMEU, 2011, p. 117).

No século passado, nas relações sociais assimétricas de inferior para superior, como em uma relação entre servo e senhor, eram muito usados os pronomes: *vossa mercê/vos mercê, o(a) senhor(a)*. Mas, com o passar dos tempos, podemos perceber que o uso destes pronomes em relações simétricas tornou-se mais frequente, pois, hoje, já são bastante utilizados tanto *você* como *tu*, entre membros de um mesmo grupo social ou entre membros de grupos diferentes. Ressalta-se também que o tratamento em referência à segunda pessoa será diferente quando os interlocutores envolvidos na interação se revestirem ou forem revestidos de acordo com as exigências feitas pelo contexto comunicativo de papéis sociais hierarquicamente diferentes. Mas nada impede também que, mesmo em situações formais ou assimétricas, sejam usadas diferentes formas de tratamento por um mesmo falante em menção ao seu interlocutor, sem, é claro, que aquele perca de vista a noção de respeito, proximidade ou distanciamento que possa ou não existir entre eles.

### 2.3 Quadro pronominal atual

Como sabemos, o PB possui um pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa *tu*, usado para se referir à pessoa com quem se fala. Mas o que vem sendo observado, em algumas regiões do Brasil, é que este pronome está cedendo espaço na fala para o pronome de tratamento *você*, sendo que já há regiões onde o uso do *tu* se encontra quase extinto, e a forma



de tratamento *você* passou a ganhar valor de pronome pessoal, constituindo-se um dos elementos linguísticos mais recorrentes para se dirigir a qualquer pessoa.

Isso ocorre, segundo Castilho (2010), porque os pronomes pessoais, entre a classe dos pronomes da Língua Portuguesa, são os mais suscetíveis a alternâncias e conseqüentemente a mudanças, o que gera, principalmente, na língua falada, uma reorganização no quadro desses pronomes. E essa reestruturação acaba sendo refletida em outros âmbitos gramaticais, como na flexão e morfologia verbal, nos demais pronomes, e na própria estrutura funcional desses pronomes pessoais e na sentença em que se encontram.

Em função dessa mudança é que há autores que já inserem os pronomes de tratamento *você* e *o(a) senhor(a)* no quadro de pronomes-sujeitos do PB, organizando um novo paradigma pronominal, no qual se considera o valor semântico-pragmático dessas formas como pronomes de segunda pessoa. Esse é o caso de Perini (2010), que inclui o *você*, no quadro dos pronomes pessoais, juntamente com o eu, tu, ele (ela), nós, vocês, eles (elas), enquanto que as formas *o senhor, a senhora*, ao lado de *vossa Excelência* e *a gente*, se comportam como nominais comuns, segundo o autor. E *seriam “pronomes pessoais” no sentido de que se referem a um interlocutor, mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs.* (PERINI, 2010, p. 115 - *grifos do autor*). Esta última classificação de Perini (2009) considera tanto os aspectos morfológicos quanto os funcionais, já que envolve também o uso efetivo de tais termos na linguagem falada do Português do Brasil. O quadro definido por Perini (2010) é o que segue:

**Quadro 1 – Pronomes pessoais: retos e oblíquos do PB em Perini (2010).**

<u>Forma Reta</u>	<u>Forma oblíqua</u>
<i>eu</i>	<i>me, mim, -migo</i>
<i>você, (tu)</i>	<i>te, (-tigo), (ti), (lhe)</i>
<i>Ele, ela</i>	-
<i>nós</i>	<i>nos, -nosso</i>
<i>vocês</i>	-

<i>Eles, elas</i>	-
-	<i>se [reflexivo]</i>

Fonte: Adaptado de Perini (2010, p. 116).

Vale ressaltar que Perini (2009), no quadro 1 acima, põe entre parênteses a forma *tu*, por classificá-la como de uso restrito na maioria das regiões brasileiras, prevalecendo o uso corrente do pronome *você*. Semelhante a esta classificação, temos a de Castilho (2010), porém o autor analisa o uso desses pronomes de acordo com o contexto formal e informal da interação comunicativa, inserindo assim a forma *você* tanto no uso formal e informal da fala e *o(a) senhor(a)* somente na fala formal, como pode ser observado no quadro 2:

**Quadro 2 - Pronomes-sujeitos no PB conforme Castilho (2010).**

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>Eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, Prep +ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>vos/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: Adaptado de Castilho (2010, p. 477).

Bagno (2013), analisando somente as variedades urbanas de prestígio do PB contemporâneo, apresenta para a expressão de segunda pessoa do singular, em contextos de menor monitoramento da fala, os pronomes *você, ocê, ce, tu, te* e, em discursos de maior monitoramento, inclui somente a forma *o senhor e a senhora*, como demonstrado no quadro 3 abaixo:

**Quadro 3: Segunda pessoa no PB culto contemporâneo conforme Bagno (2013).**

Discurso [-monitorado]									
Sujeito		Obj. direto		Objeto indireto		reflexivo		Complemento oblíquo	
sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.
você		te							
ocê	vocês	lhe	vocês	te				você	vocês
cê	ocês	o/a/os/as	ocês	lhe	Pra/a vocês procês	se	se	ocê	ocês
tu	cês	você	o/a/os/as	pra/a você procê		te		ti (contigo)	
te <sup>12</sup>		ocê							
Discurso [+monitorado]									
		o Sr.	vocês	para/ao sr.	para/a vocês				
	vocês	a Sra.	os Srs.	Para/à Sra.	para/aos Srs.	se	se	o Sr.	vocês
o Sr.	os Srs.	o/a/os/as	as Sras.	lhe	para/aos Sras.			a Sra.	os Srs.
a Sra.	as Sras.	lhe	o/a/os/as	te					as Sras.
		te							

Fonte: Adaptado de Bagno (2013, p. 229).

Para Bagno (2013), há, no Português brasileiro, principalmente na variedade urbana culta falada, relação significativa entre os índices de referência à segunda pessoa, comprovada no quadro pronominal 3, exposto acima, pois as formas *você, tu, e o(a) senhor(a)* figuram como pronomes de uso frequente no PB, o que para o autor demonstra uma reorganização no quadro de pronomes e índices pessoais, já que essa variação afeta também o uso de outros pronomes que acompanham tais formas pronominais.

<sup>12</sup> Segundo Bagno (2013, p. 229), a forma *te* é sujeito nas construções com verbos causativo-sensitivos previstas pela norma-padrão tradicional, como no exemplo - não te vi chegar.

É o caso, por exemplo, dos possessivos e reflexivos que acompanham a forma *você*, pois mesmo ela tendo se gramaticalizado como pronome de segunda pessoa no PB, é realizada com o pronome reflexivo *se* (terceira pessoa). Isso é notado também no uso dos possessivos de terceira pessoa, que acompanham a forma *você* - *seu, sua, seus, suas*, que acabaram se movimentando para a posição de segunda pessoa, em virtude do emprego do *você*.

Em comunhão a esse posicionamento, temos o de Cunha e Cintra (2008, p. 303-304) que caracterizam os pronomes *você* e o(a) *senhor(a)* como pronomes de tratamento, mas que “valem por verdadeiros pronomes pessoais. E embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a segunda pessoa), esses pronomes levam o verbo para a terceira pessoa”. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 303-304).

No que se refere ao português do Brasil, o *tu* é mais frequente em algumas regiões do Norte e Sul do país, mas ainda com algumas restrições de uso e o *você* já é empregado com bastante frequência em quase todo o território nacional, o que nos leva a concluir que ele está substituindo o *tu*, com valor de intimidade. Os autores acrescentam também que o *você* pode ser usado para indicar relação não íntima, de igual para igual ou de superior para inferior. Este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior, que, no Português europeu, segundo Cunha e Cintra (2008), o pronome *você* possui. Somente, com raras exceções, nas camadas sociais altas, ele aparece com valor de intimidade. Enquanto que o *senhor, a senhora* são consideradas formas de respeito ou de cortesia e opõem-se a *você*, na maior parte do Brasil.

No Dicionário Soares Amora (2009) da Língua Portuguesa, os verbetes *você, tu* e *o(a) senhor(a)* recebem os seguintes conceitos:

*você* - pron. 1. Forma de tratamento entre pessoas com que se tem intimidade; 2. Tratamento de superior para inferior.” (SOARES AMORA, 2009, p. 775);

*Tu* - pron. pessoal da 2ª pessoa do singular, caso reto.” (SOARES AMORA, 2009, p. 743);

*Senhor* - sm – 1. dono, proprietário; 2. Título que se dá a certos homens, pela sua idade, posição ou dignidade; 3. Tratamento cerimonioso.” (SOARES AMORA, 2009, p. 669).

De acordo com Scherre *et al* (2009), no português falado do Brasil, existem cinco formas pronominais de segunda pessoa – *tu, você, ocê, cê* e o(a) *senhor(a)*. Diante de tal variedade, a autora estabelece um quadro pronominal formado pelo menos de seis subsistemas, em função do uso variável de *você (você/cê/ocê)*, *tu* e da concordância variável

do verbo com o pronome *tu*. E para delinear o mapeamento dessas formas pronominais, toma como base suas pesquisas realizadas sobre o dialeto brasiliense, afirmando que o *tu* brasiliense integra o subsistema V/T (VOCÊ/TU), em que, a depender de fatores como faixa etária, procedência, sexo/gênero, tipos de fala (irônica, casual), o pronome *você* pode variar de 30% a 95% ou, inversamente, o pronome *tu*, sempre sem concordância, pode variar de 5% a 70%. Este é o sistema que, agora, com Brasília, perpassa pelas cinco regiões brasileiras. Scherre (2009, p. 09) sintetiza os estudos realizados no Brasil sobre *tu* e *você* (e suas variantes, *você*, *cê* e *ocê*) e delinea uma classificação demonstrativa para melhor visualização da ocorrência do tipo de pronome de segunda pessoa mais frequente em cada comunidade de fala (*V* (*você*), *VT* (*você/tu*) ou *TV* (*tu/você*):

- 1) DF-Brasília: (Rodrigues, 1993; Leite, 1994; Moraes, 1994; Scherre *et al*, 1998; Silva, 2003) - *VT*;
- 2) GO-Goianésia (Ferreira & Alves, 2001) - *V*;
- 3) MS-Campo Grande (Lima, 2005) - *V*;
- 4) RJ-Rio de Janeiro (Sampaio, 2001) - *VT*-;
- 5) ES-Vitória (Evangelista, 2008) - *V*;
- 6) SC-Florianópolis e SC - *TV*; Lages (Bonfá, Pinto & Luiz, 1997) *V/T*-;
- 7) BA-Cinzento - *VT*; BA-Helvécia - *V*; BA-Rio de Contas - *V*; e BA-Sapé - *VT* (Santos, 2006);
- 8) BA-Poções - *VT*; BA-Sapé - *VT*; BA-Santo Antônio - *VT* (Santos, 2007);
- 9) BA-Salvador - *V* (Sampaio, 2001; Alves & Alves, 2005; Alves, 2008);
- 10) CE-Fortaleza - *TV* (Cardoso, 2006; 2009);
- 11) PB-João Pessoa - *TV* (Alves, 2001);
- 12) PE-Recife - *TV* (Jesus, 2006).

### **2.3.1 Quadro pronominal de segunda pessoa nas Gramáticas Tradicionais e descritivas**

Se voltarmos nosso olhar para as Gramáticas tradicionais e descritivas, constataremos que a forma *você*, juntamente com a forma o(a) *senhor(a)* são classificadas como pronomes<sup>13</sup> pessoais de tratamento (MACAMBIRA, 1970; ALMEIDA, 1983;

<sup>13</sup> Os pronomes são caracterizados pela relação de valor que possuem com os nomes (substantivo), são definidos somente no discurso, apontando para pessoas, seres vivos, objetos ou estados de coisas (cf. VILELA; KOCH, 2001).

BECHARA, 2009; MELO, 2009; VILELA e KOCH, 2001; LUFT, 2002) e não como pronomes pessoais do caso reto, figurando apenas o *tu* como sendo um pronome do caso reto.

Macambira (1970), ao fazer menção aos pronomes pessoais, a partir de uma classificação mórfica, aponta somente o *tu* como pronome de segunda pessoa, enquadrando-o como um tipo de nome que admite a oposição de pessoas gramaticais. Assim, gramaticalmente, a segunda pessoa do discurso é definida pela oposição à primeira pessoa. A forma *o senhor* é incluída pelo autor no quadro dos pronomes substantivos, como pronomes de reverência. Azevedo filho acrescenta (1971, p. 72) que “em nossa língua, usam-se as formas *você*, *o senhor*, *V. Exa.*, etc., com referência à pessoa com quem se fala (2<sup>a</sup>), indo o verbo para a 3<sup>a</sup> pessoa.”. Mas não enquadra tais formas como pronomes pessoais do caso reto.

Rocha Lima (1980), ao propor o quadro de pronomes pessoais do português brasileiro, já admitia o pronome *você* como pertencente à segunda pessoa, àquele com quem se fala, porém o verbo que com ele concorda assume a forma da 3<sup>a</sup> pessoa. A explicação a este fato, segundo o autor, advém da origem remota do pronome (*vossa mercê*). Portanto a concordância realizada neste caso dá-se com o substantivo *mercê*, e não com o possessivo *vossa* tal como é realizado nos pronomes de tratamento de reverência, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* etc.

Almeida (1983) enquadra o pronome *você* na classe dos pronomes pessoais, mas como pronome de tratamento, mantendo o *tu* isolado como forma de segunda pessoa gramatical (relação existente entre a linguagem e os seres). Para o autor, usam-se as formas *você* e *o senhor* com referência à pessoa com quem se fala (2), indo o verbo para a terceira pessoa.

Monteiro (1986), adotando uma classificação semântica, argumenta que os pronomes “ao contrário dos nomes que servem para simbolizar nossos pensamentos ou ideias, os pronomes têm uma natureza indicativa e, por isso, são chamados de dêiticos”. (MONTEIRO, 1986, p. 76 – *grifos do autor*), englobando aspecto mais demonstrativo da linguagem. Seguindo este raciocínio, Monteiro (1986) classifica os pronomes em um esquema tricotômico, 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>. Sendo que na segunda pessoa – campo do ouvinte – apenas a forma *tu* encontra-se enquadrada.

Macambira (2007) diferencia-se deste ponto de vista ao incluir a forma *o(a) senhor(a)*, no quadro dos pronomes pessoais de Língua Portuguesa, classificando-a como pronome de referência à segunda pessoa, ao lado de *Vossa senhoria* e *Vossa Excelência*. É o que também pode ser visto em Silveira (1983) e Bechara (2009), por exemplo. Para Bechara (2009), existem

“formas substantivas de tratamento indireto de segunda pessoa, que levam o verbo para a terceira pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento*:

você, vocês (no tratamento familiar)

O senhor, a senhora (o tratamento cerimonioso)”. (BECHARA, 2009, p. 165 – *grifos do autor*).

Pensamento semelhante é de Cegalla (1994, p. 192), ao argumentar que, entre os pronomes pessoais, “incluem-se os chamados pronomes de tratamento, que se usam no tratamento cortês e cerimonioso das pessoas: *Você*, no tratamento familiar e íntimo, o *senhor (a)*, no tratamento de respeito, a *senhorita*, as moças solteiras”.

Luft (2002) acrescenta que, em Português como em outras línguas, as formas de tratamento indireto de segunda pessoa (vossa mercê-você, vossa senhoria, vossa Alteza) originaram-se através do emprego de uma palavra que expressava um atributo ou qualidade do ouvinte. Ao invés do nome ou pronome reto, usava-se o atributo e, para a referência direta, já se tinha a forma pronominal tu (singular) e o vós (plural). Assim, surgiram duas formas de tratamento: diretas ou indiretas. A esta última, chama-se indiretas "porque requerem a ele os termos relacionados (verbos, pronomes oblíquos e possessivos) na terceira pessoa" (LUFT, 2002, p. 156). Sua classificação consiste para os pronomes pessoais em retos, os quais servem de sujeitos ou predicados em: 1 pessoa.: eu; nós; 2 pessoa. direta.: tu; 2 pessoa. Indireta.: você, vocês, vossa senhoria etc.; 3 pessoa.: ele, ela, eles, elas. (LUFT, 2002, p. 154).

Em consonância a esse pensamento, há o de Melo (2001), que inclui, ao lado dos pronomes de segunda pessoa, os chamados *pronomes de tratamento*, atribuídos ao ouvinte sob a perspectiva de uma qualidade ou dignidade sua. O autor argumenta que tais pronomes - o senhor, vossa senhoria, vossa excelência e *você* funcionam hoje como “pronome direto de segunda pessoa, trazendo a anomalia de casar com a terceira pessoa gramatical na conjugação”, e assim elevam o verbo para a terceira pessoa do singular (MELO, 2001, p. 77 – *grifos do autor*). Pensamento similar é adotado por Castilho e Basílio (2002), que acreditam que a forma *você* leva o verbo para a terceira pessoa e coocorre com possessivos e pronomes átonos de terceira pessoa.

O interessante aqui é notar a explicação dada pelos gramáticos ao fato de a forma pronominal *você* (sujeito) não concordar com o verbo, chamando isso de “anomalia”. Menon (1995) discorda dessa explicação baseada na Gramática tradicional e prefere argumentar que há casos na Língua Portuguesa em que a forma *tu*, pelo fenômeno da variação linguística, é usada sem a marca morfológica de segunda pessoa. Para a autora, com a introdução de uma nova forma pronominal no quadro dos pronomes sujeitos da língua, o paradigma verbal acaba

sofrendo também alterações, e ressalta que isso faz parte das (im)perfeições do sistema linguístico, pois “uma modificação em alguma parte do sistema sempre acarreta modificações em outra(s) parte(s)”. (MENON, 1995, p. 96).

Silveira (1983), Nunes (1989) e Macambira (2007) incluem somente o *tu* na classe dos pronomes pessoais. Castilho e Basílio (2002), Mira Mateus *et al* (2003) já incluem o *você* ao lado de *tu* no quadro pronominal de segunda pessoa do singular, pois acreditam que, na maioria das variedades do Português brasileiro, o *você* esteja sendo adotado no lugar de *tu*. Vilela e Koch (2001) acrescentam que o pronome *você* é equivalente a *tu* em algumas regiões do Brasil ou situa-se em um nível de distanciamento em relação ao interlocutor que fica entre o *tu* e o *senhor*. Para os autores, "No Brasil, a forma de tratamento mais comum é *você*, embora em algumas regiões predomine o *tu* (sul e nordeste)". (VILELA; KOCH, 2001, p. 215). Assim, temos tanto em Vilela e Koch (2001), quanto em Bechara (2009), um quadro de segunda pessoa do singular do Português do Brasil formado somente pela forma *tu*. Para os autores, *você(s)* exige tanto o verbo quanto os pronomes que o acompanham em terceira pessoa do singular/plural.

Diante do exposto até aqui, sobre as formas de referência à segunda pessoa no português do Brasil, pelo viés das Gramáticas Tradicionais e descritivas, verificamos que as formas *você* e *o(a) senhor(a)* ainda não foram introduzidas, pelas gramáticas normativas, no quadro pronominal de segunda pessoa do PB, pois somente o *tu*, nessas gramáticas, figura como pronome de segunda pessoa, enquanto *você* e *o(a) senhor(a)* ainda são classificados como formas de tratamento. Por outro lado, os estudos de cunho descritivo, baseados no uso real da língua, posicionamento de estudo que assumimos nesta pesquisa, acompanharam as transformações ocorridas na fala, ao incluírem, em suas propostas teóricas, *você* e *o(a) senhor(a)*, como pronomes de segunda pessoa.

#### **2.4 As variantes *tu/você/o(a) senhor(a)* no português do Brasil sob a perspectiva variacionista**

Nesta seção, serão apresentadas, de acordo com as regiões do Brasil em que foram desenvolvidas, pesquisas de natureza sociolinguística variacionista de base quantitativa, sobre os pronomes de referência à segunda pessoa na variedade do Português brasileiro. Abordaremos estudos, que datam entre a década 80, do século passado, até os dias atuais. Esta revisão da literatura linguística torna-se importante aqui, para se evidenciar as diferentes abordagens sobre o objeto em estudo e apresentar o que de novo esta pesquisa irá trazer como



contribuição ao avanço na definição do quadro pronominal de segunda pessoa no Brasil, pois, como sabemos, estudos sobre os pronomes-sujeito da Língua Portuguesa têm sido recorrentes nos últimos anos, principalmente sobre o uso pronominal das formas de segunda pessoa do discurso *você* (e suas variantes *você, ocê e cê*), *tu* e *o(a) senhor(a)*.

Ressalta-se que a opção em apresentar os resultados de tais estudos, de acordo com as regiões em que foram desenvolvidos, decorre, não somente de uma opção didática, mas principalmente de melhor sistematizarmos e apresentarmos, de forma geral, as conclusões obtidas, em cada região, em relação ao uso de *tu, você* e *o(a) senhor(a)*. E no geral, estes estudos usaram, como ferramenta de análise, o programa computacional VARBRUL ou GOLDVARB.

#### **2.4.1 Região Sudeste**

Na região Sudeste, Paredes Silva (1998) discutiu o uso das formas de tratamento na fala carioca, centrando principalmente sua análise na variação do pronome de segunda pessoa do singular - *você, cê* e a forma *zero*. Adota um tratamento quantitativo para os dados através do pacote VARBRUL e um enfoque funcionalista. O objetivo do trabalho era verificar como os fatores de natureza funcional podem interferir nessa alternância.

O *corpus* usado para a análise foi de gravações obtidas em diversas situações de fala espontânea (restaurante da universidade, alojamento de estudantes, sala de professores de uma escola), reunidas no Banco de Dados Interacionais (BDI). Talvez essa metodologia tenha sido, como aponta a própria autora, uma limitação dentro de sua pesquisa, pois impediu, de certo modo, captarem-se melhor os contextos de realização do objeto investigado, haja vista os sérios problemas de fluidez existentes nas conversações.

Um fator diferencial no estudo de Paredes Silva (1998) é a adoção da perspectiva funcionalista de análise para a variação pronominal de segunda pessoa, centrando-se principalmente no pronome *você* e suas variantes *você* e *cê*, e o apagamento desse pronome - marca *zero*. A autora incorpora a hipótese funcionalista, adotando o princípio de iconicidade de Givón (1983,1990), a partir da concepção de que a escolha entre sintagmas plenos, pronomes fortes ou fracos (pelo sub-princípio da quantidade), é prevista por este princípio de que quanto mais previsível uma informação, menos codificação ela recebe. Os resultados de Paredes Silva (1998) apontam para o uso funcional dos pronomes de segunda pessoa *você* e *ce*, pois fatores linguísticos explicitados na análise como ambiguidade, o caráter do enunciado e a estrutura do SV são usados preferencialmente quando a ausência do sujeito pode interferir

na comunicação, dificultando a identidade do referente.

Em função disso, na variável *ambiguidade morfológica*, selecionada como condicionante somente das variantes *você* e *zero*, Paredes Silva (1998) observou que há tendência funcional à omissão do pronome *você* em casos que não resultem em ambiguidade morfológica entre segunda e terceira pessoa do português carioca, atestado pelo peso relativo de 0,56<sup>14</sup>. Por outro lado, *você* se mantém em contextos potencialmente ambíguos 0,67. Quando Paredes Silva (1996) contrastou o caráter afirmativo ou interrogativo das orações àquelas não-interrogativas, observou que *você* tende a ocorrer mais em orações assertivas 0,69, e *zero* em perguntas do tipo sim/não 0,66. Quanto ao Paralelismo - selecionado somente para as variantes *cê* e *zero* - a autora constatou que o uso tanto de *cê* quanto de *zero* dá-se com maior frequência, após a menção *você/ce/zero* na frase, como segundo/terceiro da série 0,77 *cê* e 0,68 *zero*, como também quando outro informante os usa, funcionando como *gatilho* 0,70 *cê* e 0,60 *zero*. Na estrutura do SV, o emprego de *cê* é motivado pelos verbos modais, 0,70 de peso relativo, e pelos sintagmas verbais constituídos de verbos únicos, 0,58 de peso relativo.

Portanto, tais resultados indicaram duas direções distintas. Por um lado, fatores como ambiguidade, caráter afirmativo ou interrogativo do enunciado e estrutura do sintagma verbal apontam para o uso funcional dos pronomes de segunda pessoa *você* e *cê*, haja vista que são usados preferencialmente quando a ausência do sujeito pode interferir na comunicação, dificultando dessa forma a identidade do referente. Isso é aplicado também aos casos de orações interrogativas do tipo sim/não, em que se pode prescindir do pronome sujeito justamente porque sua identidade está garantida por outros traços do contexto. Paredes Silva (1998) observa também que a tendência à escolha de *cê* com verbos modais, previsível em contextos mais atenuadores, é de ordem funcional.

Porém, há casos em que a alternância entre as formas *você/cê/zero* não pode ser explicada pela perspectiva funcionalista, como a seleção significativa do fator “paralelismo” pelo programa VARBRUL. Para a autora, a partir deste ponto de vista, a escolha de uma forma, entre as concorrentes, estaria simplesmente motivada pela presença num contexto precedente de forma idêntica, refletindo uma tendência da mente humana a associar formas semelhantes, isto é, o uso de uma forma “chamaria” sua repetição no próximo contexto. A autora argumenta que a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa no português carioca, correlacionado a fatores funcionais e anti-funcionais, respectivamente, seria apenas mais uma instância da competição entre motivações icônicas e formulações mais arbitrárias e

---

<sup>14</sup> Os resultados apresentados nesta revisão da literatura serão expressos por meio de pesos relativos, com exceção daqueles trabalhos que apresentarem somente os dados percentuais, em suas análises.

opacas.

Ainda na região sudeste tem-se o trabalho de Modesto (2006) que descreve e explica o uso das formas de tratamento *tu* e *você* em Santos – SP, levando em consideração aspectos sociolinguísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas. O autor busca os fatores relevantes para a primeira das duas abordagens sugeridas, além de fazer algumas considerações acerca da segunda abordagem. Com o suporte da metodologia da sociolinguística Variacionista Laboviana, explicita até que ponto as diferentes situações interacionais levam os falantes a escolherem uma ou outra forma pronominal.

O *corpus*<sup>15</sup> analisado é constituído de 20 inquéritos<sup>16</sup> correspondentes a textos conversacionais realizados por falantes santistas. Modesto (2006) trabalhou com duas possibilidades de coleta de dados: as gravações secretas (feitas em várias situações do cotidiano) e as gravações não-secretas ou conscientes (entre amigos íntimos e irmãos, sendo algumas com a presença do entrevistador, outras sem a presença entrevistador). O objetivo do trabalho é verificar em que medida fatores discursivos (referenciação, expressividade, monitoramento), fatores sociais (gênero, faixa etária, escolaridade dos informantes) e fatores linguísticos (função sintática da forma de tratamento) podem explicar o fenômeno em análise. É adotado, por conseguinte, na análise uma perspectiva funcionalista, já que Modesto (2006) leva em conta toda a situação comunicativa, incluindo o propósito do evento da fala, os participantes e o contexto discursivo.

Os resultados revelaram que a forma *tu*, com 32% de recorrência, embora seja usada em situações informais de fala na comunidade santista, não supera estatisticamente a forma *você*, que apresentou 67% de uso. Este resultado contraria a hipótese inicial levantada por Modesto (2006) de que os falantes santistas tendem a usar a forma *tu* em situações informais (MODESTO, 2006).

Os fatores considerados como relevantes na análise em ordem de importância foram: a) *o monitoramento*, constatando que o uso da forma *tu* em contextos de menor monitoramento é de 0,61 para apenas 0,38 para a forma *você*; b) *expressividade*<sup>17</sup>, a probabilidade de a forma *tu* ser selecionada como opção de tratamento em contexto de maior

<sup>15</sup> A amostra é constituída por dados coletados exclusivamente para esta pesquisa, no período de abril de 2003 a agosto de 2005.

<sup>16</sup> 10 Gravações secretas e 10 gravações não-secretas.

<sup>17</sup> Modesto (2006) observa a expressividade de acordo com o aspecto prosódico e pragmático do ato comunicacional como um todo, “a força expressiva prosodicamente colocada sobre um pronome, sobre a sentença, ou mesmo em todo o contexto discursivo, no sentido de enfatizar a ação ou a informação transmitida ao interlocutor” (MODESTO, 2006, p. 79).

expressividade é de 0,65, e de menor expressividade é de 0,39 de probabilidade; c) a *função sintática* em que a forma de tratamento para segunda pessoa tende a ser menos frequente se a função é subjetiva com peso relativo de 0,45 para *tu*, enquanto em função objetiva, a significância é mais elevada - 0,77 para *tu* - e isso confirma a hipótese de que a forma objetiva *te* é a opção mais produtiva no falar da região, atuando em diversos contextos, muitas vezes, intercambiando-se com *tu* e *você* num mesmo ato de fala; d) o fator *referenciação* apontou que a preferência geral é pelo pronome *você*, tendo a referência direta como maior fator que favorece seu uso, com probabilidade de uso de 0,61; e) e *escolaridade*, os informantes com maior escolaridade tendem a usar menos a forma *tu* - 0,40, enquanto os de menor escolaridade a usam com maior frequência - 0,60.

Gonçalves (2008) aborda a variação das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* no português falado na cidade de Arcos, Minas Gerais. A base teórica do autor são os pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista e sociolinguística interacional. O objetivo geral da pesquisa foi investigar os fatores linguísticos e sociais condicionantes da variação em estudo, como também observar a função interacional do pronome *você* (padrão) e as formas *ocê*, *cê* (não-padrão). O autor tece também uma análise de cunho comparativo, a partir dos resultados obtidos por Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), três pesquisas que trataram da alternância pronominal *você/ocê/cê*. Os dados foram coletados através de narrativas individuais orais espontâneas com 40 informantes (20 da área urbana e 20 da rural) de ambos os sexos, agrupados pelo autor em três faixas etárias (15-30 anos, 31-59 anos, 60 anos ou mais).

Os resultados alcançados por Gonçalves (2008) apontaram para a variante *cê* maior frequência de uso em termos percentuais, 54%, do que as variantes *você* e *cê*, com frequências baixas, 22% e 24%, respectivamente corroborando a hipótese do autor de que a forma *cê* já se encontra implementada no sistema linguístico em estudo. E em relação aos fatores linguísticos controlados na pesquisa, o fator linguístico *tipos de contexto de interpretação* (definida e indefinida) apontou a interpretação indefinida, com 60%, como o contexto preferido para variante *cê*. O grupo de fatores *ambiente fonológico* apresentou a “pausa” como o subfator favorecedor da forma *cê*, 72%. E o fator *função sintática* confirma mais uma hipótese levantada por Gonçalves (2008) de que a *função de sujeito* favorece o uso das três formas variantes, 21% *você*, 19% *ocê* e 60% *cê*, fato observado pela alta ocorrência numérica para este fator, 451 dados, contra 08 para complemento de verbo sem preposição, 40 para complemento de verbo com preposição e 11 dados para complemento de nome. E no que diz respeito ao tipo de frase, o que se verificou é que as orações afirmativas favorecem o uso das

formas pronominais em estudo, cujos percentuais são 80% (você), 70% (ocê) e 56% (cê).

Para os fatores sociais, foi observado que a forma *você* é usada preferencialmente pelas pessoas da cidade, com 77% dos dados e *ocê* é reconhecida como a forma própria das pessoas da zona rural, com 73,5%. E a *classe social mais privilegiada* utiliza o item padrão *você*, 72%. O fator *faixa etária* apontou que tanto os idosos quanto os mais jovens usam mais as variantes não-padrão (*cê/ocê*) do que a padrão (*você*), o que segundo Gonçalves (2008) configura um quadro de variação estável, descartando a possibilidade de mudança em progresso. O *gênero/sexo* masculino demonstra-se menos conservador, quando usa mais as formas inovadoras: *ocê* (75%) e *cê* (66%). No que se refere aos pronomes *de Poder*<sup>18</sup>, e nessa classe está a forma *você*, e o pronome de *Solidariedade*, tido como as formas não-padrão *ocê* e *cê*, ficou concluído que, durante o processo de interação verbal, os participantes tendem a escolher, no fator *poder*, a forma pronominal padrão *você*, enquanto que, no fator *solidariedade*, preferem as formas não padrão *ocê* e *cê*.

Calmon (2010), em um trabalho de orientação sociolinguística, trata do estudo dos pronomes *você*, *ocê*, *cê* falados na cidade de Vitória (ES). Os dados da amostra são de dois corpora: PORTVIX<sup>19</sup> (O português falado na cidade de Vitória) e fala casual<sup>20</sup>. Para a coleta do PORTVIX, foram selecionadas as variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes. O tratamento estatístico dos dados baseou-se no programa computacional GOLDVARB X.

O *corpus* do trabalho era composto de 4.976 dados de fala de informantes e documentadores. E através da análise deste foi verificado que o sistema de segunda pessoa existente em Vitória é composto com maior frequência de uso da forma *Você*, como os

<sup>18</sup> A designação pronomes de *poder* e *solidariedade*, desenvolvida por Brown e Gilman (1960), refere-se às diferenças existentes entre o uso das formas pronominais *tu* e *vos* no francês, sendo a forma *tu* o pronome preferido nas relações de familiaridade, intimidade e o pronome *vos* nas interações mais formais e de menor proximidade entre os interlocutores (o superior diz *tu* e recebe *vos*).

<sup>19</sup> Banco de dados elaborado por gravações de entrevistas orais, tendo como orientação a abordagem da metodologia laboviana típica, em situação de entrevista entre entrevistador e entrevistado, obtida na situação real do discurso. Inicialmente, foram realizadas 46 (quarenta e seis entrevistas), controladas pelas variáveis sexo (Masculino, Feminino), faixa etária (07-14, 15-25, 26-49, + de 50 anos de idade) e nível de escolaridade dos informantes (ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário), os quais deveriam ser naturais de Vitória, terem pais capixabas e residirem sempre nesta cidade.

<sup>20</sup> Foram feitas duas gravações de conversas sem que os falantes tivessem o conhecimento prévio do evento. Nessas duas situações de fala, gravou-se somente com pessoas que fossem bem próximas em âmbito familiar e com pessoas da própria família da pesquisadora. A primeira gravação constituiu-se da fala de cinco informantes capixabas, residentes em Vitória, sendo três do gênero masculino e dois do gênero feminino. Destas, uma delas é a própria pesquisadora. A segunda gravação foi feita com a própria família da pesquisadora e participaram quatro pessoas, representando gerações que vão da bisavó ao bisneto.

resultados atestam: 75% para informantes e 76% para entrevistadores. De uma forma mais geral, olhando somente para os dados do PORTVIX, foi verificado que *você*, com 73,6%, era a forma mais frequente, além de haver um uso bastante pequeno de *ocê*, 0,5%. O CORPUS de fala casual apresenta resultado diverso, segundo o autor: havia 50,8% de recorrência de *você*; 41,3% de *cê*; 7,9% de *te*, e nenhuma ocorrência para *ocê*.

Isso levou Calmon (2010) a concluir que o pronome *tu* não ocorre na fala de Vitória e que o pronome *você* parece transitar entre as situações interacionais tanto formais quanto informais, mas que a forma *cê* possui um traço de maior informalidade, já que aparece mais frequentemente na Fala Casual e não nas entrevistas do PORTVIX (os falantes tinham consciência da gravação). É confirmado também pela pesquisa o fato de as formas *você* e *cê* se alternarem, podendo ambas ocuparem a posição de sujeito. Porém, a forma *você* é mais recorrente na posição de sujeito nos dados do PORTVIX, com 76%, e a forma *cê* ocorre em 23,5% dos casos. A forma *cê* não ocorre como complemento de preposição nem como complemento sem preposição, confirmando a tese de Ramos (1997) e de Vitral (1996).

Resultados da pesquisa manifestaram como fatores favorecedores do uso de *você*, a *faixa etária*, sendo os falantes com mais de 49 anos - peso relativo de 0,82, e os de 7-14 anos - com peso relativo de 0,547, os que mais empregam *você*. Para a autora, isso demonstra um forte indício de que a forma *cê* se encontrava em um processo de implementação na cidade de Vitória, mas houve uma retração dessa forma, ou seja, tudo indica um retorno da forma *você* nas faixas mais jovens (7-14 anos) (CALMON, 2010); o *gênero/sexo* do falante, apontando o gênero feminino como levemente favorecedor da forma *você* (PORTVIX) com 79,5%, e peso relativo de 0,558, contra 71,3%, e peso relativo de 0,468 para os homens. Na amostra casual, este efeito foi mais forte: as mulheres apresentam 63,4% de *você* com peso relativo de 0,619 e os homens, 35,3% de *você*, com peso relativo 0,345; com relação ao fator *fala dos entrevistados e entrevistadores*, Calmon (2010) observou que a forma *ocê* praticamente inexistente no PORTVIX, sendo sua realização correspondente a apenas 0,5% do total das ocorrências; e a escolaridade, o ensino fundamental, favorece levemente a forma *você*, 78% e peso relativo 0,523, e o nível universitário, desfavorece a forma *cê*, com 71,3% e peso relativo de 0,459.

Em Minas Gerais, Mota (2008) realizou um estudo de linha variacionista sobre a alternância dos pronomes ‘*tu*’ e ‘*você*’ no português oral de São João da Ponte. O objetivo geral da pesquisa era identificar se havia tendência de mudança na comunidade entre as formas em estudo e qual a razão sócio-histórica de manutenção dessas formas de tratamento. Os dados foram coletados a partir de entrevistas sociolinguísticas e testes de produção

linguística. Ao todo foram 24 entrevistas, realizadas com informantes do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, agrupados em quatro faixas etárias (7-14; 15-25; 26-49; e acima de 50).

Mota (2008) percebeu que, das 509 ocorrências de formas de tratamento que compunham o *corpus* analisado, 10% era para a forma *tu* e 89% para o uso da forma *você*. Para a autora, embora tal percentual para o uso de *tu* não seja elevado, revela um traço da fala, considerado por Mendes (1998) como inexistente no dialeto mineiro. E em um detalhamento da variante *tu*, a autora controlou para a análise a função sintática das formas pronominais “tu, te, ti e teu”. E observou que das 49 ocorrências de ‘tu’, 19 foram como pronome sujeito - tu, 2 foram como pronome objeto de verbo - tu, 25 como objeto de verbo – te, 01 foi como objeto de preposição - ti e 02 foram como pronome possessivo ‘tua’. Em relação a ‘você’, das 461 ocorrências, 392 foram como pronome sujeito, 11 foram como pronome objeto de verbo, 19 foram como pronome objeto de preposição e 38 foram como pronome possessivo.

Das variáveis linguísticas testadas, a *função sintática* da variante mostrou-se como estatisticamente relevante para explicar a seleção do pronome *tu* e *você*. Mota (2008) conclui, com este grupo de variáveis, que a variante *tu* predomina na função de objeto com peso relativo de 0,91, sendo a variante preferida o pronome átono “te”. Porém, segundo a autora, “O uso da forma átona não constitui uma especificidade da fala do município de São João da Ponte, pois outros municípios mineiros também a usam” (MOTA, 2008, p. 65).

Dos fatores sociais foram selecionados três como estatisticamente relevantes: o *grau de intimidade entre os falantes*, como favorecedor da forma *tu* (relações de maior intimidade ou nas relações de poder superior para inferior, a obrigação de uso de um estilo mais cuidado desapareceu); o *estatuto do interlocutor na interação* indicou o locutor 03 e locutor 02 como aqueles que usam mais a forma *tu*, com significância de 0,95 e 0,85, respectivamente e o locutor 01, com peso relativo de .18, o que menos favoreceu o uso do *tu*. Nas palavras da autora, isso deve-se ao fato de que o locutor 01, em relação aos locutores 02 e 03, é o que menos fica à vontade durante a interação, por ser sempre o primeiro a falar, ao contrário do locutor 02 e 03, cuja tensão da primeira menção ao interlocutor, tarefa desempenhada pelo locutor 01, já fora quebrada; e por fim a *faixa etária* sendo a forma ‘tu’ uma marca dos falantes de faixa etária entre 15 a 25 anos, apesar de estar presente em todas as faixas etárias.

Santos (2012) investigou a alternância de sujeitos de segunda pessoa na fala carioca com base em dados interacionais. O objetivo da autora era verificar o retorno de produtividade do *Tu* correlacionado com forma verbal neutra, variante que tem se mostrado produtiva entre os habitantes cariocas. A análise será feita à luz da Teoria da Variação e da

Mudança linguística e da Teoria de Polidez. O *corpus* foi constituído por 49 gravações de fala espontânea coletadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 2006 e 2009, com advogados, gerentes, ambulantes, transeuntes, e composto por cinco amostras temáticas descritas da seguinte maneira: (1) Amostra Perfil Profissional, (2) Amostra Almirante Barroso, (3) Amostra ‘Advogados’ (4) Amostra Zona Oeste e (5) Amostra Zona Norte. Tais amostras foram organizadas em três níveis de estratificação: sexo/gênero do falante (feminino e masculino), faixa etária (18 a 30 anos aproximadamente, de 30 a 56 anos e acima dos 56 anos) e diferentes níveis de instrução (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

De um total de 648 ocorrências de estratégias de referência à segunda pessoa do discurso, em relação à produtividade das formas de referência ao interlocutor distribuídas por região, Santos (2012) verificou que, em termos gerais, a estratégia mais produtiva, com quase 50% de frequência, foi o *Você* seguido do *Nulo/zero* (39%) e do *Tu* com 12%. Esta só foi mais produtiva em Campo Grande e entre ambulantes (em torno de 20%), quando se tratava exclusivamente da área do centro da cidade.

Quanto à rodada entre *Tu* e *Você*, Santos (2012) constatou a relevância de aspectos de natureza linguística, como: a) paralelismo formal, que mostrou que o *tu* é favorecido quando antecedido de *tu*, com nível percentual de 66,7%, e peso relativo de 0,87, o que confirma a hipótese da autora “de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística numa sequência discursiva”. (SANTOS, 2012, p. 100); b) modalidade verbal, confirmou todas as expectativas da autora para o grupo, indicando que as modalidades mais favorecedoras do uso do *tu* foram a *ordem* com 0,66 de peso relativo e a *certeza* com 0,60, o que confirmou a hipótese adotada para este grupo de que as formas de tratamento podem mitigar atos de fala impositivos.

No que tange aos fatores sociais, a variável: a) escolaridade apresentou leve favorecimento ao emprego de *Tu* + verbo sem marca de concordância, pelos falantes com grau superior de escolarização, 0,55 de peso relativo, resultado este que, para Santos (2012), pode ter sido influenciado pela fala dos advogados que amplamente empregaram tal variante; b) na distribuição das variantes por região/bairro do Rio de Janeiro, os resultados expressaram um grande favorecimento do uso de *Tu*+ verbo sem desinência canônica 0,80 por informantes da zona oeste (Campo Grande), justificado segundo autora, pela diferença no índice de escolarização da população de cada bairro. Em relação ao bairro da Tijuca, o peso relativo de 0,38 para este bairro, indica um desfavorecimento de uso da variante *Tu* + verbo sem concordância entre os tijucanos; e c) gênero/sexo, contribuíram significativamente para o uso de *você* na fala carioca. Verificou-se maior favorecimento do pronome *Tu* na fala de homens



da Zona Oeste do Rio de Janeiro e entre ambulantes, principalmente, os da Av. Almirante Barroso. Tal variante ocorreu principalmente antecedida de outro pronome *Tu*, em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação.

#### 2.4.2 Região Sul

O estudo de Loregian (1996) apresentou uma análise quantitativa da concordância verbal com o pronome sujeito de segunda pessoa *tu* na fala de Porto Alegre (24 informantes)<sup>21</sup>, Florianópolis (36 informantes)<sup>22</sup> e Ribeirão da Ilha<sup>23</sup> (12 informantes)<sup>24</sup>. A pesquisa da autora, seguiu os postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Linguística e lançou mão, como suporte estatístico para a análise do fenômeno, do pacote computacional VARBRUL. Para dar conta da variação encontrada na concordância do verbo que acompanhava o pronome *tu*, a autora elencou 12 variáveis, sendo 8 linguísticas e 4 sociais.

As variáveis linguísticas selecionadas como estatisticamente significativas para explicar a concordância verbal com o pronome *tu* demonstraram que, no grupo *paralelismo formal no nível discursivo* (marcas no verbo), o fator *verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância* 0,94 de peso relativo, foi o mais propiciador do processo de concordância verbal. Segundo Loregian (1996), isto ocorre porque marcas conduzem a marcas, e zeros conduzem a zeros, portanto, formas gramaticais tendem a ocorrer juntas na linguagem. No grupo *explicitação do pronome*, a hipótese era de que se não aparecesse o pronome explícito, a concordância verbal aconteceria. Os dados ratificaram tal hipótese ao apresentar o fator *sem pronome explícito*, na liderança da manutenção da concordância verbal 0,72 de peso relativo. Enquanto que, no grupo *interação emissor/receptor*, Loregian (1996) observou que os interlocutores faziam mais a concordância do verbo com o *tu*, quando se *dirigiam ao interlocutor* 0,65, haja vista este não ser íntimo e por isso exigir maior preocupação com os traços de formalidade da linguagem.

Na análise das variáveis *tempo verbal e saliência fônica* sobrepostas, Loregian (1996) observou em relação à variável *tempo do verbo* que o *pretérito perfeito do indicativo*, demonstrou-se mais influenciador da concordância, 0,92 de peso relativo. Quanto à variável *saliência fônica*, o fator *acréscimo de -STE/-SSE*, foi o único que expôs significância à

<sup>21</sup> Banco de Dados do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul (VARSUL).

<sup>22</sup> Banco de Dados do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul (VARSUL).

<sup>23</sup> Bairro no interior de Florianópolis.

<sup>24</sup> Dissertação de mestrado de Brescancini.

concordância 0,88 de peso relativo. No grupo de fatores *tonicidade*, os *verbos oxítonos*, por terem acento na sílaba que recebe a flexão da segunda pessoa, mostraram-se favorecedores da regra de aplicação da concordância verbal 0,77 de peso relativo. O *número de sílabas* do verbo apresentou também relevância significativa para aplicação da regra de concordância estudada por Loregian (1996), ao destacar o verbo polissílabo 0,67 de peso relativo, como fator motivador para a manutenção da concordância, seguido dos dissílabos com 0,59 e trissílabos com 0,52.

No que diz respeito às variáveis sociais, a *região*, primeiro grupo selecionado pelo programa como estatisticamente relevante, apontou a localidade de Ribeirão da Ilha como líder da manutenção da concordância verbal 0,81 de peso relativo, confirmando a hipótese da autora de que esta região, com forte influência cultural açoriana, tende a influenciar o uso do pronome tu com sua respectiva concordância verbal, assim como os portugueses a fazem. Logo em seguida, aparece Florianópolis 0,71 como favorecedor da regra e bem abaixo Porto Alegre 0,12, atestando que a concordância nesta cidade é praticamente inexistente. No que tange ao grau de *escolaridade*, ficou constatado que a concordância verbal com o pronome tu é de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes, pois os resultados confirmaram que quanto maior a escolaridade, maior será a concordância, com significância de 0,60 do colegial contra 0,49 para o ginásio e 0,38 para o primário. No grupo de fatores *faixa etária*, os falantes com mais de 50 anos foram os que apresentaram maior nível de concordância 0,60 de peso relativo, contra 0,44 para os mais jovens e 0,45 para os considerados maduros (25 a 49 anos). Para Loregian (1996), isto demonstra que os mais jovens estão mais próximos do vernáculo e mais distanciados das normas gramaticais quanto à regra de concordância verbal com o pronome tu.

A partir de uma *(re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*, Loregian-Penkal (2004) estudou a alternância *tu/você*, controlando o comportamento de duas regras variáveis: a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes do *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e do *corpus* BRESCANCINI que conta com dados do Ribeirão da Ilha – Florianópolis-SC; e uma *(re)análise* de Loregian (1996), que diz respeito à concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, acrescentando três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages - e três cidades do interior do Rio Grande do Sul - Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Em relação à primeira variável e a de maior importância para este trabalho, Loregian-Penkal (2004) a levantou com o intuito de verificar de que forma se dava a

alternância pronominal *tu/você* no sul do Brasil e se o *tu* estaria sendo substituído por *você* para referência à segunda pessoa. Para o estudo destas regras variáveis, foram analisadas: 24 entrevistas de Florianópolis e 24 entrevistas de Porto Alegre; 23 informantes de Flores da Cunha, 21 informantes de Panambi, 21 informantes de São Borja - dados do interior do Rio Grande do Sul; 24 informantes de Chapecó, 23 informantes de Blumenau e 24 informantes de Lages - dados do interior de Santa Catarina; e 11 informantes do Ribeirão da Ilha. Totalizando 195 informantes, cujo comportamento linguístico foi analisado em relação a duas regras variáveis por Loregian-Penkal (2004) alternância pronominal *tu/você*, com um total de 6.234 dados e a concordância verbal com o pronome *tu*, com 4.090 dados, distribuídos em duas *faixas etárias* (25 a 49 anos; mais de 50 anos), três níveis de *escolaridade* (primário – até 5 anos; ginásio – 8 anos; colegial – 11 anos) e *sexo/gênero* (masculino; feminino). O trabalho teve como suporte a metodologia variacionista, utilizada para descrever a variação e a mudança linguística, com a utilização do pacote VARBRUL.

Os resultados observados na primeira análise realizada pela autora, a qual envolveu a alternância pronominal *tu/você*, mostraram que a variação na comunidade *versus* variação no indivíduo, era equitativa em Porto Alegre e Florianópolis, pois havia 14 informantes que só usavam *tu* em Porto Alegre e 13 informantes, em Florianópolis, sendo que, em cada capital, apenas 01 informante empregava *você*. Em Porto Alegre 09 informantes e em Florianópolis 10, usavam alternadamente *tu/você*. Nas três cidades do interior de Santa Catarina, a autora percebeu que havia maior número de informantes (17 em Lages; 17 em Blumenau e 16 em Chapecó) fazendo uso alternadamente de *tu/você*. Loregian-Penkal (2004) verificou também que havia apenas 01 informante em Lages, 02 em Blumenau e 06 em Chapecó que usavam somente *tu*. E chama a atenção da autora o número de informantes que usavam categoricamente o pronome *você*, em Lages (06 deles) que, se somados aos 17 que tinham alternância, seriam 23 informantes desta localidade que faziam uso deste pronome.

Nas rodadas, para verificar a variação na comunidade, todas efetuadas para testar a alternância *tu/você*, com aplicação da regra do uso do pronome *tu*, Loregian-Penkal (2004) concluiu que Porto Alegre 0,61, Ribeirão da Ilha 0,78, São Borja 0,76, Chapecó 0,82 e Blumenau 0,61 favorecem o aparecimento da forma *tu*. Enquanto que Florianópolis 0,32, Flores da Cunha 0,30, Panambi 0,37 e Lajes 0,30 com resultados bastante próximos, desfavorecem o aparecimento de *tu*. No que diz respeito às variáveis sociais, foi examinado que o uso de *tu* é liderado pelas *mulheres*, pois em todas as localidades, os dados femininos apresentaram relevância significativa: Florianópolis/Porto Alegre/Ribeirão 0,74 e as localidades do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul 0,61 e 0,67 respectivamente. O

*tu* foi mais empregado também pela *faixa etária* mais jovem - 25 a 45 anos – Florianópolis/Porto Alegre/Ribeirão da Ilha 0,60, Flores da Cunha/Panambi/São Borja 0,62 e Chapecó/Blumenau/Lages 0,67 de nível de significância. Quanto à *escolaridade*, a autora observou que a linguagem formal sofre influência do aumento dos anos de escolaridade, principalmente em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha que apresentaram peso relativo de 0,75 para o fator *colegial* e Chapecó, Blumenau e Lages, com 0,59 de significância para o nível de escolaridade ginásio. Destoando deste resultado, Flores da Cunha, Panambi e São Borja apresentaram o nível primário como mais relevante: 0,72.

Em relação às variáveis linguísticas, o *gênero de discurso* foi selecionado em todas as localidades da amostra, e indicou que o discurso predominantemente *argumentativo* propicia o uso do pronome *tu* 0,62 de peso relativo para as localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, 0,51 para Chapecó, Blumenau e Lages e 0,52 para Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Na variável *determinação do discurso*, o uso de *tu* foi mais favorecido quando o referente era determinado, com peso relativo de 0,62 para as capitais e Ribeirão da Ilha e de 0,58 para Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Quanto à *explicitação do pronome*, os resultados demonstraram que a *ausência de pronome explícito*, com peso relativo de 0,80, favorece, em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão 0,80, o uso de *tu*. Nas outras localidades a variável *explicitação do pronome* não foi considerada estatisticamente relevante pelo VARBRUL.

Os resultados de seu trabalho dão conta da variação tanto da comunidade como do indivíduo e apontam na direção de que está havendo, por um lado, a manutenção do pronome *tu* como marca de identidade e de valores regionais, mas com uma forma verbal não-marcada e um maior preenchimento do pronome sujeito nas quatro cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó, Santa Catarina. Por outro lado, os informantes de Lages, na rota dos tropeiros, e em menor escala os de Blumenau são os que estão mais avançados em direção ao uso de só *você*.

Outro estudo de Loregian-Penkall (2005) caracteriza-se como um recorte de uma investigação maior em andamento no âmbito do projeto VARSUL. A autora procura enfocar e descrever como se processa a escolha de *tu/você* para estabelecimento da referência à segunda pessoa do singular na fala de moradores de cinco cidades catarinenses: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. A pesquisa contou com o suporte da metodologia variacionista, utilizada para descrever e analisar a variação e a mudança linguística. A hipótese norteadora do trabalho era a de que a etnia *açoriana* (Florianópolis e Ribeirão da Ilha) seria a que mais fizesse uso do pronome *tu*. Tal hipótese foi confirmada pelos resultados. Ribeirão da Ilha apresentou o maior peso relativo 0,92, e Florianópolis figurou em segundo

lugar com peso relativo de 0,65, na rodada sobre *tu/você por localidade*.

No que diz respeito ao fator gênero/sexo, os resultados demonstraram que as mulheres apresentaram os maiores pesos relativos de uso de *tu*, 0,84, em Florianópolis e Ribeirão, e 0,61 nas três cidades do interior. Com isso, evidencia-se que o uso do pronome *tu* não é estigmatizado socialmente, haja vista que a tendência das mulheres, em situação de variação estável, é usar as formas de prestígio (cf. LABOV, 1991).

Em relação ao *você*, seu uso é maciço em Lages e, em menor proporção, em Blumenau. E em relação à distribuição dos pronomes *tu/você*, há um predomínio do uso de *você* no Paraná; uma ocorrência maior de *tu* no Rio Grande do Sul e uma distribuição bastante heterogênea em Santa Catarina, com Lages apresentando uso majoritário de *você*, seguida por Blumenau. Em Chapecó, há um equilíbrio no uso dos dois pronomes, muito embora haja pesos relativos elevados para o uso de *tu*. Loregian-Penkall (2005) observou com isso, que o pronome *tu* permanece como uma forma bastante produtiva na linguagem oral e que há a necessidade de rever as generalizações de que o pronome *você* substituiu ou está substituindo o *tu* no PB, pois é isso que as pesquisas estão demonstrando. A autora acredita também na existência no PB de duas formas para tratar informalmente o interlocutor: *os pronomes de segunda pessoa tu e você*.

Percebe-se que as localidades do litoral de Santa Catarina – Florianópolis e Ribeirão da Ilha – são as que apresentam maior número de informantes que usaram *só tu* na entrevista, enquanto nas três cidades do interior do estado – Chapecó, Blumenau e Lages – há a maior concentração de falantes no uso da alternância *tu/você*.

### **2.4.3 Região Centro-Oeste**

No Distrito Federal e Centro-Oeste, encontra-se, por exemplo, o trabalho de Lucca (2005) voltado para os adolescentes entre 15 e 19 anos (ao todo, 32 informantes, 29 jovens entre 15 e 19 anos do sexo masculino e três do sexo feminino), predominantemente do sexo masculino, estudantes da rede pública de ensino das três regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal: Ceilândia (RA IX), Taguatinga (RA III) e Brasília (RA I). Os dados são resultantes de gravações ocultas de situações conversacionais entre os adolescentes e seus amigos. No *corpus* da pesquisa da autora, a maior parte das falas são características de relações entre pares solidários, nas quais o uso do *tu* é vigoroso.

A partir disso, Lucca (2005) revela alto índice de *tu* em seus resultados 72%, na

rodada entre *tu versus você+cê*, o qual é influenciado pela: a) fala masculina, na faixa etária entre 15 e 19 anos, 0,55 e fortemente desfavorecido pelas falas femininas da mesma faixa etária, 0,09. Ressalta-se que cerca de 90% dos dados de Lucca (2005) foram de falas masculinas; b) pelas interações solidárias entre os pares, com nível de significância de 0,57 e percentual de 79% e desfavorecido pelas interações entre os não pares; c) pelo tópico discursivo, cujo tema foi familiar ao informante 74% de percentual e 0,52 de peso relativo; d) falantes de Ceilândia, onde predomina maior contingente de migrantes da região Nordeste 0,68, e desfavorecidos pelos de Taguatinga e de Brasília ou Plano Piloto restrito, que apresentaram o mesmo peso relativo de 0,43; e) paralelismo que toma como relevante para a realização do *tu*, o primeiro item da série, quando *tu* 85% e 0,58 e os ‘não primeiros’ quando precedidos por *tu*, 80% e 0,56; f) tipo de estrutura quanto à entonação, apresenta as exclamativas 94% e 0,87 como aliadas deste pronome.

Andrade (2010) realiza um estudo sobre a segunda pessoa na fala brasiliense, que trata da variação pronominal que ocorre entre *você/cê/tu*. A autora toma como base teórico-metodológica a Teoria da Variação e Mudança linguística, preconizada por Weinreich, Labov e Herzog (1968). Sua pesquisa centrou-se na Vila Planalto, principalmente na fala de crianças e adolescentes entre 7 a 15 anos, pertencentes à escola pública dessa cidade, e tinha como objetivo verificar se, já nos primeiros anos de idade, as crianças usariam a variante *tu* que, em Brasília, figura como variante inovadora.

O *corpus* da pesquisa de Andrade (2010) foi obtido a partir de três formas de coleta de dados. A primeira coleta deu-se com alunos de 12 a 15 anos de idade, na qual um aluno ficava com o gravador em mãos e fazia a gravação de conversas casuais (sem ou com o mínimo de preocupação com a linguagem) com os seus amigos, num período de três a quatro dias. No segundo tipo de coleta, a própria pesquisadora reuniu-se com um grupo de alunos de 7 a 11 anos de idade, por um período determinado de tempo (cerca de 1h em sala de aula dentro da escola e em alguns dias definidos). Nesse tipo de coleta, com o intuito de amenizar o enviesamento dos dados, causado pela presença de Andrade, a autora levou sua filha de 10 anos de idade para participar da interação com a turma pesquisada. A terceira forma de gravação foi realizada com crianças oriundas de outras localidades (socialmente diferentes do grupo da Vila de Planalto), mas que pertenciam ao ciclo de convívio de Andrade. O objetivo desse tipo de gravação era o de servir como parâmetro de comparação na pesquisa.

Os resultados gerais da pesquisa de Andrade contaram com 953 dados, cerca de 70% pertencentes aos moradores da Vila de Planalto e 30% dos dados de moradores de outras localidades, como: Jardim Botânico, no Lago Sul (3 meninas e 1 menino); Asa Norte (2

meninos); Sudoeste (2 meninas e 1 menino). A amostra estudada foi composta de 24 meninas e 18 meninos que compuseram a faixa etária escolhida, de 7 a 15 anos. Além destes, a autora inclui nos testes estatísticos os dados de uma menina de 5 anos de idade (68 dados). Dentre os achados da pesquisa, a autora constatou que o pronome *você*, nas falas femininas, é de uso maior, com peso relativo de 0,44, e o pronome *tu* é mais recorrente na fala dos homens, 0,42. Em relação à idade, as crianças de 7-11 anos usam mais a forma *cê*, 0,37, e os adolescentes de 12-15 anos preferem o pronome *tu*, 0,37.

E, ao observar a importância da origem dos pais para a variação em estudo, Andrade (2010) concluiu que a fala dos pais influencia de forma contundente a dos seus filhos. Apresentando-se como fator mais significativo, para este grupo, os pais originários de Brasília e Mato Grosso com 0,82, para o uso de *você* (embora convenha ressaltar que este resultado tenha sido gerado apenas da fala de um informante). Por outro lado, os pais originários de Brasília e do Nordeste influenciaram significativamente o uso de *tu*, com 0,60, e desfavoreceram a forma *cê*, peso relativo de 0,15.

Para a autora, esse resultado elevado pode significar um forte indício de que essa variante esteja em expansão e se estabelecendo em Brasília. Coerente ao resultado anterior, os pais do Nordeste (mesmo estado) tenderam à influência do uso da forma *tu*, com peso relativo de 0,57. Os pais vindos de Minas Gerais contribuem significativamente para o uso da forma pronominal *cê*, peso relativo de 0,70 (sendo que também para este resultado teve-se somente um falante). Outro resultado relevante na pesquisa de Andrade diz respeito às relações interpessoais. Nas consideradas simétricas, a forma *tu* foi favorecida, com peso de 0,47, e nas relações assimétricas, houve o favorecimento de *cê*, peso de 0,40.

Nos grupos de fatores linguísticos, a forma pronominal *tu* foi favorecida: pelo *tipo de referência*, sendo que este pronome aparece mais em referência específica, com peso de 0,50 e o *você* em referência genérica, 0,45; pelo *tipo de fala*, na qual a fala *não reportada* apresentou maior significância, peso relativo de 0,48 para o *tu* e 0,42 para a forma *cê*. Já o pronome *cê* foi favorecido pelo fator *função sintática*, usado com preferência na posição de sujeito, peso de 0,55 e o *você*, surgindo mais em estruturas sem verbo, peso de 0,48. Por outro lado, o pronome *você*, quanto ao *tipo de entonação*, é mais usado em frases do tipo interrogativa, peso relativo de 0,48, e a forma *cê* e *tu* em frases interrogativas, peso relativo de 0,42 e 0,37, respectivamente. No que se refere à forma *o senhor(a)*, que ficou à parte das análises estatísticas, a autora não obteve muitas ocorrências, pois somente um único informante, dos 43 analisados, usou este pronome nas gravações, embora esta forma

pronominal sobreviva em falas casuais. Para a autora, o uso de *o senhor(a)* aparece em situações muito específicas de interação, principalmente em relações assimétricas socialmente, como diferenças entre idade e/ou em algum tipo de hierarquia.

Dias (2007) pesquisa também a variação entre as formas *tu/você*, no falar brasiliense, buscando verificar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação em diferentes faixas etárias. O estudo averigua se a variação nos pronomes de segunda pessoa acontece, porque estes formam um par de pronomes do tipo Tu/Você, conforme a definição proposta por Brown e Gilman (1960), e se o fenômeno em questão revela processo de mudança linguística em progresso ou de gradação etária. A análise segue os pressupostos da sociolinguística variacionista descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968). Três faixas etárias são consideradas na pesquisa: 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; e de mais de 30 anos (todos oriundos de Brasília). As amostras que subsidiaram a análise foram obtidas por intermédio de gravações de conversas espontâneas, ou em situações comunicativas mais informais.

Os 900 dados de referência à segunda pessoa considerados na análise, indicam a frequência de uso do pronome *tu* de 12.8%, contra o índice de 87.2% para *cê/você*. Foram considerados como relevantes na análise os fatores: faixa etária, sexo e estilo (inerentes ao informante); tipo de relacionamento, sexo e faixa etária (relativos às características do interlocutor); e o lugar onde ocorreu o diálogo. Com relação ao tipo de fala, o nível de significância do *tu* é maior quando usado no estilo de brincadeira ou de ironia, com 0.80, conversa casual, 0.56, repreensão, 0.34, e conversa profissional 0.17. A pesquisa demonstrou que os falantes mais jovens (13 a 19 anos) usam mais a forma *tu*, com 0.76, contra 0.56 para os de 20 a 29 anos, e 0.28 para os que têm mais de 30 anos de idade, o que evidencia que se trata tanto de mudança em curso como de gradação etária, pois os falantes tendem a usar menos esse pronome, à medida que se inserem no mercado de trabalho e desenvolvem tipos diferentes de relacionamentos.

Em relação ao sexo/gênero do falante, o masculino apresentou o maior peso relativo - 0.60 e o feminino apenas 0.41. Quanto ao sexo do interlocutor, a frequência aponta 0.53 para a referência ao interlocutor do sexo masculino e 0.48 para o do sexo feminino. Para o lugar de diálogo, o lugar público e a casa do falante apresentaram o maior nível de significância, 0.52 e 0.58, respectivamente, o que segundo a autora leva a inferir que este fator não interfere para a seleção do pronome *tu*, mas sim é a maneira como as pessoas interagem nesses ambientes.

Foi verificado também que o pronome *tu* é mais usado pelas pessoas de estilo de vida alternativo, 0.73, do que as de estilo mais conservador, 0.25, o que acaba indicando que esse



pronome é uma das estratégias linguísticas que podem ser usada para revelar o grau de adesão dos falantes aos valores sociais mais aceitos na comunidade da qual fazem parte. Enfim, a autora observou que o falante usa o pronome *tu* em oposição às variantes *cê* e *você*, para indicar diferentes graus de intimidade e respeito em relação aos seus interlocutores, com peso relativo de 0.60 para os relacionamentos íntimos/familiar.

#### **2.4.4 Região Nordeste**

Na Região Nordeste há, com Soares (1980), um estudo sobre as formas de tratamento usadas no português falado na cidade de Fortaleza (CE). A partir de fatores linguísticos e não linguísticos, a autora procurou observar o comportamento oscilante das formas de tratamento de segunda pessoa, em posição de sujeito e vocativo, priorizando, para o estudo, as formas utilizadas como tratamento referente apenas a um interlocutor na interação comunicativa.

O *corpus* do trabalho foi constituído a partir de três etapas distintas: a primeira deu-se através de um levantamento assistemático do objeto no ambiente eleito, através da observação direta dos falantes em diferentes situações e locais (rádio, televisão etc.), a essa etapa foram acrescentados depoimentos dos informantes sobre seu comportamento em relação aos interlocutores com quem costumavam interagir; a segunda etapa foi a realização de questionário (composto de 27 gravuras, que aludiam a 14 relações sociais assimétricas e 13 simétricas) que exigia do informante criatividade e um bom tempo despendido na criação de diálogos; e, por fim, a terceira foi composta de gravações de conversas informais. Esse instrumento foi usado para comprovar os dados do primeiro tipo de coleta como também para verificar a regra de concordância realizada pelo falante com o pronome *tu*.

Os informantes da segunda etapa (46 ao todo) foram agrupados em sete classes, determinadas por dois fatores considerados relevantes, *a idade* e o *grau de escolaridade*. A pesquisa de Soares (1980) demonstrou que a cidade de Fortaleza, na época de realização desse estudo, dispunha de um sistema ternário das formas pronominais de tratamento, na função de sujeito: os pronomes *tu*, *você* e o *senhor* (senhora). O uso de tais formas mostrou-se variável tanto nas relações simétricas como nas assimétricas. A situação do discurso e o papel social desempenhado pelos interlocutores foram fatores interacionais que condicionaram o uso de uma ou outra forma na fala. Fatores como a idade e o grau de intimidade entre os interlocutores mostraram-se significativos também para a variação em estudo, pois as características do interlocutor favoreceram o tratamento igualitário ou diferencial dado a ele. A autora verificou também que é comum, na posição de sujeito, o pronome de tratamento ser

omitido, aparecendo apenas a forma verbal não-marcada, porém há contextos em que tal omissão é compensada pelo uso de vocativo que expressa a relação mantida pelos interlocutores.

Foi observado então que o pronome *tu* de uso generalizado pode tanto ocorrer no plano da intimidade quanto nas mesmas relações que *você* ocorre nas interações. A variação, existente na regra de concordância entre o sujeito *tu* e o verbo que o acompanha, pode ser motivada por fatores como grau de instrução, formalidade e atenção, segundo Soares (1980). A preferência pela forma *você*, nos contextos em que predomina a formalidade, pode ser explicada como uma alternativa de resolução de problemas advindos da dificuldade da flexão verbal para a segunda pessoa no Português brasileiro.

Na região Nordeste tem-se, também, o estudo de Sousa (2008), na Paraíba, o qual realiza uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome *você*. Sua discussão teórica baseia-se nos estudos sociolinguísticos, estudos funcionalistas sobre a gramaticalização e estudos de referencialidade, os quais permitiram a reflexão sobre os sentidos e valores provocados pelo *você* no ato discursivo. Ao todo, foram analisadas 60 entrevistas (VALPB<sup>25</sup>), com 2.004 ocorrências, distribuídas em três faixas etárias (15 a 25 anos, 26 a 50 anos, mais de 50 anos) e em cinco níveis de escolarização (sem nenhuma escolarização, 1 a 4, de 5 a 8, de 9 a 11 anos de escolarização e mais de 11 anos de escolarização). A tese da autora é que o pronome *você* sofreu variação e mudança linguística na forma, na função e na referenciação, sendo, na atualidade, o mais utilizado com outras referências, além da canônica, a única reconhecida pela tradição gramatical.

A pesquisa indicou que o pronome *você*, quanto à **forma** (reduzida da forma *vossemecê* e *vosmecê*), é um pronome chave nos dias atuais, exigindo pouco esforço cognitivo. Serve para dirigir-se a um grupo menor ou maior de pessoas, assim como pode se referir a um único indivíduo. E tal forma já é encontrada em algumas regiões do Brasil, variando alternadamente com as formas *ocê* e *cê*; quanto à **função**, houve a gramaticalização da locução nominal *Vossa Mercê* como pronome *você*, que passa a ocupar, segundo a tradição gramatical, a posição de pronome de tratamento (herança da forma fonte).

Porém para Sousa (2008), durante esse processo, a forma *você* apropriou-se do lugar de segunda pessoa pronominal, passando a concorrer com o pronome já existente na língua para essa função, o *tu*, muito embora estabeleça a concordância verbal, conforme a sua forma fonte, mantendo as marcas dessa pessoa, até na flexão de número. Para a autora, o *você*, na condição de pronome vindo da terceira pessoa, deveria estar organizado sintaticamente como

<sup>25</sup> *Corpus de Variação Linguística da Paraíba.*

pronome pessoal de terceira pessoa; e quanto à **referência**, os dados revelaram que *você* com valor de pronome genérico tem sido efetivamente a referência mais utilizada dessa forma pronominal, atingindo um índice de 43,4% das ocorrências femininas, e de 42% nas ocorrências masculinas.

Na análise dos fatores sociais, o fator sexo/gênero demonstrou que o *você*, quando usado com função genérica, foi bem menos produtivo que os outros usos. Para o fator faixa etária, houve um crescimento proporcional do *você* P2 (segunda pessoa do singular) e genérico à medida que se avançava na idade e inversamente proporcional ao uso do P1 (primeira pessoa do singular) que foi mais produtivo na primeira fase e teve menor realização na terceira fase; e tanto no gênero masculino quanto no feminino, os informantes com mais de 11 anos de escolarização realizaram um extensivo uso do *você*, principalmente nos gêneros argumentativos. Para a autora, o falante paraibano, como reflexo do falar brasileiro, no momento atual, encontra-se seduzido pelo *você* com outras referências, além da segunda pessoa, e esses outros valores do *você* configuram a variante inovadora.

Nogueira (2013), ainda na região Nordeste, aborda a variação entre as formas de tratamento *tu/você* no Português culto e popular de Feira de Santana e Salvador (BA), tomando como base a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). O trabalho da autora objetivou verificar os fatores linguístico-discursivos e sociais envolvidos na escolha das formas pronominais *tu/você*. Para alcançar seus objetivos, Nogueira (2013) considerou amostras de fala de pessoas de três faixas etárias diferentes, que as classificou em *faixa 1* (25 a 35 anos), *faixa 2* (36 a 55 anos) e *faixa 3* (56 anos em diante), e as distribuiu em dois níveis de escolaridade, ensino superior completo e ensino fundamental. A coleta dos dados deu-se através de 48 entrevistas do tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador), distribuídos em três *corpora* diferentes: 24 entrevistas pertencentes ao banco de dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* - 12 do Português culto e 12 do popular); 12 inquéritos do Projeto *Norma Urbana Culta de Salvador*; 12 inquéritos do *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador* e ainda 07 gravações espontâneas entre falantes da cidade de Feira de Santana.

A partir destes diálogos, Nogueira (2013) obteve um total geral de 1804 dados de ocorrências dos pronomes *você*, *tu*, *o(a) senhor(a)* e *cê*, sendo 1588 para a forma *você*, 83 ocorrências de *tu*, 91 ocorrências de *senhor (a)* e 42 ocorrências da forma reduzida de *você*, *cê*. Logo, por meio dos resultados encontrados pela autora, verificamos que a forma pronominal mais frequente, em Feira de Santana e Salvador (BA), é *você*, com 88,03% dos dados, contra 4,6% de *tu*.

Os fatores linguísticos que contribuíram para explicar a preferência de você sobre os demais pronomes em co-variação foram: a) *função sintática* do pronome, na qual ficou evidenciado que a forma *você* é altamente favorecida pela posição de sujeito, 97,8%, e a forma *tu* pela função de não sujeito, sendo 94% para Feira de Santana e 99,3% para Salvador; b) *Tipo de frase* (declarativas e não declarativas), neste grupo constatou-se que o pronome *você* é o predileto por frases do tipo declarativas, 95,4% dos dados, e *o tu* por frases não declarativas, com 9,2%; c) *Tempo do verbo*, a forma *você* foi usada com frequência tanto no tempo passado - 98,6%, como no não-passado, com 94,85%, o que, para Nogueira, indica não influência deste fator sobre o uso de você; d) *Tipo de discurso* (relatado e direto) demonstrou que o uso de *você* é favorecido pelos dois tipos de discurso analisados, com 96,1% para o direto e 91,5% para o relatado; e) e, por fim, *Tipo de referência*: o uso do pronome *você* é motivado tanto pela referência específica 86%, como pela genérica 100%.

Na observância dos fatores sociais, Nogueira (2013) conclui que: a) o *Sexo/gênero feminino* favorece o uso de *você* com 96,4%, o que, para a autora, reforça a ideia de que as mulheres utilizam com maior frequência a variante padrão, como ensinada pelas escolas. Mas este resultado não se encontra muito distante dos homens, que apresentaram percentual de 93,7% dos dados, gerando um efeito neutro sobre o uso destes pronomes nesta variável, no olhar de Nogueira (2013); b) a *Escolaridade* foi analisada pela autora a partir das nomenclaturas *norma culta* e *norma popular*, definidas de acordo com níveis de escolaridade (norma popular – pouca escolaridade e norma padrão - formação universitária). Seguindo este parâmetro de análise, Nogueira concluiu que, tanto nos dados relativos à fala culta, quanto nos referentes à fala popular, a prevalência é do pronome *você*, correspondendo a 95,7% e 94,2% dos dados, respectivamente.

Guimarães (2014) descreve as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *cê* e *o(a) senhor(a)* e as formas de tratamento nominais *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara* e *meu amigo* no falar popular de Fortaleza (CE). O estudo da autora foi alicerçado teoricamente pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1994; 2008 [1972]), Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). O trabalho de Guimarães (2014) tinha como objetivo analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso, pelo falante, de tais formas de tratamento, assim como avaliar se há processo de mudança em andamento na comunidade investigada.

Para realizar a pesquisa, Guimarães (2014) selecionou 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), estratificados em faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; a partir dos 50 anos) e nível de escolaridade (0 a 4 anos; 5 a

8 anos; 9 a 11 anos). Para a análise dos dados, considerou inquéritos de entrevistas do tipo D2 (Diálogo entre Dois Informantes). E como ferramenta estatística utilizou o programa computacional GoldVarb X. E a partir de 1679 ocorrências, Guimarães (2014) concluiu que as formas de tratamento mais frequentes no falar fortalezense são o *tu*, com 792 ocorrências (47,2%) e *você* com 780 realizações (46,5%). As formas *o(a) senhor(a)* com 73 dados (4,3%), *cê* com 33 realizações (2%) e *ocê* somente com 1 dado (0,1%) figuraram como formas de pouco uso. Dado interessante, observado por Guimarães (2014), é que a forma *tu* não sofre estigma pelos fortalezenses, embora não seja considerada de prestígio, tanto é que a autora demonstra que os que mais se beneficiam de seu uso são as mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados. Por outro lado, não esperava encontrar, nos dados, *o(a) senhor(a)*, pelo baixo monitoramento e pela informalidade atribuída à situação de fala analisada, mas apareceu como bastante frequente. Em relação às formas nominais, as mais usadas foram *macho*, 39%, seguida de *mulher*, 26,9%, e *rapaz*, 17%. Entre as menos usadas estão *cara* - 5,2%, *minha filha* - 4,3%, *amiga* - 3,3%, *meu amigo* - 1,5%, *menina* - 1,3%, *meu filho* - 1,1%, *meu irmão* - 0,2% e *menino* com 0,1%. Para obter os fatores relevantes a autora fez rodadas binárias entre as variantes da variável dependente.

Como resultado para as formas de tratamento pronominais, observou na primeira rodada que fez, *tu versus você*, 50,9% para *tu* e 49,10% para *você*, valor de atuação dos grupos de fatores analisados sobre *tu*, que treze, dos 17 fatores elencados, foram selecionados como os mais significativos: entonação (interrogativa 0,701); tipo de fala (observações irônicas/brincadeiras, 0,910); tipo de referente (específico 0,529); faixa etária (I - 15 a 25 anos, 0,637); sexo/gênero (feminino 0,576); grau de interação (alto grau de intimidade, 0,525); tipo de relato (fala original, 0,516); tipo de verbo (dicendi, 0,554); função sintática (sujeito, 0, 516); paralelismo formal (isolado da série, 0,514); escolaridade (9-11 anos, 0, 546); e tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo, 0, 663).

Em outra rodada, *tu versus você+cê*, Guimarães (2014) amalgamou o pronome *você* com *cê*, objetivando averiguar se haveria mudanças significativas quanto à seleção das variáveis. Nesta rodada, a qual teve como valor de aplicação a variante *tu*, 11 grupos de fatores, dos 17 considerados na pesquisa, foram selecionados. Por ordem de relevância, pelo programa, são eles: entonação do pronome (interrogativa 0,696); tipo de fala (observações irônicas/brincadeiras, 0,914); tipo de referente (específico 0,527); faixa etária (I - 15 a 25 anos, 0,640); grau de intimidade entre os interlocutores (alto grau de intimidade, 0,528); sexo/gênero (feminino 0,585); tipo de relato (fala original, 0,516); tipo de verbo (Epistêmico 0,549); função sintática (sujeito, 0, 516); paralelismo formal (isolado da série, 0,536); e tempo

verbal (pretérito imperfeito do indicativo, 0, 657). A partir da comparação destes resultados com os da rodada entre *tu x você*, Guimarães observou alterações insignificantes no comportamento das variáveis, pois tanto a ordem dos fatores como os pesos relativos se aproximaram muito entre si. E coincidentemente os mesmos grupos de fatores foram selecionados nas duas rodadas.

Em uma terceira rodada, Guimarães (2014) preferiu analisar separadamente, as variantes *cê e você*, a fim de observar se haveria diferenças entre elas no falar fortalezense e quais seriam os condicionamentos atuantes sobre a forma *cê*. Dos 13 grupos de fatores controlados na rodada, somente 03 foram considerados relevantes, nesta ordem: escolaridade (0-4 anos 0,562); grau de intimidade entre os informantes (alto grau de intimidade, 0,598); e sexo/gênero (masculino 0,603). Nesta rodada, a autora constatou que a forma *cê* é mais frequente em situação de alto grau de intimidade, não pode ser considerada uma forma de prestígio e não se pode afirmar que seja estigmatizado pelo falante fortalezense, haja vista que os informantes mais escolarizados são os favorecedores dessa redução.

Na rodada entre *o(a) senhor(a) versus você*, 9,3% *o(a) senhor(a)* e 90,7% *você*, que teve como variante base da rodada a forma *o(a) senhor(a)*, os fatores que revelaram percentual significativo, pela ordem de relevância foram: a) tipo de relato (fala reportada, 0,903); b) sexo/gênero (feminino, 0,628); c) escolaridade (0-4 anos, 0,650); d) função sintática do pronome (vocativo, 0,992); e) tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo, 0,857); f) tipo de fala (religião, 0,842); g) tipo de relação entre os interlocutores (parcialmente assimétrico, 0,762); h) faixa etária (II – 26 a 49 anos, 0,616); i) tipo de verbo (epistêmico, 0,719).

Em uma segunda parte da análise de Guimarães (2014), que se voltou para o estudo do comportamento das formas nominais em posição de vocativo, a autora fez rodadas binárias, mas somente com as formas mais frequentes: macho *versus* rapaz, mulher *versus* minha filha, cara *versus* macho e rapaz *versus* cara. E concluiu, pela submissão dos dados ao Goldvarb X, que na rodada entre:

- a) macho *versus* rapaz (valor de atuação da forma macho): a forma *macho* ocorre com maior frequência na faixa etária mais jovem de 15 a 25 anos, 0,663; em fala do tipo observações irônicas/brincadeiras, 0,728%; quando não é o primeiro da série, 0,74; em relato do tipo fala original, 0,513; nos falantes de escolaridade mais elevada, de 5 a 8 anos e 9 a 11 anos, 0,629 e 0,626, respectivamente; e quando os interlocutores possuem grau de relação parcialmente assimétrico (sexo/gênero igual e idade diferente), 0,612. Outro

ponto destacado pela autora, através dos resultados para *macho* é sua alta recorrência, o que a leva acreditar que a forma seja uma marca identitária, haja vista que um cearense reconhece o outro pelo uso desta forma de tratamento;

- b) *cara versus macho* (valor de atuação da forma macho): a autora obteve para *macho* 86,10% e para *cara* 17,90%. Os percentuais obtidos para esta variante foram observados a partir da atuação dos grupos de fatores sobre a variante *cara*. Somente três grupos foram selecionados como significantes para a ocorrência de *cara*: a) nível de escolaridade (entre 9-11 anos, 0,982); b) sexo/gênero (feminino, 0,993) e c) tipo de fala (conversa sobre trabalho, 0,898). Para Guimarães (2014), a forma *cara* não é específica do falar de Fortaleza, embora ocorra com certa frequência, assim como constitui uma das formas prediletas para se referir a homens.
- c) *macho versus rapaz*: seis fatores foram selecionados como relevantes para se compreender o uso de macho, pela ordem estão: a) faixa etária, sendo os mais jovens (15 a 25 anos) - 0,663 que a favorecem; b) tipo de fala, *cara* é mais influenciada pelas falas de observações irônicas/brincadeiras, 0,728; c) paralelismo, o não primeiro da série, 0,747, mostrou-se favorecedor; d) tipo de relato, sendo o mais influente aquele em que os interlocutores conversavam usando sua própria fala, 0,513; e) a *escolaridade*, a que mais favorece é a de 5-8 anos, 0,629; e o grau de simetria, classificado como parcialmente assimétrico foi o que favoreceu o uso de macho, 0,612.
- d) *mulher versus minha filha*: somente dois fatores foram selecionados pelo programa: *faixa etária* e *escolaridade*, como possíveis influenciadores do uso de *mulher*. No grupo faixa etária, ficou constatado que *mulher* foi bastante recorrente na fala dos mais jovens (15 a 25 anos), 0,749. Enquanto para a *escolaridade* os pesos relativos revelaram que *mulher* é favorecida pelos falantes de escolaridade média, 0,741. Guimarães observou também que o uso de *mulher* e *minha filha* só ocorreram em relações de solidariedade. Para a autora, *mulher* não é estigmatizada, pois, apesar de os falantes mais escolarizados não a favorecerem, os que possuem escolaridade mediana a beneficiam de forma muito expressiva.
- e) *rapaz versus cara*: nesta última rodada, Guimarães (2014) obteve 64,6% para rapaz e 35,4% para cara. Seu objetivo foi verificar a atuação dos grupos de

fatores sobre a forma *rapaz*. Dos 11 grupos de fatores submetidos à análise, apenas 04 foram selecionados pelo programa. Por ordem de relevância, são eles: escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e posição da forma em relação ao verbo. A autora, assim atestou que *rapaz* é uma forma favorecida pelos menos escolarizados (0-4 anos) 0,847, mais usada pelos homens 0,562, falada principalmente pelos adultos (faixa etária II – 26 a 49 anos) 0,898 e sintaticamente é uma forma nominal levemente favorecida quando encontra-se isolada em relação ao verbo 0,532.

#### 2.4.5 Região Norte

A região Norte possui quatro trabalhos que abordam o tema, um no estado do Pará – Belém – com Leal e Soares (1993), o de Martins (2010), no estado do Amazonas - município de Tefé, Babilônia e Martins (2011) sobre o falar manauara e Costa (2013) que investiga a variação dos pronomes *tu/você* no português falado em seis capitais da Região Norte do Brasil: Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC).

Martins (2010) analisou a alternância *tu/você/senhora* na cidade de Tefé-AM e tomou como base teórica a Teoria da Variação e Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (1968). O *corpus* da pesquisa foi composto de 19 entrevistas, realizadas da seguinte forma: em 15 entrevistas, os entrevistados sabiam que estavam sendo gravados; em 3 não sabiam a respeito da gravação; e em 1 entrevista (com uma mulher), parte da entrevista foi gravada ocultamente e parte gravada com o conhecimento prévio. Todas realizadas através do modelo laboviano.

Em média, foram gravados 30 minutos de interação verbal para cada entrevista, porém houve entrevistas que apresentaram mais de um informante participando da interação, completando um total de 19 entrevistas para os 30 informantes (15 homens e 15 mulheres) divididos em três faixas etárias (de 7 a 10 anos, de 20 a 35 anos e de mais de 50 anos) e com dois níveis de escolaridade (fundamental e superior). Os dados foram analisados no programa computacional VARBRUL.

Em princípio, a ideia do autor era controlar somente as manifestações de *tu*, *você* e *senhora*, porém ele obteve um alto número de *pronome zero*, então acrescentou em sua análise esse aspecto variacional das formas de segunda pessoa usadas em Tefé (AM). Obteve 1213 dados, dos quais 347 (28,6%) foram de *pronome zero* (sujeito nulo). E como o alvo primeiro



de sua pesquisa era a alternância dos pronomes *tu/você/senhor*, realizou, sem a presença do sujeito nulo<sup>26</sup>, uma análise inicial da distribuição destes por informante e observou que quase metade dos informantes (46,6%) usaram as três formas pronominais, embora o pronome *tu* tenha sido o único usado por todos os falantes (100%). E dos 30 sujeitos da pesquisa, 4 usaram somente esta forma, mas nenhum falante usou somente o pronome *você* ou o *senhor*. Assim, para Martins (2010), a comunidade tefeense apresenta um sistema ternário e a variação encontra-se presente tanto na comunidade quanto no indivíduo.

Dos 1213 dados iniciais, 806 são analisados de forma binária (*tu-você/cê*) pelo programa computacional GoldVarb X. Os resultados apresentados pelo autor indicam que o *tu* – 64,5% - apresenta-se como a forma de maior ocorrência, *você/cê* a de menor – 35,5%. E numa segunda rodada, o autor realizou uma análise ternária entre *tu/você/senhor* e verificou que o *tu* apresenta nível de significância de 60,1%, *você* – 33% e o *senhor* 6,9%, demonstrando-se pouco frequente na fala dos tefeenses. O fator *grau de intimidade* apresentou-se como significativo, na rodada do “Uso de *tu* em função do grau de intimidade dos interlocutores”: sendo a intimidade um fator favorecedor de *tu*, com peso relativo de 0,59% (frequência 80,9%). Na rodada ternária que incluía o *senhor*, o *tu* novamente surgiu como o fator mais relevante, com peso relativo de 0,51 nos relacionamentos mais íntimos, e o *senhor* com 0,17, sendo portanto desfavorecido, pela intimidade dos interlocutores. Já o pronome *você* manteve-se numa posição de neutralidade, com peso relativo de 0,33.

Em relação aos fatores sociais, o uso de *tu* e o *senhor* apareceu com maior significância na fala dos sujeitos pertencentes à faixa etária de 7-10 anos, com peso relativo de 0,58% e 0,34% respectivamente. O pronome *você* mostrou-se mais recorrente nos falantes com mais de 50 anos de idade, com peso relativo de 0,55. O autor interpreta, a partir desses dados, que está havendo uma forte mudança, não no sentido *tu-você*, como ele previa, mas no sentido de *tu-tu*, o qual está se intensificando via faixa etária mais jovem. E isso, segundo Martins (2010, p. 62), é resultante da mudanças na configuração social em Tefé, pois “as gerações mais jovens [estão] muito mais inclinadas a uma melhor aceitação de um relacionamento familiar com base na semântica de solidariedade do que as gerações anteriores”.

E para melhor compreender o comportamento das variáveis em estudo, Martins (2010) arrolou em um mesmo grupo de fatores, um fator social - o *tipo de gravação* (consciente e oculta) e um fator linguístico - *tipo de referência* (específica e genérica). E isso

---

<sup>26</sup> Para o autor, é incerto afirmar qual pronome estaria implícito nos casos de *pronome zero*, pois apenas um caso deste apresentou a desinência verbal de segunda pessoa, por isso retirou de sua análise quantitativa esse fator.

revelou que a gravação oculta favorece o uso de *tu*, apresentando peso relativo de 0,67 para a referência genérica e 0,90 para a referência específica. Mas a gravação consciente desfavorece o *tu* – peso relativo de 0,35 e favorece o *você*, com peso relativo de 0,65.

No que concerne ao uso de *tu* por gênero do falante, o trabalho de Martins (2010) apontou que o gênero feminino favorece esta forma pronominal na cidade de Tefé. E no cruzamento entre o uso de *tu* e os fatores *gênero* e *grau de intimidade*, o autor notou que os homens, nos relacionamentos interpessoais *não íntimos*, não usam com relevância significativa o *tu*, com peso relativo de 0,28, enquanto que as mulheres optam mais nesse tipo de interação pela forma *tu* com 0,55 de peso relativo. Nos relacionamentos *íntimos*, foi observado que as mulheres preferem mais o pronome *tu*, com peso relativo de 0,60 do que os homens, com nível de significância de 0,57. No cruzamento de *gênero* e *faixa etária*, os resultados mostraram também que o gênero feminino, em todas as faixas etárias, com exceção da primeira, prefere o uso de *tu*, pois na segunda faixa etária entre 20 a 55 anos, obteve frequência de 79% e na faixa etária com mais de 50 anos, a frequência foi de 60%. No que diz respeito à forma *senhor*, foi constatado que o gênero feminino favorece o uso desta forma com peso relativo de 0,41, enquanto que o masculino desfavorece, com peso relativo de 0,25.

E dos quatro grupos de fatores linguísticos que Martins (2010) submeteu ao programa VARBRUL, apenas dois foram selecionados como estatisticamente relevantes para explicar o fenômeno em estudo, o *paralelismo* e o *tipo de referência*. O grupo de fator *paralelismo*, rodado para as três variantes *tu*, *você* e o *senhor*, evidenciou que estas formas pronominais são fortemente favorecidas pela presença de um pronome precedente, idêntico a elas – *tu* precedido de *tu*, 0,74, *você* precedido de *você*, 0,69, e *senhor* precedido de *senhor*, 0,90. O fator *primeiro da série* não precedido de forma pronominal favorece o uso de *você*, com peso relativo de 0,43 e, relativamente, desfavorece o *tu* com peso relativo de 0,25 e o *senhor* com 0,26. Em uma rodada separada, o autor controlou a influência do *paralelismo* sobre o *tu* e observou que a realização deste é fortemente favorecida pela presença de um *tu* precedente a ele, com peso relativo de 0,75, enquanto que sua realização precedida por *você* é bastante desfavorecida, 0,14.

O tipo de referência (genérica e específica) foi o último fator linguístico selecionado no trabalho de Martins (2010). Os resultados, para este grupo de fatores, mostram o comportamento dos falantes em relação aos pronomes *tu* e *você*, haja vista que *senhor* tem uso quase que categórico de referência específica. De acordo com os resultados, foi notado que o *tu* é mais usado como referência específica, peso relativo de 0,55 e frequência de 64,5%, e a referência genérica favorece o pronome *você*. Isto fica ainda mais evidente através

dos resultados do cruzamento entre tipo de referência e grau de intimidade entre os interlocutores, os quais apontam para um índice maior de uso em referência genérica, de 60% de preferência para você contra 40% de uso de tu, quando os interlocutores não são íntimos.

No estado do Pará, o trabalho existente sobre as formas de referência à segunda pessoa é o de Leal e Soares (1993). As autoras controlaram três variantes - *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* e as observam em interações verbais realizadas de filhos para pais; e *tu* e *você* em interações de pais para filhos. A pesquisa das autoras objetivava verificar se havia uma possível mudança em andamento nas formas de tratamento, principalmente no que diz respeito ao tratamento que os filhos davam aos pais. Embora foque mais o tratamento atribuído no seio da família, as autoras procuraram mostrar que as diferentes formas de tratamento, *o(a) senhor(a)*, *você* e *tu*, refletem as relações de poder ou de solidariedade, que existem entre os diferentes papéis desempenhados socialmente. Para elas, quanto mais hierarquizadas estas relações, menor reciprocidade haverá no uso de *você* e *tu*. A hipótese inicial das autoras era a de que, na família belenense, estava havendo uma mudança na forma de tratamento, principalmente de filhos para pais e isso foi confirmado pelos dados obtidos na pesquisa, o que evidenciaria que as relações entre estes estariam se tornando menos desiguais.

Leal e Soares (1993) observaram que estava ocorrendo a variação *tu* versus *você* versus *o(a) senhor(a)*, acrescentando que, por muito tempo, a forma predominante era a *o(a) senhor(a)*, fato comprovado pela declaração de 75% dos informantes-pais no questionário, ao afirmarem que usavam somente esta forma ao se dirigirem aos pais. Porém, na época de realização da pesquisa pelas autoras, os dados mostraram que a forma *o(a) senhor(a)* estava em co-ocorrência significativa com a forma *tu* “enquanto 38,59% das formas usadas pelos informantes-filhos é *o(a) senhor(a)*, quase que 50% (49,13%) corresponde a *tu*.” (LEAL; SOARES, 1993, p. 52).

As autoras observaram também que a assimetria *tu* versus *o(a) senhor(a)* foi atenuada pela oposição *tu* versus *você*. Mas é interessante ressaltar que a forma *você* só foi empregada por filhos que também usam *o(a) senhor(a)*. Então, as autoras deixam uma questão a pensar, se o uso alternado de *você* e *o(a) senhor(a)* estaria indicando uma passagem para o uso exclusivo de *tu*.

E a partir da manifestação dos dados na pesquisa, elas comprovaram que estava havendo variação de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* e perceberam que, no momento atual de realização da pesquisa, a forma *o(a) senhor(a)* estava sendo menos empregada que a forma *tu*, pois 38,59% das formas usadas pelos informantes-filhos é *o(a) senhor(a)*, mas cerca de 50% (49,13%) era de uso da forma *tu*. Os dados revelaram também que o fator faixa etária e grupo

socioeconômico são de fato significativos para a análise das formas de tratamento entre pais e filhos. No que diz respeito à faixa etária, o uso de *tu* é sensivelmente predominante entre os adolescentes de 12 a 14 anos, 39,80%, e crianças de 08 a 10 anos, 61,66%. E os filhos de professores desta faixa etária usam quase que predominantemente o *tu*, 100% de ocorrências, sendo que os filhos adolescentes de professores (12 a 14 anos) tiveram nível de frequência de 90,91% e os filhos adolescentes de funcionários (08 a 10 anos), frequência de 37,50%.

No geral, o uso de *tu* predomina no grupo de professores-filhos 67,70% e funcionários-filhos 37,73%. Para Leal e Soares (1993), em termos de oposição entre *você-tu*, isto talvez signifique que existe uma maior simetria no grupo dos professores e uma maior assimetria no grupo dos funcionários. Para as autoras, o grupo de funcionários constitui-se mais conservador do que o dos professores, pois o questionário mostrou que a maioria dos funcionários e alguns de seus filhos atribuem grande importância à maneira pela qual os filhos dirigem-se a seus pais e por isso é justificada a preferência por *o(a) senhor(a)* em termos de respeito e tradição. A faixa etária mostrou considerável relevância, também, para o uso de *tu*, uma vez que as alusões ao respeito, à autoridade, à tradição são feitas tanto por funcionários quanto por professores com filhos de 12 a 14 anos e com idade superior à daqueles que possuem filhos de 8 a 10 anos.

Como Leal e Soares (1993) acreditam que a assimetria entre *tu* versus *o(a) senhor(a)* é atenuada pela oposição *tu* versus *você*, concluíram que, na família belenense, a forma *você* está mais associada à intimidade ou pelo menos ao desejo de estabelecer relações mais íntimas. Sendo assim, torna-se oportuna a realização deste trabalho, pois ele contribuirá para a ampliação dos estudos sobre o emprego das formas de referência à segunda pessoa no Pará e, conseqüentemente, na região Norte.

E uma pesquisa mais atual neste estado, sob novo enfoque de análise, poderá apontar resultados diferentes dos observados por Leal e Soares (1993), principalmente, porque este, aqui desenvolvido, abordará relações interacionais mais amplas, não restringindo-se ao seio familiar, como na pesquisa de Leal e Soares (entre pais e filhos de classe social, sexo/gênero e idades diferentes), mas a falantes com graus de relacionamento diferentes (que vão das relações mais íntimas até as não íntimas) e níveis de escolaridade também diferentes, para verificarmos se o *tu* aparece nas relações mais simétricas e íntimas.

Babilônia e Martins (2011) estudaram a alternância *tu/você* na fala manauara com a intenção de averiguar se fatores sociais, como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade condicionam esta variação em situações discursivas de elocuições formais (EF), diálogos (D2) e entrevistas (DID). Os autores utilizaram *os corpora* coligidos pelo projeto FAMAC (Projeto

Fala Manauara Culta). O procedimento teórico-metodológico do projeto delimita a população de referência, atendendo a dois critérios: i) grau de escolaridade, no mínimo, nível superior completo; ii) ter nascido em Manaus e residir nela há pelo menos 20 anos e ser preferencialmente filho de amazonenses. O *corpus* soma 40 informantes, sendo que o número real de falantes é 37, pois três informantes participaram de dois registros cada.

Como resultado, Babilônia e Martins (2011) verificaram que, estatisticamente, a forma *você* é a mais frequente, com percentual de 65%, enquanto a forma *tu*, apenas de 35%. Porém, ao considerarem somente o fator *situação discursiva* para a distribuição dos dados, o predomínio de *você* permaneceu apenas em elocuições formais 90,5% e entrevistas 94%. Apesar da diferença entre o número de homens e mulheres da amostra, houve uma quase neutralização do fator gênero, em relação ao uso do pronome *você*, pois, numa leitura vertical, o sexo/gênero masculino utilizou 49% dos casos e o feminino 51%. Com o pronome *tu*, o mesmo não se deu, pois os homens o empregaram em 40% dos casos e as mulheres em 60%. Numa leitura horizontal, os falantes do sexo masculino apresentaram frequência de 32,2% para a forma *tu*, enquanto as mulheres 40,7%. Para a forma *você*, os índices são de 68,8% entre homens e 59,3% entre mulheres. Em relação a faixas etárias controladas: 1a (20-35 anos), 2a (36-55 anos) e 3a (56 anos em diante), o pronome *tu*, nas três faixas etárias, ocorreu mais nos diálogos D2 e o *você* no DID. Para este fator, os autores não apresentaram percentual, apenas o número de dados.

Babilônia e Martins (2011) concluíram que as variáveis gênero e faixa etária não influenciam a alternância entre pronomes *tu* e *você* na fala manauara, pois a variação é determinada pelo contexto conversacional e tipos de registro. Todavia, os autores apontam a necessidade de estudos mais detalhados em relação à referenciação do pronome, em outros contextos discursivos, como em referência genérica ou específica, para observar se não houve enviesamento no resultado da pesquisa.

Costa (2013), em um trabalho mais atual sobre o paradigma pronominal na região Norte, investigou a alternância entre “tu” e “você” no português falado em seis capitais do Norte do Brasil: Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Baseado nos pressupostos da sociolinguística laboviana (2008), analisa os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na escolha de um ou outro pronome e a relação destes com as formas verbais de segunda e terceira pessoas. Como *corpus*, utilizou dados da fala de 8 (oito) informantes de cada capital do Norte: Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e de Rio Branco, totalizando 48 informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres de cada capital, por meio de entrevistas de fala espontânea, com base

nos Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). O pesquisador obteve no *corpus* um total de 727 ocorrências, 431 para o pronome *tu* e 296, o *você*. Na rodada *tu/você*, pela ordem de significância, os seguintes fatores foram selecionados:

- a) Explicitação do pronome (explícito/não explícito): o pronome *tu* foi favorecido quando o pronome encontra-se explícito, 0,73 e percentual de 81,8% e desfavorecido, quando o pronome não estava explícito e 0.31 de peso relativo e percentual 42,3%;
- b) Localidade: no fator localidade o pronome *tu* realizou-se com maior frequência em: Belém, com maior probabilidade de aplicação do que nas outras capitais, 0,61, seguida de Manaus 0,60 e Rio Branco 0,56. Enquanto que em Boa Vista 0,39, Macapá 0,38 e Porto Velho 0,29, o *tu* é desfavorecido, sendo o pronome *você* o mais usado pelos falantes dessas cidades. Porto Velho é a cidade com menor probabilidade de uso do pronome “*tu*”. A hipótese do autor era de que nas seis capitais do Norte do Brasil o pronome “*tu*” alternaria com o pronome “*você*” e isso foi confirmado.
- c) Escolaridade (ensino fundamental/ensino superior): em relação ao grau de escolaridade, o ensino fundamental mostrou-se favorecedor do pronome *tu*, peso relativo de 0.52 e percentual de 61,9% e o ensino superior, peso relativo de 0.50, apresentando neutralidade à aplicação da regra variável *tu/você*. A hipótese de Costa (2013), para este fator era de que os falantes menos escolarizados fossem os mais propícios ao uso de *tu* e os mais escolarizados, de *você*. Mas, como o notado pelos resultados, o ensino fundamental apresentou valor probabilístico, bastante próximo ao da neutralidade, do padrão de análise.
- d) Tempo verbal: Costa (2013) observou que o tempo presente favorece com maior probabilidade o uso de *tu*, peso relativo de 0.52, enquanto que o tempo passado inibe à aplicação da regra, peso relativo de 0.42.

## 2.5 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, realizamos uma abordagem mais específica sobre as formas de tratamento e os pronomes pessoais em português, objeto desta pesquisa. Enfocamos, inicialmente, os pronomes pessoais e de tratamento sob a perspectiva histórica; posteriormente, acrescentamos o ponto de vista das gramáticas normativas e descritivas.

Somado a esta abordagem, apresentamos um novo paradigma pronominal de segunda pessoa assentado no uso, salientando os traços diferenciais, a partir deste ponto de vista, ao do definido pelas gramáticas normativas. Como resultado desta explanação, que envolveu desde o percurso histórico até os estudos gramaticais descritivos, atestamos que o uso destes pronomes é condicionado pelas mudanças, no relacionamento interpessoal, ocorridas na sociedade no decorrer da história, e isto nos auxiliará, portanto, a compreendermos, na interação, o uso alternado das formas de referência à segunda pessoa, na sociedade cametaense, a partir das relações sociopessoais estabelecidas entre os falantes.

Concluimos também que as gramáticas normativas não acompanharam as transformações ocorridas na fala, haja vista apresentarem um modelo classificatório de pronomes, que exclui o uso, pelo sujeito, de tais formas em estudo. A exposição desta classificação torna-se relevante nesta pesquisa, na medida em que, nossos resultados, poderão reafirmar a necessidade de se considerar nas gramáticas, e consecutivamente nos livros didáticos, as diferentes relações sociopessoais que permeiam o uso de tais formas pronominais em análise.

Por fim, neste capítulo, mapeamos o uso pronominal de segunda pessoa no Brasil, embasando-nos em diversos trabalhos de natureza descritiva e sincrônica, pautados em diferentes perspectivas de análise. A apresentação de tais estudos neste item foi substancial, porque, primeiro, cedeu-nos orientação teórica para elaboração e ampliação das categorias de análise do fenômeno em estudo, a partir do que já se tem feito e o que deverá se fazer, enquanto análise, para observar os fatores condicionadores das formas pessoais de segunda pessoa do PB. Segundo, porque nos ajudou a depreender traços característicos do comportamento variável dos pronomes de segunda pessoa, nos diferentes dialetos do Brasil, servindo-nos de parâmetro comparativo para os resultados obtidos por esta pesquisa, os quais apontarão as semelhanças e diferenças existentes, decorrentes de fatores socioculturais e geográficos, no emprego alternado de tu/você/o(a) senhor(a). Nossa perspectiva de análise será exposta a seguir, em capítulo teórico que evidenciará a interface entre Sociolinguística e Funcionalismo.

### 3 ABORDAGEM TEÓRICA: UMA INTERFACE ENTRE TEORIAS

Este capítulo estabelecerá uma interface teórico-metodológica entre a Sociolinguística laboviana/variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006) e os princípios do Funcionalismo (GIVÓN, 1995), voltados para uma visão funcional da variação na língua, com o intuito de associar a procedência da alternância das formas de referência à segunda pessoa em estudo a motivações externas à estrutura da língua, oriundas das diferentes intenções comunicativas. Por isso apresentaremos neste, a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística quantitativa (cf. WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968) que concebe a língua como um sistema heterogêneo e postula que a variação linguística não ocorre de forma aleatória, mas o ambiente social, assim como o linguístico podem constituir fatores decisivos para tais variações, passíveis de serem descritas e os princípios teórico-metodológicos do funcionalismo (GIVÓN, 1984).

#### 3.1 A Sociolinguística Variacionista

O termo Sociolinguística como uma área de conhecimento relativo à linguística ficou conhecido somente em 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos que, posteriormente, destacaram-se no âmbito dos estudos sociolinguísticos: William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona, John Gumperz. E a Sociolinguística Variacionista, conhecida como Teoria da Variação e Mudança, surgiu a partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Tais estudiosos desenvolveram um modelo de estudo linguístico, que buscasse descrever a heterogeneidade ordenada no interior da própria língua e que se opusesse às controvérsias das teorias que viam a língua como um sistema homogêneo.

Assim, os estudos sociolinguísticos são ampliados pelos trabalhos desenvolvidos por Labov na década de 70. Na tentativa de sistematizar a variação e descobrir os padrões que a regem, o autor encontrou a solução para o dito problema através da estratificação social e avaliação social das variantes linguísticas, tanto no estudo sobre a centralização dos ditongos (ay) e (aw) na comunidade de fala da ilha de Martha's Vineyard ([1962<sup>27</sup>], 1963), no estado de Massachusetts (EUA), quanto no estudo sobre a estratificação do /r/ na cidade de Nova Iorque (1966), em lojas de departamento, sob a orientação de Weinreich.

---

<sup>27</sup> Conforme dissertação de mestrado de Labov *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts*.



Dessa forma, a Sociolinguística inova os trabalhos desenvolvidos pelas tendências linguísticas anteriores na medida em que apresenta a língua como um sistema heterogêneo, em que o falante pode lançar mão de diferentes formas linguísticas para se expressar, e a opção por uma variante, em detrimento de outra, não ocorre de forma aleatória, mas condicionada tanto por fatores de ordem social como linguísticos.

A língua, assim, passa a ser compreendida como um sistema dinâmico, em que a fala é o seu mecanismo de mudança. O objeto de estudo da sociolinguística é, portanto, a própria diversidade linguística. E assim a fala torna-se a principal fonte de riqueza e pesquisa para os estudos sociolinguísticos. A língua falada deve ser descrita, analisada e documentada em seu uso real, no seio da comunidade de fala da qual faz parte. Tal comunidade é constituída, por conseguinte, de sujeitos falantes que dominam o mesmo conjunto de regras linguísticas e interagem entre si por meio de uma teia comunicativa.

Por isso Labov (1982) critica a dicotomia saussuriana *langue/parole*, acrescentando que esses dois elementos não podem ser estudados separadamente, pois funcionam dentro de um contínuo. Conhecer perfeitamente uma língua é saber “o que”, “onde”, “quem”, “quando” e “porque falar”, assim como “quais os métodos de análise que serão empregados” num estudo de uma língua. E estudar a fala é levar em consideração o sistema em que ela está inserida, isto é, a Língua.

Esse modelo de pesquisa contrapõe-se aos estudos linguísticos que veem a língua como sendo de natureza homogênea e para os quais fatores sociais não são determinantes na configuração formal de um sistema linguístico. O ponto inovador da Teoria da Variação foi perceber justamente a grande importância da relação existente entre língua e sociedade e estudar o processo de mudança linguística em função tanto de fatores linguísticos, como das variáveis externas à língua, fatores geográficos, como procedência do informante (zona rural ou urbana), etnia, espaço físico e político (homem, tempo e espaço) e fatores sociais relacionados ao falante como sexo, idade, escolaridade, classe social etc.

Sistematizar dessa forma a variação é considerar os chamados fatores externos na análise linguística correlacionados com os fatores linguísticos. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126):

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

O ambiente social em que o sujeito falante encontra-se inserido será um fator decisivo nessa escolha, assim como as relações sociais que os falantes estabelecem entre si, como no caso das formas pronominais em estudo. Para Labov (1982), a heterogeneidade é parte íntegra da economia linguística de uma comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana.

E em cada variedade linguística existe variação, pois a língua não é um sistema lógico, mas sim natural e regular, o que implica que ela seja regida por regras variáveis. Assim, todos os fenômenos manifestados na língua podem fugir às regras ditas normalizadas pelas gramáticas, ou seja, podem apresentar variações. A variação linguística pode ocorrer dentro de uma única língua, na própria estrutura interna dos seus constituintes, ou também pode ocorrer entre línguas. Por variantes linguísticas, entendem-se diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto social e com o mesmo valor de verdade e o conjunto de variantes chama-se de variável linguística (LABOV, 1978).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) pressupõem que a variação existente na forma atual de uma dada língua (sincrônica) representa o desenvolvimento diacrônico que esta língua vem atravessando no decorrer dos tempos, tendo-se assim a coexistência de diferentes estágios de uma mesma língua num dado momento da história. É seguindo este pressuposto que nos empenhamos em analisar os fatores condicionantes do fenômeno em estudo.

O estudo sincrônico abre caminhos para a superação determinante da dicotomia saussuriana: sincronia e diacronia. Quando se realiza uma análise de um fenômeno variável, em tempo aparente, utilizando diferentes faixas etárias, verifica-se que o comportamento linguístico de cada uma dessas faixas pode ser diferenciado da outra. Assim em uma geração de jovens, de 15 a 25 anos por exemplo, pode estar havendo a introdução de formas linguísticas que progressivamente irão substituir as formas utilizadas pelos grupos de falantes mais velhos, cuja fala é representativa de estados de língua anteriores.

Um dos fatores que propiciam a ocorrência da variação em uma dada estrutura linguística é o próprio ambiente estrutural do léxico e as estruturas externas da comunidade de fala. A língua varia porque faz parte de um conjunto social vivo. E por isso constitui-se também um organismo vivo que precisa expandir-se, crescer em léxico, entrar em conflito com outras línguas, ser substituída ou substituir uma língua dominada, morrer e até mesmo ressuscitar (quando, no caso, volta a ser falada em uma dada comunidade linguística).

Para Labov (2004), a análise da variação envolve primeiro a observação da variação,

isto é, que “há duas formas alternativas de dizer a mesma coisa<sup>28</sup> e depois a “procura pelo ambiente mais recorrente em que esta variação ocorra, a fim de aplicar o princípio de contabilidade<sup>29</sup>”. (LABOV, 2004, p. 03 – tradução nossa). A definição assim de uma variável linguística requer o estabelecimento de um conjunto fechado de fatores linguísticos e não linguísticos, ao qual se aplicam os axiomas da teoria da probabilidade.

Então, a principal tarefa é encontrar e definir as variáveis independentes que serão incluídas no estudo. LABOV (2004) afirma que tais parâmetros em análises sociolinguísticas podem levar a resultados bastante interessantes acerca do fenômeno em estudo.

Por isso, neste trabalho, objetiva-se estudar a alternância das formas de referência à segunda pessoa no Português falado na zona urbana do município de Cametá sob os parâmetros da Sociolinguística variacionista, tanto para a coleta dos dados como para análise, pois se espera que tais parâmetros contribuam para o entendimento da sistematicidade que envolve esse fenômeno. Almejamos traçar os aspectos sociais que favoreçam ou não o uso de tais pronomes e descrever o processo de variação e mudança existente na língua em estudo, verificando se há estabilidade ou mudança em curso, através da observação de seu processo de implementação e encaixamento no sistema linguístico e social analisado.

### 3.2 Funcionalismo

O Funcionalismo é uma teoria que leva em consideração as relações estabelecidas entre as unidades linguísticas e as funções que estas exercem nas interações, compreendendo a gramática de uma língua como um sistema acessível e organizado de acordo com as pressões do uso. Para Neves (1997), uma gramática funcional considera a competência comunicativa do falante, isto é, a capacidade que este possui de não apenas codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Assim, o Funcionalismo constitui-se como uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que significa dizer que ele se ocupa exatamente das funções dos meios linguísticos de expressão (NEVES, 1997). Logo, a língua é um “sistema funcional” (FONTAINE, 1978), orientada sempre para um determinado fim. É consequentemente um sistema de meios de expressão adequados a um dado objetivo, isto é,

---

<sup>28</sup> No original: “That there are two alternative ways of saying the same thing”.

<sup>29</sup> No original: “variation searches for the largest environment in which this variation occurs, in order to apply the *principle of accountability*.”

uma intenção comunicativa.

Mas há, no âmbito dos estudos linguísticos, várias propostas funcionalistas, oriundas dos diversos grupos que se tem organizado acerca de análises de cunho funcionalista que levam em consideração a relação entre forma e função da língua. Mas aqui, neste trabalho, o termo “funcionalismo” será compreendido como aquele que concebe a língua como instrumento de comunicação e interação social entre os seres humanos, e essa língua como tal não pode ser “analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”. (CUNHA, OLIVEIRA; MARTELLOTA, 2003, p. 20).

Essa compreensão da gramática baseia-se nos princípios teóricos de Givón (1995), que acredita que fatores discursivos, sociais, culturais, cognitivos, históricos, comunicativos, mudança e variação podem influenciar na forma de se codificar a informação gramatical. Portanto, é a situação comunicativa na qual o falante está inserido que condiciona, restringe, explica, e até mesmo determina a estrutura gramatical. Então se a língua varia é porque os inúmeros fatores que influenciam o seu uso variam também, pois, para cumprir propósitos mais gerais, de que nem sempre se tem consciência, o sistema linguístico tem natureza adaptativa, pois é sensível às pressões do uso (GIVÓN, 2001). É a gramática moldando o discurso e este moldando a gramática.

E é por esse viés de análise que as contribuições teóricas do funcionalismo serão consideradas neste trabalho. Na medida em que também se olhará para fora do sistema linguístico, buscando explicações comunicativo-funcionais que possam justificar o uso alternado das formas de referência à segunda pessoa na comunidade em estudo. Para Givón (1995), a gramática está emergindo e mudando dentro do próprio discurso e sob a influência dos seus elementos contextuais. No dizer de Reis (2003, p. 76),

É neste processo comunicativo, pois, que a língua é adquirida e a gramática emerge e muda. A forma ajusta-se, criativamente e estimulada pelo contexto, para novas funções e novos significados. A variação e a indeterminação são partes necessárias para o mecanismo que modela e remodela a competência. Assim, o uso de uma ou de outra forma variante se daria segundo o modo como o falante precisa apresentar a informação para o seu ouvinte, levando em conta, principalmente a natureza da situação comunicativa. Além disso, essa abordagem funcionalista, a partir de funções cognitivo-comunicativas de significação lexical e semântico-proposicional, abre portas também à incorporação de hipóteses funcionalistas como extensão da análise variacionista a fenômenos discursivos.

E se a gramática surge em função do uso, para o modelo funcionalista, ela sempre estará oscilante, nunca estabilizada, já que as intenções comunicativas sempre serão diversas. Logo a língua receberá sempre motivações diferentes, tendo, portanto a *forma* atualizações

constantes em decorrência da *função* dada a ela pelo falante. Por isso que linguistas, segundo Cunha, Oliveira e Martellota (2003), como Hopper (1991) e Givón (1995), passaram a defender uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, partindo da *função* para buscar compreender a *forma* no ato comunicativo e não depreender a *forma* para em seguida procurar explicações das diferentes funções que esta possa exercer.

Givón (1995) estabelece um conjunto de premissas, contextualmente definidas, para caracterizar a visão funcionalista da linguagem, tais como: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas ou comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, e sim motivada, icônica; a mudança e variação estão sempre presentes na língua; o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias gramaticais não são formadas pelas relações discretas de suas unidades, mas sim escalares, gradativas e relativamente contextuais; a estrutura é maleável e não-rígida; as gramáticas são emergentes; as regras da gramática permitem algumas exceções/vazamentos.

Tais pressupostos pautam dois princípios básicos defendidos pelo Funcionalismo givoniano, o *princípio de iconicidade* e o *princípio de marcação*. Iconicidade ou motivação funcional refere-se à correlação transparente entre forma e função, isto é, a estrutura que a língua manifesta na superfície reflete as funções semânticas e pragmáticas que a ela correspondem, assim como a forma gramatical correlaciona-se com a função semântica ou pragmática em uma maneira não-arbitrária (“icônica”).

Este princípio givoniano concebe que a forma linguística (expressão), explicitada em uma dada proposição, seja reflexo da intenção comunicativa (conteúdo/significado) de quem a produz, o que conseqüentemente impulsiona as escolhas lexicais e gramaticais realizadas pelo falante. Porém, para Givón (1995), esse princípio não deve ser concebido de forma idealizada em uma correlação biunívoca de um para um entre forma e significado (interpretação semântico-pragmática) e sim deve-se esperar um viés sistemático no código linguístico em direção a uma conversão de um para muitos da forma ao significado, e de muitos para um do significado para a forma. No caso de uma única forma para muitos significados, o autor exemplifica com ambigüidade e polissemia (uma forma – sintática ou lexical - adquire mais de uma função) que são cada vez mais recorrentes na gramática de uma língua. Quanto a um significado ser representado por diferentes formas, considera-se variação linguística.

O princípio de iconicidade é uma crítica de Givón (1995) a um dos três dogmas<sup>30</sup> centrais de Saussure, a doutrina da *arbitrariedade* do signo linguístico. Givón entende que o sistema comunicativo de uma língua é orientado iconicamente pelo sistema de representação cognitiva. A este princípio, Givón (2001) estabelece três subprincípios: princípio da quantidade, princípio da proximidade ou adjacência e o princípio da ordenação linear. Tais princípios constroem a gramática, segundo o autor, e, correlacionam-se às estruturas convencionais da língua.

O *subprincípio da quantidade* concebe a ideia de que há uma relação proporcional entre a quantidade de informações expressas em um texto e o tamanho que este adquirirá. O *subprincípio da proximidade* prediz que a ordenação do conteúdo proposicional na sentença considerando a relação espaço-temporal é iconicamente motivado pela proximidade cognitiva dos conteúdos. O subprincípio da *ordenação linear* refere-se à organização da informação na cadeia predicativa de uma oração de acordo com o grau de importância e a ordem de temporalidade dos fatos ou estado de coisas descritos.

A marcação refere-se à relação proporcional existente entre a noção de complexidade estrutural e complexidade cognitiva. O princípio de marcação, de acordo com Givón (1991), é contextualmente definido, assim, se em um dado contexto houver certas categorias de maior exigência cognitiva, a estrutura linguística de manifestação da proposição tenderá a ser estruturalmente mais complexa, isto é, marcada. Este princípio de marcação deriva da ideia de que as formas marcadas na língua são estruturalmente mais complexas do que as não-marcadas, que são mais usuais, corriqueiras e sem alto grau de complexidade e novidade para o discurso.

Segundo Givón (1990, p. 947) são três os critérios utilizados na distinção entre categoria marcada/não-marcada, desmembrados nos subprincípios: a) a complexidade estrutural prevê que a estrutura marcada tende a ser mais complexa, ou mais elaborada, que a não marcada; b) a distribuição de frequência<sup>31</sup> preconiza que a categoria marcada é menos frequente que a não-marcada; c) a complexidade cognitiva refere-se ao fato de que a categoria marcada atua em contextos cognitivos mais complexos, por isso requer e exige também maior atenção e tempo de processamento, conseqüentemente requer um maior esforço mental

<sup>30</sup> O segundo dogma de Saussure refere-se à idealização associada à distinção fiel entre *langue* e *parole*, que para Givón (1995) pode ser vista como uma manobra puramente metodológica. O terceiro dogma de Saussure refere-se a uma estrita separação entre a descrição diacrônica e sincrônica da língua.

<sup>31</sup> No projeto biológico em geral e na neurologia em particular, o equilíbrio entre o processamento automatizado e assistido está fortemente enviesado em termos de frequência. Informação recorrente, frequente e previsível é eventualmente processada pelos canais automáticos e modulares, que são relativamente livres de contexto. Informações menos frequentes e menos previsíveis são processadas através dos canais mais conscientes e assistidos, que podem procurar relevância contextual. (GIVÓN, 1995, p.13).

para sua apreensão.

### 3.3 O sociofuncionalismo

No Brasil, a interface teórico-metodológica entre a Sociolinguística Laboviana e o Funcionalismo vem recebendo a denominação de *Sociofuncionalismo*. Esta vertente de análise da língua, por sua vez, não constitui uma teoria, mas uma nova abordagem, voltada para os aspectos discursivos da variação.

Segundo May (2009), embora haja pontos conflitantes entre estes dois postulados teóricos – funcionalismo e sociolinguística – tal aproximação torna-se necessária, na medida em que uma perspectiva pode ampliar “os horizontes da outra, fazendo surgir uma terceira proposta, mais ampla, que nos oferece ainda mais ferramentas para que cerquemos nosso objeto satisfatoriamente.” (MAY, 2009, p. 70). Seria, portanto, injusto considerar que o estudo somente pelo viés da sociolinguística ou do funcionalismo não fosse capaz de abarcar a complexidade do objeto estudado, mas sim que o casamento desses dois estudos com pontos de vista ora convergentes ora divergentes só tem a enriquecer a análise do estudo pretendido.

E apesar da existência de princípios teóricos divergentes entre a Sociolinguística variacionista e o Funcionalismo, no que diz respeito não só a definição do objeto de investigação científica (regras (in)variáveis *versus* motivações funcionais), mas ao método de análise, é possível a realização de pesquisas linguísticas que correlacionam e convergem essas duas abordagens de análise da linguagem no estudo de um determinado fenômeno linguístico, como será o caso da pesquisa aqui desenvolvida sobre as formas de referência à segunda pessoa. Porém, Tavares (2003) alerta que, em virtude de características comuns e divergentes destas vertentes linguísticas, todo diálogo que houver entre elas deverá ser pautado na diferença.

Segundo Tavares (2003), tanto o Funcionalismo quanto a Sociolinguística tem como escopo de análise a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; o *corpus* de estudo é constituído por situações reais de comunicação entre falantes que interagem entre si; a *mudança* linguística é vista como um processo contínuo e gradual, difundido ao longo do âmbito linguístico e do social, com alterações contínuas em termos de frequência; a *língua* é analisada a partir da complementariedade entre dados sincrônicos e diacrônicos; e “a maioria das inovações é passageira. Apenas algumas são repetidamente reutilizadas e, caso aceitas pela comunidade de fala, podem ser cada vez mais difundidas”. (TAVARES, 2003, p. 17-18).

No que diz respeito às diferenças existentes na forma de compreender o objeto analisado, Tavares (2003) aponta alguns aspectos dessemelhantes entre essas duas abordagens como: no funcionalismo, os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos são compreendidos como discursivos, uma vez que só ganham existência no discurso proferido; na sociolinguística, não há uma atribuição notória aos elementos constitutivos do discurso e/ou pragmáticos no escopo da análise.

Tanto no funcionalismo como na sociolinguística a *frequência* das ocorrências é um fator importante para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Porém, para o funcionalismo, ela indica o estabelecimento e a manutenção da gramática, enquanto que, nos estudos sociolinguísticos, há uma necessidade de recorrência das formas para a análise e comparação através do instrumental estatístico. Quanto à relação *entre os fenômenos linguísticos e a sociedade* que usa a língua, no funcionalismo, de acordo com Tavares (2003, p. 117),

(a) a mudança espalha-se de forma gradual ao longo do espectro social; (b) costuma haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso; (c) forças sociais atuam no surgimento de inovações e em sua disseminação sociolinguística. Inspiração na sociolinguística variacionista para os itens (a) e (b), empregando seus conceitos e mesmo termos. Ampliação dos preceitos da sociolinguística no item (c).

A Sociolinguística comunga das mesmas concepções do funcionalismo quanto aos itens (a) e (b), dispostos acima, pois ela foi a vertente da Linguística, pioneira nos estudos dos aspectos sociais dos fenômenos de variação e mudança, principalmente em incorporar restrições sociais às regras variáveis (cf. TAVARES, 2003). A seguir, apresentaremos um quadro sintético (cf. TAVARES, 2003) que resume os principais pontos díspares entre o casamento do funcionalismo com a Sociolinguística, com o objetivo de atentar-se para os aspectos teórico-metodológicos mais peculiares de cada vertente teórica, como também lançar um olhar mais detalhado para os pontos conceituais, em que tais diferenças chegam a estreitar-se pelas opções metodológicas e em outros momentos alargarem-se cada vez mais.



**Quadro 4 - Síntese das características divergentes entre funcionalismo e sociolinguística (cf. TAVARES, 2003, p. 117-120).**

FUNCIONALISMO	SOCIOLINGUÍSTICA
✓ O termo <i>mudança</i> envolve o surgimento das inovações e difusão social destas;	✓ O termo <i>mudança</i> refere-se à difusão social das inovações e analisa o grau de difusão através das distribuições sociais dos elementos linguísticos;
✓ Os <i>mecanismos de mudança</i> envolvem a reanálise, analogia, metáfora, metonímia, dentre outros;	✓ Não destaca mecanismos de mudança;
✓ As camadas de um domínio possuem a mesma <i>função</i> ;	✓ As Variantes de uma variável possuem o mesmo <i>significado referencial</i> ;
✓ A variação é decorrente da mudança;	✓ A mudança decorre da variação;
✓ As especializações das camadas de um domínio são manifestadas através de preferências de uso, condicionadas por contextos sociolinguísticos;	✓ Análise do condicionamento de grupos de fatores linguísticos e sociais sobre o uso das variantes; o que revela o quadro de distribuição de cada uma delas quanto aos contextos sociolinguísticos. Detém-se com mais rigor na investigação dos contextos prediletos de cada variante, buscando detalhar a ação combinada dos diversos fatores sobre cada situação de uso;
✓ As situações de estratificação tendem a ser solucionadas com o passar do tempo. Uma situação em que uma função gramatical é expressa por duas ou mais formas linguísticas tende a mudar para uma em que a função é expressa por apenas uma forma;	✓ Situações de variação tendem a ser solucionadas com o passar do tempo, do que deriva que as regras variáveis tendem a se tornar categóricas;
✓ Soluções possíveis para situações de estratificação: (a) especialização por generalização; (b) especialização por especificação;	✓ Soluções possíveis para situações de variação: (a) uma variante prepondera sobre as demais; (b) as variantes assumem papéis diferentes;
✓ Tratamento empírico dos dados, com quantificação estatística. Vale-se de frequências. Não possui instrumental estatístico específico;	✓ Tratamento empírico dos dados, com quantificação estatística. Vale-se de frequências e pesos relativos;
✓ Dados coletados em diferentes corpora (conversa, jornais, revistas etc.). A postura mais defendida é o emprego de dados provindos de fontes diversas;	✓ Dados coletados preferencialmente em entrevistas sociolinguísticas, para a obtenção de um grande número de ocorrências, difíceis de serem extraídas da fala cotidiana, mas necessárias para a aplicação do

	instrumental estatístico;
✓ A função a que serve a gramática é prioritária e determinante de seu uso pelos falantes. A gramática é um processo em andamento, sempre emergindo rumo a sua constituição, mas nunca chegando a constituir-se de fato, pois sofre constantes alterações por conta das características do manancial de onde deriva e onde existe: seu uso por falantes;	✓ A prioridade é a estrutura. A língua - e, por tabela, a gramática - é tida como um sistema regido por regras (in)variáveis;
✓ Não destaca regras formais. Focaliza relações de diferentes graus entre funções e formas. Cabe ao estudioso buscar estratégias recorrentes de organização do discurso, mapeando, dessa forma, as regularidades;	✓ Destaque para regras formais abstratas, que descrevem formalmente a inter-relação sistemática entre os condicionamentos internos e externos à língua;
✓ As estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais).	✓ As motivações consideradas relevantes são as estruturais e as sociais. A função não exerce motivação significativa sobre a constituição da estrutura ou sobre a variação e a mudança.

FONTE: Adaptado de Tavares (2003).

Correlacionando os pontos em comum e os pontos divergentes entre as duas propostas expostas acima, obtém-se um novo campo de estudo, convergido dos princípios variacionistas e funcionalistas, sob o codinome de *Sociofuncionalismo*. Esta nova área é guiada pelos parâmetros de estudo linguísticos mais aprofundados e desenvolvidos tanto da sociolinguística como do funcionalismo. Há momentos em que a conversa na diferença entre estas vertentes linguísticas é mais consensual na convergência para o Sociofuncionalismo, como no trabalho voltado para a língua em uso, na análise de trechos reais de conversação entre sujeitos, na percepção da mudança como um ciclo ininterrupto e progressivo e na observação dos dados tanto no eixo sincrônico como diacrônico (adotando principalmente, do paradigma funcionalista, a observância do processo de gramaticalização em andamento, através das faixas etárias).

Há outros momentos em que o nível consensual do diálogo vai diminuindo, mas sem impedir, é claro, a existência deste. No caso, por exemplo de análise das variáveis estruturais da língua (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas), o Sociofuncionalismo adota o

contexto discursivo de suas realizações, para melhor compreender as motivações da variação e analisa a frequência de uso das ocorrências dessas variáveis como um fator fortalecedor para o estabelecimento e manutenção da gramática da língua, como também para averiguar os estágios de gramaticalização, princípios estes, todos advindos do Funcionalismo.

E para investigar com maior profundidade a relação entre língua e sociedade, o Sociofuncionalismo baseia-se nos estudos pioneiros da teoria da variação na associação de fatores sociais a regras variáveis, como também no tratamento empírico dos dados a partir de análise quantitativa operada sobre o valor estatístico de frequências e pesos relativos. Tais mecanismos são utilizados com o intuito de verificar os rumos da mudança na língua.

Porém, nem sempre o encontro entre os pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo e Sociolinguística se adequam, segundo Tavares (2003), como componentes de um quebra-cabeças, pois o Funcionalismo e a Sociolinguística possuem foco bem diferenciado no que diz respeito ao objeto central de estudo sobre a língua. Assim no Funcionalismo a prioridade é o estudo da função, ao investigar relações de “diversos graus entre funções e formas no processo de re-sistematização constante da língua e ao considerar motivações funcionais (e também estruturais) como subjacentes à organização da gramática” (TAVARES, 2003, p. 122), isto é, ao processo de variação e mudança linguística. Por outro lado, a Sociolinguística variacionista define como

objeto central a estrutura linguística, buscando estipular regras estruturais variáveis que incorporam os condicionamentos linguísticos e sociais que influem na seleção das formas variantes e considerando motivações estruturais e sociais como subjacentes à organização da gramática, à variação e à mudança. (TAVARES, 2003, p. 122).

Convém aqui ressaltar o que Pires (1999) argumentou, ao referir-se a este casamento realizado na linguística: “o conhecimento se constrói na conversa na diferença, sem que com isto seja necessário supor um mesmo projeto em comum” (PIRES, 1999, p. 314). Poderíamos dizer que as diferenças existentes entre esses dois pontos de vista não eliminam a possibilidade de um diálogo pacífico e produtivo para a análise do objeto em estudo, assim como contribuições científicas significativas na área investigada poderão ser dadas. Para Paiva (1998), essa agregação da ferramenta quantitativa variacionista a uma visão de língua como instrumento de interação permite

incorporar na análise de fenômenos gramaticais nuances semânticas das variantes e o pressuposto de que a forma linguística sofre restrições impostas pela necessidade de adequação discursiva e pragmática. Faz ressaltar, assim, a importância de aspectos textuais (como distribuição de informação), interacionais e cognitivos (como iconicidade) na distribuição das formas linguísticas. Depreende-se, dessa

forma, o que para muitos críticos do variacionismo constitui a condição essencial de existência do sistema linguístico: a distintividade entre as formas. Se uma forma está disponível no sistema linguístico, ela só garante a sua sobrevivência sob a condição de dizer algo que não pode ser dito por uma outra. (PAIVA, 1998, 91-92).

Sendo assim, é possível postular a existência de variações entre as formas de tratamento do Português Brasileiro e, ao mesmo tempo, observar as restrições funcionais de alternância entre elas, pois embora constituam formas diferentes, na fala, para a referência ao mesmo estado de coisas, esta alternância entre as formas pode representar tarefas comunicativas distintas, intenções diferenciadas e práticas linguísticas diferenciadas. É por isso que, para Givón (1993), tais formas em variação estariam a serviço da forma como o falante, dependendo de sua intenção comunicativa, organiza a informação para o seu ouvinte, levando em conta o tipo de situação comunicativa, cujos pólos extremos e opostos são representados pela “formalidade e informalidade” dessa situação (cf. GIVÓN, 1993, p. 264).

Porém, não é recente a percepção de que fatores semânticos, discursivos e pragmáticos podem motivar a escolha entre uma ou outra forma linguística disponível na gramática do falante, para dizer ou representar o mesmo estado de coisas. Lavandera (1977) em crítica à postura teórico-metodológica de Labov (1972), sobre a pergunta norteadora dos estudos sociolinguísticos labovianos, *por que alguém diz algo*, argumenta que tal pergunta poderia ser interpretada como um “para quê<sup>32</sup>?”, isto é, “para quê alguém diz algo<sup>33</sup>?” (LAVANDERA, 1977, p. 171) e desta forma situaria a pesquisa sociolinguística dentro de um marco funcionalista, o que segundo a autora contribuiria para melhor se captar os tipos de informações que as diferentes formas linguísticas podem comunicar.

Por isso, para Lavandera, expandir o conceito de regra variável a níveis de análises morfológicas e sintáticas, utilizando os mesmos métodos desenvolvidos na variação fonológica, como feito em Labov e Weiner (1977) no tratamento de diferentes construções sintáticas do inglês (ativa e passiva), tratadas com equivalência semântica, como em um par de postulados sinônimos “*o armário de bebidas foi arrombado*<sup>34</sup> versus *eles arrombaram o armário de bebidas*<sup>35</sup>” limita significativamente a noção de significado referencial. Para a autora, na Fonologia, seria mais convincente aplicar o conceito de regra variável proposto por Labov, como sendo duas formas referencialmente existentes para designar a mesma coisa, do que quando tal forma de análise expande-se, por exemplo, para a sintaxe, como nos exemplos acima citados.

<sup>32</sup> No original: “what for”

<sup>33</sup> No original: “what does anyone say anything for?”

<sup>34</sup> No original: “the liquor closet got broken into”.

<sup>35</sup> No original: “They broke into the liquor closet”.

Por isso, Lavandera (1978, p. 174) questiona o conceito, proposto por Labov (1972), para *variantes de uma variável linguística*, pois para o autor “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de maneiras diferentes”, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. Contrapondo-se a este conceito, Lavandera (1978), argumenta que Labov (1972) não opera as devidas modificações teóricas ao modelo, quando aplica a mesma concepção de variante, empregada aos estudos fonológicos, no campo da variação sintática.

Quero mostrar que é inadequado para o estado atual da investigação sociolinguística estender a outros níveis de análise de variação a noção de variável sociolinguística originalmente desenvolvida com base em dados fonológicos. Os estudos quantitativos de variação que lidam com alternância morfológica, sintática e lexical sofrem com a falta de uma teoria articulada de significados<sup>36</sup>. (LAVANDERA, 1978, p. 171- tradução nossa).

A crítica desenvolvida por Lavandera (1978) direciona-se ao fato de que é impossível, no campo da sintaxe, manter o conceito de variável sociolinguística como duas formas estruturalmente diferentes e opcionalmente disponíveis, significarem a mesma coisa, em um mesmo contexto comunicativo, pois em unidades morfológicas e sintáticas não há a manutenção do mesmo referente, haja vista que tais categorias gramaticais, já carregam por definição um significado referencial, diferente do ocorrido com os fonemas, que carregam consigo uma referência constante, conforme a autora. Esse é o caso deste trabalho que aborda sobre as formas de referência à segunda no PB, *tu você* e *o(a) senhor(a)*. Embora convenha esclarecer aqui que acreditamos que podemos lidar sim com variáveis morfológicas, seguindo o conceito laboviano, porém a análise destas críticas torna-se pertinente nesta tese, para compreendermos melhor o crescimento da proposta variacionista laboviana.

Por isso, Lavandera (1978) afirma que “estamos perdendo em estender de modo abrangente o conceito de variável para “cada vez que o falante possui várias opções<sup>37</sup>”, pois não se deve abandonar na análise sociolinguística, o significado referencial das formas em alternância. (LAVANDERA, 1978, p. 173 – *grifos nosso*).

Não considerar as diferenças de significado entre as formas alternantes de fato caracteriza uma das polêmicas levantadas por Lavandera (1978), pois as variáveis fonológicas sinalizam significação estilística e social e não necessitam ter significado referencial,

<sup>36</sup> No original: “I want to show that it is inadequate at the current state of sociolinguistic research to extend to other *levels of* analysis of variation the notion of sociolinguistic variable originally developed on the basis of phonological data. The quantitative studies of variation which deal with morphological, syntactic, and lexical alternation suffer from the lack of an articulated theory of meanings.” (LAVANDERA, 1978, p. 171).

<sup>37</sup> No original: “I think we are losing in extending so comprehensively the concept of variable to “whenever the speaker has to option”.

enquanto que as variáveis não fonológicas se definem de tal modo que quando tem significado social e estilístico, possuem também significado referencial, o que para a teoria da variação “é considerado o mesmo para todas variantes<sup>38</sup>” (LAVANDERA, 1977, p. 176). Esta posição teórico-metodológica, segundo Lavandera (1977), descartaria todas as nuances de possíveis significados referenciais existentes entre tais formas, e necessitaria-se então da existência de uma teoria referencial, isto é, do significado, para ancorar tais análises. O que Lavandera (1978) questiona é se

esse fundamento de clara equivalência semântica pode ser *abandonado* para se realizar o mesmo tipo de estudo de variação com unidades sintáticas e morfológicas para os quais é necessário *ser comprovado* que significam "a mesma coisa" para serem tratados como evidência da variabilidade, e, além disso, *se a equivalência semântica deve de fato ser uma exigência*<sup>39</sup>. (LAVANDERA, 1978, p. 175 – *grifos do autor* – tradução nossa).

Para a autora, além da interferência de fatores sociais e estilísticos na escolha entre diferentes formas em alternância, tais formas linguísticas explicitam também uma motivação funcional do falante, coordenadas pelos seus propósitos comunicativos. Porém em resposta a todas estas críticas tecidas por Lavandera (1977), Labov (1978) reconceitou as variantes de uma variável linguística, como sendo representadas pelo mesmo “estados de coisas” (LABOV, 1978, p. 7), foi o que Bühler (1934), citado por Lavandera, chamou de “significado representacional”. Segundo Labov (1978) “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade” (LABOV, 1978, p. 7). É nesse ponto que se torna perceptível a inserção dos instrumentos e aparato teórico-metodológico da sociolinguística laboviana para além do nível fonológico da língua e admite-se a inserção de fatores pragmático-discursivos nas análises quantitativas variacionistas.

Labov (1978), ao reconhecer que uma variável pode ser constituída também por formas alternantes que não apenas indicam na língua o mesmo significado literal em todos os contextos interacionais comunicativos, mas apenas o mesmo ‘estado de coisas’, mesmo que as formas apresentem aspectos semânticos, pragmáticos interacionais distintos ou semelhantes na fala, se ainda assim convergirem para o mesmo referencial ou estado de coisas, isto é, a mesma função comunicativa (não necessariamente o mesmo significado), podem-se tornar formas variantes de uma mesma variável.

Para Labov (1978), uma análise de regra variável não é apresentada como uma

<sup>38</sup> No original: “referential meaning is held to be the same for all variants”.

<sup>39</sup> No original: “What I will be questioning is whether that ground of clear semantic equivalence can be abandoned to carry out the same kind of study of variation for syntactic or morphological units which have to be proven to mean 'the same' to be treated as evidence of variability, and furthermore, whether semantic equivalence must in fact be a requirement at all”.

descrição da gramática, mas um dispositivo para descobrir sobre a gramática. Então, é claro que alguns resultados suportaram o modelo inicial de pesquisa e análise e outros desacreditaram. Segundo o autor, Lavandera (1978) estaria correta em dizer que o resultado de uma análise da variação sintática em si não é um achado interpretável. É a explicação das restrições variáveis que levam a conclusões sobre a forma da gramática.

Portanto, a partir deste estudo empreendido por Labov (1978) em resposta a Lavandera (1978) tornou-se possível, dentro do enfoque sociolinguístico, incluir novos pontos de vista para a análise do fenômeno em variação, como o enfoque discursivo e estilístico e é por esse motivo que as contribuições dos estudos funcionalistas tornam-se benquistas e relevantes para as análises quantitativas. Estudo esse hoje conhecido no âmbito dos estudos linguísticos como *sociofuncionalismo*.

### **3.4 Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, foram apresentadas as abordagens teóricas que fundamentaram este estudo. Apresentamos, inicialmente, a proposta da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1968), que subsidiou, teórica e metodologicamente, o desenvolvimento deste trabalho. Tratamos da relação entre língua e sociedade, envolvendo o processo de mudança linguística em função dos fatores controlados nesta pesquisa, linguísticos e extralinguísticos - sexo, idade, escolaridade e relação interpessoal.

Adjunto à proposta da Sociolinguística Variacionista, apresentamos concepções do Funcionalismo, focando-nos na vertente norte-americana de Givón (1995), já que analisamos os dados, também, à luz do princípio de marcação, considerando-se distribuição de frequência, complexidade estrutural e complexidade cognitiva.

Finalizamos o capítulo demonstrando a comunhão destes dois referenciais teórico-metodológicos, denominada de *Sociofuncionalismo*, por considerarem, dentre outros aspectos, propósitos do informante e situação comunicativa nas análises. Tornaram-se relevantes as discussões empreendidas neste capítulo, por meio de ambas as vertentes teóricas, para o desvelamento dos caminhos linguísticos e sociais da variável analisada.

A apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, em diálogo com a vertente teórica do Funcionalismo americano, faz-se fundamental nesta pesquisa, visto que estamos analisando uma regra variável baseada no uso da língua e as implicações gramaticais que sofre, oriundas não somente de fatores estruturais, mas também sociais e pragmático-discursivos, a partir de uma amostra de dados de fala

representativa da comunidade linguística analisada. A aproximação, nesse trabalho, de tais posicionamentos teóricos, que tomam a variabilidade como um fenômeno inerente à língua, nos permitirá analisar as formas de referência à segunda pessoa, tanto pelo viés interno quanto externo à estrutura da língua.



## 4 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA DA LINGUAGEM: A DIMENSÃO DO ESTILO NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O estudo da língua focalizando a variação social em comunidades de fala já é bastante recorrente. Sob controle estão variáveis sociais como gênero/sexo, idade, escolaridade, classe social e a variável geográfica, como procedência do falante, objetos de investigação amplamente frutíferos no escopo dos trabalhos da sociolinguística Variacionista. Porém, estudos que considerem a variedade de estilos na fala são ainda pouco expressivos em trabalhos empíricos desenvolvidos sobre a intervenção do contexto social na variação linguística, então a importância de se considerar, nesta tese, a variação estilística da linguagem resulta do fato de acreditarmos que as formas alternantes de referência à segunda pessoa (tu, você o(a) senhor(a)) podem ser reflexo dos diferentes padrões estabelecidos pelas relações interpessoais e regras sociais estabelecidas durante as interações verbais. Eis que, neste capítulo, abordaremos três estudos significativos, que embora focalizem a variação estilística sob perspectivas diferentes, são complementares, no sentido de que, juntos, contribuirão para olharmos sob diferentes aspectos as motivações da alternância de estilo, pelo falante: Bell (1984), Labov (2001) e Corvalán (2001), que poderão contribuir para compreendermos como os diferentes estilos se relacionam com a alternância dos pronomes estudados neste trabalho.

### 4.1 A variação estilística da linguagem

De acordo com Labov (2001), já houve estudos de comunidade de fala que abrangeram a variação estilística, porém sob abordagens diferentes do proposto pelo autor, como o de Anshen (1969), por exemplo, que explorou as diferenças entre os entrevistadores, e os de Gumperz (1964), Labov (*et al.* 1968), Douglas-Cowie (1978), Labov e Harris (1986) que analisaram a interação verbal em um grupo de falante. Contudo o estudo “direto de mudança de estilo em grupos sociais tem sido um empreendimento auxiliar, projetado para lançar luz sobre as principais conclusões do padrão da comunidade<sup>40</sup>” (LABOV, 2001, p. 86 – tradução nossa) e não sobre a interferência do contexto de fala na escolha das formas linguísticas.

Isso foi observado também em trabalhos como o de Kenyon (1948), que estudou a

---

<sup>40</sup> No original: “direct study of style-shifting in social groups has been an auxiliary undertaking, designed to throw light on the main findings of the community pattern.”

*Simetria Social e Estilística*. Neste estudo, o autor observou que os níveis culturais são distintos das variedades funcionais - coloquial, familiar, formal, científica, linguagem literária - e por isso “não dependem do status cultural de seus falantes [pois podem] ocorrer no nível cultural alto ou baixo, de acordo com o status social do escritor ou do falante e algumas vezes do leitor ou da audiência.” (KENYON, 1948, p. 31). Assim para uma variável sociolinguística estável, a estratificação regular é encontrada para cada estilo contextual em contrapartida, os grupos sociais alternam a sua fala ao longo de uma mesma dimensão estilística e na mesma direção, com irregulares inclinações de mudança de estilo.

Na elaboração do *Princípio de Bell* (1984) e Preston (1989), verificou-se, também, segundo Labov (2001), que o alcance da estratificação social era bem mais significativo do que o da estratificação estilística, de modo que se pode inferir que os falantes derivam seus parâmetros estilísticos de observações das diferenças sociais no uso da linguagem. Em uma relação comparativa tecida por Bell (1984) entre a variação estilística e social, o autor teoriza que, quantitativamente, “o grau de variação de estilo nunca excede o grau de variação social. Ou seja, o intervalo de mudança de estilo é menor do que o intervalo de diferenciação social disponível<sup>41</sup>.” (BELL, 1984, p. 152 - tradução nossa).

Em Labov (1966b), que analisou *O Padrão de Cruzamento*, ficou comprovado que o segundo grupo de status social mais elevado normalmente mostrará uma maior inclinação de mudança estilística do que outros. E quando a mudança linguística encontrar-se em progresso, a estratificação social poderá ser revertida para os estilos mais extremos (formal, informal). Esta relação, de acordo com Labov (2001), aplica-se para ambos os eixos socioeconômico e de gênero/sexo.

Nos estudos de Poplack (1978) e Labov (1963), que analisaram a *Reinterpretação Estilística*, ficou constatado que grupos de falantes que estão em contato com a comunidade, mas ainda são excluídos de seus principais direitos e privilégios, muitas vezes, participam na utilização de variáveis linguísticas com padrões estilísticos alterados. Labov (2001) argumenta que isso é aplicado a grupos étnicos minoritários (cf. POPLACK, 1978; LABOV 1963), crianças de comunidade tradicional, e vizinhos geográficos de tamanho menor (cf. MODARESSI-TEHRANI, 1978).

Em Labov (1965) e Labov (1993), conclui-se que a alternância de estilo não se observa em estágios mais antigos da mudança linguística, mas se torna mais forte com a cristalização da mudança e é maximizado se o recurso for atribuído ao prestígio ou ao estigma social quando a mudança atingir o seu estado final.

---

<sup>41</sup> No original: “the degree of style variation never exceeds the degree of social variation”.

Estes trabalhos, embora tenham apresentado uma nova proposta no tratamento da variação ao incluir questões estilísticas, e atraído muitos adeptos a partir de estudos que reforçaram tais ideias, ainda assim apresentam áreas de incerteza e mistério, que requerem maior aprofundamento e exploração dos conceitos desenvolvidos, a fim de que se obtenha dados mais acurados sobre a correlação entre a variação social e estilística.

Torna-se necessário, então, segundo Labov (op. cit.), que haja estudos mais consistentes e representativos das comunidades de fala através de entrevistas sociolinguísticas que envolvam a pesquisa minuciosa das diferenças estilísticas dentro da entrevista com um mesmo falante, para se verificar a variação intrafalante, isto é, como os falantes alternam a fala de acordo com a situação ou contexto social em que se encontram inseridos.

O primeiro estudo de cunho sociolinguístico, que aborda tais aspectos e considera além da estratificação social e geográfica, a estratificação estilística na língua, foi o de Labov ([1966], 2006) que analisou a presença/ausência da pronúncia do /r/ em posição pós-vocálica nas lojas de departamento de Nova Iorque. Para Labov ([1966], 2006 p. 58), “os linguistas nunca foram inconscientes dos problemas da variação estilística”, deixavam-na de lado nos estudos, porque as técnicas de análise linguística não eram satisfatórias e adequadas para lidar com a extensão da regularidade preponderante. O desinteresse por parte dos linguistas surge, segundo o autor, do pressuposto de que não há uma regra sendo aplicada dentro do sistema da variação estilística, mas sim um processo meramente de probabilidade estatística.

A investigação realizada sobre a realização do fonema consonantal /r/ no inglês de Nova Iorque apontou que há uma variação regular em estilos e contextos diferentes para as variáveis fonológicas analisadas pelo autor, diferentemente do estudo realizado em Martha’s Vineyard por Labov ([1962], 2008), que apresentou os vineyardenses como falantes de um único estilo. Assim, Labov (2001) observou, que quando os estilos organizam-se ao longo de “uma única dimensão segundo o grau de atenção prestada à fala, pode-se ver que a maioria dos falantes seguem um padrão regular de alternância estilística na mesma direção.” (LABOV, 2008, p. 139). Os falantes passam de forma gradual e contínua de um estilo mais casual a outro mais cuidado de acordo com o contexto comunicativo da interação.

Podemos dizer, assim, que o estudo de Labov (1966) realizado nas lojas de departamento em 1962 sobre o uso da variável linguística /r/ com cinco variáveis fonético-fonológicas (/r<sup>42</sup>/, /eh<sup>43</sup>/, /oh<sup>44</sup>/, /th<sup>45</sup>/ e /dh<sup>46</sup>/) e em diferentes contextos e estilos de fala

<sup>42</sup> Presença ou ausência de constrição consonantal no /r/ pós-vocálico, pré-consonantal e em final de palavra.

<sup>43</sup> A altura do núcleo da vogal no  $\alpha$  breve tenso ou /æh/.

<sup>44</sup> A vogal posterior correspondente /oh/.

<sup>45</sup> Consoante inicial de palavras como *thing*

(casual, leitura, enfático) que apontam uma clara e coerente estratificação social, deva ser considerado o marco inicial dos estudos linguísticos sobre variação estilística. Este estudo empregou técnicas para isolar os estilos de fala (casual, monitorado, leitura, lista de palavras, pares mínimos) em diferentes contextos conversacionais, e os correlacionou com variáveis linguísticas na averiguação do padrão regular que governa a variação. O intuito do autor com este trabalho foi o de descobrir como os falantes mudam as formas linguísticas e suas frequências no decorrer da vida cotidiana.

Nesta pesquisa inicial, Labov (1966) observou que as variáveis linguísticas fonológicas<sup>47</sup>, manifestadas a partir de uma série de exemplos de entrevistas exploratórias, exibiam variação regular em estilos e contextos diferentes, e correlacionam-se entre si em um *continuum* estilístico, isto é, as variantes alternavam, na medida em que os estilos de fala variavam. Então o padrão de ocorrência da pronúncia do /r/ mostrou que a mudança de estilo ocorre quando aumenta o nível de formalidade do discurso, assim os falantes atribuem maior cuidado à fala, quando estão em situações de interação mais formal, como no caso da entrevista.

Labov (1966; 2006) concluiu, a partir disso, que há grande similaridade no modo como as alternâncias estilísticas ocorriam na fala da maioria dos informantes, verificando que, nas entrevistas, a presença do fonema /r/ pós-vocálico em final de palavra e o do /r/ pré-consonântico ocorria com maior frequência em contextos mais formais. Isso sinaliza que a pronúncia de /r/ é caracterizada como uma pronúncia de prestígio na cidade de Nova Iorque. Esse resultado explicita que “o padrão de variação social pode ser tão altamente definido como o padrão estilístico.” (LABOV [1966]; 2006, p. 38). Nesse sentido, estudar a variação estilística em uma dada situação de interação comunicativa significa observar a linguagem do falante no contexto situacional em que se encontra, e considerar a atitude valorativa deste e seu interlocutor diante do sistema linguístico de uma comunidade de fala.

Esta abordagem geral empreendida por Labov ([1966]; 2006) acerca da mudança de estilo, que visa a deprender as regularidades estilísticas no nível de ocorrência individual, articula-se a partir de um conjunto de axiomas, entre os mais significativos citamos:

- Não existe falante de estilo único;
- O estilo designado como - o vernáculo - é de interesse primordial para os linguistas, mas pode ser comprometido quando na sua captura o falante estiver em presença de um observador e;

---

<sup>46</sup> Consoante inicial de palavras de palavras como *these, them, those*.

<sup>47</sup> /r/, /eh/ - /a/, /æh/- /oh/, /th/ e /dh/.

- O objetivo da entrevista sociolinguística é observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas.

A consideração de tais axiomas por Labov demonstra a importância da realização de um estudo da dimensão estilística, na medida em que nos leva a observar a alternância da linguagem do falante dentro de um *continuum*, como pensado pelo autor, pois se os contextos alternam-se, do mais informal para o mais formal, na relação entre os interlocutores, patrão-empregado, pai-filho, vizinho-vizinho, e a depender do gênero da conversa, piada, palestra, aula, conversação espontânea, alternam-se também os estilos de fala, incluindo desde a seleção lexical, até a forma textual adotada para expressar a intenção comunicativa.

Em um olhar mais voltado para o objeto de estudo deste trabalho, “As formas de referência à segunda pessoa, *tu*, *você*, e *o(a) senhor(a)*” faladas na zona urbana do município de Cametá, visamos a identificar se a alternância de estilo pelo locutor é decorrente da mudança de interlocutor, e dos traços e papéis sociais deste, estabelecidos, na interação, como: status social, relação interpessoal e contexto situacional. Verificaremos também se as variáveis sociais interferirão na alternância dessas formas pronominais. Há necessidade de se evidenciar, no estudo sobre essas formas de referência à segunda pessoa, a dimensão estilística da linguagem, a fim de se compreender, a partir de um contexto mais abrangente de análise, a diversidade significativa dos contextos motivadores dessa oscilação.

#### 4.2 O estudo da variação linguística em função da dimensão estilística

O estruturalismo saussuriano, ao realizar um recorte nos fenômenos da linguagem, priorizou, em seus estudos, a *langue*, como objeto de análise, concebida como um fato social<sup>48</sup>, separando, nos fenômenos linguísticos, aquilo que é geral e social, do que é particular e individual. E conceituou dessa forma a língua como um “sistema de signos, onde de essencial, só existe a união do sentido a imagem acústica.” (CLG, 1916, p. 23), argumentando que essas unidades que constituem a língua mantêm entre si uma relação de interdependência. E é a partir dessa ideia que o autor fixa, no campo dos estudos da linguagem, o conceito de estrutura atrelado à noção de língua como um sistema, constituído por signos definidos a partir de relações interdependentes, dualistas e opostas.

Ao adotar esse viés metodológico, Saussure opta por não envolver a fala – *parole* -

---

<sup>48</sup> A língua é vista em Saussure como um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções, adotado pela sociedade para permitir o desenvolvimento dessa faculdade, “ela existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos.” (CLG, 1916, p. 27).

tida como um fator externo à língua, na sua abordagem teórica, e institui, portanto, um objeto próprio para a ciência da linguagem, criando um recorte epistemológico com apenas um aspecto da linguagem, a língua. E por argumentar que é o ponto de vista que cria o objeto (CLG, 1916, p. 15), Saussure seleciona somente os aspectos do fenômeno linguístico que presume constituir o ponto de vista teórico sobre a linguagem. Por isso que, para Camacho (2013, p. 40), “a língua saussuriana é, em última análise, uma essência que representa exatamente a subordinação do objeto à determinada perspectiva metodológica.”

Isso, segundo o autor, cria um objeto científico segregado da teia de relações sociais constitutiva de todo discurso. Tem-se, assim, um objeto de estudo de natureza estritamente linguística, já que o essencial à linguística é a estrutura interna dos fatos da linguagem, desvinculada de qualquer motivação externa que possa intervir na homogeneidade da linguagem.

Embora rompa com o paradigma estrutural de Saussure, Chomsky (1975) é conivente com a escolha do objeto da linguística, ao adotar também a língua, e não a fala, como objeto de estudo, porém, não a vê como uma instituição social. Para Chomsky, a língua é um conhecimento natural concebido como patrimônio biológico que o falante possui. Este conhecimento é denominado de competência linguística.

Dessa forma, tanto Saussure ([1916], 1974), com o objeto centrado na forma da linguagem, quanto Chomsky (1975) pela abstração de um falante-ouvinte ideal, descartaram, em seus recortes teórico-metodológicos, a fala e todos os fenômenos empíricos nela observáveis, tornando o objeto da linguística abstraído de toda heterogeneidade existente na linguagem falada em uma dada comunidade linguística, manifestada pelo uso real da língua.

E foi em decorrência da adoção desse percurso teórico-metodológico pelo estruturalismo e gerativismo, que a variação social, e mais especificamente a variação estilística, ficou à margem das abordagens linguísticas das escolas do início do século passado, pois o estilo relaciona-se intimamente às situações de fala, referindo-se, segundo Labov, às escolhas linguísticas realizadas no contexto de fala imediato. Esse descarte da variação dos fatos linguísticos resultantes da variação de estilo representou, no âmbito dos estudos linguísticos, carência significativa de estudos que revelassem os padrões que governam as opções de fala individuais e a interferência da comunidade de fala na definição de tais padrões.

#### 4.2.1 Estilo: alguns conceitos mais gerais

Segundo Labov (2001), o desenvolvimento da metodologia sociolinguística tem assistido a uma contínua tensão entre duas abordagens para o estilo contextual: a primeira, que concebe a *mudança de estilo* como fenômeno naturalístico e etnográfico, e a segunda, que a vê como dispositivo controlado para medir as dinâmicas da variação sociolinguística. Para o autor, a abordagem mais coerente e satisfatória é a naturalística, a qual poderá levá-lo a compreender como os falantes mudam as formas linguísticas no decorrer da interação comunicativa.

Por isso, Labov (2001) argumenta que a “mudança de estilo parece ser uma das chaves para o que é visto como problema central da teoria da mudança linguística: o problema da transmissão<sup>49</sup>”. (2001, p. 85 – tradução nossa), pois é perceptível que as crianças aprendem a falar com traços linguísticos diferentes de seus pais, da mesma forma que seus pais aprenderam a falar diferentemente dos pais deles.

De forma mais geral, a variação estilística refere-se às alternâncias no uso do código linguístico, tanto nos níveis fonológico, sintático, morfológico, lexical ou semântico-pragmático. Para Corvalán (2001) é fato que os indivíduos mudam a sua maneira de falar de acordo com o contexto físico e comunicativo em que se encontram. É recorrente essa adaptação às diferentes situações e condutas sociais. Por isso, certos termos lexicais podem ser apropriados em determinada situação de fala, mas não em outras, o que demonstra que a língua não é insensível às características sociais e contextuais de quem a usa.

O estudo inicial da variação estilística centrou-se mais nos aspectos fonológicos, como a própria pesquisa inicial feita por Labov sobre o /r/ na cidade de Nova York. Porém, nos anos recentes, ela vem se alargando a outros aspectos, por isso há motivação aqui em analisar a variação de estilo no uso das formas de referência à segunda pessoa do Português falado em Cametá (zona urbana), objetivando abstrair os fatores sociais/estruturais que estão associados à variação estilística, fazendo com que haja o favorecimento pela escolha de uma entre as três variantes (tu, você, e o(a) senhor(a)) que compõem a variável em estudo.

Outro ponto de vista sobre a mudança de estilo é o adotado por Bell (1984). O autor centraliza seu objeto de análise não mais no falante, como fez Labov, mas sim no ouvinte, isto é, na audiência do falante<sup>50</sup>, sendo esta a responsável pela mudança nos parâmetros

---

<sup>49</sup> No original: “Style- shifting seems to be one of the keys to what we now see as the central problem of the theory of language change: the transmission problem.”

<sup>50</sup> No original: “Audience design”.

linguísticos adotados pelo falante. A proposta de Bell é uma crítica ao modelo de Labov sobre o estudo da variação estilística, pois, para aquele autor, o falante não alterna a maneira de falar porque atribui maior ou menor atenção a sua fala, mas sim porque deseja acomodar sua linguagem ao seu público interlocutor. Por isso, a mudança de estilo, de acordo com Bell, é uma resposta do falante ao seu público, logo, centra suas observações nas relações entre os falantes - interfalante -, observando como a linguagem deste é moldada em função de sua audiência, ou seja, como o destinatário afeta na alternância de estilo do falante. Segundo o autor,

A inter-relação da variação interfalante, variação intrafalante e avaliação linguística é uma prova crucial sobre a derivação e a natureza da mudança de estilo. Qualquer estrutura que desenvolvemos para descrever mudança de estilo deve dar uma explicação satisfatória desses relacionamentos<sup>51</sup>. (BELL, 1984, p. 150-151 – tradução nossa).

Torna-se necessária, então, a correlação de uma mesma variável linguística entre as duas dimensões, social e estilística, no dizer do próprio Labov (1972). Para Bell (1984), a inter-relação existente entre essas duas relações extralinguísticas deve ser vista como uma derivação, expressa como um axioma da estrutura sociolinguística, que chama de *axioma de estilo*<sup>52</sup>. Assim, acredita que “a variação na dimensão de estilo dentro do discurso de um único falante deriva e ecoa da variação que existe entre os falantes na dimensão ‘social’<sup>53</sup>”. (BELL, 1984, p. 151 – *grifos no original* - tradução nossa).

E para justificar isso, Bell (1984) ilustra seu posicionamento teórico a partir de uma relação de causa e efeito, mantida em três níveis. O primeiro nível opera no eixo sincrônico para um único falante que, em situações específicas de fala, alterna o seu estilo a fim de igualar a sua linguagem a de outro falante. O segundo, atua diacronicamente para falantes individuais que, com a evolução do tempo, muda seus padrões gerais de fala para igualar com outros falantes. Cita, como exemplo, aquelas pessoas que ao mudarem de regiões acabam assimilando o dialeto das pessoas daquele lugar. O terceiro nível age diacronicamente para todo um grupo de falantes que, com o tempo, muda a fala e passa a assemelhar-se linguisticamente a outro grupo.

É por isso que, para Bell, a variação estilística ocorre primeiro entrefalantes, e

---

<sup>51</sup> No original: “The interrelation of interspeaker variation, intraspeaker variation, and linguistic evaluation is crucial evidence on the derivation and nature of style shift. Any framework we develop to describe style must give a satisfying account of these relationships”.

<sup>52</sup> No original: “Style Axiom”.

<sup>53</sup> No original: “Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the ‘social’ dimension”.



posteriormente acontece subjetivamente na mente do indivíduo, através das escolhas por este realizadas no momento da fala. Então,

Se a variação de estilo deriva da variação social, esta vem em primeiro lugar. Então podemos esperar que, qualitativamente, algumas variáveis linguísticas terão tanto variação social e variação de estilo, algumas apenas variação social, mas nenhuma apenas variação de estilo – porque o estilo pressupõe o social<sup>54</sup>. (BELL, 1984, p. 151-152 – tradução nossa).

Contudo, o autor chama atenção para o fato de não se conceber necessariamente a variação entrefalantes, como decorrente da estratificação social dos falantes e de sua língua (idade, sexo, escolaridade, procedência), pois esta é apenas uma forma de variação entrefalantes, a qual igualmente pode fornecer o recurso para a variação intrafalante.

Seguindo o raciocínio do autor, diríamos então que a variação de estilo é derivada da variação social e que esta vem primeiro. Se assim for, poderíamos correlacionar mudança de estilo aos traços qualificadores, mas não do falante e sim do ouvinte. Logo, entenderíamos o porquê da audiência do falante - *Audience design* - pois este, tende a acomodar ou adequar o seu estilo de fala, aos traços característicos de seu interlocutor, o que torna este o motivo principal da alternância de estilo pelo falante. E não são os traços sociais do falante (idade, sexo, faixa etária) que interferem em sua mudança de estilo, como pensado nos estudos sociolinguísticos labovianos. Esse público ouvinte não se constitui necessariamente somente do destinatário, segunda pessoa do discurso, mas de todos os ouvintes reconhecidos ou não pelo falante ou que fazem parte do processo de interação verbal.

A característica principal da audiência é a segunda pessoa - *addressee* – a qual é reconhecida, ratificada e endereçada pelo falante. Poderá haver outros participantes da interação, classificados como terceiros, estes podem ser: auditores – *auditors* - presentes e de reconhecimento pelo falante, mas que não são diretamente endereçados; ouvintes não ratificados – *overhearer*, mas o falante possui consciência de sua presença; os presentes, mas que não são ouvintes ratificados; e os ouvintes, cuja presença não é reconhecida pelo falante – *eavesdropper*, ou seja, o falante não tem nem mesmo consciência de sua presença.

Esses papéis desempenhados pela audiência possuem função estabelecida pelo falante, ordenada de acordo com o grau de reconhecimento ou não. E a mudança de estilo irá depender justamente da distância estabelecida entre o falante e tais papéis interacionais.

---

<sup>54</sup> No original: “If style variation derives from social variation, social variation comes first. So we can expect that, qualitatively, some linguistic variables will have both social and style variation, some only social variation, but none style variation only – because style presupposes the social”.

### 4.3 Estilo: conceitos a partir dos estudos sociolinguísticos

No âmbito mais geral dos estudos sociolinguísticos, a abordagem da variação estilística tem sido tratada pelo viés psicolinguístico, pois, para Labov, a variação de estilos contextuais constitui-se “ao longo do eixo de atenção dada a fala<sup>55</sup>” (LABOV, [1966a], 2001, p. 87 – tradução nossa). Essa concepção de mudança de estilo resulta na tentativa de organizar e utilizar a variação intrafalante através do método da entrevista sociolinguística.

O uso da entrevista como *locus* para analisar as nuances de estilo realizadas pelo falante é adotado por Labov com o objetivo de separar os trechos de fala que menos contiverem os efeitos de monitoramento do entrevistado e na qual a fala aproxima-se mais naturalmente do estilo vernacular<sup>56</sup>, em que há o mínimo de atenção às formas linguísticas. Por isso, para Labov (2001), o objetivo da análise estilística é

desencadear aquelas seções em que os efeitos de observação e áudio-monitoramento são mais claramente diminuídos, chegando mais perto possível do discurso vernacular que é usado quando o entrevistador está ausente. (LABOV, 2001, p. 88 – tradução nossa)<sup>57</sup>.

Então, podemos afirmar, a partir das conclusões de Labov, que a fala comporta variação no âmbito do comportamento intraindividual, ou seja, de estilo, pois o mesmo falante pode enunciar o mesmo estado de coisas de diferentes formas, adequando sua linguagem ao contexto interacional em que se encontra. Labov preocupa-se em distinguir de forma confiável níveis de mudança de estilo na fala espontânea “em que o investigador não tem controles experimentais e, de fato, procura reduzir ao mínimo o grau de controle exercido durante o fluxo da fala<sup>58</sup>.” (LABOV, [1984], 2001, p. 88 – tradução nossa).

Para Hora e Wetzels (2011), o estudo da variação estilística deve considerar a grande diversidade de tipos de variação empregados pelos falantes, por isso que, para os variacionistas, olhar mais atentamente para os padrões de fala dos indivíduos e dentro dos próprios grupos, poderá contribuir para entender como uma simples alternância de estilo

<sup>55</sup> No original: “along the axis of attention paid to speech”.

<sup>56</sup> Realizada naturalmente em situações de conversação, sem o policiamento pelo falante da forma linguística adotada e maior concentração no assunto que está sendo comunicado. “É o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação deste permite abstrair os dados mais sistemáticos para análise da estrutura da língua.” (LABOV, 2008, p. 244).

<sup>57</sup> No original: “to disengage those sections where the effects of observation and audio-monitoring are most clearly diminished, which come as close as possible to the vernacular speech that is used when the interviewer is absent.”

<sup>58</sup> No original: “The main problem is to distinguish reliably levels of style-shifting in spontaneous speech, where the investigator has no experimental controls and in fact seeks to lower to the minimum the degree of control exercised over the flow of speech.” (LABOV, 1984).

propicia a mudança linguística a partir da inter-relação com a variação interfalante. Assim,

a variação intrafalante repousa na interseção do individual e do comum (popular), um melhor entendimento de seus padrões levará a valioso *insight* sobre como as duas esferas se inter-relacionam – isto é, como os indivíduos internalizam padrões linguísticos mais amplos na comunidade e como esses padrões são estruturados e reestruturados pelos indivíduos na interação conversacional do cotidiano.” (HORA; WETEZLS, 2011, p. 152 - *grifo dos autores*).

Dessa forma não é tarefa simples o entendimento dos fatores que contribuem para o falante mudar de estilo entre uma conversa espontânea ou uma entrevista face a face. Contudo pode haver padrões recorrentes nessas alternâncias, os quais poderão revelar indivíduos ou grupos sociais com estilos bastante específicos.

#### **4.3.1 Abordagem teórico-metodológica para estudos de variação estilística**

Como a mudança de estilo, na abordagem laboviana, relaciona-se ao grau de atenção dispensado à fala, Labov (2008) desenvolve um modelo de análise estilística pautado em um *continuum* observável dentro dos limites do gênero entrevista. E para analisar essa variação de estilo nos diferentes contextos, o autor elege cinco contextos de entrevista, a fim de organizar a variação intrafalante: *Contexto B*: situação dominante da entrevista face a face, caracterizado como estilo de fala monitorada considerada como de alto grau de formalidade; *Contexto C*: estilo leitura, caracterizado pela leitura padronizada de dois textos escritos em estilo coloquial. O primeiro com variáveis fonológicas dispostas em parágrafos suscetíveis e o segundo justapõe pares mínimos no texto; *Contexto D*: pares mínimos. Lista de palavras usadas para estudar as variáveis fonológicas; *Contexto D'*: pares mínimos. Leitura de uma lista de palavras em pares mínimos com apenas um traço fonológico que as diferenciam.

Além da definição desses contextos, Labov (2008) propõe-se observar, no espectro da entrevista, o contexto que definiu como *A*, isto é, aquele que escapa às restrições sociais de situação de entrevista. E assim projetou cinco situações contextuais a partir de critérios formais identificados como: *Contexto A1*, fala fora da entrevista formal, ocorre antes e/ou após o término da entrevista, também poderá ocorrer no tecimento de observações corriqueiras, por exemplo, dirigidas ao entrevistador, quando o informante abria uma lata de cerveja para o entrevistador; *Contexto A2*, fala com uma terceira pessoa; *Contexto A3*, fala que não responde diretamente a perguntas (emerge de atitudes emocionais do entrevistado); *Contexto A4*, parlendas, rimas infantis (brincadeiras infantis/pré-adolescentes); *Contexto A5*, risco de vida/morte (série de perguntas, numa seção após a entrevista sobre o perigo da

morte).

A esses contextos mencionados acima, Labov (2008) acrescenta outros critérios formais para identificar o contexto informal de estilo casual, o que discrimina como as pistas do canal: modulações de voz, altura/*pitch* da voz, valores absolutos de ritmo, volume, respiração, observados a partir de valores contrastantes que possam manifestar indícios de uma indiferença entre o estilo de fala casual e o estilo de fala monitorada. Para Labov (2008), “os valores absolutos de ritmo, altura de voz, volume e respiração podem ser irrelevantes, mas os valores contrastantes dessas características são indícios de estilo A<sup>1</sup> e B<sup>2</sup>” (2008, p. 122), isto é, de uma fala casual (A<sup>1</sup>), por exemplo, para uma fala monitorada (B<sup>2</sup>), em uma situação de entrevista. Assim uma mudança em um desses parâmetros acústicos da voz do falante pode, segundo Labov (2008), constituir sinais socialmente significativos. Observa-se assim que a variação estilística é analisada ao longo da dimensão de estilo vernacular-formal, como proposto por Labov.

Corvalán (2001, p. 116) distingue “três componentes básicos do contexto situacional em que ocorre a interação linguística: o cenário, o âmbito de uso e o propósito do falante.” Para a autora, a interação destes componentes motiva uma ampla e completa gama de estilos de formalidade sociolinguística ou variação diafásica. Os componentes do contexto situacional da interação linguística são:

Cenário - formado pelos espectadores, lugar e tempo;

O propósito – constituído pelo *tipo de atividade* (conversa, sermão, discurso, classe) e pelo *tópico da conversa*;

Os participantes - formado pelos **indivíduos**, caracterizados como: a) indivíduo como indivíduo, que pode possuir *traços mais estáveis* (personalidade, interesse, aspirações, aparência física, estilo de vida etc) e *traços menos estáveis* (emoções, atitudes, estados de ânimo etc); b) indivíduo como membro de uma categoria social (etnia, classe social, sexo, idade, ocupacional); e pelas **relações entre os participantes** instituída pelas: a) relações interpessoais (amizade, conhecimento, simpatia, admiração) e b) pelas relações de *rol* e categoria (poder social, status social versus grupo estranho etc).

A forma de referência a um professor, por exemplo, pode variar de acordo com o cenário e/ou as relações pessoais estabelecidas entre ele e seu interlocutor. Assim, se estiver na sala de aula, ambiente caracterizado como formal e no qual as relações interpessoais

devam ser de poder social entre professor-aluno, pode ser tratado pela forma *o senhor*, mas se estiver em um ambiente mais informal, como cantina da Universidade, pode receber um *tu* ou um *você*, dependendo também do grau de amizade e intimidade entre ele e seu interactante.

#### **4.4 Considerações finais do capítulo**

Como o observado no transcorrer deste capítulo, procuramos enfatizar, no estudo da variação, a variedade de estilos existentes na fala, a partir da intervenção do contexto social na variação linguística, considerando, para a fundamentação de nosso estudo, as perspectivas teóricas de análise estilística de Bell (1984), Labov (2001) e Corvalán (2001). Explicitamos alguns trabalhos, como Kenyon (1948), Poplack (1978), Labov (1963) e Preston (1989), que consideraram a dimensão estilística da linguagem no tratamento da variação, assim como revelamos a posição de Labov (1965, 1993) sobre o aprofundamento deste tema nos estudos empíricos da língua e a correlação de uma mesma variável linguística entre a dimensão social e estilística.

A discussão de tais conceitos sobre variação estilística neste capítulo foi imprescindível, porque dele abstraímos a percepção de que a mudança de interlocutor, o cenário e/ou as relações interpessoais e regras sociais instituídas durante as interações verbais motivam o uso alternado das formas pronominais Tu/Você/o(a) Senhor(a), em análise aqui.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística quantitativa ou modelo laboviano e pela perspectiva funcionalista de análise da língua, os quais pressupõem a não existência de estudos linguísticos desvinculados de fatores sociais, discursivos e contextuais e/ou estilísticos, o que implica optar por um realismo empírico e considerar que o objeto a ser analisado é o próprio discurso, com sua diversidade e variabilidade. Assim, sistematizaremos regularidades existentes na variação da fala, visando à identificação de fatores independentes que influenciam a ocorrência de uma ou outra variante. Para tanto, neste capítulo, apresentamos os passos seguidos para a concretização de nossa pesquisa, considerando natureza, técnicas, escolha dos instrumentos, coleta dos dados, amostra, sujeitos informantes, *locus* da pesquisa – a cidade de Cametá, definição das variáveis e processamento dos dados no programa estatístico GOLDVARB X. Apresentaremos, portanto, o conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, para atingir seus propósitos.

### 5.1 Natureza da pesquisa

A orientação teórico-metodológica basilar deste estudo,<sup>59</sup>, toma a língua como um sistema heterogêneo, passível de descrição. Então, para que possamos descrever e explicar o porquê da variação entre as formas de referência à segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na zona urbana do município de Cametá-PA, é preciso partir da observação da língua em uso, no seio desta comunidade de fala, através de uma pesquisa empírica, que permita observar e associar os fatores que contribuem para a escolha alternada destas formas de tratamento.

Para tanto, o método de abordagem adotado, que orientou os passos que seguimos nas etapas mais concretas de investigação e análise do objeto em estudo, foi o método indutivo (de base empirista), haja vista que partimos de dados particulares, isto é, de uma amostra de fala da comunidade em estudo, tratada formalmente para, a partir disso, tirarmos conclusões mais gerais acerca dos traços característicos e definidores do fenômeno variável desta pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1992).

O tipo de pesquisa adotado neste estudo foi o da pesquisa descritiva e da explicativa:

---

<sup>59</sup> Parecer positivo do Comitê de Ética do Estado do Ceará para a realização da pesquisa, conforme documento no Anexo A.

descritiva porque visou a observar e sistematizar os fatores condicionantes do comportamento linguístico variável das formas *tu/você/o(a) senhor(a)*, como sexo/gênero, escolaridade e faixa etária, observando o nível de significância deles para o objeto investigado, sem perder de vista a comunidade linguística investigada. Nesse sentido, a pesquisa torna-se também explicativa, porque, além da preocupação descritiva, ela tende a justificar o porquê da influência de tais fatores na variação das formas pronominais em estudo mediante correlação dos resultados ao princípio funcionalista *da marcação*, preconizado por Givón (2001), o qual concebe que categorias marcadas na língua tendem a caracterizar-se pela complexidade estrutural, menor distribuição de frequência e complexidade cognitiva<sup>60</sup>.

Para se alcançar tal objetivo e comprovar ou retificar as hipóteses levantadas neste estudo, adotou-se o procedimento de coleta de dados caracterizado como “pesquisa de campo”. A pesquisa de campo é importante aqui, porque poderá contribuir para o conhecimento da comunidade linguística investigada, tanto no que diz respeito a sua estrutura social como na interferência desta na organização da própria língua que ela usa, através da observação da linguagem em circunstâncias reais de uso.

## 5.2 Delimitação da amostra: os sujeitos/informantes

Os eventos de fala ou ocorrências linguísticas que constituíram o *corpus* para análise do fenômeno estudado nesta tese foram obtidos por meio de **16** gravações de situações interacionais. Em cada uma dessas situações comunicativas face à face, contamos com a participação de um grupo focal<sup>61</sup> constituído por **04** sujeitos-informantes, sendo que um, dentre os quatro, foi o nosso informante-base. Temos, portanto, **16** sujeitos-informantes-base, interagindo cada um com mais três interlocutores, o que corresponde a mais **48** sujeitos informantes, todos também cametaenses, que serão controlados aqui quando necessário, totalizando **64** sujeitos interactantes envolvidos na amostra.

Assim, teremos, ao todo, **64** informantes, conforme o plano de amostra do quadro 5. Estes **16** sujeitos que participaram da pesquisa foram estratificados de acordo com faixa etária (**08** na faixa etária I - 21 a 29 anos e **08** na faixa etária II – 32 a 42 anos); escolaridade (**08** informantes com Ensino Médio e **08** com Ensino Superior); e sexo (**08** do sexo masculino e **08** do sexo feminino).

O critério para a seleção dos informantes-base que compuseram a amostra não foi

<sup>60</sup> Tais categorias ainda serão aprofundadas neste trabalho.

<sup>61</sup> Abordado posteriormente ainda neste capítulo.

aleatório e nem subjetivo, mas sim orientado por uma enquete realizada com os moradores da zona urbana do município de Cametá, através de duas formas de coleta<sup>62</sup> de opiniões: a primeira se deu por meio do site de relacionamento *facebook*<sup>63</sup> e a segunda por meio de um questionário impresso<sup>64</sup>, distribuído às pessoas que se dispuseram gentilmente a participar da enquete. No geral, para as duas formas de enquete, convidamos mais de **250** pessoas a participarem da pesquisa, mas recebemos a enquete respondida apenas por **136** pessoas<sup>65</sup>, incluindo tanto a pesquisa pelo *facebook* - a de maior representatividade, como a do questionário impresso. Na enquete<sup>66</sup>, perguntávamos, primeiro, *qual o profissional de maior status social* no município de Cametá e, em seguida, o porquê da escolha daquele profissional (se foi o fator financeiro ou o nível de importância social para Cametá).

A escolha dos outros três interlocutores de cada grupo focal se deu a partir de uma rede de relações sociais entre eles e o informante-base, em conformidade com os princípios da *semântica do poder* - “mais velho que”, “pais do”, “empregador do”, “mais rico do que”, “mais forte do que”, e “mais nobre do que” ou “mais poderoso do que” [e desconhecido do] e *semântica da solidariedade* - “participou da mesma escola [amigos, colegas, casados]” ou “têm os mesmos pais” ou “exercem a mesma profissão. (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257-258). Dessa forma, configurou-se o grupo focal: *informante-base*; interlocutor de *relação assimétrica superior* (manifestando poder sobre o informante-base); *interlocutor de relação assimétrica inferior* (o informante-base manifestando poder sobre este) e interlocutor de relação simétrica (informante-base e interlocutor mantendo relações solidárias).

Além destes pré-requisitos já mencionados para a seleção dos sujeitos-informantes, outros critérios foram seguidos também, como: ser nascido e residente na zona urbana do município de Cametá ou que tenha chegado a este município até os cinco<sup>67</sup> anos de idade, e que não tenha se deslocado desta região onde mora por mais de dois anos consecutivos.

<sup>62</sup> A enquete tanto pelo FACEBOOK como por via impressa possuía a mesma estrutura, conforme Apêndice C.

<sup>63</sup> Todos os participantes eram pertencentes a minha rede de relacionamento e não houve o critério de estratificação social. Esta pesquisa foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2014.

<sup>64</sup> Àquelas que não possuem ou que muito pouco acessam *facebook*.

<sup>65</sup> Apêndice D.

<sup>66</sup> A realização da enquete tinha como finalidade tornar objetiva a escolha dos profissionais de maior status no município de Cametá, a partir do ponto de vista dos próprios moradores da região.

<sup>67</sup> Segundo Tarallo (2007), torna-se necessário considerar este critério na seleção do informante, para evitar que a escolaridade ou a interação com falantes de outras comunidades até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado.



**Quadro 5 - Plano de Amostra Estratificada dos informantes (total de 64 informantes).**

FAIXA ETÁRIA	INFORMANTE	GÊNERO	ESCOLARIDADE	INTERLOCUTOR RELAÇÃO INTERPESSOAL	Nº DE INTERLOCUTORES
Faixa Etária I 21 a 29 ANOS	01	M	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	02	M	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	03	M	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	04	M	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	05	F	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	06	F	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	07	F	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	08	F	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
Faixa Etária II 32 a 42 ANOS	09	M	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	10	M	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
11	M	ENSINO	Inferioridade	01	
			Igualdade	01	

			SUPERIOR	Superioridade	01
	12	M	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	13	F	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	14	F	ENSINO MEDIO	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	15	F	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
	16	F	ENSINO SUPERIOR	Inferioridade	01
				Igualdade	01
				Superioridade	01
Total	16			Total	48
Total de informantes participantes da pesquisa					64

Fonte: própria

Em decorrência de termos diferentes profissionais, com formação acadêmica variada, participando da pesquisa, adotamos múltiplos temas para desencadear as situações interacionais. Portanto, dependendo da formação e/ou profissão do Informante-Base, elaboramos um roteiro<sup>68</sup> de entrevista para suscitar a interação grupal. Os questionamentos elaborados a partir de cada tema da conversa foram definidos, também, em consideração ao conhecimento e domínio do próprio entrevistador<sup>69</sup>. Este possuía um papel fundamental na condução de todo o processo interativo do grupo, mantendo sempre o foco naquilo que estava sendo discutido e procurando construir uma relação simétrica de ideias e reações entre os interlocutores.

Com este formato de coleta de dados, pretendíamos obter, de forma confiável, trechos de fala sem alto grau de controle e monitoramento, e torná-los o mais próximo possível de situações conversacionais usadas quando não há a presença de um entrevistador e

<sup>68</sup> Conforme Apêndice B.

<sup>69</sup> Os questionários dirigidos foram elaborados pela autora deste trabalho, a qual também participou, como moderadora das discussões, em 14 (quatorze) grupos focais, dentre os 16 que constituem a amostra desta pesquisa.

nem de um gravador policiando a interação e, conseqüentemente, o estilo de linguagem. A obtenção de dados através da interação grupal decorre do objeto de análise deste trabalho, as formas de referência à segunda pessoa, formas gramaticais difíceis de se encontrar em entrevistas individuais, a não ser em relação ao entrevistador e a casos de fala reportada. Os traços sociais e as relações profissionais e/ou pessoais dos sujeitos-informantes participantes da pesquisa foram definidos intencionalmente com o objetivo de observarmos se há diferenciação ou não na forma de referência e estilo de fala empregada ao outro, e se isto é decorrente do status do interlocutor ou da relação social mantida com este, instituída não somente durante a conversação, mas na comunidade cametaense.

Além da entrevista, outros contextos situacionais poderão constituir objeto de análise linguística e por isso fazem parte do *corpus* que subsidiou a elaboração desta tese, tais como: os momentos de diálogo espontâneo entre os participantes, antes do início e após o término da entrevista; e outros gêneros textuais que não constituem uma situação mais formal de entrevista, como piada, relatos pessoais, e não fazem parte necessariamente do tema que está sendo discutido ou da situação dominante de entrevista face a face. O objetivo de considerar estes momentos conversacionais será o de avaliar, com sucesso ou não, as mudanças de estilo ocorridas ao longo de uma interação comunicativa.

Para melhor identificarmos os informantes pertencentes à pesquisa, tanto na utilização do programa GOLDVARB, como na caracterização dos dados citados neste trabalho, dar-se-á também uma codificação a eles, como podemos observar na figura 1. Tal codificação levará em conta as características sociais: número de ordem do informante, faixa etária, escolaridade e sexo/gênero. Assim, teríamos INFCAM01IMA para o *primeiro* informante do município de Cametá, pertencente à *primeira* faixa etária, do *sexo/gênero masculino* e com nível de *escolaridade* - Ensino Médio, conforme o observado na figura abaixo:

**Figura 1- CÓDIGOS DOS INFORMANTES**

<b>INF</b>	Informante
<b>CAM</b>	Cametá
<b>01/02/03...</b>	Ordem dos informantes
<b>I/ II</b>	Faixa etária I - 21 a 29 anos II - 34 a 44 anos
<b>M/F</b>	Sexo M - masculino F - feminino
<b>A/B</b>	Escolaridade A - Ensino Médio B - Ensino Superior

Fonte: própria

### 5.3 Lócus da pesquisa

As relações estabelecidas pelo homem, no meio social, sofrem transformações que abrangem diferentes segmentos da sociedade como economia, política, cultura e a própria língua que é viva e dinâmica. Por isso, torna-se importante, neste trabalho, a descrição da comunidade de fala, na qual esta pesquisa se realizou a fim de que se possam apontar os fatores não estruturais (ou sociais) que influenciam na dinamicidade de uso da língua pelos falantes cametaenses.

Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa são moradores do município de Cametá. Este constitui um dos municípios mais antigos do estado do Pará e possui importância econômica, cultural e histórica para a região. Sua sede localiza-se à margem esquerda do Rio Tocantins e pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá.

Cametá encontra-se distante de Belém, capital do estado do Pará, cerca de 170 km, em linha reta. A cidade de Cametá foi fundada em 24 de dezembro de 1635, por Frei Cristóvão de São José, um frade capuchinho que, em 1617, chegou a Cametá a mando de Jerônimo de Albuquerque com a missão de catequizar os nativos.

É reconhecida historicamente por ter sido palco da grande reação popular à “Cabanagem”, movimento em que o povo paraense, sob a liderança de Eduardo Angelim e Francisco Vinagre, conseguiu chegar ao poder. Isso deu a Cametá o título de Cidade Invicta, por não ter estado em nenhum momento sob o domínio dos cabanos. O caráter reacionário da atuação cametaense gera orgulho a alguns e vergonha a muitos que acreditam no homem como ser pensante e construtor de sua própria história.

O município de Cametá é um dos mais antigos Municípios do Estado do Pará e é resultado do processo de expansão da colonização na Amazônia, dentro de uma estratégia geopolítica de defesa do território pelos portugueses contra a investida de outros colonizadores. No ano 1713, Cametá adquiriu o estatuto legal de categoria de Vila, convertendo-se "ipso-facto" em Município, muito embora não se encontrem instrumentos legais que comprovem a sua proclamação.

O nome Cametá é de origem Tupi e apresenta estreitas ligações com o hábito de moradia dos cametaenses. Segundo Pompeu (2002), Cametá originou-se do vocábulo *Camutá*, que, numa tradução mais próxima da realidade vivida pelos habitantes originais da terra, os *Camutás*, significa choupana suspensa em árvores à espera de caça. A palavra *Camutá* resulta de *cáa-mytá*: *cáa* significa mato, floresta, bosque, e *mytá* quer dizer degraus, armação construída no mato à espera de caça.

O município de Cametá insere-se na Mesorregião do Nordeste Paraense, integrando, assim, a microrregião de Cametá. Limita-se ao norte com os municípios de Limoeiro do Ajuru e Igarapé-Miri, ao sul com Mocajuba, a leste com Igarapé-Miri e a oeste com o município de Oeiras do Pará. A cidade de Cametá, sede do município, também é um dos portos mais importantes do Pará e encontra-se distante de Belém, capital do estado do Pará, em linha reta – 146 km; por via fluvial, 180 km, cerca de 10h na viagem de barco; pela rodoviária – 156 km, aproximadamente 4h30min, e por via aérea - 146 km, cerca de 50 min. Apresenta ainda uma área territorial (km<sup>2</sup>) de 3.081,367 e uma densidade demográfica de (hab/km<sup>2</sup>) 39,23.

De acordo com os dados disponibilizados no ano de 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e Censo Demográfico 2010, a população do município de Cametá compreendia 120.896 habitantes e, para o ano de 2014, a população estimada é de

129.161. Do total da população (120.896 habitantes), 68.058 concentram-se na zona rural com 56,3% e 52.838 na zona urbana com percentual de 43,7%. A maioria constituída por homens com um total de 62.016 habitantes, 51,3% (deste total, encontram-se 26.136 na zona urbana e 35.880 na zona rural), e 58.880 mulheres - 48,7% (encontram-se 26.70 na zona urbana e 32.178 na rural), sendo que a maior parte, tanto de homens como de mulheres residem na zona rural do município de Cametá/PA.

Devido a apresentar fatos históricos marcantes, Cametá passou à categoria de Patrimônio Histórico Nacional pela lei nº 7537, de 16 de setembro de 1986. E pela LEI Nº 086, DE 19 DE JUNHO DE 2007 do Plano Diretor do Município de Cametá, o município atualmente está dividido em 10 Distritos Administrativos, a saber: Distrito de Areião, Distrito de Cametá (sede), Distrito de Carapajó, Distrito de Curuçambaba, Distrito de Janua Coeli, Distrito de Juabá, Distrito de Porto Grande, Distrito de Torres de Cupijó, Distrito de São Benedito de Moiraba e Distrito de Vila do Carmo do Tocantins, todos pertencentes à zona rural. E tais distritos ao todo são compostos por aproximadamente 102 ilhas e 500 comunidades. Dentre as várias ilhas e comunidades da cidade de Cametá/Pa, destacam-se: a) do setor de Cima: Pacui de Cima, Paruru de Cima, Mapirai de Cima, Mapiraizinho, Gama, Capiteua, Cação, Juruaté, Pacacanga, Xingu, Caracará, Mapeuá, Pacuí de Baixo, Muruacá, Várzea São José, Caripi, Fazenda, Mapirai de Baixo, Cipoteu, Ilhas dos Pretos, Cuxipiarí Costa, Cixipiarí Rio e Itauna de Cima; b) do Setor Baixo: Jacareuá, Juba, Jutuba de Cima, Marinduba, Pacajaí, Contra-Maré, Manoel Raimundo, Jorocazinho de Baixo e Joroça Grande, Vila de Janua Coeli, Ovídio, Joroça de Cima, Poção e Paruru de Janua Coeli e c) do Setor Beiradão: Ajarapanema, Bituba, Arimandeuá, Guajará de Cima, Maracu Espírito Santo e Pindobalmirim.

O município de Cametá conta com um sistema educacional bastante desenvolvido em relação aos demais municípios limítrofes. A presença de diversas universidades no município trouxe para os profissionais da educação uma nova oportunidade de aperfeiçoamento dos estudos, principalmente para os professores das localidades situadas na área rural, os quais tinham dificuldades de ingressar no ensino superior regular, por causa de suas profissões.

No que diz respeito à cultura, Cametá é formada por uma diversidade cultural muito rica, constituída principalmente pela cultura popular, que compreende a cultura cultivada espontaneamente pelo povo, manifestada através da tradição oral, coletiva, profana, culminando na literatura oral, expressa pelas crenças populares, explicadas através das lendas, contos e mitos amazônicos, que, na verdade, se confundem com a própria história desse povo.

Além desses, existem outros segmentos culturais como: a culinária, com o saboroso mapará com açaí; as danças e músicas regionais, destacadamente o Siriá<sup>70</sup>, reconhecido nacionalmente; o samba-de-cacete, de cunho pagão, acompanhado do ritmo Síría, criado pelo Mestre Cupijó, filho da Terra.

O município possui também manifestações de cunho religioso, como o Bambaê na Vila de Juabá e o Marierrê, da Vila de Carapajó, acrescido das festas populares, como o carnaval e as festas de padroeiros. Mas é nos festejos religiosos, muito frequentes na cidade e no interior, que o município de Cametá expressa de forma mais autêntica a sua cultura popular. Em cada localidade do município (distrito, vila, povoado, bairro) há um padroeiro.

E se o mundo ganha sentido por meio das diferenças e se a identidade é sempre a diferença (LOPES, 1997), podemos afirmar que o município de Cametá, com seu linguajar diferente e diversificado, possui traços linguísticos que o identificam social e culturalmente na Amazônia, pois o sentido da linguagem só pode ser identificado através das diferenças de seus elementos constituintes.

E essa riqueza linguística, muito particular do município de Cametá, já atraiu e atrai muitos estudiosos para a região com o intuito de conhecer melhor e documentar esse subdialeto da Amazônia. São inúmeras as formas linguísticas que coocorrem no município, algumas são tidas ainda como “erradas” e, por isso, tornam-se alvo de preconceitos e estigmas por aquelas pessoas que ainda não compreenderam a língua como um fator cultural determinante de uma sociedade. Mas nossa linguagem deve ser vista como uma marca identificadora dos habitantes dessa região e, por isso, necessita ser valorizada e respeitada, principalmente pelos filhos da terra, que não devem intimidar-se em usar a genuína língua materna que aprenderam para se comunicar.

#### **5.4 Técnicas: Instrumentos e coleta dos dados**

A coleta adotada para este trabalho não seguiu os padrões de uma entrevista laboviana nos moldes tradicionais de obtenção de dados através de narrativas de experiências de vida, haja vista haver a maior probabilidade de manifestação das formas alternantes de referência pronominal à segunda pessoa em interações verbais envolvendo mais de um interlocutor, não somente entrevistador e entrevistado. Sabíamos do grau de dificuldade que

---

<sup>70</sup> Ritmo surgido de antigos povos negros e indígenas e que foi reformulado pelo artista cametaense Joaquim Maria Dias de Castro (um advogado, conhecido carinhosamente por Mestre Cupijó) na década de 70, o qual deu ao Siriá, sonoridade e ritmo.

isso geraria no decorrer da pesquisa, mas, pelos objetivos propostos por esta, houve a necessidade de que estes contextos de comunicação fossem capturados e analisados.

Para esse tipo de coleta, foi realizado primeiro um contato prévio com o informante, com o objetivo de tornar a relação, entre pesquisador e pesquisado, o mais próxima e familiar possível, e para que a gravação fosse o resultado de uma fala mais espontânea e expressiva. Este contato prévio contribuía também para observar se o informante-base, assim como os demais participantes, possuíam os traços sociais demandados pela pesquisa e discriminados no quadro 5. A partir deste contato inicial, inúmeros outros foram tecidos, até que chegássemos ao consenso entre todos os sujeitos-participantes sobre o dia, local e a hora da gravação.

Nos subitens seguintes, exporemos as razões que nos levaram à escolha da orientação teórico-metodológica adotada neste estudo para a coleta e constituição dos dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa, apresentando as ideias de Labov (2001) acerca dos líderes da mudança linguística, a proposta de Eckert (2012), da *terceira onda* de estudos da variação e mudança linguística e, por fim, como instrumento de pesquisa, a técnica de *grupo focal*.

#### **5.4.1 O perfil dos líderes da mudança linguística**

A predileção por sujeitos jovens e adultos, nesta pesquisa, parte do princípio de que, se há uma mudança em progresso na sociedade investigada, esta mudança é ocasionada principalmente pelos jovens e estabelecida na faixa etária seguinte, pois compreendemos que são tais jovens os agentes e/ou condutores da mudança linguística, tomando como pressuposto as ideias de Labov (2001) sobre os líderes da mudança linguística, identificados nos estudos realizados pelo autor, nos Bairros da Filadélfia. Por isso, os dezesseis informantes-base deste estudo foram escolhidos na comunidade investigada pelo seu nível de significância e status social adquiridos pela profissão que exercem.

Pensamos assim por acreditar que tais pessoas, principalmente os mais jovens, relacionam-se intensamente nos mais diferentes grupos e redes sociais, com carga de liderança bastante significativa na comunidade em que atuam e, no geral, não são conformistas, reagem aos valores sociais de sua realidade, e, conseqüentemente, podem transferir estes traços de não-conformidade para a linguagem. Então é preciso que olhemos mais detalhadamente para o indivíduo falante, o qual de acordo com Labov (2001, p. 34 - tradução nossa) só poderá ser “entendido como o produto de uma história social única e na



intersecção dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem esse indivíduo”<sup>71</sup>.

E para tentarmos depreender este cruzamento entre os padrões linguísticos do falante, o perfil social desempenhado por ele na comunidade a que pertence e compreendermos como ele propaga a variação e mudança linguística no e do local onde atua socialmente, refinamos a abrangência do foco de nossa análise, para grupos sociais mais específicos de fala, com o intuito de atentarmos, por meio de interações sociais simétricas e assimétricas, se de fato estamos diante de sujeitos falantes com traços de líderes da mudança linguística.

Logo, a seleção dos participantes foi pensada em conformidade com Labov (2001), que concluiu, na busca pelos líderes da mudança, nos bairros da Filadélfia, que existiam pessoas destas comunidades locais que ocupavam uma posição central nas redes de relações sociais da vizinhança. Porém, para Labov (2001), esta centralidade não abrangia o elevado status social e o aspecto da hierarquia socioeconômica do líder da mudança, mas principalmente seu prestígio local<sup>72</sup>, assim como a atividade de trabalho exercida por ele e a interação verbal com outros grupos, que não necessariamente pertenciam ao seu bairro de origem.

As figuras com traços linguísticos e sociais de líder da mudança eram pessoas conhecidas pelos moradores da comunidade/bairro/vizinhança e, acima de tudo, comprometidas com o bom andamento das práticas sociais daquela comunidade. Tais características, Labov (2001) encontrou em destaque em personagens do gênero/sexo feminino, como Celeste S., Teresa M. residentes em *Clark St.*, Donna G. e Barb C., de *Wicket St.* e Aileen L. residente em *Pitt St.*

Tomemos como exemplo o caso de Celeste, moradora de *Clark Street*, na Filadélfia, destacada por Labov (2001) como uma personagem líder da mudança linguística no bairro onde morava, na medida em que se revelava figura central na rede de vizinhança local. Por isso, para o autor, “nós podemos então adicionar a propriedade da *centralidade* para a caracterização dos líderes da mudança linguística<sup>73</sup>” (LABOV, 2011, p. 350 - *grifos do autor* - tradução nossa), haja vista tornarem-se ponto de referência para outros moradores, serem

<sup>71</sup> No original: understood as the product of a unique social history, and the intersection of the linguistic patterns of all the social groups and categories that define that individual.

<sup>72</sup> As profissões de elevado status social investigadas na comunidade cametaense para esta pesquisa envolveram, conforme Apêndice D, aqueles profissionais vistos, pelos entrevistados, como de significância e importância social para o município, por isso, consideraram professores, estudantes universitários e o cargo comissionado: político partidário, além de médicos, bancários e empresários.

<sup>73</sup> No original: We can then add the property of *centrality* to the characterization of the leaders of linguistic change.

sujeitos engajados com a problemática social e política do bairro onde moram, como também demonstrarem forte tendência a influenciar ações, comportamentos e opiniões, sem omitir-se, é claro, da luta pelos próprios direitos e interesses pessoais. Assim, para Labov, era Celeste, (LABOV, 2011, p. 391)

dura de uma maneira diferente. Ela não hesitava em usar a violência quando necessário. Mas suas armas principais eram linguísticas: a negociação, persuasão e a denúncia, todas alinhadas sob uma profunda intolerância, hipocrisia e injustiça. Estas são as qualidades que fazem um grande líder da mudança linguística. (LABOV, 2001, p. 409-410 - tradução nossa).<sup>74</sup>

Celeste não era uma pessoa de interações diárias limitadas com sua vizinhança. Esse fator favorecia as mudanças sonoras em progresso, as quais espriavam-se gradualmente a outros falantes, influenciados pelo comportamento dela. Assim, além de manter, no interior do bairro onde residia, relações sociais mais densas com os vizinhos, Celeste possuía redes de relações sociais multiplexas com outros bairros, o que acabava delineando o perfil da mudança sonora analisada por Labov (2001), pois, para o autor, os “Líderes da mudança linguística estão localizados centralmente em redes sociais que são expandidas além de sua localidade imediata<sup>75</sup>”. (LABOV, 2001, p. 364 - tradução nossa).

Analisar tipos sociais com alto nível de interação em diferentes redes sociais foi-nos oportuno, porque nos permitiu observá-los falando com pessoas com as quais geralmente falam no dia-a-dia, como amigos, familiares, colegas de trabalho e/ou funcionários. Então se há mudança em progresso, esta é resultado não do isolamento dos sujeitos em redes sociais mais densas e sim das diversas ligações diárias com outros sujeitos dos mais diferentes níveis sociais.

#### **5.4.2 A coleta dos dados: Comunidades de prática e redes sociais**

A orientação teórico-metodológica desta pesquisa toma como base, para a coleta dos dados e constituição do *corpus*, a proposta de Eckert (2012), da *terceira onda* de estudos da variação e mudança linguística, a qual se volta para a apreensão do significado social intrínseco às variáveis em estudo. De acordo com Eckert (2012), o tratamento do significado

<sup>74</sup> No original: But Celest was tough in a different way. She did not hesitate to use violence when it was called for. But her primary weapons were linguistic: negotiation, persuasion and denunciation, all enlisted under a profound intolerance for cupidity, hypocrisy, and injustice. These are the qualities that make a great leader of linguistic change.

<sup>75</sup> No original: Leaders of linguistic change are centrally located in social networks which are expanded beyond their immediate locality.

social nos estudos variacionistas é proveniente de três ondas de prática analítica da variação.

A terceira onda, nosso foco neste trabalho, não objetiva suceder<sup>76</sup> ou substituir as anteriores, mas apresentar uma metodologia e forma de pensar, que estenda o cerne dos estudos sociolinguísticos, para a apreensão do significado social da variação a partir do contexto situacional. Nas palavras de Eckert (2012, p. 2 - tradução nossa), “esta abordagem inverte a perspectiva de variação, como um reflexo do lugar social, para a variação como um recurso para a construção de significado social”<sup>77</sup>.

As duas primeiras ondas de estudo da variação voltavam-se, principalmente, para práticas de análises sociolinguísticas que correlacionavam as variáveis às categorias aspectuais da estrutura, tanto social quanto linguística, agregando à estrutura da língua os traços sociais pré-existentes dos indivíduos pertencentes à dada comunidade de fala. Tal correlação poderia ser elaborada ou de forma mais ampla, como feito na primeira onda, ou de forma mais restrita, como na segunda onda.

A primeira onda foi lançada pelo estudo de Labov (1966) sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque, e adotava, como parâmetro de análise, a associação entre a estrutura linguística e fatores sociais primários, como categorias macrosociológicas: classe socioeconômica, sexo, etnia e idade. Sob esta orientação, de cunho mais analítico da variação, ficou evidenciado um efeito significativo dos fatores sociais sobre as escolhas das variáveis linguísticas. Esta onda “estabeleceu um padrão regular e replicável da estratificação socioeconômica das variáveis, em que o uso das variantes ‘não-padrão’ correlacionava-se inversamente ao status socioeconômico dos falantes<sup>78</sup>”. (ECKERT, 2012, p. 3 - *grifos do autor* - tradução nossa). A significância correlacional entre esses fatores – social e linguístico – suscitou algumas indagações ao estudo da variação e mudança, tais como: *o que estaria motivando a relação entre estas categorias?*

A consequência disto foi a origem da segunda onda de estudos, que priorizou o uso de métodos etnográficos e a adoção de categorias de análise mais restritas a comunidades locais. Isto ocasionou uma mudança de foco, que transitou do significado social das variáveis para o significado local do vernáculo. Esta busca pelas categorias locais objetivou contribuir para clarificar a relevância das categorias macrosociológicas na vida dos falantes em um

<sup>76</sup> Freitag *et al* (2012, p. 919) salienta que para Eckert “os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares”.

<sup>77</sup> No original: This approach reverses the perspective from variation as a reflection of social place, to variation as a resource for the construction of social meaning.

<sup>78</sup> No original: These studies established a regular and replicable pattern of socioeconomic stratification of variables, in which the use of ‘non-standard’ variants correlates inversely with speakers’ socioeconomic status.

cenário local. O primeiro estudo etnográfico quantitativo de variação inserido na segunda onda foi o de Martha's Vineyard<sup>79</sup> (Labov, 1963). Ficou evidenciado neste a valoração simbólica positiva, que revestia a variável vernacular da comunidade vineyardense, pois Labov (1963) concluiu “que os falantes foram convocando variáveis fonológicas locais como capital simbólico na luta ideológica sobre o destino da ilha<sup>80</sup>”. (ECKERT, 2012, p. 7 - tradução nossa).

Todos os estudos que se enquadram na segunda onda, exploraram a relação entre o uso das variantes mais identitárias localmente e a natureza da classe econômica mais baixa das comunidades locais. O objetivo era depreender a liderança da variação nessas comunidades, por meio da correlação entre as dinâmicas da política econômica local e a dinâmica global. Temos, como exemplo desta onda, o trabalho de autores que focaram comunidades locais bem menores, como o estudo de Gal (1974) em uma vila húngara na Áustria, o de Holmquist (1985) numa vila espanhola e o trabalho de Eckert (1989, 2000) na área urbana de Detroit, em escolas secundaristas, predominantemente brancas, o qual envolveu duas categorias distintas de alunos: os atletas<sup>81</sup> e os burnouts<sup>82</sup>.

O constatado nestes estudos da segunda onda não foi simplesmente a influência de fatores advindos da educação, ocupação e renda dos falantes, mas a atuação de dinâmicas locais enraizadas nas práticas e ideologias que eram, por sua vez, moldadas pelas classes sociais. E assim como os estudos da primeira onda, os da segunda focaram nos traços sociais dos falantes, não abordando explicitamente a natureza das relações indexicais entre as variáveis linguísticas e as categorias sociais.

Para Eckert (2012), as duas primeiras ondas atentaram principalmente para o aspecto estrutural da variação e, em decorrência disso, deixaram à margem dos estudos sociolinguísticos a agentividade, isto é, a ação do dia-a-dia dos falantes no interior das relações práticas, construídas por meio de atividades que movem seus projetos de vida junto à face de restrições impostas pela estrutura social e relações de poder que mantém essa estrutura. O que se verifica, portanto, é uma movimentação de categorias de análise, que se desloca do estudo da estrutura para o estudo da prática cotidiana dos sujeitos falantes, garantindo desta forma um lugar de destaque a este, no escopo dos estudos variacionistas.

<sup>79</sup> No original: Nas palavras de Eckert (2012), eis aqui a prova de que essas três ondas não são puramente cronológicas, pois este estudo antecede os estudos da primeira onda.

<sup>80</sup> No original: that speakers were calling upon local phonological variables as symbolic capital in the ideological struggle over the island's fate.

<sup>81</sup> Possuíam estilo de vida que abraçava uma ideia mais ampla associada a cultura americana e ao esporte. Compartilhavam metas com a escola, centralizando sua vida social em torno da escola.

<sup>82</sup> Incorporavam a cultura da classe trabalhadora. São jovens matriculados principalmente em cursos gerais e profissionais e que fumavam tabaco e maconha.

Nesse sentido, o que se tem não é a negação da importância da estrutura, como aponta Eckert (2012), mas uma mudança de foco, que prioriza não mais, como categoria de análise, a estrutura, no sentido de como ela é restringida pelos elementos linguísticos e pelas variáveis sociais pré-determinadas, mas os papéis sociais e as atividades exercidas pelos falantes na produção e reprodução da estrutura, no seio das comunidades de prática. Este olhar voltado aos papéis sociais tem como finalidade revelar os possíveis significados que se encontram por trás das diferenças linguísticas.

Para alcançar tal objetivo, assume-se que o estilo linguístico adotado pelos falantes transporta consigo marcas significativas para a constituição do significado social da variação, mudança linguística e construção dos diferentes papéis sociais desempenhados pelos interlocutores durante o processo interativo. Para Freitag (2012, p. 923), nos estudos variacionistas “o estilo tem sido tratado como ajustes à (in)formalidade da situação mediante o uso de variáveis individuais”. O diferencial apontado por esta onda é a identificação do estilo como um recurso que auxilia na construção da identidade do falante. E esta identidade compreende os tipos sociais fixados na ordem social.

A novidade acrescida à Teoria da variação é justamente a tendência em analisar o sujeito em sua agentividade, ou seja, este passa a ser concebido como um agente, que, durante o processo interativo, vai tecendo e retecendo diferentes padrões de variação de acordo com as várias instituições sociais e diferentes comunidades de prática nas quais atua continuamente em projetos de vida diária. E é neste contexto de interação, na prática linguística cotidiana, que surge o uso de diferentes variáveis linguísticas, que podem, ou não, manifestar significados sociais específicos, os quais dependerão dos mais variados papéis sociais assumidos pelos interlocutores no ato comunicativo. Por isso, Eckert (2012, p. 20 - tradução nossa) argumenta

que o reconhecimento não pára em uma associação entre um traço linguístico e uma categoria social, mas envolve uma interpretação do significado social desta associação - e dos encontros em que a associação é feita. São nestes momentos de reconhecimento que uma característica saliente pode ser abstraída do estilo linguístico mais amplo e imbuída de significado social<sup>83</sup>.

Eckert (2012) põe em xeque o conceito central da variação, que alega que as variantes fonológicas constituem formas diferentes de dizer a mesma coisa, o que Lavandera (1978) já questionara. Para Eckert (2012), esta hipótese é compatível com o foco exclusivo

---

<sup>83</sup> No original: “that the recognition does not stop at an association between a linguistic feature and a social category, but involves an interpretation of the social significance of this association – and of the encounters in which the association is made. It is in these moments of recognition that a salient feature may be abstracted from the wider linguistic style, and imbued with social meaning”.

em linguística no sentido proposicional, e que vê a variação como simplesmente marcação de endereço social, mas se deve “perguntar, no entanto, se as pessoas em diferentes lugares na ordem social estão sempre dizendo a mesma coisa<sup>84</sup>”. (ECKERT, 2012. p. 27 - tradução nossa).

Este pressuposto constitui a grande contribuição de Eckert (2012), para o campo da sociolinguística variacionista, pois a autora defende a necessidade de se compreender a função desempenhada pelas variáveis linguísticas - em uso pelos falantes nas comunidades de prática - na construção dos diferentes estilos da linguagem e conseqüentemente na construção do próprio discurso. E para realizar esta interface entre a prática social do falante e seu lugar individual na comunidade, Eckert e McConnell-Ginet (2010) emprestaram a noção de comunidade de prática, de Lave e Wenger (1991), que definem comunidade, não por parâmetros geográficos, populacionais, mas pelo engajamento social dos falantes nas atividades cotidianas,

Comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo em um domínio compartilhado do esforço humano: a aprendizagem de uma tribo para sobreviver, um grupo de artistas que procuram novas formas de expressão, um grupo de engenheiros trabalhando em problemas semelhantes, um grupo de alunos que definem a sua identidade na escola, uma rede de cirurgiões que exploram novas técnicas, uma reunião de gerentes de primeira viagem que ajudam uns aos outros a liderar.<sup>85</sup> (WENGER, 2015, p. 1 - tradução nossa).

Portanto, compreendamos comunidades de prática como grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem a fazê-lo melhor, a partir da interação regular e dos interesses em comum que possuem, no interior de uma atividade que a comunidade compartilha. Mas Wenger (2015) adverte que nem tudo chamado de comunidade é uma comunidade de prática, um bairro, por exemplo, é muitas vezes chamado de uma comunidade, mas geralmente não é uma comunidade de prática, haja vista não haver envolvimento conjunto e contínuo entre os moradores, e um domínio compartilhado de interesses e conhecimentos na busca de novas ideias para lidar conjuntamente com desafios que enfrentam cotidianamente.

---

<sup>84</sup> No original: “to ask, however, if people at different places in the social order are ever quite saying the same thing”.

<sup>85</sup> No original: “Communities of practice are formed by people who engage in a process of collective learning in a shared domain of human endeavor: a tribe learning to survive, a band of artists seeking new forms of expression, a group of engineers working on similar problems, a clique of pupils defining their identity in the school, a network of surgeons exploring novel techniques, a gathering of first-time managers helping each other cope”.

Por isso, segundo Wenger (2015), três características são cruciais para a definição de comunidades de prática: *o domínio*, que envolve uma identidade definida por um campo compartilhado de interesse, o que implica na valorização de uma competência coletiva em aprender uns com os outros; *a comunidade*, que abrange as atividades conjuntas, discussões, ajuda mútua e compartilhamento de informações e conhecimentos; e por fim *a prática*, que abraça experiências, histórias, ferramentas e formas de abordar problemas da vida diária. Tudo isto, ocasionalmente, torna-se um repertório compartilhado entre os indivíduos e contribui, muitas vezes inconscientemente, para a prática cotidiana da atividade humana.

Wenger (2015) ainda acrescenta que os indivíduos não precisam necessariamente trabalhar ou morar juntos, para constituírem uma comunidade de prática, o importante é que se reúnam com frequência, em encontros que promovam a discussão e interação, sustentada pelos interesses mútuos sobre um determinado fato ou ação. Eckert e McConnel-Ginet (2010) ampliam essa definição de comunidades de prática de Wenger, conceituando-a como

um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisa, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas que emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. (...) Uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, a família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc. Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos focar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática. (ECKERT; McCONNEL-GINET, 2010, p. 102-103).

Assim, o conceito de comunidade de prática é diferente do conceito tradicional de comunidade de fala, na medida em que aquele é definido tão somente pela relação simultânea entre os falantes e a prática nas quais eles se engajam. Para Eckert e McConnel-Ginet (2010), é por meio destas práticas diferenciadas dos participantes que a comunidade é estruturada socialmente.

Por isso, Eckert (2012) acredita que o estudo da variação deva se centrar na prática estilística, pois os interlocutores indexicalizam às variáveis, recursos que não são necessariamente linguísticos, mas que contribuem, no interior da prática estilística, para o significado social da variação, tais como: postura assumida na interação, papéis sociais, tom de voz, estado emocional, as qualidades particulares que os estereotipam no seio da

comunidade de fala (traços linguísticos de diferentes grupos sociais, locais e extra-locais), o consumo de materiais da moda (vestimenta, aparelhos eletrônicos modernos) etc. Todos estes fatores indexados à variável, contribuem para a construção do estilo linguístico. E é este potencial indexical, apontado por Eckert (2012), que não foi incluído nos estudos das primeiras duas ondas, nas quais a única fonte de significado social da variação encontrava-se nas categorias sociais pré-existentes.

No que tange mais especificamente à proposta metodológica da Terceira onda, Freitag *et al* (2012) demonstram que os estudos desta onda conjugam a metodologia quantitativa, presente nas duas ondas anteriores, à coleta de dados que abranja a dimensão cotidiana dos sujeitos pesquisados e observações participantes nas comunidades de prática. É por isso que esta abordagem de análise centra-se na expansão da coleta dos dados da comunidade de fala para a comunidade de prática, na qual cotidianamente os falantes encontram-se envolvidos em redes de relações sociais.

Na pesquisa aqui desenvolvida, focamos a coleta de dados nas comunidades de prática tendo em vista a apreensão, no cerne das atividades e interações profissionais desenvolvidas pelos sujeitos falantes, da correlação entre o grau de proximidade/intimidade (solidariedade) e distanciamento (poder) estabelecida durante as relações sociais, e como tais relações influenciam na escolha das formas de referência à segunda pessoa pelo sujeito.

Mas diferente da coleta de dados realizada por Freitag (2014), que se deu apenas em um tipo de rede social de relacionamento pessoal existente dentro de uma comunidade de prática, a coleta dos dados de nossa pesquisa deu-se por meio da técnica de grupo focal, abordada no subitem seguinte, de comunidades de prática, e, por isso, nem sempre delimitamos somente um tipo de rede social, haja vista que nosso interesse voltava-se para o profissional de maior status dentro daquela comunidade de prática e para a relação deste com os outros participantes, o que poderia ser manifestada pelo uso de *tu, você e o(a) senhor(a)*. A partir do informante-base, escolhíamos os outros participantes de acordo com as características sociais de interesse e as relações sociais que mantinham com aquele. Sem afastar-se, é claro, do seio da comunidade de prática analisada: funcionários de banco, comunidade escolar, grupo familiar, companheiros de política etc.

#### **5.4.3 A técnica de grupo focal**

Para análise das formas de referência à segunda pessoa, foco deste estudo, adotamos,



como técnica de pesquisa, a interação grupal, denominada de Grupo Focal<sup>86</sup> (doravante GF). Este recurso metodológico envolve um grupo de discussões, que, sobre um tema ou tópico específico, dialoga, a partir de motivações apropriadas. No caso desta pesquisa, dispúnhamos de um roteiro de entrevista semiestruturada<sup>87</sup> que auxiliava no fluir do diálogo e na interação entre os participantes.

Segundo Backes *et al* (2011, p. 438), quando se busca caracterizar o Grupo Focal, “pode-se argumentar que se trata de uma entrevista em grupo, na qual a interação configura-se parte integrante do método”. A constituição do termo *Grupo Focal* advém da significação individual dos nomes que compõem o vocábulo *Grupo Focal*, sendo que o termo *grupo* remete ao número de participantes da pesquisa (mais de um) e a um moderador, que mantém sempre ativas e dinâmicas as discussões sobre o tópico discursivo, coordenando e orientando as atividades desenvolvidas ao longo do encontro. E é *focal* porque se volta para a coleta de informações sobre um tema ou foco em particular.

Nosso objetivo, ao adotarmos como opção metodológica, para este trabalho, o método de coleta de dados por meio do Grupo Focal, adveio da necessidade de obtermos trechos de fala resultantes de interação face a face entre os sujeitos e que tais trechos explicitassem, pelo uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, as relações simétricas e assimétricas existentes entre estes participantes do grupo. A possibilidade deste tipo de método em gerar discussão entre os participantes, problematização e questionamento direcionado ao ponto de vista do interlocutor poderia suscitar o uso, com maior expressividade, das formas de referência à segunda pessoa analisadas aqui, num contexto de fala mais próximo das relações tecidas entre eles em suas redes de relações sociais cotidianas, no seio das comunidades de prática às quais pertencem.

O interesse, portanto, em adotar o grupo focal não é o aprofundamento de uma ideia ou tema específico a ser analisado a posteriori, já que trabalhamos com alternância pronominal, mas simplesmente a necessidade de se obter, em maior frequência, o uso de tais pronomes em interação face a face, contando que todas “as informações trazidas pelo participante podem ser identificadas como dados do grupo” (ANTONI *et al*, 2001, p. 41). E quatro pessoas discutindo sobre um dado tópico em particular poderia gerar, em uma mesma interação, levantamento de dados bastante produtivo, o que dificilmente iríamos obter, com

---

<sup>86</sup> A técnica de pesquisa com o grupo focal foi usada e publicada pela primeira vez no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. Em seguida, em 1946, durante a segunda Guerra Mundial, Merton e Kendall usaram-na para averiguar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas. E, em 1952, foi Thompson e Demerath que lançaram mão desta técnica para estudarem sobre fatores que afetaram a produtividade de trabalhos em grupo. (RESSEL, 2008).

<sup>87</sup> Apêndice B.

sucesso, no modelo de coleta por meio de narrativas de experiências pessoais. Logo, neste quesito, o uso do grupo focal torna-se eficiente e relevante neste estudo, pois formamos 16 grupos focais, os quais geraram significativa produção das categorias pronominais analisadas.

Aos sujeitos participantes da pesquisa, argumentávamos que aquele encontro grupal objetivava, a partir de uma perspectiva dialética, discutir, confrontar ou simplesmente expor os pontos de vistas que possuíam, sobre status social e a relação com a profissão<sup>88</sup> que exerciam, dizíamos isto, principalmente ao informante-base, objeto de nossa análise, pois a partir dele é que tecíamos toda a rede de relações sociais com os outros membros do grupo. Ressaltamos que a relação entre status social e profissão foi analisada tomando sempre como referência os padrões sociais da comunidade cametaense.

Alguns cuidados foram considerados para a formação do grupo focal e realização dos encontros, tais como: os participantes de cada grupo focal foram agrupados de acordo com o compartilhamento do mesmo ambiente de trabalho<sup>89</sup> ou por relações estreitas com esta comunidade de prática em análise; agendamento prévio com todos os participantes, a depender sempre da disponibilidade de cada um; escolha do local do encontro para a gravação, priorizando o ambiente de trabalho deles<sup>90</sup> (no geral, as interações ocorriam sempre no local sugerido pelos participantes, que geralmente era o ambiente de trabalho, por acharem mais cômodo, já que passam a maior parte da vida diária no trabalho); a disposição dos participantes no espaço do debate, era em círculo, para que todos ficassem face a face e pudessem olhar seu interlocutor.

Enfim, procuramos tornar o ambiente bastante agradável para que eles se sentissem à vontade durante as discussões, e sem interferência externa, de preferência em um local que mantivesse resguardada a identidade dos participantes, seguindo as restrições da ética da pesquisa. O moderador<sup>91</sup> colocava-se num local que pudesse ter contato visual com todos e vice-versa e lançava mão de um roteiro de entrevista pré-estabelecido sobre o tema, composto por diferentes tópicos, com o intuito de conduzir o fluir da interação. O horário da discussão do GF sempre foi definido pelos participantes, o qual era escolhido levando em consideração a disponibilidade de todo o grupo.

Os temas do GF foram determinados de acordo com a área profissional de cada

---

<sup>88</sup> No grupo, havia um informante-base, de status social elevado e outros participantes com diferentes profissões da do informante-base, ou de status superior, ou inferior ou de mesmo status.

<sup>89</sup> Tendo em vista o favorecimento do fluir mais natural de relatos de experiências, discussão de ideias, valores, posicionamentos, enfim maior integração entre todos os participantes.

<sup>90</sup> As interações grupais foram gravadas em: Banco, Escola (pública e particular), Universidade (Campus Universitário do Tocantins (UFPA)/Cametá-Pará), Supermercado, Secretaria de Educação do município de Cametá (SEMED) e duas gravações foram realizadas na casa dos informantes-base, pois assim eles preferiram.

<sup>91</sup> Embora sempre estivesse presente durante as gravações, nem sempre fui moderadora do grupo.

comunidade de prática em estudo, por este motivo foram feitos vários tipos de entrevistas, tendo em vista abranger a especialidade de todos os profissionais pesquisados. Cada roteiro de entrevista era composto de quatro a cinco blocos que orientavam toda a realização das discussões focais do grupo. As sessões de realização dos encontros grupais duravam em média de 30min (trinta) a 1h30min (uma hora e trinta de gravação), não incluindo as conversas antes, para descontração do grupo, e depois das gravações<sup>92</sup>.

A escolha dos membros de cada grupo foi intencional e orientada sempre pelo informante-base, o qual, foi o primeiro escolhido, e restringia a seleção dos demais participantes. Depois que já tínhamos aquele, selecionávamos os outros, os quais, muitas vezes, os próprios informantes-base sugeriam, de acordo, é claro, com as relações sociais que possuíam com os demais, seguindo sempre o objetivo estabelecido pela nossa pesquisa.

#### **5.4.4 Processamento dos dados**

Para a captura dos áudios de fala que compuseram o *corpus* para o estudo e realização desta tese, utilizamos um gravador digital de MD (mini-disc, MZ- R900) da Sony. Depois de concluída a gravação dos dados, transferimos para o computador os áudios de acordo com os seguintes parâmetros de gravação: *Sample rate* 44.100Hz e *16 Bit-depth; channels* mono e formato *wave*, a fim de que a transcrição dos dados fosse realizada com maior eficiência.

Ato contínuo realizamos a transcrição grafemática na íntegra<sup>93</sup> de todo material colhido ao longo das entrevistas de cada grupo focal, com ajuda do programa computacional Windows *Media Player*, tarefa pela qual foram identificados os grupos de força em que se manifestou o fenômeno investigado. A transcrição das entrevistas seguiu os critérios da transcrição conversacional propostos por Castilho (2003), utilizados no Projeto NURC/SP. Neste trabalho, foram utilizados apenas os elementos que compõem o quadro 6 a seguir.

---

<sup>92</sup> Os participantes da pesquisa estavam sempre cientes da gravação destas conversas.

<sup>93</sup> Isto torna-se necessário haja vista trabalharmos com uma variável de cunho morfológico, portanto os cotextos e contextos mais amplos de ocorrência da variável serão significativos para uma melhor compreensão desta e das motivações de sua ocorrência.

**Quadro 6 - Sinais utilizados na transcrição grafemática do *corpus*.**

Legenda dos sinais	Sinais	Trechos de falas retirados do corpus em análise
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	mas é como eu to falando ... como diz a ( ) rapa não interessa se <b>tu</b> for ... passou ... <sup>94</sup>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	chamo ela chamo né?! fulana ... aí (pelo nome) e ela não ela sempre chama professora <b>a senhora</b> quer <sup>95</sup> ?
Qualquer Pausa	...	sim... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... <b>tu</b> tá entendendo (para o documentador) ... é em categoria ... tipo assim... o que que <i>tu</i> mais gostaria de ser ... <sup>96</sup>
Interrogação	?	professora como <b>a senhora</b> vê essa questão <sup>97</sup> ?
Comentários descritivos	((minúsculas))	<i>you</i> passa por outros e vai ficando como <i>tu</i> falastes ((dirigindo-se para o documentador)) agora pouco porque por exemplo <sup>98</sup> ...

Fonte: Adaptado de Castilho (2003)

Concluídas as transcrições grafemáticas do *corpus*, realizamos a triagem dos dados, isto é, a retirada, de cada transcrição, dos períodos oracionais que continham as formas de referência à segunda pessoa, estudadas neste trabalho. Ressaltando que o tempo total de áudio transcrito e analisado nesta pesquisa, dos 16 (dezesseis) grupos focais que compuseram a amostra, foi de 16h40min30s de gravação, como figura no quadro 7 que segue, o qual considera primeiro o tempo de áudio de cada grupo e o total de áudio resultante da somatória dos 16 grupos focais.

<sup>94</sup> INFCAM16IIMB

<sup>95</sup> INFCAM03IFB

<sup>96</sup> INFCAM16IIFB

<sup>97</sup> INFCAM07IMB

<sup>98</sup> INFCAM11IIMB

**Quadro 7:** duração de áudio dos 16 (dezesseis) grupos focais para análise de tu/você/o(a) senhor(a) da linguagem falada na zona urbana de Cametá.

	<b>Informantes</b>	<b>Duração total de cada informante</b>
01	INFCAM01IMA	43min 15s
02	INFCAM02IMA	58min 41s
03	INFCAM03IMB	30min 46s
04	INFCAM04IMB	1h 03min 05s
05	INFCAM05IFA	56min 27s
06	INFCAM06IFA	38min 79s
07	INFCAM07IFB	46min 57s
08	INFCAM08IFB	55min 03s
09	INFCAM09IIMA	59min 34s
10	INFCAM10IIMA	1h 23min 31s
11	INFCAM11IIMB	1h 32min 18s
12	INFCAM12IIMB	54min45s
13	INFCaM13IIFA	1h 47min 44s
14	INFCAM14IIFA	1h 05min 19s
15	INFCAM15IIFB	51min 29s
16	INFCAM16IIFB	1h 19min 25s
<b>Tempo total de áudio do corpus</b>		16h40min30s <sup>99</sup>

**Fonte:** própria

Feito isso, passamos para a etapa seguinte que foi a elaboração de um arquivo de especificação, contendo o envelope da variação para, em seguida, realizarmos a codificação dos dados. Os dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa foram analisados pelo

<sup>99</sup> 984min18s.

programa computacional GOLDVARB<sup>100</sup>. Este programa foi desenvolvido por Sankoff, Rousseau e Tagliamonte (2005) e objetiva identificar e explicar, através de um modelo matemático de análise da regra variável, a quantificação e testagem do nível de significância dos efeitos produzidos pelos fatores contextuais do comportamento variável dos pronomes de segunda pessoa, na zona urbana do município em estudo e gerar as frequências<sup>101</sup> (percentuais) e pesos relativos<sup>102</sup> da variável analisada, elencando os fatores e contextos que influenciam na escolha de uma variante linguística em detrimento de outra.

A escolha por esse modelo de análise linguística surgiu, segundo Guy e Zilles (2007, p.73), porque “a realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística”. A interpretação dos dados estatísticos da aplicação de uma regra variável é realizada pelo valor numérico atribuído a cada fator da análise. Esse valor, conforme Guy e Zilles (2007, p. 41), “vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra”. Os valores são interpretados levando em consideração os seguintes padrões: um valor de peso relativo acima de 0,50 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra variável; um valor abaixo de 0,50 corresponde a um fator que desfavorece a regra; um valor igual a 0,50 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra. Um valor próximo de 0 indica que a regra relevante nunca se aplica ao contexto daquele fator (um *no-cause* negativo), e um valor próximo de 1 indica que a regra sempre se aplica no contexto daquele fator (positivo). E como o programa considera somente a variabilidade existente na língua, *os knockouts* não são levados em consideração pelo programa, na medida em que são considerados termos categóricos, e por isso são retirados da análise para proceder-se ao processamento dos dados.

Ressaltamos que as análises mais comuns de cunho variacionista realizadas pelo pacote *Varbul* são aquelas que utilizam o modelo binário de variável dependente, que segundo Guy e Zilles (2007), a tratam

em termos das probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa. Tal ausência pode incluir apenas

<sup>100</sup> GOLDVARB é um programa computacional idealizado para a realização de análise de regra variável e exibir a manipulação de dados associados. Baseia-se em programas previamente divulgados por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk e é adaptado tanto para o sistema operacional do Windows, como IOS.

<sup>101</sup> Para Cassique (2001), o percentual corresponde à interferência de cada fator pertencente a cada grupo de fatores elencados, sinalizando a frequência de ocorrência em cada fator. (CASSIQUE, 2001).

<sup>102</sup> O peso relativo demonstra a importância de cada fator para o desencadeamento do fenômeno em face de todo o conjunto de fatores com que se trabalha. (CASSIQUE, 2001).

uma alternativa, ou várias, mas, no caso de várias, uma análise binária trata todas elas em um só conjunto. (GUY; ZILLES, 2007, p. 141).

Neste trabalho, como a variável dependente é composta de três variantes: Tu, você e o(a) senhor(a), optamos pela realização de uma análise binária que considerou, em oposição *a presença* da variável (valor de aplicação na rodada), *a ausência* contendo apenas uma alternativa – *tu* versus *você*, *tu* versus *o(a) senhor(a)* e *você* versus *o(a) senhor(a)*. Porém, para observar somente o percentual de ocorrência das três variantes, em relação a algum grupo de fatores, tomamos como valor, uma das variantes, por exemplo, a forma *tu* e o da não aplicação, conjuntamente, as variantes *você* e *o(a) senhor(a)*. Então, o nível ou ponto neutro dos pesos relativos, calculados pelo programa Goldvarb X, continuam sendo definidos para as duas variantes dependentes em exame, o que conseqüentemente acaba atribuindo para as duas alternativas - presença versus ausência (aplicação versus não aplicação) – a mesma probabilidade de ser escolhida, equivalente ao valor de 0,50, o mesmo da análise binária simples, com somente duas variantes da variável.

### **5.5 Definições das variáveis: o envelope da variação**

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 36), “a identificação de uma variável inclui definir variantes (o que é e o que não é ocorrência da variável em estudo) e determinar o pacote da variação (onde é possível ou impossível que a variável ocorra)”. Nesse sentido, partimos do pressuposto da teoria laboviana de que a variação não ocorre aleatoriamente na língua, mas é condicionada por fatores inerentes à própria estrutura da língua como também por fatores sociais. As produções linguísticas do falante demonstram uma distribuição probabilística das variantes, em que uma pode ocorrer mais em um dado contexto e menos em outro, ou até mesmo nunca ocorrer em um dado contexto.

Uma análise linguística sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa pode demonstrar a dependência existente ou até mesmo a relação de causa entre a dimensão social e a dimensão estrutural da língua, através de dados probabilísticos. Assim, há fatores que podem interferir decisivamente na escolha momentânea pelo falante de uma forma linguística e não outra, nesse sentido foi que optamos por considerar como variáveis independentes as elencadas a seguir:

### 5.5.1 Variável dependente

O presente plano de trabalho investigará particularmente o comportamento variável das formas de tratamento de segunda pessoa do Português do Norte do Brasil – *tu, você e o(a) senhor(a)*. A variável dependente, foco do estudo aqui, constitui uma variável linguística na medida em que apresenta uma ou mais formas linguísticas que se alternam no uso da língua falada e que “podem ser vistas como opções em algum ponto na gramática mental” (GUY; ZILLES, 2007, p. 135).

#### a) *Tu*

[01] porque se **tu** olhares os nossos médicos mesmo não dá cinco ... cametaense ... então taí um grande problema<sup>103</sup> ...

#### b) *Você*

[02] Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! *você* ... quando ... quando *você* vem pra cá ... **você** não passa ... *você* passou a não ser a Zélia Cardoso simplesmente ... mas a Zélia Cardoso<sup>104</sup> do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e *você* né *você* tem<sup>105</sup> ...

#### c) *O(a) senhor(a)*

[03] é eu gostaria que *o senhor* exposse aqui pra gente é ... como ***o senhor*** se vê ... em relação a sua profissão? E qual é o papel desempenhado pelo senhor socialmente?<sup>106</sup>

Somente serão considerados nesta tese os contextos de uso das formas pronominais que puderem alternar entre si com a mesma função morfossintática de sujeito, como nos casos exemplificados acima.

### 5.5.2 Variáveis independentes

A determinação dos fatores linguísticos e não linguísticos para a análise das formas de referência à segunda pessoa do Português falado no município de Cametá-PA foi realizada levando em consideração alguns fatores utilizados em pesquisas sociolinguísticas anteriores

<sup>103</sup> INFCAM12IIFB

<sup>104</sup> Todos os nomes próprios encontrados nos trechos de fala dos informantes-base são ficcionais, em substituição aos nomes próprios verdadeiros destes, com o intuito de mantermos a ética na pesquisa e resguardar a figura e personalidade de nossos entrevistados.

<sup>105</sup> INFCAM11IIFB

<sup>106</sup> INFCAM07IMB



sobre o tema, de alguns dialetos do Brasil, investigados por Loregian-Penkal (2004), por Paredes Silva (1998), por Martins (2010) e por Andrade (2010).

Estes fatores fornecem subsídios para que, posteriormente, seja possível tecer relações e comparações entre os resultados obtidos neste com outros em consonância com a postura teórico-metodológica deste estudo. Cada uma das variáveis independentes corresponde a uma hipótese dos possíveis efeitos sobre a variável dependente (a aplicação da regra). Sendo assim, foram selecionados os seguintes grupos de fatores independentes:

### **a) Variáveis Linguísticas**

#### 1. Referência do pronome:

- a) Referência direta a um indivíduo
- b) Referência ao próprio falante
- c) Referência indireta/específica a um indivíduo
- d) Referência indireta a um grupo
- e) Referência indeterminada/Genérica

O emprego da noção de referência para o estudo das formas pessoais *tu*,  *você*  e *o(a) senhor(a)* foi orientado, neste trabalho, pelo conceito de *frame* de Goffman ([1974] 2006), voltado para caracterizar as diferentes perspectivas que cada sujeito falante, em particular, assume subjetivamente durante a situação comunicativa, tanto de forma consciente como inconsciente. Goffman ([1974] 2006) afirma que as definições de uma situação são construídas de acordo com “princípios de organização que regulam eventos – pelo menos os sociais - e o nosso envolvimento subjetivo neles; *enquadramento* é a palavra que eu uso para referir-me a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar”. (GOFFMAN, [1974] 2006, p. 11, *grifos do autor*). Portanto, são os frames que orientarão no processo enunciativo, a percepção e a representação da realidade, a qual poderá ser construída pela referência indireta ou direta, olhando para o objeto desta análise, por meio das formas pessoais em uso na enunciação.

Partindo deste princípio, idealizamos para a construção deste grupo de fatores, um continuum entre o endereçamento específico/direto e o endereçamento genérico/indeterminado, localizando, no meio desse continuum, a referência específica para o falante, indireta a um indivíduo e específica indireta para um grupo.

Direta/Indivíduo	<i>Específica</i> /falante	Indireta/Indivíduo	Indireta a um grupo	Indeterminada/ genérica
------------------	----------------------------	--------------------	---------------------	----------------------------

Em um extremo do *continuum* encontra-se a *referência direta a um indivíduo*, compreendida como referência a um interlocutor presente e participante ativo na situação de enunciação e ratificada pelos membros da interação.

[04] aí eu procuro pra não ter esse preconceito ... ainda temos que lidar com preconceito né?! é racial é porque *tu* é gordinha ... eu sou magrinha ... é! ... porque a gente trabalha ... Lu *tu* trabalha também já no quinto ano eu trabalho no terceiro ano eles já tão assim ... vem tudo eles já querem vir maquiadinho ... entendeu?! ah porque *tu* tá gordinha - INFCAM14IIFA

A *referência específica para o próprio falante* ocorre quando a segunda pessoa do discurso a quem o falante se refere é o próprio falante, caso não muito expressivo no *corpus* desta pesquisa:

[05] era eu representando uma escola particular ali ... mas tinha vários de outra repartição que tava lá que *tu* ((referência ao próprio falante)) conhecia ... que é de outros tempo né?! ... outro momento da tua vida é ... talvez que isso vai tendo com que *tu* vai criando uma certa referência com determinado tempo e período – INFCAM11IIMB

Consideramos a referência indireta a um indivíduo como aquela mencionada pelo falante, por meio do discurso relatado, na qual a segunda pessoa pode ou não ser reconhecida pelos participantes do quadro comunicativo, constituindo-se apenas de existência específica e referencial no mundo discursivo. Em conformidade com Modesto (2007), entendemos que a referência indireta ocorre quando o falante cita um evento de fala, que reporta a um outro *frame* e usa o discurso direto para reproduzi-lo, como no trecho de fala que segue em [06]:

[06] eu vim pra cá e a gente começou a trabalhar ... né!? aí eu trabalhei com a dona ... Olinda seis anos ... trabalhei lá ... e aí aquela velha história ... tipo assim aí o pai cobrando minha filha ... *você* tem que estudar ... *você* tem que ter uma profissão ... se formar se é isso que *você* quer realmente ... aí eu falei pra ele olha pai ... eu gostei ... é uma coisa que dá dinheiro - INFCAM13IIFA

A *referência indireta a um grupo*, conforme exemplo [7] abaixo, é denotada como aquela direcionada a um interlocutor, que não é singular, único, em termos de especificidade

peçoal, mas sim um grupo, que encapsula os interlocutores tornando-os comuns, por meio de alguns traços sociais, tais como: a mesma profissão (professores, bancários, políticos, estudantes universitários), moradores do mesmo bairro, cidade ou país, possuidores do mesmo nível social ou de escolaridade etc. Tal grupo é claramente reconhecido pelos interlocutores, através do contexto discursivo, como sendo o interlocutor/ouvinte em particular a quem o falante se direciona.

[07] é estressante ... tu trabalhar com pessoas de diferentes idades ... de diferentes ... diferentes raças ... níveis sociais ... ( ) a pessoa tem que tá muito capacitado para trabalhar lá ... muito mesmo ... tais entendendo?! ... aí tu tu não ganha aquilo que tu deveria ganhar de acordo com a profissão que tu exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso - INFCAM01IMA

E no outro extremo do *continuum*, encontra-se a *referência indeterminada ou genérica* caracterizada como evento de fala no qual o uso do pronome de segunda pessoa é remetido a outro quadro interativo ou *frame*, não dirigido a um interlocutor específico ou a um grupo socialmente definido, reconhecido, presente ou não no curso da situação de fala. O uso deste tipo de referência, para Modesto (2007), envolve uma seleção inconsciente, um enquadramento de um interlocutor indeterminado em uma situação contextual hipotética, como o que ocorre no trecho [5] em que a forma pronominal *tu* aceita qualquer sujeito discursivo de segunda pessoa existente no mundo (que deseje, no caso, investir numa dada profissão). Dizemos, então, que temos um interlocutor com perfil de referência genérica.

[08] é assim ele tá engajado ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um arquiteto ... se tu quer ser um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... tu vai ter que passar pela mão do professor - INFCAM07IFB

## 2. Estrutura do verbo

### a) Forma verbal simples

[09] não ... é é isso mesmo! né! Como diz tenho até um colega qui dizia assim humm tu chegou lá e ele ti ver ... sabe qui tu é bancária ... ele entrega até a loja dele! ... INFCAM15IIFB

### b) Forma verbal complexa (tempo composto e perífrase)

[10] poderia ser inverso ... porque o status sociais social se dá pela pela pela classificação ... dentro duma sociedade ... como se tu fosse pesquisar... o que tem demais na cidade seria o professor em primeiro lugar... em status social porque o

professor INFCAM16IIFB

[11] ali em volta ... **tu** tá correndo risco ... *tu* tá ... ( ) ... *tu* corre o risco de pegar uma doença INFCAM01IMA

### 3. Paralelismo Estrutural:

a) Não precedido de forma pronominal, isto é, isolado na oração

[12] ... sempre existe isso é intriga é fuxiquinho pra cá é fuxiquinho pra li ... se **tu** falar um desse tamaninho pra cá ... a fulana ... quando chega lá lá lá no patrão já tá desse tamanho ... entendeu?! INFCAM14IIFA

b) Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal

[13] sim ... mas mas eu penso que não é *status* ... no sentido do financeiro ... não é isso ... **tu** tá entendendo! ... é em categoria ... tipo assim ... o que que **tu** mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que **tu** não queria ser professor ... **tu** queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor INFCAM16IIFB

c) Pronome tu/você e/o(a) senhor(a)<sup>107</sup>, não primeiro da série, precedido por tu

[14] porque se **tu** se estressar lá ... **tu** pode ser penalizado! ... e as pessoas que vão lá não ... elas querem que *tu* chegue até ((risos)) ... fazer o impossível INFCAM01IMA

[15] por que menino **tu** não entendeu se tudo mundo entendeu? não! Isso é **tu** discriminar o aluno ... falar ah tudo bem não te preocupe que a gente vai retomar esse conteúdo ... aí a gente já retoma de outra maneira ( ) acaba que **você** trabalha de várias maneiras o mesmo conteúdo ... porque não tem como discriminar um aluno só porque ele não conseguiu dominar um método que você utilizou ... INFCAM07IFB

d) Pronome tu/você e/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por você

[16] hoje como **você** falou ... uma história muito bem lembrada ... hoje se for olhar ... por exemplo a Dilma ... é antes isso aí ... a uns vinte anos atrás isso era um terror na sociedade ... ((omissão de trechos)) ... todos são iguais ... eu sempre lembro que ali na câmara tem pessoas de cinco mandatos ... mas pra mim o que vale é esse ... eu to no primeiro mas aqui o mesmo valor que **você** tem eu tenho

[17] quando **você** é vereador ou empresário ... presidente até da nossas associações ... então ele tem tipo ainda um preconceito com pessoas que tem *status* ... que tem mandato ... uma vez ... um cidadão me falou ((trechos omitidos do mesmo turno)) ele falou não é cara ... tem mais de trezentas pessoas que tão cobiçando um cargo ... são quinze vagas ... são trezentas pessoas brigando por essas quinze ... **tu** ja pensou nisso? ... disse não eu não to pensando em poder ... eu to pensando uma uma questão mais minha ... INFCAM10IIMA

<sup>107</sup> Não houve ocorrências no *corpus* de o(a) senhor(a) precedido por *tu*.

[18] ai mana eu fiquei e mãe dela falou filha quando *você* for *você* dobra não olha pra ninguém não fala com ninguém ... a preocupação sabe?! Aí quando chegou lá até perguntou a minha idade sabe?! tia quantos anos *a senhora* tem? eu falei eu tenho 32 ... nossa tia a senhora não tem cara de 32 ((risos)) eu falei assim mais nova ou mais velha? não mais nova que isso ... INFCAM13IIFA

e) Pronome tu/você e/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por o(a) senhor(a)

[19] a gente levava pessoal... a gente levava os ministrantes de linguística ... de matemática até a gente trabalhou tentou né levar *a senhora*<sup>108</sup> ... ((omissão de trechos)) a gente tinha a quantia do abraço ... eram 10 abraços ... aí quantos abraços? Ah ... 8 vai? te vira *tu* tem 10! Então era tudo gostoso ... tanto é que a gente fazia a dinâmica do abraço ... tinha uma professora que tava 30 anos trabalhando ... ela odiava falar ... INFCAM16IIFB

[20] Mariazinha por favor assim como eu trato a professor ‘Suzana Vieira’ ou qualquer outra professora ... é professora por favor dá pra *a senhora* fazer tal coisa pra mim? sim ... assim eu trato a Maria porque ela é um papel fundamental na nossa escola ... porque se ela não limpar ... ah tem muitos que vão limpar ... tem ... mas não é do mesmo jeito ... *você* vai ficar brigando ... as vezes a gente pede não quer fazer ... nunca eu vi aqui a gente pedir Maria ... INFCAM14IIFA

[21] mas para *o senhor* depois que também viraram ... *o senhor* virou guarda ... no caso... outras pessoas se aproximaram mais também... né?! INFCAM03IMB

#### 4. Tipo de relato/discurso

O grupo de fatores “tipo de discurso” compreende as diferentes estratégias discursivas pelos quais os falantes podem organizar sua alocação. Tais estratégias podem dar-se por meio do discurso de fala original/própria do falante ou por meio de discursos de outrem<sup>109</sup>, isto é, de terceiros, e em muitos casos, a fala deste terceiro/outro é do próprio falante.

A denominação de discurso de fala original, neste trabalho, é concebida como aquela forma de discurso autêntico, formulada pela primeira vez pelo falante, porém, esta fala primeira, segundo Tenório (2003) não deve ser entendida no sentido cronológico, mas no

<sup>108</sup> Como se trata de item precedente, consideramos as formas pronominais de segunda pessoa em qualquer posição sintática, como observado nos exemplos 19 (dezenove) e 21 (vinte e um), nos quais a forma *o(a) senhor(a)* não está em posição de sujeito.

<sup>109</sup> Nesta análise serão considerados os discursos relatados, ou de outem, por sermos coniventes a Zilles e Faraco (2002, p. 40) que “Todas as formas de discurso reportado, desde as claramente demarcadas até as meras alusões imbricadas nos enunciados, são constitutivas do discurso do informante, que se reporta a e se apropria dessas outras vozes recriando-as”, transformando-as, reinventando-as e adaptando-as às situações interativas.

sentido da novidade da vivência e experiências novas contadas pelo sujeito, como no exemplo [22] e [23]. Enquanto que fala reportada ou discurso relatado, implica menção e/ou referência ao discurso de outrem, o qual, pode ser o próprio falante, em referência a sua fala, mas em outro ato de fala, como em [24], ou o discurso de um terceiro, no qual o falante põe em cena a voz de outro falante, citando outro ato de fala, de forma direta ou indireta como no exemplo [25]. Considerando isso, classificamos este grupo de variável em:

a) Discurso de Fala original/própria

[22] se **você** quer ser diferente da porta da rua pra fora ... aí eu procuro pra não ter esse preconceito ... ainda temos que lidar com preconceito né?! é racial é porque **tu** é gordinha ... eu sou magrinha ... é! ... porque a gente trabalha Lu **tu** trabalha também já no quinto ano eu trabalho no terceiro ano eles já tão assim INFCAM14IIFA

[23] ah porque na escola tem que ter ... computador pra ele pesquisar aqui na escola ... sim qual é a sua função na casa? ... é só ser pai? ... nao tem que ter seu compromisso ... eu tenho o meu na minha sala de aula e **você** tem que ter o seu em casa ... né?! INFCAM14IIFA

b) Discurso relatado do próprio falante

[24] a Sofia ela chora quando eu falo assim ... **tu** não fazer o dever direitinho minha filha eu não tenho tempo eu boto ela na mesa e quando eu to fazendo as outras coisas ela ta lá resolvendo aí qualquer dúvida ela vem ... mãe isso? ( ) não tá fazendo direitinho ... olha essa letra feia INFCAM14IIFA

c) Fala relatada de uma terceira pessoa<sup>110</sup>

[25] **tu** é nova! ... **tu** passou nova na universidade num sei quê ... aí eu peguei já tinha feito o primeiro semestre ... falei não ... não quero nem saber ... eu falei ... eu to na coisa que eu gosto ... eu não vou fazer medicina ... fisioterapia que é outra área ... por outros interesses ... outras razões INFCAM08IFB

## 5. Tipo de frase

a) Interrogativa (Afirmativa e Negativa)

[26] **tu** sabe a senha? INFCAM03IMB

b) Declarativa Afirmativa

<sup>110</sup> Não houve ocorrências no *corpus* da forma *o(a) senhor(a)* em fala relatada de uma terceira pessoa.

[27] aí lá por exemplo ... eles tem essa questão lá ... tanto que há ditado que diz em Londres você é reconhecido pelo seu sotaque ... então essa questão ... por exemplo ... em determinadas regiões existe essa discriminação de certo ponto do inglês ... INFCAM08IFB

c) Declarativa Negativa

[28] Lá dentro tu não podes chegar com aquelas roupas ... tu não podes vir de blusa ... de blusa ... INFCAM01IMA

d) Exclamativa (Afirmativa e Negativa)

[29] no ensino médio! ah, então você não se formou ainda! ... INFCAM08IFB

Não fizemos distinção entre frases interrogativas afirmativas e interrogativas negativas, pois esses tipos de frases não se demonstraram muito produtivas no *corpus* da pesquisa, de forma isolada. E como opção metodológica, para minimizar o surgimento de possíveis nocautes para o grupo, decidimos agrupá-las em único fator. Ressaltamos que tomamos o conceito de frases interrogativas baseado na noção de construção gramatical, conforme Perini (2010), enquadrando nesta visão as interrogativas fechadas (sim/não e/ou a repetição do verbo) e as abertas (Q) e desconsideramos as interrogativas indiretas (que podem aparecer como subordinadas), já que por se tratar de conversação espontânea, tais construções seriam raras de serem proferidas.

De igual maneira, agrupamos as frases exclamativas, incluindo as exclamativas negativas e as afirmativas, pelos mesmos motivos que o fizemos nas interrogativas. Enfatizamos, ainda, que, para a classificação de frases exclamativas, tomamos como critério, principalmente os traços prosódicos entonacionais, os quais nem sempre possuem uma estrutura tonal fixa e a carga emotiva e afetiva que carregam as orações, incluindo até mesmo o alongamento de fonemas para realçar algum desejo do falante e atrair assim a atenção do interlocutor.

## 6. Tempo do verbo

Reconhecer o estatuto da categoria verbal de *tempo* para o estudo do comportamento variável das formas de referência à segunda pessoa torna-se relevante para compreendermos o funcionamento desta variação na linguagem cametaense estudada. E para melhor especificarmos a natureza de atuação desta variável independente, classificamos-a de acordo com as propriedades que levam em consideração: a natureza do tempo discursivo do verbo e

as propriedades gramaticais do verbo, para melhor depreendermos os efeitos que cada noção gramatical causaria na variável dependente tu/você/o(a) senhor(a).

### 6.1 Tempo discursivo do verbo

- a) Presente
- b) Passado
- c) Futuro

No exemplo abaixo, encontramos ocorrências da forma pronominal com os três tempos discursivos, dispostos em ordem nos tempos: presente, passado e futuro considerados aqui como categorias de análise.

[30] então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim **tu** vende teu conhecimento **tu** estudou **tu** tá veendendo ... aquilo aquilo que **tu** aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos **tu** chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e **tudo** mas se **tu** for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ... INFCAM09IIMA

Analizamos as formas temporais a partir de uma cronologia de estados de coisas, assentadas em tempo real ou metafórico, em três perspectivas temporais: a referência ao momento simultâneo ao ato de fala – presente; anterior a este ato – passado e posterior ao momento da enunciação – futuro. Incluímos nesta categoria as expressões verbais perifrásticas, como em [31], que incluem as marcas prefixais dos verbos modais que as acompanham, como os verbos auxiliares: ser, estar, ir, ter, haver, que podem “assumir qualquer uma das flexões de tempo, modo e pessoas disponíveis, e uma **base verbal** geralmente descrita, como ‘verbo de sentido pleno’, numa das formas não conjugadas ou ‘nominais’” (infinitivo, gerúndio, particípio). (ILARI, 1997, p. 28 – *grifos do autor*).

[31] no banco mesmo que tu ... que tu subas de cargo... e **tu** vai subir se Deus quiser... **tu** vai chegar no máximo oito horas... oito horas de serviço... num num extrapola isso ... INFCAM03IMB

### 6.2 Tempo Gramatical do verbo

- a) Passado do Indicativo<sup>111</sup>

<sup>111</sup> Foi agrupado como “passado” todos os tipos de passado do indicativo: perfeito, imperfeito e mais que perfeito.



[32] se cada um fosse se relacionar ... como ( ) tu falaste agora a ele INFCAM06IFA

b) Presente do Indicativo

[33] eu gosto de trabalhar ... eu gosto de trabalhar ... é uma profissão é é estressante é muito ... tu atende uma pessoa que que tá bem ... tu atende uma pessoa que ela tá ... ela tá estressada ... INFCAM01IMA

c) Futuro do Indicativo<sup>112</sup>

[34] sim ... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... tu tá entendendo?! ((assimétrica 01)) ... é em categoria ... tipo assim ... o que que tu mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que tu não queria ser professor ... tu queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor INFCAM16IIFB

d) Passado do Subjuntivo

[35] que tu fosse bem visto né ... socialmente INFCAM11IIMB

e) Presente do Subjuntivo

[36] aqui porque dentro da nossa cidade nossa cidade nossa cidade é uma cidade pobre ... porque ela ... ela só vive de de é ... ( ) então é assim tu precisa ... é hospital que precisa ... que tu doe uma tinta que tu doe alguma coisa ... é é todo tempo tem ofício aqui (que é)pra gente doar ... INFCAM09IIMA

f) Futuro do Subjuntivo

[37] 10 mil famílias no cametaense pra ter um médico ... e e e e também 10 mil famílias num cametaense pra ter um comerciante ... diferente da sua família ... mas o professor tu tu se jogar uma rede vai encher ... porque tem muito ... então se tu fizeres uma pesquisa o que que tem mais em Cametá é professor ... porque tu não acha 5 mil médicos e a nossa categoria quando vai pro banco é uma tristeza ... tem 5 mil professores lá recebendo ... INFCAM16IIFB

g) Infinitivo pessoal flexionado<sup>113</sup>

[38] então ele exerce profissão dentro e fora de sala de aula porque ... pra tu chegar na sala de aula ... pra tu expor um um assunto pro teu aluno tu tem que estudar na casa pra ver o que tu vai expor pra ele ... né?! Então ele não é éh ...

<sup>112</sup> Agrupamos no tempo futuro do modo indicativo tanto a forma futuro do pretérito quanto a futuro do presente, haja vista obtermos pouco dados para tais tempos verbais.

<sup>113</sup> O infinitivo corresponde a umas das três formas nominais do verbo, junto ao gerúndio e participípio. Esta forma verbal apresenta uma ação ou um evento de forma geral e pode vir regido por preposição. Segundo Carvalho (1984), o infinitivo pessoal flexionado é um substantivo – verbal, com força designativa ou declarativa, e constitui o único verbo que nas expressões verbais pode ser regido por preposições, traço que o distingue sintaticamente do futuro do presente do modo subjuntivo, que é acompanhado por conjunção, além de não exprimir traços de modo e tempo. Câmara Jr. (1985) o conceitua morfologicamente como uma peculiaridade da língua portuguesa por apresentar desinências pessoais e à existência de um sujeito próprio da oração que está adjunto.

também ... bem trabalhoso essa profissão e também se tratando também ... éh ( )  
INFCAM07IFB

O tempo gramatical do verbo envolve também a categoria de modo, formada pelas marcas modo-temporais constituídas pelos morfemas flexionais, que compreendem as noções de modo-tempo e número-pessoa e a forma nominal infinitivo flexionado. Segundo Castilho (2010, p. 438 – *grifos do autor*), a categoria de modo

evidencia de que ato de fala se trata: o dos “conteúdos que se realizam no mundo” (indicativo), o das “situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo” (subjuntivo) e o da “ordem”, bem diferente “da asserção e da suposição” (imperativo).

### **b) Variáveis sociais e/ou extralinguísticas**

Assim como as variáveis linguísticas, as variáveis externas ou extralinguísticas (sociais e geográficas) podem contribuir para a análise do comportamento da variável dependente neste estudo, levando o falante a optar por uma variante e não outra no momento da fala, pois segundo Guy e Zilles (2007, p. 74), “a taxa de uso de um traço linguístico [é] de algum modo causado, influenciado, ou determinado pelas características sociais.” Os fatores sociais e sócio-interacionais que acreditamos serem mais significativos para a regra variável em estudo no município de Cameté são:

1. Sexo/gênero<sup>114</sup>
  - a) Masculino
  - b) Feminino
  
2. Faixa etária
  - a) Primeira faixa etária - 21 a 29 anos
  - b) Segunda faixa etária - 32 a 42 anos
  
3. Nível de escolaridade
  - a) Ensino médio

---

<sup>114</sup> Incluímos o fator gênero para acompanhar a evolução do pensamento feminista a partir da década de 70, do século passado. E esta noção envolve características sociais e psicológicas do falante, que, para Santos (2011, p. 45), compreende “à elaboração social e cultural da diferença sexual um processo que restringe nossos papéis sociais, oportunidades e expectativas”, enfim é a construção social e cultural do sexo.

b) Ensino superior

#### 4. Relação social entre os interlocutores

- a) Assimétrica superior - fala reportada a uma pessoa com status social superior.
- b) Assimétrica inferior - fala reportada a uma pessoa com status social inferior.
- c) Simétrica - fala reportada a uma pessoa com mesmo status social.

### 5.5.3 Hipóteses

A fim de avaliarmos a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra variável em estudo, lançamos, para cada um dos grupos de fatores, uma hipótese para nortear, através da análise estatística, a investigação do tema proposto. E como hipótese maior desta tese, entendemos que o pronome *tu* alterna com o pronome *você* e com *o(a) senhor(a)* na zona urbana do município de Cametá, embora seja ainda a forma pronominal de maior uso na região investigada. E esta variação pronominal de segunda pessoa é motivada por fatores internos e externos à estrutura da língua. Por isso, atribuímos a origem dessa alternância a fatores morfossintáticos, discursivo-pragmáticos e socioestilísticos.

Por conseguinte apresentaremos os grupos de fatores controlados neste estudo e as suas respectivas hipóteses que embasaram este trabalho. Ressaltamos que as hipóteses a serem testadas a partir dos dados desta pesquisa, foram pensadas, em conformidade e nível de frequência, em sua maioria, a trabalhos já realizados sobre os pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, como os de Loregian-Penkall (2004), Modesto (2006), Andrade (2010), Martins (2010), Nogueira (2013), Guimarães (2014) e Costa (2013).

#### a) Referência do pronome

Acredita-se que a forma pronominal *tu* e a forma *o(a) senhor(a)* são mais usadas pelo falante em referência direta e específica a um interlocutor (identificado) durante a situação comunicativa, enquanto que a forma pronominal *você* ocorre, mais frequentemente, em referência a um interlocutor indeterminado no ato comunicativo (genérica) e pode designar qualquer pessoa (não sendo possível identificar a qual informante o falante se dirige). Assim, podemos afirmar que a referência “genérica” desfavorece significativamente a escolha das formas *tu* e *o(a) senhor(a)*, mas não o uso da forma *você*.

### b) Paralelismo Estrutural

O falante, como forma de realçar e enfatizar a marcação de segunda pessoa no discurso, tende a repetir uma mesma forma linguística, numa sequência discursiva, entre orações. Isso leva-nos a prever que a codificação explícita precedente dos pronomes *tu*, *você* e ou *o(a) senhor(a)*, favoreça a codificação destas mesmas formas sequencialmente na sentença, acarretando assim a manutenção de *tu*, *você* e ou *o(a) senhor(a)* na cadeia da fala, o que originará uma estrutura sintático-semântica paralela resultante de estratégias discursivas e atitudes do falante, permitindo este tornar a sua fala mais coesa, fluente, automática e, conseqüentemente, com menor densidade semântica e maior interconexão entre os falantes.

### c) Tipo de discurso

Os diferentes tipos de discurso – *discurso de fala original/própria*, *discurso relatado do próprio falante* ou *fala relatada de uma terceira pessoa* influenciam a escolha das formas de segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na fala da comunidade investigada. O uso de *tu* na fala relatada (do próprio falante ou de outrem) é mais significativo, pela tentativa de o falante tornar sua fala mais próxima do discurso de quem a proferiu. Assim, a utilização desse pronome, nesse tipo de relato, parece indicar maior efeito de verdade ao que está sendo dito, deixando o falante mais à vontade na propagação dos acontecimentos e propiciando um ambiente de situação comunicativa mais íntimo e solidário entre os participantes. Enquanto que a forma *você* ocorre mais no discurso original/fala própria, pois este tipo de discurso, com o interlocutor interagindo face a face, tende a possuir um estilo de maior formalidade e grau de atenção à fala, por isso as formas tidas como de menor intimidade serão mais frequentes.

### d) Tipo de frase

Frases do tipo interrogativa, com entonação ascendente e de tom mais expressivo, favorecem o uso da forma de segunda pessoa *tu*. Isso acontece, porque, em enunciados do tipo “pergunta”, a interação comunicativa requer a presença mais específica de um interlocutor – eu/tu, a quem se dirige o questionamento, o que torna a relação comunicativa mais próxima entre falante/ouvinte. Por outro lado, acreditamos também que este tipo de frase favoreça o uso da forma *o(a) senhor(a)*, devido a posição social assumida – relação *hierárquica de inferioridade* - pelo falante, diante de seu interlocutor, ao buscar resposta para algo e/ou

informação, que a princípio desconhece, manifestando dessa forma o uso de um pronome que reflita essa semântica de poder.

Enquanto que, em frases exclamativas e declarativas, há preferência pela variante inovadora *você*, pois essa forma pronominal é preferida em situações interativas em que não há a presença de um interlocutor definido, e o discurso declarativo e exclamativo pode ser dirigido a mais de uma pessoa, um coletivo e não a um interlocutor definido.

e) Tempo discursivo do verbo

Nossa hipótese para este fator é a de que a ocorrência dos pronomes *tu/você* seja afetada pelo valor discursivo do verbo proferido. E para testar a veracidade desta hipótese, temos como premissa que o tempo *passado* influencie o uso da forma pronominal *tu* na fala da comunidade analisada, partindo do princípio de que, no *corpus* em análise, será mais produtivo relato de fala própria ou de terceiros, na qual o falante dará maior preferência à forma mais usual e frequente que dispõe em sua linguagem, o pronome *tu*, de caráter mais solidário. Tal fato ocasiona-se pela intenção do falante de construir sua fala mais próxima do discurso proferido pelo outrem ou dele mesmo, em um evento discursivo anterior. E como as formas pronominais *você* e *o(a) senhor* carregam traços estilísticos mais formais, requeridos em interações face a face, serão influenciadas pelo tempo presente.

f) Tempo gramatical do verbo

E na tentativa de buscarmos testar a atuação das propriedades modo-temporais dos verbos, sobre o uso de *tu/você/o(a) senhor*, admitimos como hipóteses que: o pronome *tu* será utilizado com maior frequência no modo indicativo, pois este modo, além de transportar, discursivamente, uma referência mais específica e determinada, do ponto de vista semântico, expressa maior veracidade sobre o dito e representatividade de um estado de coisas real, propiciando desta forma um ambiente de situação comunicativa mais íntimo e solidário entre os participantes. E o modo indicativo, de fato revela isso, além de propiciar sentenças coordenadas, de menor complexidade estrutural, como expressa o princípio de marcação de Givón (1979, 1985).

Em situações comunicativas em que o falante expressa, no ato enunciativo da fala – tempo presente – um evento ou estado de coisas incerto, a forma pronominal atraída será o *você*, por este ser mais marcado, de caráter mais indeterminado e genérico, e em estruturas

oracionais mais complexas, como as orações encaixadas. Porém em consonância com Loregian-Penkall (2004), acreditamos que as marcas morfológicas de modo-tempo/número pessoa (*ste – pretérito perfeito do indicativo*, e *sse – pretérito imperfeito do subjuntivo*), mais marcadas na língua, por causa da superposição de traços semânticos dos morfemas verbais, atraem a forma *tu*. Isto porque tais desinências verbais possuem sistematicamente a função de, por si só, designar à segunda pessoa do discurso, expressando-se como uma forma de identidade desta pessoa no português brasileiro. Logo, o falante seleciona, em sua variedade linguística, a forma que comporta esta marca canônica de segunda pessoa, o pronome *tu*.

g) Fatores sociais: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade

Há uma nítida correlação entre a escolha das formas de referência à segunda pessoa no português falado em Cametá e os traços sociais de seus falantes. Assim, acredita-se que a forma *tu* é preferida pelos homens, falantes mais jovens, e por aqueles que possuem somente o ensino médio. Enquanto que o pronome *você* é usado com mais frequência pelos falantes adultos, com nível superior e do sexo/gênero feminino, isto por concebermos *você*, uma forma pronominal de prestígio, e, por isso, predileta pelas mulheres, casando então este ponto de vista com a maioria dos resultados de estudos sociolinguísticos. Já o pronome *o(a) senhor(a)*, forma menos usual, quando surgir, irá aparecer na fala dos mais jovens em referência a pessoas de status social superior ou pessoas mais velhas.

h) Relação social entre os interlocutores

O uso de *tu* é favorecido pelas relações interacionais simétricas, ou de maior intimidade entre os interlocutores (irmãos, colegas de trabalho, vizinhos, mesma faixa etária, jovens). Nas relações simétricas, mas de menor intimidade entre os interlocutores, há a predileção pelo uso de *você*. Então, poderíamos dizer que o pronome *tu*, no português falado na zona urbana do município de Cametá, expressa a relação de *Solidariedade Semântica*, conforme proposta de Brown e Gilman (1960). E nas interações assimétricas, de inferior para superior e do mais jovem para o mais velho, o falante usa *senhor* e recebe *tu* de seu interlocutor.

No quadro 8, para melhor visualização, estão coligidos os 11 (onze) grupos de fatores que compõem as variáveis independentes – linguísticos e sociais, para análise de

*tu/você/o(a) senhor(a):*

**Quadro 8 - Grupos de fatores linguísticos e sociais para análise de Tu/Você/o(a) senhor(a)**

<b>Fatores Linguísticos (7 Grupos de fatores)</b>	
Referência do pronome	Referência direta a um indivíduo Referência ao próprio falante Referência indireta/específica a um indivíduo Referência indireta a um grupo Referência indeterminada/genérica
Tipo de frase/Entonação	Interrogativa (negativa e afirmativa) Declarativa Afirmativa Declarativa negativa Exclamativa (negativa e afirmativa)
Paralelismo Estrutural	Não precedido de forma pronominal, isto é, isolado na oração Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal Não primeiro da série, precedido por <i>tu</i> Não primeiro da série, precedido por <i>você</i> Não primeiro da série, precedido por <i>o(a) senhor(a)</i>
Estrutura do verbo	Verbo simples Verbo composto Locuções verbais (com infinitivo e gerúndio)
Tempo discursivo do verbo	Passado Presente Futuro
Tempo Gramatical do verbo	Presente do Indicativo Passado do Indicativo Futuro do Indicativo Passado do Subjuntivo Presente do Subjuntivo Futuro do Subjuntivo infinitivo flexionado
Tipo de relato	Discurso de fala original/própria Discurso direto/indireto de fala relatada ou reportada do próprio falante Fala direto/indireto de fala relatada de uma terceira pessoa
<b>Fatores sociais (4 grupos de fatores)</b>	
Tipo de relação entre os interlocutores	Assimétrica superior - fala reportada a uma pessoa com status social superior Assimétrica inferior - fala reportada a uma pessoa com status social inferior Simétrica - fala reportada a uma pessoa com mesmo status social
Faixa Etária do Informante	Faixa Etária I - 21 a 29 anos de idade Faixa Etária II - 32 a 42 anos de idade

Sexo/gênero	Masculino Feminino
Escolaridade	Ensino médio Ensino superior

Fonte: própria

## 5.6 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, explicamos os caminhos metodológicos percorridos para a realização deste estudo. Em princípio, esclarecemos sobre a natureza da pesquisa, apontando o método de análise, de base descritivo-quantitativa, adotado e o tipo de pesquisa escolhida. Logo após, delimitamos o critério de seleção dos informantes-base, que compuseram a amostra, e apresentamos o *lôcus* investigado, zona urbana da cidade de Cametá, Nordeste do estado do Pará. Ressaltamos que a abordagem dos aspectos geográficos, sociais, culturais da região é relevante nesta pesquisa, pois, além de ampliar os conhecimentos sobre as relações estabelecidas pelo homem, no meio social, contribuirá para compreendermos que as diferenças linguísticas existentes no uso alternado das formas pronominais, em estudo, são decorrentes das diferentes relações sociais entre os diversos segmentos da sociedade.

Seguidamente, relatamos sobre as técnicas e instrumentos de coleta de dados, por meio do grupo focal, justificando a escolha dos sujeitos informantes constituintes da amostra. Mostramos como os dados foram processados e tratados no programa computacional GOLDVARB X. No final, definimos o envelope da variação, composto da variável dependente e das variáveis independentes (linguísticas e sociais) e levantamos as hipóteses acerca do fenômeno variável em estudo. Este posicionamento metodológico assumido para a coleta dos dados, o trabalho com a comunidade de prática, as redes sociais e o uso da técnica do grupo focal, foi indispensável aqui, para atingirmos nosso objetivo, que era a captação de situações de fala, oriundas das relações interpessoais desenvolvidas entre os sujeitos falantes, no seio da comunidade de prática analisada. E a predileção, da base quantitativa de análise, pelo GOLDVARB X, incluindo a definição das variáveis independentes, tomadas como categorias de análise, parte do pressuposto de que as produções linguísticas do falante demonstram uma distribuição probabilística das variantes, em que uma pode ocorrer mais em um dado contexto e menos em outro, ou até mesmo nunca ocorrer em um dado contexto.



## 6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### *APRESENTAÇÃO*

Este capítulo intenta descrever e analisar os resultados estatísticos do uso variável das formas pronominais de referência à segunda pessoa *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, na função sintática de sujeito da oração, a partir de dados do Português falado na zona urbana do município de Cameté-PA. Os resultados serão expressos através dos fatores linguísticos, pragmático-discursivos e extralinguísticos ou sociais, submetidos ao pacote computacional estatístico GOLDVARB X, nas versões de 1988/1992, implementadas por Sankoff e Tagliamonte (2005), que gerou os percentuais e pesos relativos dos fatores manifestados como relevantes para compreendermos os condicionamentos de cada uma das variantes em análise: *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*.

Contíguo à descrição do comportamento linguístico das formas pronominais em estudo, faremos a correlação entre o resultado da análise estatística e: i) as discussões acerca dos resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre os pronomes de referência à segunda pessoa na variedade do Português brasileiro, explorados no capítulo II, para efeito de comparação dos resultados obtidos por esta pesquisa com os de Leal e Soares (1993), Paredes Silva (2003), Loregian-Penkál (2004), Modesto (2006), Dias (2007), Mota (2008), Martins (2010), Andrade (2010), Nogueira (2013), Costa (2013) e Guimarães (2014), Franceschini e Loregian-Penkál (2015); ii) o princípio da marcação, princípio funcionalista apresentado no capítulo III, que se pauta na interface entre a Sociolinguística laboviana/variacionista e o Funcionalismo givoniano; além disso, iii) será verificado se as formas *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* sofrem variação na dimensão estilística da linguagem, como o discutido no capítulo IV, devido ao grau de atenção atribuído à fala (LABOV, 2001), ao alinhamento do falante ao seu ouvinte (BELL, 1984), ou ao contexto físico e comunicativo em que se encontram os interlocutores (CORVALÁN, 2001); iv) procederemos, ainda, à verificação das relações sociopessoais interlocutivas utilizadas pelos falantes através do uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, considerando a *semântica do poder* e da *solidariedade*, conforme Brown e Gilman (1960, 1972).

E por nosso interesse de análise ser focado somente na posição de sujeito da oração, na qual as três formas pronominais em estudo alternam entre si, realizamos primeiro uma aferição em todos os dados com o objetivo de detectar e eliminar ocorrências que pudessem,

de alguma forma, comprometer nossa análise. Por isso, foram descartados 37 dados, considerando:

- O uso de pronomes repetidos seguidamente e/ou acompanhados do mesmo verbo:

[39] aí **tu tu** não ganha aquilo que *tu* deveria ganhar de acordo com a profissão que *tu* exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso INFCAM01IMA<sup>115</sup>

[40] hum?! não... **o senhor**... *o senhor* tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... *o senhor* tá pagando... INFCAM03IIMB

[41] Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! **você** ... quando ... quando **você** vem pra cá ... **você** não passa ... **você** passou a não ser a Julieta simplesmente ... mas a Julieta do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e **você** né?! *você* tem INFCAM15IIFB

- O uso dos pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* sem a presença de verbo do qual pudessem ser sujeito ou em uma oração incompleta:

[42] Eu eu ... di usar isso! ... né?! apesar di que a gente carrega o nomi da instituição ... sempre né! Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! **você** ... quando ... quando **você** vem pra cá ... **você** não passa ... **você** passou a não ser a Walkíria simplesmente ... mas a Walkíria do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e **você** né?! *você* tem ... INFCAM15IIFB

[43] tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... **tu já** *tu* nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois *tu* quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim **tu** tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente *tu* ficaste e ele foi? Cada vez que **você** mandava ele ir e **você** nunca foi também junto

- O uso da forma *senhora* como substantivo e não como pronome de tratamento:

[44] filme meio de época ... aí com .. aí **as senhoras** sentavam ... ela sentou no círculo **de senhoras** ... e aí ela falava só o essencial ... ela parece “Bom dia!” aí **uma senhora** começou a conversar com ela ... e aí ela começou a se empolgar ... e ela era muito alegre né?! ... aí ela começou a se empolgar e começou a falar ... aí todas **as senhoras** começaram a se olhar como ele trás essa mulher né?! INFCAM08IFB

- O uso da variante *cê*, que, segundo Vitral (1996), é resultado de um processo de clitização da forma pronominal *você*<*ocê*<*cê*, constituindo dessa forma uma etapa do processo de gramaticalização da forma *vossa mercê*. Apenas 2 (dois) ocorrências de *ce* foram encontradas

<sup>115</sup> Os códigos referem-se a: INF = Informante, CAM = Cameté, 01 = ordem dos informantes no plano de amostra, I = Faixa etária I - entre 21 a 29 anos, M = masculino, A = ensino médio.

no *corpus* em análise:

[45] eu to no primeiro mas aqui o mesmo valor que *você* tem eu tenho ... o que *cé* pode falar aqui ou deve o mesmo direito que *cé* tem as atribuições do regimento da câmara nos permite ... então pra mim aquilo já passou ... ((omissão de trechos)) ... mas também eu possa ter ganhado mais quinhentos e um ... porque as vezes *você* deixa alguém de gostar de *você* no mas momento que *você* ajuda uma pessoa ... as vezes no momento muito difícil aquelas umas já lhe acompanha ... INFCAM10IIMA

E por nosso interesse de análise ser focado somente na posição de sujeito da oração, na qual as três formas pronominais em estudo podem alternar entre si, as funções de complemento verbal e nominal e predicativo foram desconsideradas do processamento dos dados, totalizando 36 (trinta e seis dados) dados, como em alguns exemplos que seguem:

- Complemento verbal

[46] *tu* atendeu bem *tu* falou com todo mundo sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com *você* na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ... INFCAM01IIMA

- Complemento Nominal

[47] é professor Jaime ... é eu gostaria que o *senhor* exposse aqui pra gente é ... como o *senhor* se vê ... é em relação a sua profissão? é qual é o papel desempenhado *pele senhor* socialmente? INFCAM04IMB

- Predicativo

[48] então é como se fosse uma cadeia de poder também em relação a status ... então depende muito do que *você* ta tendo como referencia ((relação simétrica)) ... se for em relação ... sociedade como um todo ... ainda os universitários têm sim ... em relação tecnicamente a que *tu* passa ... né!? Não é nem *você* ... são os outros que tão próximos de *você* ... né?! é diferente agora *você* ... tem um nível superior ...

Concluída esta etapa, isto é, a retirada das ocorrências que poderiam dificultar o processamento e análise das formas pronominais de segunda pessoa analisadas aqui, o que poderia nos gerar resultados enviesados, rodamos os dados no programa estatístico GOLDVARB X, o que será apresentado nos próximos itens de nossa análise.

## 6.1 As formas de referência à segunda pessoa no português falado na zona urbana de Cameté

Embora tenhamos uma variável dependente ternária, este programa dá-nos suporte estatístico confiável para observarmos a relação entre estas três variantes e o nível de

significância de cada uma delas, em termos de frequências e números de dados, como já exposto no capítulo V sobre os passos metodológicos desta pesquisa. Deste modo, realizamos uma rodada no GOLDVARB, *Tu versus Você versus o(a) Senhor(a)*, até o arquivo de células, no *Cell*, adotando a variante *Tu* como valor de aplicação. Nosso propósito, com esta rodada, era unicamente a obtenção de um resultado geral de frequência e percentual das ocorrências pronominais de segunda pessoa no *corpus* analisado, já que o programa não gera peso relativo para variáveis dependentes com mais de duas variantes.

Portanto, dos 16 informantes-base, que interagiram cada um com mais três informantes, escolhidos a partir das relações sociais mantidas com aqueles, num total de 64 informantes, obtivemos dos informantes-base 527 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *o(a) senhor*, sendo 307 dados de *tu*, correspondendo a 58 % da amostra, 182 dados de *você*, correspondendo a 34% da amostra e 38 dados de *o(a) senhor(a)*, correspondendo a 7% dos dados da amostra, como o posto na tabela 1, abaixo:

**Tabela 1** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito</b>	<b>Frequência</b>	<b>Total de dados</b>
<b>TU</b>	58.3%	307
<b>VOCÊ</b>	34.5%	182
<b>O(A) SENHOR(A)</b>	7.2%	38
<b>Total de dados</b>		<b>527</b>

Fonte: própria

Em nossa pesquisa, observamos que há, embora tenuamente, coocorrência e concorrência, nas relações sociopessoais, entre as formas de referência à segunda pessoa, *tu* e *você*, com predomínio significativo da forma *tu* sobre a forma *você*. A forma *o(a) senhor(a)* manifestou-se escassamente em nossos dados, o que nos leva a considerar que seu uso, nas relações sociointeracionais, por nós observadas, de menor formalidade, é pouco constante. Inferimos também que, no português em análise, há uma competição entre estas duas formas pronominais de uso mais contínuo, no que diz respeito à variação intra-falante ou no mesmo falante, pois se nota que a forma *tu*, em alguns casos, vem acompanhada da forma *você*, inclusive no mesmo turno de fala, como, por exemplo, em [49]:

[49] Eles criam assim uma relação de poder ... agregam a status ... néh!? é o cara que resolve ... se **tu** vai por exemplo assim ... não ... fulano de tal vai resolver ... e vai lá

por exemplo ... como vereador ... muitas vezes ... na escola por exemplo ... *você* fala com a coordenação ... mas aí quem resolve é o diretor ... então ele pega e leva isso pro social também ... as vezes ele quer né?!. INFCAM11IIMB

Neste caso, observa-se a utilização das duas formas de referência à segunda pessoa em uma mesma sequência de cláusulas utilizadas pelo mesmo falante, ou seja, formas alternantes *você* e *tu* para se dirigir apenas a um mesmo interlocutor, em um mesmo contexto de referência pessoal. Pelos resultados aqui expressos, observamos que a forma *o(a) senhor(a)*, na zona urbana de Cametá, em interações sociocomunicativas de cunho menos formal pouco coocorre e concorre com as formas *tu* e *você*.

E pela forma de coleta de dados, na qual consideramos as relações assimétricas entre os informantes, envolvendo tanto o nível de hierarquia social quanto o distanciamento pessoal entre os interlocutores, podemos constatar que a baixa ocorrência do pronome de tratamento *o(a) senhor(a)* não se justifica pela inexistência de assimetria (relação esta, que acreditávamos constituir-se a mais propícia para o surgimento desta forma de maior respeito e distanciamento) entre os informantes na situação comunicativa, já que esta assimetria existia.

Como o Goldvarb constitui um modelo binário de variável dependente, permitindo somente que se opere em termos de probabilidade de realização de uma determinada variante e, neste trabalho, analisamos mais de duas realizações da variável, optamos por rodadas de sequências de análises binárias, mas sem agrupar as alternativas do valor de não-aplicação em um mesmo conjunto, já que acreditamos que isso poderia velar muitas informações importantes sobre o comportamento de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*<sup>116</sup>. Por isso, realizamos três rodadas binárias no Goldvarb, a primeira com a forma pronominal *tu* versus *você*, a segunda com a forma *tu* versus *o(a) senhor(a)* e a terceira com a forma *você* versus *o(a) senhor(a)*, adotando, para cada uma das rodadas, uma das variantes como valor de aplicação, assim para a primeira e segunda rodadas, foi o *tu* e, para a terceira, o *você*.

Os resultados destas rodadas serão apresentados nos tópicos seguintes, juntamente com os grupos de fatores que se manifestaram estatisticamente significativos. Confrontaremos as hipóteses com os resultados aqui encontrados e, quando necessário, ilustraremos com ocorrências de nossa amostra, a fim de tornar os números linguisticamente mais agradáveis.

---

<sup>116</sup> Para o exame de qualificação de tese, foram feitas rodadas com valor de não-aplicação das variantes em conjunto – *Tu* versus *você/o(a) senhor(a)*, *você* versus *tu/o(a) senhor(a)* e *o(a) senhor(a)* versus *você/tu*, mas recebi como sugestão da parecerista, desagrupar e olhar isoladamente para as variantes.

## 6.2 *Tu versus você* no português falado em Cametá

A partir do universo populacional pesquisado (moradores da zona urbana de Cametá) representado, neste estudo, pela nossa amostragem (grupo de indivíduos), composta por dezesseis (16) informantes-base (estratificados de acordo com a faixa etária (**08** na faixa etária I - 21 a 29 anos e **08** na faixa etária II – 32 a 42 anos); escolaridade (**08** informantes com Ensino Médio e **08** com Ensino Superior); e sexo (**08** do sexo masculino e **08** do sexo feminino), examinaremos daqui em diante, o comportamento linguístico referente ao uso das formas de segunda pessoa Tu/Você, a fim de encontrar as regularidades linguísticas e sociais existentes no uso de tais formas pronominais, no discurso da comunidade observada, para consequentemente podermos fazer inferências mais gerais sobre esta norma linguística.

Com base nesta amostragem, levantamos um *corpus* composto de um total de **489** ocorrências de orações em que apareceram as formas de referência à segunda pessoa na função de sujeito. Destas ocorrências, **307** foram da forma pronominal *tu*, **182** do pronome de tratamento *você*, observado aqui como pronome de segunda pessoa do discurso, o que corresponde, respectivamente, a 62.8%, e 37.2% de percentual dos dados considerados na pesquisa. Na tabela abaixo, apresentamos as variantes, a porcentagem referente a cada uma das variantes e o valor total dos dados de nossa pesquisa. Seguem-se à tabela 2, exemplos das formas sob análise.

**Tabela 2** - Frequência de ocorrência da rodada *tu* versus *você* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>TU</b>	307	62.8%
<b>VOCÊ</b>	182	37.2%
<b>Total dos dados</b>	489	100%

**Fonte:** própria

[50] agradeço por *você* ter nos escolhido aqui (risos) de repente né! nós temos vários bancos aqui né! *você* poderia ter escolhido outro ... não sei si vai ...  
INFCAM11IIFB

[51] Então é justamente nesse momento que eu observo que ... é conforme por exemplo ... *tu* tens um público ... ali depende da referência que *tu* ta tomando ...  
INFCAM16IIMB

Tais resultados confirmam nossa hipótese geral de que a forma pronominal *tu* é a

mais corrente, como forma canônica de segunda pessoa, na linguagem oral dos falantes da zona urbana de Cametá. E por meio do peso relativo, podemos deduzir que não está sendo substituída por *você*, nesta variedade linguística, do Norte do Brasil, conforme amostra analisada, muito embora, neste estado sincrônico da língua, coexistam funcionalmente como pronome em referência à pessoa com quem se fala.

A permanência do uso de *tu* na linguagem cametaense, embora pertença a um cenário de concorrência e coocorrência com a forma *você*, pode ser justificada pela forte influência linguística portuguesa, persistente em nossa linguagem até nos dias atuais, haja vista que não houve a presença, no município, de processo imigratório de outras regiões e até mesmo de outros países, durante esses trezentos e oitenta anos (380) anos de fundação da cidade, o que vem a contribuir mais veementemente para a manutenção deste traço linguístico, cujas raízes históricas pronominais de segunda pessoa encontram-se bem fixadas nas formas linguísticas de nossos colonizadores, advindos de diversas regiões de Portugal, principalmente da Ilha dos Açores, segundo relatos de Silva Neto (1988) e Illari e Basso (2006), na tentativa de povoar e defender a região do Grão-Pará das invasões francesas e holandesas.

E este uso de *tu* gera uma identidade linguística atribuída a esta região Tocantina em relação ao uso de *você*, no falar de outras regiões, como Distrito Federal, Santos, Feira de Santana e Salvador, Boa vista, Macapá, Porto Velho entre outras localidades que possuem o *você* como forma de maior expressividade na linguagem oral, pois, se o mundo ganha sentido por meio das diferenças, a identidade é sempre a diferença.

Sendo assim, os resultados encontrados para o falar da zona urbana de Cametá, em nível percentual e significância, seguem ao encontro de resultados já observados na região Norte sobre o uso das formas pronominais de segunda pessoa, como o de Soares e Leal (1993), Martins (2010) e Costa (2013), este último para as capitais do Norte, os quais apontaram a forma *tu* como estatisticamente mais recorrente na fala de Tefé (AM), *tu* – 60,1%, *você* – 33% e *o senhor* 6,9% e em três capitais pesquisadas do Norte, pelo projeto ALIB, Belém (PA) 69,3%, Manaus (AM) 68,5% e Rio Branco (AC) 65,5%. Nos estudos pioneiros de Soares e Leal (1993), no Norte, foi atestado que, em Belém (PA), o uso da forma *o(a) senhor(a)*, 38,59% de percentual, pelos filhos no tratamento aos pais, estava sendo substituído pela forma *tu*, com 49,13% de percentual. Segundo as autoras,

No grupo, entre professores, pais e adolescentes, predomina nas gravações, a ocorrência da forma “tu”, explícita e implícita. Dos cinco informantes, três fazem uso exclusivo da forma “tu”. Quanto aos dois outros, alternam o uso de “tu” e “você”, mais ainda com o predomínio de “tu”, se considerarmos tanto as formas explícitas como as implícitas. (SOARES; LEAL, 1993, p. 43 – *grifos dos autores*).

Nas outras grandes regiões do Brasil, nossos resultados encontram-se em paridade aos de Loregian-Penkhal (2004), Herênio (2006) para Imperatriz, no Maranhão, Franceschini (2010) para Concórdia, em Santa Catarina, Costa (2013), Soares (1980) e Guimarães (2014), para o falar de Fortaleza;

Em análise de dados de três cidades do interior de Rio Grande do Sul e a capital Porto Alegre, Loregian-Penkhal (2004), observou que Porto Alegre (RS), peso relativo de 0,61, e São Borja, peso relativo de 0,76, favorecem o aparecimento de *tu*. Ao contrário de Flores da Cunha e Panambi, com pesos relativos de 0,30 e 0,37, respectivamente, que se apresentam como desfavorecedores de *tu* com resultados bastante próximos. Nas três cidades do interior de Santa Catarina, a autora observou que, em Blumenau, Ribeirão da Ilha e Chapecó, há o favorecimento do uso de *tu*, com pesos relativos de 0,61, 0,78 e 0,82 respectivamente, enquanto Lages aparece desfavorecendo o uso desse pronome com peso relativo de 0,30. A autora justifica esta manutenção do *tu*, em tais regiões, como marca de identidade e de valores regionais, por exemplo, em São Borja, cidade de fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, faz-se extremamente necessária a reafirmação da identidade para amenizar o "confronto" entre o nacional *versus* o estrangeiro.

Resultado que se iguala ao desta pesquisa, encontramos também em Loregian-Penkhal (2005) que, em um recorte de uma investigação maior em andamento no âmbito do projeto VARSUL, busca respostas à afirmação de que “o pronome *você* substituiu/está substituindo o *tu* no PB”, (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p. 366). Por isso refina sua análise, atendo-se somente à alternância *tu/você* em cinco cidades de Santa Catarina: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. Quando analisada a distribuição dos informantes quanto ao uso de *tu/você*, os dados indicaram predomínio maior do uso de *tu* em Florianópolis -13 ocorrências, Ribeirão da Ilha - 7 e Chapecó - 6 ocorrências. Em relação à variável localidade, Loregian-Penkhal (2005) pode confirmar a sua hipótese em relação à etnia açoriana, pois os maiores pesos relativos de uso de *tu* foram para Ribeirão 0,92 e Florianópolis 0,65, resultado que se iguala novamente aos desta pesquisa. Franceschini (2011), ao analisar o uso de *tu/você* na posição de sujeito em Concórdia – SC, chegou a resultados semelhantes ao desta pesquisa, pois constatou que a forma utilizada em maior frequência pelos falantes de Concórdia, corresponde ao pronome *tu*, 55% dos dados, o que aponta, para aquela região, o pronome *tu* como o pronome conservador.

Guimarães (2014), em pesquisa sobre as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *o(a) senhor(a)*, em mais de uma função sintática - sujeito, objeto, predicativo, adjunto e vocativo, contemplados para o falar fortalezense, caminha também em sentido



convergente ao desta pesquisa, visto que a autora constatou que a forma pronominal *tu* é a variante de maior ocorrência em Fortaleza, 47,2%. Porém os dados estatísticos para a forma *você* se posicionam logo em seguida, sem significativas diferenças numéricas, com 46,5%, enquanto a forma *o(a) senhor(a)* mostrou-se pouco produtiva com apenas 3% de realização, em nível decrescente apareceu a variante *cê* com 2% de percentual e a *ocê* somente com 1 dado, 0,1%.

Os resultados obtidos em nosso trabalho destoam dos estudos: de Modesto (2006), para o falar de Santos, que apontou a forma *você* com alta frequência, 67% contra 32%, para a forma *tu*, o que corresponde a quase o dobro de uso da forma *tu* como pronome de maior frequência na língua em referência à segunda pessoa. Para o autor, “Apesar de ser a forma *tu* uma marca linguística de Santos, percebemos que esta não é preferência geral dos falantes da cidade”. (MODESTO, 2006, p. 83); de Dias (2007) que observou que, no falar brasiliense, a forma *você* mostrou-se com frequência estatisticamente relevante de 26,5%, *cê* 51,4%, e *tu* 10,6% de percentual; de Mota (2008), que analisou a forma pronominal *tu* e *você* no português oral de São João da Ponte (MG), sendo que, das 509 ocorrências obtidas no *corpus*, 10% foram de *tu* e 89% de *você*; e de Nogueira (2013) para o falar culto e popular de Feira de Santana e Salvador (BA), sobre o qual concluiu que a forma pronominal mais frequente, em Feira de Santana e Salvador (BA), é *você*, com 88,03% dos dados, contra 4,6% de *tu*.

Porém, convém ressaltar que, nos dados de Mota (2008), incluem-se os pronomes pessoais sujeitos, os pronomes pessoais objetos e os pronomes possessivos, diferentemente dos dados considerados por esta pesquisa, que são somente os que ocorrem em posição de sujeito da oração. Para a autora, embora os dados para *tu* sejam pouco expressivos, mesmo assim ainda revelam traços de um dialeto mineiro, cuja presença parecia inexistente.

Enfim, o que pudemos observar, a partir das comparações tecidas entre os resultados alcançados nesta pesquisa com os de estudos realizados em diferentes regiões do Brasil, é que a utilização da forma *tu* é significativamente marcada pela forte influência de colonos portugueses em tais regiões. Assim, compreendemos seu uso em Cametá (PA), o qual se equipara ao de outras regiões do Norte do Brasil, como Tefé (AM), Belém (PA), Manaus, Rio Branco, Porto Velho, que, além da colonização portuguesa, sofreram influência nordestina, durante o ciclo da borracha; e de algumas cidades do sul, como Porto Alegre, São Borja, Blumenau, Ribeirão da Ilha e Chapecó que receberam influências de colonos portugueses, principalmente de Açores como Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

### 6.2.1 Os Condicionantes linguísticos e socio-interacionais de *tu* versus *você*

Considerando somente a alternância entre os pronomes *tu* e *você* e todas as 11 (onze) variáveis independentes que compuseram esta pesquisa: (i) referência do pronome, (ii) tipo de frase/entonação, (iii) paralelismo estrutural, (iv) estrutura do verbo, (v) tempo discursivo do verbo, (vi) tempo gramatical do verbo, (vii) tipo de relato, (viii) tipo de relação entre os interlocutores, (ix) faixa etária do informante, (x) sexo/gênero e (xi) escolaridade, 07 (sete) grupos de fatores, na rodada *step-up/step down*<sup>117</sup>, foram escolhidos como os mais significantes, 03 (três) linguísticos (internos) 03 (três) sociais ou extralinguísticos (externos), cuja ordem mantém relação direta e motivada com a ordem de seleção deles pelo programa estatístico:

1. Paralelismo estrutural
2. Escolaridade
3. Referência do pronome
4. Tipo de relação entre os interlocutores
5. Tipo de frase/entonação
6. Sexo/gênero

Isto nos leva, logo a princípio a ratificar a tese de que esta variação pronominal, em análise, não é acidental e sim dependente, na fala, de fatores tanto linguísticos-discursivos/pragmáticos como extralinguísticos (sociais), pois o falante opta de forma mais recorrente em algum ponto de sua gramática internalizada pela forma *tu*, e não pela variante *você*.

A partir de agora, analisaremos os fatores elencados pelo programa Goldvarb como os favorecedores da aplicação da regra variável em análise. Examinaremos, também, a validação ou não das hipóteses levantadas para a exploração do fenômeno em estudo bem como a atuação do princípio da marcação.

---

<sup>117</sup> Repetições sucessivas do processo de combinação dos grupos de fatores, para testar individualmente os grupos e depois em conjunto, com o intuito de se calcular a significância dos fatores de cada grupo em comparação aos outros fatores dos grupos da rodada.

### 6.2.1.1 Paralelismo Estrutural

O paralelismo formal, a partir dos resultados obtidos na análise, mostrou-se bastante atuante na escolha pela forma *tu* na linguagem cametaense. Segundo este princípio, a produção linguística, em série, repetidas vezes, de uma forma de segunda pessoa pelo mesmo falante, é influenciada fortemente pelo primeiro item da série. Portanto, a presença de uma forma *tu*, como primeiro item de uma série de pronomes de segunda pessoa induzirá, o uso desta mesma forma, no decorrer de um período frasal ou turno de fala, de igual maneira que a ausência desta forma levará a sua não manifestação na fluidez do discurso.

De fato, em conformidade aos princípios postulados por Poplack (1980), marcas levam a marcas e zero leva a zero. Isto foi o percebível nos resultados de nossa análise, como o atestado na tabela 3, em que a realização de um *tu*, como não primeiro pronome da série, precedido por *tu*, possui maior frequência e probabilidade de ocorrência de que quando é precedido por outros pronomes ou realiza-se como isolado na oração.

**Tabela 3** – Atuação do paralelismo estrutural no uso *tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Paralelismo Estrutural	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Não primeiro da série, precedido por <i>tu</i>	195/212	92%	<b>0,854</b>
Não precedido de forma pronominal, isolado na oração	42/69	60.9%	0,387
Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal	51/86	59.3%	0,387
Não primeiro da série, precedido por <i>você</i>	18/117	15.4%	0,077
Não primeiro da série, precedido por o(a) senhor(a)	1/5	20%	0,067
<b>Total dos dados</b>	<b>307/489</b>		

Fonte: própria

Os resultados expostos na tabela 3 mostram que o paralelismo sintático entre a forma morfossintática *tu – tu* é mais produtiva para a realização da variante investigada, ou melhor, apresentou-se como o único fator que influencia na recorrência do pronome *tu*, com peso relativo de **0,854** e frequência percentual de 92%. Exemplos da frequência de estruturas paralelas *tu - tu* podem ser vistas em [52] e [53]:

[52] no banco mesmo que *tu* ... que *tu* subas de cargo ... e *tu* vai subir se Deus quiser ... *tu* vai chegar no máximo oito horas ... oito horas de serviço ... num num extrapola isso ... INFCAM03IMB

[53] procura o salão pra sentir melhor ... o salão de beleza ... aí a pessoa ... aí a pessoa vem tá chateada ... aí *tu* pega faz o teu melhor ... aí *tu* faz o cabelo dela ... faz aquela massagem ... faz a sombrancelha ... *tu* conversa ... INFCAM05IFA

Logo, a presença de *tu* na oração leva a um maior índice de ocorrência deste pronome nas orações posteriores, como o notado nos exemplos acima, constituindo marcas pronominais paralelas idênticas. Enquanto que raramente, ratificado pela baixa frequência e probabilidade de ocorrência, o *tu* ocorrerá não precedido de forma pronominal (0,387), exemplo [54], como o primeiro item da série (0,387), exemplo [55], e precedido de *você* e *o(a) senhor(a)* (0,077) e (0,067), respectivamente com o mesmo nível de significância, exemplos [56] e [57],

[54] porque é uma forma de fazer o dinheiro circular ... *tu* ir injetando o dinheiro aos poucos na sociedade ... INFCAM01IMA

[55] é assim manter a honestidade porque ... se não ter ... acho que a honestidade é é acima de tudo ... é mostrar pro teus funcionário ... mostrar pros teus clients ... que *tu* não tá aqui ... *tu* não veio passear ... que *tu* tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então *tu* tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não digo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ... INFCAM09IIMA

[56] quando *você* não passa ... o pior dos piores ... naquele momento ... entendeu!? Então é justamente nesse momento que eu observo que ... é conforme por exemplo ... *tu* tens um público ... ali depende da referência que *tu* ta tomando ((relação simétrica)) ... com relação ao estudante universitário ... INFCAM11IIMB

[57] de matemática até a gente trabalhou tentou né levar *a senhora*<sup>118</sup> ... ((omissão de trechos)) a gente tinha a quantia do abraço ... eram 10 abraços ... aí quantos abraços? Ah ... 8 vai? te vira *tu* tem 10! Então era tudo gostoso ... tanto é que a gente fazia a dinâmica do abraço ... tinha uma professora que tava 30 anos trabalhando ... ela odiava falar ... INFCAM16IIFB

Este resultado confirma a hipótese defendida para esta variável de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística, numa sequência discursiva, acarretando a manutenção de *tu* na cadeia da fala. Então, no geral, o falante que usa o pronome *tu*, continua usando-o na fala nos enunciados seguintes, atendendo uma tendência natural da língua de

<sup>118</sup> As formas pronominais ocupando posições sintáticas que não as de sujeito, também foram consideradas em paralelismo às formas de segunda pessoa *tu/você/o(a) senhor(a)* em análise.

formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas. O que parece constituir menor esforço cognitivo, redundância, automatismo, menor densidade semântica, acaba sendo ignorado pelo falante, quando tudo isto contribui, em nível interacional e discursivo, para o falante atingir o propósito comunicativo dele, o de tornar a compreensão do dito mais eficiente, o processamento da informação mais rápido e uma maior interconexão entre os interlocutores, conseqüentemente gerando maior carga informacional para o período, que por sua vez constitui significado para o discurso.

Todos estes fatores agem no favorecimento de uma forma gramatical que seja e esteja mais acessível e frequente na gramática da língua dos interlocutores, por isso o falante opta pela forma *tu* e a usa fluidamente no discurso, por este motivo, defendemos que estruturas paralelas influenciam significativamente a escolha pelo falante da forma *tu*. Scherre (1998, p. 46) concebe que o “processamento não-mecânico de formas gramaticais semelhantes associado a uma das possíveis formas da mente humana operar, a de aproximar formas pelas suas semelhanças” produz coesão e coêrência discursiva, manifesta propósitos discursivos específicos e atitude do falante diante do que fala e como fala.

Se olharmos para outros trabalhos sobre as formas pronominais aqui investigadas, veremos que a variável paralelismo estrutural tem-se demonstrado como um fator significativo para explicar o uso de *tu* no português brasileiro, com resultados semelhantes aos encontrados nesta análise, como em Martins (2010), Santos (2012) e Andrade (2010) que obtiveram também o paralelismo estrutural como o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa para explicar a variação entre *tu/você/o(a) senhor(a)*. Em Martins (2010), na rodada entre *tu/você*, tendo como referência o *tu*, o autor verificou que a realização do *tu* precedido por um outro *tu* é fortemente favorecida com peso relativo de 0,75, resultado parecido ao desta análise, na qual este fator figurou como o mais propício ao uso de *tu*, juntamente com o fator isolado não precedido de forma pronominal, que revelou influência favorável sobre o *tu*, com peso relativo de 0,58. Em uma segunda rodada com as três variantes, Martins (2010) evidenciou novamente a importância da variável paralelismo para o estudo de *tu/você/o(a) senhor(a)*, pois verificou que as realizações das três formas pronominais foram significativamente favorecidas pela presença de uma forma pronominal igual precedente – *tu* com 0,74, *você* com 0,69 e *o(a) senhor(a)* com 0,90.

Santos (2012) cuja hipótese era de que a escolha da primeira forma de referência ao interlocutor condicionaria os usos subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma linguística, notou também que o *tu* é favorecido quando antecedido de *tu*, com o mais alto peso relativo 0,87, o que veio a confirmar a hipótese defendida pela autora – de que

o falante tende a repetir uma mesma forma linguística numa sequência discursiva, computando 66.7 % de frequência. Andrade (2010) confirmou que quando precedido por *tu*, a variante *tu* tem maior probabilidade de ocorrer, com peso de 0,88.

### 6.2.1.2 Tipo de interlocução/referência

Para a construção deste grupo de fatores, idealizamos um continuum entre o endereçamento direto e específico e o endereçamento genérico, localizando, no meio desse continuum, a referência específica para o falante, referência indireta a um indivíduo e específica para um grupo, como já mencionado na seção 5.5.2 do capítulo 5.

De modo mais geral, observamos, na rodada estatística, que a tendência sistemática do uso de *tu* é mais fortemente condicionada pela *referência indireta a um indivíduo*, já que o efeito deste fator sobre o uso da variável foi **0,849** (peso relativo) e 70%. Logo abaixo, figura o fator *referência direta/específica a um indivíduo*, o segundo condicionador que mais favoreceu o uso de *tu* na linguagem oral, com **0,688** de peso relativo e **72%** de percentual, como o verificado na tabela 4, abaixo:

**Tabela 4** - Tipo de interlocução/referência do pronome na rodada binária *tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Referência do pronome	Aplicação/ Total	Percentagem	Peso Relativo
Referência indireta/específica a um indivíduo <sup>119</sup>	66/94	70.2%	<b>0,849</b>
Referência direta/específica a um indivíduo	59/81	72.8%	<b>0,688</b>
Referência ao próprio falante	25/38	65.8%	0,364
Referência genérica	17/32	53.1%	0,338
Referência indireta a um grupo	140/244	57.4%	0,320
<b>Total dos dados</b>	<b>307/489</b>		

Fonte: própria

O processo de referenciação indireta/específica a um indivíduo foi concebido neste trabalho como sendo aquele que ocorre quando o falante volta-se a uma situação de interação anterior ao momento da situação comunicativa, acontecida com outro interlocutor, e acaba reportando-se, na interação discursiva “real”, ao discurso já ocorrido, numa espécie de “digressão conversacional”, como apontado por Modesto (2006, p. 96).

<sup>119</sup> Discurso relatado, sendo possível identificar a qual informante o falante se dirige, embora não se encontre na situação comunicativa.

Apoiando-nos na probabilidade de ocorrência dos fatores de maior significância, podemos inferir que a forma pessoal *tu* tem maior frequência de uso quando faz referência a um interlocutor específico na interação, haja vista os dois únicos fatores selecionados como mais relevantes referirem-se especificamente a um interlocutor de existência reconhecida no discurso, mesmo que este não esteja presente na situação conversacional, embora sendo referenciado por meio do discurso do próprio falante e identificado por todos, conforme exemplos [58] de *Referência indireta/específica* a um indivíduo e [59] *Referência direta/específica a um indivíduo*. Na mesma linha de observação, porém em direção contrária, caminhando para o outro extremo do continuum, o da referência genérica, é perceptível o desfavorecimento de *tu* pela referência genérica, com 0,338 de peso relativo e 0,320 para a referência indireta a um grupo.

[58] ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se **tu** precisares eu to aqui ... ah ... vou ver!... Ela me deu de resposta ... sabe!/? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!/? INFCAM13IIFA

[59] Linda ... como **tu** achas que e ... é que eu ajudo a melhorar a tua imagem tanto na questão auto estima como ... pessoal mesmo através do meu trabalho ... INFCAM05IFA

Isso nos leva a perceber que se os demais fatores desfavorecem o uso de *tu* por um lado, por outro favorecem a escolha de *você*<sup>120</sup> o que vem a ratificar a nossa hipótese de controle deste grupo, que diz respeito à possibilidade de a variante *tu* favorecer a referência específica, enquanto que a forma *você* é mais frequentemente empregada em referência a um interlocutor indeterminado no ato comunicativo (genérica) e pode designar qualquer pessoa (não sendo possível identificar a qual informante o falante se dirige). Então, quando a pessoa é reconhecida ou alguém específico presente na interação comunicativa, o uso preferencial é do pronome *tu* de denotação específica

É interessante notar que há uma distância significativa entre os valores, dos pesos relativos deste grupo, demonstrados para o favorecimento e os valores do desfavorecimento. Portanto, é possível afirmar que a forma *tu*, pelos dados demonstrados, mantém os traços canônicos característicos deste pronome de segunda pessoa do PB, em referência a um interlocutor identificado no ato comunicativo.

<sup>120</sup> Na rodada entre *você* versus *tu* (valor de aplicação - forma *você*), isto pode ser constatado, pois este grupo também foi selecionado como motivador ao emprego de *você*, e os fatores mais favorecedores ao uso deste pronome foram: referência *indireta a um grupo* **0,691** de peso relativo, seguido pela referência *Genérica* **0,633** e por fim a referência ao *Próprio falante* com peso relativo de **0,618**. Tais tipos de referências do pronome, explícitas na tabela 4, como o verificado, freiam o uso de *tu* na fala dos cametaenses.

Os resultados de Modesto (2006) não são muito diferentes dos aqui encontrados, para este grupo de fatores. Embora formate o grupo de forma diferente, em referência - direta (o falante se refere diretamente ao seu interlocutor), indireta (o falante se remete a uma situação de conversação ocorrida em momento anterior com outro interlocutor) e referência indeterminada, o sentido destes fatores não se distancia semanticamente dos adotados por nós. E baseado em tais parâmetros, o autor afirma que a forma *tu* é mais usada como referência direta ao interlocutor, com percentual de 42% e peso relativo de 0,61; para a indireta e indeterminada, o percentual é de 33% e 17%, com peso relativo de 0,47 e 0,32 respectivamente. De acordo com a pesquisa de Modesto (2006, p. 97), “a referência direta favorece, portanto, o uso de *tu* em contextos de relações simétricas”.

Na pesquisa de Dias (2007), este grupo de fatores não foi selecionado pelo programa, contrariando a expectativa da autora, que presumia o desfavorecimento de *tu* pela referência genérica e esperava que a referência específica tivesse efeito neutro. Embora não selecionado, Dias (2007) analisou a frequência dos pronomes estudados e observou que o uso de *tu* decresce de 14.8% nos casos de referência específica para apenas 3.7% nas referências genéricas.

Em Martins (2010), o tipo de referência foi o último fator selecionado pelo programa e o autor codificou este grupo somente em dois tipos de referência: *específica* e *genérica*. Seus resultados revelaram dados semelhantes aos descobertos aqui, pois o pronome *tu* foi também o mais frequente quando o interlocutor era específico, com peso relativo de 0,55 e frequência relativa 10 pontos percentuais acima da média geral de 64,5%.

Resultados semelhantes a este são os de Andrade (2010), pois a autora obteve resultados bastante contundentes que apontavam o desfavorecimento de *tu* em referência genérica, com peso relativo de 0,14 e, para a referência específica, peso relativo de 0,54. Nogueira (2013) encontrou somente dados para a forma *tu* como referência direta ao interlocutor, 26% em Feira de Santana e 2,9% na Bahia; quanto ao pronome *você*, é fortemente favorecido por referências genéricas, chegando a ser categórico no uso destas nas duas localidades investigadas. Também Guimarães (2014) verificou que o pronome *tu* é, discretamente, favorecido quando usado em referência específica, 53,3% e 0,529, mas é amplamente desfavorecido se empregado de modo genérico, 8,4% e 0,110.

Parece, diante de tais estudos, harmônicos aos resultados desta pesquisa, que o pronome *você*, por ser oriundo da forma de referência à terceira pessoa, *Vossa Mercê*, ainda, mantém traço semântico desta forma de tratamento nominal, de maior distanciamento social. Acreditamos, portanto, que este traço contribua significativamente, para que a forma *você*



ocorra com maior frequência de uso, em situações de referência genérica ou de referência a um interlocutor não especificado no ato interlocutivo (menor proximidade), e a forma *tu*, em situações de referência direta/específica a um interlocutor (maior proximidade). Então, o pronome *você*, ao ser predileto em situações formais, de referência indireta ou genérica, conserva socialmente, até aos dias atuais, valor funcional de conotoção positiva, como a cortesia e polidez.

### 6.2.1.3 Tipo de Frase

A variável *tipo de frase* foi o terceiro grupo de fatores selecionado como favorecedor para o estudo da referência à segunda pessoa na linguagem em estudo. O tipo de *frase exclamativa*, conforme [60], apresentou maior percentual de frequência de ocorrência, para o uso da forma *tu*, 80%, e efeito de **0,882**. As frases *interrogativas* (negativa e afirmativa), conforme exemplo [61], possuem valor bem abaixo do das exclamativas, mas ainda assim possuem quantificação de efeito favorável à aplicação da regra, 65.1% e peso relativo de **0,596**. Já as frases do tipo declarativa afirmativa e declarativa negativa possuem efeito desfavorecedor ao uso do pronome *tu*, demonstrando valores percentuais e peso relativo abaixo do ponto neutro, 0,488 e 0,315, como o visto na tabela 5:

**Tabela 5** - Tipo de Frase na rodada binária *Tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Tipo de frase	Aplicação/ Total	Percentagem	Peso Relativo
Exclamativa	16/20	80%	<b>0,882</b>
Interrogativa (negativa e afirmativa)	28/43	65.1%	<b>0,596</b>
Declarativa Afirmativa	236/375	62.9%	0,488
Declarativa Negativa	27/51	52.9%	0,315
Total de dados	<b>307/489</b>		

Fonte: própria

[60] é professora ... é também interessante que até os pais quando eles me viam no corredor eles falavam “graças a Deus *tu* ta aqui!” então isso causou até um certo ciúme que tinham duas vices e uma diretora ... la francês ... né! INFCAM12IIFB

[61] *tu* sabes a senha? INFCAM08IMB

A frase exclamativa, embora se apresente como favorecedora ao uso da forma *tu*,

deve ser analisada com reservas, devido a não possuir suporte de frequência significativa no recorte linguístico em estudo, apenas 20 ocorrências.

A hipótese que tínhamos para este fator foi confirmada em parte, pois prevíamos que as *frases do tipo interrogativa*, por se caracterizarem como de entonação ascendente e de tom mais expressivo/emotivo, favoreceriam o uso da forma de segunda pessoa *tu*. Não foi, contudo, o fator de maior relevância do grupo, embora, como observado na tabela 5, este tipo de frase favoreceu o emprego da variante *tu*, com **65.1%** de ocorrência e peso relativo de **0,596**. Esperávamos que, em frases exclamativas, houvesse a preferência pela variante *você*, pois essa forma pronominal seria mais preferida em situações interativas em que não houvesse a presença de um interlocutor definido, já que o discurso declarativo e exclamativo pode ser dirigido a mais de uma pessoa, um coletivo e não a um interlocutor definido. Porém, a hipótese em relação à exclamativa não foi ratificada, já que desfavorece a forma *você* e favorece a forma *tu*.

De acordo com os resultados, há mais probabilidade da forma *tu* ocorrer em frases exclamativas e interrogativas do que nas declarativas. Acreditamos que este fato seja reflexo de dois fatores: da situação interacional de coleta dos dados, na qual os participantes demonstravam-se à vontade para interrogar e exclamar algum fato ou situação ao seu interactante e até mesmo ao pesquisador/moderador, no decorrer da interação, e da situação conversacional, já que, semanticamente, *tu* representa o pronome usado nas relações de maior igualdade, envolvendo a *semântica da solidariedade*, sendo, portanto, a forma escolhida pelo falante para ser empregada quando há maior interação face a face. Isso acontece, porque, em enunciados do tipo “pergunta”, a interação comunicativa requer a presença mais específica de um interlocutor – eu-tu a quem se dirige a admiração, exclamação, surpresa, ênfase a aquilo que se diz ou questionamento, o que torna a relação comunicativa mais próxima entre falante/ouvinte, e como a forma *tu* é a mais usual e não parece denotar distanciamento social, acaba sendo mais frequente para este tipo de frase.

Esta forma de conceber os dados é intensificada ainda mais quando olhamos para os fatores *declarativa afirmativa e declarativa negativa*, os quais desfavoreceram a forma *tu* e automaticamente favoreceram *você*<sup>121</sup>. O tipo afirmativo, com 236 dos 376 ocorrências encontradas no *corpus* é o fator de maior frequência estatística do grupo. Isto nos leva a perceber que, em frases do tipo [62], quando a referência a um interlocutor é genérica, o

---

<sup>121</sup> Este grupo de fatores, na rodada entre *você* versus *tu* (valor de aplicação - você), foi selecionado para explicar a ocorrência de *você* e os fatores selecionados entre os mais significativos do grupo, constituíram aqueles que na rodada entre *tu* versus *você* desfavorecem à aplicação de *tu*: declarativa afirmativa e declarativa negativa, com pesos relativos de **0,514** e **0,679**, respectivamente.

falante dá preferência a variante *você*, pois essa forma pronominal é preferida em situações interativas em que não há a presença de um interlocutor definido, e o discurso declarativo pode ser dirigido a mais de uma pessoa, um coletivo e não a um interlocutor definido, como o defendido pela nossa hipótese corroborada pelos dados.

[62] porque a ... não tem melhor propaganda do que o boca a boca né?! ... eu acho que é isso ... é novidade é você agradar o cliente é você não trazer seu problema pra cá ... você serve de divã ... você serve de psicólogo ... serve de tudo ...  
INFCAM05IFA

Este resultado assemelha-se ao de outros trabalhos, como o de Lucca (2005), que demonstrou que a variante *tu* ocorre com maior frequência em frases do tipo exclamativa, com peso relativo de 0,87, e interrogativas, com peso relativo de 0,54, já as declarativas apresentaram peso de 0,33. A autora teve sua hipótese confirmada, haja vista que acreditava que as estruturas interrogativas, assim como as exclamativas, levariam à ocorrência de *tu* com maior probabilidade, devido ao caráter de menor monitoração delas em comparação às estruturas declarativas.

Em Andrade (2010), que trabalhou com este grupo de fator, mas organizado em entonação: orações interrogativas versus não interrogativas, e que tinha como hipótese que, em orações mais exaltadas, de tom alto ou ascendente, a ocorrência de *tu* seria favorecida. Esta categorização, em apenas dois tipos de frases, derivou da audição das gravações que não permitiu clareza na definição entre frases declarativas e exclamativas, por isso separou em apenas duas formas: interrogativas e não interrogativas (que incluiu declarativas e exclamativas). Andrade (2010) encontrou resultados divergentes dos encontrados nesta pesquisa, pois, na pesquisa da autora, as orações interrogativas favoreceram relativamente a variante *tu* na rodada binária entre *tu/você*, os pesos atribuídos ao *tu* foram: 0,73 em orações interrogativas e 0,42 em orações não interrogativas.

Os resultados de Nogueira (2013), de forma parcial, caminham em direção aos achados deste trabalho, na medida em que a autora verificou que o pronome *tu* é expressamente favorecido por frases interrogativas, 76,% e 0,701 de peso relativo, e inibido por frases declarativas e/ou exclamativas 43,5% e 0,438, de peso relativo. Resultado, portanto, semelhante aos desta pesquisa que obteve o *você* favorecido pelas declarativas e o *tu* pelas exclamativas e interrogativas; a única diferença existente é o fato das frases exclamativas, nesta pesquisa, favorecerem o uso de *tu* e, nos estudos de Nogueira (2013), o uso de *você*.

### 6.2.2 Fatores sociais

Dos quatro fatores sociais elencados como possíveis favorecedores do fenômeno em investigação, 3 (três) foram selecionados pelo programa para explicar a variação de *tu/você*. Em ordem de seleção, as variáveis foram:

1. Escolaridade
2. Tipo de relação entre os interlocutores
3. Sexo/gênero

Discorreremos deste ponto em diante, sobre a descrição destes grupos de fatores, correlacionando o efeito de cada um sobre o uso da variável dependente. Além disso, como fizemos anteriormente, correlacionamos os resultados às hipóteses e a outras pesquisas que consideraram tais grupos na variação *tu/você*.

#### 6.2.2.1 Escolaridade

A escolaridade foi o segundo conjunto de fatores das variáveis independentes com resultado significativo, de efeito favorecedor da alternância *tu/você*, mas foi o primeiro grupo entre os de fatores sociais selecionados pelo Goldvarb. Os valores percentuais e de teste de significância, expressos na tabela 6, registraram que os falantes com ensino médio, peso relativo de **0,618**, e percentual de 74.4%, são os que mais optam pela forma *tu* na linguagem falada. Por outro lado, os falantes com nível superior preferem a forma *você*<sup>122</sup>, o que automaticamente, desfavorece o emprego de *tu*, com 0,347 de peso relativo e 47% de percentual.

---

<sup>122</sup> Na rodada realizada entre *você* versus *tu* (valor de aplicação *você*) ficou explícito que o pronome *você* é favorecido significativamente pela fala dos mais escolarizados, com peso relativo de **0,653** e frequência 52.4%, enquanto que pelos falantes com nível médio, com peso relativo de 0,382 e nível percentual de 25.6% é pouco utilizado.

**Tabela 6** – A importância da Escolaridade na rodada binária *Tu* versus *você*.

<b>Escolaridade</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Ensino Médio	206/277	74.4%	<b>0,618</b>
Ensino Superior	101/212	47.6%	0,347
<b>Total de dados</b>	307/489		

**Fonte:** própria

Tal resultado confirma a hipótese levantada para este grupo de fatores, pois prevíamos que o nível médio influenciaria mais o uso de *tu* do que o nível superior. Acreditamos que isto resulte do reflexo subjetivo, do ponto de vista social acerca da forma *tu*, como um pronome menos formal que a forma *você*. Portanto, quanto maior a escolaridade do falante, maior será a opção por termos considerados mais formais pela escola e pela sociedade, em geral, como a forma *você*.

Embora todos os nossos sujeitos-informantes sejam considerados de status elevado na sociedade cametaense, teríamos uma exceção ao postulado de Labov (1990) de que as variantes-padrão, entendidas aqui como formas de prestígio social, empregadas com maior frequência pelos falantes de maior hierarquia social, se tão somente considerarmos que os sujeitos-informantes com ensino médio são empresários (donos de supermercado, salão de beleza), bancários e políticos, e, na fala destes, a recorrência é de *tu* e não *você*, ou seja, são pessoas com status social elevado na sociedade atuante.

Isso reforça ainda mais a atuação dos anos de escolaridade na vida das pessoas, como um diferencial na adoção de termos mais formais, haja vista que sujeitos-falantes de nível superior tiveram mais acesso à educação formal e conseqüentemente mais acesso aos bens e formação cultural, além de que precisam manter, também pela linguagem, a excelência no exercício da profissão. Por isso, acreditamos que usam com maior frequência a forma *você* no mercado de trabalho, pois visam garantir a neutralidade nas relações interpessoais de cunho profissional, evitando desta forma um elo comunicativo íntimo, em um contexto de domínio dos interesses coletivos. Isto faz sentido quando pensamos que muitos dos informantes-base de nível superior foram professores (universidades, rede pública de ensino fundamental e médio), estudantes universitários, bancários e de gestores escolares.

Pesquisas que apontaram o uso de *tu* sendo favorecido pelo grau de escolaridade dos falantes afirmam que o uso de *tu* é inversamente proporcional ao nível de escolaridade. Modesto (2006), para a cidade de Santos-SP, obteve 0,60 de peso relativo e 40% de percentual para o uso de *tu*, no nível médio, contra 0,40 e 29% para os falantes com nível

superior.

A variável escolaridade demonstrou-se influente também na pesquisa de Franceschini (2011), sendo o segundo fator selecionado como significativo no uso de *tu* versus *você*, em Concórdia, Santa Catarina. A autora conclui um favorecimento de *tu* entre os falantes com o nível de escolaridade fundamental I, 0,81, e fundamental II, 0,57 de peso relativo. A forma *você* apresentou-se mais favorecida pelo nível médio, 0,61 de significância. Comparando os dados da zona urbana de Cametá aos de Franceschini (2011), observamos que eles estão próximos ao refletirem o uso de *tu* pelo menor nível de escolaridade.

A variável escolaridade foi também selecionada em Costa (2013), para o falar das capitais do norte do país. Neste grupo, em que foram controlados dois fatores, nível fundamental e médio, o autor constatou o ensino fundamental como favorecedor do pronome *tu*, peso relativo de 0,52, e o ensino superior com neutralidade sobre a variável, peso relativo de 0,50. Se olharmos para os valores relativos, em relação ao ponto neutro 0,50, os dois níveis de escolaridade não possuem significância para explicar a alternância entre *tu/você*, embora os percentuais sejam diferentes: 61,9% para o ensino fundamental e 56,7% para o ensino superior.

A pesquisa de Nogueira (2013), na Bahia, e de Guimarães (2014), no Ceará, apontaram também a escolaridade como fator preponderante para a escolha alternada entre *tu* e *você*. Porém, os resultados das autoras vieram de encontro aos verificados nesta pesquisa, ao demonstrarem a forma *tu* com maior uso na fala dos mais escolarizados, com 0,669 de peso relativo, para Feira de Santana/Salvador e 0,546 para Fortaleza. Os demais níveis de escolarização, de 0 a 4 anos, com 0,335, e de 5 a 8 anos de estudo, 0,414 - Feira de Santana/Salvador - e de 0 a 4 anos, com 0,451, e de 5 a 8 anos de estudo, 0,478 - Fortaleza, inibiram a aplicação do uso do pronome. Convém salientar que, no trabalho de Nogueira (2013) e no de Guimarães (2014), não foram incluídos falantes com nível superior e que Nogueira analisou somente a fala dos mais jovens.

Resultado distante aos de Nogueira (2013) e de Guimarães (2014), e relativamente próximos dos apresentados para o falar da zona urbana de Cametá, foram os de Santos (2012) que apresentou semelhança na produtividade do *tu* entre falantes de ensino superior, 8,50%, ensino médio 12,30% e ensino fundamental 12,80%, enquanto a forma *você* foi a mais produtiva para o nível superior - 56,30%, ensino médio - 48,70% e ensino fundamental - 42,60%.

Para a autora, parece que a baixa produtividade de *Tu* é derivada do fato de que “o *Tu* presente ainda algum estigma na variedade carioca, principalmente, por ser empregado

categoricamente com verbo sem desinência canônica” (SANTOS, 2012, p. 94). A diferença existente, entre o falar carioca e o cametaense é em termos de frequência da forma *tu* para o fator escolaridade, pois mesmo não sendo a forma de maior produtividade na fala dos mais escolarizados – nível superior, ainda assim, é a marca de segunda pessoa mais produtiva na linguagem dos falantes desta região ribeirinha do Baixo Tocantins, diferente do falar carioca.

O fator escolaridade, considerando a localidade, na pesquisa de Loregian-Penkall (2004) para a região sul, revelou resultados diferenciados para os três grupos de regiões controladas. A hipótese da autora, inversa da deste trabalho, para a variável escolaridade, era a de que o aumento da escolaridade seria proporcional ao aumento do uso de *tu*. Isto confirmou-se apenas na rodada entre as capitais e Ribeirão da Ilha, quando os falantes do *colegial* foram os que mais usaram o pronome *tu*, com peso relativo de 0,75, enquanto os falantes do *ginásio* e *primário* apresentaram peso relativo de 0,41 e 0,34, respectivamente.

Porém, esta proporcionalidade, segundo Loregian-Penkall (2004), não foi registrada nas demais cidades que compuseram sua amostra, uma vez que, no interior do Rio Grande do Sul, os falantes do *colegial* com 0,28 de peso relativo, seguidos do ginásio - 0,38, foram os que mais desfavoreceram o uso de *tu*, por outro lado, os do *primário* lideraram com 0,72 de peso relativo, o uso desta variante. Já nas cidades do interior de Santa Catarina, os falantes do *ginásio* apresentaram um leve favorecimento da aplicação da regra com 0,59 de peso relativo, em seguida os do *colegial* com 0,47 e, por fim, os do *primário* apareceram com 0,42 de peso relativo.

O fator escolaridade não foi selecionado no trabalho de Martins (2010), para explicar o uso de *tu*, mas em rodadas com *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, o nível superior favorece o uso de *tu* - 0,39, e *você* - 0,45, e o nível fundamental, o uso da forma *o(a) senhor(a)* - 0,59.

Portanto, a correlação entre a escolarização e as formas de referência à segunda pessoa *tu/você*, diante dos resultados observados por esta pesquisa e de estudos como de Modesto (2006), Franceschini (2011), Santos (2012), Costa (2013), revela-se significativa para entendermos o fenômeno em análise, e apontam que o pronome *você*, variante padrão, é geralmente favorecida pelos falantes com nível superior, o que nos leva a inferir que esta forma inovadora na língua, manifesta socialmente prestígio linguístico, pois é mais frequente, em situações formais de comunicação.

#### **6.2.2.2 Tipo de relação entre os interlocutores**

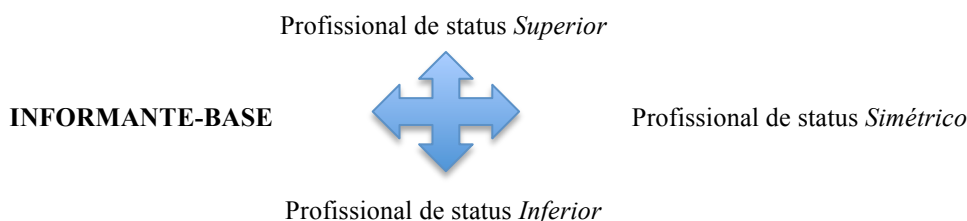
O grupo *Tipo de relação entre os interlocutores* foi caracterizado pelos seguintes

fatores: *assimétrico 01* (de inferior para superior), *assimétrico 02* (de superior para inferior) e *simétrico*, quando os interlocutores situam-se em níveis hierárquicos de igual poder, numa relação de maior proximidade e/ou intimidade. Usamos este fator como uma variável de controle para a aplicação da regra em estudo e observação de seu efeito sobre esta, por sermos coniventes com as discussões tecidas por Brown e Gilman (1960), acerca das formas pronominais de segunda pessoa, no uso, serem permeadas pelas relações sociais de poder (assimétrica) ou solidariedade (simétrica), o que chamam de teoria *do poder e da solidariedade*.

Sabemos que as relações comunicativas são marcadas pelas diferentes formas de falar e/ou de se referir ao outro (forma de segunda pessoa do singular) e tais variações linguísticas, segundo os autores, decorrem das relações sociais simétricas e assimétricas e dos contextos comunicativos nos quais os falantes encontram-se inseridos, por isso a coleta dos dados que compôs este *corpus* foi constituída por pessoas de status sociais diferentes, os quais são reconhecidos pela comunidade em análise.

Tomamos por base, para definição desta categoria e construção do *corpus*, o falante objeto de nossa análise, denominado de informante-base, com profissão de status relevante socialmente na comunidade em estudo e a partir deste sujeito, tecemos uma rede de relações sociais com outros sujeitos de status social superior, semelhante ou inferior ao do informante-base. Para conceituarmos as profissões de status social superior/inferior ao do informante-base, tomamos como parâmetro a pesquisa realizada no facebook, já mencionada neste trabalho sobre as profissões de maior status.

**Figura 2** – Relação social entre informante-base e interlocutores



Seguindo este parâmetro, os nossos dados revelaram que o emprego do pronome *tu* é mais recorrente nas interações simétricas (marido/esposa, entre colegas de classe ou de mesma profissão e/ou trabalho, irmãos, amigos, pessoas da mesma idade, ou que possuem um mesmo *status* social) com percentual de 65.6% e **0,603** de peso relativo, como se pode notar na tabela 7, abaixo:



**Tabela 7** – Tipo de relação entre os interlocutores na rodada binária *Tu* versus *você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Tipo de relação entre os interlocutores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Simétrica	246/375	65.6%	<b>0,603</b>
Assimétrica 02 (de superior para inferior)	48/86	55.5%	0,246
Assimétrica 01 (de inferior para superior)	13/28	46.4%	0,104
<b>Total de dados</b>	<b>307/489</b>		

**Fonte:** própria

No trecho da interação abaixo, observa-se a utilização dos pronomes *tu* entre pessoas de mesmo status social ou que possuam alguma relação de proximidade entre si, como uma conversa entre amigos, no caso do exemplo [63] entre pessoas de mesmo status social.

[63] então é observado nesse sentido que a essa questão dos status ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o Fagundes fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra *você* está nesses pontos ... *você* passa por outros e vai ficando como *tu* falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município.  
INFCAM11IIMB

No trecho [63] acima, observamos que o pronome *tu*, é usado por um professor, em referência direta a outro professor, colega de trabalho há muito tempo, com o qual mantém relações de maior proximidade socialmente. Este emprego reforça ainda mais a função solidária semântico-discursiva do pronome nas relações sociais simétricas, isto é, entre pessoas que desempenham os mesmos papéis sociais no ato discursivo.

O interessante dos nossos dados são os resultados para a relação *assimétrica 02* (de superior para inferior), o uso de *tu* neste tipo de relação é pouco produtivo, com peso relativo de 0,246, reforçando ainda mais, através do uso, a forma *tu* como um pronome que marca as relações solidárias e não de poder, seja esta de inferior para superior ou de superior para inferior. Logo, inferimos, a partir de tais achados, que as relações assimétricas inibem o uso de *tu* na fala pesquisada, conforme exemplo [64], em que temos um diálogo tecido entre um falante/estudante universitário e seu interlocutor/aluna do ensino médio, o que, consequentemente, leva-nos a perceber uso funcional e discursivo destas formas de referência à segunda pessoa, ainda com nuances diferenciais na comunicação.

[64] Débora ... *você* ouvindo tudo isso que eles falam sobre a profissão do professor ... *você* um dia pensa em seguir essa carreira (professor/aluno).  
INFCAM04IMB

As formas *você* e *o(a) senhor(a)* indicam tratamento não íntimo e, na maioria das vezes, são usadas com intuito de estabelecer uma marcação social bem nítida dos papéis desempenhados por cada membro durante a interação social, pois um indivíduo pode alternar seu status ou posição social de acordo com o contexto de participação social e pertencer a vários grupos sociais, o que pode independer da situação econômica; a linguagem reflete essa alternância de papéis sociais. Para Preti (2004),

Quando dizemos que a pessoa que ocupa um *status* deve subordinar-se a certos comportamentos, queremos referir-nos, de maneira ampla, não apenas a posturas éticas, mas também a aspectos ligados a sua representação física, a sua aparência, ao seu vestuário. E também, a sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem. (PRETI, 2004, p. 181 – *grifos do autor*).

O desfavorecimento de *tu* ainda é mais significativo em nossa pesquisa quando o falante o emprega em referência a um interlocutor de status social superior, com percentual de 46.4% e peso relativo de 0,104, decaindo significativamente do valor neutro da regra de aplicação do peso de significância, pois neste tipo de relação assimétrica é muito pouco produtivo na comunidade em análise, se compararmos ao mesmo uso desta forma em função das relações simétricas e assimétricas 02, reforçando ainda mais, através do uso, a forma *tu* como um pronome de solidariedade, o que acreditamos ser reflexo de um estabelecimento proposital de definição bem segmentada e diferenciada de classes sociais distintas.

Então o não uso de *tu*, tido aqui como marca de solidariedade e igualdade, pelo falante que se considera, dentro de uma hierarquia social estabelecida durante a interação, em nível de status abaixo de seu interlocutor, pode marcar o reconhecimento da não reciprocidade *de poder* entre falante e interlocutor, o que demonstra que ambos não podem exercer o mesmo poder sobre o outro. Portanto, se o *tu* não marca reciprocidade solidária entre os papéis sociais, o *você* estabelece bem tais marcações, na medida em que, se desvelarmos os dados, perceberemos que esta forma ainda constitui marca de distanciamento social e tratamento não-íntimo entre os falantes na comunidade analisada, como nas relações de assimetria 02, por exemplo, de superior para inferior - professor-aluno, desconhecido e maior idade/menor idade, patrão-empregado, gerente-funcionário, classe social de maior status/menor status.

Por outro lado, o uso da forma “*você*” indica também que pode estar havendo uma tendência a igualar ou tornar as relações sociais menos desiguais, já que parece que *você* carrega mais traços interacionais de polidez e de cortesia. Para Soares e Leal (1993),

O reconhecimento dos papéis faz-se não somente por certos indícios não-verbais, como a postura, o traje, os gestos, mas também por elementos verbais. Com efeito, na comunicação mais banal, é possível identificar formas linguísticas específicas

associadas a específicas relações entre papéis. (SOARES; LEAL, 1993, p. 36).

Exemplos de relação assimétrica 02 (de superior para inferior) podem ser conferidos em [65] e de assimétrica 01 (de inferior para superior), em [66]:

[65] no banco mesmo que *tu* ... que *tu* subas de cargo... e *tu* vai subir se Deus quiser... *tu* vai chegar no máximo oito horas... oito horas de serviço... num num extrapola isso ((assimétrica 02)). INFCAM03IMB.

[66] Ivete ... como *tu* achas que e ... é que eu ajudo a melhorar a tua imagem tanto na questão auto estima como ... pessoal mesmo através do meu trabalho ((relação assimétrica 01)). INFCAM05IFA.

A hipótese inicial postulada para este grupo de fator era de que o uso de *tu* seria favorecido pelas relações interacionais simétricas, ou de maior proximidade entre os interlocutores, e isto foi ratificado pelos nossos resultados, expressos na tabela 7, manifestando, assim, nos termos de Brown e Gilman (1960), na forma *tu*, a *semântica da solidariedade*, que caracteriza o relacionamento interpessoal em um mesmo patamar na esfera social. Isso reflete, portanto, um modelo de comportamento em que os interlocutores se colocam em um mesmo nível da hierarquia social.

O uso da forma *você* nas interações comunicativas, marcando as relações não proxêmicas, pode ter sido resultado do próprio contexto em que se encontram os interlocutores durante a coleta dos dados, o qual poderíamos caracterizar de contexto de comunicação não habitual. O interessante, aqui, é a não utilização do *tu* pelo falante de relação superior ao se dirigir a um falante de status inferior, o que demonstra a não inferiorização deste durante a conversação, embora o trate com maior distanciamento. Tal constatação contraria a posição de Mota (2008) que argumenta:

as relações de maior intimidade, ou nas relações de poder superior para inferior, a obrigação de uso de um estilo mais cuidado desaparece, uma vez que não há o desejo de ‘impressionar’, o que tenderá ao uso de um estilo amplamente informal. Isso explicaria o maior índice de uso da forma ‘tu’ nos referidos tipos de díades. (MOTA, 2008, p. 68).

Parece que o uso da forma *tu* decai consideravelmente à proporção que o nível de assimetria aumenta nas relações sociais, seja de superior para inferior ou de inferior para superior. Soares (1980), a partir de dados de Fortaleza-CE, verificou que a variação (individual ou coletiva) apresentava um padrão no plano da simetria, em que as três formas *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* alternavam-se entre si. No plano da assimetria era variável o uso de *o(a) senhor(a)*, como também poderiam surgir as três formas pronominais, mas sempre usadas por falante de status superior, como em patroa/empregada. Logo, o superior pronunciava *você*,

porém recebia *o(a) senhor(a)*. Nas relações simétricas (recíprocas), por exemplo, em que não havia intimidade entre os interlocutores, eles tratavam-se por *o(a) senhor(a)*, os mais jovens usavam *você* e mais raramente *tu*. Aos mais velhos, sem intimidade, era preferido o tratamento por *você* ou *senhor* e os interlocutores de maior intimidade tratam-se por *tu* ou por *você* indiferentemente.

Notamos que Soares e Leal (1993) que se propuseram estudar sobre as relações sociais existentes no domínio da família Belenense, entre pais e filhos, ficou observado que estas estariam menos desiguais, no uso das formas de referência à segunda pessoa, o que apontou para a semântica de poder ou de solidariedade:

No sistema atual de filhos para pais na família Belenense está ocorrendo a seguinte variação: “tu”, “você”, “o (a) senhor (a)”. Se durante muito tempo a forma dominante foi “o (a) senhor (a)” (75% dos informantes-pais declaram, no questionário, usar exclusivamente esta fórmula ao se dirigirem a seus pais), no momento presente, os dados mostram que “o (a) senhor (a)” está “perdendo terreno” para tu: enquanto 38,59% das formas usadas pelos informantes-filhos é “o (a) senhor (a)”, quase 50% (49,13%) corresponde a “tu”. (SOARES; LEAL, 1993, p. 52).

Em Dias (2007), que controlou a variável *relacionamento com o interlocutor*, categorizando-a nos seguintes tipos: amigo íntimo; pessoa da família; amigo ou colega; conhecido; desconhecido, e cuja hipótese era que houvesse uma tendência muito clara, favorecendo a forma *tu* entre amigos íntimos e familiares, os dados percentuais favoráveis a esse posicionamento igualam-se aos resultados deste trabalho aqui desenvolvido, sendo que o peso relativo de amigo íntimo/familiar, nos dados da autora, foi de 0.60, favorecendo portanto o uso de *tu* “quando o falante se dirige a pessoas com quem tem este tipo de relacionamento” (DIAS, 2007, p. 82). Resultado parecido obteve no que se refere ao fator *Todos*, no qual está sempre incluído um amigo íntimo, com peso relativo de 0.60. Amigo/colega teve peso relativo 0.42, o que demonstra desfavorecimento ao uso de *tu*. No que diz respeito à categoria conhecido, esta desfavorece o uso do pronome, com peso relativo de 0.30. Para Dias (2007), embora as frequências médias tenham demonstrado que o *tu* seja mais usado entre amigos íntimos ou familiares que com amigos ou colegas, 17.1 % contra 9.5%, a diferença não foi tão significativa entre os pesos relativos nestas duas categorias.

Em Mota (2008), observa-se também semelhanças aos resultados desta nossa pesquisa, pois a autora conclui que o grau de intimidade (maior intimidade/menor intimidade) entre os interlocutores propicia de forma motivadora o uso da forma *tu*, com .081 de peso relativo e 26% de frequência, contra as relações não íntimas, com peso relativo de 0.32 e percentual de 1%. Outro estudo cujo resultado equipara-se ao nosso é o de Martins (2010),

pois observou que o fator *intimidade* também favorece o uso da forma pronominal *tu*, com peso relativo de 0,59 e alta frequência de quase 81%, logo o fator não intimidade desfavorece o uso dessa forma, com peso relativo de 0,39. Para o autor, estes números foram mais elevados na rodada binária, pois o fator *íntimo* iniciou com peso relativo de 0,68 e o *não íntimo* apresentou peso relativo de 0,30. Porém Martins (2010) argumenta que a diferença nos pesos relativos diminui quando o fator *grau de intimidade dos interlocutores age* conjuntamente com os outros grupos de fatores da pesquisa.

Andrade (2010), ao cruzar os dados sociais faixa etária e tipo de relação entre os interlocutores, chegou a conclusões semelhantes aos dos resultados desta pesquisa, uma vez que também percebeu que a variante *tu* foi eleita como a preferida nas relações simétricas, nas duas faixas etárias, de 7 a 11 anos e de 12 a 15 anos, ao passo que, em relações assimétricas, a autora observou uma acentuada queda na ocorrência da variante *você* para este tipo de relação, com 0,27 de peso relativo, contra 0,26 e 0,47 para as variantes *cê* e *tu* respectivamente. Nas relações assimétricas, a variável *você* aparece com peso relativo de 0,38, um pouco abaixo da variante *cê* (a mais frequente na região) com 0,40 e com valor maior do que a variante *tu*, que apresentou 0,22 de significância para este fator. Dado interessante que Andrade (2010) observa é que, no comportamento linguístico dos mais jovens, de 7 a 10, não se manifestou o uso de *você* nos relacionamentos íntimos, enquanto que para o *tu* há uma tendência bastante clara de um uso acentuado independentemente do grau de intimidade com o interlocutor, nesta mesma faixa etária.

Guimarães (2014) obteve também efeitos significativos para o papel do grau de intimidade entre os interlocutores. A autora, que dividiu o grupo a partir de dois tipos de relações sociopessoais: *alto grau de intimidade* (alto índice de troca de turno entre os informantes; falavam quase na mesma proporção) e *baixo grau de intimidade* (conversas impessoais que retratavam o passado ou trabalho dos informantes com textos longos e com pouca troca de turno), observou que o alto grau de intimidade, frequência de 54,4% e peso relativo de 0,525, favorece, timidamente, o uso da forma *tu*. Por outro lado, o baixo grau de intimidade lhe desfavorece o emprego nitidamente, frequência de 17,1% e peso relativo de 0,272. A autora esperava alcançar este resultado, isto é, que a forma pronominal fosse frequente nas relações de intimidade, ou solidariedade, por considerá-lo um pronome mais íntimo.

No que diz respeito ao grupo de fatores *Grau de simetria entre os interlocutores: simetria e assimetria*, Guimarães (2014) o subdividiu em *muito simétrico*, *totalmente assimétrico* e *parcialmente simétrico*, este só foi selecionado quando cruzado com o grupo de

fator sexo/gênero. Os resultados apontaram que o fator totalmente assimétrico, com peso relativo de 0,966 é mais frequente entre as mulheres, sendo o pronome *tu* o mais forte aliado dessa relação; logo em seguida aparecem os resultados dos parcialmente assimétricos, peso relativo de 0,734. Nas relações caracterizadas como totalmente simétricas, com peso relativo de 0,358, e nas parcialmente simétricas, 0,065 de peso relativo, ocorre a inibição do uso do pronome *tu*. Este resultado caminha em direção oposta aos resultados desta pesquisa, que apontam o *tu* como o preferido pelas relações simétricas e não pelas assimétricas.

Na pesquisa em Tefé (MARTINS, 2010), o grupo de fatores tipo de relação entre os interlocutores não foi significativo, porém o autor julgou importante apresentar os resultados deste grupo, por ter sido o último descartado pelo programa, como também, no nível da rodada em que todos os fatores agiram conjuntamente, houve um pequeno favorecimento do *tu* em relações assimétricas. Nesse sentido, Martins (2010) observou que, nas relações simétricas, quando não há intimidade os tefeenses usam *você* e *tu* de forma mais ou menos equilibrada, mas os mais jovens (de 7-10 anos) usam o *tu* com muita frequência, 67,7% e 0,55. Nas relações assimétricas, com bastante intimidade, o falante usa o *tu*, 58,3% e 0,47 de peso relativo.

### 6.2.2.3 Sexo/gênero

A variável sexo/gênero, em muitas pesquisas de cunho sociolinguístico sobre fenômenos variáveis já demonstrara que quando se trata de uma mudança em progresso, as mulheres encontram-se na liderança da mudança, pelo uso da variante inovadora, desde que esta não seja estigmatizada e tenha traços da linguagem padrão. Em Labov (1996), acerca da pronúncia do /r/ em coda silábica, no inglês de Nova York, o autor verificou que a forma inovadora, mais frequente e de maior prestígio na comunidade de fala, ocorria na fala das mulheres, o que, segundo o autor, demonstrava afetação da variável sexo/gênero sobre a variação linguística e, conseqüentemente, na mudança linguística.

Com base nesses pressupostos, nossa hipótese para esse grupo de fator era que as mulheres usassem mais a forma pronominal *você*, por acreditarmos ser esta uma forma que expressasse maior prestígio na comunidade linguística pesquisada, e nossos resultados convergiram para a ratificação desta premissa, revelando-nos que a forma predileta pelas mulheres é a forma *você*, na medida em que a forma *tu* foi mais frequente na fala masculina, como podemos verificar na tabela 8, abaixo:

**Tabela 8** – A importância do sexo/gênero na rodada binária *tu versus você* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Sexo/gênero	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Masculino	176/254	69.3%	<b>0,589</b>
Feminino	131/235	55.7%	0,404
<b>Total de dados</b>	307/489		

**Fonte:** própria

Observa-se que as predileções pelas formas de referência à segunda pessoa são diferentes quanto ao gênero/sexo, uma vez que, pela expressividade dos dados da tabela 8, os homens não usam na mesma proporção que as mulheres a forma *tu*, apresentando percentual mais elevado de 69.3% e nível de significância de **0,589**. Observa-se, portanto, de acordo com os dados, que isto confirma pesquisas de cunho sociolinguístico, que ressaltam as mulheres, como o gênero/sexo que tende ao maior uso de regras reconhecidas como padrão<sup>123</sup>, mais formais.

Há pesquisas, como a de Modesto (2006), que estão em desacordo aos nossos resultados, ao demonstrar que tanto homens 67% como mulheres 65% preferem a forma *você*, à forma *tu*, 32% e 34% de percentual, respectivamente. Na pesquisa de Dias (2007), há resultados similares aos da zona urbana de Cametá, ao indicarem que o uso de *tu* entre os falantes do sexo masculino é mais frequente, com percentual de 14.9% e peso relativo de 0.60, e apenas de 10.8%, com peso relativo de 0.41, figurando abaixo do nível de significância, para as mulheres, o que indica que a forma *tu* é favorecida por falantes homens e desfavorecida pelas falantes do sexo/gênero feminino.

Para Loregian-Penkall (1994), há uma visível liderança das mulheres de todas as localidades pesquisadas - Florianópolis, Porto Alegre e do Ribeirão, quanto ao uso de *tu*, em 0,74 de peso relativo; no que diz respeito às regiões interioranas, as de Santa Catarina apresentam 0,61 de peso relativo e as do Rio Grande do Sul aparecem com 0,67 de favorecimento de *tu*. E quando a autora efetua tabulações cruzadas para melhor observar o comportamento de cada localidade em relação a este fator no que diz respeito ao uso de *tu*, obtém resultados ainda mais acentuados em Porto Alegre, cujas mulheres apresentam 99% de uso de *tu* e apenas 1% de *você*.

Para o sexo/gênero masculino, os resultados foram diferentes para *você*, pois a autora verificou que, nas cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão, havia maior frequência

<sup>123</sup> Na rodada entre *você* versus *tu* (valor de aplicação), para a variante sexo/gênero, a forma *você* apresentou maior probabilidade de uso na fala feminina, com peso relativo 0,596.

de uso desta forma na fala dos homens, com 41%, 20% e 4%, respectivamente. E quando Loregian-Penkall (1994) realizou rodadas separadas, a seleção da variável *sexo/gênero* deu-se em primeiro lugar em Florianópolis, atribuindo peso relativo de 0,85 para as mulheres e de 0,10 para os homens. Logo em seguida aparece Porto Alegre, de percentual de 0,92 para feminino e 0,03% para o masculino.

Andrade (2010) alcançou resultados favoráveis também à distinção entre a fala masculina e feminina quanto ao uso das formas *tu/você*. Nos testes binários da autora, ficou evidenciado que o sexo masculino favorece a forma *tu* - 0,68 de peso relativo e 78% de frequência.

Nogueira (2013) obteve também como fator relevante a variável *sexo/gênero* em dados do falar de Feira de Santana e Salvador. A autora tinha como hipótese inicial em relação ao *sexo/gênero* do falante que, de forma geral, as mulheres teriam a preferência pelo pronome *você*, por este ser considerado de maior prestígio social nas duas comunidades estudadas. A conclusão a que chegou a autora é que as mulheres usam, com maior frequência, a variante *você*, com 96,4% de nível de significância, embora os homens estejam bem colados em termos de percentuais, com 93,7%. Tal resultado confirma portanto a hipótese por ela levantada, porém como os percentuais entre os homens e as mulheres são bastante próximos, Nogueira (2013) considera que o *sexo/gênero* exerce efeito neutro sobre esta variante. 6,3% contra 3,6% de percentual para as mulheres.

Nogueira (2013) observa que estes resultados continuam a exercer efeito neutro sobre o uso dos pronomes mesmo quando analisa os dados das duas cidades *Feira de Santana e Salvador* separadamente. Em Feira de Santana, para a forma *você*, as mulheres manifestam frequência bastante significativa, 93,7%, e os homens, 87,9%. Mas estes dados sofrem redução muito drástica quando se trata da variante *tu*, 12,1% para os homens e 6,3%, para as mulheres. Já em Salvador, os homens apresentam índice bastante elevado para a forma *você*, 99,2% e as mulheres, 98,8%, não demonstrando portanto muita diferença significativa entre os resultados. No que diz respeito à forma *tu*, a autora observou que, em Salvador, principalmente na fala dos homens, este pronome possui frequência de uso mais baixo que o *você*, pois obteve percentual de 0,8% somente, enquanto as mulheres apresentam índice um pouco mais elevado de 1,2%, embora todos os dois resultados mantenham-se bem abaixo do nível de significância da rodada estatística. Assim, os resultados da autora, que apontam o *você* como a variante de preferência pelas mulheres, caminham para a mesma direção dos dados obtidos em nossa pesquisa.

A partir de um estudo mais panorâmico sobre o efeito da variável *sexo/gênero* na



região sul, realizado por Franceschini e Loregian-Penkall (2015) acerca dos estudos de Franceschini (2011) e Loregian-Penkall (2004), foi atestado efeitos de significância opostos dos apontados para Cametá, Norte do Brasil, pois o uso do pronome canônico *tu*, a partir do ponto de vista das autoras, predominou principalmente no sexo/gênero feminino, em todas as localidades investigadas. Então, se na zona urbana de Cametá-PA, as mulheres tendem mais ao uso da forma *você*, impulsionando, mesmo que timidamente, a mudança no quadro pronominal de segunda pessoa, no Sul, parece que é o inverso, são os homens os favorecedores do pronome *você*, enquanto as mulheres demonstram-se mais conservadoras, propiciando a manutenção do pronome canônico *tu* na comunidade.

E isto estaria em conformidade ao postulado de Eckert (1990, p. 247-248) que defende que as “mulheres tendem a ser mais conservadoras do que os homens na utilização destas formas vernaculares que representam variáveis sociais estáveis<sup>124</sup>”, porém, o pronome *tu*, como já dito anteriormente nesta análise, embora seja a forma conservadora da língua, que poderia ser mantida pelas mulheres, é menos formal que *você*. Além da explicação histórica para o fato de as mulheres adotarem formas linguísticas ditas cultas, como o respeito social e conquista pela igualdade no mercado de trabalho que outrora era masculino, a mulher ainda sente a necessidade de reafirmar a sua identidade de gênero e papel social e, para tanto, como aponta Santos (2011, p. 62),

o domínio das formas padrão talvez seja a forma que as mulheres têm de construir uma imagem social de credibilidade, já que, em geral, os falantes que dominam as formas padrão tiveram acesso à educação formal, e, teoricamente, um profissional competente precisa de uma formação cultural consistente. Nesse sentido, exibir as variantes-padrão é uma maneira de sinalizar determinados aspectos sociais.

A mesma necessidade, por razões históricas e culturais, os homens não possuem, e isso deve afetar o uso de *você* por eles, já que, se atentarmos para o cômputo geral dos dados da tabela 8, verificaremos que usam em menor proporção *você* do que as mulheres, por preferirem a forma mais solidária, o pronome *tu*, e por demonstrarem menor desprendimento ao uso de *tu* + *concordância com verbo*, já que a fala de sentenças desprovidas de concordância não afetaria a sua imagem e credibilidade perante a sociedade, talvez como as mulheres acreditam que afete a delas.

De tais resultados um pouco discrepantes em relação ao uso da variante *tu* de acordo com sexo/gênero, emergem diferentes representações regionais de uso desta variável,

---

<sup>124</sup> women do tend to be more conservative than men in their use of those vernacular forms that represent stable social variables.

enquanto norma do sistema linguístico ao qual pertence os falantes, pois o que tudo indica, a partir das pesquisas sobre *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* (em menor grau) num sistema, é que historicamente o *tu* é enquadrado como pronome canônico de segunda pessoa, possuindo certo prestígio na comunidade de fala, mantém-se preservado, principalmente, pelas mulheres, como ocorre no Sul, demonstrado na pesquisa de Loregian-Penkal (2004) para Porto Alegre, Florianópolis, Blumenau, São Borja e Panambi, regiões mais conservadoras quanto ao uso de *tu* e no Norte do país, como na pesquisa de Martins (2010).

Processo contrário é observado quando a forma *você* pertence à estrutura da língua como pronome já introduzido de segunda pessoa, como na região Centro-Oeste, Sudeste e Sul, conforme Modesto (2006), Dias (2007), Andrade (2010) e Paredes Silva (2003): o uso *tu* é liderado pelos homens, já que constitui forma linguística inovadora, devido aos traços mais marcados pela concordância com o verbo, que, no geral, não é empregada, enquanto que a forma *você*, por sua vez, é mantida pelas mulheres. Então, a motivação da variável sexo/gênero para a alternância de *tu versus você* é engrenada pelas nuances linguísticas regionais de cada comunidade de fala.

### **6.2.3 *Um breve olhar sobre os grupos não selecionados estatisticamente na rodada binária entre tu e você***

Os grupos de fatores descartados nessa primeira rodada, entre *tu versus você*, estão compilados, em ordem de exclusão no *stepping down*, na tabela 10, que segue. A abordagem aqui desses grupos, sem valor estatístico para o programa GOLDVARB, pode nos gerar respostas importantes, que nos leve a uma melhor compreensão do comportamento variável entre *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na realidade linguística investigada. Como defende Guy e Zilles (2007, p, 214) “a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador!”.

E um primeiro ponto notório, encontrado em resposta às indagações desta pesquisa, difundido pela exclusão destes fatores, foi o considerável favorecimento das variáveis sociais ao comportamento variável entre *tu/você*, examinado pela eliminação de apenas um grupo de fator social, *faixa etária do informante*, dentre os quatro controlados na rodada. Isto denota a densa correlação existente entre fatores linguísticos e sociais na apreensão do fenômeno em estudo.

**Tabela 9** - Grupos de fatores eliminados pelo programa no *stepping down* na rodada entre *tu* versus *você*

<b>Grupos de fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Tipo de discurso</b>		
Discurso de fala original/própria	245/395	62%
Discurso indireto de fala relatada ou reportada de uma terceira pessoa	43/63	68.3%
Discurso indireto de fala relatada ou reportada do próprio falante	19/31	61.3%
<b>Estrutura do verbo</b>		
Forma simples	234/364	64.3%
Forma complexa (tempo composto e perífrase)	73/125	58.4%
<b>Faixa Etária do Informante</b>		
21 a 29 anos de idade	113/179	63.1%
32 a 42 anos de idade	194/310	62.6%
<b>Tempo discursivo do verbo</b>		
Presente	170/264	64.4%
Futuro	94/166	56.6%
Passado	43/59	72.9%
<b>Tempo Gramatical do verbo</b>		
Infinitivo flexionado	42/51	82.4%
Presente do indicativo	192/333	57.7%
Passado do indicativo <sup>125</sup> e do subjuntivo	46/61	75.4%
Futuro do subjuntivo	19/30	63.3%
Presente do subjuntivo	7/12	58.3%
Futuro do indicativo	1/2	50%
<b>Total de dados</b>	<b>307/489</b>	

**Fonte:** própria

<sup>125</sup> O fator *passado do subjuntivo* apresentou nocaute para a variante *você*, por isso foi amalgamado ao fator *passado do indicativo*.

### ▪ Tipo de discurso

A variável *Tipo de discurso* foi a primeira a ser excluída pelo programa GOLDVARB. Medimos este fator para verificar se os diferentes tipos de discurso: discurso *direto/fala própria*, *discurso relatado da fala do próprio falante ou relatado de terceira pessoa* exerciam influência na escolha alternada entre *tu/você*. Acreditávamos que o discurso relatado (de outrem ou do próprio falante) favoreceria o comportamento variável em estudo. Porém, este grupo não mostrou efeito favorável ao uso significativo de *tu*, o que pode ser observado pelos valores estatísticos entre os fatores do grupo, muitos próximos. Sobressaindo-se, entre os três fatores, com ligeira saliência o *discurso relatado* de terceira pessoa, com 68,3%. Ressalta-se, no entanto, que o discurso indireto de *fala relatada do próprio falante*, apresentou baixa ocorrência no *corpus*, somente 31 (trinta e uma ocorrências).

Nos trabalhos de Lucca (2005), Dias (2007) e Martins (2010), este fator não se demonstrou também estatisticamente relevante. Em Andrade (2010), somente nas rodadas binárias entre *tu/cê*, que este fator demonstrou significância estatística, e o peso relativo atribuído ao *tu* foi de 0,21 para a fala reportada e 0,48 para a fala não reportada. Na pesquisa de Martins (2010), o *discurso relatado* apresentou um leve favorecimento do uso de *tu* pelo discurso relatado, com 69% de percentual e 0,52 de peso relativo. Portanto, nossos resultados harmonizam-se com outros trabalhos voltados para a alternância entre *tu* e *você*, no que tange o não favorecimento deste grupo de fatores para explicar a escolha de *tu* e não de *você* na fala dos cametaenses.

### ▪ Estrutura do verbo

O grupo de fatores *estrutura do verbo* foi o segundo a ser excluído pelo programa. Para este grupo, não tínhamos expectativa que fosse selecionado como estatisticamente significativo ao uso de *tu*, e de fato isto ocorreu, ao apresentar-se como desfavorecedor à aplicação de uso deste pronome na fala dos cametaenses. Logo, a seleção da forma *tu* independe da estrutura verbal que a acompanha. Ao volvermos nosso olhar apenas para os dados percentuais, observamos que *tu*, é mais frequente aposto à estruturas verbais simples 64,3%, figurando logo atrás com percentual ligeiramente mais baixo os verbos com estruturas complexas 58,4%.

Este grupo de fatores, não o tínhamos encontrado em outros trabalhos já realizados

sobre o comportamento alternante de *tu/você/o(a) senhor(a)*, a decisão em controlá-lo nesta pesquisa, emanou da tentativa de ampliarmos nossa visão para além dos fatores comumente já averiguados e observar outros possíveis favorecedores desta variação, ainda não testados como objeto de análise em outras pesquisas. Porém, o resultado atestou o não favorecimento da estrutura do verbo para o uso de tais pronomes.

#### ▪ **Faixa Etária do Informante**

Com o objetivo de investigar o quadro de variação entre *tu* e *você* na comunidade estudada em termos de variável estável ou em processo de mudança, elencamos a variável *faixa etária*, focando principalmente nas faixas etárias mais jovem (21 a 29 anos) e adulta (32 a 42 anos). Acreditávamos que o os mais jovens estariam motivando e liderando a mudança. Porém, contrariando nossa expectativa, este grupo de fatores não foi tomado como relevante para explicar o comportamento variável entre *tu/você*, haja vista que tanto os mais jovens quanto os adultos possuem frequência de uso muito próxima, 63.1% e 62.6% de percentual, respectivamente, destes pronomes, não havendo portanto a predominância de uma faixa etária sobre a outra em níveis percentuais significativos.

A hipótese testada para este grupo era a de que os falantes mais jovens preferissem a forma *você*, porém, tanto estes como os adultos apresentaram, com maior frequência de uso, o pronome *tu*. Tal diferença não chega a ser significativa, fato pelo qual este grupo talvez não tenha sido tomado como significativo nesta rodada, o que nos leva a concluir que estamos diante de uma variação estável, já que a forma cônica de segunda pessoa *tu* apresenta tendências regulares, pelo uso recorrente, entre as diferenças etárias analisadas, deste pronome. Logo, poderíamos dizer que o fator *faixa etária* não possui probabilidade de favorecimento de *tu*, considerando que nenhuma das faixas etárias analisadas aqui manifestaram saliência significativa quanto ao seu uso.

Na pesquisa de Dias (2007), ao inverso desta, o fator faixa etária foi tomado como significativo para a compreensão da aplicabilidade de *tu* na fala dos brasilienses, sendo esta forma pronominal usada entre falantes de mesma faixa etária, com peso relativo de 0,56.

#### ▪ **Tempo discursivo do verbo**

A hipótese que orientou este grupo foi a de que a ocorrência do pronome *tu* seria afetada pelo valor discursivo do verbo proferido e o tempo *passado* fosse o que apresentaria

maior motivação a forma *tu*. No entanto, este grupo foi o quarto a ser excluído da rodada *tu* versus *você*. Em termos percentuais, o pronome *tu*, apresentou maior frequência estatística de uso, quando o tempo verbal que o acompanhava encontrava-se no passado, com 72,9%, coadunando desta forma, este resultado, à hipótese levantada para este grupo.

#### ▪ Tempo Gramatical do verbo

O tempo gramatical do verbo foi o quinto e último em ordem de exclusão pelo programa a ser considerado como desfavorecedor estatisticamente do comportamento variável de *tu* versus *você*. Todos os fatores que compuseram o grupo apresentaram nível percentual acima de 50%, com exceção do tempo-modo *futuro do Indicativo* que ficou na média 50%, como o de menor frequência ao uso de *tu*. Os fatores infinitivo flexionado, com percentual de **82.4%**, passado do indicativo/subjuntivo com percentual de 75.4% e futuro do subjuntivo, percentual de 63.3%, apresentaram-se, nesta ordem, como os de maior probabilidade estatística de frequência da forma *tu*, na linguagem da zona urbana do município de Cametá. A partir destes resultados gerados pelas ocorrências *no corpus* da pesquisa, inferimos que a forma *tu* encontra maiores chances de ocorrer junto a formas do infinitivo flexionado, futuro do subjuntivo e tempo passado (indicativo e subjuntivo).

A hipótese testada neste grupo de fatores foi a de que o pronome *tu* seria atraído, com maior probabilidade, pelo *modo indicativo* e o modo-tempo *passado do indicativo* e *passado do subjuntivo*. Porém, este grupo não demonstrou relevância significativa para a ocorrência de *tu*. Contudo, se olharmos somente a nível percentual, por meio dos resultados expressos, na tabela 9, acima, tivemos, em parte a comprovação de tal hipótese, pois apenas o fator *passado do indicativo/subjuntivo* demonstrou tendências regulares à aplicação da regra. A hipótese que tínhamos para este fator, e que foi ratificada, era a de que a sobreposição de traços semânticos das desinências verbais, marca diferencial, deste modo-tempo, da segunda pessoa do discurso do português brasileiro, atrai o pronome que conserva a marca canônica de segunda pessoa, o pronome *tu*.

Embora o modo indicativo tenha apresentado maior número de ocorrências com a forma *tu*, é interessante notar o valor de influência que o subjuntivo exerceu sobre o uso desta forma, se olharmos para os fatores *futuro do subjuntivo* e *passado do subjuntivo*. Quanto à seleção da forma nominal do verbo, infinitivo flexionado, e do futuro do subjuntivo, que possuem estruturas morfológicas sufixais mais complexas e pragmaticamente de frequência de uso mais rara na linguagem oral, já que pertencem a orações subordinadas, parece, ao que

tudo indica, que o falante ao usá-las prefere a forma *tu*, menos marcada, por ser a mais frequente de uso na variedade linguística da comunidade.

Logo, numa tentativa de igualar, neste contexto interacional, as relações interpessoais, a partir da simetria do discurso, e minimizar os efeitos semânticos carregados pelo modo subjuntivo, de incerteza e/ou valor condicional sobre o dito, a forma pronominal atraída seja o *tu* e não o *você*, como hipotetizamos, pois este último, de referência mais indeterminada, genérica e pertencente a estruturas oracionais mais complexas e marcadas, distanciaria mais as relações sociopessoais, o que poderia causar maior assimetria.

No trabalho de Costa (2013), o *modo verbal* foi o segundo grupo de fatores a ser excluído do teste de significância pelo programa. O autor, que configurou este grupo de forma diferente do organizado na pesquisa aqui desenvolvida, pois trabalhou somente como o modo indicativo e o modo imperativo, constatou, que nas capitais do norte estudadas, o modo imperativo, influencia o uso de pois apareceu com percentual de 81,0% de uso e peso relativo de 0,73 e o modo indicativo desfavorece, percentual de 19,4 e peso relativo de 0,18.

### 6.3 *Tu versus o(a) Senhor(a)*

Esta segunda rodada entre *tu* e *o(a) senhor(a)* teve como finalidade investigar se as relações interacionais sociopessoais estão se tornando cada vez mais simétricas, principalmente entre interlocutores de papéis sociais diferentes. Logo, o uso de *tu* e *o(a) senhor(a)* pode definir as relações estabelecidas entre os diferentes papéis assumidos pelos falantes na esfera da atividade profissional, que exercem socialmente, e na relação mantida com seus interlocutores no processo comunicativo.

Partindo do princípio postulado por Soares e Leal (1993), de que estaria se instaurando uma mudança no quadro pronominal referente ao tratamento de segunda pessoa de inferior para superior, bem restrita, no estudo das autoras ao âmbito familiar, de filhos para pais, da forma *o(a) senhor(a)* para as formas *tu/você*, resolvemos ampliar esta expectativa, já que nossa pesquisa não se destinou apenas ao grupo familiar, mas a outros tipos de relações sociais, como as profissionais. Buscamos verificar se o mesmo processo estaria se instaurando, também na fala cametaense, depois de terem se passado quase duas décadas da pesquisa das autoras.

Por meio desta rodada, a qual teve a forma *tu* como valor de aplicação, os dados revelaram bastante avanço quanto ao desuso da forma *o(a) senhor(a)* para o contexto de fala cametaense, sendo 38 dados, 11% e 0,11 de peso relativo para *o(a) senhor(a)* em comparação

à forma *tu*, com 307 dados, peso relativo de **0,89**, e 89% de percentual. E havia condições propícias ao surgimento de *o(a) senhor(a)* no *corpus*, pois os informantes foram agrupados a partir de relações simétricas e assimétricas mantidas entre si no campo profissional. Na tabela 10, observamos tais diferenças bem significativas entre os dados de uso entre *tu* e *o(a) senhor(a)*.

**Tabela 10** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – *tu* versus *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito	Aplicação/ Total	Percentagem	Peso relativo
TU	307/345	89%	0,89
<b>o(a) Senhor(a)</b>	38/345	11%	0,11
<b>Total dos dados</b>	304/345		

Fonte: própria

Como abordado anteriormente, no final do século passado, o trabalho de Soares e Leal (1993), sobre o uso das formas de tratamento no seio da família belenense, já apontava indícios significativos desta transitoriedade entre o uso de um pronome indicativo de poder ou de maior respeito como *o(a) senhor(a)* para formas de tratamento que assinalavam menor desigualdade entre os papéis sociais. Logo, ficou evidente, no trabalho das autoras, que estaria havendo uma mudança no emprego das formas de tratamento, principalmente de filhos para pais e isso se confirmou pelos dados obtidos na pesquisa, pela declaração de 75% dos informantes-pais no questionário, que usavam apenas esta forma para se dirigirem aos seus pais, mas quando as autoras realizavam a pesquisa, este percentual decresceu, demonstrando a forma *o(a) senhor(a)* sendo usada somente 38,59% pelos informantes-filhos.

O uso mais frequente da referência *tu* e *você* à segunda pessoa, no *corpus* em análise, aponta, desta forma, para maior simetria entre os papéis sociais desempenhados pelos falantes na situação comunicativa investigada, mesmo quando o uso de *o(a) senhor(a)* poderia ser propício, o falante preferiu o *tu* àquela forma de referência, como no exemplo [67], em que o o informante-base ocupa, na relação sociopessoal de interação, status inferior ao do seu interlocutor, pois é um professor-supervisor dirigindo-se ao seu director e ainda assim utiliza um pronome indicativo de solidariedade e não de poder.

[67] os alunos falavam ei diretora não sou diretora! Não sou diretora! aí eles falavam mas ... *tu* é diretora! e na frente dela ... aí eu falava ... óh ... *tu* tá vendo! eu to



defendendo ... aí eu falei assim ... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? *tu* ou eu? aí ela ficou ... pra mim *tu* és a diretora! ... e tanto é que *tu* és a minha superior ... então tipo assim ... INFCAM16IIFB

Dos dados encontrados no *corpus* para o tipo de relação assimétrica (inferior para superior), obtivemos 14 ocorrências da forma *tu* de um total de 52 formas de segunda pessoa para este contexto assimétrico de hierarquia social entre os participantes. Portanto, observa-se que além da baixa frequência de uso de *o(a) senhor* no *corpus*, para este contexto em que mais seria favorecido e teria probabilidade de surgir, já que para as relações simétricas e assimétricas (superior para inferior) não tivemos ocorrências, e houve *knockouts*, esta forma passou a coocorrer e concorrer também com o pronome *tu*. Fato este que reforça o postulado de Soares e Leal (1993), mencionado no início desta seção, o qual aponta o pronome *o(a) senhor* perdendo terreno para a forma *tu*, como também para a forma *você*, o que será observado na seção seguinte.

E dos 11 (onze) grupos de fatores (linguísticos e sociais) testados na análise e quantificáveis pelo GOLDVARB, para a compreensão da variação entre *tu* versus *o(a) senhor(a)*, somente 4 (quatro) foram selecionados com princípios reguladores para explicar esta variação: dois de natureza linguística e dois de natureza social, são eles:

1. Paralelismo estrutural
2. Tipo de frase
3. Faixa etária do informante
4. Sexo/gênero do informante

Nesta rodada, foi excluído o grupo *tipo de relação entre os interlocutores*, uma vez que este grupo, formado por 3 diferentes tipos de relação, a saber: (1) *assimétrica superior* - fala reportada a uma pessoa com status social superior; (2) *assimétrica inferior* - fala reportada a uma pessoa com status social inferior e (3) *simétrica* - fala reportada a uma pessoa com mesmo status social, obteve em 2 (dois) fatores *knockouts* (*assimétrica inferior* e *simétrica*) para a forma *o(a) senhor(a)*, com zero de ocorrência desta forma para tais relações, o que consequentemente impossibilitava de realizar amalgamas e considerar o grupo na rodada, haja vista só restar um fator com variação, a relação *assimétrica superior*, como explicitado pelo exemplo [68], que segue. Este resultado evidencia que o uso de *o(a) senhor(a)* não varia com *tu* nas relações *simétrica* e *assimétrica inferior*, a primazia para esta

rodada é do uso de *tu* para tais relações sociais.

[68] professora é ... o que **a senhora** acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... ( ) ... o que **a senhora** acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou **a senhora** a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que **a senhora** acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito? INFCAM13IIFA

### 6.3.1 Os Fatores linguísticos estatisticamente relevantes

#### 6.3.1.1 Paralelismo Estrutural

Para este grupo de fatores, controlávamos quatro tipos de estruturas paralelas, isto é, repetição dos pronomes em variação *tu* e *o(a) senhor(a)* em um mesmo período: a) não precedido de forma pronominal; b) primeiro item da série/isolado na oração; c) pronome *tu/senhor(a)*, não primeiro da série, precedido por *tu*; d) pronome *tu/senhor(a)*, não primeiro da série, precedido por *o(a) senhor(a)*; e) pronome *tu/senhor(a)*, não primeiro da série, precedido por *você*. Porém, não houve ocorrência no *corpus* do pronome *o(a) senhor(a)*, como não primeiro da série, *precedido por tu*, por isso este fator foi amalgamado ao fator *pronome tu/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por você*.

Esta opção de amálgama derivou da baixa frequência do pronome *tu* precedido de *o(a) senhor(a)* no *corpus*, uma vez que das 18 ocorrências de formas pronominais antecidas por *o(a) senhor(a)*, apenas 1 (uma) ocorrência atestou o *tu* precedido desta forma. E das 19 ocorrências de formas pronominais precedidas de *você*, 18 (dezoito) eram de *tu* e 1 (uma) somente de *o(a) senhor(a)*. Portanto, amalgamamos o fator pronome *tu/o(a) senhor(a)*, precedido por *tu* ao fator *precedido de você* pela acentuada frequência deste fator no grupo.

Realizadas as amálgamas e gerados os percentuais e peso relativos, o grupo paralelismo estrutural foi o primeiro selecionado pelo GoldVarb para explicar o uso frequente de *tu* e não de *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá, conforme os dados expressos na tabela 11, a seguir:

**Tabela 11** - Paralelismo Estrutural na rodada binária *Tu* versus *o(a) senhor(a)* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Paralelismo Estrutural	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Não precedido de forma pronominal - isolado na oração	42/56	75%	0,100
Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal	51/57	89%	0,206
Não primeiro da série, precedido por <i>tu/você</i>	213/214	99.5%	<b>0,850</b>
Não primeiro da série, precedido por <i>o(a) senhor(a)</i>	1/18	5.6%	0,000
<b>Total dos dados</b>	<b>307/345</b>		

Fonte: própria

Conforme os dados expostos na tabela 11, vê-se que o emprego do pronome *tu* é mais acentuado quando é precedido por ele mesmo ou pela forma *você*. Anteriormente à amálgama, das 195 ocorrências pronominais precedidas por *tu*, era categórico o uso posterior sequencial de *tu*; e das 19 ocorrências de formas precedidas por *você*, 18 eram de *tu*. Essa ressalva torna-se importante para visualizar as estruturas em paralelismo que estão sendo mais favorecidas, no caso TU-TU.

E mesmo que os fatores primeiro item da série, não precedido de forma pronominal e não precedido de forma pronominal - isolado na oração, tenham apresentado nível percentual bastante elevado, com 89% e 75%, respectivamente, não foram tomados como relevantes para explicar o uso de *tu*. E o fator não primeiro da série, precedido por *o(a) senhor(a)*, apresentou-se totalmente insignificante no uso sequencialmente de *tu*, com peso relativo de 0,000 e percentual de 5%. Entretanto, um emprego como primeiro item da série da forma *o(a) senhor(a)* na estrutura frasal, irá atrair significativamente, nas orações seguintes, o uso repetido desta mesma forma, como atestam os dados e valores de aplicação, como nos exemplos seguintes [69]:

[69] a vantagem é essa né?! que *tu* pode fazer teu horário ... né?! é tem hora não tem hora pra entrar não tem hora pra sair ... e ... a vantagem né? a desvantagem é a responsabilidade né?! eu acho que é mais assim ... responsabilidade né?! porque *tu* não tem um chefe mais *tu* tem que arcar com as despesas ... tem o aluguel *tu* tem a energia ... tem o material que não pode faltar ... eu acho que é isso INFCAM13IIFA

### 6.3.1.2 Tipo de frase

Para este grupo de fatores, tínhamos como hipótese que frases do tipo *interrogativa*

favoreceriam o uso de *tu*, mas diferentemente dos resultados indicados na rodada *tu* versus *você*, na qual as frases interrogativas e exclamativas favoreceram o pronome *tu*, nesta nova rodada entre *tu* e *o(a) senhor(a)*, somente a frase exclamativa permaneceu significativamente propiciando a frequência de *tu*, com alta probabilidade e valor de significância **0,994**, enquanto as interrogativas inibiram sua aplicação com 0,122, de peso relativo. Por outro lado, se as interrogativas desfavoreceram *tu*, apresentando o menor peso relativo do grupo na rodada, logo, favoreceram a forma *o(a) senhor(a)*<sup>126</sup>, como notamos na tabela 12, que segue:

**Tabela 12** - Tipo de Frase na rodada binária *tu* versus *o(a) senhor(a)* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Tipo de frase	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Exclamativa	16/17	94.1%	<b>0,994</b>
Declarativa Afirmativa	236/253	93.3%	<b>0,549</b>
Declarativa Negativa	27/31	87.1%	0,162
Interrogativa (negativa e afirmativa)	28/44	63.6%	0,122
<b>Total dos dados</b>	<b>307/345</b>		

Fonte: própria

Como podemos ver também, de acordo com os resultados da tabela 12, em termos percentuais, as frases declarativas afirmativas, com peso relativo relativamente acima do ponto de referência considerado neutro - **0,549**, contribuem para o uso de *tu*. Acreditamos que a significância deste resultado, para esta rodada, e não para a de *tu* e *você*, derive da própria assimetria e/ou diferença de uso nas relação pessoais que recaem sobre a forma *tu* e *o(a) senhor(a)* no ato comunicativo, pois o pronome *tu*, com a *semântica da solidariedade*, permite mais o seu emprego em referência indireta a um indivíduo, identificado ou não no ato comunicativo, o que conseqüentemente pode gerar mais ocorrências e probabilidade desta forma ocorrer em frases do tipo declarativas que parecem acolher muito mais este tipo de discurso, por requererem menor rigidez da presença mais definida e real de um interlocutor, como vimos na rodada entre *tu* versus *você*, no grupo *Tipo de interlocução/referência*.

Se, de um lado, os dados expressos acima, na tabela 12, apontam as declarativas negativas e interrogativas desfavorecendo o uso de *tu*, por outro, pressupomos que beneficiam o uso de *o(a) senhor(a)*<sup>127</sup> e isto, em parte, confirma, a expectativa que tínhamos para esta

<sup>126</sup> Na rodada entre *senhor* versus *tu* (valor de aplicação *o(a) senhor(a)*) o tipo de frase *interrogativa* apresentou maior peso relativo do grupo **0,878**, bastante significativo portanto para a aplicação de *o(a) senhor(a)*.

<sup>127</sup> A declarativa negativa foi o segundo fator do grupo *Tipo de frase* selecionado como mais favorecedor ao emprego de *o(a) senhor(a)* na rodada entre *senhor* versus *tu* (valor de aplicação de *o(a) senhor(a)*), com peso

variante, no que tange ao uso mais proeminente desta forma em frases interrogativas, pois prevíamos que o tipo de frase, de entonação ascendente e de tom mais expressivo, propiciaria a seleção de *o(a) senhor(a)*, indicativo de respeito e cortesia e carregado da *semântica de poder* (de inferior para superior).

Portanto, enunciados do tipo “pergunta”, além de possuírem maior cobrança de definição de um interlocutor, podem manifestar o posicionamento do falante diante de seu locutor, sobre algo que deseja saber, em resposta a determinada informação que em princípio desconhece e por isso encontra-se numa posição hierárquica inferior no processo interativo, gerando maior tendência ao uso de formas mais cordiais, num diálogo direto com o ouvinte.

### 6.3.2 *Fatores sociais estatisticamente relevantes: as variáveis extralinguísticas*

#### 6.3.2.1 *Faixa Etária do Informante*

Tecer comparações sobre a variação linguística entre falantes de diferentes faixas etárias pode manifestar diferentes estágios linguísticos, em um processo de mudança. No que tange à variável dependente em estudo, pretendíamos observar, a partir deste grupo, se há correlação entre o uso alternado de *tu* versus *o(a) senhor(a)* e a idade do falante e se esta variação encontra-se estável ou apresenta indícios de mudança em progresso na comunidade observada. Por isso, estratificamos a amostra deste trabalho em duas faixas etárias: faixa etária I - 21 a 29 anos (jovens) e faixa etária II (adultos) – 32 a 42 anos, pois intencionávamos verificar, a partir de um estudo em tempo aparente, neste recorte sincrônico, o postulado de que são os mais jovens os instauradores da mudança linguística, pela inserção de formas inovadoras e/ou pelo uso de formas menos conservadoras, em contextos de maior assimetria, na zona urbana de Cametá.

A hipótese para esta variável era que a forma *tu* seria a referência à segunda pessoa preferida pelos mais jovens, porém não foi ratificada pelos dados, pois ainda que tal grupo de falantes tenha apresentado percentual de uso acentuado para *tu* 81.9%, foram os adultos, conforme observado na tabela 13, que mais utilizaram o pronome *tu*, em comparação a *o(a) senhor(a)* com percentual, também elevado, de **93.7%** e significância de **0,689**.

**Tabela 13** – Faixa Etária do Informante na rodada binária *tu* versus *o(a) senhor(a)* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Sexo/gênero	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
21 a 29 anos de idade	113/138	81.9%	0,233
32 a 42 anos de idade	194/207	93.7%	<b>0,689</b>
<b>Total dos dados</b>	<b>307/345</b>		

Fonte: própria

Como notado na tabela 13, a forma *tu* foi tolhida, em comparação a *o(a) senhor(a)*, pela primeira faixa etária, haja vista, nesta idade, termos ocorrências significativas deste último pronome entre os mais jovens em referência a pessoas de status superior. Por isso, ainda que o pronome *tu* seja bastante frequente em nível de percentual entre os mais jovens, a insignificância por meio do peso relativo de 0,233 a este grupo de falantes é gerada pelo alto índice de *o(a) senhor(a)* nesta primeira faixa etária. Isto leva-nos a prever que o emprego do pronome *o(a) senhor(a)* possui efeito mais conservador, polido, cortês e indicador de respeito na língua, e continua resistindo na fala, principalmente dos jovens, mesmo em situações menos informais. E se estes<sup>128</sup> a usam, assim como o *tu* de forma significativa, poderá sobreviver na linguagem cametaense, por períodos mais extensos.

O maior uso de *o(a) senhor(a)* na primeira faixa etária parece reforçar a ideia ainda presente nos mais jovens, de respeito pelo interlocutor, principalmente se mais velho, como também boa educação apreendida desde cedo no tratamento às pessoas, assim como marca indícios de formalidade exigidos pela situação interacional, como exemplo [70] a seguir, que demonstra distanciamento e hierarquização entre os papéis sociais instituídos no ato discursivo.

[70] é professor Raimundo ... é eu gostaria que ***o senhor*** exposse aqui pra gente é ... como ***o senhor*** se vê ... é em relação a sua profissão? é qual é o papel desempenhado pelo senhor socialmente? INFCAM04IMB

E por sermos coniventes ao pensamento de Guy e Zilles (2007, p. 74), que acreditam ser “a taxa de uso de um traço linguístico de algum modo causado, influenciado, ou determinado pelas características sociais”, julgávamos também que o fator mais idade e menos idade (jovens e adultos) interferisse na opção entre *Tu*, *Você* e *o(a) Senhor(a)*. Todavia

<sup>128</sup> Para efeito de observação dos valores significativos de cada variante, rodamos *o(a) senhor(a)* versus *tu* (valor de aplicação *o(a) senhor(a)* e obtivemos **0,767** de peso relativo para a primeira faixa etária e **0,311** para a segunda.

este grupo de fatores não foi selecionado, nas rodadas *tu* versus *você* e *você* e *o(a) senhor(a)*, por isso realizamos uma rodada entre estas três variantes, até o arquivo de células, objetivando testar se a faixa etária, pelas diferentes idades dos falantes, pode contribuir para nos mostrar, como propôs Labov (1963), se a variação encontra-se em movimento de mudança para ser implementada ou somente se mostra como uma variação estável em um dado curso da história, como presente na tabela 14, seguinte:

**Tabela 14** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – *tu* versus *você* versus *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Formas nominais	TU		VOCÊ		O(A) SENHOR(A)	
	N de dados	%	N de dados	%	N de dados	%
Faixa etária I Jovens	113	55.4%	66	32.4%	25	<b>12.3%</b>
Faixa etária II Adultos	194	<b>60.1%</b>	116	<b>35.9%</b>	13	4%
<b>Total dos dados</b>	307	58.3%	182	34.5%	38	7.2%

Fonte: própria

O que podemos argumentar, a partir dos dados, é que o pronome *tu*, como já comentado na tabela 14, descrita anteriormente, assim como o *você*, são mais usados pelos falantes adultos, não confirmando, portanto, a hipótese controlada para este fator, que testava a preferência de *tu* pela faixa etária I. Porém, confirma o uso do pronome *o(a) senhor(a)*, que acreditávamos que iria aparecer na fala dos mais jovens em referência a pessoas de status social superior ou pessoas mais velhas.

Este resultado pode nos dar indícios de que *o(a) senhor(a)* não caminha para um estágio de desaparecimento, muito embora apresente uma mitigação de seu uso, considerando que, de um total de 16 informantes-base, que geraram 527 (quinhentos e vinte e sete dados) dados, apenas 38 (trinta e oito) são *o(a) senhor(a)*. Logo, por meio dos dados numéricos e percentuais de realização de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, somos levados a reconhecer que estamos diante de uma variação estável.

É interessante perceber que estes resultados apontam as formas *tu* e *você* para uma mesma direção, pois quanto mais a idade do falante avança, mais frequente torna-se o uso de *tu* e *você*, comportamento contrário encontrou-se em *o(a) senhor(a)*, porque o emprego desta forma torna-se mais saliente, à proporção que a idade do falante diminui.

O resultado desta pesquisa caminhou em sentido oposto aos da pesquisa de

Guimarães (2014), no qual concluiu que os adultos, entre a faixa II, com 11,7% e 0,616 de peso relativo, e os mais velhos na faixa III, com 10,1% e 0,560 foram os que mais favoreceram o uso do pronome de tratamento o(a) *senhor(a)*. Nos resultados por nós analisados, vimos que são os mais jovens, faixa etária I, mais adeptos da forma pronominal o(a) *senhor*. Outro ponto em comum à pesquisa de Guimarães (2014) é o desfavorecimento de *você* pela faixa etária mais jovem. Na pesquisa da autora, os mais jovens desfavorecem o uso de *você*, com 5,8% e 0,30 de peso relativo; na realizada para a zona urbana de Cametá, o percentual foi de 33% para esta variante pelos falantes de menor idade.

### 6.3.2.2 *Sexo/gênero do falante*

O grupo de fatores sexo/gênero do falante, foi o último grupo selecionado na rodada entre *tu* versus o(a) *senhor(a)*. A hipótese inicial para este grupo era de que os homens usassem mais o *tu* que as mulheres e os dados, expressos na tabela 15, demonstraram que a fala masculina, como já mencionado na seção anterior (rodada entre *tu* versus *você*), tem efeito favorecedor da forma *tu*, apresentando percentual de 92% e peso relativo de **0,673**, enquanto as mulheres desfavorecem a aplicação da regra, com 85 de frequência, mas peso relativo de 0,290, em função de adotarem de forma mais significativa, mas não frequente, a forma o(a) *senhor(a)*, indicativa de maior distanciamento social e definição dos papéis sociais na interação comunicativa.

**Tabela 15** – Sexo/gênero na rodada binária *tu* versus o(a) *senhor(a)*.

<b>Sexo/gênero</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	176/191	92.1%	<b>0,673</b>
Feminino	131/154	85.1%	0,290
<b>Total dos dados</b>	<b>307/345</b>	<b>89%</b>	<b>0,98</b>

**Fonte:** própria

Somando o resultado dos dados desta rodada com os da rodada *tu* versus *você*, a seleção do sexo/gênero, nas duas rodadas envolvendo o *tu* como valor de aplicação, manifestou um padrão entre os sexos/gêneros quanto ao emprego de *tu*, visivelmente diferencial, quanto à preferência dos homens pela forma pronominal, historicamente mais solidária e canônica da língua. Podemos dizer, portanto, que a via de manutenção da forma *tu* na variedade linguística cametaense, dá-se por meio da fala masculina e que a predileção pela



forma *tu*, nas pesquisas já realizadas no Brasil sobre esta variável e o seu efeito nas variantes *tu* versus *você* ou *tu* versus *o(a) senhor(a)*, não possui uniformidade quanto ao seu uso.

Encontramos semelhanças a este resultado na pesquisa de Martins (2010), raro trabalho sobre formas pronominais de segunda pessoa que envolve a forma *o(a) senhor(a)*, pois os resultados revelaram que o sexo/gênero feminino favoreceu o uso *o(a) senhor(a)*, com peso relativo de 0,41, enquanto que o masculino com peso relativo de 0,25 desfavoreceu o seu uso. Quando o autor realizou cruzamento de diferentes grupos de fatores com o gênero, concluiu que havia uma tendência significativa de favorecimento da forma *o(a) senhor(a)*, pelas mulheres.

Os dados da tabela 16 expressam, por meio das diferenças entre fala masculina e feminina, que as formas *você* – 40.3% e *o(a) senhor* – 8.9% são favorecidas pela fala do sexo/gênero feminino. Ao que tudo indica, as mulheres são as favoritas ao uso de formas tidas como detentoras de maior formalidade da língua e valoração social, principalmente porque, no uso de tais formas, não haverá transgressão ou violação de regras de concordância vigentes ao padrão que rege a relação entre pronome + verbo.

**Tabela 16** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – *tu* versus *você/o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Sexo Gênero	Formas pronominais					
	TU		VOCÊ		O(A) SENHOR(A)	
	Nº de dados	%	Nº de dados	%	Nº de dados	%
Masculino	176	<b>65.4%</b>	78	29%	15	5.6%
Feminino	131	50.8%	104	<b>40.3%</b>	23	<b>8.9%</b>
<b>Total dos dados</b>	307	58.3%	182	34.5%	38	7%

Fonte: própria

O sexo/gênero do falante foi selecionado nas rodadas em que a variante *tu* estava presente, denotando uma marca característica desta variante pertencente aos homens, pois foram estes que mais apresentaram ocorrências desta forma, ainda que a fala feminina apresentasse percentual de 50%, o que consideráramos de importante relevância para o uso de *tu*, mas não significativo, pelo predomínio de *tu* em comparação às três variantes expostas na tabela 15. Isto se diferencia dos pressupostos de Franceschini e Loregian-Penkal (2015, p. 192), pois, para as autoras,

o predomínio no uso do *tu* pelas mulheres da região Sul e Norte/Nordeste estaria

relacionado ao fato desse pronome ser de uso mais geral e caracterizado como um índice de identidade geográfica. Já o predomínio no uso do *tu* na fala dos homens nas regiões Sudeste e Centro-Oeste estaria relacionado, principalmente, ao fato desse pronome marcar uma interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes. Neste último caso, o pronome *tu* é um traço menos geral e não marca a identidade geográfica dos falantes.

Para a fala cametaense, zona urbana, o pronome *tu*, de traço mais geral e presente na fala dos homens, diferente da conclusão de Franceschini e Loregian-Penkal (2015), marca um traço linguístico do falar do município, pensamento este, reforçado pelo estudo de Costa (2013), que apresentou frequência elevada para *tu*, atestado em peso relativo de 0,61 para Belém, com leve favorecimento da fala masculina 0,52. Então esta identidade, demarcada pelo uso do pronome, diríamos que se encontra na fala masculina, já que as mulheres, impulsionam a variante formal. Porém, há de convirmos que o uso de *tu* pelos homens, em conivência ao postulado das autoras, de fato, representa maior solidariedade discursiva na linguagem masculina.

### **6.3.3 Os fatores estatisticamente não significantes na rodada entre *tu* versus *o(a) senhor(a)***

Na rodada entre *tu* versus *senhor(a)* apenas 04 fatores, dos 10 (dez)<sup>129</sup> apontados para explicar a regra variável entre as formas *tu* versus *o(a) senhor(a)*, foram selecionados pelo programa. Da mesma forma, o instrumento estatístico de análise considerado excluiu 04 (quarto) grupos de fatores no *step down*, todos relacionados aos traços morfossintáticos do verbo, como disponíveis na tabela 18. Isso nos leva a perceber que variáveis estritamente estruturais, que envolvem relações sintagmáticas, principalmente entre o pronome sujeito e o verbo que o acompanha, não só restringem o uso dos pronomes em análise, como também não possuem força atrativa e significativa ao uso de *tu* na fala dos cametaenses.

Testar a significância desses três fatores, de traços verbais, nesta pesquisa, surgiu da necessidade e interesse de olharmos a motivação de tais condicionamentos linguísticos sobre o uso das formas pronominais de segunda pessoa, ainda não controlados, todos na íntegra e ao mesmo tempo, enquanto variáveis de análise em pesquisas sobre o mesmo fenômeno de alternância entre *tu* e *o(a) senhor(a)*, no português brasileiro. Contudo, não apresentaram respaldo, em termos de significância, que pudesse justificar o emprego de um e não de outro, mas ainda assim, contribuíram para focarmos mais diretamente nos aspectos pragmático-

<sup>129</sup> Relembrando que nesta rodada foi excluído o grupo de fatores *relação entre os interlocutores*, por apresentar 2 (dois) fatores com nocautes e não haver possibilidade de amalgamações.

discursivos e sociais da variação entre *tu/o(a) senhor(a)*.

Os grupos de fatores descartados, seguem abaixo, em ordem de exclusão no *step down*, nas rodadas pelo GOLDVARB:

**Tabela 17** - Grupos de fatores eliminados pelo programa no *stepping down* na rodada entre *tu* versus *o(a) senhor(a)*.

<b>Grupos de fatores</b>	<b>Aplicação/total</b>	<b>percentual</b>
<b>Estrutura do verbo</b>		
Forma simples	234/266	88%
Forma complexa (tempo composto e perífrase)	73/79	92.4%
<b>Tempo Gramatical do verbo</b>		
Infinitivo flexionado	42/43	97.7%
Presente do indicativo	199/224	88.8%
Passado do indicativo	41/50	82%
Futuro do subjuntivo	19/20	95%
Futuro do indicativo	1/2	50%
<b>Sexo/gênero do Informante<sup>130</sup></b>		
Masculino	176/191	92.1%
Feminino	131/154	85.1%
<b>Tempo discursivo do verbo</b>		
Passado	43/52	82.7%
Presente	170/192	88.5%
Futuro	94/101	93.1%
<b>Total de dados</b>	<b>307/345</b>	

Fonte: própria

- **Estrutura do verbo**

A exclusão deste grupo de fatores, destaca que a estrutura do verbo, ainda que

<sup>130</sup> Este grupo de fatores, foi tanto selecionado pelo *step-up* como excluído pelo *step-down*. Tal peculiaridade ocorrida na testagem dos grupos de fatores, acreditamos que tenha ocorrido, pelo

apresente elevado valor percentual, não interfere na aplicação da regra variável em estudo. Contudo, observamos, pelos dados representados na tabela 18, ligeira vantagem da *estrutura complexa*, que inclui o tempo composto e as construções perifrásticas com percentual elevado de 92.4% sobre a forma *simples* 88% de percentual, ao emprego de *tu*. Mostrando-se portanto aquele fator com maior probabilidade de favorecimento à forma *tu*. E embora os dados para este fator sejam menos freqüente do que os com verbos simples, apresentaram maior significância estatística.

#### ▪ **Tempo Gramatical do verbo**

Notamos que os resultados referentes ao *Tempo Gramatical do verbo*, na tabela 17, apontam que a forma *tu* apresenta frequência estatística mais saliente de ocorrência junto a formas verbais que se encontram no *Infinitivo flexionado*, 97.7% de nível percentual e no *futuro do subjuntivo*, com percentual de 95% . Resultado este também observado entre os fatores excluídos na rodada entre *tu* versus *você*.

À vista deste resultado, julgamos que o modo-tempo *Futuro do subjuntivo* e *Infinitivo flexionado*, por serem flexões pouco usuais e de natureza mais complexa na língua portuguesa, acabam, quando proferidas na fala, perdendo morfemas verbais, principalmente de número-pessoa. Essa perda torna tais paradigmas mais próximos, numa relação de gradualidade com a forma plena, o *infinitivo* do verbo, e deixa-os mais acessível e de complexidade estrutural menor, vindo a propiciar, desta forma, maior força atrativa para a forma de referência *tu*, que similarmente é de menor proporção estrutural e fônica.

Fica evidente também que todos os modo-tempo verbais favorecem estatisticamente a recorrência de *tu*, com baixa probabilidade de uso, encontrada apenas no futuro do indicativo, 50% de frequência de uso. Mas tal resultado, para este fator, não deve ser tomado rigidamente, haja vista que temos apenas dois dados de uso verbal no tempo-modo futuro do indicativo. Precisaríamos, desta forma, de mais dados para verificar a atuação do futuro do indicativo sobre o uso de *tu*.

#### ▪ **Tempo discursivo do verbo**

Os valores percentuais expressos na tabela 17 apresentam o tempo *futuro*, com percentual de 93.1%, para o último grupo excluído *tempo discursivo do verbo*, como o mais favorecedor ao uso de *tu*, nesta rodada que compara *tu* versus *o(a) senhor(a)*. Então, este

tempo motiva o falante a escolher, entre as duas formas disponíveis em sua língua *tu* e *o(a) senhor(a)*, a forma *tu*. O resultado, deste grupo de fator, reforça os dados encontrados para o tempo gramatical, que apontou o tempo-modo *futuro do subjuntivo*, como importante condicionador ao uso de *tu*. Logo, a presença do tempo *futuro*, seja através dos traços gramaticais ou discursivos contribui para a escolha de *tu* e não de *o(a) senhor(a)*.

#### ▪ Sobreposição de fatores

Ressaltando que a testagem dos 11 (onze) grupos de fatores *no step-up* e *step-down*, desta rodada entre *tu* e *o(a) senhor(a)*, não selecionou e nem excluiu 03 (três) grupos de fatores, a saber: *escolaridade*, *referência do pronome* e *tipo de discurso*. Atribuímos, primeiro, a decorrência deste processo, ao fato desta análise constituir-se complexa, pois há poucos dados para a variante *o(a) senhor(a)* no *corpus* da pesquisa, 38 (trinta e oito) somente, em comparação à variante *tu*, com 307 (trezentos e sete dados) e a existência de muitos grupos de fatores, 11 (onze), para estes dados de baixa expressividade no *corpus*. Como apresentado, para o grupo *escolaridade*, na tabela 18, que segue, para a variante *o(a) senhor(a)*.

**Tabela 18** – Grupo de fatores *escolaridade* não selecionado no *step-up* e nem excluído pelo *step-down*

Grupos de fatores	Tu versus o(a) senhor(a)		O(a) senhor(a) versus Tu	
	Aplicação/total	percentual	Aplicação/total	percentual
<b>Escolaridade</b>				
Ensino médio	206/229	92.1%	23/229	10%
Ensino superior	101/116	85.1%	15/116	12.9%
<b>Total de dados</b>	<b>307/345</b>		<b>38/345</b>	

Fonte: própria

Automaticamente, isto pode ter gerado a não interação entre todos os grupos de fatores envolvidos na rodada, pela falta de ortogonalidade entre as células, em termos da distribuição de dados, como apontado por Guy e Zilles (2007). Por exemplo, no grupo de fatores *referência do pronome*, apenas os fatores, *referência indireta a um indivíduo* e *referência direta/específica a um indivíduo*, não apresentaram nocautes, o que indica a não

existência de dados para os outros três fatores que compunham o grupo e isso levou a realização de amálgamas, gerando novas configurações aos grupos de fatores, como pode observado na tabela 19, abaixo:

**Tabela 19** – Grupos de fatores *Referência de pronome* e *tipo de discurso* não selecionados no *step-up* e nem excluídos pelo *step-down*, com a presença dos nocautes.

Grupos de fatores	tu/o(a) senhor(a)		o(a) senhor(a)/tu	
	Aplicação/ total	%	Aplicação/ total	%
<b>Referência do pronome</b>				
Indireta/Específica para um grupo	140/140	100%	0/140	0%
Referência ao próprio falante	25/25	100%	0/25	0%
Referência indireta a um indivíduo	66/76	86.8%	10/76	13.2%
Referência direta a um indivíduo	59/87	67.8%	28/87	32.2%
Referência genérica	17/17	100%	0/17	0%
<b>Tipo de discurso</b>				
Fala original/própria	245/273	89.7%	28/245	10.3%
Indireto de Fala relatada do próprio falante	19/19	100%	0/19	0%
Indireto de Fala relatada de uma terceira pessoa	43/53	81.1%	10/53	18.9%
<b>Total de dados</b>	<b>307/345</b>		<b>38/345</b>	

Fonte: própria

Após observarmos a tabela 19, constatamos que as ocorrências concentram-se, no caso do grupo *referência do pronome*, somente na *referência direta* e *referência indireta* a um indivíduo, deixando as três células restantes vazias. O mesmo acontece com o segundo grupo exposto, *tipo de discurso*, que apresenta uma célula vazia de ocorrências do pronome para *o(a) senhor(a)*.

Após a resolução deste problema, devido falta de ortogonalidade entre as células, via o processo de amálgamação, obtivemos o resultado exposto na tabela 20. Entretanto, a lista dos grupos que foram incluídos no *step-up*, não coincidiu com a lista dos grupos excluídos no *step-down*, o que nos levou a entender que um grupo de fatores estava se sobrepondo a outro grupo, o que, segundo Guy e Zilles (2007, p. 167), acontece porque “alguns dos fatores nos dois grupos descrevem os mesmos dados”.

**Tabela 20** – Grupos de fatores *Referência de pronome* e *tipo de discurso* não selecionados no *step-up* e nem excluídos pelo *step-down*, com amálgamas.

Grupos de fatores	tu/o(a) senhor(a)		o(a) senhor(a)/tu	
	Aplicação/ total	%	Aplicação/ total	%
<b>Referência do pronome</b>				
Indireta a um indivíduo	248/258	96.1%	10/258	3.9%
Direta a um indivíduo	59/87	67.8%	28/87	32.2%
<b>Tipo de discurso</b>				
Fala original/própria	245/273	89.7%	28/273	10.3%
Indireto de fala relatada do próprio falante ou de terceiros	62/72	86.1%	10/72	13.9%
<b>Total de dados</b>	<b>307/345</b>		<b>38/345</b>	

Fonte: própria

Para comprovarmos se havia ou não sobreposição de grupos de fatores, realizamos uma terceira rodada e quarta rodada, eliminando da terceira rodada, o grupo de fatores *tipo de discurso*, e da quarta a *referência do pronome*, com a finalidade de averiguarmos se de fato um grupo, pela ausência do outro, seria tomado como significativo e incluído na análise. Mesmo com a eliminação, em cada uma das rodadas, em particular, tais grupos não foram tomados como significativos, quando presentes. Contudo, no *step-down*, estes grupos insurgiram como não significativos. Tal fato, nos comprovou realmente que estes grupos de fatores estavam sobrepondo-se.

#### 6.4 *Você versus o(a) Senhor(a)*

Na terceira rodada dos dados com o auxílio do programa Goldvarb, utilizamos, a nível de comparação, as variantes *você* e *o(a) senhor(a)*, com valor de aplicação para a variante *você*. Como nossa pesquisa envolve falantes que desempenham, na sociedade cametaense, papéis sociais de *status* elevado, interagindo com falantes de *status* superior e/ou inferior, objetivamos, a partir desta comparação entre *você* versus *o(a) senhor(a)*, pronomes tomados como indicativos da *semântica de poder*, pelos estudos sociolinguísticos, verificar se, de fato, tais formas pronominais estão coocorrendo e concorrendo num mesmo contexto

funcional de comunicação, e principalmente se a forma *você* está assumindo o papel de *o(a) senhor(a)* nas relações assimétricas.

E como já constatado no início de nossa análise, na tabela 1, a forma pronominal *o(a) senhor(a)* demonstrou baixa produtividade na linguagem em estudo, com apenas 38 ocorrências, peso relativo de **0,17** e percentual equivalente a 17.3% de um universo de 527 ocorrências de referência à segunda pessoa encontradas na posição de sujeito da oração, que constitui a amostra. Porém, a forma *você* foi mais significativa desta comparação, com **0,82** de peso relativo e 82.7% de frequência, como o notado na tabela 22, abaixo,

**Tabela 21** - Frequência de ocorrência das formas pronominais de segunda pessoa – *você* versus *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>VOCÊ</b>	182/220	82.7%	0,82
<b>O(A) SENHOR(A)</b>	38/220	17.3%	0,17
<b>Total dos dados</b>	220		

Fonte: própria

Nesta etapa, novamente, confrontaremos as hipóteses com os resultados aqui encontrados, quando necessário. Ressaltamos que, em consequência da existência de poucos dados de *o(a) senhor(a)*, cinco grupos de fatores apresentaram *nocautes*: referência do pronome, paralelismo estrutural, tempo gramatical do verbo, tipo de relato e tipo de relação entre os interlocutores. Todos estes *nocautes*, com exceção ao do grupo *tempo gramatical do verbo* foram para a forma *o(a) senhor(a)* com 0% (zero) de percentual.

Todos foram resolvidos, somente o *nocaute* no grupo de fatores *tipo de relação entre os interlocutores*, que teve sua resolução inviável, pois 2 (dois) dos 3 (três) fatores que compunham este grupo, apresentaram 100% de ocorrência para a forma *você*, a saber: relações simétricas e relações assimétricas 02 (de superior para inferior), o que nos impedia de realizar amálgamas. Tais *nocautes* foram causados pelos contextos interacionais de uso muito restrito da forma *o(a) senhor(a)* nos dados, somente em referência a um interlocutor de status social superior, ou seja, dos 38 dados manifestados no *corpus* para a forma *o(a) senhor(a)*, todos foram para a relação assimétrica 02 – de inferior para superior, o que gerou efeito categórico, isto é, 100% de ausência para os dois outros contextos relacionais, simétrica e assimétrico 01 (de superior para inferior).



Então, como uso de *você* e mais ainda o de *o(a) senhor(a)* já apresentavam notória especificidade no *corpus*, resolvemos retirar este grupo de fatores desta rodada, a fim de obtermos, além dos índices de frequência, o nível de significância das variáveis independentes sobre a regra variável em observação. Assim, rodamos apenas, 11 grupos de variáveis, incluindo a variável dependente. E destes 11 (onze) grupos de fatores, somente 3 (três) grupos, todos linguísticos, manifestaram-se como relevantes para a aplicação da regra. A não seleção de fatores sociais para explicar o uso de *você* e não *o(a) senhor(a)* leva-nos a interpretar que a alternância entre tais pronomes dá-se mais no nível da variação estilística e do status social do interlocutor desempenhado durante o ato comunicativo, como por exemplo idade e profissão de maior ou menor status. Daqui em diante, abordaremos os grupos de fatores em ordem de significância dada pelo GOLDVARB:

1. Paralelismo Estrutural
2. Referência do pronome
3. Tipo de relato

#### **6.4.1 Os fatores linguísticos manifestados como estatisticamente relevantes na rodada entre *você* e *o(a) senhor(a)***

##### **6.4.1.1 Paralelismo Estrutural**

O grupo *paralelismo estrutural* também apresentou nocaute para a variante *o(a) senhor(a)*, no fator *Pronome você e o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por tu*, com zero de ausência deste fator para o pronome *o(a) senhor(a)* precedido de *tu*, automaticamente 100% frequência para a forma *você*, visto que dos 17 dados para *você* e *o(a) senhor(a)* precedidos por *tu*, os 17 (dezesete) foram de paralelismo com a primeira forma pronominal.

Então, resolvemos agrupar o fator pronome *você e o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por tu*, ao fator *primeiro item da série, não precedido de forma pronominal*, considerando o nível percentual mais elevado deste fator, para a variável *você*, pois das 41 (quarenta e uma) ocorrências, 35 (trinta e cinco) eram de *você*. Não agrupamos também ao fator *não primeiro da série, precedido por o(a) senhor(a)*, por acreditarmos que *você* e *o(a) senhor(a)* compartilham traços semânticos-discursivos-estilísticos diferenciados. Da mesma forma, preferimos não agrupar ao fator *não primeiro da série precedido por você*, para

podemos observar de forma mais minuciosa o efeito de uso da forma *você* em sequências paralelas *você/você*. Vejamos os resultados na tabela 22, abaixo:

**Tabela 22** - Paralelismo na rodada binária *você* versus *o(a) senhor(a)* do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Paralelismo Estrutural</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Não precedido de forma pronominal, isolado na oração	27/41	65.9%	0,218
Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal ou não primeiro da série precedido por tu	52/58	89.7%	0,359
Não primeiro da série, precedido por <i>você</i>	99/100	99%	<b>0,844</b>
Não primeiro da série, precedido por <i>o(a) senhor(a)</i>	4/21	19%	0,019
<b>Total de dados</b>	<b>182/220</b>		

**Fonte:** própria

De acordo com o “princípio do processamento paralelo”, como abordado por Paredes Silva (1998), podemos inferir, observando os números, na tabela 22, acima exposta, que a forma pronominal próxima a *você* pode gerar efeito significativo na escolha da variante. Assim o maior uso do pronome *você* é atraído justamente quando este acabou de ser mencionado na oração, com peso relativo de **0,844** e frequência de 99%. Tal resultado reforça ainda mais o princípio de que formas semelhantes tendem a ocorrer juntas, como no exemplo [71], abaixo. Da mesma forma, poderíamos deduzir que a forma *o(a) senhor(a)*, pelo desfavorecimento de *você* 0,019, não primeiro da série, precedido por *o(a) senhor(a)*, pode ter seu uso mais acentuado, observado em [72], a seguir.

[71] Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! *você* ... quando ... quando *você* vem pra cá ... *você* não passa ... *você* passou a não ser a Rosângela simplesmente ... mas a Rosângela do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e *você* né?! *você* tem INFCAM15IIFB

[72] hum?! não... *o senhor*... *o senhor* tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... *o senhor* tá pagando... mas... *o senhor* não tá... *o senhor* tá apenas com o plano lá... *o senhor* escolhe o carro... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa... *entendeu*?! que tá barato mesmo... vai e compra aquele carro... é *o senhor* só pega o valor da carta e compra ... INFCAM03IIMB

Na pesquisa de Andrade (2010), é confirmada também a tendência de ocorrer o paralelismo linguístico, pois a autora, baseada na rodada com a variante *você*, concluiu que

esta forma obedece aos critérios do paralelismo com peso de 0,66, enquanto os itens isolados - 0,27, primeiro da série - 0,31, precedido por *cê* - 0,23 e precedido por *tu* -0,09 desfavorecem a aplicação em série deste pronome. Comportamento semelhante aos resultados da pesquisa para a zona urbana cametaense, obteve Martins (2010) em todas as rodadas de seu trabalho, pois quando o autor roda as três variantes *tu*,  *você* e *o(a)senhor(a)* verifica fortes evidências do poder da variável paralelismo sobre estas três formas, concluindo que o pronome  *você* quando precedido de  *você*, apresenta 0,69 de significância, diferentemente dos outros níveis de significância, isolado não precedido - 0,27, primeiro da série não precedido - 0,43, precedido de *tu* - 0,20, e precedido de *senhor* - 0,04. Da mesma forma que *o(a) senhor(a)*, quando precedido de *o(a) senhor(a)* apresentou maior peso, com 0,90, sendo desfavorecido pelos outros contextos de relação na estrutura frasal.

Assim como na pesquisa aqui desenvolvida, na pesquisa de Martins (2010), o grupo de fatores paralelismo estrutural foi o primeiro selecionado pelo programa estatístico como favorecedor do uso das formas pronominais em análise. Como podemos verificar neste trabalho, este grupo de fatores, nas três rodadas realizadas para análise de *tu*,  *você* e *o(a) senhor(a)*, foi o único explicitado em todas as rodadas, e como o primeiro grupo em ordem de seleção ativador do uso de *tu*,  *você* e *o(a) senhor*, o que nos leva a apontar, sempre na mesma direção, que formas idênticas na língua são atraídas para sua realização em série na língua, como *TU-TU*, *VOCÊ-VOCÊ* e *SENHOR-SENHOR*, ou melhor, que a utilização de tais formas são acionadas com maior frequência e significância para atuarem em série, como podemos observar na tabela 23, abaixo confeccionada a partir do comportamento variável de *tu/você/o(a) senhor* postos em séries.

**Tabela 23** - Frequência de ocorrência da rodada binária *tu* versus  *você/o(a) senhor(a)*, do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Paralelismo Estrutural	tu		Você		o(a) Senhor(a)	
	Cont.	%	Cont.	%	Cont.	%
Não precedido de forma pronominal	42	50.6%	27	32.5%	14	16.9%
Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal	51	55.4%	35	38%	6	6.5%
Precedido por <i>tu</i>	195	<b>92%</b>	17	8%	0	0%
Precedido por <i> você</i>	18	15.3%	99	<b>83.9%</b>	1	0,8%
Precedido por <i>o(a) senhor(a)</i>	1	1%	4	18.2%	17	<b>77%</b>
<b>Total de dados</b>	<b>307</b>	<b>58.3%</b>	<b>182</b>	<b>34.5%</b>	<b>38</b>	<b>7.2%</b>

Fonte: própria

A tabela 23 que expõe a *frequência de uso das formas em análise de segundo pessoa*, leva-nos a concluir que tu/você/o(a)senhor(a) possuem manifestação maior na língua quando estão dispostas em séries idênticas. O uso primeiro de um pronome impulsionará este mesmo pronome, nos períodos posteriores. Por isso, os fatores *não precedido de forma nominal e primeiro da série*, possuem percentual baixo: você - 33% e 38%, o(a) senhor(a) - 16% e 06% e tu - 50% e 54%, desfavorecendo desta forma a manutenção na fala de tais formas pronominais.

Portanto, orientados por estes dados, pressupomos que, na linguagem cametaense, os pronomes *você/tu/o(a) senhor(a)* encontra no paralelismo linguístico terreno fértil para sua produção, da mesma forma como testado em Andrade (2010) para Brasília, Martins (2010) para Tefé, Guimarães (2014), em Fortaleza.

#### **6.4.1.2 Tipo de interlocução/referência**

O grupo de fatores *Tipo de interlocução/referência* mostrou-se relevante para explicar a aplicação da regra que favorece o uso de *você*, sendo o primeiro selecionado pelo programa estatístico. Este grupo é composto por 5 (cinco) fatores, para relembrar: a) referência genérica (interlocutor ou grupo não identificado); b) referência ao próprio falante; c) referência indireta a um grupo/específica para um grupo (identificado durante a conversação), d) referência direta/específica a um indivíduo (presente na interação); e) referência indireta a um indivíduo (identificado durante a conversação, mas não presente na interação). Os 3 (três) primeiros fatores sofreram *nocautes* para a variante *o(a) senhor(a)*, ou seja, este pronome não apresentou estratégias de referência produtiva quando em função indeterminada/genérica, indireta/grupo e em menção ao próprio falante, o que nos levou a realizar amalgamações.

Tendo em vista a eliminação dos *nocautes*, reagrupamos tais fatores de acordo com as noções de referência “indireta”, assim compilamos todos os três fatores com ausência de ocorrência para a forma *o(a) senhor(a)* ao fator *referência indireta a um indivíduo* (identificado durante a conversação, mas não presente na interação), o único de referência indireta que não sofreu *nocaute*. Assim, reorganizamos, o grupo em apenas dois fatores: *referência direta/específica* a um interlocutor e *referência indireta* a um interlocutor/grupo (determinado ou não na situação interativa), como observado na tabela 24, abaixo:

**Tabela 24** – Referência do pronome na rodada binária *você* versus *o(a) senhor(a)*

Referência do pronome	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Referência indireta a um indivíduo/grupo	160/170	94.1%	<b>0,792</b>
Referência direta/específica a um indivíduo	22/50	44%	0,011
<b>Total de dados</b>	182/220		

**Fonte:** própria

A hipótese norteadora que tínhamos para este grupo de fatores e testada pela análise estatística foi a de que a forma *você* ocorresse com maior nível de frequência em referência a um interlocutor indeterminado no ato comunicativo ou de denotação genérica, podendo designar qualquer pessoa no mundo e que pudesse se enquadrar nos requisitos referenciais descritos. E os dados confirmaram a hipótese, pois o tipo de referência mais motivador à ocorrência de *você* foi aquele que denominamos neste trabalho de *Referência indireta a um indivíduo/grupo*, isto é, quando o falante direciona sua fala, de forma indireta, a um indivíduo ou grupo de pessoas socialmente definido e localmente delimitado (como os estudantes do ensino médio de Cametá, os bancários, os professores, os políticos, os donos de loja de Cametá etc.), embora não alcancemos, especificamente e em particular, a(s) pessoa(s) que se insiram nestes grupos.

Os dados encontrados em valores percentuais foram bastante altos, de 94% de uso da forma *você* com esta noção, e nível de significância de **0,792**, confirmando que quanto maior a noção de generalidade do interlocutor, maior a probabilidade de uso da forma *você*, pois de um total de 220 ocorrências, apenas 22 formas de *você* foram usadas em referência específica ao interlocutor. Ao contrário da referência direta/específica a um indivíduo que inibe consideravelmente a aplicação da regra em estudo, com 44% de percentual e 0,011 de peso relativo, como o verificado nos dados da tabela 24. Então o pronome *você* é mais usado na linguagem investigada, quando se deseja fazer referência a um interlocutor não reconhecido e ausente na situação comunicativa, de denotação não específica.

Para o pronome *o(a) senhor(a)*, a hipótese testada era de que esta forma seria mais usado pelo falante em referência direta e específica ao seu interlocutor, identificado, na situação comunicativa. Os resultados das rodadas e amalgamações validaram nossa hipótese, na medida em que verificamos, pelos dados, que somente o tipo de referência a um indivíduo, foi o contexto mais propiciador para a ocorrência desta forma pessoal de segunda pessoa,

embora seja usado, mas em menor frequência, em contextos de referência indireta, como em [73], já que os outros sofreram *nocautes*.

[73] mas para *o senhor* depois que também viraram... *o senhor* virou guarda... no caso... outras pessoas se aproximaram mais também... né?! INFCAM03IIMB

Dois pressupostos importantes subjazem a este resultado. O primeiro, diz respeito a forma *você*, pois é fato bastante notável em pesquisas sobre as formas *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)*, a caracterização de *você* como um pronome que dispensa a presença determinada e real de um interlocutor, suportando, inclusive, o enquadramento de um interlocutor de referência não especificado, com valor indeterminado em situação comunicativa contextual hipotética, como ocorre no exemplo 74 com a forma *você* sendo usada em referência genérica, abaixo:

[74] então é observado nesse sentido que a essa questão dos *status* ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o Amorim fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra você está nesses pontos ... *você* passa por outros e vai ficando como *tu* falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... INFCAM11IIMB

O segundo pressuposto refere-se à forma *o(a) senhor(a)*, cujo uso é atribuído significativamente em estratégia de referência específica ao interlocutor. E isto é confirmado pelos dados, pois este pronome surgiu de forma mais intensa no *corpus* em referência específica a um falante, mas quando não aparece nesta função, ainda assim faz referência a um interlocutor mais definido e específico, identificado durante a conversação, mas não presente na interação, somando 10 (dez) ocorrências para este tipo de referência.

Portanto, toda vez que a forma *o(a) senhor(a)* foi empregada no recorte de amostra da linguagem cametaense, o foi em referência direta e específica a um interlocutor presente na situação comunicativa, conforme exemplo [75],

[75] professora ... alguns exemplos do que *a senhora* faz pra tornar sua aula ... como os alunos dizem menos chata? INFCAM07IIMB

A utilização de *você* no sistema linguístico da comunidade em análise, para referência genérica, é indício de especialização de *tu/senhor* para referência específica. Nossos resultados ainda não reforçam a proposta de Ramos (1997), que acreditava estar havendo uma especialização do uso da forma pronominal *você*, mesmo que esta transformação ainda não esteja caminhando drasticamente para uma mudança de forma

genérica para específica. Entretanto, por já constituir parte integrante do sistema linguístico desta comunidade investigada, o *você* demonstra-se com emprego alternado em todos os contextos de uso.

Nossos resultados aproximam-se dos obtidos por Modesto (2006), Andrade (2010), Martins (2010), Franceschini (2011), Loregian-Penkall (2002), Nogueira (2013) e Guimarães (2014). Loregian-Penkall (2002) verifica que se o referente for indeterminado, há uma tendência ao favorecimento de *você*. Segundo a autora, em quase todas as localidades testadas na sua pesquisa, ficou constatado que a variante *você* está se movendo para o sistema linguístico via generalidade do discurso, o que isenta o falante de ser considerado um elemento estranho em sua comunidade por adotar um pronome de uso pouco frequente.

Em Modesto (2006), a referência indeterminada favorece também o uso da forma *você*, na medida em que na rodada a favor do uso de *tu* em função da referenciação, esta forma pronominal é desfavorecida pela referência indeterminada, com 39/227 de valor de aplicação e 17% de frequência, peso relativo de 0,32. Portanto, se o *tu* é inibido por este tipo de referência, o mesmo não ocorre com a forma *você*, que automaticamente, pela leitura dos números, verificamos que é inversamente favorecido. Tal resultado mais uma vez assemelha-se aos nossos achados, pois, em nossa pesquisa, o uso de *você* é influenciado pela forma de referência genérica.

Em Andrade (2010), cuja hipótese para controlar este fator era a possibilidade de a variante *você* ser favorecida quando a referência fosse genérica, a autora obteve uma relativa corroboração do teste de suas hipóteses na rodada que considerou a relação entre *tu/você/cê*, ficando o *você* com os pesos de 0,45 para referência genérica, contra apenas 0,20 e 0,35 para a forma *tu* e *cê*, respectivamente. Na rodada binária entre o *tu* e *você*, a autora observou que o *tu* é desfavorecido pela referência genérica, o que se aproxima significativamente dos resultados desta pesquisa.

Portanto, a crença de que a referência “genérica” desfavorecesse significativamente a escolha das formas *tu* e *o(a) senhor(a)*, mas não o uso da forma *você*, foi confirmada pelos resultados de nossa pesquisa; acreditamos que velado por este resultado está o pressuposto de que o pronome *você* ainda ocupa a função de pronome não proxêmico, em substituição à forma *o(a) senhor(a)* de caráter mais formal e poder assimétrico, no trato das relações sociais, na linguagem falada em Cametá, por apresentar baixa frequência de referência mais específica e direta a um interlocutor.

Em Martins (2010), que teve como último fator selecionado a *referência específica e referência genérica*, pela regra de aplicação em favor da variante *tu*, a referência genérica

favorece o pronome *você* da mesma forma que a específica favorece o *tu*, haja vista que para a forma *tu*, a referência genérica não foi produtiva, demonstrando 51,8% e 0,43 de peso relativo.

Franceschini (2011) revela resultados também similares aos nossos, ao mostrar que o pronome *você* é usado principalmente como referência indeterminada, apresentando probabilidade significativa de uso de 0,61 de peso relativo e 59% de nível de percentual, contra o uso com referência determinada, com peso relativo de 0.30 e e nível de frequência 26%. Segundo a autora, este resultado “parece indicar que o *tu* mantém seu predomínio como forma de endereçar-se ao interlocutor, enquanto o *você*, provavelmente via indeterminação, vai se inserindo na fala da comunidade em estudo”. (FRANCESCHINI, 2011, p. 2618 ).

Os resultados de Nogueira (2013) para Feira de Santana e Salvador atestam que o pronome *você* é fortemente favorecido pela referência genérica, chegando inclusive a ser categórico no uso deste tipo de referência nas duas cidades investigadas, pois dos 1118 dados para a referência genérica todos foram do pronome *você*. Quando a autora analisa separadamente o comportamento das variantes nas duas localidades estudadas, observa que, em Feira de Santana, o pronome *você*, para o tipo de referência específica, mostrou 74% de frequência, enquanto que a forma genérica, 100%. Em Salvador a forma específica demonstrou 97,1% e a genérica, 100%.

Guimarães (2014), para o falar de Fortaleza, verificou uma amostra de 1555 dados, sendo 792 de *tu*, o que leva a autora a descobrir que o pronome *tu*, não é muito frequente na fala usual como forma genérica, mas sim a forma pronominal *você*, eis assim mais um resultado que se demonstra parecido aos nossos, marcando dessa forma pontos em comuns, desta pesquisa sobre o falar cametaense a outras pesquisas sobre *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*.

#### 6.4.1.3 *Tipo de relato*

Neste grupo houve *nocaut* no fator *Discurso relatado do próprio falante* apresentando zero de ocorrência para a forma *o(a) senhor(a)*, demonstrando categoricidade da variante *você* para este fator, pois das 12 (doze) ocorrências de discurso relatado do falante, todas foram desta forma. E, para desfazer a ausência de variação no grupo, optou-se por incorporar o fator com *nocaut* ao fator fala reportada de terceira pessoa, por considerarmos que comungam o perfil de fala indireta. Assim, criamos o fator fala reportada do próprio falante e de terceiros, apresentando os resultados exibidos na tabela 25, seguinte:



**Tabela 25** - Tipo de relato da rodada binária *você* versus *o(a) senhor(a)*, do português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Tipo de relato</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Fala própria e discurso direto	150/178	84.3%	<b>0,732</b>
Fala reportada - do próprio falante e de terceira pessoa	32/42	76.2%	0,014
<b>Total dos dados</b>	182/220		

**Fonte:** própria

Analisando o grupo de fatores nesta rodada *você* versus *o(a) senhor(a)*, constatamos diferença bastante opoente entre discurso do próprio locutor, dirigida na interação face a face, e discurso relatado para a forma *você* (conforme exemplos abaixo [76] e [77]), com peso de **0,732** e 0,014 respectivamente.

[76] já se acha superior em relação as outras ... é ... deixa de falar com as pessoas ... e tenta algumas ... algumas tenta até se afastar das outras ... em relação ... como *você* diz ... vai vai da cabeça de cada um ... né? INFCAM02IMA

[77] *você* tem que trabalhar numa sala de aula ... ouvir e tentar repassar o conteúdo e além disso dar valores éticos como respeito solidariedade amizade ir do básico do início pra chegar a manter o equilíbrio em sala de aula ... INFCAM07IFB

A hipótese levantada para este grupo foi de que o fator “fala própria/discurso direto” tenderia ao uso da forma *você*, o que foi comprovado pelos dados. Acreditamos que este tipo de interlocução em que a referencialidade da fala própria favoreça significativamente *você* e desfavoreça a forma *o(a) senhor(a)*, surja do fato que, na fala própria e de discurso dirigido a um interlocutor mais específico, aquele pronome, de menor uso e mais marcado na língua cametaense, seja empregado com o intuito de o falante estreitar e abrandar as distâncias impostas pelo traço de maior formalidade de *o(a) senhor(a)*, embora, ainda assim, estabeleça certo grau de distanciamento entre os papéis sociais, como ocorre em [78] e [79], abaixo:

[78] *você* também pode responder ... ( ) para se obter sucesso no comércio ... INFCAM06IFA

[79] *você* vai interferir na escolha da profissão dos filhos? INFCAM06IFA

Os dois turnos de fala transcritos nos exemplos [78] e [79] são de um falante com nível médio completo, primeira faixa etária, sexo/gênero feminino, sem proximidade /intimidade, dirigidos a um empresário de bastante status e poder aquisitivo no município.

Nesta mesma função, a jovem poderia ter dito *o(a) senhor(a)*, mas optou pela forma *você*, pois embora funcione como pronome de poder, seja mais cabível e aceito o seu uso em relações que requerem estilo de fala mais cuidado e formal na interação face a face, tende a possuir um estilo de maior formalidade e grau de atenção à fala, por isso as formas tidas como de menor intimidade serão mais frequentes.

### 6.5 A relevância dos fatores não significantes estatisticamente para a compreensão de *você* versus *o(a) senhor(a)*

Na terceira rodada, cujas variantes foram *você* versus *o(a) senhor(a)*, pretendíamos observar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a variável *você*. E ficou evidenciado que o uso de *você/o(a) senhor(a)*, não é afetado pela ação de fatores sociais, pois todos os quatro grupos de fatores pertencentes a rodada, um foi excluído, *Tipo de relação entre os interlocutores*, por apresentar 2 (dois) nocautes, e ser constituído apenas de 3 (três) fatores. Esta ação foi tomada porque queríamos chegar a etapa final e obter os pesos relativos. E três grupos foram excluídos pelo programa no *step down*. Logo, verificamos a partir disso, que traços sociais não motivam o comportamento variável entre *você/o(a) senhor(a)*.

Na tabela 26, encontram-se os 7 (sete) grupos de fatores excluídos desta rodada, incluindo os sociais e os linguísticos. A ordem de disposição destes, segue a ordem de exclusão pelo programa estatístico.

**Tabela 26** - Grupos de fatores eliminados pelo programa no *stepping down* na rodada entre *você* versus *o(a) senhor(a)*

<b>Grupo de fatores</b>	<b>Valor/aplicação</b>	<b>Percentual</b>
<b>Sexo/gênero do informante</b>		
Masculino	78/93	83.9%
Feminino	104/127	81.9%
<b>Estrutura do verbo</b>		
Forma simples	130/162	80%
Forma complexa (tempo composto e perífrase)	52/58	89.7%
<b>Tempo Gramatical do verbo</b>		
Infinitivo flexionado	9/10	90%

Presente do indicativo	146/171	85.4%
Passado do indicativo	15/25	60%
Futuro do subjuntivo	11/12	91.7%
Futuro do indicativo	1/2	50%
<b>Tempo discursivo do verbo</b>		
Passado	16/25	64%
Presente	94/116	81%
Futuro	72/79	91%
<b>Tipo de frase/Entonação</b>		
Interrogativa (negativa e interrogativa)	15/31	48.4%
Declarativa Afirmativa	139/156	89.1%
Declarativa negativa	24/28	85.7%
Exclamativa (negativa e interrogativa)	4/5	80%
<b>Faixa etária</b>		
Faixa etária I	66/91	72.5%
Faixa etária II	116/129	89.9%
<b>Escolaridade</b>		
Ensino médio	71/94	75.5%
Ensino Superior	111/126	88.1%
<b>Total de dados</b>	<b>182/220</b>	

**Fonte:** própria

Outro ponto observado com a exclusão de tais fatores, e que foi recorrente nas duas rodadas anteriores no *step down* (*tu* versus *você* e *tu* versus *o(a) senhor(a)*), é que o fator *tempo* do verbo que acompanha o pronome de segunda pessoa, seja este *discursivo* ou *gramatical*, não apresentou influência significativa ao comportamento do fenômeno em variação aqui analisado. Como pode ser constatado, nesta última rodada entre *você* e *o(a) senhor(a)*.

### ▪ **Sexo/gênero do informante**

No que se refere ao emprego de *você* pela diferença *sexo/gênero* dos informantes, os valores em percentuais, expressos na tabela 24, indicam que o uso mais frequente deste pronome, encontra-se na fala dos homens, com percentual de 83.9%. Muito embora, os dados de uso desta forma pelas mulheres sejam mais recorrentes (104 dados), porém o percentual é mais baixo 81.9%, contudo a probabilidade de ocorrência, se manifesta mais intensamente pelos homens.

Então, entre a opção de escolha na linguagem, por 2 ( dois) pronomes que expressam a semântica de poder, as mulheres ainda preferem àquele de hierarquia superior, o(a) senhor(a)<sup>131</sup>, enquanto os homens tendem a manter as relações sociopessoais mais niveladas horizontalmente, e desta forma usam o pronome de menor poder, *você*.

### ▪ **Estrutura do verbo**

A *forma complexa*, com percentual de 89.7%, demonstrou-se no grupo de fatores, *Estrutura do verbo* como o fator mais propício ao uso de *você* e não de *o(a) senhor(a)*. Como prevíamos para esta pesquisa, este grupo de fatores, nas três rodadas, não seria tomado como significativo a regra variável em investigação. E embora haja diferenças densas em ocorrências da forma simples (130 ocorrências) para a forma complexa (52 ocorrências), considerando também que a forma complexa encapsula o tempo composto e a perífrase, esta possui relevante vantagem em termos de aplicabilidade e percentual do que aquela quanto ao uso de *você*.

### ▪ **Tempo Gramatical do verbo**

O tempo gramatical em que se encontra o verbo que acompanha o pronome *você* revela que todos os tempo-modos podem favorecer estatisticamente o uso de *você*, e entre os mais favorecedores, encontram-se a forma nominal do verbo *infinitivo flexionado*, com percentual de 90% e o *futuro do subjuntivo* com 91.7% e por outro lado, o de menor percentual, *futuro do indicativo*, percentual de 50%. Porém tal modo-tempo dispõe somente

---

<sup>131</sup> Na rodada entre o(a) senhor(a) versus *você* valor de aplicação *o(a) senhor(a)*, o gênero feminino apresentou percentual mais alto de uso de o(a) senhor(a), 18.1% de percentual contra 16.1% para o gênero masculino.

de dois dados na amostra da pesquisa, o que não nos permite edificar julgamos sólidos sobre a interferência ou não deste fator sobre o uso de *você*.

Os dados de frequência de ocorrência do *infinitivo flexionado* e *futuro do subjuntivo*, que embora não sejam numerosos no *corpus*, possuem contexto bastante favorecedor ao surgimento da forma *você*.

#### ▪ **Tempo discursivo do verbo**

Neste grupo de fatores, a maior propensão estatística ao uso de *você* é encontrada no tempo *futuro*, com percentual de 91% de ocorrências, seguida do tempo presente, percentual de 81%, evidenciado na tabela 24, acima. O resultado para o fator *futuro* coaduna com o resultado expresso, no tempo gramatical do verbo, no qual o modo-tempo *futuro* do subjuntivo é considerado com potencial significativo para a aplicabilidade de *você* na fala estudada.

#### ▪ **Tipo de frase/entonação**

Entre os tipos de frase com percentual mais elevado para o uso de *você*, verificamos que a frase do tipo declarativa: *afirmativa*, com percentual de 89.1% e *negativa*, com percentual de 85.7%, são os de níveis percentuais mais relevantes, como pode ser constatado na tabela 24, ao emprego deste pronome. E o tipo de frase, de menor de uso de *você*, como expresso pelo baixo percentual de apenas 48%, é a frase interrogativa.

Prevíamos para este grupo, que frases do tipo exclamativas e declarativas, atrairiam a forma *você*. Diante de tal hipótese, se olharmos novamente para a tabela 24, veremos que o tipo de frase exclamativa, apresenta, seguindo as declarativas, o terceiro valor percentual mais elevado, 80% de frequência de utilização de *você*. Acreditamos que os traços de referência genérica compartilhado entre o pronome *você* e as frases declarativas (afirmativas e negativas), na medida em que consideramos estas com contexto propício ao uso indireto de referência atribuído a um interlocutor não definido no ato discursivo, possa auxiliar o emprego de *você*.

### ▪ Faixa etária

A exclusão deste grupo de fatores sociais expressa a falta de motivação intrínseca entre a idade do falante e o uso de *você/o(a) senhor(a)*. Falta de relação esta, bem nítida pela alta frequência deste pronome nas duas faixas etárias controladas, 72.5% para a primeira faixa etária e 89.9% para a segunda. Com ligeiro sobressalto, pelos percentuais, dos adultos sobre os mais jovens. Este uso mais relevante, em termos percentuais de *você*, harmoniza com a hipótese para este grupo de que o pronome *você* seria favorecido pelos falantes adultos/mais velhos. E, se há o favorecimento de *você* pelos falantes adultos, se constata frente a isso, que *o(a) senhor(a)* seja beneficiado pelos mais jovens<sup>132</sup>, o que ratifica a hipótese para este pronome no que se refere à faixa etária, pois hipotetizamos que *o(a) senhor(a)*, forma menos usual, quando surgisse na comunidade investigada, apareceria na fala dos mais jovens e em referência a pessoas de status social superior ou pessoas mais velhas

### ▪ Escolaridade

O último grupo de fatores a ser excluído na rodada entre *você* versus *o(a) senhor(a)*, foi o da *escolaridade* do falante. Como a relação estabelecida nesta rodada foi entre duas variantes, *você/o(a) senhor(a)*, que aparecem em contextos de uso de maior formalidade entre as relações sociopessoais, pela própria natureza de tais pronomes, não nos foi estranho a não seleção em nível de significância desta rodada para a variável escolaridade, à medida que consideramos, a partir dos fatores sociais excluídos, que o que está em jogo, não são os traços sociais dos falantes, mas talvez o contexto discursivo de produção da fala. Mas, mesmo assim, os dados percentuais nos indicam uso mais regular deste pronome na fala dos informantes com nível superior, com percentual de 88.1% .

---

<sup>132</sup> Na rodada entre *o(a) senhor(a)* versus *tu* (valor de aplicação *o(a) senhor(a)*), ficou corroborado o uso predileto desta forma pelos falantes de primeira faixa etária, como o atestado pelo percentual de 27.5% contra 10.1% da segunda faixa etária.

## 6.6 Os dados e as implicações teóricas

### 6.6.1 *Variação estilística e as formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a)*

De acordo com Labov (2001), as variantes alternam-se nas comunidades à proporção que os estilos de fala também se alteram. A mudança de estilo ocorre porque os papéis e os status sociais dos interlocutores, assumidos durante o processo interativo, sofrem transformações (BELL, 1984). Para fundamentarmos esta posição, alinhamos três pontos de vista sobre a variação estilística: a primeira, centrada no grau de atenção dada à fala (LABOV, [1972], 2001); a segunda, que envolve aspectos interacionais, cujo foco é a audiência do falante (BELL, 1984); e a terceira envolve o quadro participativo da situação comunicativa (CORVALÁN, 2001), como já abordado no capítulo 4, desta tese. De acordo com tais princípios, consideramos: a) os traços sociais do falante; b) os traços sociais do ouvinte e c) as relações interpessoais entre os interlocutores envolvendo a semântica do *poder* e *solidariedade*. Vejamos como isso se aplica aos dados:

[80] o que *o senhor* diria para um pai ou uma mãe que deseja preparar seu filho para a vida profissional? ((assimétrica 01))<sup>133</sup>.

a) *Falante* - estudante universitário, primeira faixa etária e do sexo/gênero feminino;  
*Interlocutor* - empresário, segunda faixa etária e com nível médio.

[81] se cada um fosse se relacionar ... como ( ) *tu* falaste agora a ele ((simétrica)).

b) *Falante* - estudante universitário, primeira faixa etária e do sexo/gênero feminino;  
*Interlocutor* - colega-amiga, primeira faixa etária, sexo/gênero feminino e estudante universitário.

[82] *você* também pode responder ... ( ) para se obter sucesso no comércio ((assimétrica 02)).

c) *Falante* - estudante universitário, primeira faixa etária e do sexo/gênero feminino;  
*Interlocutor* - funcionário da loja, sexo/gênero masculino, primeira faixa etária, ensino médio.

Todos os exemplos expostos anteriormente são trechos de fala de um único informante, pertencente à primeira faixa etária, do sexo/gênero feminino e estudante universitária. Cada ato de fala é dirigido a um interlocutor diferente, e as relações interpessoais mantidas com cada um são também distintas. O que se torna notável, nos três

---

<sup>133</sup> INFCAM06IFA

tipos de interações, é que a alternância entre as formas de referência à segunda pessoa não decorre, exclusivamente, dos traços sociais do falante, mas da associação destes, ao perfil social dos interlocutores, e às relações interpessoais estabelecidas entre o falante e seu interlocutor.

O que temos aqui é mais que uma inter-relação, é uma derivação, nos termos de Bell (1984, p. 151 – *grifos do autor*) “Variação na dimensão do estilo dentro do discurso de um único falante deriva e ecoa da variação que existe entre os falantes na dimensão ‘social’<sup>134</sup>”, pois os falantes derivam seus parâmetros estilísticos de observações das diferenças sociais no uso da linguagem. Logo, para Bell ([1984], 2001, p. 141), “Estilo é o que um falante individual faz com a língua em relação a outras pessoas<sup>135</sup>”, sendo portanto, extremamente social.

No exemplo [80], o interlocutor recebe a forma *o senhor*. Consideramos que isto ocorra, porque se trata de uma pessoa com status superior ao do falante, na hierarquia social, pela profissão que exerce (empresário, bem sucedido na cidade, pertencente à segunda faixa etária e com nível médio). Logo, a forma pronominal escolhida foi a que expressa maior formalidade<sup>136</sup> discursiva e aspecto cerimonioso, no tratamento pessoal, demarca uma relação de poder, não recíproca, de maior distanciamento entre os participantes no contexto sociocomunicativo.

Ao contrário do que ocorre no exemplo [81], cujo interlocutor encontra-se na mesma escala da hierarquia social (colega-amiga, primeira faixa etária, sexo/gênero feminino e estudante universitário). Para este tipo de relação, o falante escolheu a forma *tu*, caracterizado, aqui, como de menor formalidade discursiva e com predileção pelas relações mais solidárias e próximas; mas, no exemplo [82], o falante usa a forma *você* em direção a um interlocutor (funcionário da loja, sexo/gênero masculino, primeira faixa etária, ensino médio) de posição hierárquica inferior a do falante. Porém, esta diferença faz emergir um pronome que tramita entre as relações simétricas e assimétricas, mas ainda visto aqui como indicador de relações com traços mais formais, portanto atuante nas relações de menor reciprocidade e maior assimetria entre os interlocutores, como pode ser constatado na tabela 27, abaixo.

<sup>134</sup> *Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social”.*

<sup>135</sup> *Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people.*

<sup>136</sup> A classificação de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* como pronomes de maior e menor formalidade está embasada numa pesquisa de atitude que fizemos, tanto com os sujeitos-participantes (64 informantes), quanto por outros moradores (ensino médio e superior) da cidade de Cametá, conforme apêndice G. O resultado da pesquisa indicou que a forma *tu* é caracterizada como: (+) íntima, (+) informal, (+) coloquial, (+) não-padrão e (+) feia, enquanto a forma *você* é (-) íntima, (+) formal, (+) padrão, (+) educada (+) bonita. Já a forma *o(a) senhor(a)* é vista como (+) formal, (+) educada.



**Tabela 27** – A importância do tipo de relação entre os interlocutores para a alternância entre *tu* versus *você* e *você* versus *tu*

Tipo de relação entre os interlocutores	tu versus você		você versus tu	
	N de dados	PR	N de dados	PR
Simétrica	246/375	<b>0,603</b>	129/375	0,397
Assimétrica 01 (de inferior para superior)	13/28	0,104	15/28	<b>0,896</b>
Assimétrica 02 (de superior para inferior)	48/86	0,246	38/86	<b>0,754</b>
<b>Total dos dados</b>	307		182	
	<b>489</b>			

**Fonte:** própria

Tais usos, constata-se pelo grupo de fatores *Tipo de relação entre os interlocutores*, demonstram que há significação social no contexto discursivo de uso destes pronomes, advindos das próprias relações de solidariedade ou diferenciação social entre os participantes do processo comunicativo. O que podemos abstrair da variação desses pronomes é que possuem contextos de uso diferenciados e por isso significativos, sendo que o *tu* é mais atuante em contextos de simetria social e o *você*, em relações assimétricas.

Assim, quando a solidariedade decai, aumenta a probabilidade do pronome *você*, comprovando um dos princípios básicos da *audiência do falante* (BELL, [1984], 2001), que defende que o falante ajusta seu estilo principalmente em resposta a sua audiência. Então, nesta pesquisa, tomamos como parâmetro, que a mudança de estilo gera a variação linguística e que esta alternância, ainda que lentamente, insere a forma *você* no quadro dos pronomes de segunda pessoa da comunidade investigada. Nos exemplos [80], [81] e [82] a mudança de estilo ocorre, principalmente em resposta à mudança na audiência do falante, sendo que o falante acomoda o seu estilo, para torná-lo mais parecido com o da pessoa com quem está falando.

Acreditamos que, para isto, o falante considera o status e o papel social desempenhado pelo interlocutor no momento da interação. Portanto, fundamentado na Teoria da Acomodação de Bell (1984), observamos que o falante pode adequar sua linguagem a de seu interlocutor, pelo princípio da acomodação, aproximando-a, ou distanciando da variedade linguística deste.

Em [80], [81] e [82], exemplos pontuados e comentados acima, o falante opta por escolhas alternadas de formas de referência à segunda pessoa, em função da mudança de status de seus interlocutores. O uso, por exemplo, de *o(a) senhor(a)* e de *você* [80] e [82], não

é dado pela acomodação (semelhança), mas pelo emprego de pronomes que marcam o contraste social. Em [81], o falante assemelha o estilo linguístico ao status do interlocutor, por meio de *tu*. Portanto, em tais usos pronominais, a alternância de estilo, em nível individual (BELL, 1984), pode ser relacionada, por meio da mensuração quantitativa, ao papel social do interlocutor, e indicar diferentes propósitos comunicativos. Seguindo este posicionamento, diríamos que o falante relaciona essas diferentes formas pronominais a diferentes grupos sociais, atribuindo significado social às variantes linguísticas.

Das 38 (trinta e oito) ocorrências de *o(a) senhor*, existentes no *corpus*, todas foram usadas em contextos de assimetria - de inferior para superior, o que reforça, ainda mais, os traços de estilo formal atrelado a tal variante. Desta forma, concebemos que o uso de um estilo mais formal pode estar atrelado às relações mais assimétricas e o uso do estilo menos formal, às relações mais simétricas.

Diante disso, verificamos que a variação estilística seja reflexo dos diferentes padrões estabelecidos entre as relações interpessoais e regras sociais edificadas durante as interações verbais, como constatado pelos dados expressos em valores percentuais e probabilísticos, da tabela 27, e categorizado nos itens 'b e c'. Então, o falante acomoda a sua fala aos traços do seu interlocutor, em uma tentativa de igualar a sua performance linguística ao status social e variedade que ele possui. Logo, a variação intrafalante existe em função da variação dos traços sociais do interlocutores.

Porém, a mudança de estilo, ocasionada pelo uso de *tu/você/o(a) senhor(a)*, não resulta tão somente do status do interlocutor e das relações sociopessoais mantidas entre eles, mas dos efeitos de simetria e assimetria gerados por tais relações, conforme pressupõem Brown e Gilman (1960). Este fator, também impulsiona aos falantes a mudarem de estilo de acordo com os diferentes contextos interativos, mantendo a regularidade de uso de cada pronome a cada diferente situação comunicativa (formal/informal). Isto reafirma que a língua não é indiferente às características sociais e contextuais de quem a usa (CORVALÁN, 2001).

Por isso, consideramos, de acordo com nossos resultados, que a manifestação de diferentes variantes de acordo com o nível de formalidade e informalidade é conduzida pelo menor ou maior grau de proximidade entre os falante. E esta relação é definida a partir do status que estes possuem durante a situação de fala. Na sequência, delineamos este processo, num *continuum* entre os pronomes e as relações sociopessoais mantidas entre os interlocutores.

TU	VOCÊ	O(A) SENHOR
- formal		+ formal
mesmo status		status diferente
relações simétricas		relações assimétricas
solidárias e recíprocas		não recíprocas/de poder

O “estilo” correlaciona-se tanto à variável *relações interpessoais* quanto à variável nível de formalidade. Esta inter-relação entre a variação interfalante e intrafalante e a avaliação linguística da comunidade linguística é, segundo Bell (1984), uma prova crucial sobre a derivação e a natureza da mudança de estilo, pois qualquer estrutura desenvolvida para descrever mudança de estilo deve dar uma explicação satisfatória desses relacionamentos. Para Labov ([1993], 2001), “a mudança de estilo está relacionada aos graus de consciência social de uma variável linguística pelos membros da comunidade, que, por sua vez, baseia-se no nível de abstração nas estruturas envolvidas”. (2001, p. 86). Por isso, segundo o ponto de vista laboviano, não há falante de estilo único, todos, em algum eixo, seja social ou linguístico, apresentarão variação, resultante de traços psicológicos do falante, como do grau de atenção dado à fala, de traços sociais (do falante e do ouvinte) e de relações de poder e solidariedade entre os integrantes da situação comunicativa (cf. Labov, [1969], 2003). A partir desta abordagem da variação de estilo intrafalante, compartilhada por Labov (2003) e Bell (1984), observamos, por meio da tabela 28, que os informantes-base de nossa pesquisa possuem comportamento bastante variável, quanto ao uso alternado destes pronomes, com exceção do INFCAM09IIMA, confirmando portanto a abordagem descrita acima.

**Tabela 28** - O indivíduo no processo de alternância de tu/você/o(a) senhor(a) (527 dados completos).

Formas pronominais de segunda pessoa				
Informantes-Base	Dados obtidos por Informantes-Base			Total de dados Informante-Base
	Tu	Você	o(a) Senhor(a)	
INFCAM01IIMA	69	1	0	70
INFCAM02IIMA	3	2	0	05
INFCAM03IMB	10	0	9	19
INFCAM04IMB	0	3	5	8
INFCAM05IFA	7	17	2	26
INFCAM06IFA	2	3	8	13
INFCAM07IFB	19	20	0	39

INFCAM08IFB	3	20	1	24
INFCAM09IIMA	58	0	0	58
INFCAM10IIMA	5	16	1	22
INFCAM11IIMB	30	43	0	73
INFCAM12IIMB	0	13	0	13
INFCAM13IIFA	52	12	7	71
INFCAM14IIFA	9	21	5	35
INFCAM15IIFB	4	10	0	14
INFCAM16IIFB	36	1	0	37
TOTAL DE DADOS	307	182	38	527

**Fonte:** própria

E se atentarmos para o conjunto dos informantes-base, da tabela 28, como um todo, concluiremos que a variação pronominal intrafalante, ocasionada também pelas mudanças nas relações interpessoais, possibilita a variação linguística na comunidade analisada.

#### **6.6.2 Os pressupostos variacionistas: VARIABILIDADE**

O uso variável *de referência à segunda pessoa por meio das formas tu/você/o(a) senhor(a)* correlacionado a fatores sociais, estilísticos e linguísticos aponta tais variantes como integrantes da estrutura linguística da comunidade analisada, no município de Cameté (zona urbana), pois, no cerne das relações socioprofissionais, há regularidades de uso e significância aplicadas em contextos linguísticos e sociais, como: paralelismo estrutural, escolaridade, referência do pronome, tipo de relação entre os interlocutores, tipo de frase/entonação e sexo/gênero do informante, na relação *tu/você*; paralelismo estrutural, tipo de frase, faixa etária do informante e sexo/gênero do informante, na relação *tu/o(a) senhor(a)*; paralelismo estrutural, referência do pronome e tipo de relato, na relação entre *você/o(a) senhor(a)*, reafirmando, portanto, a estrutura heterogênea da língua, cuja variabilidade decorre da mudança social, estilística e de condicionadores linguísticos, como mencionado anteriormente.

Essa variabilidade dentro do sistema linguístico é sustentada pelo uso frequente das variantes *tu* e *você* na variedade do português em investigação, e pela coocorrência, em contextos mais formais, de *você* com o pronome *o(a) senhor(a)*. Isso valida o ponto de vista de co-variação sistemática levantado por Labov (2010), de que a mudança linguística é engendrada pela mudança na estrutura social, o que nos leva a perceber, como já apontado anteriormente, que um mesmo falante pode alternar o pronome no decorrer da conversação,

de acordo com a linguagem e status de seu interlocutor. Logo, muda a estrutura social, muda a forma linguística, pois o falante alinha a forma pronominal em uso aos parâmetros sociais que constituem o perfil de seu destinatário, aplicando, neste caso, o princípio da *avaliação*. Princípio este observado pela correlação entre o uso de *tu/você/o(a) senhor(a)* a atitudes subjetivas e aspirações dos falantes sobre tais formas pronominais (cf. LABOV, 2010).

Em conformidade a Labov ([1968], 2006, p. 124), que defende que o “nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”, atestamos pelos resultados expostos na tabela 27<sup>137</sup>, correlatos subjetivos dessa alternância pronominal, pois o falante apresenta reflexos conscientes do valor social desses pronomes, ao empregar mais significativamente o pronome *tu* em relação simétrica, com peso relativo de **0,603** e *você* nas relações assimétricas de inferior para superior, peso relativo **0,896**, e superior para inferior, peso relativo 0,754.

Este resultado corrobora a concepção de Labov (2003) sobre variação linguística atrelada à avaliação e ao estilo, já que a alternância dos pronomes é influenciada pelas relações sociais entre os interlocutores. Outro ponto que atesta a *avaliação* social sobre a variável em estudo é o uso da variante *você*<sup>138</sup> com peso relativo de **0,596** pelas mulheres, em maior frequência que os homens 0,411, evidenciando a maior vulnerabilidade do sexo/gênero feminino à adoção de formas tidas como formais e com valoração social positiva pela comunidade linguística.

Outrossim, o fato de a forma *o(a) senhor(a)* ter apresentado pouquíssimos dados nesta pesquisa, ecoa do avanço de *você* para o contexto de uso em que aquela forma era empregada. Isto pode ser justificado pela atuação do princípio da *restrição*, ou dos *condicionantes linguísticos*, no qual foi medido o efeito de cada variável independente sobre o emprego de *tu/você* e *o(a) senhor(a)* e ficou comprovado que o uso dessas variantes é condicionado por fatores linguísticos e sociais, o que contempla os pressupostos de Labov (2006, p. 121) de que, para se compreender variação e mudança é fundamental, “determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”.

Verificamos, desta forma, que *tu* encontra contexto propício para ocorrer em estruturas paralelas *tu-tu*, por isso restrito quando precedido por *você* e *o(a)senhor(a)*; é mais frequente em referência direta/indireta específica a um indivíduo, mas freado pela referência *genérica*; ocorre significativamente em frases exclamativas e menos em frases declarativas negativas; é mais usado pelos falantes do ensino médio, relações simétricas e pela fala

<sup>137</sup> Aliados à pesquisa sobre atitudes linguísticas acerca de *tu/você/o(a) senhor(a)*, conforme apêndice G.

<sup>138</sup> Na rodada entre *você* versus *tu* (valor de aplicação *você*).

masculina, enquanto o ensino superior, relações assimétricas e o sexo/gênero feminino inibem seu uso.

O pronome *você* é condicionado pelo paralelismo *você-você* e coibido quando o primeiro da série é *tu* ou *o(a) senhor(a)*; encontra contexto mais favorável de ocorrência quando a referência é indireta e genérica, todavia é restringido pelos contextos de referência direta específica; torna-se mais presente em frases declarativas negativas e afirmativas, mas pouco assíduo em frases exclamativas; as relações assimétricas, as mulheres e os falantes com nível superior são os mais favorecedores ao emprego de tal forma, enquanto as relações simétricas, homens e falantes apenas com ensino médio mitigam o uso.

Assim como *você*, a forma *o(a) senhor(a)* é condicionada pelas frases negativas e desfavorecida pelas exclamativas; não encontra contexto propício de ocorrência nas estruturas paralelas, haja vista que o contexto *precedido de o(a) senhor(a)* o inibe, tornando-se mais assíduo quando é o primeiro item da série, não precedido de forma pronominal; os mais jovens foram os que mais tenderam ao uso deste pronome, assim como as mulheres.

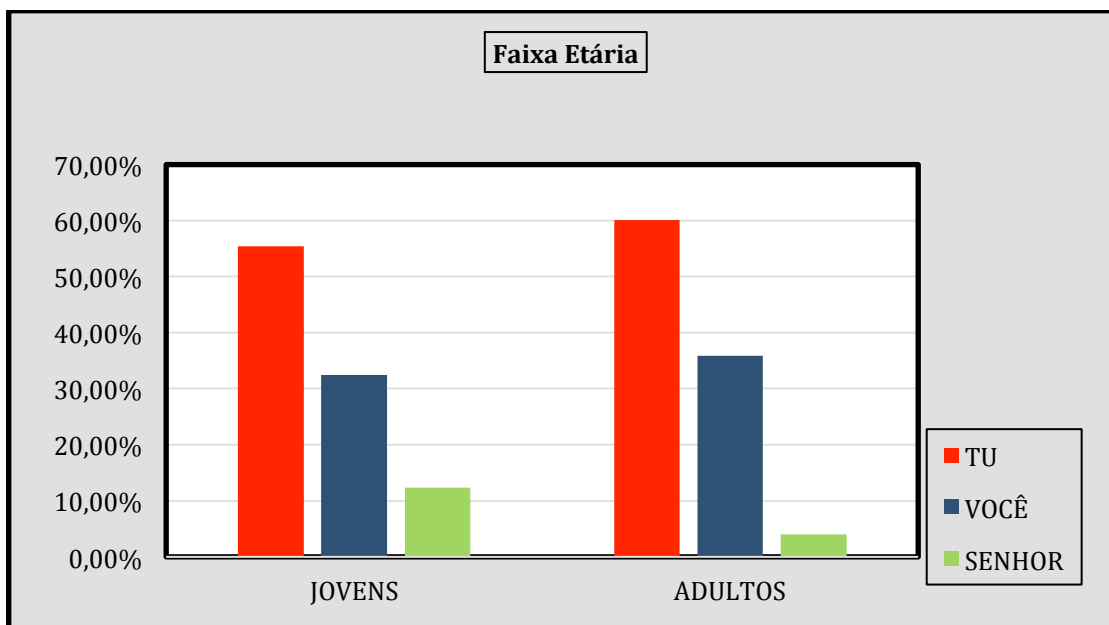
Quanto ao *problema da transição*, pelas duas faixas etárias sucessivas observadas nesta pesquisa – 21 a 29 anos e 32 a 42 anos, não há evidências de que estamos diante de uma mudança em progresso, na relação pronominal estabelecida entre *tu/você/o(a) senhor(a)* e sim de um processo de variação estável. Este grupo não foi selecionado pelo programa, na rodada entre *tu* versus *você* e *você* versus *o(a) senhor(a)*, somente na rodada entre *tu* versus *o(a) senhor(a)*. Nesta rodada, constatou-se que, conforme a idade do falante avança, intensifica-se o uso de *tu*, na medida em que a segunda faixa etária dos informantes (32 a 42 anos), com peso relativo de **0,689** e frequência de 93.7% como será visto na gráfico 01, foi a que evidenciou maior uso deste pronome. Ao contrário de *o(a) senhor(a)*, pois diminuindo a faixa etária dos informantes (21 a 29 anos de idade), aumenta a probabilidade de uso, com peso relativo de 0,767<sup>139</sup> e percentual de 18.1%, embora, como podemos notar pelo percentual, esta forma possui baixa frequência de uso.

A geração jovem, em oposição à adulta, foi adotada nesta pesquisa, tendo em vista parametrizar, para melhor efeito de comparação, se aquela estava introduzindo a mudança e depois esta reforçaria, pois acreditávamos, assim como no caso de Celeste, analisado por Labov (2001), que seriam tais jovens (de status social elevado e reconhecimento na comunidade cametaense, pela profissão que exerciam, e relações interpessoais mais densas e complexas, já que participam de diferentes redes sociais) os agentes da mudança linguística. Porém, o gráfico 01 não atesta isto, como pode ser comprovado, logo abaixo, pelos valores

<sup>139</sup> Na rodada entre *o(a) senhor(a)* versus *tu* (valor de aplicação *o(a) senhor(a)*).

percentuais, na rodada que considerou as três variantes em análise.

**Gráfico 01** - A importância do fator faixa etária para o fenômeno variável *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana de Cametá.



**Fonte:** própria

Parece estarmos diante de um fenômeno estável na língua, se considerarmos que a forma *tu* continua sendo predominante, nas duas faixas etárias analisadas, com leve proeminência de uso, na segunda faixa etária, não apontando, portanto para o avanço da forma *você* na variedade cametaense. A distribuição geracional, no gráfico acima, nos indica que as 2 (duas) faixas etárias obedecem a uma regularidade no índice de uso para as três variantes. Porém, na segunda faixa etária, diminui o uso da forma *o(a) senhor(a)* e aumenta o emprego de *você*, embora a forma canônica de segunda pessoa *tu* ainda predomine sobre as outras variantes, nas duas gerações testadas. Pela configuração deste quadro variacionista, parece que este fenômeno tenderá a se manter ainda por um longo período, muito embora, já se perceba um uso bastante expressivo da variante *você* pelos falantes de Cametá.

É importante salientar que, embora a forma *tu* supere a forma *você*, quando se analisa uma regra variável, como a alternância *tu/você/o(a) senhor(a)*, busca-se não somente revelar se *tu* ou *você* ganhará a concorrência na língua investigada, pois devemos lembrar que tanto uma como a outra já foram selecionadas pelo falante, entre as três possibilidades de uso, para atuarem em determinado contexto de comunicação. Intenta-se também descobrir o valor social de cada variante diante da comunidade de fala e os condicionadores mais salientes de tal fenômeno variável, já que, como visto no item sobre variação estilística, cada pronome

possui uma valoração, tanto em função do significado social que representa como por aquilo que não simboliza ou de alguma forma procura não representar.

E assim poderíamos pensar na heterogeneidade de tais formas governadas tanto pelos fatores sociais como pelos fatores linguísticos. Como já vimos, no capítulo 6, item 6.2.1, as formas *tu/você/o(a) senhor(a)* variam, em alguns pontos da estrutura gramatical: *paralelismo estrutural* - estruturas paralelas *tu-tu*, *você-você* e *senhor(a)-senhor(a)*; *referência do pronome* - genérica para *você*, direta/indireta a um indivíduo para a forma *tu* e referência direta um indivíduo para *o(a) senhor(a)*; *tipo de frase/entonação* – exclamativa/interrogativa para a forma *tu*, declarativa para *você* e interrogativa para *o(a) senhor(a)*. Então, motivados por tais contextos, os falantes escolhem uma e não outra forma para usar.

A partir dos achados empíricos desta pesquisa, que reafirmam os princípios da teoria da variação e mudança linguística (LABOV, 2006), concluímos, pelo uso expressivo de *tu*, tanto na primeira como segunda faixa etária, que não estamos diante de um processo de mudança pronominal que vise à implementação de *você* em lugar de *tu*. Todavia notamos, pela presença de *você* na fala analisada, favorecido por contextos linguísticos e sociais, um processo variável, em que duas formas pronominais coocorrem e concorrem no sistema linguístico, embora esta heterogeneidade linguística possa ser sistematizada por meio dos condicionadores contextuais e sociais que motivam ou restringem o emprego de cada uma dessas formas na língua investigada. Portanto, a variação não é aleatória, é motivada, pois há explicações dentro e fora do sistema linguístico que a justificam.

### **6.6.3 Os pressupostos funcionalistas - o princípio da marcação em análise**

Com base nos pressupostos teóricos do Funcionalismo, atrelados à noção de variação da sociolinguística laboviana, pretendemos examinar restrições funcionais presentes na alternância entre *tu/você/o(a) senhor(a)*. Diante dos dados estatísticos, chegamos a um primeiro resultado desta interface, derivado do uso da forma *tu* como a forma menos marcada considerando o subprincípio da *distribuição de frequência*. Segundo este subprincípio formas linguísticas *marcadas* tendem a ser menos frequentes do que as não-marcadas (GIVÓN, 1993). Portanto, o pronome *tu*, ao apresentar maior expressividade de uso, 58.3% na rodada geral *tu/você/o(a) senhor(a)*, 62.8% na rodada *tu/você* e 89% para *tu/o(a) senhor(a)*, é menos marcado. Enquanto, os pronomes *você*, 34.5% e *o(a) senhor(a)* 7.2%, no cômputo geral da rodada entre *tu/você/o(a) senhor(a)*, constituem formas *marcadas*, por serem menos frequentes. Corroboramos este o subprincípio da complexidade estrutural já que a forma *tu* é a



menor.

Poderíamos inferir, ao que tudo indica, pela recorrência significativa de *tu*, em contextos como de estruturas paralelas *tu-tu* e tipo de referência específica *direta e indireta* a um interlocutor, categorias consideradas de menor complexidade cognitiva, que este pronome atua em contextos gramaticais de menor *complexidade cognitiva*, por tais estruturas não exigirem tanto esforço mental, atenção e tempo de processamento das informações.

Nesse sentido, verificamos que o uso de *tu*, na zona urbana de Cameté, é menos marcado, pela correlação dos três subprincípios de marcação de base funcionalista, preconizados por Givón (1995): *alta frequência, menor complexidade estrutural e cognitiva*. Isto confirma a pressuposição do autor de que há uma relação icônica entre a informação linguística e a maneira como é representada na estrutura linguística, durante o evento comunicativo. Logo, existe um isomorfismo entre forma e função na língua. Nossos resultados para o pronome *tu* atestam a atuação do princípio da marcação: a forma menos marcada ocorre em estruturas menos marcadas. Conforme Givón (1995, p. 58 – *grifos do autor*), pelo meta-princípio de marcação “categorias que são *cognitivamente* mais marcadas (isto é, complexas) tendem também a ser *estruturalmente* marcadas<sup>140</sup>”.

Outro dado que contribui, para tomarmos a forma *tu*, como não marcada, diz respeito à *variação estilística*. Como mencionamos anteriormente, os pronomes se diferenciam quanto ao nível de formalidade e informalidade<sup>141</sup> discursiva, e a forma *tu* é geralmente empregada em relações interpessoais mais simétricas, tomado como pronome de maior informalidade diante de *você* e *o(a) senhor(a)*.

Tal fato aproxima-se do postulado de Givón (1995) de que o princípio de marcação não remete apenas às categorias linguísticas, podendo ser aplicado também aos diferentes registros da língua. Neste sentido, o autor considera a linguagem formal como sendo mais marcada do que a informal, na medida em que possui maior complexidade cognitiva de processamento do que esta. Acreditamos também que contextos menos formais, devido à atuação de relações mais solidárias são menos marcados que contextos mais formais. Portanto, *tu*, forma menos marcada, é mais propício a situações de menor formalidade e *você* e *o(a) senhor(a)*, pronomes de distanciamento maior entre locutor e interlocutor, conseqüentemente mais formais, são mais marcados.

Tomado o fator *paralelismo estrutural/linguístico*, selecionado como primeiro grupo

<sup>140</sup> Categories that are *cognitively* marked - i.e. complex - tend also to be *structurally* marked.

<sup>141</sup> Conforme atestado no apêndice G, sobre os efeitos avaliativos dos falantes acerca de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*.

de fatores estatisticamente significativo à realização de *tu*, observamos em comunhão às ideias de Givón (1995), que determinadas estruturas gramaticais, como as paralelas, possuem relação motivada entre a organização da gramática e os conceitos que esta representa consoante as necessidades ou intenções comunicativas do falante. Este pressuposto impulsiona, discursivamente, que enunciados como o apresentado em [83], mantenham consecutivamente a repetição, na estrutura sintática, de uma mesma forma pronominal, como atestado pelos valores percentuais e nível de significância para estruturas paralelas *tu-tu*, com elevada frequência, 99.5% e significância 0,850, o que as tornam de menor complexidade cognitiva por codificarem explicitamente repetidas vezes a mesma informação. Então, um uso primeiro do *tu* ativará, na fala, a recorrência desse termo em estruturas seguintes, como no exemplo abaixo:

[83] que ***tu*** não tá aqui ... ***tu*** não veio passear ... que ***tu*** tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então ***tu*** tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não digo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ... tira aquilo da prateleira ... é melhor a gente perder ... mas a gente ter confiança de um cliente ...

Neste sentido, as categorias linguísticas que possuem funções muito próximas, ou, como no caso de *tu*, uma mesma função, serão dispostas, com maior proximidade no discurso, tendo em vista, cognitivamente, tornar o contexto de fala menos opaco e agilizar o seu processamento, seja este do ponto de vista da produção quanto da compreensão. Logo, um pronome menos marcado favorecerá este mesmo pronome subsequente, igualmente menos marcado.

Na rodada entre *você* versus *o(a) senhor(a)* esta mesma variável, *paralelismo*, foi selecionada, demonstrando que a presença explícita de um pronome marcado, favorecerá também, subsequente, esta mesma forma na estrutura da língua, como em [84], que segue.

[84] uma coisa que é muito importante é da forma que você tratar o primeiro você tem que tratar o último da mesma forma ... e o mesmo preço que você cobra num você tem que cobrar ... não visando classe ... nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ... INFCAM05IFA

Da mesma forma, podemos constatar a atuação do princípio da marcação com o grupo de fatores *Tipo de interlocução/referência*, que apontou a forma *tu* como mais frequente em *referência indireta* e *direta* a um indivíduo, com peso relativo de 0,849 e 0,688 respectivamente, referências estas, que conceituamos, pela adoção do princípio de marcação

de Givón (1995), como *não marcadas*, por fazerem alusão a um interlocutor de existência real, presente ou não no evento comunicativo, a quem se está referenciando, o que parece tornar o contexto comunicativo menos complexo, logo de menor *complexidade cognitiva*. Isso reforça o pensamento givoniano de que categorias menos ou mais marcadas, cognitivamente, tendem a ser, estruturalmente, menos ou mais marcadas.

Portanto, o falante opta pelo pronome *tu*, que, em relação a *você* e *o(a) senhor(a)*, é tido como menos marcado, pois estruturas não marcadas atraem formas não marcadas. Enquanto que *você*, pronome marcado, é frequente na referência *genérica*, cujo interlocutor não é de conhecimento especificado e/ou determinado pelo falante, comprovado pelo peso relativo de 0,680 para a referência genérica para um grupo e 0,662 para a referência genérica (*você* versus *tu*).

O uso deste tipo de discurso, ao que tudo orienta, tende a particularizar tais construções linguísticas com este tipo de forma pronominal. Então poderíamos associar o fato de o pronome *tu*, menos marcado na comunidade em estudo, ser favorecido por estes contextos discursivos de referência, que acreditamos compartilhar deste mesmo princípio de marcação, ou seja, constituir traço *não marcado*.

Outro contexto de aplicação do meta-princípio de marcação (GIVÓN, 1995), observado pelos dados percentuais obtidos nesta pesquisa, é o tipo de frase/entonação negativa favorecendo o emprego da forma *você*, com 0,685<sup>142</sup> de peso relativo e 47,1% de percentual. Se frases negativa e interrogativa são classificadas como mais marcadas, por serem menos frequentes na língua e apresentarem maior amplitude na estrutura oracional, justificamos então o emprego significativo da forma *você* no tipo frasal declarativo negativo, enquanto a frase declarativa afirmativa é não marcada nas línguas naturais, por ser mais frequente. As sentenças negativas são tidas como marcadas não somente pelo subprincípio da *distribuição de frequência*, já que menos frequentes, mas também pelo princípio da *complexidade estrutural e cognitiva*, pois, em comparação às exclamativas, interrogativas e declarativas, têm maior extensão fônica, resultante do acréscimo da partícula negativa. Quanto à *complexidade cognitiva*, vemos, assim como Othero (2007), que as sentenças negativas sempre pressupõem uma sentença afirmativa. Então, se, de fato, há sempre pressuposição nas frases negativas, logo são cognitivamente mais complexas.

Da mesma forma, atestamos o uso da forma *o(a) senhor(a)*<sup>143</sup> com mais proeminência e significância em contextos marcados, como nas frases interrogativas e

<sup>142</sup> Rodamos, para obtenção deste valor, *você* versus *tu* (valor de aplicação *você*).

<sup>143</sup> na rodada realizada entre *o(a) senhor(a)* versus *você* (valor de aplicação *o(a) senhor(a)*).

negativas, com peso relativo de 0,878 e 0,838, respectivamente. Dois motivos levam-nos a categorizar as frases interrogativas como marcadas, o primeiro porque nesse tipo de entonação frasal, o contorno prosódico é mais longo e ascendente, o que as torna mais complexas estruturalmente; o segundo diz respeito ao valor impositivo que tais tipos de frases possuem, como apontado por Givón (1995).

Se uma forma da língua pode ser marcada em um dado contexto de fala, e não em outro (cf. GIVÓN, 1995), então, na relação entre *você* e *o(a) senhor(a)*, este pode ser considerado mais marcado do que aquele, pois o pronome *você* possui frequência mais elevada do que *o(a) senhor(a)*.

Utilizando o princípio de marcação, considerando os critérios de *distribuição de frequência* e de *complexidade estrutural e cognitiva* do pronome *você*, averiguamos que este pronome também ocorre em contextos menos marcados, como o tipo de *fala própria e/ou discurso direto* que, em oposição ao *discurso de fala relatada*, é o mais *frequente*, por isso uma categoria menos marcada. Atribuímos ao discurso de *fala própria* o traço de não-marcado, pois o *discurso relatado* (de próprio falante ou de terceira pessoa), ao fazer menção ou referência ao discurso de outrem, de outra enunciação, ganha mais traços linguísticos estruturais, tornando-se mais complexo estruturalmente, pelo acréscimo de outros elementos que subsidiam a introdução do discurso de uma terceira pessoa, no discurso do próprio falante, como no exemplo [85], com discurso de fala própria, e [86], discurso de fala relatada.

[85] Débora ... você como aluna concorda com a fala do professor? INFCAM04IMB

[86] então todas as forças dela sempre tinha um ditado que ela dizia ... podem levar tudo o que você tiver ((mãe para o filho)) ... se eu deixasse pra vocês uma casa ... e um carro e uma série de outras coisas ... poderiam entrar roubar e levar tudo ... mas o conhecimento ninguém vai levar de vocês ... então ela sempre dizia isso ... e a preocupação dela que desde pequena era ler ... ela dizia pra mim assim ... quando eu era menor ... você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escreve errado. INFCAM08IFB

Se por um lado, *você* é menos marcado em relação a *o(a) senhor(a)*, por ter menor complexidade estrutural, por outro a forma *o(a) senhor(a)* é marcada e aparece em contextos de maior complexidade estrutural, como em situações discursivas de fala reportada e/ou discurso indireto relatado, pois a introdução da informação, da qual o falante não é autor ou responsável, no seu discurso, gera mais argumentos para a sentença.

### 6.3 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, constatamos, através da análise dos resultados, a variação linguística existente entre as formas pronominais de segunda pessoa *tu/você/o(a) senhor(a)*, na fala dos moradores da zona urbana do município de Cametá, Nordeste do Pará. A variação pronominal foi confirmada pelo uso significativo, principalmente de *tu/você* na comunidade investigada, assim como pelos condicionadores linguísticos e sociais da variável analisada. Realizamos, primeiramente, uma análise de caráter quantitativo e descritivo, revelando a significação dos valores numéricos para a compreensão do comportamento variável entre *tu/você/o(a) senhor(a)*. Nesta análise primeira, confrontamos nossos resultados aos de pesquisas já realizadas no Brasil, que abordam o mesmo tema, apontando, principalmente, as semelhanças existentes entre os resultados.

A partir das três rodadas binárias *tu* versus *você*, *tu* versus *o(a) senhor(a)* e *você* versus *o(a) senhor(a)*, destacamos os fatores linguísticos e sociais significativamente expressivos para explicar a variação linguística entre tais formas. Para cada uma dessas rodadas binárias, apresentamos e discutimos brevemente os grupos de fatores descartados pelo GOLDVARB, haja vista acreditarmos que, mesmo nos percentuais, há importantes informações sobre o fenômeno investigado.

Contíguo a esta análise, olhamos para os resultados, tomando como base a variação estilística da linguagem, observando atentamente para as diferentes relações sociais entre os interlocutores durante a situação comunicativa, e como estas relações interferem no uso dos pronomes *tu/você/o(a) senhor(a)*. Analisamos, também, a alternância entre tais formas de segunda pessoa, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação, voltando nosso olhar para a heterogeneidade e variabilidade linguística. Terminamos nossa análise com a aplicabilidade do princípio de marcação, ressaltando os grupos das variáveis independentes, tomados como categorias de análise, para explicar as formas pronominais marcadas e não-marcadas na fala dos cametaenses.

## 7 CONCLUSÕES

Nesta tese, procuramos descrever e analisar as formas de referência à segunda pessoa, em função de sujeito, usadas na linguagem oral dos falantes da cidade de Cameté-PA. Tínhamos como objetivo verificar até que ponto fatores intralinguísticos (*referência do pronome, estrutura do verbo, paralelismo estrutural, tipo de relato/discurso, tipo de frase/entonação, tempo discursivo verbal e tempo gramatical do verbo*) e fatores sociais (*faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero e relação social entre os interlocutores - simétrica e assimétrica*) influenciam no comportamento variável das formas pronominais de segunda pessoa: *tu, você* e *o(a) senhor(a)*.

Os resultados que foram apresentados anteriormente serviram como um retrato, do comportamento variável dos pronomes de segunda pessoa *tu, você e o(a) senhor(a)* na comunidade analisada considerando tanto fatores externos, tidos como socio-interacionais, e fatores internos ao sistema linguístico. Portanto, ao descrever o uso dos pronomes de segunda pessoa comprovamos que a forma *tu*, conservadora, é mais frequente na zona urbana de Cameté, como pronome em referência à segunda pessoa do discurso, mas que é usada em concorrência às variantes *você* e *o(a) senhor(a)*, principalmente com a forma pronominal *você*, embora as diferenças na frequência de uso entre esta e a forma *tu*, em termos percentuais tenham apresentado relevância significativa, 58.3% para *tu*, 34.5% para *você* e 7.2% para *o(a) senhor(a)*.

No primeiro capítulo, dedicado à introdução, delineamos nossa pesquisa: delimitamos o tema, apresentamos os objetivos, justificamos a escolha pelo tema e pela comunidade de fala investigada, apresentamos as vertentes teórico-metodológicas adotadas e mostramos como esta Tese encontra-se estruturada. No segundo capítulo, apresentamos um breve percurso histórico sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa - pessoais e os de tratamento - do Português brasileiro, assim como uma abordagem destes pronomes sob o ponto de vista tanto de Gramáticas tradicionais como de livros didáticos. Mostramos, também, os resultados de pesquisas de cunho variacionista realizadas sobre estes pronomes na variedade do Português brasileiro, de acordo com as regiões em que foram desenvolvidas. Acrescentado a isso, apresentamos o que nossa pesquisa trará como contribuição ao avanço nos estudos sobre as formas pronominais de segunda pessoa no Brasil.

O capítulo terceiro expôs a interface teórico-metodológica entre a Sociolinguística laboviana/variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006) e os princípios do funcionalismo (GIVÓN, 1995). Nosso objetivo com este casamento foi o de correlacionar a

alternância das formas de referência à segunda pessoa a diferentes motivações (morfofossintáticas, discursivas, sociais) e princípios funcionalistas, já que tais formas codificam intenções comunicativas dos falantes que as usam.

No quarto capítulo, focalizamos sobre a variação de estilos em uma comunidade de fala, com o intuito de controlar, para além de variáveis sociais (*faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero e relação social entre os interlocutores*) a intervenção do contexto social na variação linguística, pois acreditamos que as formas alternantes de referência à segunda pessoa sofrem motivações dos diferentes padrões estabelecidos pelas relações interpessoais e regras sociais estabelecidas durante as interações verbais. Considerar, portanto, a variação estilística da e na linguagem contribuiu para entendermos melhor como os diferentes estilos se relacionam com a alternância dos pronomes *tu, você* e *o(a) senhor(a)*.

No quinto capítulo, destinado aos procedimentos metodológicos, os quais guiaram os passos de nossa pesquisa, apresentamos a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística quantitativa, que subsidiou a análise dos resultados desta tese. Neste, apresentamos o envelope da variação o qual é composto pela variável dependente e por suas três variantes *tu, você* e *o(a) senhor(a)*, e pelos fatores independentes que motivam a ocorrência das formas pronominais em estudo, sempre conjugados a suas respectivas hipóteses. Delineamos, assim, o trilhar metodológico da pesquisa, descrevendo desde o processo de coleta dos dados, definição da natureza e técnicas utilizados na pesquisa, passando pela contextualização sócio-histórico-cultural da cidade de Cameté, por considerarmos que a comunidade de fala pesquisada pode manifestar correlações significativas com os traços linguísticos por ela adotada. E por fim descrevemos o programa estatístico GOLDVARB que subsidiou o processamento dos dados e nos permitiu chegarmos a resultados significativos através de nossos dados.

No programa GOLDVARB, realizamos primeiro uma rodada geral entre as 03 (três) variantes: *tu versus você versus o(a) senhor(a)*, até o arquivo de células, no *Cell*, e adotamos a variante *tu* como valor de aplicação. Pretendíamos, com esta rodada, obter o resultado geral de frequência e percentual das ocorrências pronominais de segunda pessoa no *corpus* analisado. Posterior a esta rodada preliminar, realizamos 03 (três) rodadas binárias, para cada rodada, utilizamos uma das variantes como valor de aplicação: *tu versus você* (*tu*), *tu versus o(a) senhor(a)* (*tu*) e *você versus o(a) senhor(a)* (*você*). Nessas três rodadas, chegamos a etapa final do programa, a qual nos gerou, além dos níveis percentuais, os valores em peso relativo de significância de cada grupo de fator em comparação aos demais grupos.

Na primeira rodada, *tu versus você*, os fatores significantes foram 03 (três)

linguísticos/discursivos (internos) – *paralelismo estrutural, referência do pronome e tipo de frase/entonação* – e 03 (três) sociais ou extralinguísticos (externos) – *sexo/gênero, escolaridade e tipo de relação* entre os interlocutores. Ficou constatado, portanto, que a forma *tu* é mais frequente como não primeiro pronome da série, precedido por *tu*, em paralelismo, portanto sintático *tu – tu*. O ambiente mais propício para ocorrer é em frases *exclamativas* e pela *referência indireta/direta a um indivíduo*. É mais usado por falantes do ensino médio e do sexo/gênero masculino, também é mais recorrente nas interações socialmente simétricas. A partir destes resultados, notamos que a forma *tu*, considerada por nós como variante conservadora, foi a variante que demonstrou, no teste de significância maior frequência de uso, o que denota que o quadro pronominal de segunda pessoa na zona urbana do município de Cameté apresenta uma variação estável.

Na segunda rodada, *tu* versus *o(a) senhor(a)*, tivemos 04 (quatro) fatores selecionados como relevantes pelo Goldvarb, 02 (dois) linguísticos – *paralelismo estrutural e tipo de frase* - e (02) dois fatores sociais: faixa etária e sexo/gênero do informante. Observamos, assim, que na relação entre *tu* e *o(a) senhor(a)*, o uso da forma *tu* é motivado quando não primeiro da série, precedido por *tu* ou *você* e por frase exclamativa e declarativa negativa, e é falado principalmente pelos mais jovens (21 a 29 anos) e pelo sexo/gênero masculino.

Na última rodada *você* versus *o(a) senhor(a)*, em que comparamos os dois pronomes de menor uso na comunidade investigada, em função de não termos muitas ocorrências para a forma *o(a) senhor*, pois totalizaram apenas 38 no *corpus*, esta rodada sofreu inúmeros *nocautes*, como também a retirada da rodada do fator *tipo de relação entre os interlocutores*. Desta forma, tivemos apenas 03 (três) fatores selecionados pelos Goldvarb, e todos de cunho linguístico: *paralelismo estrutural, referência do pronome e tipo de relato*. Observamos, de acordo com o princípio do *processamento paralelo*, que um primeiro uso de *você* pode gerar efeito significativo na escolha dessa forma pronominal subsequente na mesma sentença. Também verificamos que *você* ocorre com maior frequência em *referência indireta a um interlocutor ou grupo* indeterminado no ato comunicativo ou de denotação genérica e na *fala própria/discurso direto*.

Em relação à interferência dos diferentes estilos no uso destas formas, constatamos que a alternância entre *tu/você/o(a) senhor(a)* não é motivada, simplesmente pelos traços sociais do falante, mas pela relação destes ao status social dos interlocutores e às relações interpessoais (solidárias ou assimétricas) estabelecidas entre o falante e seu interlocutor. Logo, existe significação social no contexto discursivo de uso destes pronomes, o que pode



ser legitimado pelo uso significativo de *tu* (rodada binária entre tu versus você) de 0,603 de peso relativo nas relações simétricas, e de 0,104 de peso relativo, nas relações assimétricas - de inferior para superior, e de 0,246 de peso relativo nas relações sociais de superior para inferior. Enquanto que a forma *você* (rodada binária entre você versus tu) é mais assídua em relações de fala assimétricas, comprovado este uso, por meio do peso relativo de 0,896 para as relações entre inferior/superior, de 0,754 de peso relativo para as relações de superior/inferior, e em relações de cunho simétrico, a forma *você* apresentou-se pouco usual, com peso relativo de 0,397.

Portanto, o emprego de tais pronomes é regido por contextos de uso diferenciados e por isso significativos, na medida em que *tu* é mais frequente em contexto de simetria social e *você* em situações comunicativos assimétricas. Levando-nos a depreender que o falante adéqua seu estilo, por meio do uso de tais pronomes, ao status de seu interlocutor.

No que tange ao casamento entre os pressupostos teóricos da Sociolinguística e os do Funcionalismo, verificamos correlação entre a frequência de uso de *tu/você/o(a) senhor(a)* e os princípios de marcação de Givón (1993), pois aplicando tal princípio à frequência de uso de tais pronomes, concluímos que o pronome *tu*, em contextos de competição com *você/o(a) senhor(a)*, caracteriza-se como forma *menos marcada* do que estas, pois pelo princípio de *distribuição de frequência* é mais frequente que *você/o(a) senhor(a)*, atestado na rodada geral *tu/você/o(a) senhor(a)*, 58.3% (*tu*), 34.5% (*você*) e 7.2% (*o(a) senhor(a)*).

O traço *menos marcado* de *tu* é evidenciado pela ocorrência deste pronome em contextos de uso menos marcado como em *estruturas paralelas tu-tu* e no tipo de *referência específica direta e indireta* a um interlocutor, categorias consideradas de menor complexidade cognitiva, o que evidencia que categorias menos marcadas são influenciadas a preencherem contextos estruturais menos marcados. Por outro lado, os pronomes *você* e *o(a) senhor(a)*, formas *marcados*, aparecem com maior significância, em contextos mais marcados. A forma *você* apresenta-se mais regular em contextos como: referência *genérica a um interlocutor* e referência genérica a um *um grupo* e em *frase/entonação negativa*, contextos estruturalmente marcados, pela menor frequência na fala e maior complexidade cognitiva e estrutural de compreensão. De forma semelhante também ocorre com a forma *o(a) senhor(a)*, mais constante em frases do tipo *interrogativa* e *negativa* e em contextos discursivos de *fala reportada e/ou discurso indireto relatado*, construções estas, estruturalmente complexas.

Nesta pesquisa optamos pelo estudo das formas de segunda pessoa *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)*, a partir de dados oriundos da interação entre informante-base e mais três interlocutores, em grupos focais que representam uma comunidade de prática de cunho

*profissional*. Aspirávamos verificar nesta, pelo prisma das relações semânticas de poder e solidariedade, o uso diferenciado destes pronomes, e como estas relações sociopessoais interfeririam na variação estilística, a nível de formalidade e informalidade do discurso. É claro, esta foi uma decisão teórico-metodológica, que atendia aos objetivos da pesquisa. Porém, esta metodologia, pode avançar, em pesquisas posteriores, para a coleta de dados que não restrinja a percepção do uso de tais pronomes somente a uma rede de relações - a profissional, e sim a dinâmica interacional do falante, nas mais diversas situações comunicativas, em diferentes redes sociais de relacionamento, levando a perceber outras nuances entre contextos formais e informais de comunicação. Assim como a análise das formas pronominais pode ser estendida a fala de todos(as) os membros participantes da interação, não somente de um interlocutor-informante-base, como o priorizado por esta pesquisa.

Outrossim, trabalhos futuros podem ampliar o estudo sobre a interferência das relações sociais no uso de *tu, você e o(a) senhor(a)*, a partir da inclusão e aprofundamento das relações de intimidade/proximidade afetivas entre os interlocutores, já que nesta tese, observamos somente relações sociais de poder e solidariedade instituídas na fala, por meio do status social dos falantes. Logo, o trabalho mais enfático com diferentes redes sociais pode suscitar novas descobertas de aplicabilidade destes pronomes na fala cametaense, diferentes dos achados por esta pesquisa. Acreditamos que tais desdobramentos, e até mesmo inquietações, motivem trabalhos posteriores no âmbito dos estudos sociolinguísticos variacionistas. E que os resultados desta pesquisa contribuam para a ampliação e caracterização das formas de referencia à segunda pessoa no Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Adriana Lília Soares de. **A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2004.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. “**Tu e mais quantos?**” - A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário de. **Para uma Gramática Estrutural da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1971.
- BACKES, Dirce *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo: 2011; 35(4): 438-442.
- BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana. Andrade. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. **Revista Guavira Letras** (UFMS/Campus Três Lagoas), v. 13, p. 49-60, 2011.
- BELL, Alan. Language style as audience design. *In: Language in Society*. Cambridge Journals. v.13 (2), p. 145-204, jun. 1984. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org>> Acessado em: 02 jun. 2014.
- \_\_\_\_\_. Back in style: reworking audience design. *In: The anatomy of style shifting*. ECKERT, Penelope and RICKFORD, John R. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. 1960. The Pronouns of Power and Solidarity. *In: T. A. Sebeok, (ed.), Style in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, p. 253-276. Disponível em: <<http://mapageweb.umontreal.ca>> Acessado em: 04 jun. 2014.
- CALMON, Elba Nusa. **Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)**. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- CASSIQUE, Orlando. **Menina Bunita Minina... olhus esverdeados: estudo variacionista da nasalidade vocálica pré-tônica no português de Breves-PA**. 2002. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- CASTILHO, Ataliba de. **A língua falada no ensino do português**. 5. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do norte**. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- COSTA, Raquel Maria da Silva. **Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá-PA**. 2009. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2008.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTA, Eduardo. (Orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- De ANTONI, Clarissa. *et al.* **Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescente em situação de risco**. **Arquivos Brasileiro de Psicologia**, 2001; 53(2), 38-53.
- DIAS, Edilene Patrícia. **O uso do tu no português brasileiro falado**. 2007. 114 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Brasília, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2007.
- ECKERT, Penelope. **Three Waves of Variation Study**: The emergence of meaning in the study of variation. Stanford University. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>. Acessado em: 04/07/2015.
- \_\_\_\_\_. The whole woman: Sex and gender differences in variation. In: **Language Variation and Change**. Cambridge University Press 1 (1989), 1990. 245-267. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>. Acessado em: 04/12/2015.
- FONTAINE, Jacqueline. **O círculo linguístico de Praga**. Trad. João Pedro Mendes. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- FRANCESCHINI, Lucelene. O uso dos pronomes pessoais tu/você em Concórdia – SC. In: Congresso Internacional da Abralín, 7, 2011, Curitiba. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**, Curitiba, 2011. p. 2612-2620. Disponível em: <http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011>. Acessado em: 08/04/2012.
- FRANCESCHINI, Lucelene Teresina; Loremi LOREGIAN-PENKAL. A Variável Sexo/Gênero e o Uso de Tu/Você no Sul do Brasil. **SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina**, n. 18/1, p. 182-205, jun. 2015. Disponível em: [www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/). Acessado: 28/04/2014.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 917-944, 2012. Disponível em:

www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3. Acessado: 24/12/2014.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a Functional-Typological Introduction**. V. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_. **Syntax: a Functional-Typological Introduction**. V.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

\_\_\_\_\_. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. *In: English Grammar: a functional-based introduction*. v. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1993.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

\_\_\_\_\_. "Markedness as meta-iconicity: distributional and cognitive correlates of syntactic structure." *In: Givón, T. Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 25-69.

\_\_\_\_\_. The functional approach to language and the typological approach to grammar. *In: Syntax – an introduction*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Tatiane de Araújo Almeida Studart. **TU É DOIDO, MACHO!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. **Tu e Você em uma perspectiva intra-linguística**. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2006.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. *In: TRAUGOTT E.C.; HEINE B.* (eds). **Approches to Grammaticalization**. Amsterdam/ Philadélfia: John Benjamins Publishing Co, 1991.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, EDUC, 1997.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **Word**, n.19, p.273-309, 1963.

\_\_\_\_\_. Estágios na aquisição do inglês standard. *In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. F.* (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

\_\_\_\_\_. Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, v. 44, 1978.

\_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, W. O.; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

\_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**. Cambridge: Mouton, 1991.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style shifting. ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**. Social Factors: v. 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

\_\_\_\_\_. **Quantitative Reasoning in Linguistics**. Disponível em <http://www.ling.openn.edu/~wlabov/papers/QRL.pdf>. Acessado em: 27/06/2012.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. Center for Applied Linguistics. 2nd ed. Cambridge University Press, [1966], 2006. p. 03-86.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, v. 7, n. 2, August, 1978, p. 171-182. Disponível em:

LOPES, Edward. **A Identidade e a Diferença**: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. 2004. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, 2004.

\_\_\_\_\_. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem Variacionista. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 362-367, 2005. [ 363 / 367 ] 2005.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 139 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura Morfo-sintática do português**: aplicação do estruturalismo linguístico. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, . v. 02. Série D - Humanidades, 1970.

MARCONI, Marina de; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. – 6. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.

MATEUS, Mira Helena *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5ª Ed. Revista e ampliada. Lisboa: Caminho, 2003.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Work. paper. linguística.**, 10 (2), p. 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/>. Acessado em: 16/02/2013.

MENDES, Eliana A. de M. Você, o senhor, ou o quê? *In: Linguagem & Ensino*. Pelotas (RS), 1998, v. 1, nº 1, p. 135-150.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Letras, Curitiba, n. 44, p. 91-106. 1995. Editora da UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19069/12374>. Acessado em: 04/04/2012.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. *In: VANDRESEN, Paulino (org.). Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Notícias de estudos realizados sobre as formas de tratamento no português brasileiro. **Revista Letra Magna** - Ano 02- n.02 - 1º Semestre de 2005. Disponível em: <http://www.letramagna.com/estudostratamento>. Acessado em: 02 de jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos-SP**. Revista Letra Magna - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 04 n.07 - 2o Semestre de 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com>. Acessado em: 12 de Dez. 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia do Português**. Fortaleza: edições UFC – PROED, 1986.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 15 ed. São Paulo: Editora Spicione, 1997.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 2013. 135 f. Dissertação apresentada ao Programa de

Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. **Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA**. Salvador, 2007.

OTHERO, Gabriel de Ávila. A negação nas línguas: um universal linguístico. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. v. VI, n XXIII, out-dez, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. Variação e especificidades funcionais no domínio da causalidade. **Rev. Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 89-108, jul./dez. 1998.

PAREDES SILVA. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Rev. Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 121-138, jul./dez. 1998.

PERES, Edenize P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estatuto em tempo aparente e tempo real. 2006. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIRES, R. de Oliveira. Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. especial, 1999.

POMPEU, José Danúzio Pinto. **Evolução Territorial e Urbano do Município de Cametá – Estado do Pará** – Coleção Novo Tempo Cabano, v. 1, Cametá-Pará, 2002.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William, (eds.) **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMOS, Jânia Martins. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval da (org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa (PB): Idéia, 1997, pp. 43-60.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989.

REIS, Mariléia Silva dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. 2003. 212 f. Tese de doutorado/Linguística. Florianópolis: UFSC, 2003.

RESSEL, Lúcia Beatrizet *et al.* **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. Texto Contexto, Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17 (4): 779-86.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX**. **TODAS AS LETRAS R**, v. 13, n. 2, 2011. p. 115-126.



Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/4013/3204>.  
Acessado em: 08/09/2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Eric. 2005. **Goldvarb X – A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics.

SANTOS, Viviane Maia dos. A constituição de corpora orais para a análise das formas de tratamento. *In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 9, 2010, Palhoça, SC. RAUEN, Fábio José (Org.). **Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC**, Ed. da Unisul, 2010. p. 1-10. Palhoça, SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. Disponível em [http://www.celsul.org.br/Encontros/09\\_index.htm](http://www.celsul.org.br/Encontros/09_index.htm). Acesso em: 20/05/2012.

\_\_\_\_\_. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito. *In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 15, 2011, Rio de Janeiro. **Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia** (Tomo 1), v. 15, n. 4. p. 44-63. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

\_\_\_\_\_. "**Tu vai para onde?... Você vai para onde?**": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012. Viviane Maia dos Santos. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 555f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

\_\_\_\_\_; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro**. Projeto submetido ao CNPq. UFES/UnB: 2011.

\_\_\_\_\_. *et al.* SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. **Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora**, 2009.

SILVA, Paulo J. Barbosa da. **O impacto social da instalação da 16a brigada de infantaria de selva a partir de relatos orais de moradores**. Relatório Final de Bolsa do PROFIC/UEA, 2009.

SOARES, Izabel Cristina. Rodrigues; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. **MOARA-revista do curso de mestrado Letras-UFPA**, Belém-PA, n.1, p. 27-64, mar./set. 1993.

SOARES AMORA. **Dicionário da língua portuguesa**. 19<sup>a</sup>. São Paulo: Saraiva, 2009.

SOARES, Maria Elias. **As formas de tratamento nas interações comunicativas**: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. 1980. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de pós-graduação em Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1980.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome *você*. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 115-124, 1996.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. de Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**. 1977. p. 29-58.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**. A brief introduction – V April 15, 2015. Disponível em: <http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>. Acessado em: 05/01/

## Apêndice A - Modelo do Termo de Consentimento para os informantes

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Em duas vias, firmado por cada participante/voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa de caráter científico. Meu nome é RAQUEL MARIA DA SILVA COSTA, aluno do curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará PPGL, Mestre em Linguística, pela Universidade Federal do Pará e professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará. Gostaria de contar com sua participação, como colaborador(a) em minha pesquisa. Sua participação é importante, todavia você não deve participar contra sua vontade. Portanto, leia atentamente as informações seguintes e faça todos os questionamentos que desejar, a fim de que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Para participar da pesquisa você deve aprovar a utilização dos dados de sua fala anteriormente gravados, acrescento que tais informações sonoras serão utilizadas para fins eminentemente acadêmico-científico a fim de que se possa analisar e caracterizar a fala cametaense.

Esclarecemos que o(a) participante-colaborador (a) pode se desligar ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem prejuízos ou penalidades. Torna-se relevante salientar que sua identidade será preservada e que as informações colhidas por meio de sua participação serão divulgadas cientificamente.

Endereço da responsável pela pesquisa:

**Nome:** Raquel Maria da Silva Costa

**Instituição:** Universidade Federal do Ceará

**Endereço Residencial:** Travessa Paulo Nogueira, 255, Bairro Matinha. Cametá – Pará.

**Telefones p/contato:** (91) 8190-3192

**ATENÇÃO**

**Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:**

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará**

**Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL**

**Rua Coronel Nunes de Melo, 1127**

**CEP: 60.0120-181 – Fortaleza – CE**

**Telefone: (85) 3366-8344**

**E-mail: [comepe@ufc.br](mailto:comepe@ufc.br)**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO OU  
DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO  
PARTICIPANTE**

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que foi me informado sobre minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso EU DOU MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

<p>_____</p> <p>Assinatura ou digital do(a) voluntário(a) ou responsável legal portador da cédula de identidade</p> <p>_____</p> <p>No do RG. do Voluntário</p> <p>_____</p> <p>Testemunha</p>	<p>_____</p> <p>Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo</p> <p>_____</p> <p>Nome do profissional que aplicou o TCLE</p>
--	--

**DADOS DO VOLUNTÁRIO**

**NOME:**

**ENDEREÇO:**

**CONTATO:**

## Apêndice B - Questionários elaborados para a realização das entrevistas com os grupos focais<sup>144</sup>

### 01 -Tema da pesquisa - ascensão social versus escolaridade

Informante-base: Bancário

**BLOCO INICIAL** – Cada participante fala um pouco sobre a sua historia de vida. Nesse momento os outros participantes podem intervir caso tenham duvidas sobre algum ponto da exposição do colega, perguntando diretamente ao outro sobre sua duvida.

#### **BLOCO 01** - Profissão versus status social versus escolaridade

1. Como se define o status social?
2. A relação entre escolaridade e status social?
3. Que importância a sociedade atribui às pessoas de status social mais elevado em nossa comunidade (pergunta ao informante-base do entrevistador)
4. Como a pessoa se vê socialmente, pela profissão que exerce, em nível de status social? (A pessoa da relação simétrica pergunta ao informante-base)
5. Como a pessoa se vê socialmente, pela profissão que exerce, em nível de status social? (informante-base pergunta a cada um dos participantes da interação, dirigindo-se a cada pessoa)
6. Qual participante no grupo possui maior status social, a partir do ponto de vista de cada um. Por quê? (O informante-base pergunta a cada um dos participantes da interação, dirigindo-se a cada pessoa)
7. Qual participante no grupo possui maior status social, a partir do ponto de vista de cada um. Por quê? (Pergunta do entrevistador ao informante-base)
8. Se o participante (pergunta feita pelo informante-base a qualquer entrevistado que faça parte da relação assimétrica 02) sente diferenciação na forma de tratamento das pessoas com ele, pela profissão que exerce, em relação a outras profissões consideradas de status social mais elevado?
9. Se aqui cada um fosse se referir ao outro para falar algo, que forma de referência a partir do uso do seu dia seria usada? (Pergunta do entrevistador a todos). (Cada um fala, em relação direta ao outro participante, de modo que todos se refiram a todos)
10. Houve mudanças na minha personalidade quando em comecei a trabalhar no Banco (no caso se for bancário, mas se exercer outra profissão adapta a outra profissão - político, empresário, médico). (essa pergunta deverá ser feita pelo informante-base a pessoa da relação simétrica/íntima)

#### **BLOCO 02** - Relação no trabalho

1. Como cada um se vê e sente diante do tema de nossa conversa, de sua profissão e das questões aqui discutidas? (Pergunta do entrevistador para todos os participantes. Todos devem responder)
2. Como é visto um (bancário, político, médico, empresário- (isso dependerá da profissão do informante-base) (pergunta que o informante-base deverá fazer para o participante da relação assimétrica 01)
3. Os bancários, médico, políticos foram eleitos (numa primeira pesquisa que fiz) como os

<sup>144</sup> Ressalta-se que os questionários possuem temas diferentes em virtude da profissão dos informantes-base.

profissionais da sociedade cametaense de maior status social? A que se deve essa atribuição a esses profissionais que fazem parte dessas classes? (Pergunta dirigida primeiro ao informante-base, depois dirigida a todos, sendo que todos devem responder)

4. O clima de trabalho entre os funcionários do banco (ou supermercado, loja, hospital etc), parece sempre muito pacífico? A que se deve isso? Como é construído essa relação? (Pergunta do entrevistador para todos os participantes. Todos devem responder). No final da fala, o entrevistador pergunta se todos estão de acordo com as respostas dadas. OBSERVAÇÃO: essa pergunta deverá somente ser feita, se mais de um participante compartilharem o mesmo local de trabalho)

5. Há situações já vivenciadas que os favoreceram por exercerem a profissão que exercem. Podem nos relatar (Todos deverão responder a esse questionamento)

6. As pessoas os veem diferente, por trabalharem, no local onde trabalham? Isso do ponto de vista de cada um, o diferencia das outras pessoas (Essa pergunta deverá ser feita pelo informante-base a pessoa da relação assimétrica 01 e da relação assimétrica 02 e da relação simétrica). E um participante da conversa faz a mesma pergunta ao informante-base)

### **BLOCO 03 - Perguntas de cunho pessoal e profissional**

1. Todos são felizes e satisfeitos na profissão que exercem?
2. Se tivessem oportunidade, mudariam de profissão? Por quê?
3. Recebem o merecimento e significação social que possuem?
4. O que dizem sobre o seu trabalho?

### **BLOCO 04 - apreciação sobre a pesquisa**

1. O que acharam das perguntas aqui realizadas?
2. O que acharam sobre o tema da pesquisa? Poderiam comentar para nos?
3. O que tem a dizer para o colega que conversou, debateu com vocês?
4. Poderiam apontar os pontos positivos e negativos dessa pesquisa

### **Agradecimentos por parte da equipe.**

## **02 - Tema da pesquisa - Ascensão social Social versus Escolaridade**

Informante-base: Empresário

**BLOCO INICIAL** – Cada participante fala um pouco sobre a sua história de vida. Nesse momento os outros participantes podem intervir caso tenham dúvidas sobre algum ponto da exposição do colega, perguntando diretamente ao outro sobre sua dúvida

**BLOCO 01** - Cada membro da interação a partir do tema dado a ele, faz uma pergunta ao Informante-base

1. Como se tornou comerciante?
2. Há quantos anos atua nesse ramo?
3. Por que escolheu esse ramo?
4. O que mais gosta na sua profissão?
5. O que menos agrada na profissão?

**BLOCO 02** - questão para ser debatida entre todos os participantes

1. "O empresário é uma pessoa que se fez dentro da sociedade, portanto é um ser social e não individual."
2. "O que define uma pessoa bem-sucedida?"
3. "Qual o caminho mais eficaz de se obter sucesso no comércio?"
4. "o sucesso social nem sempre depende do nível elevado de escolarização"

OBSERVAÇÃO: O entrevistador, ao término da fala de cada participante, deve instigar o outro a se posicionar contra ou a favor à opinião do colega

**BLOCO 03** - o informante-base pergunta a cada participante da interação

1. A importância de um empresário socialmente (o informante-base faz a pergunta para qualquer um dos participantes);
2. em termos de status social como o empresário é visto nesta sociedade? (O informante-base faz a pergunta para outro participantes);
3. A importância de um empresário socialmente (Que importância é atribuída às pessoas de status social mais elevado em nossa comunidade?) (a pessoa da relação simétrica que faz esta pergunta);
4. Como se define o status social?

**BLOCO 04** - todos perguntam entre si

1. O que diria para o pai ou a mãe que deseja preparar seu filho para a vida profissional? (um dos participantes pergunta o que ele acha dessa importância). (Relação assimétrica 02)
2. Como se define o status social? (Relação assimétrica 01)
3. Como o status social é adquirido? E no caso da nossa comunidade cametaense, como uma pessoa adquirir status?? (O entrevistador pergunta ao informante-base)
4. Você acha que tenho status social?? Por quê?? (O informante-base pergunta para o participante da Relação assimétrica 01)
5. O status social está relacionado ao grau de escolaridade? (O entrevistador pergunta ao informante-base)
6. O sucesso do filho de um empresário bem-sucedido depende mais do jovem ou do comportamento do pai? (O informante da Relação Simétrica pergunta ao informante-base)
7. Qual dos participantes desta pesquisa possuem maior status social? Por quê? (pergunta do entrevistador para todos do grupo).
8. Se aqui cada um de vocês fossem se relacionar com o outro numa conversa, como cada um se relacionaria, em termos de tratamento. Por quê? (Que forma para se referir à pessoa seria usada. Ex: parente, você, o senhor(a), tu, sumano etc. O documentador sem mencionar tais pronomes motiva a todos(as), a falarem como tratariam pessoalmente cada um dos participantes

**BLOCO 05** - Todas feitas ao informante-base

1. Como ele acredita que contribui para a sociedade cametaense
2. Há investimentos em relação a cursos de relacionamento humano para os funcionários? Por quê?
3. A sociedade depende dele de alguma forma
4. Interferirá na escolha da profissão dos filhos
5. Deixa a palavra livre/aberta para todos falarem o que desejarem, as críticas, pontos



positivos e apreciações sobre a pesquisa aqui desenvolvida.

## **Agradecimentos**

### **03 - Tema da pesquisa - O Magistério**

Informante-base: Professores com nível médio

**BLOCO INICIAL** – cada participante fala um pouco sobre a sua história de vida. Nesse momento os outros participantes podem intervir caso tenham dúvidas sobre algum ponto da falação do colega, perguntando diretamente ao outro sobre sua dúvida.

#### **BLOCO 01 – QUESTAO PARA DEBATE**

**QUESTAO 02** - “Tem-se ouvido falar sobre a extinção do professor. Não creio. Apesar de tudo, todas as profissões precisam passar pelas suas mãos. Podemos ter as melhores máquinas à nossa disposição, mas nada substitui o olhar atento, a fala que acolhe, a interferência oportuna do professor. A história da humanidade conta com pensadores, pesquisadores, filósofos, que foram essenciais na difusão do conhecimento. Foram grandes mestres. Professor, portanto, é uma profissão do passado, do presente e do futuro”.

**QUESTAO 02** - “Nos lares, atualmente, o que se vê são crianças abandonadas, em função de uma sociedade consumista onde a busca pelo poder aquisitivo fala mais alto que os valores morais e éticos, assim pais saem para buscar desesperadamente o dinheiro para dar mais e mais bens materiais, enquanto seus filhos ficam em companhia da televisão, da internet, nos jogos eletrônicos. Esse professor então necessita ser pai, mãe, educador, recreador, amigo, profissional, psicólogo, muitas vezes mágico, para fazer simplesmente o que a sociedade toda espera dele, mediar o conhecimento até seus problemáticos, carentes, violentos, tímidos, desligados ... seus alunos”.

**QUESTAO 03** - Análises feitas reforçam a ideia de que é a qualidade do relacionamento professor-aluno que torna o processo educativo e a escola significativos para o educando, e não outros aspectos, como por exemplo métodos e técnicas interessantes, atividades extraclasse variadas, etc.

**QUESTAO 04** - eficácia do processo educativo centra-se no professor: seus conhecimentos, suas habilidades e suas atitudes em relação ao aluno a quem deve motivar.

OBS.: Todos os participantes devem ser instigados a participar

#### **BLOCO 02** - Todos perguntam entre si

1. O papel da escola no mundo contemporâneo? (O professor/informante-base pergunta ao aluno)
2. Os alunos estão entendendo o sentido da educação para a vida deles? (O professor/informante-base para o da relação simétrica)
3. Os alunos estão entendendo o sentido da educação para a vida deles? (O informante-base, faz a mesma pergunta ao colega de trabalho)
4. A escola de hoje é mesma das décadas passadas (O informante-base pergunta a alguém da relação assimétrica 01)?

5. Como deve ser a aula do professor pra atrair a atenção do aluno ?(O professor/informante-base pergunta ao aluno)?
6. Denise Caballero da Silva - Diante da realidade vivenciada atualmente em sala de aula, podemos afirmar que a função do professor ultrapassa os muros da escola. Nos questionamos então, qual é realmente a função social da escola, atualmente? (Pergunta dirigida ao informante-base)
7. O papel da profissão de professor gera polêmica, através das intensas ameaças, que muitas vezes recebe dos alunos em sala de aula. Então seria o professor vítima ou protagonista da sala de aula? (Relação assimétrica 01 que faz a pergunta ao informante-base)

### **BLOCO 03-** Profissional e pessoal

1. Há um papel que antecede o exercício de qualquer profissional: o da auto crítica. E há uma parcela de docentes que estão tomados por um desânimo diante das dificuldades enfrentadas nas escolas, mas que há um certo descaso em relação à atualização de seus métodos de ensino. (Dá-se a pergunta a todos e todos a partir da frase acima elaboram uma pergunta ao professor).
2. Após ao término da resposta do professor-informante-base, este pode fazer perguntas referente a frase acima para seus interactantes, colocando seu ponto de vista
3. A importância do professor para a sociedade cametaense e como um todo? (o informante-base a partir dessa frase, elabora uma fala ou pergunta para cada membro participante da interação)
4. Pede-se para o informante-base expor como se vê e que importância ele se atribui a partir de sua profissão e papel desempenhado socialmente.

**BLOCO 04** – todos podem comentar sobre o debate, falando a importância do professor para a sociedade, como se sentiu durante a conversação e o que tem a dizer a respeito da entrevista, apontando os pontos positivos e negativos.

### **ULTIMO BLOCO**

1. Pesquisador agradece a participação e disponibilidade na realização da pesquisa a todos
2. Dá-se a palavra a todos para falarem sobre o tema da pesquisa, os pontos positivos e os negativos e deixa-se a palavra aberta. Incentiva-se todos a falarem

### **04 -Tema da pesquisa - O preconceito linguístico através da linguagem do funk e brega (gêneros musicais brasileiros)**

**INFORMANTE-BASE:** Estudantes Universitários (sugestões pedagogia, matemática, língua inglesa)

**BLOCO INICIAL** – cada participante fala um pouco sobre a sua historia de vida. Nesse momento os outros participantes podem intervir caso tenham duvidas sobre algum ponto da falação do colega, perguntando diretamente ao outro sobre sua duvida.

**BLOCO 01** - Pergunta dirigida a todos(as) os participantes - o importante é que cada pessoa dei sua opinião e fale, dialogando com o outro. Os entrevistados não escolhem a primeira pessoa que ira responder, mas sim cada participante decide a ordem da sua resposta. Os

entrevistadores apenas motivam e orientam-o a responder. O importante aqui é que todos respondam a pergunta.

1. O brega e o funk faz parte da cultura popular?
2. Eles são um movimento popular vitimado pelo preconceito de uma classe dominante? Por quê?
3. Quem são os adeptos desse estilo musical?
4. A linguagem de suas músicas, e a coreografia delas sofrem críticas por parte de uma sociedade elitista e, em alguns casos, tentam anular socialmente os adeptos desses ritmos?

**BLOCO 02** - Cada participante escolhe uma pergunta e também um participante para dirigir a sua pergunta. A pergunta quem elabora o formato dela e o participante, o entrevistador apenas dá o tema da pergunta. Aqui todos os 4 devem perguntar entre si. No final há uma apreciação feita pelo coordenador/pesquisador pra ver se há consenso entre as perguntas e respostas

1. As letras do brega refletem marcas linguísticas peculiares de um grupo ou comunidade?
2. Como se percebe nas letras, por exemplo do brega, tais marcas linguísticas. É preciso que se mostrem através de exemplos, da linguagem presente em tais letras (palavrões, gírias, linguagem vulgar etc).
3. O funk incentiva nossos jovens a usar palavrões, já que usam tais termos em suas letras, como no trecho que segue

"Não olha pro lado, quem tá/passando é o bonde/Se ficar de caozada, a porrada come/ (MC BEYONCE, Fala mal de mim).

“Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba”

“Late mais alto que daqui eu não te escuto”

“O meu sensor de perigete explodiu”

“Pega sua inveja e vai pra ...” (Valeska)

4. O funk é uma linguagem popular, muitas vezes, vítima do preconceito linguístico e é encarado como um tabu. Preti (1984) declara que o linguajar vulgar está relacionado às classes mais baixas da sociedade, e o uso de palavrões funciona como uma válvula de escape diante do inconformismo social, visto que é revestido de humor trágico, agressividade e metáforas amargas.

**BLOCO 02** - O INFORMANTE-BASE FAZ PERGUNTAS PARA TODOS(AS). (as perguntas podem ser repetidas)

1. Há preconceito linguístico recaído sobre as letras das músicas do funk ? Por quê?
2. O que se entende sobre PRECONCEITO LINGUÍSTICO?
3. As pessoas que mais sofrem preconceito linguístico? Por que?
4. Há o preconceito linguístico, críticas das pessoas ao linguajar apresentado nas músicas como sendo de nível inferior? Por que há o preconceito linguístico nas letras das músicas de funk e brega, por exemplo?
5. “Há pessoas sem trabalho, sem saúde, mas há também milhões de brasileiros sem língua”. (BAGNO).

OBS: Os outros participantes da pesquisa escolhem, cada um, uma pergunta ou

questionamento para fazer ao informante-base, das quais foram feitas acima.

#### **4- BLOCO 03**

- 2- Coloca-se a seguinte questão para debate “há uma língua correta?
- 2- Se há qual e essa língua?
- 3- Por que há uma língua correta? E o que e uma língua errada?
- 4- Se há uma língua correta, por que há tanta variação na língua?? Que tipo de variação linguística já ouviram?
- 5- Alguém do grupo já sofreu preconceito linguístico? Pode explicar como se deu?
- 6- Já criticou alguém pelo modo de falar?
- 7- E como essa pessoa se sentiu?

## **Apêndice C – Enquete para a escolha dos profissionais de maior status social em Cametá-PA realizada pelo FACEBOOK**

Olá, tudo bem?!

Gostaria que vcs participassem de minha pesquisa sobre doutoramento, é rápido juro, vcs só precisam responder as perguntas abaixo. Feito isso, enviem para minha caixa de mensagem e não aqui no grupão, ok?!

Desde já, agradeço a todos(as) pela contribuição que com certeza é muito valiosa para minha pesquisa.

Ah, é não é preciso assinar o nome.

Abraço

Dados do Informante

Idade:

Sexo:

Curso:

Profissão:

1- Quais os profissionais que você considera de maior status social em seu bairro ou cidade?

( ) Padres

( ) Executivos

( ) Empresários (as) – donos (as) de supermercados, padarias, lojas de construção,

Magazines etc.

( ) Motoristas de táxi

( ) Motoristas de moto

( ) Engenheiros (as)

( ) Secretários (as)

( ) Médicos

( ) Mecânicos de automóvel

( ) Políticos

( ) Pastores

( ) Garis

- Professores
- Diretores
- Trabalhadores de Campo
- Bancários (as)
- Domésticas
- Estudantes do ensino médio
- Estudantes universitários
- Enfermeiros (as)
- Vendedores ambulantes
- Feirantes
- Guarda de trânsito
- Outros

---

---

---

2- Você definiu o profissional de maior status social pela sua importância na comunidade/bairro em que vive ou pelo seu poder aquisitivo?

**Apêndice D - Quadro dos profissionais eleitos como de maior status social em Cametá**

<b>MÉDICO</b>	<b>23</b>
<b>EMPRESÁRIOS (AS) – DONOS (AS) DE SUPERMERCADOS, PADARIAS, LOJAS DE CONSTRUÇÃO, MAGAZINES ETC.</b>	<b>22</b>
<b>PROFESSORES</b>	<b>18</b>
<b>BANCÁRIOS</b>	<b>12</b>
<b>POLÍTICOS</b>	<b>11</b>
<b>ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS</b>	<b>07</b>
FEIRANTES	05
ENGENHEIROS	05
PADRES	05
EXECUTIVOS	05
ENFERMEIROS	03
PASTORES	02
GARIS	02
MOTORISTAS DE MOTO	01
SECRETÁRIOS DE ESCOLAS	01
DIRETORES DE ESCOLAS	01
TRABALHADORES DE CAMPO	02
DOMÉSTICAS	01
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	01
VENDEDORES AMBULANTES	01
GUARDA DE TRÂNSITO	02
JUÍZES/PROMOTORES/DESEMBARGADORES <sup>145</sup>	01
COORDENADOR DE UNIVERSIDADE <sup>146</sup>	02
PADEIROS (QUEM FAZ O PÃO)	01
ADVOGADOS	01

<sup>145</sup> Não constavam na enquete para a escolha dos profissionais de maior status, como pode ser verificado no Apêndice C, porém um dos entrevistados acrescentou tais profissionais, por isso resolvemos mantê-los neste quadro.

<sup>146</sup> Este cargo comissionado não pertencia à enquete para a escolha dos profissionais de maior status, como pode ser verificado no Apêndice C, porém dois dos entrevistados acrescentaram tal profissional, por isso resolvemos mantê-los neste quadro.

## Apêndice E - Transcrições dos grupos de força que contêm a variável dependente em estudo

### INFCAM01IMA

(TgDQvUmXs1MA é estressante ... tu trabalhar com pessoas de diferentes idades ... de diferentes ... diferentes raças ... níveis sociais ... ( ) a pessoa tem que tá muito capacitado para trabalhar lá ... muito mesmo ... tais entendendo?! ... aí tu tu não ganha aquilo que tu deveria ganhar de acordo com a profissão que tu exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso

(TgNJvUaXk1MA é estressante ... tu trabalhar com pessoas de diferentes idades ... de diferentes ... diferentes raças ... níveis sociais ... ( ) a pessoa tem que tá muito capacitado para trabalhar lá ... muito mesmo ... tais entendendo?! ... aí tu tu não ganha aquilo que tu deveria ganhar de acordo com a profissão que tu exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso

(TgDJzhhXk1MA é estressante ... tu trabalhar com pessoas de diferentes idades ... de diferentes ... diferentes raças ... níveis sociais ... ( ) a pessoa tem que tá muito capacitado para trabalhar lá ... muito mesmo ... tais entendendo?! ... aí tu tu não ganha aquilo que tu deveria ganhar de acordo com a profissão que tu exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso

(TgDJvUaXk1MA é estressante ... tu trabalhar com pessoas de diferentes idades ... de diferentes ... diferentes raças ... níveis sociais ... ( ) a pessoa tem que tá muito capacitado para trabalhar lá ... muito mesmo ... tais entendendo?! ... aí tu tu não ganha aquilo que tu deveria ganhar de acordo com a profissão que tu exerce ... o bancário é ... o bancário ganha muito pouco ... muito perigoso

(TgDQLUaXk1MA alí em volta ... tu tá correndo risco ... tu tá ... ( ) ... tu corre o risco de pegar uma doença ... tu corre o risco de ... uma pessoa já aconteceu comigo de um cara querer me bater lá ... o cara já veio ... ( ) porque assim chegam pessoas estranhas tem pessoas calmas que vão lá tranquilas ... mas tem pessoas estressadinhas ... ( ) nós trabalhamos lá dentro ... dentro da norma ... trabalhamos no uso da norma ... porque se tu se estressar lá ... tu pode ser penalizado! ... e as pessoas que vão lá não ... elas querem que tu chegue até ((risos))...

(TgDJvUaXk1MA alí em volta ... tu tá correndo risco ... tu tá ... ( ) ... tu corre o risco de pegar uma doença ... tu corre o risco de ... uma pessoa já aconteceu comigo de um cara querer me bater lá ... o cara já veio ... ( ) porque assim chegam pessoas estranhas tem pessoas calmas que vão lá tranquilas ... mas tem pessoas estressadinhas

(TgDJvhtXk1MA alí em volta ... tu tá correndo risco ... tu tá ... ((omissões de trechos no mesmo turno)) mas tem pessoas estressadinhas ... ( ) nós trabalhamos lá dentro ... dentro da norma ... trabalhamos no uso da norma ... porque se tu se estressar lá ... tu pode ser penalizado! ... e as pessoas que vão lá não ... elas querem que tu chegue até ((risos))

(TgxJLhaXk1MA porque se tu se estressar lá ... tu pode ser penalizado! ... e as pessoas que vão lá não ... elas querem que tu chegue até ((risos)) ... fazer o impossível

(TgDJvUfXk1MA alí em volta ... tu tá correndo risco ... tu tá ... ((omissões de trechos no mesmo turno)) mas tem pessoas estressadinhas ... tu pode ser penalizado! ... e as pessoas que vão lá não ... elas querem que tu chegue até ((risos)) ... fazer o impossível ...

(TgDJvUfXk1MA que tu chegue até ((risos))... fazer o impossível ... aí muitas pessoas não têm isso ... chegam lá chegam querendo ... querendo ... que tu atenda eles de uma certa maneira ... ultrapassando normas que tu pode ser penalizado ... tais entendendo?! ... todo o risco de ... claro que todo trabalho tem risco ... mas ...

(TgDJLhaXk1MA que tu chegue até ((risos))... fazer o impossível ... aí muitas pessoas não têm isso ... chegam lá chegam querendo ... querendo ... que tu atenda eles de uma certa



maneira ... ultrapassando normas que tu pode ser penalizado ... tais entendendo?! ... todo o risco de ... claro que todo trabalho tem risco ... mas ... mas ali é uma coisa totalmente diferente tu tá correndo todos os riscos lá ... entendeu?!

(TgDJLUaXk1MA que tu chegue até ((risos))... fazer o impossível ... aí muitas pessoas não têm isso ... chegam lá chegam querendo ... querendo ... que tu atenda eles de uma certa maneira ... ultrapassando normas que tu pode ser penalizado ... tais entendendo?! ... todo o risco de ... claro que todo trabalho tem risco ... mas ... mas ali é uma coisa totalmente diferente tu tá correndo todos os riscos lá ... entendeu?! É uma profissão boa uma profissão que eu gosto ... ( ) trabalhar ... uma profissão assim tranquila ... eu acho que ... mas tu tá lá correndo todos esses riscos ...

(TgDJLUaXk1MA mas ... mas ali é uma coisa totalmente diferente tu tá correndo todos os riscos lá ... entendeu?! É uma profissão boa uma profissão que eu gosto ... ( ) trabalhar ... uma profissão assim tranquila ... eu acho que mas tu tá lá correndo todos esses riscos ... e as pessoas que vêm de fora não ... égua o cara o cara trabalha lá no ar condicionado (inclusive) trabalha com dinheiro ... sem nenhum esforço físico ... mas aqui tu tem ser ... aí ( ) tu tem que ser rápido e eficiente pra atender todo mundo de diferentes níveis que chegam lá ( )

(TgDJvUaXk1MA mas tu tá lá correndo todos esses riscos ... e as pessoas que vêm de fora não ... égua o cara o cara trabalha lá no ar condicionado (inclusive) trabalha com dinheiro ... sem nenhum esforço físico ... mas aqui tu tem ser ... aí ( ) tu tem que ser rápido e eficiente pra atender todo mundo de diferentes níveis que chegam lá ( )

(TgDJvUaXk1MA bom ... o que mais eu gosto na ... é ... é atender diferentes tipos de pessoas ... isso claro que isso aí ... tu tem ... tu tem que ter uma habilidade pra ti atender diferentes especificações ... atender diferentes necessidades ... ( ) eu gosto de trabalhar ... eu gosto de trabalhar ... é uma profissão é estressante é muito ... tu atende uma pessoa que que tá bem

(TgDJvUaXk1MA tu tem que ter uma habilidade pra ti atender diferentes especificações ... atender diferentes necessidades ... ( ) eu gosto de trabalhar ... eu gosto de trabalhar ... é uma profissão é estressante é muito ... tu atende uma pessoa que que tá bem

(TgDJvUaXk1MA eu gosto de trabalhar ... eu gosto de trabalhar ... é uma profissão é estressante é muito ... tu atende uma pessoa que que tá bem ... tu atende uma pessoa que ela tá ... ela tá estressada ...

(TgDJvUaXk1MA tá bem ... tu atende uma pessoa que ela tá ... ela tá estressada ... ela não acordou bem ... é tu atende pessoas de diferentes níveis ...

(TgDJvUaXk1MA é tu atende pessoas de diferentes níveis ... pessoas que nem falar direito não sabem falar ... ( ) tu ali dá prazer de ajudar a pessoa ( ) tu chega lá é bem atendida sai de lá com aquilo que veio buscar ... tais entendendo?!

(TgDJvUaXd1MA pessoas que nem falar direito não sabem falar ... ( ) tu ali dá prazer de ajudar a pessoa ( ) tu chega lá é bem atendida sai de lá com aquilo que veio buscar ... tais entendendo?! então é tu trabalhar com direito ... tu trabalhar com com os colegas de lá também ... com a família fechada unida

(TgDJvUmXd1MA pessoas que nem falar direito não sabem falar ... ( ) tu ali dá prazer de ajudar a pessoa ( ) tu chega lá é bem atendida sai de lá com aquilo que veio buscar ... tais entendendo?! então é tu trabalhar com direito ... tu trabalhar com com os colegas de lá também ... com a família fechada unida

(TgDJvUmXd1MA pessoas que nem falar direito não sabem falar ... ( ) tu ali dá prazer de ajudar a pessoa ( ) tu chega lá é bem atendida sai de lá com aquilo que veio buscar ... tais entendendo?! então é tu trabalhar com direito ... tu trabalhar com com os colegas de lá também ... com a família fechada unida

(TgNQvUaXk1MA vamos fechar uma família unida ( ) um apoiando o outro ... é um ajudando o outro ... eu não sei o que eu posso te ajudar tu não sabe que pode me ajudar ... ( )

pelo pelo apoio que os funcionários ( ) pela ajuda e também pelo trabalho que isso é muito gratificante tu é ... como tu sentir lá como fosse minha casa ... ela ela coloca pra gente ... é assim na casa de vocês ...

(TEDJvUmXk1MA tu não sabe que pode me ajudar ... ( ) pelo pelo apoio que os funcionários ( ) pela ajuda e também pelo trabalho que isso é muito gratificante tu é ... tu sentir lá como fosse minha casa ... ela ela coloca pra gente ... é assim na casa de vocês ...

(TgDJvUmXk1MA ... tu sentir lá como fosse minha casa ... ela ela coloca pra gente ... é assim na casa de vocês ... então eu não quero saber de briga eu não quero saber de intriga eu não quero saber de fofoca não quero saber nada disso ... vamos trabalhar pra gente construir um clima como se fosse um clima familiar fechado ... isso isso de forma égua muito positiva pra chegar ( ) as tuas metas ... e já os pontos negativos são os riscos que a profissão (ela assim) nos traz como por exemplo ... tu trabalhar no caixa (tu pega no dinheiro) tu trabalhar com diferentes pessoas tu pode pegar uma depressão ... tu pode pegar uma lesão por esforço repetitivo ...

(TgDJvUmXk1MA tu trabalhar no caixa (tu pega no dinheiro) tu trabalhar com diferentes pessoas tu pode pegar uma depressão ...

(TgDJzhaXk1MA tu trabalhar no caixa (tu pega no dinheiro) tu trabalhar com diferentes pessoas tu pode pegar uma depressão ... tu pode pegar uma lesão por esforço repetitivo

(TgDJzhaXk1MA tu trabalhar com diferentes pessoas tu pode pegar uma depressão ... tu pode pegar uma lesão por esforço repetitivo ... tu pode ser assaltado ... ..

(TgDJLhaXk1MA tu pode pegar uma lesão por esforço repetitivo ... tu pode ser assaltado ... tu pode ... pode alguém lá querer te agredir ... tu pode é ... é é num caso uma doença ...

(TgDJLhaXk1MA tu pode pegar uma lesão por esforço repetitivo ... tu pode ser assaltado ... tu pode ... pode alguém lá querer te agredir ... tu pode é ... é é num caso uma doença ...

(TEDJvPbXk1MA é as amizades construídas com os clientes ... é como as pessoas te te veem depois que tu tu que tu entrou pra trabalhar na instituição na area bancária ... assim é uma coisa extraordinária ... eu tava acostumado foi ( ) que as pessoas acham que tu trabalhando com dinheiro ah o bancário tem dinheiro ele passa essa impressão para as pessoas ... tais entendendo?! que tu é um cara que anda cheio da grana e tal ... trabalha numa instituição que movimentada dinheiro ... isso traz uma grande ... uma percepção para as pessoas que tu é um cara ((risos)) cheio da grana

(TgDJvUaXk1MA é como as pessoas te te veem depois que tu tu que tu entrou pra trabalhar na instituição na área bancária ... assim é uma coisa extraordinária... eu tava acostumado foi ( ) que as pessoas acham que tu trabalhando com dinheiro ah o bancário tem dinheiro ele passa essa impressão para as pessoas ... tais entendendo?! que tu é um cara que anda cheio da grana e tal ...

(TEDJvUaXk1MA que as pessoas acham que tu trabalhando com dinheiro ah o bancário tem dinheiro ele passa essa impressão para as pessoas ... tais entendendo?! que tu é um cara que anda cheio da grana e tal ... trabalha numa instituição que movimentada dinheiro ... isso traz uma grande ... uma percepção para as pessoas que tu é um cara ((risos)) cheio da grana

(TEDJvUaXk1MA que tu é um cara que anda cheio da grana e tal ... trabalha numa instituição que movimentada dinheiro ... isso traz uma grande ... uma percepção para as pessoas que tu é um cara ((risos)) cheio da grana

(TgDQvUmXk1MA é assim é é é é tu sentir que aquela pessoa levantou da tua mesa satisfeita com que ela veio veio é ... o objetivo que ela veio buscar dentro do banco ... .. tu tratar bem ... tu receber o carinho das pessoas ...

(TgDJvUmXk1MA é assim é é é é tu sentir que aquela pessoa levantou da tua mesa satisfeita com que ela veio veio é ... o objetivo que ela veio buscar dentro do banco ... tu tratar bem ... tu receber o carinho das pessoas ... as pessoas falarem contigo de forma respeitosa ... é as pessoas que que que que vão lá ...

(TgDJvUmXk1MA tu tratar bem ... tu receber o carinho das pessoas ... as pessoas falarem contigo de forma respeitosa ... é as pessoas que que que que que vão lá ... assim vão em busca de de de de de dinheiro vão em busca de ( ) porque quando tu chega lá ... tu vê que tu (sempre) não é bem atendido ... tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo .. então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito .. tais entendendo?! as a

(TgDJvhaXd1MA tu receber o carinho das pessoas ... as pessoas falarem contigo de forma respeitosa ... é as pessoas que que que que que vão lá ... assim vão em busca de de de de de dinheiro vão em busca de ( ) porque quando tu chega lá ... tu vê que tu (sempre) não é bem atendido ... tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo .. então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito .. tais entendendo?! as a

(TgDJvhaXd1MA porque quando tu chega lá ... tu vê que tu (sempre) não é bem atendido ... tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo ... então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito .. tais entendendo?! as a

(TgNJLhaXd1MA tu receber o carinho das pessoas ... as pessoas falarem contigo de forma respeitosa ... é as pessoas que que que que que vão lá ... assim vão em busca de de de de de dinheiro vão em busca de ( ) porque quando tu chega lá ... tu vê que tu (sempre) não é bem atendido ... tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo .. então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito .. tais entendendo?! as a

(TgDJvhaXd1MA tu receber o carinho das pessoas ... as pessoas falarem contigo de forma respeitosa ... é as pessoas que que que que que vão lá ... assim vão em busca de de de de de dinheiro vão em busca de ( ) porque quando tu chega lá ... tu vê que tu (sempre) não é bem atendido ... tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo .. então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito ... tais entendendo?! as a

(TgDJvPbXk1MA tu sai de lá com quatro pedras na mão falando do cara que te atendeu ... falando do profissional que te atendeu ... falando do banco falando de todo mundo ... então a retribuição ... nossa é ver que tu tu atendeu bem aquela daquele cliente e e e e sentir que ele saiu satisfeito ... tais entendendo?!

(TgDQvUmXk1MA status?! status é é tu trabalhar numa instituição onde movimentam o dinheiro ... é tu atender bem os clientes

(TgDJvUmXk1MA status?! status é é tu trabalhar numa instituição onde movimentam o dinheiro ... é tu atender bem os clientes

(TEDQvUaXk1MA Ajuda na profissão ... e muito ... quando tu chegas no hospital ... eles te passam na frente... quando tu chegas em festa ... eles eles ... te colocam pra dentro ( ) tem um pessoal que já te conhecem ... no caso

(TEDJvUaXk1MA Ajuda na profissão ... e muito ... quando tu chegas no hospital ... eles te passam na frente... quando tu chegas em festa ... eles eles ... te colocam pra dentro ( ) tem um pessoal que já te conhecem ... no caso

(TgDOLhmXk1MA porque é uma forma de fazer o dinheiro circular ... tu ir injetando o dinheiro aos poucos na sociedade ...

(TgDQvUmXk1MA tá ... é assim quão desafiador é ... tu trabalhar com diferentes tipos de

peessoas ... tu trabalhar com dinheiro um trabalho que eu te falo ...

(TgDJvUmXk1MA tá ... é assim quão desafiador é ... tu trabalhar com diferentes tipos de pessoas ... tu trabalhar com dinheiro um trabalho que eu te falo ... quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter

(TgDJvhaXk1MA tá ... é assim quão desafiador é ... tu trabalhar com diferentes tipos de pessoas ... tu trabalha com dinheiro um trabalho que eu te falo ... quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter ... o mais possível ... tais entendendo?! Um trabalho que fica vulnerável ... tu acaba sendo penalizado ... ( ) tu trabalha com dinheiro ... se tu cometer qualquer deslize por exemplo lá ( ) isso acaba te prejudicando de forma ...

(TgDJvUaXk1MA tá ... é assim quão desafiador é ... tu trabalhar com diferentes tipos de pessoas ... tu trabalha com dinheiro um trabalho que eu te falo ... quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter ... o mais possível ... tais entendendo?! Um trabalho que fica vulnerável ... tu acaba sendo penalizado ... ( ) tu trabalha com dinheiro ... se tu cometer qualquer deslize por exemplo lá ( ) isso acaba te prejudicando de forma ...

(TgDJLUaXk1MA quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter ... o mais possível ... tais entendendo?! Um trabalho que fica vulnerável ... tu acaba sendo penalizado ... ( ) tu trabalha com dinheiro ... se tu cometer qualquer deslize por exemplo lá ( ) isso acaba te prejudicando de forma ...

(TgDJvUaXk1MA quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter ... o mais possível ... tais entendendo?! Um trabalho que fica vulnerável ... tu acaba sendo penalizado ... ( ) tu trabalha com dinheiro ... se tu cometer qualquer deslize por exemplo lá ( ) isso acaba te prejudicando de forma ...

(TgDJvhtXk1MA quando tu trabalha com dinheiro no caixa tu tem que ter ... o mais possível ... tais entendendo?! Um trabalho que fica vulnerável ... tu acaba sendo penalizado ... ( ) tu trabalha com dinheiro ... se tu cometer qualquer deslize por exemplo lá ( ) isso acaba te prejudicando de forma ...

(TgDQLhaXk1MA repor dentro de 24 horas ... senão tu é penalizado ... ou seja aí sim ... tu trabalhar ... tu trabalhar dentro do risco do nível de risco ... muito grande ... é isso que é dentro da minha visao torna desafiador pra gente

(TgDJvUmXk1MA repor dentro de 24 horas ... senão tu é penalizado ... ou seja aí sim ... tu trabalhar ... tu trabalhar dentro do risco do nível de risco ... muito grande ... é isso que é dentro da minha visao torna desafiador pra gente

(TgDJvUmXk1MA repor dentro de 24 horas ... senão tu é penalizado ... ou seja aí sim ... tu trabalhar ... tu trabalhar dentro do risco do nível de risco ... muito grande ... é isso que é dentro da minha visao torna desafiador pra gente

(VgDOvUfXk1MA ... é exigido que você trabalhe de uma forma ...

(TgNQzUaXk1MA lá dentro tu não podes chegar com aquelas roupas ... tu não podes vir de blusa ... de blusa ...

(TgNJzUaXk1MA lá dentro tu não podes chegar com aquelas roupas... tu não podes vir de blusa ... de blusa ...

(VgNQvhaXk1MA sem manga ... de de de saia também ... porque isso depende muito ( ) da da agência ... você não pode tem aquelas ... pessoas ... natural tu chega lá nao vai falar volta ... tu te vista de forma adequada ...

(TgDCvhaXk1MA sem manga ... de de de saia também ... porque isso depende muito ( ) da da agência ... você não pode tem aquelas ... pessoas ... natural tu chega lá nao vai falar volta ... tu te vista de forma adequada ...

(TgDJvhaXk1MA sem manga ... de de de saia também ... porque isso depende muito ( ) da da agência ... você não pode tem aquelas ... pessoas ... natural tu chega lá nao vai falar volta ... tu te vista de forma adequada

(TEDJvhtXk1MA é assim ... não é minha área ... meu sonho não é trabalhar ... como o

Relrison falou aqui ... ( ) eu consegui entrar no mercado financeiro no mercado de trabalho ... desculpa ... não é ... se tu fores se tu fores ... por aquilo que tu gosta ... não oferece ... aí eu fiz por acaso o concurso passei acabei me adaptando

(TEDJvUaXk1MA é assim ... não é minha área ... meu sonho não é trabalhar ... como o Relrison falou aqui ... ( ) eu consegui entrar no mercado financeiro no mercado de trabalho ... desculpa ... não é ... se tu fores se tu fores ... por aquilo que tu gosta ... não oferece ... aí eu fiz por acaso o concurso passei acabei me adaptando ...

(TgDQvhaXd1MA tem um tratamento de uma forma adequada ... atender bem as pessoas ... porque quando tu chega lá ... senta e o funcionário não te atende bem ... e acabas falando mal do funcionário falando mal do mundo ... ( ) chegou a ... ver que ele sai da agência é ... com com ... com aquele objetivo que ele veio ... chegou a a ... buscar aquele objetivo ... tu chegou a tender ele ... e saiu satisfeito ...

(TgDJzPbXk1MA tem um tratamento de uma forma adequada ... atender bem as pessoas ... porque quando tu chega lá ... senta e o funcionário não te atende bem ... e acabas falando mal do funcionário falando mal do mundo ... ( ) chegou a ... ver que ele sai da agência é ... com com ... com aquele objetivo que ele veio ... chegou a a ... buscar aquele objetivo ... tu chegou atender ele ... e saiu satisfeito ...

(TgDQvUaXk1MA eu conheço várias pessoas ... tu atende bem as pessoas ... tu faz várias amizades ... tu acaba conhecendo pessoas de vários lugares ... tu atendeu bem tu falou com todo mundo sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com você na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ...

(TgDJvUaXk1MA eu conheço várias pessoas... tu atende bem as pessoas ... tu faz várias amizades ... tu acaba conhecendo pessoas de vários lugares ... tu atendeu bem tu falou com todo mundo sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com você na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ...

(TgDJLUaXk1MA eu conheço várias pessoas... tu atende bem as pessoas ... tu faz várias amizades ... tu acaba conhecendo pessoas de vários lugares ... tu atendeu bem tu falou com todo mundo sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com você na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ...

(TgDJvPbXk1MA eu conheço várias pessoas... tu atende bem as pessoas ... tu faz várias amizades ... tu acaba conhecendo pessoas de vários lugares ... tu atendeu bem tu falou com todo mundo sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com você na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ...

(TgDJvPbXk1MA eu conheço várias pessoas ... tu atende bem as pessoas ... tu faz várias amizades ... tu acaba conhecendo pessoas de vários lugares ... tu atendeu bem tu falou com todo mundo ... sabe?! ... isso lá fora também te traz benefícios positivos ... pessoas falam com você na rua ... te tratam com respeito ... te elogiam .. e o mais importante ...

## 2. INFCAM02IMA

(VGDOvUark1MA como eles falaram assim ... muitas vezes você pega um cargo ... um pouco mais alto ... acho que só porque ocupa um um um um ... lugar melhor na sociedade ... é ... já se acha ... como é que se diz ... o tal

(VIDOvUaXs1MA já se acha superior em relação as outras ... é ... deixa de falar com as pessoas ... e tenta algumas ... algumas tenta até se afastar das outras ... em relação ... como você diz ... vai vai da cabeça de cada um ... né? ((relação assimétrica 01))

(TgDOLUaXk1MA olha ... a aparência principalmente ... né?! a aparência né?! de de simplesmente por por tu tá vestido bonitinho ... não significa que a gente ... é é superior aquela pessoa ... mas sim porque é é o modo de a gente de a gente trabalhar ... é é o como o Banco exige ... é o padrão social que o banco ... exige de vestimenta pra gente

(TRDJLPbrd1MA quando eu fui fazer a entrevista com o gerente lá ... ele me falou olha ... tu foi ... tu foi colocado em termos das notas aqui tu ta em primeiro lugar ... tua nota bateu ... das duas escolas ... mais de teus colegas

(TRDJvUard1MA quando eu fui fazer a entrevista com o gerente lá ... ele me falou olha ... tu foi ... tu foi colocado em termos das notas aqui tu ta em primeiro lugar ... tua nota bateu ... das duas escolas ... mais de teus colegas

### 3. INFCAM03IMB

(TIDOVhaXk1MB tá bom depois tu pegas com ele ((simétrica))

(TIDOVhaXk1MB tu vai facilitar

(TIDOVhaXk1MB até mesmo nas lojas quando a gente vai comprar ... antes quando ninguém conhecia ... a gente não podia comprar fiado ... hoje em dia não não leva aí depois a gente ver ... depois tu paga

(THiOvUaXk1MB tu sabe a senha? ((simétrica))

(TIDQvUaXk1MB tu levas na bola ... tu levas na bola ... a chave para ele((simétrica))

(THiOvPbXk1MB tu achou a repórter bonita? ((assimétrica 02))

(TIDJvUfXd1MB no banco mesmo que tu ... que tu subas de cargo... e tu vai subir se Deus quiser... tu vai chegar no máximo oito horas... oito horas de serviço... num num extrapola isso ((assimétrica 02))

(TIDJzhaXd1MB no banco mesmo que tu ... que tu subas de cargo ... e tu vai subir se Deus quiser ... tu vai chegar no máximo oito horas... oito horas de serviço... num num extrapola isso ((assimétrica 02))

(TIDJzhaXd1MB no banco mesmo que tu ... que tu subas de cargo... e tu vai subir se Deus quiser ... tu vai chegar no máximo oito horas ... oito horas de serviço ... num num extrapola isso ((assimétrica 02))

(TIDOVpbXd1MB compara com a tua antiga profissão ... com ... quando tu tava no Varejão ... as pessoas te viam de uma forma agora ... no Bradesco elas te veem de outra forma... já te tratam melhor também né?! ou não ((assimétrica 02))

(SIDHvPbXs1MB mas para o senhor depois que também viraram ... o senhor virou guarda ... no caso... outras pessoas se aproximaram mais também... né?! ((assimétrica 01))

(SIDOVpbXs1MB o senhor subiu de status aí também ... né?! Para se beneficiar ... aí parece os amigos... agora é amigo e tal ... ((assimétrica 01))

(SIDHvUaXs1MB hum?! não ... o senhor ... o senhor tem uma forma de negociar lá ... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando... mas... o senhor não tá ... o senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SIDHLUaXs1MB hum?! não ... o senhor ... o senhor tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando ... mas ... o senhor não tá... o senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SINHvUaXs1MB hum?! não ... o senhor ... o senhor tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando ... mas ... o senhor não tá ... o senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SIDHvUaXs1MB hum?! não ... o senhor ... o senhor tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando... mas... o senhor não tá ... o

senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SIDHvUaXs1MB hum?! não... o senhor... o senhor tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando... mas... o senhor não tá... o senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SIDHvUaXs1MB hum?! não ... o senhor ... o senhor tem uma forma de negociar lá... porque como a propaganda tá dos carros ... o senhor tá pagando ... mas ... o senhor não tá ... o senhor tá apenas com o plano lá ... o senhor escolhe o carro ... que tá anunciando lá que tá com a taxa boa ... entendeu?! que tá barato mesmo ... vai e compra aquele carro ... é o senhor só pega o valor da carta e compra ... ((Assimétrica 01))

(SINOzhaXs1MB não vá deixar escurecer o vidro ( ) senão o senhor não vai saber pra onde a patroa vai ( ) ((Assimétrica 01))

#### 4. INFCAM04IMB - RONILSON

(VliOvUaXd1MB Débora ... você como aluna concorda com a fala do professor? ((Assimétrica 02))

(VIDOvUaXd1MB Débora ... você ouvindo tudo isso que eles falam sobre a profissão do professor ... você um dia pensa em seguir essa carreira? ((Assimétrica 02))

(VliCvhaXd1MB Débora ... você ouvindo tudo isso que eles falam sobre a profissão do professor ... você um dia pensa em seguir essa carreira? ((Assimétrica 02))

(VRNOzhaZd1MB ... eu não posso dizer pra ... pro meu aluno ... falar você não pode fazer isso porque é errado ... mas lá na frente o aluno vai me vê ... e eu tou fazendo aquilo que eu disse que ele não podia fazer porque é errado ... e ele vai se perguntar por que ele tá fazendo então?

(SIiOvUaXs1MB Professor ... alguns exemplos do que a senhora faz pra tornar sua aula ... como os alunos dizem menos chata? ((Assimétrica 01))

(SIiOvUaXs1MB professora como a senhora vê essa questão? ((Assimétrica 01))

(SIiOvUaXs1MB Professora ... e a senhora tem algo a dizer sobre isso? ((Assimétrica 01))

(SIDQvPeXs1MB é professor Jaime ... é eu gostaria que o senhor exposse aqui pra gente é ... como o senhor se vê ... é em relação a sua profissão? é qual é o papel desempenhado pelo senhor socialmente? ((Assimétrica 01))

(SIiHvUaXs1MB é professor Jaime ... é eu gostaria que o senhor exposse aqui pra gente é ... como o senhor se vê ... é em relação a sua profissão? é qual é o papel desempenhado pelo senhor socialmente? ((Assimétrica 01))

#### 5. INFCAM05IFA

(VgDQvUmXk1FA porque a ... não tem melhor propaganda do que o boca a boca né?! ... eu acho que é isso ... é novidade é você agradar o cliente é você não trazer seu problema pra cá ... você serve de divã ... você serve de psicólogo ... serve de tudo ...

(VgNCvhmXk1FA porque a ... não tem melhor propaganda do que o boca a boca né?! ... eu acho que é isso ... é novidade é você agradar o cliente é você não trazer seu problema pra cá ... você serve de divã ... você serve de psicólogo ... serve de tudo ...

(VgDCvUaXk1FA porque a ... não tem melhor propaganda do que o boca a boca né?! ... eu acho que é isso ... é novidade é você agradar o cliente é você não trazer seu problema pra cá ... você serve de divã ... você serve de psicólogo ... serve de tudo ...

(VgDHvUaXk1FA porque a ... não tem melhor propaganda do que o boca a boca né?! ... eu acho que é isso ... é novidade é você agradar o cliente é você não trazer seu problema pra cá ... você serve de divã ... você serve de psicólogo ... serve de tudo ...

(VgDOvUaXk1FA eu acho que ponto chave é a competência ... porque você depende do cliente ... i é ele que trás mais clientes

(VgDOvUaXk1FA i que faz a propaganda é a responsabilidade que você passa pro cliente ... por que como ela falou ... ela me ligou ... então se se eu não viesse era uma falta de responsabilidade com ela né?! ...

(VgDQvUaXk1FA o que a Maju falou é essa ... a gente ser dono da gente mesmo ((risos)) ... por exemplo se amanhã eu quiser trabalhar eu trabalho ... se eu não quiser eu não trabalho ... é ... o lucro maior né?! que você tem ... a questão do dinheiro ... só que as desvantagens são essas ... você tem mas responsabilidade ... principalmente com estabelecimento ... quanto com seus clientes pra você não sofrer perda de clientes

(VgDCvUaXk1FA que você tem ... a questão do dinheiro ... só que as desvantagens são essas ... você tem mais responsabilidade ... principalmente com o estabelecimento ... quanto com seus clientes pra você não sofrer perda de clientes

(VgNCvUaXk1FA que você tem ... a questão do dinheiro ... só que as desvantagens são essas ... você tem mais responsabilidade ... principalmente com estabelecimento ... quanto com seus clientes pra você não sofrer perda de clientes

(TliOvUaXs1FA Tina ... como tu achas que e ... é que eu ajudo a melhorar a tua imagem tanto na questão auto estima como ... pessoal mesmo através do meu trabalho ((relação assimétrica 01/superior))

(TgDQzUaXk1FA ... procura o salão pra sentir melhor ... o salão de beleza ... aí a pessoa ... aí a pessoa vem tá chateada ... aí tu pega faz o teu melhor ... aí tu faz o cabelo dela ... faz aquela massagem ... faz a sombrancelha ... tu conversa ... as vezes vai orando na cabeça dela

(TgDJvUaXk1FA ... procura o salão pra sentir melhor ... o salão de beleza ... aí a pessoa ... aí a pessoa vem tá chateada ... aí tu pega faz o teu melhor ... aí tu faz o cabelo dela ... faz aquela massagem ... faz a sombrancelha ... tu conversa ... as vezes vai orando na cabeça dela

(TgDJvUaXk1FA ... procura o salão pra sentir melhor ... o salão de beleza ... aí a pessoa ... aí a pessoa vem tá chateada ... aí tu pega faz o teu melhor ... aí tu faz o cabelo dela ... faz aquela massagem ... faz a sombrancelha ... tu conversa ... as vezes vai orando na cabeça dela

(TRDOvhmrd1FA elas falam ... eu vou fazer companhia pra ti ... restag Cassia Kis vai morar pra Belém ... pra tu fazer nossa sobrancelha ... então acho que é importante por isso porque elas se sentem bem ... a cliente se senti bem ... elas saem ... elas chegam se sentindo feias e saem se sentindo maravilhosa

(VgDQvUmXk1FA eu acho que o principal ponto é você ter respeito para o cliente ... o cliente para que você receba o respeito dele ... então assim eu tenho clientes ... é adolescente ... jovens ... mulheres ... idosas ... homens ... então eu tenho que ter esse esse respeito ... eu tenho que saber o meu limite na conversa ... eu não posso ...

(VgDCvUfXk1FA eu acho que o principal ponto é você ter respeito para o cliente ... o cliente para que você receba o respeito dele ... então assim eu tenho clientes ... é adolescente ... jovens ... mulheres ... idosas ... homens ... então eu tenho que ter esse esse respeito ... eu tenho que saber o meu limite na conversa ... eu não posso ...

(VgDQvhtXk1FA uma coisa que é muito importante é da forma que você tratar o primeiro você tem que tratar o último da mesma forma ... e o mesmo preço que você cobra num você tem que cobrar ... não visando classe ... nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ...

(VgDCvhaXk1FA uma coisa que é muito importante é da forma que você tratar o primeiro você tem que tratar o último da mesma forma ... e o mesmo preço que você cobra num você



tem que cobrar ... não visando classe ...

(VgDCvhaXk1FA uma coisa que é muito importante é da forma que você tratar o primeiro você tem que tratar o último da mesma forma ... e o mesmo preço que você cobra num você tem que cobrar ... não visando classe ... nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ...

(VgDCvhaXk1FA uma coisa que é muito importante é da forma que você tratar o primeiro você tem que tratar o último da mesma forma ... e o mesmo preço que você cobra num você tem que cobrar ... não visando classe ... nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ...

(VgDCvhtXk1FA e o mesmo preço que você cobra num você tem que cobrar ... não visando classe ... nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ... i o a mesma i se você tiver problemas na sua casa ... deixa na sua casa ... aqui você é uma profissional ...

(VgDCvUaXk1FA nem raça ... nem cor ... nem etnia ... nem nada ... tem que ser o mesmo tratamento ... i o a mesma i se você tiver problemas na sua casa ... deixa na sua casa ... aqui você é uma profissional ... trabalhando com o público ... então eu acho que isso também é muito importante ...

(TIDOVpBxk1FA surgiu praticamente pra te ajudar esse tipo de pessoa né?! ... então eu achei muito interessante a tua pesquisa ... eu achei que tu fosse ((relação simétrica)) ... foste muito inteligente ... em querer se aprofundar nesse assunto ... i eu achei as perguntas boas de fácil entendimento ... é bem objetivas

(TIDOVhaXk1FA depois tu pega ((relação simétrica))

(SRDQLPbrs1FA eu não sei o que era que ele tava fazendo ... quando foi um tempo ... ele voltou ... aí veio aqui ... ele voltou i veio aqui fazer a de novo sobancelha dele ... ele falou pra ela ... ela falou naquele dia que a senhora tava fazendo a minha sobancelha ... a senhora fez alguma coisa em mim... ((relação assimétrica 01)) i ela tava orando nele ... ela sentiu que ele tava assim... ele falou naquele dia Deus me livrou de um acidente qui quase eu morro ... então as vezes é isso né?! ...

(SRDHvPbrs1FA eu não sei o que era que ele tava fazendo ... quando foi um tempo ... ele voltou ... aí veio aqui ... ele voltou i veio aqui fazer a de novo sobancelha dele ... ele falou pra ela ... ela falou naquele dia que a senhora tava fazendo a minha sobancelha ... a senhora fez alguma coisa em mim ... ((relação assimétrica 01)) i ela tava orando nele ... ela sentiu que ele tava assim... ele falou naquele dia Deus me livrou de um acidente qui quase eu morro ... então as vezes é isso né?! ...

## 6. INFCAM06IFA

(VIDOzhaXd1FA você também pode responder ... ( ) para se obter sucesso no comércio ((assimétrica 02)) ((assimétrica 02))

(TIDOVpBxk1FA se cada um fosse se relacionar ... como ( ) tu falaste agora a ele((simétrica))

(VIiHvUaXs1FA agora eu vou fazer umas perguntas só para o senhor ... como você acredita que contribui para a sociedade cametaense? ... o senhor como como ser humano ((assimétrica 01))

(VIiOzhaXs1FA você vai interferir na escolha da profissão dos filhos?((assimétrica 01))

(SIDOzhaXs1FA Cada participante vai falar um pouco sobre a história de vida ... então o senhor vai falar ( ) ... um pouco sobre sua vida de comerciante ... do início tá ... pode começar ((assimétrica 01))

(SIDOVpBxS1FA aí desse jeito o senhor se tornou comerciante ... foi ... assim nesse decorrer ((assimétrica 01))

(SliOvUaXs1FA há quantos anos o senhor atua nesse ramo ... de comerciante?  
((assimétrica 01))

(SliOvUaXs1FA o que o senhor fala sobre isso? ((assimétrica 01))

(SliOvhcXs1FA o que o senhor diria para um pai ou uma mãe que deseja preparar seu filho para a vida profissional? ((assimétrica 01))

(SIDQzhtXs1FA se o senhor quiser falar algumas críticas ... alguns pontos positivos sobre a pesquisa desenvolvida aqui e agora ... o senhor pode falar ((assimétrica 01))

(SIDHzhaXs1FA se o senhor quiser falar algumas críticas ... alguns pontos positivos sobre a pesquisa desenvolvida aqui e agora ... o senhor pode falar((assimétrica 01))

(SIDOvUaXs1FA então é isso ... a gente quer agradecer ... muito obrigada ... a atenção de vocês ... eu sei que o senhor é muito ocupado os seus funcionários ... mas recebeu a gente muito bem a gente conseguiu realizar nosso trabalho espero que dei tudo certo ... e é isso ... tá obrigada!

## 7. INFCAM07IFB

(VIDQvUaXd1FB Esse é um tema interessante quando você ((assimétrica 02)) toca nisso porque realmente está bem carregado para o professor... hoje ... nós temos que não apenas ministrar aulas que repassem o currículo mais sim trabalhar valores ... o próprio aluno não respeita ... ((continua na mesma fala)) além de ministrar seu conteúdo você tem que trabalhar numa sala de aula ...

(VgDCvUaXk1FB Esse é um tema interessante quando você ((assimétrica 02)) toca nisso porque realmente está bem carregado para o professor ... hoje ... nós temos que não apenas ministrar aulas que repassem o currículo mais sim trabalhar valores ... o próprio aluno não respeita ... ((continua na mesma fala)) além de ministrar seu conteúdo você tem que trabalhar numa sala de aula ...

(TgDCzhaXk1FB você tem que trabalhar numa sala de aula ... ouvir e tentar repassar o conteúdo e além disso dar valores éticos como respeito solidariedade amizade ir do básico do início pra chegar a manter o equilíbrio em sala de aula (continua no mesmo parágrafo) que é a questão de ter compromisso pelo social ... já que é não só pelo teu trabalho ... só pelas notas boas que tu vai querer que teus alunos alcance e sim pra aquela aquele teu aluno tu ver ele como cidadão do bem ... como uma pessoa que faça boas ações né?!

(TgDJvhmXk1FB só pelas notas boas que tu vai querer que teus alunos alcance e sim pra aquela aquele teu aluno tu ver ele como cidadão do bem ... como uma pessoa que faça boas ações né?! Isso te sobrecarrega ... te estressa ... te frustra ... te dá ansiedade e aí tu só vai alcançar o equilíbrio ... a alegria é quando tu ver a turma no nível desejado ... né?!

(TgDJzhaXk1FB e sim pra aquela aquele teu aluno tu ver ele como cidadão do bem ... como uma pessoa que faça boas ações né?! isso te sobrecarrega ... te estressa ... te frustra ... te dá ansiedade e aí tu só vai alcançar o equilíbrio ... a alegria é quando tu ver a turma no nível desejado ... né?!

(TgDJvhtXk1FB ... te estressa ... te frustra ... te dá ansiedade e aí tu só vai alcançar o equilíbrio ... a alegria é quando tu ver a turma no nível desejado ... né?!

(VgDQvUaXk1FB se você é muito ... se relaciona muito bem em sala de aula a relação é afetiva ... eles tem essa preocupação com quem virá ... sabe?! Por que você não continua com a gente? ((ela relatando a fala dos alunos para ela)) ... quem será que vai ser nosso professor? ((continua na mesma fala)) porque quando você chega ... e coloca um conteúdo ...

(VRiCvUars1FB se você é muito ... se relaciona muito bem em sala de aula a relação é afetiva ... eles tem essa preocupação com quem virá ... sabe?! Por que você não continua

com a gente? ((ela relatando a fala dos alunos para ela)) ... quem será que vai ser nosso professor? ((continua na mesma fala)) porque quando você chega ... e coloca um conteúdo ...

(VgDCvhaXk1FB Por que você não continua com a gente? ((ela relatando a fala dos alunos para ela)) ... quem será que vai ser nosso professor? ((continua na mesma fala)) porque quando você chega ... e coloca um conteúdo ...

(VgDCvUaXk1FB porque quando você chega ... e coloca um conteúdo ... e você tem que decorar aquilo estudar porque vai vim uma prova ... aquilo não se torna interessante ... então na medida que o aluno se intende como parte importante no processo educativo ...

(VgDCvhaXk1FB e você tem que decorar aquilo estudar porque vai vim uma prova ... aquilo não se torna interessante ... então na medida que o aluno se intende como parte importante no processo educativo ... que ele vai buscar fazendo as pesquisas e contribuindo em sala de aula ... ((continua na mesma fala)) e quando você chega e só colocar pra ele aquele conhecimento pra decodificar ele já tem muita dificuldade ...

(VgDCzhaXk1FB suas dúvidas ... seus problemas pessoais ... no caso de uma separação de pai vai ter abertura pra conversar com você ... coisas que ele não pode falar as vezes ... nem para a família da mãe... nem para a família do pai ... as vezes ele vem já coloca pra você ... aí você vai ter como tá orientando ... como chamando os pais ... essa relação é difícil de acontecer ...

(VliCvUaXd1FB então você entende que a tecnologia ... ela favorece mais a questão do conhecimento do que o método tradicional? ((assimétrica 02))

(VgDQvhaXk1FB pela falta de apoio da própria família ... quando você chama um pai pra comunicar que o filho tá com dificuldade ... não tá conseguindo acompanhar o conteúdo ... e aí a gente não vê aquele apoio esperado e isso faz com que haja um desânimo né?! ((continua na mesma fala)) numa escola com quinze salas aí você quer aquele recurso de apoio (não faltar na aula) ... isso favorece o desânimo ... né ... essa falta de recursos ... salário baixo e a falta de apoio da própria família em relação ao desenvolvimento da criança.

(VgDCvUaXk1FB pela falta de apoio da própria família ... quando você chama um pai pra comunicar que o filho tá com dificuldade ... não tá conseguindo acompanhar o conteúdo ... e aí a gente não vê aquele apoio esperado e isso faz com que haja um desânimo né?! ((continua na mesma fala)) numa escola com quinze salas aí você quer aquele recurso de apoio (não faltar na aula) ... isso favorece o desânimo ... né ... essa falta de recursos ... salário baixo e a falta de apoio da própria família em relação ao desenvolvimento da criança.

(VgiQvPbZd1FB quem pode me dizer o assunto de ontem ... éh ... o que que você achou mais interessante? Nessa sondagem você já consegue saber se a maioria conseguiu dominar o conteúdo ... caso contrário plano B ... vamos fazer um seminário ou vamos passar um vídeo sobre ... ( )

(VgDCzUaXk1FB quem pode me dizer o assunto de ontem ... éh ... o que que você achou mais interessante? nessa sondagem você já consegue saber se a maioria conseguiu dominar o conteúdo ... caso contrário plano B ... vamos fazer um seminário ou vamos passar um vídeo sobre ... ( )

(VgNCvUmXk1FB quem pode me dizer o assunto de ontem ... éh ... o que que você achou mais interessante? nessa sondagem você já consegue saber se a maioria conseguiu dominar o conteúdo ... caso contrário plano B ... vamos fazer um seminário ou vamos passar um vídeo sobre ... ( ) não é você olhar diferente para o aluno ah professor eu não entendi a aula de ontem do slides ...

(TgNCvPbrd1FB quem pode me dizer o assunto de ontem ... éh ... o que que você achou mais interessante? Nessa sondagem você já consegue saber se a maioria conseguiu dominar o conteúdo ... caso contrário plano B ... vamos fazer um seminário ou vamos passar um vídeo sobre ... ( ) não é você olhar diferente para o aluno ah professor eu não entendi a aula de ontem do slides ... por que menino tu não entendeu se tudo mundo entendeu? não! Isso é tu

discriminar o aluno ...

(TgDJvUmXk1FB quem pode me dizer o assunto de ontem ... éh ... o que que você achou mais interessante? Nessa sondagem você já consegue saber se a maioria conseguiu dominar o conteúdo ... caso contrário plano B ... vamos fazer um seminário ou vamos passar um vídeo sobre ... ( ) não é você olhar diferente para o aluno ah professor eu não entendi a aula de ontem do slides ... por que menino tu não entendeu se tudo mundo entendeu? não! Isso é tu discriminar o aluno ...

(VgDJvUaXk1FB por que menino tu não entendeu se tudo mundo entendeu? não! Isso é tu discriminar o aluno ... falar ah tudo bem não te preocupe que a gente vai retomar esse conteúdo ... aí a gente já retoma de outra maneira ( ) acaba que você trabalha de várias maneiras o mesmo conteúdo ... porque não tem como discriminar um aluno só porque ele não conseguiu dominar um método que você utilizou ...

(VgDCvPbXk1FB acaba que você trabalha de várias maneiras o mesmo conteúdo ... porque não tem como discriminar um aluno só porque ele não conseguiu dominar um método que você utilizou ... você num pode pensar que pra você aquele método é eficaz mas para outros alunos pode não ser ... aí que torna pra você assim bem trabalhoso ... mas tem

(VgNCzhaXk1FB porque não tem como discriminar um aluno só porque ele não conseguiu dominar um método que você utilizou ... você num pode pensar que pra você aquele método é eficaz mas para outros alunos pode não ser ... aí que torna pra você assim bem trabalhoso ... mas tem que ser dessa forma.

(VgDQvUmXk1FB é muito interessante você trabalhar a questão do seminário em séries iniciais ... por exemplo ... eles tão começando ... mas há a necessidade de trabalhar desde agora ... por exemplo ... ( ) num se sentir seguro ele pode falar para você individualmente ...

(VgDCzhaXk1FB num se sentir seguro ele pode falar para você individualmente ... ou então você pode perguntar o que você mais gostou do trabalho? E como saber como ele participou sem expor ele ao ridículo ... ou seja ... sem conseguir apresentar na frente ... fazendo ele ficar vermelho ...

(VgiCvPbZd1FB num se sentir seguro ele pode falar para você individualmente ... ou então você pode perguntar o que você mais gostou do trabalho? E como saber como ele participou sem expor ele ao ridículo ... ou seja ... sem conseguir apresentar na frente ... fazendo ele ficar vermelho ...

(TGDQvUaXk1FB e é assim ele tá engajado em ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um um arquiteto ... se tu quer ser um um um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... se tem que passar pela mão do professor ... ele que vai te ... vai te ... te te te incentivar né?! a ... a ... a ... exercer ... a seguir ... a ir em frente ... a tu adquirir conhecimento ... porque ... nós

(TGDJzhaXk1FB e é assim ele tá engajado em ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um um arquiteto ... se tu quer ser um um um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... se tem que passar pela mão do professor ... ele que vai te ... vai te ... te te te incentivar né?! a ... a ... a ... exercer ... a seguir ... a ir em frente ... a tu adquirir conhecimento ... porque ... nós

(TGDJzhaXk1FB e é assim ele tá engajado em ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um um arquiteto ... se tu quer ser um um um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... se tem que passar pela mão do professor ... ele que vai te ... vai te ... te te te incentivar né?! a ... a ... a ... exercer ... a seguir ... a ir em frente ... a tu adquirir conhecimento ... porque ... nós

(TGDJvhtXk1FB e é assim ele tá engajado em ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um um arquiteto ... se tu quer ser um um um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... se tem que passar pela mão do professor ... ele que vai te ... vai te ... te te te incentivar né?! a ... a ... a ... exercer ... a seguir ... a ir em frente ... a tu

adquirir conhecimento ... porque ... nós

(TGDJvhmXk1FB e é assim ele tá engajado em ... tipo ... tudo que tu queres ... se tu quer ser um um arquiteto ... se tu quer ser um um engenheiro ... se tu quer ser um ... sei lá ... qualquer profissão que tu desejar ... se tem que passar pela mão do professor ... ele que vai te ... vai te ... te te te incentivar né?! a ... a ... a ... exercer ... a seguir ... a ir em frente ... a tu adquirir conhecimento ... porque ... nós

(TGDJzhaXk1FB sem o professor ... porque nós dependemos do professor ... nós dependemos do professor pra ... pra tudo basicamente ... né?! porque se tu queres ser alguma coisa na vida tu tem que ter um professor ... tem que estudar e o professor tem que tá lá ... pra te qualificar pra pra tu seguir a profissão que tu queres ...

(TGDJvUaXk1FB sem o professor ... porque nós dependemos do professor ... nós dependemos do professor pra ... pra tudo basicamente ... né?! Porque se tu queres ser alguma coisa na vida tu tem que ter um professor ... tem que estudar e o professor tem que tá lá ... pra te qualificar pra pra tu seguir a profissão que tu queres ...

(TGDJvhmXk1FB sem o professor ... porque nós dependemos do professor ... nós dependemos do professor pra ... pra tudo basicamente ... né?! Porque se tu queres ser alguma coisa na vida tu tem que ter um professor ... tem que estudar e o professor tem que tá lá ... pra te qualificar pra pra tu seguir a profissão que tu queres

(TGDJvhaXk1FB sem o professor ... porque nós dependemos do professor ... nós dependemos do professor pra ... pra tudo basicamente ... né?! Porque se tu queres ser alguma coisa na vida tu tem que ter um professor ... tem que estudar e o professor tem que tá lá ... pra te qualificar pra pra tu seguir a profissão que tu queres ...

(TgDQvhmXk1FB então ele exerce profissão dentro e fora de sala de aula porque ... pra tu chegar na sala de aula ... pra tu expor um um assunto pro teu aluno tu tem que estudar na casa pra ver o que tu vai expor pra ele ... né?! Então ele não é éh ... também ... bem trabalhoso essa profissão e também se tratando também ... éh ( )

(TgDJvhmXk1FB então ele exerce profissão dentro e fora de sala de aula porque ... pra tu chegar na sala de aula ... pra tu expor um um assunto pro teu aluno tu tem que estudar na casa pra ver o que tu vai expor pra ele ... né?! Então ele não é éh ... também ... bem trabalhoso essa profissão e também se tratando também ... éh ( )

(TgDJvhmXk1FB então ele exerce profissão dentro e fora de sala de aula porque ... pra tu chegar na sala de aula ... pra tu expor um um assunto pro teu aluno tu tem que estudar na casa pra ver o que tu vai expor pra ele ... né?! Então ele não é éh ... também ... bem trabalhoso essa profissão e também se tratando também ... éh ( )

(TgDJzhaXk1FB então ele exerce profissão dentro e fora de sala de aula porque ... pra tu chegar na sala de aula ... pra tu expor um um assunto pro teu aluno tu tem que estudar na casa pra ver o que tu vai expor pra ele ... né?! Então ele não é éh ... também ... bem trabalhoso essa profissão e também se tratando também ... éh ( )

(SRiQvUars1FB ela chamo né?! fulana ... aí (pelo nome) e ela não ela sempre chama professora a senhora quer (a babá)? ... e falo mais eu não sou ... eu sou mais nova do que tu ((para a babá)) ... e ela não professora ... ela nunca consegue me chamar pelo nome ...

## 8. INFCAM08IFB

(VRiOvUars1FB a por exemplo ... tenho uma pessoa que trabalha comigo que ela só me chama assim ... até falando aqui em status social ... ela só chama professora ... ela nunca chama meu nome “professora é ... você quer que eu faça tal coisa? professora ... então assim ... eu vejo essa questão do status né como ela vê ela vê ... ela se põe em relação a minha pessoa ...

(VRiOvPbrd1FB hoje a gente já percebe que se perde ... mesmo eu conheço ainda muito

muitas pessoas que quando perguntam qual é a sua família? qual é a família que você veio? Então a gente percebe através dessas falas aí que isso ainda se perdura de certo modo na na principalmente nas pessoas mais antigas né!? Eu conheço uma professora que ela trabalha com encomenda de doce ... ela é de uma dessas famílias ...

(VgiOvPbrd1FB agora já até existe uma nova concepção né!? Terminou o ensino médio ... há eu já me formei ... há em que você se formou? ((para um estudante))

(VgxOvPbrd1FB no ensino médio! Há então você ((para um estudante)) não se formou ainda! ...

(VgNQvhaXd1FB devido a esse grau né!? que exige hoje ... até mesmo as relações políticas em Cameta tão se modificando ... porque se você não tiver um diploma ((para um estudante formado do ensino médio)) ... por exemplo ... que possa possibilite de fazer um concurso e passar ... o que antigamente era difícil ... por exemplo ... eu tava ouvindo um relato de uma senhora que trabalha na prefeitura ... na administração ... há mais de 25 anos ... já ta se aposentando ... Ela tava me contando

(TRiQvhard1FB então quando eu fiz aí minha tia ah ... eu me lembro que até um primo do meu pai falou assim ... que filho de pobre só fazia medicina eu falei ... não ... a mamãe falou pra ele não! todo mundo tem que fazer o que gosta ... ninguém tem que fazer porque vai ter dinheiro ela falou ... aí eu ele falou isso... né?! dessa vez ... aí ela falou minha tia falou por quê tu não vai e não faz fisioterapia? tu é nova! ... tu passou nova na universidade num sei quê ... aí eu peguei já tinha feito o primeiro semestre ... falei não ... não quero nem saber ... eu falei ... eu to na coisa que eu gosto ... eu não vou fazer medicina ... fisioterapia que é outra área ... por outros interesses ... outras razões

(TRxJvUard1FB então quando eu fiz aí minha tia ah ... eu me lembro que até um primo do meu pai falou assim ... que filho de pobre só fazia medicina eu falei ... não ... a mamãe falou pra ele não! todo mundo tem que fazer o que gosta ... ninguém tem que fazer porque vai ter dinheiro ela falou ... aí eu ele falou isso... né?! dessa vez ... aí ela falou minha tia falou por quê tu não vai e não faz fisioterapia? tu é nova! ... tu passou nova na universidade num sei quê ... aí eu peguei já tinha feito o primeiro semestre ... falei não ... não quero nem saber ... eu falei ... eu to na coisa que eu gosto ... eu não vou fazer medicina ... fisioterapia que é outra área ... por outros interesses ... outras razões

(TRDJvPbrd1FB então quando eu fiz aí minha tia ah ... eu me lembro que até um primo do meu pai falou assim ... que filho de pobre só fazia medicina eu falei ... não ... a mamãe falou pra ele não! todo mundo tem que fazer o que gosta ... ninguém tem que fazer porque vai ter dinheiro ela falou ... aí eu ele falou isso... né?! dessa vez ... aí ela falou minha tia falou por quê tu não vai e não faz fisioterapia tu é nova! ... tu passou nova na universidade num sei quê ... aí eu peguei já tinha feito o primeiro semestre ... falei não ... não quero nem saber ... eu falei ... eu to na coisa que eu gosto ... eu não vou fazer medicina ... fisioterapia que é outra área ... por outros interesses ... outras razões

(VGDQLUaXk1FB é ... como eu já venho na área da língua inglesa ... né?! isso em Londres é assim ... é incrível porque tem um filme que exemplifica muito bem isso que agora lembrei “minha doce lady” é um professor de fonética Raquel ... aí o que acontece ... como em Londres é assim ... você é conhecido porque existe um inglês padrão que eles chamam de inglês da realeza ... da rainha ... então aquele inglês aquele ingles que você pronuncia todos os 'ts' maravilhosamente perfeito saindo na pontinha da língua todos os “ds” todos ... e aí então é esse inglês que é o inglês digamos assim formal ... que é utilizado pelas pessoas da classe mais alta e pela nobreza né?! que ainda é o sistema deles de governos é diferente ...

(VGDCvUaXk1FB minha doce lady é um professor de fonética Raquel ... aí o que acontece ... como em Londres é assim ... você é conhecido porque existe um inglês padrão que eles chamam de inglês da realeza ... da rainha ... então aquele inglês aquele ingles que você pronuncia todos os 'ts' maravilhosamente perfeito saindo na pontinha da língua todos os

“ds” todos ... e aí então é esse inglês que é o inglês digamos assim formal ... que é utilizado pelas pessoas da classe mais alta e pela nobreza né?! que ainda é o sistema deles de governos é diferente ...

(VGDCLUaXk1FB então aquele inglês aquele ingles que você pronuncia todos os 'ts' maravilhosamente perfeito saindo na pontinha da língua todos os “ds” todos ... e aí então é esse inglês que é o inglês digamos assim formal ... que é utilizado pelas pessoas da classe mais alta e pela nobreza né?! que ainda é o sistema deles de governos é diferente ... tem essa hierarquia ... apesar da rainha não governar ... ela não mandar em nada ... mas ela tem um papel representativo muito forte na cultura deles ... aí lá por exemplo ... eles tem essa questão lá ... tanto que há ditado que diz em Londres você é reconhecido pelo seu sotaque ... então essa questão ... por exemplo ... em determinadas regiões existe essa discriminação de certo ponto do inglês ... porque eles acabam dizendo que até os americanos eles acabaram com a língua inglesa porque eles acabaram inserindo ... tiraram por exemplo ... de borboleta “butterfly” no inglês britânico “butter” que é o

(VRDCzhard1FB tanto que há ditado que diz em Londres você é reconhecido pelo seu sotaque ... então essa questão ... por exemplo ... em determinadas regiões existe essa discriminação de certo ponto do inglês ... ((omissão de trechos do mesmo turno)) as classes mais altas ... né!? as pessoas da sociedade ... aí ele falou ... então você vai falar ele ensinou várias frases que ela já conseguia falar ((assimétrica 02))

(VGDCvUaXk1FB justamente ... o culto é se você fala um inglês que é um inglês formal você com certeza ... isso demonstra que você é uma pessoa que tem o nível de escolaridade ... nível de influência social maior

(VGDCvUaXk1FB justamente ... o culto é se você fala um inglês que é um inglês formal você com certeza ... isso demonstra que você é uma pessoa que tem o nível de escolaridade ... nível de influência social maior

(VRDQvhtrd1FB e ... eu tinha uma preocupação muito grande ... desde pequena minha mãe ela sempre incentivou a gente a estudar ... Então todas as forças dela sempre tinha um ditado que ela dizia ... podem levar tudo o que você tiver ((mãe para o filho)) ... se eu deixasse pra vocês uma casa ... e um carro e uma série de outras coisas ... poderiam entrar roubar e levar tudo ... mas o conhecimento ninguém vai levar de vocês ... então ela sempre dizia isso ... e a preocupação dela que desde pequena era ler ... ela dizia pra mim assim ... quando eu era menor ... você tem que ler minha filha ...

(VRDCvUard1FB então todas as forças dela sempre tinha um ditado que ela dizia ... podem levar tudo o que você tiver ((mãe para o filho)) ... se eu deixasse pra vocês uma casa ... e um carro e uma série de outras coisas ... poderiam entrar roubar e levar tudo ... mas o conhecimento ninguém vai levar de vocês ... então ela sempre dizia isso ... e a preocupação dela que desde pequena era ler ... ela dizia pra mim assim ... quando eu era menor ... você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escreve errado

(VRDCvhard1FB você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escreve errado e você vai falar bem ... e a gente tinha essa ... então desde pequeno ... por isso que a gente gosta eu acho talvez muito né!?

(VRNCzhard1FB você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escrever errado e você vai falar bem ... e a gente tinha essa ... então desde pequeno ... por isso que a gente gosta eu acho talvez muito né!?

(VRDCzhard1FB você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escrever errado e você vai falar bem ... e a gente tinha essa ... então desde pequeno ... por isso que a gente gosta eu acho talvez muito né!?

(VGDCvhaXk1FB você tem que ler minha filha ... se você lê ... você não vai escreve errado e você vai falar bem ... e a gente tinha essa ... então desde pequeno ... por isso que a

gente gosta eu acho talvez muito né!? ((trechos omitidos do mesmo turno)) porque quando o aluno não tem uma afinidade muito grande ... com a língua não é que ele não vá aprender ... porque se torna mais difícil pra ele a língua ... porque ele não consegue fazer o que eu chamo também de tradução ... porque quando você lê você também tá traduzindo ... porque você pode muito bem ter lido e não ter entendido nada ... então não deixa de ser um ato de tradução (VGDCvUaXk1FB com a língua não é que ele não vá aprender ... porque se torna mais difícil pra ele a língua ... porque ele não consegue fazer o que eu chamo também de tradução ... porque quando você lê você também ta traduzindo ... porque você pode muito bem ter lido e não ter entendido nada ... então não deixa de ser um ato de tradução (VGDCvUaXk1FB com a língua não é que ele não vá aprender ... porque se torna mais difícil pra ele a língua ... porque ele não consegue fazer o que eu chamo também de tradução ... porque quando você lê você também ta traduzindo ... porque você pode muito bem ter lido e não ter entendido nada ... então não deixa de ser um ato de tradução (VGDOvUaXk1FB Eu tenho ... eu fico ... eu fico fazendo essa ... porque eu não gosto ... Eu acho assim que também a questão da valorização depende muito de cada um ... porque se você permite ...

## 9. INFCAM09IIMA

(TiOvUaXk2MA tu mora lá? ((simétrica))  
 (TiOvUaXk2MA tu mora onde lá? ((simétrica))  
 (TIDOVuAXd2MA deixa a Adriana vir tu mostra para ela aí ((assimétrica 02))  
 (TIDOVuAXk2MA tu tem um irmão ali que ele é viciado no Bar do gato ... que ele gosta de ir sexta-feira pra lá né?! ((simétrica))  
 (TEDJLUaXk2MA a oportunidade eu tive para estudar eu não tive o tempo ... então tu acaba fazendo aquilo ... tu acaba fazendo aquilo dum jeito diferente ... que acaba se tornando tua profissão ... aí o estudo começa ficar de lado ... aí com tudo isso né?! eu morando com comerciante me tornei comerciante  
 (TIDOVuAXd2MA tu tem que vir cobrar mais tarde isso ((assimétrica 02)) então vem  
 (TIDOVuAXd2MA quando tu vim a Adriana já vai tá pra lá ((assimétrica 02))  
 (TgNQvUaXk2MA acho que é um ser social ( ) ... tipo ajudar o hospital ... não pode só ganhar o dinheiro ... é é ajudar creches ... acho por isso que acho que ele é um ser social ... e tem que ser com a sociedade em geral ... tu não pode só querer ganhar o dinheiro ... tipo assim como tem muita gente que vem ( ) aquele é um ser individual ... que aquele não contribui com nada ... aqui porque dentro da nossa cidade nossa cidade nossa cidade é uma cidade pobre ... porque ela ... ela só vive de de é ... ( ) então é assim tu precisa ... é hospital que precisa ... que tu doe uma tinta que tu doe alguma coisa ... é é todo tempo tem ofício aqui (que é)pra gente doar ...  
 (TgDJvUaXk2MA acho por isso que acho que ele é um ser social ... e tem que ser com a sociedade em geral ... tu não pode só querer ganhar o dinheiro ... tipo assim como tem muita gente que vem ( ) aquele é um ser individual ... que aquele não contribui com nada ... aqui porque dentro da nossa cidade nossa cidade nossa cidade é uma cidade pobre ... porque ela ... ela só vive de de é ... ( ) então é assim tu precisa ... é hospital que precisa ... que tu doe uma tinta que tu doe alguma coisa ... é é todo tempo tem ofício aqui (que é)pra gente doar ...  
 (TgDJvUfXk2MA aquele é um ser individual ... que aquele não contribui com nada ... aqui porque dentro da nossa cidade nossa cidade nossa cidade é uma cidade pobre ... porque ela ... ela só vive de de é ... ( ) então é assim tu precisa ... é hospital que precisa ... que tu



doe uma tinta que tu doe alguma coisa ... é é todo tempo tem ofício aqui (que é) pra gente doar ...

(TgDJvUfXk2MA aquele é um ser individual ... que aquele não contribui com nada ... aqui porque dentro da nossa cidade nossa cidade nossa cidade é uma cidade pobre ... porque ela ... ela só vive de de é ... ( ) então é assim tu precisa ... é hospital que precisa ... que tu doe uma tinta que tu doe alguma coisa ... é é todo tempo tem ofício aqui (que é) pra gente doar ...

(TgNQvUaXk2MA ... é assim manter a honestidade porque ... se não ter ... acho que a honestidade é é é acima de tudo ... é mostrar pro teus funcionário ... mostrar pros teus clientes ... que tu não tá aqui ... tu não veio passear ... que tu tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então tu tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não digo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ...

(TgNJzPbXk2MA ... é assim manter a honestidade porque ... se não ter ... acho que a honestidade é é é acima de tudo ... é mostrar pro teus funcionário ... mostrar pros teus clients ... que tu não tá aqui ... tu não veio passear ... que tu tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então tu tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não gigo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ...

(TgDJvUaXk2MA que tu não tá aqui ... tu não veio passear ... que tu tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então tu tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não gigo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ... tira aquilo da prateleira ... é melhor a gente perder ... mas a gente ter confiança de um cliente ...

(TgDJvUaXk2MA mostrar pros teus clients ... que tu não tá aqui ... tu não veio passear ... que tu tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então tu tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não gigo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ... tira aquilo da prateleira ...

(TgDJLUmXk2MA que tu tá aqui pra pra ti tocar uma carreira pela frente ... então tu tem que mostrar pra ele que um quilo é um quilo ... eu não gigo nenhuma vez pru meu prus meus funcionários olha apaga aquela data da validade porque aquilo venceu e vende lá não ... tira aquilo da prateleira ... é melhor a gente perder ... mas a gente ter confiança de um cliente ... então é isso ... tudo isso ele vem junto ... a honestidade ... o caráter da gente é muito importante ... porque é quando o cliente ele passa ... ele vem como eu vou dar exemplo ( ) é porque algum diferencial a gente tem ... então é ... pra tu ser bem sucedido ... acho que tem tudo isso ... tu tem que ser bem com a tua família ... ser bem com teus clientes ... manter sempre o caráter e a honestidade ... eu acho que assim ...

(TgDJvUaXk2MA ( ) é porque algum diferencial a gente tem ... então é ... pra tu ser bem sucedido ... acho que tem tudo isso ... tu tem que ser bem com a tua família ... ser bem com teus clientes ... manter sempre o caráter e a honestidade ... eu acho que assim ...

(TgNQvUmXk2MA é isso ... se eu fosse ... se meu filho tivesse hoje quinze anos e quissese abrir um comércio eu ir dizer isso pra ele ... que ele tinha que ser honesto ... naquilo que ele faz ... porque honesto e caráter é acima de tudo ... é melhor tu não ter nenhum centavo na tua conta mas ter todos os teus boletos pago ... pra tu ter o crédito ... teu nome limpo ... de que tu ter milhões guardado e teu nome sujo e ninguém querer te vender ... então ... eu ia dizer pra ele era isso ... pra ele ser direito no negócio dele ... ( ) hoje nós tamos numa crise ... então é é ...

(TgDJvhmXk2MA porque honesto e caráter é acima de tudo ... é melhor tu não ter nenhum centavo na tua conta mas ter todos os teus boletos pago ... pra tu ter o crédito ... teu

nome limpo ... de que tu ter milhões guardado e teu nome sujo e ninguém querer te vender ... então ... eu ia dizer pra ele era isso ... pra ele ser direito no negócio dele ... ( ) hoje nós tamos numa crise ... então é é ... é uma situação que toda toda semana tu tem boleto atrasado ... tu tem que que atender o telefone e dizer olha num dá ... num tem ... e tipo assim eu nun acho que existe tem muita gente que diz assim ...

(TgDJvUmXk2MA é melhor tu não ter nenhum centavo na tua conta mas ter todos os teus boletos pago ... pra tu ter o crédito ... teu nome limpo ... de que tu ter milhões guardado e teu nome sujo e ninguém querer te vender ... então ... eu ia dizer pra ele era isso ... pra ele ser direito no negócio dele ... ( ) hoje nós tamos numa crise ... então é é ... é uma situação que toda toda semana tu tem boleto atrasado ...

(TgDJvUaXk2MA de que tu ter milhões guardado e teu nome sujo e ninguém querer te vender ... então ... eu ia dizer pra ele era isso ... pra ele ser direito no negócio dele ... ( ) hoje nós tamos numa crise ... então é é ... é uma situação que toda toda semana tu tem boleto atrasado ... tu tem que que atender o telefone e dizer olha num dá ... num tem ... e tipo assim eu nun acho que existe tem muita gente que diz assim ... fulano de tal era bom pagador agora ele virou mal pagador ... não num é que ele seja um mal pagador ... porque hoje ele não tem o dinheiro pra pagar ... então quando tu não tem tu não tem como tu pagar ... ( não é que seja mal pagador) é o momento que tu vive ruim ... eu acho assim eu diria isso pru meu filho ... se ele fosse abrir um negócio hoje ...

(TgDJvUaXk2MA de que tu ter milhões guardado e teu nome sujo e ninguém querer te vender ... então ... eu ia dizer pra ele era isso ... pra ele ser direito no negócio dele ... ( ) hoje nós tamos numa crise ... então é é ... é uma situação que toda toda semana tu tem boleto atrasado ... tu tem que que atender o telefone e dizer olha num dá ... num tem ... e tipo assim eu nun acho que existe tem muita gente que diz assim ... fulano de tal era bom pagador agora ele virou mal pagador ... não num é que ele seja um mal pagador ... porque hoje ele não tem o dinheiro pra pagar

(TgNJvUaXk2MA então quando tu não tem tu não tem como tu pagar ... (não é que seja mal pagador) é o momento que tu vive ruim ... eu acho assim eu diria isso pru meu filho ... se ele fosse abrir um negócio hoje ...

(TgDJvhtXk2MA e tipo assim eu nun acho que existe tem muita gente que diz assim ... fulano de tal era bom pagador agora ele virou mal pagador ... não num é que ele seja um mal pagador ... porque hoje ele não tem o dinheiro pra pagar ... então quando tu não tem tu não tem como tu pagar ... (não é que seja mal pagador) é o momento que tu vive ruim ... eu acho assim eu diria isso pru meu filho ... se ele fosse abrir um negócio hoje ...

(TgDJvUaXk2MA fulano de tal era bom pagador agora ele virou mal pagador ... não num é que ele seja um mal pagador ... porque hoje ele não tem o dinheiro pra pagar ... então quando tu não tem tu não tem como tu pagar ... (não é que seja mal pagador) é o momento que tu vive ruim ... eu acho assim eu diria isso pru meu filho ... se ele fosse abrir um negócio hoje ...

(TEDQvUaXk2MA é as vantagens ... que aquele negócio passa a ser teu né?! ... tua a decisão final é tua ... tu decide o que tu acha certo ... as vezes quando tu tem chefe ... ele vem te pede opinião porra cara aquele fulano aquele funcionário ali tal ele o que tu acha não é melhor a gente despachar ele? ... não a gente dá opinião não é melhor aí quando é no outro dia ele tá despachado ... então a tua opinião então essa é a desvantagem ... que ... que devido tu não ter ... autoridade pra decidir as coisas

(TEDJvUaXk2MA é as vantagens ... que aquele negócio passa a ser teu né?! ... tua a decisão final é tua ... tu decide o que tu acha certo ... as vezes quando tu tem chefe ... ele vem te pede opinião porra cara aquele fulano aquele funcionário ali tal ele o que tu acha não é melhor a gente despachar ele? ... não a gente dá opinião não é melhor aí quando é no outro dia ele tá despachado ... então a tua opinião então essa é a desvantagem ... que ... que devido tu

não ter ... autoridade pra decidir as coisas

(TGDJvUaXk2MA é as vantagens ... que aquele negócio passa a ser teu né?! ... tua a decisão final é tua ... tu decide o que tu acha certo ... as vezes quando tu tem chefe ... ele vem te pede opinião porra cara aquele fulano aquele funcionário ali tal ele o que tu acha não é melhor a gente despachar ele? ... não a gente dá opinião não é melhor aí quando é no outro dia ele tá despachado ... então a tua opinião então essa é a desvantagem ... que ... que devido tu não ter ... autoridade pra decidir as coisas

(TGiJvUaXd2MA é as vantagens ... que aquele negócio passa a ser teu né?! ... tua a decisão final é tua ... tu decide o que tu acha certo ... as vezes quando tu tem chefe ... ele vem te pede opinião porra cara aquele fulano aquele funcionário ali tal ele o que tu acha não é melhor a gente despachar ele? ... não a gente dá opinião não é melhor aí quando é no outro dia ele tá despachado ... então a tua opinião então essa é a desvantagem ... que ... que devido tu não ter ... autoridade pra decidir as coisas

(TgNJvhtXk2MA é as vantagens ... que aquele negócio passa a ser teu né?! ... tua a decisão final é tua ... tu decide o que tu acha certo ... as vezes quando tu tem chefe ... ele vem te pede opinião porra cara aquele fulano aquele funcionário ali tal ele o que tu acha não é melhor a gente despachar ele? ... não a gente dá opinião não é melhor aí quando é no outro dia ele tá despachado ... então a tua opinião então essa é a desvantagem ... que ... que devido tu não ter ... autoridade pra decidir as coisas

(TgDQvUmXk2MA ele tem que interagir com o cliente ... então isso tudo faz um um um empresário de sucesso ... é tu manter esse contato com o cliente tu conhecer teu cliente ... é eu faço muita visita no meu cliente ... eu vou onde mora ... eu moro um sítio tal ...

(TgDJvhtXk2MA ele tem que interagir com o cliente ... então isso tudo faz um um um empresário de sucesso ... é tu manter esse contato com o cliente tu conhecer teu cliente ... é eu faço muita visita no meu cliente ... eu vou onde mora .. eu moro um sítio tal ...

(TgDOvUaXk2MA funcionário ( ) mas eu me envolvo com a vida dele social ... a casa dele tá caindo não nós vamos dar um jeito porque eu também não posso chegar e querer fazer a casa de todo mundo ... mas eu procuro dar uma ajuda olha ... é tua casa tá ruim ... umbora fazer o seguinte como eu fiz com o outro umbora colocar uma máquina de bater açaí e lá eu preparo um ponto pra ti tu põe tua mulher pra trabalhar ... tipo é é é uma forma de contribuir ... eu to contribuindo com meu funcionário ...

(TgDJvUtXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgDJvUaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgDJvUaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai

lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgNJzhaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgDJvUaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgDJvhmXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgDJzhaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TgNJzhaXk2MA porque tratar de cliente ... aqui aonde eu to hoje na beira do rio ... é é é praticamente é mesmo que tu ... as vezes o que acontece ... é mesmo que tu tiver num país ( ) porque tu tem que saber entender a língua do cliente ... como a língua do cliente ... muitos deles eles veem ... me dá uma caixa de uvu ... tu sabe que ele quer um ovo ... tu não vai mandar uma caixa de óleo ... então tem tudo isso ... tu tem que ... que tu saber porque tu vai lidar com várias pessoas ... vai chegar gente fumando ... que tu não pode chegar po apaga esse cigarro ... não é falta de educação é ... mas aquele lá não interessa ...

(TIDQvPbXk2MA a gente tamos no interior ... mas é assim ... eu acho assim ... que que essa essa pergunta que tu fez do empresário da sucessão ... ((simétrica)) ( ) que eu acho sei bem porque as vezes o que acontece ... a ... é ... dentro do do do ramo comercial a sucessão hoje ela tá um pouco precária ... tu pode tu pode até ver ... que por exemplo assim a sucessão a sucessão da loja da tua mãe ... tá ameaçada ... se se ela ... se ela parar parou todo mundo ... porque todo mundo já tomou seu seu ... tipo assim o empresário ... hoje hoje os empresários os filhos dos empresário é é ... poucos tu olha assim que tá dentro do comércio ((simétrica))

(TIDJvUaXk2MA a gente tamos no interior ... mas é assim ... eu acho assim ... que que essa essa pergunta que tu fez do empresário da sucessão ... ((simétrica)) ( ) que eu acho sei bem porque as vezes o que acontece ... a ... é ... dentro do do do ramo comercial a sucessão hoje ela tá um pouco precária ... tu pode tu pode até ver ... que por exemplo assim a sucessão a sucessão da loja da tua mãe ... tá ameaçada ... se se ela ... se ela parar parou todo mundo

... porque todo mundo já tomou seu seu ... tipo assim o empresário ... hoje hoje os empresários os filhos dos empresário é é ... poucos tu olha assim que tá dentro do comércio ((para o entrevistador))

(TIDJvUaXk2MA a gente tamos no interior ... mas é assim ... eu acho assim ... que que essa essa pergunta que tu fez do empresário da sucessão ... ((simétrica)) ( ) que eu acho sei bem porque as vezes o que acontece ... a ... é ... dentro do do do ramo comercial a sucessão hoje ela tá um pouco precária ... tu pode tu pode até ver ... que por exemplo assim a sucessão a sucessão da loja da tua mãe ... tá ameaçada ... se se ela ... se ela parar parou todo mundo ... porque todo mundo já tomou seu seu ... tipo assim o empresário ... hoje hoje os empresários os filhos dos empresário é é ... poucos tu olha assim que tá dentro do comércio ((simétrica))

(TgDQvUaXk2MA se o cliente é maltratado ... tu sabe que ele não vai voltar ... a gente mesmo ... tem loja que a gente vai que a pessoa não dá atenção a gente não volta mais ... então tu tem que ter base disso ... então como a gente cuida da pessoa do interior ...

(TgDJvUaXk2MA se o cliente é maltratado ... tu sabe que ele não vai voltar ... a gente mesmo ... tem loja que a gente vai que a pessoa não dá atenção a gente não volta mais ... então tu tem que ter base disso ... então como a gente cuida da pessoa do interior ...

(TIDJvUaXk2MA se for depender de mim eu acho que não ... num conjunto sim ... num conjunto sim porque como eu te disse que ... hoje o comércio ele gera mais emprego do que qualquer outra insituição ... eu acho por exemplo assim ... na casa Gaia são setenta e cinco ... então tu vai mais ali mais na frente no Neto deve ser uns setenta ... então no geral ele gera mais emprego ... pra tu ter ... pra tu ter uma ideia ... pra ter uma ideia no dia todo dia cinco ... que é pago os FGTS ... dos funcionários ... a caixa recebe valores absurdos ...

(TIDJvUmXk2MA se for depender de mim eu acho que não ... num conjunto sim ... num conjunto sim porque como eu te disse que ... hoje o comércio ele gera mais emprego do que qualquer outra insituição ... eu acho por exemplo assim ... na casa gaia são setenta e cinco ... então tu vai mais ali mais na frente no Neto deve ser uns setenta ... então no geral ele gera mais emprego ... pra tu ter ... pra tu ter uma ideia ... pra ter uma ideia no dia todo dia cinco ... que é pago os FGTS ... dos funcionários ... a caixa recebe valores absurdos ...

(TIDJvUaXk2MA é porque assim tu olha tu olha assim ... quando o o o um médico ... ele virou médico ... ele vai virar um empresário porque ... ( ) o que ele tá fazendo ele tá vendendo o conhecimento dele ... então duma forma ou de outra ele virou empresário ... e outros não outros como o tipo doutor mimom abriu um ele ele ele é médico ... ele também é empresário ... e tem muito e quando e quando o médico ele quando ele se formou ... ah muitos deles muitos não tem mas muito deles ah pegou logo abriu um consultório então ele acabou ... começou a ser ... empresário porque ele começou a vender o conhecimento

(TgDQvUaXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá veendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TgDJvPbXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá vendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TgDJLUaXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá

veendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TgDJvPbXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá veendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TGDJvUaXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá veendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TgDJzhtXk2MA então ele ele virou também um um empresário ... porque ele ah o que é que eu vendo eu não vendo mercadoria mas sim tu vende teu conhecimento tu estudou tu tá veendendo ... aquilo aquilo que tu aprendeu ... tá vendendo saúde ... ( ) então com empresário é diferenciado muitos tu chega é é porra eu to com um time lá na rua de casa são crianças carentes eu queria um colete e tudo mas se tu for procurar um engenheiro eh rapaz vai procurar comerciante ...

(TGDOvhaXk2MA porque é ... ajudar ... ajudar a gente ... quem tá precisando ... então é é essas outras áreas ... que são engenheiros ... que são os engenheiros ... os médicos os advogados os ... ninguém quando tu pensa em em ... quando quando ... a tua rua tá precisando ... ah ...

(TliQzUaXd2MA tu quer falar um pouco? tu vai ser empresário ((assimétrica 02))

(TIDJzhaXd2MA tu quer falar um pouco? tu vai ser empresário ((assimétrica 02))

## 10. INFCAM10IIMA

(VIDQvPbXk2MA hoje como você falou ((assimétrica 01)) ... uma história muito bem lembrada ... hoje se for olhar ... por exemplo a Dilma ... é antes disso aí ... a uns vinte anos atrás isso era um terror na sociedade ... ((omissão de trechos)) todos são iguais ... eu sempre lembro que ali na câmara tem pessoas de cinco mandatos ... mas pra mim o que vale é esse ... eu to no primeiro mas aqui o mesmo valor que você tem eu tenho ...

(VgDCvUaXk2MA hoje como você falou ... uma história muito bem lembrada ... hoje se for olhar ... por exemplo a Dilma ... é antes disso aí ... a uns vinte anos atrás isso era um terror na sociedade ... ((omissão de trechos)) ... todos são iguais ... eu sempre lembro que ali na câmara tem pessoas de cinco mandatos ... mas pra mim o que vale é esse ... eu to no primeiro mas aqui o mesmo valor que você tem eu tenho ... ((simétrica))

(VgDCvUaXk2MA eu to no primeiro mas aqui o mesmo valor que você tem eu tenho ... o que ce pode falar aqui ou deve o mesmo direito que ce tem as atribuições do regimento da câmara nos permite ... então pra mim aquilo já passou ... ((omissão de trechos)) ... mas também eu possa ter ganhado mais quinhentos e um ... porque as vezes você deixa alguém de gostar de você no mas momento que você ajuda uma pessoa ... as vezes no momento muito difícil aquelas umas já lhe acompanha ... ( )

(VgDCvUaXk2MA mas também eu possa ter ganhado mais quinhentos e um ... porque as vezes você deixa alguém de gostar de você no mas momento que você ajuda uma pessoa ... as vezes no momento muito difícil aquelas umas já lhe acompanha ...

(TRNOvhark2MA como eu disse ... quem escolheu a política não foi eu ... uma vez que a gente entra no movimento ... as vezes ... a gente tá aqui e aí ... não tu tem que tá em Belém amanhã a gente tá se for Tucuruí a gente tá também ... e a gente tá a serviço do movimento ...

(TRiOvUars2MA eu hoje eu ainda ando neste município tem pessoas que ainda não me conhecem ... sabe do meu nome ... (ouviu falar) é ... as vezes eu chego fico até surpreso ... pessoas que eu conheço ... tu que é o Roberto da colônia? ... o vereador? ... sou ... ((assimétrica 01))

(VEDOvUaXk2MA se a gente pudesse voltar em todas as comunidades como a gente foi antes da campanha seria muito bom ... mas não tem como ... é porque uma hora não tem tempo ... outra hora você tem o final de semana ...

(VgDHvUaXk2MA quem é o senhor? Vereador ... todo mundo logo quem foi chamar foi ... então ... realmente ela tem assim um ... que ora ele é bom ... mas também ora não sou muito de dizer ... minha vó se ( ) né?! então assim ele te tem realmente ... a classe principalmente a classe média ... ela ela tem outra visão ... quando você é vereador ou empresário ... presidente até das nossas associações ... então ele tem tipo ainda um preconceito com pessoas que tem status ... que tem mandato ... uma vez ... um cidadão me falou

(TRiCvPbrk2MA quando você é vereador ou empresário ... presidente até da nossas associações ... então ele tem tipo ainda um preconceito com pessoas que tem status ... que tem mandato ... uma vez ... um cidadão me falou ((trechos omitidos do mesmo turno)) ele falou não é cara ... tem mais de trezentas pessoas que tão cobiçando um cargo ... são quinze vagas ... são trezentas pessoas brigando por essas quinze ... tu já pensou nisso? ... disse não eu não to pensando em poder ... eu to pensando uma uma questão mais minha ... ((fala do camarada dele))

(VIDQvPbXk2MA tem uma questão política ... que você mencionou aqui ((simétrica 01)) ... na política muita gente vê o político como aquele que possa resolver meu problema e isso é comum não adianta ... mesmo tendo todo hoje um parâmetro legal que ... orienta que ... campanhas educativas sobre o valor que tem um voto ... é mas as vezes assim ... você chega numa casa que tem ... dez pessoas ... olha eu sou candidato eu vim aqui ... sim o que é que tu tem? eu preciso disso ...

(VgDCvUaXk2MA tem uma questão política ... que você mencionou aqui ((assimétrica 01)) ... na política muita gente vê o político como aquele que possa resolver meu problema e isso é comum não adianta ... mesmo tendo todo hoje um parâmetro legal que ... orienta que ... campanhas educativas sobre o valor que tem um voto ... é mas as vezes assim ... você chega numa casa que tem ... dez pessoas ... olha eu sou candidato eu vim aqui ... sim o que é que tu tem? eu preciso disso ...

(TRiCvUard2MA tem uma questão política ... que você mencionou aqui ((assimétrica 01)) ... na política muita gente vê o político como aquele que possa resolver meu problema e isso é comum não adianta ... mesmo tendo todo hoje um parâmetro legal que ... orienta que ... campanhas educativas sobre o valor que tem um voto ... é mas as vezes assim ... você chega numa casa que tem ... dez pessoas ... olha eu sou candidato eu vim aqui ... sim o que é que tu tem? eu preciso disso ...

(VgDJvUaXk2MA você chega numa casa que tem ... dez pessoas ... olha eu sou candidato eu vim aqui ... sim o que é que tu tem? eu preciso disso ... é ... olha eu tenho dois filhos empregados ... então muitas das vezes as pessoas veem o político como que possa resolver o problema ... que for ... que seja daquele momento ... que o depois muitas das vezes ... eles não tão nem aí ... o que vem acontecer... então pra mim assim ... por isso que há ... muitos muita irresponsabilidade na política ... que uma vez que você resolve o problema que que o eleitor ... o cidadão aí propôs naquele momento... muita das vezes tipo você tá comprando! ...

(VgxCLUaXk2MA então pra mim assim ... por isso que há ... muitos muita

irresponsabilidade na política ... que uma vez que você resolve o problema que que o eleitor ... o cidadão aí propôs naquele momento... muita das vezes tipo você tá comprando! ... depois ele volta que isso eu já vivencio no dia a dia ... volta ... rapaz ... cara olha ...

(VgNCvUaXk2MA muita das vezes tipo você tá comprando! ... depois ele volta que isso eu já vivencio no dia a dia ... volta ... rapaz ... cara olha ... ( ) vocês assim que quando chegam na universidade ... eu tenho certeza que vocês começam a ter conhecimentos assim ... que muitas das vezes tá aqui do seu lado ... você nem ... só que não se via ... não dava valor que hoje você está dando ...

(VgDCLUaXk2MA você nem ... só que não se via ... não dava valor que hoje você está dando ... entendeu?! então a política tem esses dois lados sempre vai ter ... ((para os universitários)) ((omissão de trecho) é se você for vê dos quinze vereadores que tem aqui ... é tem vereador lá na câmara que ele tá de segunda a sexta ... manhã ... (dia de sessão) todo dia

(VIDCzhaXk2MA você nem ... só que não se via ... não dava valor que hoje você está dando ... entendeu?! então a política tem esses dois lados sempre vai ter ... ((para os universitários)) ((omissão de trecho) é se você for vê dos quinze vereadores que tem aqui ... é tem vereador lá na câmara que ele tá de segunda a sexta ... manhã ... (dia de sessão) todo dia

(TEDQvPbXk2MA sempre as vezes quando eu chego em casa ... né?! a felicidade ... o que deixa a gente feliz é saber que as vezes no final do dia ... tu conseguiu ... cumprir uma missão ... ajudar uma pessoa ... resolver um problema ... que fosse ... né?! na verdade... as vezes ... você não consegue resolver uma coisa você fica chateado ...

(VENJzUaXk2MA tu conseguiu ... cumprir uma missão ... ajudar uma pessoa ... resolver um problema ... que fosse ... né?! na verdade... as vezes ... você não consegue resolver uma coisa você fica chateado ... você se estressa ... é que as vezes a gente fica ... mermo sendo ... um grupo ... tem hora que eu discordo do Messias com o Marivelson assim como eu discordo comigo aí a gente ... essa infe/não digo que isso é infelicidade ... né?!

(VEDCLUaXk2MA tu conseguiu ... cumprir uma missão ... ajudar uma pessoa ... resolver um problema ... que fosse ... né?! na verdade... as vezes ... você não consegue resolver uma coisa você fica chateado ... você se estressa ... é que as vezes a gente fica ... mermo sendo ... um grupo ... tem hora que eu discordo do Messias com o Marivelson assim como eu discordo comigo aí a gente ... essa infe/não digo que isso é infelicidade ... né?!

(VEDCvUaXk2MA resolver um problema ... que fosse ... né?! na verdade ... as vezes ... você não consegue resolver uma coisa você fica chateado ... você se estressa ... é que as vezes a gente fica ... mermo sendo ... um grupo ... tem hora que eu discordo do Messias com o Marivelson assim como eu discordo comigo aí a gente ... essa infe/não digo que isso é infelicidade ... né?!

(SRiOvUars2MA ontem um exemplo eu recebi uma denúncia foi no posto lá da nova Cameté lá ... cheguei lá ... todo mundo me olhando sentado ... todo mundo comendo eu disse cadê a diretora? taí ... eu gostaria de falar com ela ... quem é o senhor? ((assimétrica 01)) vereador ... todo mundo logo quem foi chamar foi ... então ... realmente ela tem assim um ... que ora ele é bom ... mas também ora não sou muito de dizer ... minha vó se export né?! então assim ele te tem realmente ... a classe principalmente a classe média ... ela ela tem outra visão ... quando você é vereador ou empresário ... presidente até da nossas associações ... então ele tem tipo ainda um preconceito com pessoas que tem status ... que tem mandato

## 11. INFCAM11IIMB

(VEDOvUaXk2MB ... aos pais ... e ... e muitas vezes também aos alunos... nós observamos muito isso ... quando finaliza o ano letivo ... esse grau de importância ... no sentido assim muitas vezes você está em certos momentos ... por mais que os pais ... não te conhecem ainda quanto professor do filho dele ... mas no momento que ele começa a



conhecer ... ele começa a ter um olhar diferenciado ...

(TIDQvhaXk2MB Eles criam assim uma relação de poder ... agregam a status ... néh!? é o cara que resolve ... se tu ((relação simétrica)) vai por exemplo assim ... não ... fulano de tal vai resolver ... e vai lá por exemplo ... como vereador ... muitas vezes ... na escola por exemplo ... você fala com a coordenação ... mas aí quem resolve é o diretor ... então ele pega e leva isso pro social também ... as vezes ele quer né?!

(VgDJvUaXk2MB Eles criam assim uma relação de poder ... agregam a status ... néh!? É o cara que resolve ... se tu ((relação simétrica)) vai por exemplo assim ... não ... fulano de tal vai resolver ... e vai lá por exemplo ... como vereador ... muitas vezes ... na escola por exemplo ... você fala com a coordenação ... mas aí quem resolve é o diretor ... então ele pega e leva isso pro social também ... as vezes ele quer né?!

(TgDOvUaXk2MB é tanto é ... por exemplo assim ... que tu chega em certos momentos assim ... em repartições então ... alguma ... algum evento ... a pessoa já ... agrega o nome ao poder ... né!?

(TIDQvUmXk2MB é eu falo que eu tive o prazer porque aí ... é fácil tu observar essa questão do do status na relação da pessoa quando passa da pessoa quando fica ... até eu comentei isso com meus alunos hoje ... que você se sente ... quando você não passa ... o pior dos piores ...

(VEDJvUaXk2MB é eu falo que eu tive o prazer porque aí ... é fácil tu observar essa questão do do status na relação da pessoa quando passa da pessoa quando fica ... até eu comentei isso com meus alunos hoje ... que você se sente ... quando você não passa ... o pior dos piores ...

(VENCvUaXk2MB é eu falo que eu tive o prazer porque aí ... é fácil tu observar essa questão do do status na relação da pessoa quando passa da pessoa quando fica ... até eu comentei isso com meus alunos hoje ... que você se sente ... quando você não passa ... o pior dos piores ...

(TgDCvUaXk2MB quando você não passa ... o pior dos piores ... naquele momento ... entendeu!? Então é justamente nesse momento que eu observo que ... é conforme por exemplo ... tu tens um público ... ali depende da referência que tu ta tomando ((relação simétrica)) ... com relação ao estudante universitário ...

(TIDJLUaXk2MB quando você não passa ... o pior dos piores ... naquele momento ... entendeu!? Então é justamente nesse momento que eu observo que ... é conforme por exemplo ... tu tens um público ... ali depende da referência que tu ta tomando ((relação simétrica)) ... com relação ao estudante universitário ...

(VgDJvUaXk2MB ali depende da referência que tu ta tomando ((relação simétrica)) ... com relação ao estudante universitário ... que se for em relação por exemplo ... a população que não é tão instruída ... ou seja ... um público fora da universidade ... ele é status ... ele tem ... naturalmente as pessoas criam isso ... né!? agora ... quando chega dentro da universidade ... você tem um outro grupo de discussão ... aí entra por exemplo ... as pessoas que participam de grupos de pesquisa ... os que não participam têm essas pessoas já como status

(VIDQLUaXk2MB os bolsistas por sua vez ... já tem como status as pessoas que estão no cursos de pós-graduação ... então é como se fosse uma cadeia de poder também em relação a status ... então depende muito do que você ta tendo como referência ((relação simétrica)) ... se for em relação ... sociedade como um todo ... ainda os universitários têm sim ... em relação tecnicamente a que tu passa ... né!? Não é nem você ... são os outros que tão próximos de você ... né?! é diferente agora você ... tem um nível superior ...

(TgxCvUaXk2MB então é como se fosse uma cadeia de poder também em relação a status ... então depende muito do que você ta tendo como referencia ((relação simétrica)) ... se for em relação ... sociedade como um todo ... ainda os universitários têm sim ... em relação tecnicamente a que tu passa ... né!? Não é nem você ... são os outros que tão próximos de você

... né?! é diferente agora você ... tem um nível superior ...

(VgDCvUaXk2MB sociedade como um todo ... ainda os universitários têm sim ... em relação tecnicamente a que tu passa ... né!? Não é nem você ... são os outros que tão próximos de você ... né?! é diferente agora você ... tem um nível superior ...

(TgDOvhtXk2MB é ... mas é como eu to falando ... como diz a ( ) rapa não interessa se tu for ... passou ... naquele momento ali

(VGdQvUaXk2MB então é observado nesse sentido que a essa questão dos status ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o Amorim fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra você está nesses pontos ... você passa por outros e vai ficando como tu falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município

(VGDCvUaXk2MB então é observado nesse sentido que a essa questão dos status ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o Amorim fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra você está nesses pontos ... você passa por outros e vai ficando como tu falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município

(TIDCvPbXk2MB então é observado nesse sentido que a essa questão dos status ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o Amorim fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra você está nesses pontos ... você passa por outros e vai ficando como tu falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município

(TEDJvhaXk2MB vai ficando como tu falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município ... nós trabalhamos juntos no OsÓrio ... então quer dizer ... a época que eu fiquei no município foram dez anos (também) foram as escolas que passaram ... foi São João Osório ... foi Coronel ... foram as três escolas que eu trabalhei antes ... e assim as pessoas com quem eu trabalhei hoje ... não num deixaram de cumprimentar ... se tu vai na escola ... as pessoas ficam lá ... é como se tu ali naquele ambiente novamente ... então eu não sei se em outras profissões isso ocorre ... né!? Mas na educação isso fica ... entendeu? Dependendo é claro de como você conviveu o período que você ficou ali

(VgDJvPbXk2MB e assim as pessoas com quem eu trabalhei hoje ... não num deixaram de cumprimentar ... se tu vai na escola ... as pessoas ficam lá ... é como se tu ali naquele ambiente novamente ... então eu não sei se em outras profissões isso ocorre ... né!? Mas na educação isso fica ... entendeu? Dependendo é claro de como você conviveu o período que você ficou ali

(VgDCvPbXk2MB e assim as pessoas com quem eu trabalhei hoje ... não num deixaram de cumprimentar ... se tu vai na escola ... as pessoas ficam lá ... é como se tu ali naquele ambiente novamente ... então eu não sei se em outras profissões isso ocorre ... né!? Mas na educação isso fica ... entendeu? Dependendo é claro de como você conviveu o período que você ficou ali

(VgDQvUaXk2MB é do teu convívio ... né!? vai ficando tanto é que dificilmente por exemplo ... você tem um encontro de educação ... seja por exemplo num ... quando ouve recentemente essa questão da do encontro de de educação aqui no município ta lá também lá na aldeia no Fórum municipal ... é como se sentisse em casa ... porque ... era eu representando uma escola particular ali ... mas tinha vários de outra repartição que tava lá que tu ((referência ao próprio falante)) conhecia ... que é de outros tempo né ... outro momento da tua vida é ... talvez que isso vai tendo com que tu vá criando uma certa referência com determinado tempo e período ... seja ela boa ou não ... também talvez você acabe pegando também um referencial como fosse só uma coisa boa ... e até a questão de discussão que é esse status que a pessoa tem ... status e esse

(TEDCvPbXk2MB é do teu convívio ... né!? vai ficando tanto é que dificilmente por exemplo ... você tem um encontro de educação ... seja por exemplo num ... quando ouve recentemente essa questão da do encontro de de educação aqui no município ta lá também lá na aldeia no Fórum municipal ... é como se sentisse em casa ... porque ... era eu representando uma escola particular ali ... mas tinha vários de outra repartição que tava lá que tu ((referência ao próprio falante)) conhecia ... que é de outros tempo né ... outro momento da tua vida é ... talvez que isso vai tendo com que tu vá criando uma certa referência com determinado tempo e período ... seja ela boa ou não ... também talvez você acabe pegando também um referencial como fosse só uma coisa boa ... e até a questão de discussão que é esse status que a pessoa tem ... status e esse

(TEDJLUfXk2MB mas tinha vários de outra repartição que tava lá que tu ((referência ao próprio falante)) conhecia ... que é de outros tempo né ... outro momento da tua vida é ... talvez que isso vai tendo com que tu vá criando uma certa referência com determinado tempo e período ... seja ela boa ou não ... também talvez você acabe pegando também um referencial como fosse só uma coisa boa ... e até a questão de discussão que é esse status que a pessoa tem ... status e esse

(VEDJLUfXk2MB mas tinha vários de outra repartição que tava lá que tu ((referência ao próprio falante)) conhecia ... que é de outros tempo né ... outro momento da tua vida é ... talvez que isso vai tendo com que tu vá criando uma certa referência com determinado tempo e período ... seja ela boa ou não ... também talvez você acabe pegando também um referencial como fosse só uma coisa boa ... e até a questão de discussão que é esse status que a pessoa tem ... status e esse

(TIDQLPeXk2MB é como se tu ((relação simétrica)) tivesse perguntando assim ... (querendo receita a algo) ... que tu fosse bem visto né ... socialmente

(TGDJvPeXk2MB é como se tu ((relação simétrica)) tivesse perguntando assim ... (querendo receita a algo) ... que tu fosse bem visto né ... socialmente

(VgDOvUaXk2MB então quando ele chega no outro ambiente pra ele tudo é novo ... ele não vai pru movimento ... ele não reivindica ... e é quando você tem a presença do outro ... é o que a Gleika fala ... quando (ta caracterizado) ta produzindo também ... ta ajudando ao mesmo tempo né ...

(TENJvUaXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto

(TgDJvhaXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto

(TgDJvPbXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto

(TgiJvPbXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto

(VgDJvPbXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto

- (VgNJvPbXk2MB tanto é que qualquer coisa fulano de tal ... tu já tu nunca te aponta ... sempre é o outro ... e depois tu quer reclamar desse outro ... né!? Que as vezes assim tu tava ali num patamar melhor que ele ... como é que de repente tu ficaste e ele foi? Cada vez que você mandava ele ir e você nunca foi também junto
- (VEDOzhaXk2MB aí o bacana é quando você consegue quebrar essas barreiras ((a si mesmo))
- (TEDOzUaXk2MB são poucos ... mas que tu consegue dialogar ((a si mesmo)) ... tem uns que não dialogam no mesmo grupo com outro
- (VgDQvhmXk2MB não ... eu acredito assim ... que influência no sentido de você conduzir o trabalho ... a questão da linguagem ... porque ter ... se você ... por exemplo ... se utilizar de uma linguagem ... mesmo explicando matemática ... você não usar a linguagem matemática ... já dá problema ((categoria professor))
- (VgDCvhtXk2MB não ... eu acredito assim ... que influencia no sentido de você conduzir o trabalho ... a questão da linguagem ... porque ter ... se você ... por exemplo ... se utilizar de uma linguagem ... mesmo explicando matemática ... você não usar a linguagem matemática ... já dar problema ((categoria professor))
- (VgNCvhtXk2MB não ... eu acredito assim ... que influencia no sentido de você conduzir o trabalho ... a questão da linguagem ... porque ter ... se você ... por exemplo ... se utilizar de uma linguagem ... mesmo explicando matemática ... você não usar a linguagem matemática ... já dá problema ((categoria professor))
- (TgDOvUaXk2MB antes da da da definição ... né? tem alguns quando os meninos iam explicar cara ... pega esse cara daqui e joga pra cá né!? na verdade tu tens ali uma linguagem própria (aham) praquele símbolo dentro do sinal matemático ((categoria professor))
- (VgDCzUaXk2MB então é nessa nessa condução eu observo que de fato quando você ... você precisa ... dominar ((categoria professor))
- (VgDOzhtXd2MB se você não conseguir interpretar o problema ((referência aluno)) ... não adianta tuas ferramentas ... é é mais um problema para resolver
- (TliOzhaXd2MB tu pretende fazer outro curso ... né? ((assimétrica 02/inferior))
- (VgDQvhaXd2MB não se profissionalizando ... o que eu falo pros meus alunos que se de repente por exemplo ... você passar pra docência ((aluno)) ... que você entende o professor simplesmente veio pra dar aula ((aluno)) ... né ... na educação básica ... superior mas você pode ser professor dentro da sua área jurídica né ((aluno)) ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ...
- (VgDCvfhXd2MB não se profissionalizando ... o que eu falo pros meus alunos que se de repente por exemplo ... você passar pra docência ((aluno)) ... que você entende o professor simplesmente veio pra dar aula ((aluno)) ... né ... na educação básica ... superior mas você pode ser professor dentro da sua área jurídica né ((aluno)) ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ...
- (VgDCzhaXk2MB não se profissionalizando ... o que eu falo pros meus alunos que se de repente por exemplo ... você passar pra docência ((aluno)) ... que você entende o professor simplesmente veio pra dar aula ((aluno)) ... né ... na educação básica ... superior mas você pode ser professor dentro da sua área jurídica né ((aluno)) ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ...
- (VgDCzhaXd2MB não se profissionalizando ... o que eu falo pros meus alunos que se de repente por exemplo ... você passar pra docência ((aluno)) ... que você entende o professor simplesmente veio pra dar aula ((aluno)) ... né ... na educação básica ... superior mas você pode ser professor dentro da sua área jurídica né ((aluno)) ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ...
- (VEDCvUaXk2MB ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ... então pra mim ... ((omissões

de trechos no mesmo turno)) poderia até pensar assim por exemplo ... ah mais você trabalha aqui ... ali ... tudo mais e tal... a questão da felicidade ((ele próprio))... ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VEDCLUmXk2MB ... você também pode ser professor dentro da sua área de atuação ((grupo)) ... isso também é importante pra nós na formação ... então pra mim ... ((omissões de trechos no mesmo turno)) poderia até pensar assim por exemplo ... ah mais você trabalha aqui ... ali ... tudo mais e tal... a questão da felicidade ((ele próprio))... ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VgDCLUaXk2MB ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VgDCvUaXk2MB ah mais você trabalha aqui ... ali ... tudo mais e tal... a questão da felicidade ((ele próprio))... ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VgDCvUaXk2MB ah mais você trabalha aqui ... ali ... tudo mais e tal... a questão da felicidade ((ele próprio))... ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VgDCvUfXk2MB ah mais você trabalha aqui ... ali ... tudo mais e tal... a questão da felicidade ((ele próprio))... ela não está assim por exemplo assim no espaço de você ficar acomodado né!? porque quando você fica acomodado também ... você começa a estagnar ... você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim

(VgDCvhtXk2MB você começa a perder pra ti mesmo ... tanto que você esteja assim numa estabilidade ... mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim ... né que você imagina por exemplo ((simétrica)) ... é nós trabalhamos um bom tempo de 7 ... 5 a 8 serie ... trabalhei com a Raquel no Osório

(VgNCvhtXk2MB mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade ... eu vejo assim ... né que você imagina por exemplo ((simétrica)) ... é nós trabalhamos um bom tempo de 7 ... 5 a 8 serie ... trabalhei com a Raquel no Osório

(VIDCvUaXk2MB mas se você ficar com essa estabilidade e você não se profissionalizar dentro dela ... vai acontecer a mesma coisa ... vai ter um momento que vai ocorrer a felicidade

... eu vejo assim ... né que você imagina por exemplo ((simétrica)) ... é nós trabalhamos um bom tempo de 7 ... 5 a 8 série ... trabalhei com a Raquel no Osório

(VgDCzUaXk2MB né que você imagina por exemplo ((simétrica)) ... é nós trabalhamos um bom tempo de 7 ... 5 a 8 série ... trabalhei com a Raquel no Osório ... ((omissões de trechos)) ... então eu vejo muito dessa forma a questão profissional né?! é você como a Gleika falou agora a pouco é ter noção ... do que tu precisa ir mais além ... porque eu por exemplo eu fiz matemática ...

(TgDCzhaXk2MB né que você imagina por exemplo ((simétrica)) ... é nós trabalhamos um bom tempo de 7 ... 5 a 8 série ... trabalhei com a Raquel no Osório ... ((omissões de trechos)) ... então eu vejo muito dessa forma a questão profissional né?! é você como a Gleika falou agora a pouco é ter noção ... do que tu precisa ir mais além ... porque eu por exemplo eu fiz matemática ...

(TEDJzPeXk2MB do que tu precisa ir mais além ... porque eu por exemplo eu fiz matemática ... fiz ciência e complementação matemática ... foi os primeiros dois cursos ... a licenciatura plena em matemática foi o terceiro ... mas por quê? porque foi necessário para que tu pudesse é avançar no conhecimento ... então se há uma necessidade ... eu tenho ... e tenho vontade eu vou atrás ...

(TgDJzhaXk2MB mas por quê? porque foi necessário para que tu pudesse é avançar no conhecimento ... então se há uma necessidade ... eu tenho ... e tenho vontade eu vou atrás ... e como a Gleika estava falando agora há pouco ... se tá vendo que não é necessário ... não quer dizer que tu vai morrer com isso também ... tu não é obrigado a fazer isso ...

(TgNJLUaXk2MB e tenho vontade eu vou atrás ... e como a Gleika estava falando agora a pouco ... se tá vendo que não é necessário ... não quer dizer que tu vai morrer com isso também ... tu não é obrigado a fazer isso ...

(VgDJzhaXk2MB não quer dizer que tu vai morrer com isso também ... tu não é obrigado a fazer isso ... você pode mudar a qualquer momento e acho que por esse motivo que há essa pergunta dentro deste aspecto que as vezes a pessoa tá ali ... tu já imaginastes você está infeliz no seu trabalho ... você vai está numa angústia permanente ... diariamente e teu público sempre vai perceber isso ...

(TiCvPbXk2MB você pode mudar a qualquer momento e acho que por esse motivo que há essa pergunta dentro deste aspecto que as vezes a pessoa tá ali ... tu já imaginaste? você está infeliz no seu trabalho ... você vai está numa angústia permanente ... diariamente e teu público sempre vai perceber isso ...

(VgDJvUaXk2MB ... tu já imaginastes? você está infeliz no seu trabalho ... você vai está numa angústia permanente ... diariamente e teu público sempre vai perceber isso ...

(VgDCzhaXk2MB você está infeliz no seu trabalho ... você vai está numa angústia permanente ... diariamente e teu público sempre vai perceber isso ... imagina o professor que vive reclamando o tempo todo do seu salário que professor é esse ...

(VgDCvhaXk2MB você está infeliz no seu trabalho ... você vai está numa angústia permanente ... diariamente e teu público sempre vai perceber isso ... imagina o professor que vive reclamando o tempo todo do seu salário que professor é esse ... ((omissão de trechos no mesmo turno)) o que vem de imediato é a educação ... e as vezes as coisas não são assim ... você tem que se profissionalizar pra isso ... porque tu imagina por exemplo ... um engenheiro .

(TIDCvUaXk2MB a educação pra agregar por exemplo assim as pessoas que eles querem dar um contrato ... o que vem de imediato é a educação ... e as vezes as coisas não são assim ... você tem que se profissionalizar pra isso ... porque tu imagina por exemplo ... um engenheiro ...

(TIDOVuAaXk2MB é ... ele tem que tá profissional pra isso né ... que ele vai ter um ... vai ser melhor pra ele por que ele vai tá ... tu imagina eu vim pra cá ((relação simétrica)) terminou hoje o ano letivo praticamente lá ... no INSA né ... mas aí eu não tou assim ... ah como o

colega que dizia ... égua até que enfim né?! ... tem gente que está enchendo a cara hoje né?! ... porque acabou ... parece que foi um peso enorme ...

(VgDQLUaXk2MB na verdade por exemplo você tá acabando uma etapa que tem que começar outra ... simplesmente é isso que tem que acontecer ... já pensou tu chegar um momento assim a ... eu já não tem mais nada pra explicar ... o que eu tinha que explicar como já é o último dia eu já expliquei ... não ...

(TgDCvhtXk2MB na verdade por exemplo você tá acabando uma etapa que tem que começar outra ... simplesmente é isso que tem que acontecer ... já pensou tu chegar um momento assim ah ... eu já não tem mais nada pra explicar ... o que eu tinha que explicar como já é o último dia eu já expliquei ... não

(VgNJLhaXk2MB já pensou tu chegar um momento assim a ... eu já não tem mais nada pra explicar ... o que eu tinha que explicar como já é o último dia eu já expliquei ... não ... eu tenho que pegar o ultimo como se fosse o primeiro naquele momento ali ... porque se não você vai está ancorado em algo ... que não que não vai ser permanente mesmo sendo estável ... o cara é concursado ...

(TgDCvhtXk2MB porque se não você vai está ancorado em algo ... que não que não vai ser permanente mesmo sendo estável ... o cara é concursado ... né?! ... mas ele vive faltando no trabalho dele ... vive se endividando ... vive se reclamando ... ele é feliz? Não ... porque se tu conversar com ele ... ele vai dizer ... olha cara não sei a hora de largar isso aqui ... mas ele não larga por que é cômodo ele tá ali ganhando aquele dinheiro ... eu vejo muito por esse lado aí ...

(TEDQLhaXk2MB status é ... foi muito importante assim ... eu ouvir ... qual a opinião de cada um ... que muitas vezes tu acaba imaginando que é só tua né ... nesse sentido ... a questão do do poder do dinheiro ... né?! a parte financeira em que ... você acaba tendo uma relação com alguém não pelo motivo do que ela é... mas sim pelo que ela tem ... e muitos acabam se iludindo ainda neste aspecto de que tem vários amigos e depois que termina não tem mais aí cai no desespero

(VGDJLhaXk2MB status é ... foi muito importante assim ... eu ouvir ... qual a opinião de cada um ... que muitas vezes tu acaba imaginando que é só tua né?! ... nesse sentido ... a questão do do poder do dinheiro ... né a parte financeira em que ... você acaba tendo uma relação com alguém não pelo motivo do que ela é ... mas sim pelo que ela tem ...

## 12. INFCAM12IIMB

(VgNQzhaXk2MB Então ele vai ter que buscar ... vai ter que adaptar a sua aula a sua metodologia a realidade daquele aluno ... você não vai pode falar de algo tão distante daquele aluno se não ele ele não vão conhecer ele vai ficar totalmente aéreo ... porque aquilo não faz parte do seu cotidiano ... então você vai ter que adaptar os seus métodos de modo naturalmente ... com a ajuda da família pra que possa entender

(VgDCzhaXk2MB você não vai pode falar de algo tão distante daquele aluno se não ele ele não vão conhecer ele vai ficar totalmente aéreo ... porque aquilo não faz parte do seu cotidiano ... então você vai ter que adaptar os seus métodos de modo naturalmente ... com a ajuda da família pra que possa entender ... pra que possa ter um melhor entendimento daquilo que você quer repassar ...

(VgDCzhaXk2MB ... porque aquilo não faz parte do seu cotidiano ... então você vai ter que adaptar os seus métodos de modo naturalmente ... com a ajuda da família pra que possa entender ... pra que possa ter um melhor entendimento daquilo que você quer repassar ... Mas ... a parte principal nesse nesse nesse caminho da educação sem dúvida a família é importantíssimo pra que o aluno consiga ter um sucesso em sala de aula.

(VgDQzhaXk2MB porque ... se não todo dia aula e todo dia fazer a mesma coisa ... todo

dia os alunos já sabe o que você vai fazer ... ou seja... aquilo deixa os alunos também desmotivados ... nós temos que diversificar a nossa metodologia pra que seja sempre uma surpresa para os alunos ... pra que ele não fique todo tempo sabendo o que vai acontecer na sala de aula ... mas que todo dia você mude ... isso é um estímulo para os alunos também ...

(VgDCvUfXk2MB Porque ... se não todo dia aula e todo dia fazer a mesma coisa... todo dia os alunos já sabe o que você vai fazer ... ou seja... aquilo deixa os alunos também desmotivados ... nós temos que diversificar a nossa metodologia pra que seja sempre uma surpresa para os alunos ... pra que ele não fique todo tempo sabendo o que vai acontecer na sala de aula ... mas que todo dia você mude ... isso é um estímulo para os alunos também.

(VIiOvUaXk2MB Ana clara ... você acha que os alunos estão entendendo o sentido da educação pra vida deles? ((simétrica))

(VIiOvUaXs2MB Continuando fazendo a pergunta ... eu gostaria de ouvir a opinião da mãe ... dona Maria Liduína ... você acha que os alunos estão entendendo o sentido da educação pra vida deles? ((assimétrica 01))

(VIDQvPbXs2MB É aproveitando a sua experiência que você só adquiriu durante a sua vida ... você acha que a escola de hoje é a mesma do passado dona Maria Liduína? ((assimétrica 01))

(VIiCvUaXs2MB É aproveitando a sua experiência que você só adquiriu durante a sua vida ... você acha que a escola de hoje é a mesma do passado dona Maria Liduína? ((simétrica))

(VgDQvhaXk2MB ... ou até mesmo com família ... porque é lá na escola que você consegue a ter ... sonhar com novos horizontes ... se você pagar ai exemplo de pais desenvolvido ... cito aqui o Japão por exemplo ... ele foi derrotado ... destruído durante a segunda guerra mundial ... ou seja ... foi só investir na educação pra ele se tornar uma subpotência que é hoje ... a segunda ... a segunda brigando a ser a segunda economia do mundo ...

(VIDCvhtXd2MB Porque é lá na escola que você consegue a ter ... sonhar com novos horizontes ... se você pegar ai exemplo de país desenvolvido ... cito aqui o Japão por exemplo ... ele foi derrotado ... destruído durante a segunda guerra mundial

(VgDCvUaXk2MB se você pagar ai exemplo de país desenvolvido ... cito aqui o Japão por exemplo ... ele foi derrotado ... destruído durante a segunda guerra mundial ... ou seja ... foi só investir na educação pra ele se tornar uma subpotência que é hoje ((omissão de trechos do mesmo turno)) uma escola sem estrutura uma escola muita das vezes sem sala de aula e nessa região ... nosso Norte que é calor imenso você chega lá na sala de aula ... andaram alguns metros ... alguns quilômetros ... porque infelizmente ... porque na verdade falaram que isso era do

(VGDOvhaXd2MB sim ... muito importante até porque nós sabemos que hoje a educação ela tá presente em tudo ... ou seja ... pra ser um gari você precisa ter no mínimo um ensino médio ... ou seja... a educação ela se faz importante e a mola mestra da educação é o professor ...

### 13. INFCAM13IIFA

(VRDQzhard2FA eu vim pra cá e a gente começou a trabalhar ... né!? aí eu trabalhei com a dona ... Olinda seis anos ... trabalhei lá ... e ai aquela velha história ... tipo assim ai o pai cobrando minha filha ... você tem que estudar ... você tem que ter uma profissão ... se formar se é isso que você quer realmente ... ai eu falei pra ele olha pai ... eu gostei ... é uma coisa que dá dinheiro ... as pessoas tão reconhecendo meu trabalho ... gostam do meu trabalho ... Tem gente que vem de fora ... é que mora pra fora ... toda vez que vem passar as férias me procura ...



(VRDCzhard2FA eu vim pra cá e a gente começou a trabalhar ... né!? ai eu trabalhei com a dona ... Olinda seis anos ... trabalhei lá ... e ai aquela velha história ... tipo assim ai o pai cobrando minha filha ... você tem que estudar ... você tem que ter uma profissão ... se formar se é isso que você quer realmente ... ai eu falei pra ele olha pai ... eu gostei... é uma coisa que dá dinheiro ... as pessoas tão reconhecendo meu trabalho ... gostam do meu trabalho ... Tem gente que vem de fora ... é que mora pra fora ... toda vez que vem passar as férias me procura

...

(VRDCzUard2FA eu vim pra cá e a gente começou a trabalhar ... né!? ai eu trabalhei com a dona ... Olinda seis anos ... trabalhei lá ... e ai aquela velha história ... tipo assim ai o pai cobrando minha filha ... você tem que estudar ... você tem que ter uma profissão ... se formar se é isso que você quer realmente ... ai eu falei pra ele olha pai ... eu gostei ... é uma coisa que dá dinheiro ... as pessoas tão reconhecendo meu trabalho ... gostam do meu trabalho ... Tem gente que vem de fora ... é que mora pra fora ... toda vez que vem passar as férias me procura

...

(TRDOzhtZd2FA Eu tipo assim... eu dou força pra ela ... Eu até falei pra ela Dora ... se tu quiser comprar teu material pra tu vir trabalhar aqui ... só ajudar a pagar na energia ... Mas não ... ela prefere trabalhar com o nosso material ... né!? Mas ela tem também as clientes por fora ... ela faz por fora ... em momento nenhum eu fico chateada ...

(TRDQzhtZd2FA Eu tipo assim... eu dou força pra ela ... Eu até falei pra ela Dora ... se tu quiser comprar teu material pra tu vir trabalhar aqui ... só ajudar a pagar na energia ... Mas não ... ela prefere trabalhar com o nosso material ... né!? Mas ela tem também as clientes por fora ... ela faz por fora ... em momento nenhum eu fico chateada ...

(TRDQzhbrk2FA E ai ela foi trabalhar com ele ... ela era manicure lá ... ela é minha outra prima ... a filha da tia Vanda ... a Lenilda ... E ai elas foram trabalhar lá ... Então ela viu que dava muito ... né!? ai ela falou pra ele ... ela falou Francinei ... olha o que tu podia fazer ... tu podia investir ... a Dona Olinda tem lá aquela casa grande... tem um ponto em baixo ... ai já não vai pagar aluguel ...

(TRDJzhbrk2FA E ai ela foi trabalhar com ele ... ela era manicure lá ... ela é minha outra prima ... a filha da tia Vanda ... a Lenilda ... E ai elas foram trabalhar lá ... Então ela viu que dava muito ... né!? ai ela falou pra ele ... ela falou Francinei ... olha o que tu podia fazer ... tu podia investir ... a Dona Olinda tem lá aquela casa grande... tem um ponto em baixo ... ai já não vai pagar aluguel ...

(TRDQvUard2FA No entanto é que eu sai de lá não deu certo com ninguém lá com a dona Olinda ... ai eu fiquei 6 anos lá ... Eu só sai mesmo porque eu precisava sair ... papai chegou comigo ... falou olha Nadir ... ta na hora de ter o que é teu ... se é realmente isso que tu quer... tu não estudou ... Eu fiz... eu fiz o meu curso de enfermagem ... ai eu fiz os concursos... fiz daqui do município ... do estado ... mas eu não tive sorte de passar ... né!?

(TRNJvPbrd2FA No entanto é que eu sai de lá não deu certo com ninguém lá com a dona Olinda ... ai eu fiquei 6 anos lá ... Eu só sai mesmo porque eu precisava sair ... papai chegou comigo ... falou olha Nadir... ta na hora de ter o que é teu ... se é realmente isso que tu quer... tu não estudou ... Eu fiz... eu fiz o meu curso de enfermagem ... ai eu fiz os concursos... fiz daqui do município ... do estado ... mas eu não tive sorte de passar ... né!?

(TgDJvUaXk2FA ela era minha cliente desde lá ... os 6 anos lá ... quando eu passei pra coronel ela me acompanhou ... só que ela era assim ... Ela fazia em Belém quando ela ia uma vez ou outra ... né! Então eu acho assim como eu aprendi ... cada pessoa tem a sua técnica ... por mais ... que tu ... tu estuda a teoria ... tu estuda a prática... a monitora te ensina dum jeito ... mas é o teu jeito que vai agradar ou não a pessoa ... né verdade?

(TgDJvUaXk2FA ela era minha cliente desde lá ... os 6 anos lá ... quando eu passei pra coronel ela me acompanhou ... só que ela era assim ... Ela fazia em Belém quando ela ia uma vez ou outra ... né! Então eu acho assim como eu aprendi ... cada pessoa tem a sua técnica ...

por mais ... que tu ... tu estuda a teoria ... tu estuda a prática... a monitora te ensina dum jeito ... mas é o teu jeito que vai agradar ou não a pessoa ... né verdade?

(VRNQzhaZs2FA ai ela começa a falar ah ... porque lá em Belém a fulana faz assim ... assim ... ai eu peguei e falei pra ela olha minha querida ... eu vou lhe dizer uma coisa ... Cada um é cada um ... você não pode querer que eu faça como ela porque eu não sou ela... e nem ela sou eu ... Os seres humanos são insubstituíveis ... Eu não posso substituir ela... Eu falei pra ela ... Então eu não posso fazer ... agora eu vou te falar uma coisa eu aprendi o seguinte ... Por exemplo ... quando eu tô fazendo a tua perna ... que tu fala que eu puxo ... devagar porque dói mais ... e ela puxa mais rápido ... Olha ... se eu puxar um pouco mais lento ... o que é que vai acontecer?

(TRDCvUaZs2FA ai ela começa a falar ah ... porque lá em Belém a fulana faz assim ... assim ... ai eu peguei e falei pra ela olha minha querida ... eu vou lhe dizer uma coisa ... Cada um é cada um ... você não pode querer que eu faça como ela porque eu não sou ela ... e nem ela sou eu ... Os seres humanos são insubstituíveis ... Eu não posso substituir ela... Eu falei pra ela ... Então eu não posso fazer ... agora eu vou te falar uma coisa eu aprendi o seguinte ... Por exemplo ... quando eu tô fazendo a tua perna ... que tu fala que eu puxo ... devagar porque dói mais ... e ela puxa mais rápido ...

(TRNJvUard2FA que tu fala que eu puxo ... devagar porque dói mais ... e ela puxa mais rápido ... Olha ... se eu puxar um pouco mais lento ... o que é que vai acontecer? os teus pelos vão sair de uma vez... e não vou precisar usar cera quente na tua perna... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ai ela se sentiu ofendida porque ela disse pra mim assim mesmo ah ... toda vez que eu venho me depilar aqui eu percebo que tu não gosta de me depilar... Eu falei assim não! Eu que já acho o contrário acho que você que não gosta do meu trabalho... porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradeci ela ...

(VRNJvUaZs2FA toda vez que eu venho me depilar aqui eu percebo que tu não gosta de me depilar... Eu falei assim não! Eu que já acho o contrário acho que você que não gosta do meu trabalho... porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradeci ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ...

(VRDCvUaZs2FA toda vez que eu venho me depilar aqui eu percebo que tu não gosta de me depilar ... Eu falei assim não! Eu que já acho o contrário acho que você que não gosta do meu trabalho... porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradeci ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se tu precisares eu to aqui ... ah ... vou ver!... Ela me deu de resposta ... sabe!? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!?

(VRDCvUaZs2FA Eu que já acho o contrário acho que você que não gosta do meu trabalho ... porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradeci ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se tu precisares eu to aqui ... ah ... vou ver!... Ela me deu de resposta ... sabe!? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!? Quando eu me mudei pra lá... ela passava na frente do salão várias vezes ... ai eu me mudei pra cá... de vez enquanto ela passa... tu sabe!? ai tipo assim ... eu fiquei na minha... entendeu? Nunca falei pra ninguém quem é essa pessoa ... Já comentei com as meninas aqui ...

(VRDCvUaZs2FA porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradeci ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se tu precisares eu to aqui ... ah ... vou ver!... Ela me deu de resposta ... sabe!? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!? Quando eu me mudei pra lá... ela passava na frente do salão várias vezes ... ai eu me mudei pra cá... de vez enquanto ela passa... tu sabe!? ai tipo assim ... eu fiquei na minha... entendeu?

Nunca falei pra ninguém quem é essa pessoa ... Já comentei com as meninas aqui...

(TRDCvhtZs2FA porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradei ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se tu precisares eu to aqui ... ah ... vou ver! ... Ela me deu de resposta ... sabe!? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!? Quando eu me mudei pra lá... ela passava na frente do salão várias vezes ... ai eu me mudei pra cá... de vez enquanto ela passa... tu sabe!? ai tipo assim ... eu fiquei na minha... entendeu? Nunca falei pra ninguém quem é essa pessoa ... Já comentei com as meninas aqui...

(TiiJvUaXk2FA porque cada vez que você vem no salão ... você reclama ... você fala da fulana lá e quer que eu faça igual... mas eu não posso fazer ... ai ela pegou me pagou... eu agradei ela ... ainda falei assim mesmo pra ela olha ... se tu precisares eu to aqui ... ah ... vou ver! ... Ela me deu de resposta ... sabe!? E passou o tempo e nunca mais ela voltou ... né!? Quando eu me mudei pra lá... ela passava na frente do salão várias vezes ... ai eu me mudei pra cá ... de vez enquanto ela passa ... tu sabe!? ai tipo assim ... eu fiquei na minha... entendeu? Nunca falei pra ninguém quem é essa pessoa ... Já comentei com as meninas aqui...

(TiiQvUaXk2FA olha ... tu acredita?! ... é só isso que desagrada a gente ((relação simétrica)) ... da parte dela também aconteceu ... daquela vez do alicate... né!? que teve uma que tu acredita menina ... que ela foi até pra Belém fazer teste de HIV... foi porque ela viu uma pessoa aqui no salão ... aonde as bocas dizem que ele tem HIV... ((omissão de trechos do mesmo turno)) por que ela conversa muito essa pessoa ... mas ela fala ... fala ... fala demais ... ah mana pra quê?! no momento ai ela só falou assim mesmo ah ... tu esterilizou o alicate? ai ela falou assim...ah eu esterilizei sim o alicate ... Ela falou assim ah não porque fulano tu sabias que tem HIV? ... ele tem aids

(TixJvUaXk2FA olha ... tu acredita ... é só isso que desagrada a gente ((relação simétrica)) ... da parte dela também aconteceu ... daquela vez do alicate ... né!? que teve uma que tu acredita menina! ... que ela foi até pra Belém fazer teste de HIV... foi porque ela viu uma pessoa aqui no salão ...

(TRiJvPbrd2FA que teve uma que tu acredita menina ... que ela foi até pra Belém fazer teste de HIV... foi porque ela viu uma pessoa aqui no salão ... aonde as bocas dizem que ele tem HIV... ((omissão de trechos do mesmo turno)) porque ela conversa muito essa pessoa ... mas ela fala ... fala ... fala demais ... ah mana pra quê?! no momento ai ela só falou assim mesmo ah ... tu esterilizou o alicate? ai ela falou assim ... ah eu esterilizei sim o alicate ... Ela falou assim ah não porque fulano tu sabias que tem HIV? ... ele tem aids

(TRiJvPbrd2FA mas ela fala ... fala ... fala demais ... ah mana pra quê?! no momento ai ela só falou assim mesmo ah ... tu esterilizou o alicate? ai ela falou assim ... ah eu esterilizei sim o alicate ... Ela falou assim ah não porque fulano tu sabias que tem HIV? ... ele tem aids

(TRDQvUaZk2FA Ela tem muita sorte de eu ter amor no meu trabalho ... eu ser profissional ... porque eu poderia muito bem chamar a pessoa e dizer olha ela falou que tu tem HIV... então ... ela pode até prejudicar o meu salão ... sair falando ... né!? ai depois eu falei assim não! Deus vai amenizar essa situação ... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ... ela não deixou eu dormir a noite inteira ... ela chorou a noite inteira ... ela chorou muito ... não sei o que ... ai eu falei assim olha ... tu sabias que se ele souber que ela anda falando isso ... ele pode até processar ela ... porque como ela sabe que essa pessoa tem HIV? ah ... porque todo mundo fala... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ... porque não era pra ser assim ... sabe!? Ela foi muito grossa ... ela disse desse jeito ... tu já pensou se a menina escuta ... Se a pessoa que ta aqui tá por dentro ... sai daqui e vai falar olha fulano... eu tava no salão da Nadir ... chegou uma pessoa lá assim falando que tu tem HIV ... Não ia dar certo... uma grande confusão ... né!? e ai ... como ia ficar o nome do meu salão... porque como eu falei pra ele

(TRiJvPbZk2FA Ela tem muita sorte de eu ter amor no meu trabalho... eu ser profissional... porque eu poderia muito bem chamar a pessoa e dizer Olha ela falou que tu tem

HIV... Então... ela pode até prejudicar o meu salão ... sair falando ... né!? ai depois eu falei assim não! Deus vai amenizar essa situação ... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ... ela não deixou eu dormir a noite inteira ... Ela chorou a noite inteira ... ela chorou muito ... não sei o que ... ai eu falei assim olha ... tu sabias que se ele souber que ela anda falando isso ... ele pode até processar ela? ... porque como ela sabe que essa pessoa tem HIV? ah ... porque todo mundo fala ... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ... porque não era pra ser assim ... sabe!? ela foi muito grossa ... ela disse desse jeito ... tu já pensou se a menina escuta ... Se a pessoa que ta aqui tá por dentro ... sai daqui e vai falar olha fulano... eu tava no salão da Nadir ... chegou uma pessoa lá assim falando que tu tem HIV ... Não ia dar certo... uma grande confusão ... né!? e ai ... como ia ficar o nome do meu salão... porque como eu falei pra ele

(TiiJvPbXk2FA Ela chorou a noite inteira ... ela chorou muito ... não sei o que ... ai eu falei assim olha ... tu sabias que se ele souber que ela anda falando isso ... ele pode até processar ela ... porque como ela sabe que essa pessoa tem HIV? ah ... porque todo mundo fala ... ((omissão de trechos do mesmo turno)) ... porque não era pra ser assim ... sabe!? Ela foi muito grossa ... ela disse desse jeito ... tu já pensou se a menina escuta? ... Se a pessoa que ta aqui tá por dentro ... sai daqui e vai falar olha fulano... eu tava no salão da Nadir ... chegou uma pessoa lá assim falando que tu tem HIV ... Não ia dar certo... uma grande confusão ... né!? e ai ... como ia ficar o nome do meu salão... porque como eu falei pra ele

(TRDJvUark2FA porque não era pra ser assim ... sabe!? Ela foi muito grossa ... ela disse desse jeito ... tu já pensou se a menina escuta ... Se a pessoa que ta aqui tá por dentro ... sai daqui e vai falar olha fulano ... eu tava no salão da Nadir ... chegou uma pessoa lá assim falando que tu tem HIV ... não ia dar certo ... uma grande confusão ... né!? e ai ... como ia ficar o nome do meu salão ... porque como eu falei pra ele

(TIDQzhaXk2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar ... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem .. tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim

(TGDJvUaXd2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar ... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem .. tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TIDJvhaXk2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar .... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem .. tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TIDJvhaXk2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar .... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem .. tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TIDJvUaXk2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar ... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer

que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem ... tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TIDJvUark2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar ... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem ... tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TGDJvUaZk2FA é como eu te falei ( ) em qualquer outro lugar que tu vai consultar ... por exemplo um gastro fala que tu tem gastrite ... outro fala que não tem ... né?! então é assim ... ( ) ao contrário de quando tu corta ... quando tu corta ele não encrava ... então é mito dizer que passa a gilete e ele fica grosso é porque tu só corta ele crescendo a partir do momento que ele foi cortado ( ) ... tem todas essas técnicas tem ... tu pode entrar em qualquer site ... de depilação que tu encontra ... todas as explicações assim ...

(TRDQvUfrd2FA ... até eu mesma ... por incrível que pareça por incrível que pareça ... as vezes tem gente que chega comigo fala assim mesmo olha Nadir eu quero que tu faça minha virilha ... igual daquela vez que tu fez aí eu fico assim ... aé as vezes eu fico calada assim pensando caramba! como foi que eu fiz da última vez? ah tu não lembra? aí eu falo ah mana como é que eu vou gravar que é tanta mulher e é o que eu mais faço ... essa área e aí é assim sabe eu acho que é isso né?! tudo é a ética como tu conversa assim as vezes as pessoas chegam ...

(TRDJvPbrd2FA ... até eu mesma ... por incrível que pareça por incrível que pareça ... as vezes tem gente que chega comigo fala assim mesmo olha Nadir eu quero que tu faça minha virilha ... igual daquela vez que tu fez aí eu fico assim ... a é as vezes eu fico calada assim pensando caramba! como foi que eu fiz da última vez? ah tu não lembra? aí eu falo ah mana como é que eu vou gravar que é tanta mulher e é o que eu mais faço ... essa área e aí é assim sabe eu acho que é isso né?! tudo é a ética como tu conversa assim as vezes as pessoas chegam ...

(TRiJvUard2FA ... até eu mesma ... por incrível que pareça por incrível que pareça ... as vezes tem gente que chega comigo fala assim mesmo olha Nadir eu quero que tu faça minha virilha ... igual daquela vez que tu fez aí eu fico assim ... aí é as vezes eu fico calada assim pensando caramba! como foi que eu fiz da última vez? ah tu não lembra? aí eu falo ah mana como é que eu vou gravar que é tanta mulher e é o que eu mais faço ... essa área e aí é assim sabe eu acho que é isso né?! tudo é a ética como tu conversa assim as vezes as pessoas chegam ...

(TgDJvUaXk2FA ... até eu mesma ... por incrível que pareça por incrível que pareça ... as vezes tem gente que chega comigo fala assim mesmo olha Nadir eu quero que tu faça minha virilha ... igual daquela vez que tu fez aí eu fico assim ... aé as vezes eu fico calada assim pensando caramba! como foi que eu fiz da última vez? ah tu não lembra? aí eu falo ah mana como é que eu vou gravar que é tanta mulher e é o que eu mais faço ... essa área e aí é assim sabe eu acho que é isso né?! tudo é a ética como tu conversa assim as vezes as pessoas chegam ...

(TgDQzhaXk2FA a vantagem é essa né?! que tu pode fazer teu horário ... né?! é tem hora não tem hora pra entrar não tem hora pra sair ... e ... a vantagem né? a desvantagem é a responsabilidade né?! eu acho que é mais assim ... responsabilidade né?! porque tu não tem um chefe mais tu tem que arcar com as despesas ... tem o aluguel tu tem a energia ... tem o material que não pode faltar ... eu acho que é isso

(TgNJvUaXk2FA a vantagem é essa né?! que tu pode fazer teu horário ... né?! é tem hora não tem hora pra entrar não tem hora pra sair ... e ... a vantagem né? a desvantagem é a

responsabilidade né?! eu acho que é mais assim ... responsabilidade né?! porque tu não tem um chefe mais tu tem que arcar com as despesas ... tem o aluguel tu tem a energia ... tem o material que não pode faltar ... eu acho que é isso

(TgDJvUaXk2FA a vantagem é essa né?! que tu pode fazer teu horário ... né?! é tem hora não tem hora pra entrar não tem hora pra sair ... e ... a vantagem né? a desvantagem é a responsabilidade né?! eu acho que é mais assim ... responsabilidade né?! porque tu não tem um chefe mais tu tem que arcar com as despesas ... tem o aluguel tu tem a energia ... tem o material que não pode faltar ... eu acho que é isso

(TgDJvUaXk2FA a vantagem é essa né?! que tu pode fazer teu horário ... né?! é tem hora não tem hora pra entrar não tem hora pra sair ... e ... a vantagem né? a desvantagem é a responsabilidade né?! eu acho que é mais assim ... responsabilidade né?! porque tu não tem um chefe mais tu tem que arcar com as despesas ... tem o aluguel tu tem a energia ... tem o material que não pode faltar ... eu acho que é isso

(TEDQvhmXk2FA não assim que têm clientes assim que ... te dá oportunidade de tu conversar mais ... entendeu?! de tu querer escutar um pouco da tua vida ... a pessoa querer falar um pouco da intimidade dela ... entendeu?!

(TEDJzhmXk2FA não assim que têm clientes assim que ... te dá oportunidade de tu conversar mais ... entendeu?! de tu querer escutar um pouco da tua vida ... a pessoa querer falar um pouco da intimidade dela ... entendeu?!

(TliOvhaXk2FA tem várias ... tem várias ... agora é a filha dela ... a Le que tá toda empolgada né?! é ... agora ela falou para mim que ela só vai fazer comigo né?! ((risos)) ... mas têm várias pessoas ... têm varias ... assim tu quer que eu cite nomes assim? ((simétrica))

(VRNQvUard2FA eu acho muito engraçado ... em julho né?! em vez de elas fazerem lá em Belém (antes delas virem para cá) aí elas já vêm pensando em mim sabe?! a a Márcia ela fala pra mim que ela vem pensando ... ah eu vou fazer minha depilação lá em Cametá e a mãe dela fala mas filha porque você não depila aqui você não vai pra praia ... não mamãe mas eu tenho que fazer com a Nadir ...

(VRNCvhard2FA eu acho muito engraçado ... em julho né?! em vez de elas fazerem lá em Belém (antes delas virem para cá) aí elas já vêm pensando em mim sabe?! a a Ana Márcia ela fala pra mim que ela vem pensando ... ah eu vou fazer minha depilação lá em Cametá e a mãe dela fala mas filha porque você não depila aqui você não vai pra praia ... não mamãe mas eu tenho que fazer com a Nadir ...

(TRDQvUaZk2FA mas mesmo assim eu sempre digo olha tu tem que tomar cuidado porque as vezes não é só eles e a gente que tá aqui né?! ((assimétrica 02)) têm outros clientes ... tem senhoras né?! aí principalmente assim os homens assim sabe?! Tem homem que é muito machista ... sempre diz ah ... já aconteceu de de de falar ah esse viadinho frequenta aqui ... tu tá entendendo?! Essas coisas eu sempre falo ... olha a gente tem que ser tolerante ((simétrica))

(TliJLUaXk2FA mas mesmo assim eu sempre digo olha tu tem que tomar cuidado porque as vezes não é só eles e a gente que tá aqui né?! ((assimétrica 02)) têm outros clientes ... tem senhoras né?! aí principalmente assim os homens assim sabe?! Tem homem que é muito machista ... sempre diz ah ... já aconteceu de de de falar ah esse viadinho frequenta aqui ... tu tá entendendo?! Essas coisas eu sempre falo ... olha a gente tem que ser tolerante ((simétrica))

(VRDQvhtd2FA eu tenho clientes até de 13 anos ... as meninas do attitude ... já fazem sobancelhas né?! já fazem axilas né?! eu acho muito engraçado eles chamam de tia ((risos)) eu fico tão feliz ... um dia desse uma menina de 14 anos a mae dela veio deixar ela... aí mana eu fiquei e a mãe dela falou filha quando você for você dobra não olha pra ninguém não fala com ninguém ... a preocupação sabe?! Aí quando chegou lá até perguntou a minha idade sabe?! tia quantos anos a senhora tem? eu falei eu tenho 32 ... nossa tia a senhora não tem

cara de 31 ((risos)) eu falei assim mais nova ou mais velha? não mais nova que isso ... aí eu falei ah ainda bem

(VRDCvUard2FA eu tenho clientes até de 13 anos ... as meninas do attitude ... já fazem sobranceiras né?! já fazem axilas né?! eu acho muito engraçado eles chamam de tia ((risos)) eu fico tão feliz ... um dia desse uma menina de 14 anos a mãe dela veio deixar ela... aí mana eu fiquei e mãe dela falou filha quando você for você dobra não olha pra ninguém não fala com ninguém ... a preocupação sabe?! Aí quando chegou lá até perguntou a minha idade sabe?! tia quantos anos a senhora tem? eu falei eu tenho 32 ... nossa tia a senhora não tem cara de 31 ((risos)) eu falei assim mais nova ou mais velha? não mais nova que isso ... aí eu falei ah ainda bem ...

(TRDQLUmXk2FA como eu falei pra minha prima ... eu falei meu Deus será que eu vou dar conta mesmo ... ah eu fiquei pensando assim ... ela falou assim não olha não te preocupa é tu ir gostando com o passar do tempo se tu for gostando pronto e no entanto é que a gente tem uma uma relação assim ... muito íntima eu e a cera ... ((omisão de trecho do mesmo turno)) uma vez ou outra agora pararam de perguntar Nadir por que tu não experimenta mais na tua mão ...

(TRDJLhmXk2FA como eu falei pra minha prima ... eu falei meu Deus será que eu vou dar conta mesmo ... ah eu fiquei pensando assim ... ela falou assim não olha não te preocupa é tu ir gostando com o passar do tempo se tu for gostando pronto e no entanto é que a gente tem uma uma relação assim ... muito íntima eu e a cera ... ((omisão de trecho do mesmo turno)) uma vez ou outra agora pararam de perguntar Nadir por que tu não experimenta mais na tua mão ...

(TRiJvUars2FA como eu falei pra minha prima ... eu falei meu Deus será que eu vou dar conta mesmo ... ah eu fiquei pensando assim ... ela falou assim não olha não te preocupa é tu ir gostando com o passar do tempo se tu for gostando pronto e no entanto é que a gente tem uma uma relação assim ... muito íntima eu e a cera ... ((omisão de trecho do mesmo turno)) uma vez ou outra agora pararam de perguntar Nadir por que tu não experimenta mais na tua mão? ...

(TRxQvPbrk2FA minha prima que como eu te falei no início né?! que ela ... foi a minha fonte de inspiração até hoje ela é sabe?! uma pessoa nem fala até mana ... tá no topo pra mim porque se não fosse por ela né!? que ela abriu essa porta né?! entendeu?! ela fala pra mim também ah Nadir eu fico muito feliz Nadir de te ver que tu gostou! que tu abriu o teu negócio que tu tem as tuas coisas tu tá conquistando né?!

(TRDJvPbrk2FA foi a minha fonte de inspiração até hoje ela é sabe?! uma pessoa nem fala até mana ... tá no topo pra mim porque se não fosse por ela né!? que ela abriu essa porta né?! entendeu?! ela fala pra mim também ah Nadir eu fico muito feliz Nadir de te ver que tu gostou! que tu abriu o teu negócio que tu tem as tuas coisas tu tá conquistando né?! aí tem um espaço todo mundo gosta de ti eu só fico triste porque tu não veio pra cá comigo ((risos)) eu falo assim não ...

(TRDJvUark2FA foi a minha fonte de inspiração até hoje ela é sabe?! uma pessoa nem fala até mana ... tá no topo pra mim porque se não fosse por ela né!? que ela abriu essa porta né?! entendeu?! ela fala pra mim também ah Nadir eu fico muito feliz Nadir de te ver que tu gostou! que tu abriu o teu negócio que tu tem as tuas coisas tu tá conquistando né?! aí tem um espaço todo mundo gosta de ti eu só fico triste porque tu não veio pra cá comigo ((risos)) eu falo assim não ... meu lugar não é pra cá não ...

(TRxJLUark2FA entendeu?! ela fala pra mim também ah Nadir eu fico muito feliz Nadir de te ver que tu gostou! que tu abriu o teu negócio que tu tem as tuas coisas tu tá conquistando né?! aí tem um espaço todo mundo gosta de ti eu só fico triste porque tu não veio pra cá comigo ((risos)) eu falo assim não ... meu lugar não é pra cá não ... não é em Belém eu tenho

que ficar aqui e é assim ... aí é só como te falei

(TRNJvPbrk2FA que ela abriu essa porta né?! entendeu?! ela fala pra mim também ah Nadir eu fico muito feliz Nadir de te ver que tu gostou! que tu abriu o teu negócio que tu tem as tuas coisas tu tá conquistando né?! aí tem um espaço todo mundo gosta de ti eu só fico triste porque tu não veio pra cá comigo ((risos)) eu falo assim não ... meu lugar não é pra cá não ... não é em Belém eu tenho que ficar aqui e é assim ... aí é só como te falei

(TRDJvhark2FA aí tem um espaço todo mundo gosta de ti eu só fico triste porque tu não veio pra cá comigo ((risos)) eu falo assim não ... meu lugar não é pra cá não ... não é em Belém eu tenho que ficar aqui e é assim ... ((omissão de trecho do mesmo turno)) ... a definitive ela queria que eu ficasse pelo menos um mês em Belém ((omissão de trecho do mesmo turno)) aí o curso de maquiagem a Lilia Nadir tu tem que ficar pelo menos 15 dias eu fui em dezembro não consegui ficar nem uma semana mana ... por causa da minha filha né?!

(TRxJvUark2FA aí o curso de maquiagem a Lilia Nadir tu tem que ficar pelo menos 15 dias eu fui em dezembro não consegui ficar nem uma semana mana ... por causa da minha filha né?! ((omissão de trecho do mesmo turno)) as vezes até a minha irmã quando trabalhava comigo a Deci falava égua Nadir tu não esquece né!! tu grava tudo isso ... eu falo ah mana com o passar com dos tempos ... a gente vai mesmo sabe?! Ela fala assim ah eu não ia decorar tudo isso ... porque tu fala que as vezes tem gente que indaga tudo ... quer saber da cera ... como é que eu compro a cera como é que eu faço sabe?! Aí fica perguntando porque que o pelo encrava aí então tu tem que saber responder as perguntas do cliente também né?! aí eu tenho a certeza com a tua resposta com teu trabalho

(TRDJvUark2FA sobre meu trabalho ... assim a parte dos pelos encravados como eu te falo que eu explico prus clientes né?! as vezes até a minha irmã quando trabalhava comigo a Deci falava égua Nadir tu não esquece né!! tu grava tudo isso ... eu falo ah mana com o passar com dos tempos ... a gente vai mesmo sabe?! Ela fala assim ah eu não ia decorar tudo isso ... porque tu fala que as vezes tem gente que indaga tudo ... quer saber da cera ...

(TRDJvUark2FA sobre meu trabalho ... assim a parte dos pelos encravados como eu te falo que eu explico prus clientes né?! as vezes até a minha irmã quando trabalhava comigo a Deci falava égua Nadir tu não esquece né!! tu grava tudo isso ... eu falo ah mana com o passar com dos tempos ... a gente vai mesmo sabe?! Ela fala assim ah eu não ia decorar tudo isso ... porque tu fala que as vezes tem gente que indaga tudo ... quer saber da cera ... como é que eu compro a cera como é que eu faço sabe?! Aí fica perguntando porque que o pelo encrava aí então tu tem que saber responder as perguntas do cliente também né?! aí eu tenho a certeza com a tua resposta com teu trabalho

(TEDJvUaXk2FA sobre meu trabalho ... assim a parte dos pelos encravados como eu te falo que eu explico prus clientes né?! as vezes até a minha irmã quando trabalhava comigo a Deci falava égua Nadir tu não esquece né!! tu grava tudo isso ... eu falo ah mana com o passar com dos tempos ... a gente vai mesmo sabe?! Ela fala assim ah eu não ia decorar tudo isso ... porque tu fala que as vezes tem gente que indaga tudo ... quer saber da cera ... como é que eu compro a cera como é que eu faço sabe?! Aí fica perguntando porque que o pelo encrava aí então tu tem que saber responder as perguntas do cliente também né?! aí eu tenho a certeza com a tua resposta com teu trabalho

(SIiQvUaXs2FA professora é ... o que a senhora acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... tipo assim quando eu faço a sua depilação ... tipo a sobrancelha ... o que a senhora acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou a senhora a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que a senhora acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito?

(SIiHvUaXs2FA professora é ... o que a senhora acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... tipo assim quando eu faço a sua



depilação ... tipo a sobrancelha ... o que a senhora acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou a senhora a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que a senhora acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito? (SIiHvhbXs2FA professora é ... o que a senhora acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... tipo assim quando eu faço a sua depilação ... tipo a sobrancelha ... o que a senhora acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou a senhora a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que a senhora acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito? (SIiHvPbXs2FA professora é ... o que a senhora acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... tipo assim quando eu faço a sua depilação ... tipo a sobrancelha ... o que a senhora acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou a senhora a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que a senhora acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito? (SIiHvUaXs2FA professora Nadir é ... o que a senhora acha assim do meu trabalho? ... assim ... é ... eu contribuo assim ... é ... é ... na assim ... eu ajudo ... tipo assim quando eu faço a sua depilação ... tipo a sobrancelha ... o que a senhora acha do meu trabalho assim de alguma maneira eu ajudo né?! na sua imagem ... e o que levou a senhora a ... a ... a me escolher assim? ... como foi que a senhora chegou até a mim? ... e o que a senhora acha do meu trabalho? Durante todo esse tempo que a gente está juntas? qual a sua opinião a meu respeito?

(SRiCvUars2FA eu tenho clientes até de 13 anos ... as meninas do attitude ... já fazem sobrancelhas né?! já fazem axilas né?! eu acho muito engraçado eles chamam de tia ((risos)) eu fico tão feliz ... um dia desse uma menina de 14 anos a mãe dela veio deixar ela... aí mana eu fiquei e mãe dela falou filha quando você for você dobra não olha pra ninguém não fala com ninguém ... a preocupação sabe?! Aí quando chegou lá até perguntou a minha idade sabe?! tia quantos anos a senhora tem? eu falei eu tenho 32 ... nossa tia a senhora não tem cara de 31 ((risos)) eu falei assim mais nova ou mais velha? não mais nova que isso ... aí eu falei ah ainda bem ...

(SRNHvUars2FA eu tenho clientes até de 13 anos ... as meninas do attitude ... já fazem sobrancelhas né?! já fazem axilas né?! eu acho muito engraçado eles chamam de tia ((risos)) eu fico tão feliz ... um dia desse uma menina de 14 anos a mãe dela veio deixar ela... aí mana eu fiquei e mãe dela falou filha quando você for você dobra não olha pra ninguém não fala com ninguém ... a preocupação sabe?! Aí quando chegou lá até perguntou a minha idade sabe?! tia quantos anos a senhora tem? eu falei eu tenho 32 ... nossa tia a senhora não tem cara de 31 ((risos)) eu falei assim mais nova ou mais velha? não mais nova que isso ... aí eu falei ah ainda bem ...

#### 14. INFCAM14IIFA - ARLETE

(TgDOvhtXk2FA ... sempre existe isso é intriga é fuxiquinho pra cá é fuxiquinho pra lá ... se tu falar um desse tamaninho pra cá ... a fulana ... quando chega lá lá lá no patrão já tá desse tamanho ... entendeu?!

(VRDOvhaXs2FA ah porque na escola tem que ter ... computador pra ele pesquisar aqui na escola ... sim qual é a sua função na casa? ... é só ser pai? ... não tem que ter seu compromisso ... eu tenho o meu na minha sala de aula e você tem que ter o seu em casa ... né?!

(VRDOvUaXd2FA assim eles querem jogar já que é estudo ... você faz tudo na sua sala ... na sua escola ... não traga nada pra casa e não é certo isso ... ((pai de aluno))

(VgDQzhaXd2FA mas nós temos que trabalhar com eles também essas formas ... é respeito ... eu acho que o fundamental hoje em dia é o respeito ... não só o respeito por mim ... nem por você ... é o respeito em modo geral ((para a assimétrica 01)) se claro se a gente for ver um aluno na rua ... se tiver fazendo coisa que a gente não acha ... se você for chamar ele ... por exemplo olha Luciane ele enxergar logo você ele logo muda ((para a relação simétrica)) ... muda porque os meus alunos logo muda ...

(VgDCvPbXk2FA antigamente você pegava uma criança não sei o qual era o dom os professores eles não tinham o nível superior eles não tinham o médio ...

(TgDOvUmXk2FA isso que entristece na nossa na minha função é isso ... é não ser valorizado tanto quanto nós merecemos ... porque professor não é só tu vir aqui na sala de aula ... tal ... vou dar essa aula

(VgDOvhaXk2FA entendeu ... e os mais humildes que pagam com muita dificuldade ... eles sim eles trazem tudo pronto ... eles ... tudo que você pede eles procuram um jeito de conseguir ... eles se esforçam ... mas esses que possuem mais poder ... é pouco que fazem

(VRDCLUaZd2FA e fora que eu acredito que ... não sei se se se é com todo mundo porque eu procuro colocar a realidade para minhas filhas ... eu tenho uma de sete né?! ... que eu procuro colocar pra ela minha filha você ... eu não tive a oportunidade que você ta tendo eu nunca estudei numa escola particular ... eu nunca estudei numa escolar particular ... então aproveite ... porque a escola pública é muito diferente ... se o ensino cai demais ... demais mesmo ... ( ) aí eu coloco essa realidade pra minha filha minha filha você tá vendo a fulana de tal tem a sua idade e não sabe ler e você já sabe! ... entendeu?!

(VRDCLUaZd2FA e fora que eu acredito que ... não sei se se se é com todo mundo porque eu procuro colocar a realidade para minhas filhas ... eu tenho uma de sete né?! ... que eu procuro colocar pra ela minha filha você ... eu não tive a oportunidade que você ta tendo eu nunca estudei numa escola particular ... eu nunca estudei numa escolar particular ... então aproveite ... porque a escola pública é muito diferente ... se o ensino cai demais ... demais mesmo ... ( ) aí eu coloco essa realidade pra minha filha minha filha você tá vendo a fulana de tal tem a sua idade e não sabe ler e você já sabe! ... entendeu?!

(VRxCvUaZd2FA e fora que eu acredito que ... não sei se se se é com todo mundo porque eu procuro colocar a realidade para minhas filhas ... eu tenho uma de sete né?! ... que eu procuro colocar pra ela minha filha você ... eu não tive a oportunidade que você ta tendo eu nunca estudei numa escola particular ... eu nunca estudei numa escolar particular ... então aproveite ... porque a escola pública é muito diferente ... se o ensino cai demais ... demais mesmo ... ( ) aí eu coloco essa realidade pra minha filha minha filha você tá vendo a fulana de tal tem a sua idade e não sabe ler e você já sabe! ... entendeu?!

(TRNQzhmZd2FA a Sofia ela chora quando eu falo assim ... tu não fazer o dever direitinho minha filha eu não tenho tempo eu boto ela na mesa e quando eu to fazendo as outras coisas ela ta lá resolvendo aí qualquer dúvida ela vem ... mãe isso? ( ) não tá fazendo direitinho ... olha essa letra feia ... ( ) e não tem o mesmo apoio da escolar que tem aqui ... ( ) ah eu te vi alí ... vendendo dvd ... que eles falam assim ... aí tinha esse comentário na minha sala não aqui todo mundo é igual ... se você quer ser diferente da porta da rua pra fora ...

(VgDJvhaXd2FA a Sofia ela chora quando eu falo assim ... tu não fazer o dever direitinho minha filha eu não tenho tempo eu boto ela na mesa e quando eu to fazendo as outras coisas ela ta lá resolvendo aí qualquer dúvida ela vem ... mãe isso? ( ) não tá fazendo direitinho ... olha essa letra feia ... ( ) e não tem o mesmo apoio da escolar que tem aqui ... ( ) ah eu te vi alí ... vendendo dvd ... que eles falam assim ... aí tinha esse comentário na minha sala não aqui todo mundo é igual ... se você quer ser diferente da porta da rua pra fora ... aí eu

procuro pra não ter esse preconceito ... ainda temos que lidar com preconceito né?! é racial é porque tu é gordinha ...

(TRDCvUark2FA ... se você quer ser diferente da porta da rua pra fora ... aí eu procuro pra não ter esse preconceito ... ainda temos que lidar com preconceito né?! é racial é porque tu é gordinha ... eu sou magrinha ... é! ... porque a gente trabalha Lu tu trabalha também já no quinto ano eu trabalho no terceiro ano eles já tão assim ... vem tudo eles já querem vir maquiadinho ...

(TIDJvUaXk2FA se você quer ser diferente da porta da rua pra fora ... aí eu procuro pra não ter esse preconceito ... ainda temos que lidar com preconceito né?! é racial é porque tu é gordinha ... eu sou magrinha ... é! ... porque a gente trabalha Lu tu trabalha também já no quinto ano eu trabalho no terceiro ano eles já tão assim ... vem tudo eles já querem vir maquiadinho ... entendeu?! ah porque tu tá gordinha

(TRxJvUark2FA porque a gente trabalha Lu tu trabalha também já no quinto ano eu trabalho no terceiro ano eles já tão assim ... vem tudo eles já querem vir maquiadinho ... entendeu?! ah porque tu tá gordinha! ... tá comendo muito ... sai comentário assim ... aí eu não deixo entendeu?! porque é é ... bulling ... é preconceito ... porque tu é gordinha eu sofri tão preconceito na escolar que chega eu chorava de raiva

(TRDJvUaXk2FA ah porque tu tá gordinha ... tá comendo muito ... sai comentário assim ... aí eu não deixo entendeu?! porque é é ... bulling ... é preconceito ... porque tu é gordinha eu sofri tão preconceito na escolar que chega eu chorava de raiva

(VgNQvUaXk2FA a supervisora tem que tá orientando os professores ... né?! porque a prática a gente pega com o tempo ... tudo é com o tempo ... entendeu?! ah eu me formei eu sou formado eu tenho diploma tá ... mas você não tem a prática ... a prática é muito importante ... é importante? e muito ... em qualquer lugar ... mas aí você tendo a prática ... e essas essas pessoas que saem que precisam de um

(VgDCvUaXk2FA mas você não tem a prática ... a prática é muito importante ... é importante? e muito ... em qualquer lugar ... mas aí você tendo a prática ... e essas essas pessoas que saem que precisam de um emprego ... as vezes caem dentro de uma sala de aula simplesmente não sabem o que fazer ... porque ela não teve o apoio e nem a orientação de ninguém ... só jogam lá ... olha você vai trabalhar com a série tal ... aí o que vai acontecer ... ela não sabe por onde começar ... não tem quem a oriente aí ... o que vai acontecer ... as crianças vão o quê?

(VgDCzhark2FA ... mas aí você tendo a prática ... e essas essas pessoas que saem que precisam de um emprego ... as vezes caem dentro de uma sala de aula simplesmente não sabem o que fazer ... porque ela não teve o apoio e nem a orientação de ninguém ... só jogam lá ... olha você vai trabalhar com a série tal ... aí o que vai acontecer ... ela não sabe por onde começar ... não tem quem a oriente aí ... o que vai acontecer ... as crianças vão o quê?

(TGDOvhmXk2FA porque tudo depende da educação ... tudo tudo a base de tudo ... pra tu ser um médico precisa da ... da educação ... precisa do estudo ... entendeu?! eu eu eu achava assim melhor não só o nosso município como um todo em geral

(TExOzhaXk2FA porque a gente precisa de um incentivo ... ah se um pai vem te elogiar um dia oooooh aula linda que tu vai dar! ... né?! não é verdade ... nós precisamos de um incentivo ...

(VgDQzhaXk2FA eu acredito que sim é adquirido com o tempo ... você não vai ganhar assim ... do dia pra noite ... você vai adquirindo ... pra ter um status você vai ter que adquirir a confiança ... do ... da direção da onde você trabalha... né?! porque eu chego de primeira numa escola ninguém vai ...

(VgDCLhaXk2FA eu acredito que sim é adquirido com o tempo ... você não vai ganhar assim ... do dia pra noite ... você vai adquirindo ... pra ter um status você vai ter que adquirir a confiança ... do ... da direção da onde você trabalha... né?! porque eu chego de primeira

numa escola ninguém vai ...

(VgDCzhaXk2FA eu acredito que sim é adquirido com o tempo ... você não vai ganhar assim ... do dia pra noite ... você vai adquirindo ... pra ter um status você vai ter que adquirir a confiança ... do ... da direção da onde você trabalha... né?! porque eu chego de primeira numa escola ninguém vai ...

(VgDCvUaXk2FA eu acredito que sim é adquirido com o tempo ... você não vai ganhar assim ... do dia pra noite ... você vai adquirindo ... pra ter um status você vai ter que adquirir a confiança ... do ... da direção da onde você trabalha... né?! porque eu chego de primeira numa escola ninguém vai ...

(VGDHLhaXk2FA porque a Maria não é porque ela limpa a escola que ela é pior que eu ou melhor ... não eu não sou melhor que ninguém ... e nem pior ... entendeu?! Então pra nossa escola pra mim chegar na escola ... encontrar uma escola cheirosa limpinha eu devo quem? a Mariazinha ... se acontece alguma coisa ... Mariazinha por favor assim como eu trato a professor 'Suzana Vieira' ou qualquer outra professora ... é professora por favor dá pra a senhora fazer tal coisa pra mim? sim ... assim eu trato a Maria porque ela é um papel fundamental na nossa escola ... porque se ela não limpar ... ah tem muitos que vão limpar ... tem ... mas não é do mesmo jeito ... você vai ficar brigando ... as vezes a gente pede não quer fazer ... nunca eu vi aqui a gente pedir Maria ...

(VgDQzhaXk2FA ah fulano de tal não concordou com que eu disse ... tem vai ter outro momento ... que você vai explicar melhor ... vai explicar ... e vai fazer com que a pessoa entenda o seu ponto de vista ... né?! que você não pode ser só você que sabe ... nem só você que que ... que tem o direito de falar ou ... ah não porque isso isso e isso ...

(VgNCzhaXk2FA ah fulano de tal não concordou com que eu disse ... tem vai ter outro momento ... que você vai explicar melhor ... vai explicar ... e vai fazer com que a pessoa entenda o seu ponto de vista ... né?! que você não pode ser só você que sabe ... nem só você que que ... que tem o direito de falar ou ... ah não porque isso isso e isso ...

(VgDCvUaXk2FA ah fulano de tal não concordou com que eu disse ... tem vai ter outro momento ... que você vai explicar melhor ... vai explicar ... e vai fazer com que a pessoa entenda o seu ponto de vista ... né?! que você não pode ser só você que sabe ... nem só você que que ... que tem o direito de falar ou ... ah não porque isso isso e isso ...

(VgNCvUaXk2FA ah fulano de tal não concordou com que eu disse ... tem vai ter outro momento ... que você vai explicar melhor ... vai explicar ... e vai fazer com que a pessoa entenda o seu ponto de vista ... né?! que você não pode ser só você que sabe ... nem só você que que ... que tem o direito de falar ou ... ah não porque isso isso e isso ...

(SRNQvPbrs2FA professora 'Suzana Vieira' eu vou chamar o pai ... pra depois não dizer assim professora 'Suzana Vieira' porque a senhora não me avisou com tempo que ele estava com dificuldade? ((fala dos pai)) ... não eles até se enjoam da minha cara ... mãe ajude! Aí não aí já quando passa pra outra ah professora como a senhora é boa não sei o quê a senhora ajudou meu filho ... muito obrigada

(SRxHvUars2FA professora 'Suzana Vieira' eu vou chamar o pai ... pra depois não dizer assim professora 'Suzana Vieira' porque a senhora não me avisou com tempo que ele estava com dificuldade? ((fala dos pai)) ... não eles até se enjoam da minha cara ... mãe ajude! Aí não aí já quando passa pra outra ah professora como a senhora é boa! não sei o quê a senhora ajudou meu filho ... muito obrigada

(SRDHvPbrs2FA professora 'Suzana Vieira' eu vou chamar o pai ... pra depois não dizer assim professora 'Suzana Vieira' porque a senhora não me avisou com tempo que ele estava com dificuldade? ((fala dos pai)) ... não eles até se enjoam da minha cara ... mãe ajude! Aí não aí já quando passa pra outra ah professora como a senhora é boa não sei o quê a senhora ajudou meu filho ... muito obrigada

(SIDOVUaXs2FA só que aí ... aí os mais humildes que a senhora recebe mais elogios ... é

... mais ... quem tem o poder não ... ((assimétrica 01))

(SRiOvhmrs2FA porque a Maria não é porque ela limpa a escola que ela é pior que eu ou melhor ... não eu não sou melhor que ninguém ... e nem pior ... entendeu?! Então pra nossa escola pra mim chegar na escola ... encontrar uma escola cheirosa limpinha eu devo quem? a Mariazinha ... se acontece alguma coisa ... Mariazinha por favor assim como eu trato a professor 'Suzana Vieira' ou qualquer outra professora ... é professora por favor dá pra a senhora fazer tal coisa pra mim? sim ... assim eu trato a Maria porque ela é um papel fundamental na nossa escola ... porque se ela não limpar ... ah tem muitos que vão limpar ... tem ... mas não é do mesmo jeito ... você vai ficar brigando ... as vezes a gente pede não quer fazer ... nunca eu vi aqui a gente pedir Maria ...

## 15. INFCAM15IIFB

(TRDQvPbrk2FB não... é é isso mesmo! né! Como diz tenho até um colega qui dizia assim humm tu chegou lá e ele ti ver ... sabe qui tu é bancária ... ele entrega até a loja dele! ... é é é por que? agora teria qui ter a pergunta .... por que? Eles veêm dessa forma né?! o bancário ... por esse status todo? né! ... por isso qui tem qui ter a opinião di outra pessoa di fora ... né?!)

(TRDJvUark2FB não... é é isso mesmo! né! Como diz tenho até um colega qui dizia assim: humm tu chegou lá e ele ti ver ... sabe qui tu é bancária ... ele entrega até a loja dele! ... é é é por que? Agora teria qui ter a pergunta .... por que? eles veêm dessa forma né?! o bancário ... por esse status todo? né! ... por isso qui tem qui ter a opinião di outra pessoa di for a ... né!

(TEDOvhaXk2FB de anormal né?! di te entregar a loja quando tu chega assim ((o dono da loja ou vendedor – simétrica)) olha taqui a loja pode levar tudo! ...

(TliOvPbXk2FB tu fizeste essa pesquisa? ...

(VIDOzhaXk2FB pra aí depois você (assimétrica 01) já vai perguntar pra quem observa os dois...

(VgDOzhaXk2FB eu acho ... o qui eu coloquei qui eu acho qui é visto da mesma forma... tanto o doutor ... quanto o o o nível médio ... é é assim... porque dentro você pode ser gerenti e ter apenas o nível médio ... isso! ... entendeu!

(VgDCvhaXk2FB não também não percebo muito... essa diferença... uma coisa! Também qui não eu gosto a a ela é do Banpará! eu não gosto di mi identificar assim ... pra ninguém ... eu sou eu i ponto ... entendeu! Eu eu ... di usar isso! ... né?! apesar di que a gente carrega o nomi da instituição ... sempre né! Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! você ... quando ... quando você vem pra cá ... você não passa ... você passou a não ser a Rosângela simplesmenti ... mas a Rosângela do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e você né?! você tem

(VENCvhaXk2FB não também não percebo muito... essa diferença... uma coisa! Também qui não eu gosto a a ela é do Banpará! eu não gosto di mi identificar assim ... pra ninguém ... eu sou eu i ponto ... entendeu! Eu eu ... di usar isso! ... né?! apesar di que a gente carrega o nomi da instituição ... sempre né! Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! você ... quando ... quando você vem pra cá ... você não passa ... você passou a não ser a Rosângela simplesmenti ... mas a Rosângela do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e você né?! você tem

(VENCvPbXk2FB Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! você ... quando ... quando você vem pra cá ... você não passa ... você passou a não ser a Rosângela simplesmenti ... mas a Rosângela do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e você né?! você tem

(VgDCvUaXk2FB Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! você ... quando ... quando você vem pra cá ... você não passa ... você passou a não ser a Rosângela

simplesmenti ... mas a Rosângela do Banpará ... Banpará ... na rua é ... né! ... e você né?!  
você tem

(VgDQvhaXk2FB não ... tem de fazer tudo aqui ... pra casa não tem ... você vai pra sua casa pra descansar ... não leva nada ... até se eu por exemplo se você quiser ficar aqui no sábado e domingo precisa ... assinar uma autorização ... tudinho ... não posso vim di lá di casa e querer vim aqui dentro do banco pegar

(VgDCzhtXk2FB não ... tem fazer tudo aqui ... pra casa não tem ... você vai pra sua casa pra descansar ... não leva nada ... até se eu por exemplo se você quiser ficar aqui no sábado e domingo precisa ... assinar uma autorização ... tudinho ... não posso vim di lá di casa e querer vim aqui dentro do banco pegar

(VIxQvPmXk2FB agradeço por você ter nos escolhido aqui (risos) di repenti né! Nos temos vários bancos aqui né! você poderia ter escolhido outro ... não sei si vai...

(VIDCvhcXk2FB agradeço por você ter nos escolhido aqui (risos) di repenti né! Nos temos vários bancos aqui né você poderia ter escolhido outro ... não sei si vai ...

## 16. INFCAM16IIFB

(TIDOpPeXk2FB poderia ser inverso ... porque o status sociais social se dá pela pela pela classificação ... dentro duma sociedade ... como se tu ((simétrica 01)) fosse pesquisar... o que tem demais na cidade seria o professor em primeiro lugar... em status social porque o professor

(TIDQvUmXk2FB ele não... ele não ... eles olharam pro lado ... de maior... não aceitação ... mas de maior abrangência não no sentido de de de procura ... mas eles olharam ... eles olharam no financeiro... e como a Olga falou ... e eles não olharam também ... porque se tu hoje buscar em 100 famílias ... 1000 ... 10 mil famílias no cametaense pra ter um medico ... e e e também 10 mil famílias num cametaense pra ter um comerciante... diferente da sua família ... mas o professor tu tu se jogar uma rede vai encher... porque tem muito ... então se tu fizeres uma pesquisa o que que tem mais em Cameté é professor ... porque tu não acha 5 mil médicos e a nossa categoria quando vai pro banco é uma tristeza ... tem 5 mil professores lá recebendo ... então eu eu olho assim ... que o status social se tu fosses ((assimétrica 01)) ver o que que tem mais em Cameté ... seria o professor ... eles olharam e eu nem sei como foi que eles olharam

(TIDJvhtXk2FB se tu hoje buscar em 100 famílias ... 1000 ... 10 mil famílias no cametaense pra ter um médico ... e e e e também 10 mil famílias num cametaense pra ter um comerciante... diferente da sua família ... mas o professor tu tu se jogar uma rede vai encher... porque tem muito ... então se tu fizeres uma pesquisa o que que tem mais em Cameté é professor ...

(TIDJvhtXk2FB e e e e também 10 mil famílias num cametaense pra ter um comerciante ... diferente da sua família ... mas o professor tu tu se jogar uma rede vai encher ... porque tem muito ... então se tu fizeres uma pesquisa o que que tem mais em Cameté é professor ... porque tu não acha 5 mil médicos e a nossa categoria quando vai pro banco é uma tristeza ... tem 5 mil professores lá recebendo ... então eu eu olho assim ...

(TINJvUaXk2FB então se tu fizeres uma pesquisa o que que tem mais em Cameté é professor ... porque tu não acha 5 mil médicos e a nossa categoria quando vai pro banco é uma tristeza ... tem 5 mil professores lá recebendo ... então eu eu olho assim ... que o status social se tu fosses ((assimétrica 01)) ver o que que tem mais em Cameté ... seria o professor ... eles olharam e eu nem sei como foi que eles olharam

(TIDJvPeXk2FB porque tu não acha 5 mil médicos e a nossa categoria quando vai pro banco é uma tristeza ... tem 5 mil professores lá recebendo ... então eu eu olho assim ... que o status social se tu fosses ((assimétrica 01)) ver o que que tem mais em Cameté ... seria o

professor ... eles olharam e eu nem sei como foi que eles olharam

(TIDOVUmXk2FB porque se tu olhares os nossos médicos mesmo não dá cinco ... cametaense ... então taí um grande problema ((assimétrica 01))

(TIxQLUaXk2FB sim ... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... tu tá entendendo! ((assimétrica 01)) ... é em categoria ... tipo assim ... o que que tu mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que tu não queria ser professor ... tu queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor

(TIDJvhcXk2FB sim ... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... tu tá entendendo! ((assimétrica 01)) ... é em categoria ... tipo assim ... o que que tu mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que tu não queria ser professor ... tu queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor

(TgNJzPbXk2FB sim ... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... tu tá entendendo ((assimétrica 01)) ... é em categoria ... tipo assim ... o que que tu mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que tu não queria ser professor ... tu queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor

(TgDJvPbXk2FB sim ... mas mas eu penso que não é status ... no sentido do financeiro ... não é isso ... tu tá entendendo ((assimétrica 01)) ... é em categoria ... tipo assim ... o que que tu mais gostaria de ser ... um exemplo ... claro que tu não queria ser professor ... tu queria ser médico e depois comerciante e em último lugar o professor

(TRDQvUard2FB porque pra mim foi grandioso onde eu cheguei ... porque milhões da minha classe não chegaram ... então eu olho assim e eu tenho uma senhora ... Dona Teca ... dona do Curimã ela sempre olha ... ela olha ela fala ... ela ela quando a gente conversa ela fala olha Selma ... quando eu to por aí eu te dou eu dou exemplo teu ... que tu parece aqueles pintos ... que que que a casca do ovo tá duro ... o bico ta mole ... não consegue ... e tu não desististe ... tu bateste! ...

(TRNJvPbrd2FB porque pra mim foi grandioso onde eu cheguei ... porque milhões da minha classe não chegaram ... então eu olho assim e eu tenho uma senhora ... Dona Teca ... dona do Curimã ela sempre olha ... ela olha ela fala ... ela ela quando a gente conversa ela fala olha Selma ... quando eu to por aí eu te dou eu dou exemplo teu ... que tu parece aqueles pintos ... que que que a casca do ovo tá duro ... o bico ta mole ... não consegue ... e tu não desististe ... tu bateste! ...

(TRDJvPbrd2FB que tu parece aqueles pintos ... que que que a casca do ovo tá duro ... o bico ta mole ... não consegue ... e tu não desististe ... tu bateste! ...

(TRNJvUaXd2FB não consegue ... e tu não desististe ... tu bateste! ... bateste! bateste! na casca e conseguiu sair ... frágil mas saiu ... então eu olho o teu exemplo eu olho pra mim ... eu não to nem aí com o que a sociedade pensa ... eu quero saber que eu sabe ... que eu consegui furar espaço porque ... a sociedade ela fala assim ... como ela é excludente ela fala assim ... tu não vem pra cá! que tu não pertence! mas eu disse eu vou! e não é tu que vai mandar em mim ... eu vou porque eu quero ir e depende de mim ... eu vou fazer... vou conseguir um lugar pra mim ... com certeza mesmo na exclusão social ...

(TRNJvUaXd2FB não consegue ... e tu não desististe ... tu bateste! ... bateste! bateste! na casca e conseguiu sair ... frágil mas saiu ... então eu olho o teu exemplo eu olho pra mim ... eu não to nem aí com o que a sociedade pensa ... eu quero saber que eu sabe ... que eu consegui furar espaço porque ... a sociedade ela fala assim ... como ela é excludente ela fala assim ... tu não vem pra cá! que tu não pertence! mas eu disse eu vou! e não é tu que vai mandar em mim ... eu vou porque eu quero ir e depende de mim ... eu vou fazer... vou conseguir um lugar pra mim ... com certeza mesmo na exclusão social ...

(TRDJzhaXs2FB ... tu não vem pra cá! que tu não pertence! mas eu disse eu vou! e não é tu que vai mandar em mim ... eu vou porque eu quero ir e depende de mim ... eu vou fazer... vou conseguir um lugar pra mim ... com certeza mesmo na exclusão social ...

(TEDOLUaXk2FB vigiar ... é essa a história ... então eu procurei assim ... cheguei o primeiro momento ... o impacto ... né!? que ih ... lá vem fiscal então é muito delicado quando tu logo é encontrado dessa forma ... então graças a Deus eram todos amigos a gente já trabalhava junto e ...

(TRxHvUaZd2FB a gente trabalhava muito confecção de materiais ... a gente levava pessoal... a gente levava os ministrantes de linguística ... de matemática até a gente trabalhou tentou né levar a senhora ... ((assimétrica 01)) e aí sabe ... a gente trabalhava muito isso ... a gente é ... saia da nossa escola pra ir noutra escola buscar experiência de outro grupo ... na hora da reunião trocava experiência ... montava planejamento conjunto ... e sabe assim ... eu pra mim foi maravilhoso e quando eu sai ... sabe assim ... eles me olhavam assim tipo uma salvadora ... eu consegui conquistar o meu meu público ... que quando eles chegavam então eu tinha uma missão ... quando chegava na frente deles ... e quando eles chegavam ... eu estava no portão acolhendo ... acolhia os professores ... acolhia os pais ... acolhia todo mundo ... e o abraço ... a gente tinha o laço do abraço ... a gente tinha a quantia do abraço ... eram 10 abraços ... aí quantos abraços? Ah ... 8 vai? te vira tu tem 10! Então era tudo gostoso ... tanto é que a gente fazia a dinâmica do abraço ... tinha uma professora que tava 30 anos trabalhando ... ela odiava falar ...

(TRxOvUars2FB nem nem um momento ... assim as vezes eu puxava do meu dinheiro ... assina aqui o recibo ... então eu já ia prestar conta com conselho ... com aquilo mas meu Deus como tu gasta! então é é é ... o período de nós tínhamos muitos planejamentos que era fevereiro e início de agosto na primeira semana ... e aí eu não tinha problema ... passa a lista... o que vocês querem aí eles faziam lista ... faziam a lista aí entregava o kite ... era o maior rambo da escola ... era os dois momentos ... era imensa a compra ... aquela época 2000 reais de material didático pros professores ...

(TRxQvUars2FB professora ... é também interessante que até os pais quando eles me viam no corredor eles falavam graças a Deus tu ta aqui! então isso causou até um certo ciúme que tinham duas vices e uma diretora ... aí quando foi um dia eu percebi sabe que a diretora tava diferente ... aí eu falei e aí ... qual é o problema? ela falou nada! eu falei tu vai ter que falar ... porque se não a gente não vai chegar a nenhum denominador comum ela falou assim ah... porque os pais chegam aqui... eles perguntam cadê a diretora? diretora? sou eu a diretora!

(TRDJzhaZk2FB E professora ... é também interessante que até os pais quando eles me viam no corredor eles falavam graças a Deus tu ta aqui! então isso causou até um certo ciúme que tinham duas vices e uma diretora ... aí quando foi um dia eu percebi sabe que a diretora tava diferente ... aí eu falei e aí ... qual é o problema? ela falou nada! eu falei tu vai ter que falar ... porque se não a gente não vai chegar a nenhum denominador comum ela falou assim ah... porque os pais chegam aqui... eles perguntam cadê a diretora? diretora? sou eu a diretora!

(TRxQvUars2FB não ... é a Selma ... aí não ... os alunos falavam ei diretora não sou diretora! Não sou diretora! aí eles falavam mas ... tu é diretora! e na frente dela ... aí eu falava ... ó... tu tá vendendo! eu to defendendo ... aí eu falei assim... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? tu ou eu? aí ela ficou ... pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ...

(TRxJLUaZs2FB não ... é a Selma ... aí não ... os alunos falavam ei diretora não sou diretora! Não sou diretora! aí eles falavam mas ... tu é diretora! e na frente dela ... aí eu falava ... óh ... tu tá vendendo! eu to defendendo ... aí eu falei assim... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? tu ou eu? aí ela ficou ... pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ...

TRxJvUaZs2FB aí eu falei assim... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? tu ou eu? aí ela ficou ... pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha



superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ... se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ... quem acolhe é você ou eu?

(TRiJvUaZs2FB não ... é a Selma ... aí não ... os alunos falavam ei diretora não sou diretora! Não sou diretora! aí eles falavam mas ... tu é diretora! e na frente dela ... aí eu falava ... ó... tu tá vendo! eu to defendendo ... aí eu falei assim... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? tu ou eu? aí ela ficou ... pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ... se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ...

(TRDJvUaZs2FB não ... é a Selma ... aí não ... os alunos falavam ei diretora não sou diretora! Não sou diretora! aí eles falavam mas ... tu é diretora! e na frente dela ... aí eu falava ... ó... tu tá vendo! eu to defendendo ... aí eu falei assim... mas vamos lá ... vamos lá nós duas ... pra ti quem é a diretora? tu ou eu? aí ela ficou ... pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ... se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ...

(TRDJLUaZk2FB pra mim tu és a diretora! ... e tanto é que tu és a minha superior ... então tipo assim ... eu sou a supervisora ... mas eu não sou a diretora ... se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ... quem acolhe é você ou eu? ela olhou ... e quem vai até o portão deixar? é por isso! eu ... quando chega as pessoas eu acolho

(VRiJvUaZs2FB se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ... quem acolhe é você ou eu? ela olhou ... e quem vai até o portão deixar? é por isso! eu ... quando chega as pessoas eu acolho ... trato bem ... peço um suco e vou até o portão deixar ... tu ficas aqui!

(TRxCvUaZs2FB se tu ta querendo brigar por causa de papel ... faz melhor ... as visitas vem aqui das outras escolas ... quem acolhe é você ou eu? ela olhou ... e quem vai até o portão deixar? é por isso! eu ... quando chega as pessoas eu acolho ... trato bem ... peço um suco e vou até o portão deixar ... tu ficas aqui! ... então assumes o teu papel ... aí ela pegou ... quando chegava ...

(TRiJvUaZd2FB e quem vai até o portão deixar? é por isso! eu ... quando chega as pessoas eu acolho ... trato bem ... peço um suco e vou até o portão deixar ... tu ficas aqui! ... então assumes o teu papel ... aí ela pegou ... quando chegava ... ei tu não vai no portão? ah... é! ela dizia ... aí quando foi ... passou né dois anos depois a gente saiu aí eu fui na casa dela me despedir que a gente ficou amiga graças a Deus a gente continuou visitando um o outro e a gente ...

(TRiQzhaZk2FB ela fala assim pra mim ... aí na hora eu estou indo ... aí ela ela me acompanhou ... eu falei o que tu vai fazer? fica aí tu ta ocupada na cozinha ((simétrica)) não! eu aprendi com uma pessoa que a gente tem que acompanhar até o portão pra voltar ah ... sua sin vergoninha ... aí gente começou a ri ... então fica que o ciúme ...

(TRDJLUaZk2FB ela fala assim pra mim ... aí na hora eu estou indo ... aí ela ela me acompanhou ... eu falei o que tu vai fazer? fica aí tu ta ocupada na cozinha ((simétrica)) não! eu aprendi com uma pessoa que a gente tem que acompanhar até o portão pra voltar ah ... sua sin vergoninha ... aí gente começou a ri ... então fica que o ciúme ...

(TRDOzhaXd2FB pra te atentar porque na outra escola tu vai ter parceiro ((assimétrica 02))

(TgDQvUaXk2FB porque eu hoje ... é é é nós temos assim muitos projetos bonitos pra envolver o pai e o aluno juntos ... pois quando tu trabalha os dois ... a escola ela tem muito mais é é é ... ela consegue chegar além ... dessa história do muro ... muito além ... porque não adianta tu trabalhares teu aluno e não conseguires envolver o pai ... então quando tu levas

a escola para além dos muros nesse sentido ...

(TgDJvhmXk2FB porque eu hoje ... é é é nós temos assim muitos projetos bonitos pra envolver o pai e o aluno juntos ... pois quando tu trabalha os dois ... a escola ela tem muito mais é é é ... ela consegue chegar além ... dessa história do muro ... muito além ... porque não adianta tu trabalhares teu aluno e não conseguires envolver o pai ... então quando tu levas a escola para além dos muros nesse sentido

(TgDJvhaXk2FB porque eu hoje ... é é é nós temos assim muitos projetos bonitos pra envolver o pai e o aluno juntos ... pois quando tu trabalha os dois ... a escola ela tem muito mais é é é ... ela consegue chegar além ... dessa história do muro ... muito além ... porque não adianta tu trabalhares teu aluno e não conseguires envolver o pai ... então quando tu levas a escola para além dos muros nesse sentido

## Apêndice F - Arquivo de especificação

**TEMA DA PESQUISA: As formas pronominais de segunda pessoa Tu, Você e o(a) Senhor(a) em posição de sujeito no português falado no município de Cametá-Pará**

Variável dependente: As formas pronominais de segunda pessoa Tu, Você e o(a) Senhor(a)  
Número de grupos de fatores (incluindo a variável dependente)

TVS

d

### Coluna 01: Variável dependente (3 variantes)

T - Tu

V - Você

S - Senhor

-----  
fatores válidos

TVS

nil

-----

### Coluna 02: Primeiro Grupo de Fatores - Referência do pronome (5 fatores)

G – Referência genérica (interlocutor não identificado)

R - Referência indireta a um indivíduo (identificado durante a conversação, mas não presente na interação)

I – Referência direta/Específica a um indivíduo (presente na interação)

g - Referência indireta a um grupo/Específica para um grupo (identificado durante a conversação)

E - Referência ao próprio falante

-----  
Fatores válidos

GRIgE

nil

-----

### Coluna 03: Segundo Grupo de Fatores - Tipo de frase/Entonação (3 fatores)

i – Interrogativa (negativa e interrogativa)

D - Declarativa Afirmativa

N - Declarativa negativa

x – Exclamativa (negativa e interrogativa)

-----  
Fatores válidos

iDNx

nil

-----

### Coluna 04: Terceiro Grupo de Fatores - Paralelismo Estrutural

O - Não precedido de forma pronominal, isto é, isolado na oração

Q - Primeiro item da série, não precedido de forma pronominal

J - Pronome tu/você e/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por tu

C - Pronome tu/você e/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por você

H - Pronome tu/você e/o(a) senhor(a), não primeiro da série, precedido por o(a) senhor(a)

-----  
Fatores válidos

OQBCH

nil

-----

Coluna 05: Quarto Grupo de Fatores - Estrutura do verbo

v - Verbo simples

z - Verbo composto

L - Locuções verbais (particípio e gerúndio)

-----  
Fatores válidos

vzL

nil

-----

**Coluna 06: Quinto Grupo de Fatores: Tempo discursivo do verbo – função que o verbo exerce em toda oração (3 fatores)**

P - Passado

U - Presente

h - Futuro

-----  
Fatores válidos

PUh

nil

-----

Coluna 07: Sexto Grupo de Fatores - Tempo Gramatical do verbo

a - Presente do Indicativo

b – Passado do Indicativo

c - Futuro do Indicativo

e - Passado do Subjuntivo

f - Presente do Subjuntivo

t - Futuro do Subjuntivo

m - infinitivo flexionado

-----  
Fatores válidos

abceft

nil

-----

**Coluna 08: Sétimo Grupo de Fatores - Tipo de discurso**

X – Discurso de Fala original/própria

Z - Discurso indireto de Fala relatada ou reportada do próprio falante

r - Discurso indireto de Fala relatada ou reportada de uma terceira pessoa

-----  
Fatores válidos

XZr

nil

-----  
**Coluna 09: Oitavo Grupo de Fatores – Tipo de relação entre os interlocutores (3 fatores)**  
 -----

s - Assimétrica superior (01) - fala reportada a uma pessoa com status social superior  
 d - Assimétrica inferior (02) - fala reportada a uma pessoa com status social inferior  
 k - Simétrica - fala reportada a uma pessoa com mesmo status social

-----  
 Fatores válidos  
 sdk  
 nil  
 -----

-----  
**Coluna 10: Nono Grupo de Fatores - Faixa Etária do Informante (2 fatores)**  
 -----

1 - 21 a 29 anos de idade  
 2 - 32 a 42 anos de idade

-----  
 Fatores válidos  
 12  
 nil  
 -----

-----  
**Coluna 11: Décimo Grupo de Fatores Sexo/gênero (2 fatores)**  
 -----

M - Masculino  
 F - Feminino

-----  
 Fatores válidos  
 MF  
 nil  
 -----

-----  
**Coluna 12: Décimo primeiro grupo de Fatores – Escolaridade (2 fatores)**  
 -----

A - Ensino médio 1 7 8 2 10  
 B - Ensino superior

-----  
 Fatores válidos  
 AB  
 nil  
 -----

### Apêndice G – Teste de atitude – contexto formal e informal

Olá, eu gostaria, por favor, que você contribuísse com minha pesquisa, coisa simples e rápida ☺, só vc marcar uma das duas opções ;).

1. Em uma interação formada geralmente por quatro a cinco pessoas, incluindo a *figura do pesquisador (1 ou 2 pessoas)* responsável pela pesquisa e a maioria das perguntas, pergunto: \_como você veria no grupo, no momento da interação, a figura deste(s) pesquisador(es) responsável(is) pela leitura das perguntas e/ou questionário aberto, ou seja, que papel este(s) pesquisador(es) desempenharia(m)?

Moderador do grupo (pessoa responsável que moderava, atenuava, regulava, coordenava a interação)

Entrevistador (Aquele que entrevista alguém)

2. Como você caracterizaria esta interação grupal<sup>147</sup>, descrita acima em 1, na qual todas as pessoas participantes poderiam falar quando desejavam, em resposta a alguma indagação e/ou perguntarem entre si, quando necessário?

Cunho mais formal

Cunho menos formal

3. Qual(is) das seguintes forma(s) abaixo você usa geralmente para as pessoas listadas a seguir:

( 1 ) Só Tu

( 2 ) Só Você

( 3 ) Só o(a) Senhor(a)

( 4 ) Tu/Você

( 5 ) Tu/o(a) Senhor(a)

( 6 ) Você/ o(a) Senhor(a)

( 7 ) Tu/Você/ o(a) Senhor(a)

( ) Pai, mãe

( ) Avós

( ) Irmãos

( ) Namorado(a)/esposo(a)

( ) Filhos

( ) Chefe/diretor/superior

( ) Funcionário (secretária do lar, motorista, jardineiro, pedreiro, babá)

( ) Colegas

( ) Amigos

( ) Professor

( ) Aluno

( ) Vizinho

( ) Estranho da idade superior a sua

( ) Estranho da mesma idade que a sua

( ) Estranho de idade inferior a sua

<sup>147</sup> Ocorridas, em bancos, escolas, universidade, residência, salão de Beleza, supermercado.

<b>TRATAMENTO</b>	<b>TU</b>	<b>VOCÊ</b>	<b>O(A) SENHOR(A)</b>
INTIMO			
MENOS INTIMO			
INFORMAL			
FORMAL			
COLOQUIAL			
INCORRETO			
FEIO			
PADRAO			
NAO PADRAO			
EDUCADO			
BONITO			

P.S Não assinem o nome!!! OBRIGADA!!!  
 APENAS DIGAM A PROFISSAO DE VOCES -

**Anexo A - Documento de aprovação, para a realização desta pesquisa, pelo Conselho de Ética do estado do Ceará.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CEARÁ/ PROPESQ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) no Português falado em Cametá, estado do Pará

**Pesquisador:** RAQUEL MARIA DA SILVA COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 32349714.1.0000.5054

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 751.114

**Data da Relatoria:** 26/06/2014

**Apresentação do Projeto:**

Este projeto estuda as formas de referência à segunda pessoas, utilizadas no português falado em Cametá, estado do Pará. Utiliza como base teórico metodológica a Sociolinguística variacionista e os pressupostos do funcionalismo, convergindo esses dois pontos de vistas de estudos sobre a linguagem no que hoje se denomina de sociofuncionalismo. A hipótese básica parte da compreensão de que a variação linguística entre as formas de referência à segunda pessoa tu, você e o (a) senhor (a) não é aleatória, mas sim controlada/motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, fatores internos e externos à estrutura da língua. O método de abordagem é indutivo e os critérios para a seleção dos informantes: ser nascido e residente na zona urbana do município de Cametá ou que tenha chegado a esse município até os cinco anos de idade, e que não tenha se deslocado da região onde mora por mais de dois anos consecutivos. Os eventos de fala ou ocorrências linguísticas que constituirão o corpus para análise deste estudo serão obtidos através de 16 gravações de situações interacionais. Cada uma dessas situações comunicativas face à face contará com a participação de um grupo constituído por 04 sujeitos-informantes. Em cada um dos grupos haverá uma pessoa, o informante-base (de influência significativa no Bairro em que mora) e mais três interlocutores. Essas três pessoas serão escolhidas a partir da relação horizontal (solidariedade) e vertical (poder) que estabelecem na sociedade com

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**Fax:** (85)3223-2903

**E-mail:** comepe@ufc.br



Continuação do Parecer: 751.114

aquele membro da comunidade, que pode ser irmão, pai, mãe, chefe, colega de trabalho, avô (a), vizinho (a), esposo (a) etc. Assim serão 16 sujeitos interagindo cada um com mais três indivíduos, totalizando 64 pessoas envolvidas na amostra. As situações de fala que comporão o corpus deste trabalho, emergirão da interação entre os 16 grupos participantes da pesquisa, constituídos, cada um, pelo informante-base, e seus três interlocutores, e mais o entrevistador. O tema da entrevista que suscitará a interação grupal, será sugerido pelo entrevistador que poderá girar em torno de assuntos que estão em voga socialmente na comunidade em estudo, como por exemplo, a criação de uma nova Universidade Federal no município, a UFAT9. O tema da entrevista deverá ser de domínio do entrevistador, pois este desenvolverá um papel fundamental na condução de todo processo interativo do grupo, mantendo sempre o foco naquilo que está sendo discutido e procurando construir uma simétrica relação de ideias e reações, entre os interlocutores. Além da entrevista, outros contextos situacionais constituirão objeto de análise linguística e farão parte do corpus que subsidiará a elaboração deste trabalho, tais como: os momentos de diálogo espontâneo entre os participantes, antes do início e após o término da entrevista; e outros gêneros textuais que não constituem uma situação mais formal de entrevista, como piada e relatos pessoais.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos, o comportamento variável das formas pronominais de segunda pessoa tu, você e senhor, na fala dos moradores da zona urbana do município de Cametá, região Norte do estado do Pará.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Não há riscos para os participantes da pesquisa.

Benefícios:

Caracterizar melhor a linguagem falada na região do baixo Tocantins, a partir de um estudo sistemático. Traz contribuições para a área, haja vista que este tipo de estudo não existe no Pará.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é interessante e traz um nível de detalhamento bastante aprofundado, que leva a crer, trará resultados interessantes para a socio-linguística.

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**Fax:** (85)3223-2903

**E-mail:** comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CEARÁ/ PROPESQ



Continuação do Parecer: 751.114

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram todos apresentados e estão de acordo com as exigências.

**Recomendações:**

A divulgação dos resultados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nenhuma

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

FORTALEZA, 14 de Agosto de 2014

---

**Assinado por:**  
**FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

**Bairro:** Rodolfo Teófilo

**CEP:** 60.430-270

**UF:** CE

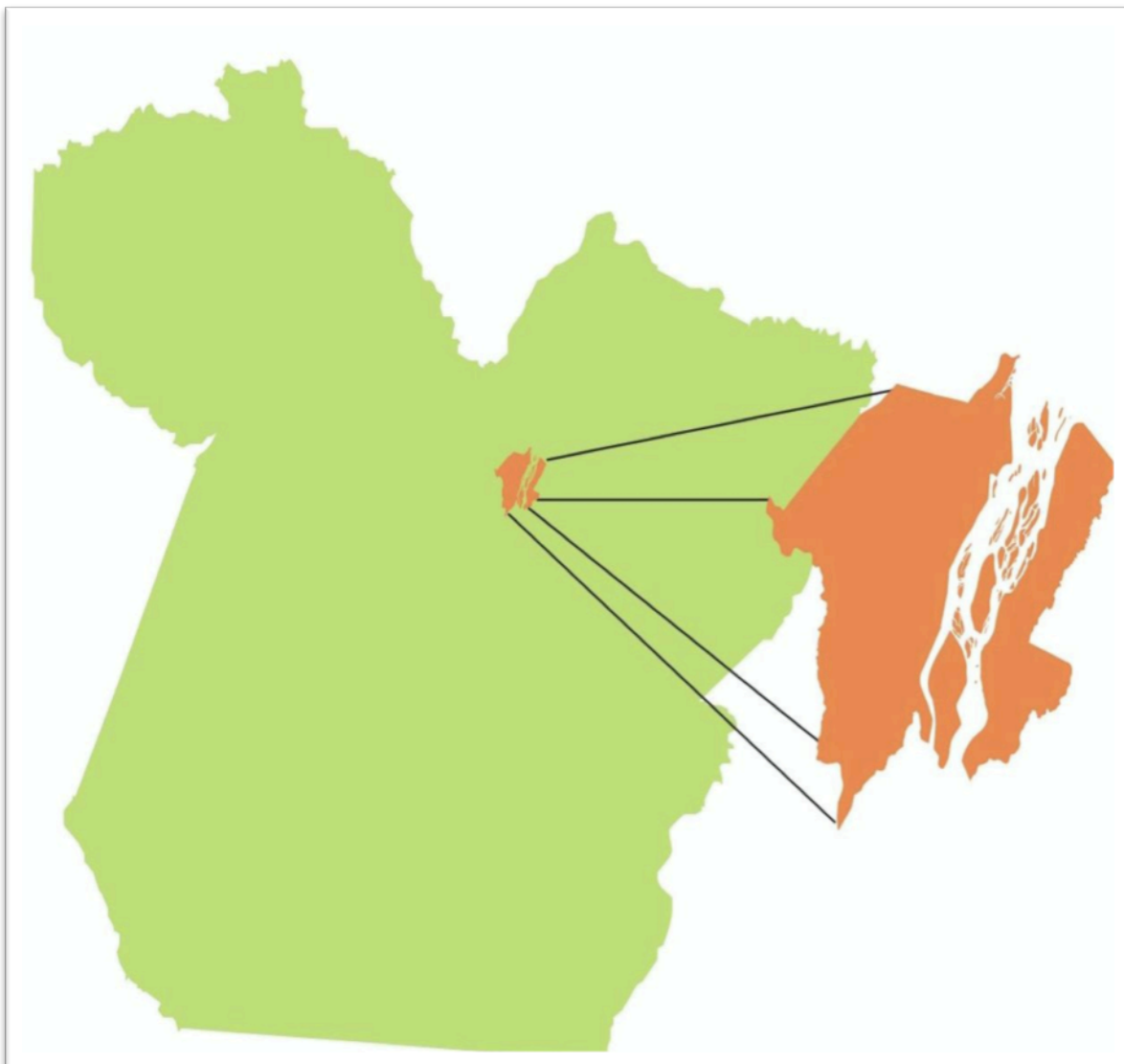
**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3366-8344

**Fax:** (85)3223-2903

**E-mail:** comepe@ufc.br

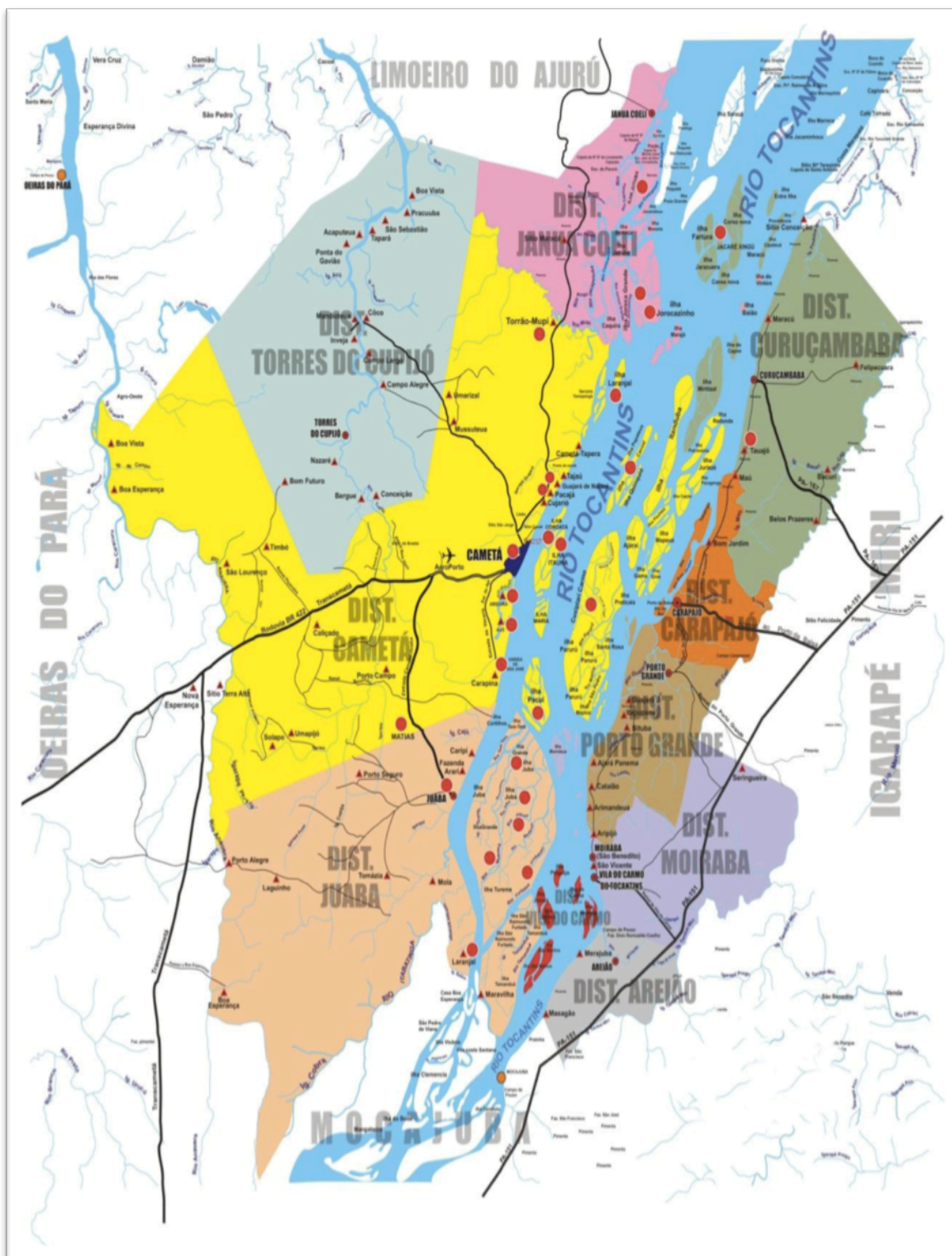
**Anexo B - Mapa 01: Mapa do Estado do Pará, com destaque para o município de Cametá.**



**Mapa 01** - Recorte do mapa do Estado do Pará, que situa o município de Cametá.

**FONTE:** <https://maps.google.com.br>, com adaptações pela autora

**ANEXO C – Mapa 02: do Município de Cametá, incluindo os distritos.**



FONTE: <https://maps.google.com.br/com>, adaptações pela autora.

## ANEXO D – Rodada tu/você

CELL CREATION • 14/02/16 23:34 .....

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

)

Number of cells: 344

Application value(s): TV

Total no. of factors: 38

Group	T	V	Total	%
-------	---	---	-------	---

-----				
1 (2)	T	V		
g N	140	104	244	49.9
%	57.4	42.6		

E N	25	13	38	7.8
%	65.8	34.2		

G N	17	15	32	6.5
%	53.1	46.9		

I N	59	22	81	16.6
%	72.8	27.2		

R N	66	28	94	19.2
%	70.2	29.8		

Total N	307	182	489	
%	62.8	37.2		

-----				
2 (3)	T	V		
D N	236	139	375	76.7
%	62.9	37.1		

N N	27	24	51	10.4
%	52.9	47.1		

x N	16	4	20	4.1
%	80.0	20.0		

i N	28	15	43	8.8
%	65.1	34.9		

Total N	307	182	489	
---------	-----	-----	-----	--

	%	62.8	37.2		
-----					
3 (4)	T	V			
Q	N	51	35	86	17.6
	%	59.3	40.7		
J	N	195	17	212	43.4
	%	92.0	8.0		
O	N	42	27	69	14.1
	%	60.9	39.1		
C	N	18	99	117	23.9
	%	15.4	84.6		
H	N	1	4	5	1.0
	%	20.0	80.0		
Total	N	307	182	489	
	%	62.8	37.2		
-----					
4 (5)	T	V			
v	N	234	130	364	74.4
	%	64.3	35.7		
L	N	73	52	125	25.6
	%	58.4	41.6		
Total	N	307	182	489	
	%	62.8	37.2		
-----					
5 (6)	T	V			
U	N	170	94	264	54.0
	%	64.4	35.6		
h	N	94	72	166	33.9
	%	56.6	43.4		
P	N	43	16	59	12.1
	%	72.9	27.1		
Total	N	307	182	489	
	%	62.8	37.2		
-----					
6 (7)	T	V			
m	N	42	9	51	10.4
	%	82.4	17.6		
a	N	192	141	333	68.1
	%	57.7	42.3		
b	N	41	15	56	11.5
	%	73.2	26.8		
t	N	19	11	30	6.1
	%	63.3	36.7		
f	N	7	5	12	2.5
	%	58.3	41.7		

e N 5 0 5 1.0  
 % 100.0 0.0 \* KnockOut \*

c N 1 1 2 0.4  
 % 50.0 50.0

Total N 307 182 489  
 % 62.8 37.2

-----  
 7(8) T V  
 X N 245 150 395 80.8  
 % 62.0 38.0

r N 43 20 63 12.9  
 % 68.3 31.7

Z N 19 12 31 6.3  
 % 61.3 38.7

Total N 307 182 489  
 % 62.8 37.2

-----  
 8(9) T V  
 d N 48 38 86 17.6  
 % 55.8 44.2

k N 246 129 375 76.7  
 % 65.6 34.4

s N 13 15 28 5.7  
 % 46.4 53.6

Total N 307 182 489  
 % 62.8 37.2

-----  
 9(10) T V  
 1 N 113 66 179 36.6  
 % 63.1 36.9

2 N 194 116 310 63.4  
 % 62.6 37.4

Total N 307 182 489  
 % 62.8 37.2

-----  
 10(11) T V  
 M N 176 78 254 51.9  
 % 69.3 30.7

F N 131 104 235 48.1  
 % 55.7 44.3

Total N 307 182 489  
 % 62.8 37.2

-----  
 11(12) T V  
 A N 206 71 277 56.6  
 % 74.4 25.6

B N 101 111 212 43.4

% 47.6 52.4

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
TOTAL N 307 182 489  
% 62.8 37.2

Name of new cell file: Untitled.cel

Number of cells: 344

Application value(s): TV

Total no. of factors: 37

Group T V Total %

-----  
1 (2) T V  
g N 140 104 244 49.9  
% 57.4 42.6

E N 25 13 38 7.8  
% 65.8 34.2

G N 17 15 32 6.5  
% 53.1 46.9

I N 59 22 81 16.6  
% 72.8 27.2

R N 66 28 94 19.2  
% 70.2 29.8

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
2 (3) T V  
D N 236 139 375 76.7  
% 62.9 37.1

N N 27 24 51 10.4  
% 52.9 47.1

x N 16 4 20 4.1  
% 80.0 20.0

i N 28 15 43 8.8  
% 65.1 34.9

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
3 (4) T V  
Q N 51 35 86 17.6  
% 59.3 40.7

J N 195 17 212 43.4  
% 92.0 8.0



O N 42 27 69 14.1  
% 60.9 39.1

C N 18 99 117 23.9  
% 15.4 84.6

H N 1 4 5 1.0  
% 20.0 80.0

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

---

4 (5) T V  
v N 234 130 364 74.4  
% 64.3 35.7

L N 73 52 125 25.6  
% 58.4 41.6

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

---

5 (6) T V  
U N 170 94 264 54.0  
% 64.4 35.6

h N 94 72 166 33.9  
% 56.6 43.4

P N 43 16 59 12.1  
% 72.9 27.1

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

---

6 (7) T V  
m N 42 9 51 10.4  
% 82.4 17.6

a N 192 141 333 68.1  
% 57.7 42.3

b N 46 15 61 12.5  
% 75.4 24.6

t N 19 11 30 6.1  
% 63.3 36.7

f N 7 5 12 2.5  
% 58.3 41.7

c N 1 1 2 0.4  
% 50.0 50.0

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

---

7 (8) T V  
X N 245 150 395 80.8  
% 62.0 38.0

r N 43 20 63 12.9  
% 68.3 31.7

Z N 19 12 31 6.3  
% 61.3 38.7

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
8 (9) T V  
d N 48 38 86 17.6  
% 55.8 44.2

k N 246 129 375 76.7  
% 65.6 34.4

s N 13 15 28 5.7  
% 46.4 53.6

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
9 (10) T V  
1 N 113 66 179 36.6  
% 63.1 36.9

2 N 194 116 310 63.4  
% 62.6 37.4

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
10 (11) T V  
M N 176 78 254 51.9  
% 69.3 30.7

F N 131 104 235 48.1  
% 55.7 44.3

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
11 (12) T V  
A N 206 71 277 56.6  
% 74.4 25.6

B N 101 111 212 43.4  
% 47.6 52.4

Total N 307 182 489  
% 62.8 37.2

-----  
TOTAL N 307 182 489  
% 62.8 37.2

Name of new cell file: Untitled.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 14/02/16 23:37 •.....

Name of cell file: Untitled.cel

Averaging by weighting factors.  
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:  
Convergence at Iteration 2  
Input 0.628  
Log likelihood = -322.794

----- Level # 1 -----

Run # 2, 5 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.631  
Group # 1 -- g: 0.441, E: 0.529, G: 0.399, I: 0.610, R: 0.580  
Log likelihood = -317.616 Significance = 0.038

Run # 3, 4 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.629  
Group # 2 -- D: 0.500, N: 0.399, x: 0.702, i: 0.524  
Log likelihood = -320.320 Significance = 0.181

Run # 4, 5 cells:  
Convergence at Iteration 6  
Input 0.682  
Group # 3 -- Q: 0.404, J: 0.842, O: 0.420, C: 0.078, H: 0.104  
Log likelihood = -216.227 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.628  
Group # 4 -- v: 0.516, L: 0.454  
Log likelihood = -322.110 Significance = 0.248

Run # 6, 3 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.629  
Group # 5 -- U: 0.516, h: 0.435, P: 0.612  
Log likelihood = -319.977 Significance = 0.063

Run # 7, 6 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.635  
Group # 6 -- m: 0.728, a: 0.439, b: 0.638, t: 0.499, f: 0.446, c: 0.365  
Log likelihood = -313.940 Significance = 0.006

Run # 8, 3 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.628  
Group # 7 -- X: 0.492, r: 0.560, Z: 0.484  
Log likelihood = -322.318 Significance = 0.629

Run # 9, 3 cells:

Convergence at Iteration 4  
 Input 0.629  
 Group # 8 -- d: 0.427, k: 0.529, s: 0.339  
 Log likelihood = -319.735 Significance = 0.048

Run # 10, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 2  
 Input 0.628  
 Group # 9 -- 1: 0.503, 2: 0.498  
 Log likelihood = -322.787 Significance = 0.906

Run # 11, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.630  
 Group #10 -- M: 0.569, F: 0.425  
 Log likelihood = -317.990 Significance = 0.004

Run # 12, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.637  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -304.372 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors QJOCH

----- Level # 2 -----

Run # 13, 24 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.688  
 Group # 1 -- g: 0.413, E: 0.511, G: 0.320, I: 0.660, R: 0.641  
 Group # 3 -- Q: 0.390, J: 0.857, O: 0.360, C: 0.077, H: 0.097  
 Log likelihood = -208.554 Significance = 0.006

Run # 14, 19 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.685  
 Group # 2 -- D: 0.492, N: 0.348, x: 0.816, i: 0.578  
 Group # 3 -- Q: 0.406, J: 0.849, O: 0.397, C: 0.076, H: 0.069  
 Log likelihood = -211.806 Significance = 0.035

Run # 15, 10 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.683  
 Group # 3 -- Q: 0.405, J: 0.843, O: 0.418, C: 0.078, H: 0.102  
 Group # 4 -- v: 0.520, L: 0.441  
 Log likelihood = -215.540 Significance = 0.247

Run # 16, 14 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.683  
 Group # 3 -- Q: 0.404, J: 0.841, O: 0.423, C: 0.079, H: 0.105  
 Group # 5 -- U: 0.508, h: 0.460, P: 0.577  
 Log likelihood = -215.525 Significance = 0.497

Run # 17, 22 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.687  
 Group # 3 -- Q: 0.383, J: 0.843, O: 0.424, C: 0.080, H: 0.124  
 Group # 6 -- m: 0.690, a: 0.445, b: 0.612, t: 0.593, f: 0.375, c: 0.399

Log likelihood = -211.842 Significance = 0.124

Run # 18, 14 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.683

Group # 3 -- Q: 0.400, J: 0.845, O: 0.424, C: 0.076, H: 0.103

Group # 7 -- X: 0.476, r: 0.601, Z: 0.601

Log likelihood = -214.877 Significance = 0.264

Run # 19, 15 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.683

Group # 3 -- Q: 0.406, J: 0.839, O: 0.437, C: 0.077, H: 0.111

Group # 8 -- d: 0.430, k: 0.525, s: 0.380

Log likelihood = -214.913 Significance = 0.273

Run # 20, 10 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.682

Group # 3 -- Q: 0.403, J: 0.843, O: 0.421, C: 0.078, H: 0.105

Group # 9 -- 1: 0.476, 2: 0.514

Log likelihood = -216.036 Significance = 0.548

Run # 21, 10 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.683

Group # 3 -- Q: 0.411, J: 0.840, O: 0.419, C: 0.079, H: 0.114

Group #10 -- M: 0.543, F: 0.454

Log likelihood = -215.133 Significance = 0.149

Run # 22, 10 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.687

Group # 3 -- Q: 0.402, J: 0.835, O: 0.439, C: 0.084, H: 0.082

Group #11 -- A: 0.596, B: 0.376

Log likelihood = -209.574 Significance = 0.000

Add Group # 11 with factors AB

----- Level # 3 -----

Run # 23, 42 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.692

Group # 1 -- g: 0.397, E: 0.527, G: 0.378, I: 0.695, R: 0.622

Group # 3 -- Q: 0.390, J: 0.850, O: 0.367, C: 0.084, H: 0.076

Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365

Log likelihood = -201.399 Significance = 0.005

Run # 24, 35 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.693

Group # 2 -- D: 0.489, N: 0.327, x: 0.845, i: 0.611

Group # 3 -- Q: 0.401, J: 0.845, O: 0.410, C: 0.080, H: 0.054

Group #11 -- A: 0.608, B: 0.361

Log likelihood = -203.679 Significance = 0.009

Run # 25, 19 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.688

Group # 3 -- Q: 0.402, J: 0.836, O: 0.437, C: 0.083, H: 0.081  
 Group # 4 -- v: 0.517, L: 0.450  
 Group #11 -- A: 0.594, B: 0.378  
 Log likelihood = -209.097 Significance = 0.339

Run # 26, 27 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.688  
 Group # 3 -- Q: 0.402, J: 0.833, O: 0.439, C: 0.085, H: 0.084  
 Group # 5 -- U: 0.493, h: 0.470, P: 0.616  
 Group #11 -- A: 0.599, B: 0.372  
 Log likelihood = -208.562 Significance = 0.375

Run # 27, 41 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.693  
 Group # 3 -- Q: 0.384, J: 0.835, O: 0.443, C: 0.086, H: 0.098  
 Group # 6 -- m: 0.672, a: 0.441, b: 0.642, t: 0.605, f: 0.379, c: 0.519  
 Group #11 -- A: 0.599, B: 0.372  
 Log likelihood = -205.019 Significance = 0.106

Run # 28, 26 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.687  
 Group # 3 -- Q: 0.399, J: 0.837, O: 0.443, C: 0.081, H: 0.085  
 Group # 7 -- X: 0.478, r: 0.595, Z: 0.580  
 Group #11 -- A: 0.594, B: 0.378  
 Log likelihood = -208.513 Significance = 0.356

Run # 29, 27 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.689  
 Group # 3 -- Q: 0.402, J: 0.832, O: 0.454, C: 0.083, H: 0.086  
 Group # 8 -- d: 0.433, k: 0.524, s: 0.383  
 Group #11 -- A: 0.595, B: 0.377  
 Log likelihood = -208.358 Significance = 0.297

Run # 30, 19 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.687  
 Group # 3 -- Q: 0.401, J: 0.835, O: 0.441, C: 0.083, H: 0.083  
 Group # 9 -- 1: 0.477, 2: 0.513  
 Group #11 -- A: 0.596, B: 0.376  
 Log likelihood = -209.405 Significance = 0.577

Run # 31, 19 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.691  
 Group # 3 -- Q: 0.406, J: 0.833, O: 0.434, C: 0.085, H: 0.089  
 Group #10 -- M: 0.544, F: 0.452  
 Group #11 -- A: 0.596, B: 0.376  
 Log likelihood = -208.446 Significance = 0.142

Add Group # 1 with factors gEGIR

----- Level # 4 -----

Run # 32, 90 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.696

Group # 1 -- g: 0.406, E: 0.529, G: 0.380, I: 0.693, R: 0.602  
 Group # 2 -- D: 0.501, N: 0.341, x: 0.822, i: 0.504  
 Group # 3 -- Q: 0.390, J: 0.856, O: 0.356, C: 0.081, H: 0.053  
 Group #11 -- A: 0.612, B: 0.355  
 Log likelihood = -197.394 Significance = 0.047

Run # 33, 73 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.692  
 Group # 1 -- g: 0.397, E: 0.536, G: 0.376, I: 0.692, R: 0.623  
 Group # 3 -- Q: 0.390, J: 0.851, O: 0.366, C: 0.083, H: 0.075  
 Group # 4 -- v: 0.517, L: 0.449  
 Group #11 -- A: 0.603, B: 0.367  
 Log likelihood = -200.947 Significance = 0.355

Run # 34, 99 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.692  
 Group # 1 -- g: 0.399, E: 0.527, G: 0.387, I: 0.687, R: 0.622  
 Group # 3 -- Q: 0.391, J: 0.849, O: 0.370, C: 0.085, H: 0.078  
 Group # 5 -- U: 0.492, h: 0.488, P: 0.570  
 Group #11 -- A: 0.607, B: 0.362  
 Log likelihood = -201.101 Significance = 0.743

Run # 35, 107 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.696  
 Group # 1 -- g: 0.384, E: 0.547, G: 0.396, I: 0.701, R: 0.637  
 Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.851, O: 0.366, C: 0.087, H: 0.092  
 Group # 6 -- m: 0.716, a: 0.440, b: 0.598, t: 0.641, f: 0.363, c: 0.308  
 Group #11 -- A: 0.607, B: 0.362  
 Log likelihood = -196.271 Significance = 0.072

Run # 36, 63 cells:  
 Convergence at Iteration 19  
 Input 0.692  
 Group # 1 -- g: 0.394, E: 0.524, G: 0.376, I: 0.694, R: 0.634  
 Group # 3 -- Q: 0.389, J: 0.850, O: 0.365, C: 0.084, H: 0.077  
 Group # 7 -- X: 0.503, r: 0.499, Z: 0.460  
 Group #11 -- A: 0.605, B: 0.365  
 Log likelihood = -201.356 Significance = 0.957

Run # 37, 74 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.706  
 Group # 1 -- g: 0.329, E: 0.413, G: 0.304, I: 0.723, R: 0.811  
 Group # 3 -- Q: 0.377, J: 0.850, O: 0.400, C: 0.080, H: 0.100  
 Group # 8 -- d: 0.259, k: 0.592, s: 0.145  
 Group #11 -- A: 0.606, B: 0.363  
 Log likelihood = -192.200 Significance = 0.000

Run # 38, 69 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.692  
 Group # 1 -- g: 0.396, E: 0.531, G: 0.375, I: 0.696, R: 0.624  
 Group # 3 -- Q: 0.390, J: 0.850, O: 0.366, C: 0.084, H: 0.076  
 Group # 9 -- 1: 0.510, 2: 0.494  
 Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365  
 Log likelihood = -201.367 Significance = 0.800

Run # 39, 73 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.693

Group # 1 -- g: 0.384, E: 0.488, G: 0.403, I: 0.677, R: 0.678

Group # 3 -- Q: 0.397, J: 0.847, O: 0.368, C: 0.085, H: 0.090

Group #10 -- M: 0.574, F: 0.421

Group #11 -- A: 0.602, B: 0.368

Log likelihood = -198.949 Significance = 0.030

Add Group # 8 with factors dks

----- Level # 5 -----

Run # 40, 132 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.335, E: 0.419, G: 0.309, I: 0.715, R: 0.801

Group # 2 -- D: 0.485, N: 0.331, x: 0.880, i: 0.610

Group # 3 -- Q: 0.379, J: 0.858, O: 0.382, C: 0.076, H: 0.059

Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.601, s: 0.100

Group #11 -- A: 0.620, B: 0.345

Log likelihood = -186.556 Significance = 0.010

Run # 41, 115 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.707

Group # 1 -- g: 0.327, E: 0.423, G: 0.300, I: 0.722, R: 0.813

Group # 3 -- Q: 0.376, J: 0.851, O: 0.398, C: 0.079, H: 0.099

Group # 4 -- v: 0.522, L: 0.436

Group # 8 -- d: 0.260, k: 0.593, s: 0.140

Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365

Log likelihood = -191.499 Significance = 0.242

Run # 42, 143 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.706

Group # 1 -- g: 0.331, E: 0.413, G: 0.308, I: 0.718, R: 0.809

Group # 3 -- Q: 0.378, J: 0.849, O: 0.402, C: 0.080, H: 0.101

Group # 5 -- U: 0.495, h: 0.493, P: 0.542

Group # 8 -- d: 0.261, k: 0.591, s: 0.149

Group #11 -- A: 0.607, B: 0.361

Log likelihood = -192.112 Significance = 0.917

Run # 43, 146 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.711

Group # 1 -- g: 0.318, E: 0.435, G: 0.320, I: 0.734, R: 0.813

Group # 3 -- Q: 0.358, J: 0.851, O: 0.396, C: 0.083, H: 0.117

Group # 6 -- m: 0.701, a: 0.445, b: 0.573, t: 0.663, f: 0.377, c: 0.202

Group # 8 -- d: 0.263, k: 0.589, s: 0.160

Group #11 -- A: 0.608, B: 0.361

Log likelihood = -187.904 Significance = 0.133

Run # 44, 100 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.706

Group # 1 -- g: 0.339, E: 0.424, G: 0.310, I: 0.734, R: 0.779

Group # 3 -- Q: 0.376, J: 0.851, O: 0.401, C: 0.079, H: 0.100

Group # 7 -- X: 0.486, r: 0.551, Z: 0.570

Group # 8 -- d: 0.257, k: 0.593, s: 0.143



Group #11 -- A: 0.606, B: 0.363  
 Log likelihood = -192.128 Significance = 0.932

Run # 45, 106 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.706  
 Group # 1 -- g: 0.321, E: 0.426, G: 0.290, I: 0.726, R: 0.823  
 Group # 3 -- Q: 0.376, J: 0.850, O: 0.398, C: 0.081, H: 0.101  
 Group # 8 -- d: 0.248, k: 0.596, s: 0.141  
 Group # 9 -- 1: 0.543, 2: 0.475  
 Group #11 -- A: 0.606, B: 0.363  
 Log likelihood = -191.731 Significance = 0.344

Run # 46, 114 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.707  
 Group # 1 -- g: 0.314, E: 0.369, G: 0.331, I: 0.701, R: 0.852  
 Group # 3 -- Q: 0.385, J: 0.845, O: 0.404, C: 0.082, H: 0.115  
 Group # 8 -- d: 0.249, k: 0.595, s: 0.147  
 Group #10 -- M: 0.581, F: 0.413  
 Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365  
 Log likelihood = -189.442 Significance = 0.019

Add Group # 2 with factors DNxi

----- Level # 6 -----

Run # 47, 177 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.334, E: 0.427, G: 0.306, I: 0.715, R: 0.802  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.340, x: 0.878, i: 0.602  
 Group # 3 -- Q: 0.378, J: 0.859, O: 0.381, C: 0.076, H: 0.058  
 Group # 4 -- v: 0.519, L: 0.446  
 Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.602, s: 0.098  
 Group #11 -- A: 0.619, B: 0.346  
 Log likelihood = -186.080 Significance = 0.339

Run # 48, 204 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.713  
 Group # 1 -- g: 0.335, E: 0.423, G: 0.310, I: 0.714, R: 0.801  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.330, x: 0.884, i: 0.612  
 Group # 3 -- Q: 0.381, J: 0.858, O: 0.380, C: 0.077, H: 0.060  
 Group # 5 -- U: 0.484, h: 0.519, P: 0.518  
 Group # 8 -- d: 0.251, k: 0.602, s: 0.102  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -186.431 Significance = 0.883

Run # 49, 207 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.720  
 Group # 1 -- g: 0.323, E: 0.445, G: 0.326, I: 0.732, R: 0.802  
 Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.337, x: 0.890, i: 0.616  
 Group # 3 -- Q: 0.357, J: 0.860, O: 0.374, C: 0.080, H: 0.068  
 Group # 6 -- m: 0.713, a: 0.444, b: 0.553, t: 0.694, f: 0.371, c: 0.212  
 Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.599, s: 0.110  
 Group #11 -- A: 0.622, B: 0.342  
 Log likelihood = -181.984 Significance = 0.105

Run # 50, 147 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.713  
 Group # 1 -- g: 0.328, E: 0.410, G: 0.305, I: 0.704, R: 0.824  
 Group # 2 -- D: 0.483, N: 0.328, x: 0.885, i: 0.620  
 Group # 3 -- Q: 0.381, J: 0.857, O: 0.384, C: 0.077, H: 0.056  
 Group # 7 -- X: 0.511, r: 0.436, Z: 0.493  
 Group # 8 -- d: 0.256, k: 0.602, s: 0.095  
 Group #11 -- A: 0.621, B: 0.344  
 Log likelihood = -186.437 Significance = 0.888

Run # 51, 162 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.326, E: 0.434, G: 0.293, I: 0.718, R: 0.816  
 Group # 2 -- D: 0.483, N: 0.339, x: 0.886, i: 0.602  
 Group # 3 -- Q: 0.377, J: 0.858, O: 0.380, C: 0.077, H: 0.059  
 Group # 8 -- d: 0.241, k: 0.606, s: 0.096  
 Group # 9 -- 1: 0.547, 2: 0.473  
 Group #11 -- A: 0.620, B: 0.345  
 Log likelihood = -186.027 Significance = 0.305

Run # 52, 169 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.320, E: 0.364, G: 0.338, I: 0.688, R: 0.849  
 Group # 2 -- D: 0.488, N: 0.315, x: 0.882, i: 0.596  
 Group # 3 -- Q: 0.387, J: 0.854, O: 0.387, C: 0.077, H: 0.067  
 Group # 8 -- d: 0.246, k: 0.603, s: 0.104  
 Group #10 -- M: 0.589, F: 0.404  
 Group #11 -- A: 0.618, B: 0.347  
 Log likelihood = -183.365 Significance = 0.012

Add Group # 10 with factors MF

----- Level # 7 -----

Run # 53, 216 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.319, E: 0.373, G: 0.335, I: 0.689, R: 0.849  
 Group # 2 -- D: 0.488, N: 0.324, x: 0.881, i: 0.589  
 Group # 3 -- Q: 0.386, J: 0.855, O: 0.387, C: 0.077, H: 0.065  
 Group # 4 -- v: 0.518, L: 0.446  
 Group # 8 -- d: 0.246, k: 0.603, s: 0.102  
 Group #10 -- M: 0.589, F: 0.404  
 Group #11 -- A: 0.617, B: 0.349  
 Log likelihood = -182.912 Significance = 0.354

Run # 54, 244 cells:  
 Convergence at Iteration 17  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.318, E: 0.367, G: 0.341, I: 0.687, R: 0.852  
 Group # 2 -- D: 0.487, N: 0.313, x: 0.892, i: 0.601  
 Group # 3 -- Q: 0.389, J: 0.854, O: 0.383, C: 0.077, H: 0.070  
 Group # 5 -- U: 0.470, h: 0.539, P: 0.524  
 Group # 8 -- d: 0.239, k: 0.605, s: 0.106  
 Group #10 -- M: 0.595, F: 0.398  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.341  
 Log likelihood = -182.910 Significance = 0.641

Run # 55, 245 cells:

Convergence at Iteration 17

Input 0.720

Group # 1 -- g: 0.307, E: 0.381, G: 0.363, I: 0.697, R: 0.857

Group # 2 -- D: 0.485, N: 0.320, x: 0.894, i: 0.607

Group # 3 -- Q: 0.364, J: 0.856, O: 0.380, C: 0.081, H: 0.079

Group # 6 -- m: 0.739, a: 0.438, b: 0.561, t: 0.691, f: 0.342, c: 0.332

Group # 8 -- d: 0.247, k: 0.601, s: 0.116

Group #10 -- M: 0.603, F: 0.389

Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342

Log likelihood = -178.008 Significance = 0.060

Run # 56, 183 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.316, E: 0.358, G: 0.335, I: 0.681, R: 0.861

Group # 2 -- D: 0.487, N: 0.311, x: 0.886, i: 0.605

Group # 3 -- Q: 0.388, J: 0.854, O: 0.388, C: 0.077, H: 0.062

Group # 7 -- X: 0.508, r: 0.447, Z: 0.513

Group # 8 -- d: 0.248, k: 0.603, s: 0.099

Group #10 -- M: 0.589, F: 0.404

Group #11 -- A: 0.618, B: 0.347

Log likelihood = -183.257 Significance = 0.898

Run # 57, 193 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.718

Group # 1 -- g: 0.305, E: 0.379, G: 0.313, I: 0.692, R: 0.871

Group # 2 -- D: 0.487, N: 0.326, x: 0.891, i: 0.583

Group # 3 -- Q: 0.383, J: 0.854, O: 0.383, C: 0.079, H: 0.069

Group # 8 -- d: 0.225, k: 0.610, s: 0.098

Group # 9 -- 1: 0.573, 2: 0.458

Group #10 -- M: 0.599, F: 0.393

Group #11 -- A: 0.618, B: 0.348

Log likelihood = -182.187 Significance = 0.133

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 3 11 1 8 2 10

Best stepping up run: #52

-----

Stepping down...

----- Level # 11 -----

Run # 58, 344 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.724

Group # 1 -- g: 0.280, E: 0.391, G: 0.332, I: 0.687, R: 0.899

Group # 2 -- D: 0.480, N: 0.327, x: 0.917, i: 0.610

Group # 3 -- Q: 0.368, J: 0.855, O: 0.374, C: 0.082, H: 0.073

Group # 4 -- v: 0.515, L: 0.458

Group # 5 -- U: 0.553, h: 0.603, P: 0.107

Group # 6 -- m: 0.658, a: 0.369, b: 0.915, t: 0.603, f: 0.299, c: 0.263

Group # 7 -- X: 0.519, r: 0.396, Z: 0.477

Group # 8 -- d: 0.229, k: 0.608, s: 0.102

Group # 9 -- 1: 0.567, 2: 0.461

Group #10 -- M: 0.613, F: 0.379

Group #11 -- A: 0.624, B: 0.341  
 Log likelihood = -174.287

----- Level # 10 -----

Run # 59, 297 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.712

Group # 2 -- D: 0.481, N: 0.319, x: 0.887, i: 0.648

Group # 3 -- Q: 0.376, J: 0.846, O: 0.443, C: 0.078, H: 0.073

Group # 4 -- v: 0.512, L: 0.466

Group # 5 -- U: 0.546, h: 0.575, P: 0.158

Group # 6 -- m: 0.669, a: 0.386, b: 0.876, t: 0.565, f: 0.319, c: 0.536

Group # 7 -- X: 0.446, r: 0.695, Z: 0.746

Group # 8 -- d: 0.353, k: 0.557, s: 0.235

Group # 9 -- 1: 0.498, 2: 0.501

Group #10 -- M: 0.587, F: 0.406

Group #11 -- A: 0.607, B: 0.361

Log likelihood = -189.125 Significance = 0.000

Run # 60, 301 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.715

Group # 1 -- g: 0.296, E: 0.412, G: 0.334, I: 0.724, R: 0.859

Group # 3 -- Q: 0.368, J: 0.847, O: 0.396, C: 0.085, H: 0.137

Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.461

Group # 5 -- U: 0.548, h: 0.561, P: 0.175

Group # 6 -- m: 0.676, a: 0.392, b: 0.853, t: 0.606, f: 0.305, c: 0.249

Group # 7 -- X: 0.490, r: 0.527, Z: 0.572

Group # 8 -- d: 0.235, k: 0.599, s: 0.150

Group # 9 -- 1: 0.553, 2: 0.469

Group #10 -- M: 0.598, F: 0.394

Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365

Log likelihood = -182.334 Significance = 0.001

Run # 61, 264 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.675

Group # 1 -- g: 0.266, E: 0.360, G: 0.446, I: 0.622, R: 0.925

Group # 2 -- D: 0.477, N: 0.396, x: 0.864, i: 0.610

Group # 4 -- v: 0.503, L: 0.491

Group # 5 -- U: 0.530, h: 0.554, P: 0.239

Group # 6 -- m: 0.716, a: 0.379, b: 0.875, t: 0.518, f: 0.433, c: 0.404

Group # 7 -- X: 0.549, r: 0.277, Z: 0.362

Group # 8 -- d: 0.246, k: 0.601, s: 0.114

Group # 9 -- 1: 0.581, 2: 0.453

Group #10 -- M: 0.638, F: 0.352

Group #11 -- A: 0.646, B: 0.314

Log likelihood = -257.660 Significance = 0.000

Run # 62, 316 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.725

Group # 1 -- g: 0.281, E: 0.383, G: 0.335, I: 0.686, R: 0.899

Group # 2 -- D: 0.480, N: 0.322, x: 0.917, i: 0.611

Group # 3 -- Q: 0.367, J: 0.855, O: 0.375, C: 0.083, H: 0.076

Group # 5 -- U: 0.560, h: 0.590, P: 0.109

Group # 6 -- m: 0.668, a: 0.366, b: 0.914, t: 0.621, f: 0.293, c: 0.287

Group # 7 -- X: 0.518, r: 0.404, Z: 0.466

Group # 8 -- d: 0.230, k: 0.608, s: 0.105

Group # 9 -- 1: 0.568, 2: 0.460  
 Group #10 -- M: 0.612, F: 0.379  
 Group #11 -- A: 0.625, B: 0.339  
 Log likelihood = -174.532 Significance = 0.489

Run # 63, 310 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.722  
 Group # 1 -- g: 0.282, E: 0.386, G: 0.333, I: 0.681, R: 0.900  
 Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.326, x: 0.906, i: 0.605  
 Group # 3 -- Q: 0.367, J: 0.855, O: 0.377, C: 0.083, H: 0.074  
 Group # 4 -- v: 0.509, L: 0.474  
 Group # 6 -- m: 0.717, a: 0.438, b: 0.577, t: 0.697, f: 0.346, c: 0.361  
 Group # 7 -- X: 0.519, r: 0.395, Z: 0.469  
 Group # 8 -- d: 0.234, k: 0.607, s: 0.104  
 Group # 9 -- 1: 0.569, 2: 0.460  
 Group #10 -- M: 0.611, F: 0.381  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -176.764 Significance = 0.087

Run # 64, 311 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.718  
 Group # 1 -- g: 0.290, E: 0.384, G: 0.307, I: 0.679, R: 0.896  
 Group # 2 -- D: 0.483, N: 0.329, x: 0.907, i: 0.597  
 Group # 3 -- Q: 0.391, J: 0.853, O: 0.382, C: 0.079, H: 0.064  
 Group # 4 -- v: 0.528, L: 0.419  
 Group # 5 -- U: 0.456, h: 0.559, P: 0.533  
 Group # 7 -- X: 0.515, r: 0.396, Z: 0.525  
 Group # 8 -- d: 0.220, k: 0.614, s: 0.089  
 Group # 9 -- 1: 0.575, 2: 0.456  
 Group #10 -- M: 0.608, F: 0.384  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.341  
 Log likelihood = -180.560 Significance = 0.031

Run # 65, 341 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.726  
 Group # 1 -- g: 0.291, E: 0.402, G: 0.338, I: 0.705, R: 0.876  
 Group # 2 -- D: 0.481, N: 0.331, x: 0.912, i: 0.598  
 Group # 3 -- Q: 0.364, J: 0.857, O: 0.372, C: 0.082, H: 0.080  
 Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.463  
 Group # 5 -- U: 0.554, h: 0.605, P: 0.103  
 Group # 6 -- m: 0.664, a: 0.369, b: 0.913, t: 0.605, f: 0.290, c: 0.256  
 Group # 8 -- d: 0.224, k: 0.609, s: 0.107  
 Group # 9 -- 1: 0.564, 2: 0.463  
 Group #10 -- M: 0.614, F: 0.378  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -174.520 Significance = 0.792

Run # 66, 329 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.707  
 Group # 1 -- g: 0.355, E: 0.489, G: 0.414, I: 0.657, R: 0.755  
 Group # 2 -- D: 0.497, N: 0.330, x: 0.873, i: 0.512  
 Group # 3 -- Q: 0.378, J: 0.854, O: 0.345, C: 0.087, H: 0.072  
 Group # 4 -- v: 0.508, L: 0.478  
 Group # 5 -- U: 0.554, h: 0.574, P: 0.141  
 Group # 6 -- m: 0.698, a: 0.371, b: 0.901, t: 0.587, f: 0.270, c: 0.378  
 Group # 7 -- X: 0.522, r: 0.408, Z: 0.411

Group # 9 -- 1: 0.530, 2: 0.483  
 Group #10 -- M: 0.603, F: 0.389  
 Group #11 -- A: 0.617, B: 0.349  
 Log likelihood = -185.536 Significance = 0.000

Run # 67, 322 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.721  
 Group # 1 -- g: 0.295, E: 0.380, G: 0.355, I: 0.690, R: 0.877  
 Group # 2 -- D: 0.481, N: 0.322, x: 0.911, i: 0.618  
 Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.856, O: 0.378, C: 0.081, H: 0.072  
 Group # 4 -- v: 0.516, L: 0.454  
 Group # 5 -- U: 0.553, h: 0.607, P: 0.102  
 Group # 6 -- m: 0.672, a: 0.368, b: 0.916, t: 0.588, f: 0.298, c: 0.232  
 Group # 7 -- X: 0.514, r: 0.422, Z: 0.485  
 Group # 8 -- d: 0.245, k: 0.602, s: 0.108  
 Group #10 -- M: 0.604, F: 0.388  
 Group #11 -- A: 0.624, B: 0.341  
 Log likelihood = -175.189 Significance = 0.185

Run # 68, 326 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.722  
 Group # 1 -- g: 0.302, E: 0.449, G: 0.305, I: 0.719, R: 0.850  
 Group # 2 -- D: 0.477, N: 0.343, x: 0.908, i: 0.623  
 Group # 3 -- Q: 0.361, J: 0.859, O: 0.372, C: 0.081, H: 0.061  
 Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.461  
 Group # 5 -- U: 0.568, h: 0.582, P: 0.104  
 Group # 6 -- m: 0.631, a: 0.373, b: 0.914, t: 0.623, f: 0.311, c: 0.164  
 Group # 7 -- X: 0.520, r: 0.395, Z: 0.457  
 Group # 8 -- d: 0.248, k: 0.603, s: 0.099  
 Group # 9 -- 1: 0.539, 2: 0.478  
 Group #11 -- A: 0.622, B: 0.343  
 Log likelihood = -178.861 Significance = 0.005

Run # 69, 321 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.712  
 Group # 1 -- g: 0.305, E: 0.377, G: 0.278, I: 0.675, R: 0.885  
 Group # 2 -- D: 0.486, N: 0.347, x: 0.875, i: 0.581  
 Group # 3 -- Q: 0.371, J: 0.860, O: 0.377, C: 0.076, H: 0.082  
 Group # 4 -- v: 0.520, L: 0.443  
 Group # 5 -- U: 0.571, h: 0.586, P: 0.095  
 Group # 6 -- m: 0.676, a: 0.376, b: 0.903, t: 0.579, f: 0.284, c: 0.185  
 Group # 7 -- X: 0.507, r: 0.437, Z: 0.536  
 Group # 8 -- d: 0.244, k: 0.603, s: 0.106  
 Group # 9 -- 1: 0.564, 2: 0.463  
 Group #10 -- M: 0.609, F: 0.383  
 Log likelihood = -182.543 Significance = 0.000

Cut Group # 7 with factors XrZ

----- Level # 9 -----

Run # 70, 288 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.708  
 Group # 2 -- D: 0.473, N: 0.326, x: 0.909, i: 0.677  
 Group # 3 -- Q: 0.385, J: 0.845, O: 0.416, C: 0.082, H: 0.071  
 Group # 4 -- v: 0.511, L: 0.467

Group # 5 -- U: 0.555, h: 0.568, P: 0.147  
 Group # 6 -- m: 0.647, a: 0.380, b: 0.896, t: 0.588, f: 0.315, c: 0.485  
 Group # 8 -- d: 0.431, k: 0.531, s: 0.307  
 Group # 9 -- 1: 0.478, 2: 0.513  
 Group #10 -- M: 0.556, F: 0.440  
 Group #11 -- A: 0.613, B: 0.355  
 Log likelihood = -192.396 Significance = 0.000

Run # 71, 292 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.715

Group # 1 -- g: 0.288, E: 0.403, G: 0.329, I: 0.716, R: 0.875  
 Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.846, O: 0.394, C: 0.086, H: 0.140  
 Group # 4 -- v: 0.512, L: 0.464  
 Group # 5 -- U: 0.550, h: 0.559, P: 0.174  
 Group # 6 -- m: 0.676, a: 0.391, b: 0.855, t: 0.611, f: 0.302, c: 0.251  
 Group # 8 -- d: 0.235, k: 0.598, s: 0.154  
 Group # 9 -- 1: 0.553, 2: 0.469  
 Group #10 -- M: 0.598, F: 0.394  
 Group #11 -- A: 0.605, B: 0.365  
 Log likelihood = -182.393 Significance = 0.002

Run # 72, 257 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.674

Group # 1 -- g: 0.297, E: 0.396, G: 0.477, I: 0.666, R: 0.864  
 Group # 2 -- D: 0.481, N: 0.405, x: 0.839, i: 0.588  
 Group # 4 -- v: 0.503, L: 0.492  
 Group # 5 -- U: 0.530, h: 0.557, P: 0.236  
 Group # 6 -- m: 0.725, a: 0.382, b: 0.864, t: 0.516, f: 0.431, c: 0.397  
 Group # 8 -- d: 0.234, k: 0.603, s: 0.124  
 Group # 9 -- 1: 0.577, 2: 0.455  
 Group #10 -- M: 0.643, F: 0.346  
 Group #11 -- A: 0.642, B: 0.317  
 Log likelihood = -259.321 Significance = 0.000

Run # 73, 310 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.726

Group # 1 -- g: 0.292, E: 0.395, G: 0.340, I: 0.704, R: 0.876  
 Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.326, x: 0.911, i: 0.601  
 Group # 3 -- Q: 0.363, J: 0.857, O: 0.373, C: 0.082, H: 0.081  
 Group # 5 -- U: 0.560, h: 0.593, P: 0.106  
 Group # 6 -- m: 0.672, a: 0.367, b: 0.913, t: 0.620, f: 0.286, c: 0.278  
 Group # 8 -- d: 0.225, k: 0.608, s: 0.109  
 Group # 9 -- 1: 0.565, 2: 0.462  
 Group #10 -- M: 0.613, F: 0.378  
 Group #11 -- A: 0.624, B: 0.341  
 Log likelihood = -174.719 Significance = 0.537

Run # 74, 307 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.723

Group # 1 -- g: 0.294, E: 0.399, G: 0.340, I: 0.699, R: 0.875  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.330, x: 0.899, i: 0.593  
 Group # 3 -- Q: 0.362, J: 0.856, O: 0.376, C: 0.082, H: 0.081  
 Group # 4 -- v: 0.507, L: 0.478  
 Group # 6 -- m: 0.723, a: 0.440, b: 0.564, t: 0.699, f: 0.338, c: 0.354  
 Group # 8 -- d: 0.229, k: 0.607, s: 0.109  
 Group # 9 -- 1: 0.566, 2: 0.462

Group #10 -- M: 0.611, F: 0.380  
 Group #11 -- A: 0.622, B: 0.343  
 Log likelihood = -177.016 Significance = 0.086

Run # 75, 307 cells:  
 Convergence at Iteration 19  
 Input 0.719  
 Group # 1 -- g: 0.299, E: 0.393, G: 0.314, I: 0.694, R: 0.875  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.334, x: 0.901, i: 0.584  
 Group # 3 -- Q: 0.387, J: 0.854, O: 0.378, C: 0.078, H: 0.072  
 Group # 4 -- v: 0.525, L: 0.427  
 Group # 5 -- U: 0.457, h: 0.560, P: 0.520  
 Group # 8 -- d: 0.216, k: 0.613, s: 0.098  
 Group # 9 -- 1: 0.571, 2: 0.459  
 Group #10 -- M: 0.608, F: 0.384  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -180.946 Significance = 0.027

Run # 76, 319 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.707  
 Group # 1 -- g: 0.371, E: 0.507, G: 0.422, I: 0.679, R: 0.696  
 Group # 2 -- D: 0.499, N: 0.332, x: 0.866, i: 0.501  
 Group # 3 -- Q: 0.375, J: 0.855, O: 0.345, C: 0.086, H: 0.073  
 Group # 4 -- v: 0.507, L: 0.478  
 Group # 5 -- U: 0.554, h: 0.575, P: 0.140  
 Group # 6 -- m: 0.703, a: 0.373, b: 0.898, t: 0.584, f: 0.267, c: 0.372  
 Group # 9 -- 1: 0.527, 2: 0.484  
 Group #10 -- M: 0.605, F: 0.387  
 Group #11 -- A: 0.616, B: 0.351  
 Log likelihood = -185.760 Significance = 0.000

Run # 77, 319 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.722  
 Group # 1 -- g: 0.303, E: 0.389, G: 0.358, I: 0.703, R: 0.858  
 Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.325, x: 0.906, i: 0.609  
 Group # 3 -- Q: 0.365, J: 0.857, O: 0.376, C: 0.080, H: 0.077  
 Group # 4 -- v: 0.514, L: 0.458  
 Group # 5 -- U: 0.554, h: 0.608, P: 0.099  
 Group # 6 -- m: 0.676, a: 0.368, b: 0.915, t: 0.590, f: 0.292, c: 0.228  
 Group # 8 -- d: 0.241, k: 0.603, s: 0.112  
 Group #10 -- M: 0.605, F: 0.387  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -175.319 Significance = 0.208

Run # 78, 322 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.723  
 Group # 1 -- g: 0.314, E: 0.463, G: 0.311, I: 0.738, R: 0.812  
 Group # 2 -- D: 0.479, N: 0.346, x: 0.901, i: 0.610  
 Group # 3 -- Q: 0.356, J: 0.861, O: 0.369, C: 0.080, H: 0.065  
 Group # 4 -- v: 0.512, L: 0.466  
 Group # 5 -- U: 0.569, h: 0.583, P: 0.100  
 Group # 6 -- m: 0.637, a: 0.373, b: 0.912, t: 0.624, f: 0.304, c: 0.157  
 Group # 8 -- d: 0.243, k: 0.604, s: 0.104  
 Group # 9 -- 1: 0.535, 2: 0.480  
 Group #11 -- A: 0.621, B: 0.344  
 Log likelihood = -179.079 Significance = 0.005



Run # 79, 315 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.309, E: 0.381, G: 0.282, I: 0.684, R: 0.874

Group # 2 -- D: 0.487, N: 0.350, x: 0.874, i: 0.572

Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.860, O: 0.374, C: 0.076, H: 0.091

Group # 4 -- v: 0.518, L: 0.449

Group # 5 -- U: 0.572, h: 0.586, P: 0.092

Group # 6 -- m: 0.680, a: 0.375, b: 0.903, t: 0.585, f: 0.277, c: 0.182

Group # 8 -- d: 0.241, k: 0.603, s: 0.111

Group # 9 -- 1: 0.561, 2: 0.465

Group #10 -- M: 0.608, F: 0.383

Log likelihood = -182.701 Significance = 0.000

Cut Group # 4 with factors vL

----- Level # 8 -----

Run # 80, 252 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.707

Group # 2 -- D: 0.473, N: 0.325, x: 0.908, i: 0.679

Group # 3 -- Q: 0.384, J: 0.844, O: 0.418, C: 0.082, H: 0.072

Group # 5 -- U: 0.560, h: 0.557, P: 0.151

Group # 6 -- m: 0.653, a: 0.378, b: 0.894, t: 0.600, f: 0.313, c: 0.510

Group # 8 -- d: 0.432, k: 0.530, s: 0.310

Group # 9 -- 1: 0.481, 2: 0.511

Group #10 -- M: 0.556, F: 0.440

Group #11 -- A: 0.613, B: 0.354

Log likelihood = -192.584 Significance = 0.000

Run # 81, 259 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.715

Group # 1 -- g: 0.289, E: 0.397, G: 0.333, I: 0.715, R: 0.875

Group # 3 -- Q: 0.367, J: 0.846, O: 0.396, C: 0.086, H: 0.140

Group # 5 -- U: 0.555, h: 0.547, P: 0.178

Group # 6 -- m: 0.683, a: 0.389, b: 0.855, t: 0.625, f: 0.299, c: 0.273

Group # 8 -- d: 0.237, k: 0.597, s: 0.157

Group # 9 -- 1: 0.555, 2: 0.468

Group #10 -- M: 0.598, F: 0.394

Group #11 -- A: 0.606, B: 0.363

Log likelihood = -182.583 Significance = 0.002

Run # 82, 222 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.674

Group # 1 -- g: 0.297, E: 0.395, G: 0.478, I: 0.666, R: 0.863

Group # 2 -- D: 0.481, N: 0.404, x: 0.839, i: 0.589

Group # 5 -- U: 0.531, h: 0.554, P: 0.237

Group # 6 -- m: 0.726, a: 0.382, b: 0.864, t: 0.520, f: 0.431, c: 0.403

Group # 8 -- d: 0.234, k: 0.603, s: 0.125

Group # 9 -- 1: 0.577, 2: 0.455

Group #10 -- M: 0.643, F: 0.346

Group #11 -- A: 0.643, B: 0.317

Log likelihood = -259.344 Significance = 0.000

Run # 83, 272 cells:

Convergence at Iteration 18

Input 0.723

Group # 1 -- g: 0.294, E: 0.395, G: 0.341, I: 0.699, R: 0.875  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.327, x: 0.900, i: 0.596  
 Group # 3 -- Q: 0.362, J: 0.856, O: 0.376, C: 0.082, H: 0.082  
 Group # 6 -- m: 0.726, a: 0.438, b: 0.566, t: 0.701, f: 0.339, c: 0.364  
 Group # 8 -- d: 0.229, k: 0.607, s: 0.110  
 Group # 9 -- 1: 0.567, 2: 0.461  
 Group #10 -- M: 0.612, F: 0.379  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -177.083 Significance = 0.096

Run # 84, 268 cells:  
 Convergence at Iteration 19  
 Input 0.718  
 Group # 1 -- g: 0.302, E: 0.381, G: 0.318, I: 0.690, R: 0.874  
 Group # 2 -- D: 0.486, N: 0.323, x: 0.899, i: 0.588  
 Group # 3 -- Q: 0.386, J: 0.853, O: 0.380, C: 0.079, H: 0.073  
 Group # 5 -- U: 0.468, h: 0.540, P: 0.530  
 Group # 8 -- d: 0.219, k: 0.612, s: 0.101  
 Group # 9 -- 1: 0.574, 2: 0.457  
 Group #10 -- M: 0.606, F: 0.386  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.341  
 Log likelihood = -181.688 Significance = 0.017

Run # 85, 284 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.707  
 Group # 1 -- g: 0.371, E: 0.502, G: 0.423, I: 0.679, R: 0.697  
 Group # 2 -- D: 0.499, N: 0.330, x: 0.865, i: 0.503  
 Group # 3 -- Q: 0.375, J: 0.855, O: 0.346, C: 0.087, H: 0.074  
 Group # 5 -- U: 0.557, h: 0.569, P: 0.142  
 Group # 6 -- m: 0.707, a: 0.372, b: 0.897, t: 0.593, f: 0.266, c: 0.387  
 Group # 9 -- 1: 0.528, 2: 0.484  
 Group #10 -- M: 0.605, F: 0.387  
 Group #11 -- A: 0.616, B: 0.350  
 Log likelihood = -185.845 Significance = 0.000

Run # 86, 285 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.722  
 Group # 1 -- g: 0.304, E: 0.382, G: 0.362, I: 0.702, R: 0.858  
 Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.320, x: 0.905, i: 0.612  
 Group # 3 -- Q: 0.365, J: 0.857, O: 0.377, C: 0.081, H: 0.078  
 Group # 5 -- U: 0.561, h: 0.595, P: 0.102  
 Group # 6 -- m: 0.685, a: 0.365, b: 0.914, t: 0.607, f: 0.288, c: 0.251  
 Group # 8 -- d: 0.242, k: 0.602, s: 0.114  
 Group #10 -- M: 0.605, F: 0.387  
 Group #11 -- A: 0.624, B: 0.341  
 Log likelihood = -175.565 Significance = 0.195

Run # 87, 286 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.723  
 Group # 1 -- g: 0.315, E: 0.457, G: 0.312, I: 0.737, R: 0.813  
 Group # 2 -- D: 0.480, N: 0.342, x: 0.900, i: 0.611  
 Group # 3 -- Q: 0.356, J: 0.861, O: 0.371, C: 0.080, H: 0.066  
 Group # 5 -- U: 0.575, h: 0.572, P: 0.102  
 Group # 6 -- m: 0.644, a: 0.371, b: 0.912, t: 0.636, f: 0.301, c: 0.171  
 Group # 8 -- d: 0.244, k: 0.603, s: 0.105  
 Group # 9 -- 1: 0.537, 2: 0.479  
 Group #11 -- A: 0.621, B: 0.343

Log likelihood = -179.256 Significance = 0.005

Run # 88, 275 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.310, E: 0.373, G: 0.286, I: 0.683, R: 0.874

Group # 2 -- D: 0.488, N: 0.343, x: 0.872, i: 0.575

Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.860, O: 0.375, C: 0.076, H: 0.093

Group # 5 -- U: 0.581, h: 0.569, P: 0.096

Group # 6 -- m: 0.688, a: 0.372, b: 0.902, t: 0.604, f: 0.276, c: 0.205

Group # 8 -- d: 0.244, k: 0.602, s: 0.115

Group # 9 -- 1: 0.562, 2: 0.464

Group #10 -- M: 0.607, F: 0.384

Log likelihood = -183.090 Significance = 0.000

Cut Group # 9 with factors 12

----- Level # 7 -----

Run # 89, 217 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.708

Group # 2 -- D: 0.472, N: 0.328, x: 0.911, i: 0.675

Group # 3 -- Q: 0.385, J: 0.844, O: 0.417, C: 0.083, H: 0.071

Group # 5 -- U: 0.560, h: 0.556, P: 0.152

Group # 6 -- m: 0.648, a: 0.379, b: 0.894, t: 0.604, f: 0.313, c: 0.522

Group # 8 -- d: 0.431, k: 0.531, s: 0.313

Group #10 -- M: 0.557, F: 0.438

Group #11 -- A: 0.613, B: 0.354

Log likelihood = -192.683 Significance = 0.000

Run # 90, 231 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.299, E: 0.384, G: 0.349, I: 0.715, R: 0.860

Group # 3 -- Q: 0.367, J: 0.847, O: 0.399, C: 0.085, H: 0.137

Group # 5 -- U: 0.558, h: 0.550, P: 0.167

Group # 6 -- m: 0.694, a: 0.386, b: 0.862, t: 0.613, f: 0.299, c: 0.247

Group # 8 -- d: 0.252, k: 0.592, s: 0.162

Group #10 -- M: 0.591, F: 0.402

Group #11 -- A: 0.605, B: 0.364

Log likelihood = -183.198 Significance = 0.003

Run # 91, 191 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.672

Group # 1 -- g: 0.312, E: 0.387, G: 0.510, I: 0.660, R: 0.839

Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.391, x: 0.831, i: 0.598

Group # 5 -- U: 0.531, h: 0.558, P: 0.227

Group # 6 -- m: 0.744, a: 0.379, b: 0.866, t: 0.500, f: 0.427, c: 0.362

Group # 8 -- d: 0.261, k: 0.594, s: 0.131

Group #10 -- M: 0.632, F: 0.358

Group #11 -- A: 0.643, B: 0.316

Log likelihood = -261.318 Significance = 0.000

Run # 92, 245 cells:

Convergence at Iteration 17

Input 0.720

Group # 1 -- g: 0.307, E: 0.381, G: 0.363, I: 0.697, R: 0.857

Group # 2 -- D: 0.485, N: 0.320, x: 0.894, i: 0.607

Group # 3 -- Q: 0.364, J: 0.856, O: 0.380, C: 0.081, H: 0.079  
 Group # 6 -- m: 0.739, a: 0.438, b: 0.561, t: 0.691, f: 0.342, c: 0.332  
 Group # 8 -- d: 0.247, k: 0.601, s: 0.116  
 Group #10 -- M: 0.603, F: 0.389  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.342  
 Log likelihood = -178.008 Significance = 0.090

Run # 93, 244 cells:  
 Convergence at Iteration 17  
 Input 0.714  
 Group # 1 -- g: 0.318, E: 0.367, G: 0.341, I: 0.687, R: 0.852  
 Group # 2 -- D: 0.487, N: 0.313, x: 0.892, i: 0.601  
 Group # 3 -- Q: 0.389, J: 0.854, O: 0.383, C: 0.077, H: 0.070  
 Group # 5 -- U: 0.470, h: 0.539, P: 0.524  
 Group # 8 -- d: 0.239, k: 0.605, s: 0.106  
 Group #10 -- M: 0.595, F: 0.398  
 Group #11 -- A: 0.623, B: 0.341  
 Log likelihood = -182.910 Significance = 0.012

Run # 94, 253 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.705  
 Group # 1 -- g: 0.375, E: 0.493, G: 0.433, I: 0.678, R: 0.688  
 Group # 2 -- D: 0.499, N: 0.328, x: 0.862, i: 0.511  
 Group # 3 -- Q: 0.375, J: 0.855, O: 0.349, C: 0.086, H: 0.074  
 Group # 5 -- U: 0.557, h: 0.570, P: 0.140  
 Group # 6 -- m: 0.711, a: 0.371, b: 0.898, t: 0.588, f: 0.267, c: 0.370  
 Group #10 -- M: 0.601, F: 0.391  
 Group #11 -- A: 0.616, B: 0.350  
 Log likelihood = -186.007 Significance = 0.000

Run # 95, 248 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.722  
 Group # 1 -- g: 0.322, E: 0.445, G: 0.325, I: 0.735, R: 0.801  
 Group # 2 -- D: 0.480, N: 0.337, x: 0.897, i: 0.618  
 Group # 3 -- Q: 0.357, J: 0.861, O: 0.373, C: 0.080, H: 0.066  
 Group # 5 -- U: 0.575, h: 0.574, P: 0.100  
 Group # 6 -- m: 0.653, a: 0.370, b: 0.913, t: 0.628, f: 0.302, c: 0.163  
 Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.600, s: 0.108  
 Group #11 -- A: 0.621, B: 0.343  
 Log likelihood = -179.540 Significance = 0.007

Run # 96, 236 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.710  
 Group # 1 -- g: 0.323, E: 0.361, G: 0.300, I: 0.679, R: 0.858  
 Group # 2 -- D: 0.489, N: 0.336, x: 0.863, i: 0.582  
 Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.860, O: 0.377, C: 0.075, H: 0.091  
 Group # 5 -- U: 0.582, h: 0.570, P: 0.094  
 Group # 6 -- m: 0.699, a: 0.371, b: 0.904, t: 0.586, f: 0.273, c: 0.184  
 Group # 8 -- d: 0.260, k: 0.596, s: 0.120  
 Group #10 -- M: 0.599, F: 0.393  
 Log likelihood = -183.928 Significance = 0.000

Cut Group # 5 with factors UHP

----- Level # 6 -----

Run # 97, 177 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.707

Group # 2 -- D: 0.474, N: 0.328, x: 0.902, i: 0.671

Group # 3 -- Q: 0.386, J: 0.844, O: 0.416, C: 0.083, H: 0.073

Group # 6 -- m: 0.690, a: 0.437, b: 0.619, t: 0.656, f: 0.368, c: 0.579

Group # 8 -- d: 0.430, k: 0.530, s: 0.319

Group #10 -- M: 0.557, F: 0.438

Group #11 -- A: 0.615, B: 0.352

Log likelihood = -194.630 Significance = 0.000

Run # 98, 190 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.711

Group # 1 -- g: 0.301, E: 0.385, G: 0.352, I: 0.707, R: 0.860

Group # 3 -- Q: 0.366, J: 0.846, O: 0.401, C: 0.085, H: 0.137

Group # 6 -- m: 0.727, a: 0.442, b: 0.570, t: 0.661, f: 0.352, c: 0.301

Group # 8 -- d: 0.253, k: 0.591, s: 0.165

Group #10 -- M: 0.592, F: 0.400

Group #11 -- A: 0.607, B: 0.361

Log likelihood = -184.515 Significance = 0.007

Run # 99, 152 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.671

Group # 1 -- g: 0.314, E: 0.386, G: 0.511, I: 0.659, R: 0.837

Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.392, x: 0.821, i: 0.592

Group # 6 -- m: 0.772, a: 0.420, b: 0.664, t: 0.557, f: 0.460, c: 0.417

Group # 8 -- d: 0.265, k: 0.593, s: 0.133

Group #10 -- M: 0.631, F: 0.359

Group #11 -- A: 0.642, B: 0.318

Log likelihood = -262.830 Significance = 0.000

Run # 100, 169 cells:

Convergence at Iteration 16

Input 0.714

Group # 1 -- g: 0.320, E: 0.364, G: 0.338, I: 0.688, R: 0.849

Group # 2 -- D: 0.488, N: 0.315, x: 0.882, i: 0.596

Group # 3 -- Q: 0.387, J: 0.854, O: 0.387, C: 0.077, H: 0.067

Group # 8 -- d: 0.246, k: 0.603, s: 0.104

Group #10 -- M: 0.589, F: 0.404

Group #11 -- A: 0.618, B: 0.347

Log likelihood = -183.365 Significance = 0.060

Run # 101, 208 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.703

Group # 1 -- g: 0.376, E: 0.492, G: 0.433, I: 0.672, R: 0.691

Group # 2 -- D: 0.501, N: 0.328, x: 0.846, i: 0.507

Group # 3 -- Q: 0.375, J: 0.854, O: 0.352, C: 0.086, H: 0.076

Group # 6 -- m: 0.750, a: 0.432, b: 0.605, t: 0.652, f: 0.315, c: 0.443

Group #10 -- M: 0.601, F: 0.392

Group #11 -- A: 0.617, B: 0.350

Log likelihood = -187.990 Significance = 0.000

Run # 102, 207 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.720

Group # 1 -- g: 0.323, E: 0.445, G: 0.326, I: 0.732, R: 0.802

Group # 2 -- D: 0.482, N: 0.337, x: 0.890, i: 0.616

Group # 3 -- Q: 0.357, J: 0.860, O: 0.374, C: 0.080, H: 0.068

Group # 6 -- m: 0.713, a: 0.444, b: 0.553, t: 0.694, f: 0.371, c: 0.212  
 Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.599, s: 0.110  
 Group #11 -- A: 0.622, B: 0.342  
 Log likelihood = -181.984 Significance = 0.007

Run # 103, 196 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.708  
 Group # 1 -- g: 0.323, E: 0.360, G: 0.301, I: 0.673, R: 0.860  
 Group # 2 -- D: 0.490, N: 0.335, x: 0.853, i: 0.581  
 Group # 3 -- Q: 0.369, J: 0.860, O: 0.378, C: 0.075, H: 0.094  
 Group # 6 -- m: 0.755, a: 0.449, b: 0.511, t: 0.652, f: 0.343, c: 0.236  
 Group # 8 -- d: 0.259, k: 0.596, s: 0.122  
 Group #10 -- M: 0.600, F: 0.392  
 Log likelihood = -186.498 Significance = 0.000  
 Cut Group # 6 with factors mabtfc

----- Level # 5 -----

Run # 104, 104 cells:  
 Convergence at Iteration 9  
 Input 0.700  
 Group # 2 -- D: 0.475, N: 0.328, x: 0.894, i: 0.677  
 Group # 3 -- Q: 0.402, J: 0.843, O: 0.416, C: 0.080, H: 0.061  
 Group # 8 -- d: 0.430, k: 0.534, s: 0.279  
 Group #10 -- M: 0.546, F: 0.450  
 Group #11 -- A: 0.611, B: 0.356  
 Log likelihood = -199.407 Significance = 0.000

Run # 105, 114 cells:  
 Convergence at Iteration 16  
 Input 0.707  
 Group # 1 -- g: 0.314, E: 0.369, G: 0.331, I: 0.701, R: 0.852  
 Group # 3 -- Q: 0.385, J: 0.845, O: 0.404, C: 0.082, H: 0.115  
 Group # 8 -- d: 0.249, k: 0.595, s: 0.147  
 Group #10 -- M: 0.581, F: 0.413  
 Group #11 -- A: 0.604, B: 0.365  
 Log likelihood = -189.442 Significance = 0.009

Run # 106, 81 cells:  
 Convergence at Iteration 15  
 Input 0.659  
 Group # 1 -- g: 0.326, E: 0.392, G: 0.474, I: 0.654, R: 0.824  
 Group # 2 -- D: 0.484, N: 0.397, x: 0.809, i: 0.595  
 Group # 8 -- d: 0.271, k: 0.594, s: 0.114  
 Group #10 -- M: 0.618, F: 0.373  
 Group #11 -- A: 0.636, B: 0.326  
 Log likelihood = -273.545 Significance = 0.000

Run # 107, 127 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.697  
 Group # 1 -- g: 0.391, E: 0.479, G: 0.406, I: 0.672, R: 0.669  
 Group # 2 -- D: 0.504, N: 0.324, x: 0.831, i: 0.497  
 Group # 3 -- Q: 0.397, J: 0.854, O: 0.356, C: 0.081, H: 0.062  
 Group #10 -- M: 0.585, F: 0.409  
 Group #11 -- A: 0.611, B: 0.357  
 Log likelihood = -194.274 Significance = 0.000

Run # 108, 132 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.713

Group # 1 -- g: 0.335, E: 0.419, G: 0.309, I: 0.715, R: 0.801

Group # 2 -- D: 0.485, N: 0.331, x: 0.880, i: 0.610

Group # 3 -- Q: 0.379, J: 0.858, O: 0.382, C: 0.076, H: 0.059

Group # 8 -- d: 0.254, k: 0.601, s: 0.100

Group #11 -- A: 0.620, B: 0.345

Log likelihood = -186.556 Significance = 0.012

Run # 109, 125 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.702

Group # 1 -- g: 0.338, E: 0.353, G: 0.285, I: 0.653, R: 0.853

Group # 2 -- D: 0.494, N: 0.332, x: 0.839, i: 0.567

Group # 3 -- Q: 0.397, J: 0.856, O: 0.388, C: 0.072, H: 0.082

Group # 8 -- d: 0.260, k: 0.597, s: 0.114

Group #10 -- M: 0.591, F: 0.401

Log likelihood = -191.697 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 7 4 9 5 6

Best stepping up run: #52

Best stepping down run: #100

**ANEXO E – Rodada Geral tu/o(a) senhor(a)**

• CELL CREATION • 15/02/16 01:12 •.....

Name of token file: tu versus senhor.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(  
 (1)  
 (2 (R (COL 2 g))  
 (R (COL 2 E))  
 (R (COL 2 R))  
 (I (COL 2 I))  
 (R (COL 2 G)))  
 (3)  
 (4 (Q (COL 4 Q))  
 (C (COL 4 J))  
 (O (COL 4 O))  
 (C (COL 4 C))  
 (H (COL 4 H)))  
 (5)  
 (6)  
 (7 (m (COL 7 m))  
 (a (COL 7 a))  
 (b (COL 7 b))  
 (t (COL 7 t))  
 (a (COL 7 f))  
 (e (COL 7 e))  
 (c (COL 7 c)))  
 (8 (X (COL 8 X))  
 (r (COL 8 r))  
 (r (COL 8 Z)))  
 (10)  
 (11)  
 (12)  
 )

Number of cells: 202

Application value(s): TS

Total no. of factors: 29

Group	T	S	Total	%
-------	---	---	-------	---

1 (2)	T	S		
R N	248	10	258	74.8
%	96.1	3.9		

I N	59	28	87	25.2
%	67.8	32.2		

Total N	307	38	345	
%	89.0	11.0		

2 (3)	T	S		
D N	236	17	253	73.3
%	93.3	6.7		

N N	27	4	31	9.0
%	87.1	12.9		

x N	16	1	17	4.9
%	94.1	5.9		



i N 28 16 44 12.8  
% 63.6 36.4

Total N 307 38 345  
% 89.0 11.0

---

3 (4) T S  
Q N 51 6 57 16.5  
% 89.5 10.5

C N 213 1 214 62.0  
% 99.5 0.5

O N 42 14 56 16.2  
% 75.0 25.0

H N 1 17 18 5.2  
% 5.6 94.4

Total N 307 38 345  
% 89.0 11.0

---

4 (5) T S  
v N 234 32 266 77.1  
% 88.0 12.0

L N 73 6 79 22.9  
% 92.4 7.6

Total N 307 38 345  
% 89.0 11.0

---

5 (6) T S  
U N 170 22 192 55.7  
% 88.5 11.5

h N 94 7 101 29.3  
% 93.1 6.9

P N 43 9 52 15.1  
% 82.7 17.3

Total N 307 38 345  
% 89.0 11.0

---

6 (7) T S  
m N 42 1 43 12.5  
% 97.7 2.3

a N 199 25 224 64.9  
% 88.8 11.2

b N 41 9 50 14.5  
% 82.0 18.0

t N 19 1 20 5.8  
% 95.0 5.0

e N 5 1 6 1.7

	%	83.3	16.7		
c	N	1	1	2	0.6
	%	50.0	50.0		
Total N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		
-----					
7 (8)		T	S		
X	N	245	28	273	79.1
	%	89.7	10.3		
r	N	62	10	72	20.9
	%	86.1	13.9		
Total N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		
-----					
8 (10)		T	S		
1	N	113	25	138	40.0
	%	81.9	18.1		
2	N	194	13	207	60.0
	%	93.7	6.3		
Total N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		
-----					
9 (11)		T	S		
M	N	176	15	191	55.4
	%	92.1	7.9		
F	N	131	23	154	44.6
	%	85.1	14.9		
Total N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		
-----					
10 (12)		T	S		
A	N	206	23	229	66.4
	%	90.0	10.0		
B	N	101	15	116	33.6
	%	87.1	12.9		
Total N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		
-----					
TOTAL N		307	38	345	
	%	89.0	11.0		

Name of new cell file: Untitled.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 15/02/16 01:14 .....  
 Name of cell file: tu versus senhor.cel

Averaging by weighting factors.  
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:  
 Convergence at Iteration 2  
 Input 0.890  
 Log likelihood = -119.652

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.930  
 Group # 1 -- R: 0.651, I: 0.137  
 Log likelihood = -96.965 Significance = 0.000

Run # 3, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.910  
 Group # 2 -- D: 0.580, N: 0.402, x: 0.614, i: 0.148  
 Log likelihood = -106.884 Significance = 0.000

Run # 4, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.976  
 Group # 3 -- Q: 0.172, C: 0.839, O: 0.068, H: 0.001  
 Log likelihood = -60.897 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.891  
 Group # 4 -- v: 0.471, L: 0.597  
 Log likelihood = -118.994 Significance = 0.257

Run # 6, 3 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.894  
 Group # 5 -- U: 0.478, h: 0.613, P: 0.362  
 Log likelihood = -117.745 Significance = 0.157

Run # 7, 6 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.903  
 Group # 6 -- m: 0.818, a: 0.461, b: 0.329, t: 0.671, e: 0.349, c: 0.097  
 Log likelihood = -114.748 Significance = 0.084

Run # 8, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.891  
 Group # 7 -- X: 0.518, r: 0.433  
 Log likelihood = -119.288 Significance = 0.411

Run # 9, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.902  
 Group # 8 -- 1: 0.328, 2: 0.617  
 Log likelihood = -113.858 Significance = 0.001

Run # 10, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.895  
 Group # 9 -- M: 0.580, F: 0.402  
 Log likelihood = -117.482 Significance = 0.040

Run # 11, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.891  
 Group #10 -- A: 0.524, B: 0.453  
 Log likelihood = -119.332 Significance = 0.440

Add Group # 3 with factors QCOH

----- Level # 2 -----

Run # 12, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.980  
 Group # 1 -- R: 0.597, I: 0.237  
 Group # 3 -- Q: 0.171, C: 0.815, O: 0.112, H: 0.002  
 Log likelihood = -56.527 Significance = 0.005

Run # 13, 16 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.981  
 Group # 2 -- D: 0.516, N: 0.274, x: 0.996, i: 0.138  
 Group # 3 -- Q: 0.191, C: 0.853, O: 0.102, H: 0.000  
 Log likelihood = -51.432 Significance = 0.000

Run # 14, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.976  
 Group # 3 -- Q: 0.171, C: 0.839, O: 0.069, H: 0.001  
 Group # 4 -- v: 0.489, L: 0.537  
 Log likelihood = -60.844 Significance = 0.751

Run # 15, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.977  
 Group # 3 -- Q: 0.173, C: 0.841, O: 0.064, H: 0.001  
 Group # 5 -- U: 0.496, h: 0.601, P: 0.323  
 Log likelihood = -59.608 Significance = 0.279

Run # 16, 19 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.979  
 Group # 3 -- Q: 0.154, C: 0.845, O: 0.066, H: 0.001  
 Group # 6 -- m: 0.755, a: 0.500, b: 0.335, t: 0.487, e: 0.257, c: 0.033  
 Log likelihood = -57.908 Significance = 0.310

Run # 17, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.977  
 Group # 3 -- Q: 0.180, C: 0.839, O: 0.065, H: 0.001  
 Group # 7 -- X: 0.528, r: 0.394  
 Log likelihood = -60.468 Significance = 0.370

Run # 18, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7

Input 0.982  
 Group # 3 -- Q: 0.161, C: 0.847, O: 0.066, H: 0.001  
 Group # 8 -- 1: 0.266, 2: 0.663  
 Log likelihood = -55.101 Significance = 0.001

Run # 19, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.977  
 Group # 3 -- Q: 0.182, C: 0.838, O: 0.068, H: 0.001  
 Group # 9 -- M: 0.589, F: 0.391  
 Log likelihood = -59.511 Significance = 0.097

Run # 20, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.976  
 Group # 3 -- Q: 0.174, C: 0.841, O: 0.066, H: 0.001  
 Group #10 -- A: 0.465, B: 0.569  
 Log likelihood = -60.543 Significance = 0.419

Add Group # 2 with factors DNxi

----- Level # 3 -----

Run # 21, 28 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.983  
 Group # 1 -- R: 0.576, I: 0.287  
 Group # 2 -- D: 0.524, N: 0.226, x: 0.992, i: 0.172  
 Group # 3 -- Q: 0.189, C: 0.837, O: 0.144, H: 0.000  
 Log likelihood = -49.507 Significance = 0.050

Run # 22, 29 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.981  
 Group # 2 -- D: 0.516, N: 0.276, x: 0.996, i: 0.137  
 Group # 3 -- Q: 0.192, C: 0.853, O: 0.102, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.503, L: 0.489  
 Log likelihood = -51.429 Significance = 0.935

Run # 23, 37 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.985  
 Group # 2 -- D: 0.524, N: 0.263, x: 0.996, i: 0.129  
 Group # 3 -- Q: 0.168, C: 0.865, O: 0.088, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.523, h: 0.581, P: 0.272  
 Log likelihood = -49.943 Significance = 0.230

Run # 24, 40 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.985  
 Group # 2 -- D: 0.528, N: 0.240, x: 0.995, i: 0.128  
 Group # 3 -- Q: 0.164, C: 0.865, O: 0.091, H: 0.000  
 Group # 6 -- m: 0.716, a: 0.536, b: 0.307, t: 0.319, e: 0.155, c: 0.044  
 Log likelihood = -48.686 Significance = 0.367

Run # 25, 30 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.983  
 Group # 2 -- D: 0.503, N: 0.287, x: 0.998, i: 0.145  
 Group # 3 -- Q: 0.195, C: 0.857, O: 0.091, H: 0.000

Group # 7 -- X: 0.535, r: 0.369  
 Log likelihood = -50.866 Significance = 0.290

Run # 26, 28 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.984  
 Group # 2 -- D: 0.540, N: 0.257, x: 0.990, i: 0.126  
 Group # 3 -- Q: 0.195, C: 0.847, O: 0.113, H: 0.000  
 Group # 8 -- 1: 0.262, 2: 0.666  
 Log likelihood = -46.590 Significance = 0.003

Run # 27, 28 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.986  
 Group # 2 -- D: 0.517, N: 0.194, x: 0.998, i: 0.133  
 Group # 3 -- Q: 0.202, C: 0.862, O: 0.085, H: 0.000  
 Group # 9 -- M: 0.640, F: 0.329  
 Log likelihood = -48.693 Significance = 0.019

Run # 28, 31 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.982  
 Group # 2 -- D: 0.515, N: 0.287, x: 0.996, i: 0.133  
 Group # 3 -- Q: 0.193, C: 0.856, O: 0.099, H: 0.000  
 Group #10 -- A: 0.462, B: 0.575  
 Log likelihood = -51.085 Significance = 0.422

Add Group # 8 with factors 12

----- Level # 4 -----

Run # 29, 41 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.984  
 Group # 1 -- R: 0.566, I: 0.311  
 Group # 2 -- D: 0.544, N: 0.224, x: 0.985, i: 0.148  
 Group # 3 -- Q: 0.194, C: 0.828, O: 0.170, H: 0.000  
 Group # 8 -- 1: 0.274, 2: 0.657  
 Log likelihood = -45.427 Significance = 0.136

Run # 30, 46 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.984  
 Group # 2 -- D: 0.540, N: 0.263, x: 0.989, i: 0.124  
 Group # 3 -- Q: 0.196, C: 0.847, O: 0.113, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.510, L: 0.465  
 Group # 8 -- 1: 0.261, 2: 0.667  
 Log likelihood = -46.556 Significance = 0.796

Run # 31, 60 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.986  
 Group # 2 -- D: 0.551, N: 0.244, x: 0.986, i: 0.115  
 Group # 3 -- Q: 0.178, C: 0.851, O: 0.109, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.527, h: 0.568, P: 0.283  
 Group # 8 -- 1: 0.263, 2: 0.665  
 Log likelihood = -45.362 Significance = 0.294

Run # 32, 62 cells:  
 No Convergence at Iteration 20

Input 0.986

Group # 2 -- D: 0.561, N: 0.215, x: 0.985, i: 0.107

Group # 3 -- Q: 0.180, C: 0.852, O: 0.109, H: 0.000

Group # 6 -- m: 0.676, a: 0.554, b: 0.330, t: 0.211, e: 0.108, c: 0.048

Group # 8 -- 1: 0.254, 2: 0.672

Log likelihood = -43.910 Significance = 0.382

Run # 33, 45 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.986

Group # 2 -- D: 0.520, N: 0.268, x: 0.995, i: 0.141

Group # 3 -- Q: 0.202, C: 0.851, O: 0.095, H: 0.000

Group # 7 -- X: 0.572, r: 0.251

Group # 8 -- 1: 0.224, 2: 0.696

Log likelihood = -44.776 Significance = 0.059

Run # 34, 44 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.988

Group # 2 -- D: 0.549, N: 0.162, x: 0.994, i: 0.122

Group # 3 -- Q: 0.206, C: 0.850, O: 0.100, H: 0.000

Group # 8 -- 1: 0.233, 2: 0.689

Group # 9 -- M: 0.673, F: 0.290

Log likelihood = -42.923 Significance = 0.008

Run # 35, 46 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.986

Group # 2 -- D: 0.547, N: 0.264, x: 0.988, i: 0.111

Group # 3 -- Q: 0.195, C: 0.851, O: 0.106, H: 0.000

Group # 8 -- 1: 0.242, 2: 0.681

Group #10 -- A: 0.429, B: 0.638

Log likelihood = -45.641 Significance = 0.176

Add Group # 9 with factors MF

----- Level # 5 -----

Run # 36, 64 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.988

Group # 1 -- R: 0.572, I: 0.297

Group # 2 -- D: 0.554, N: 0.142, x: 0.990, i: 0.149

Group # 3 -- Q: 0.198, C: 0.831, O: 0.152, H: 0.000

Group # 8 -- 1: 0.248, 2: 0.677

Group # 9 -- M: 0.676, F: 0.286

Log likelihood = -41.710 Significance = 0.126

Run # 37, 69 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.988

Group # 2 -- D: 0.550, N: 0.167, x: 0.994, i: 0.118

Group # 3 -- Q: 0.210, C: 0.850, O: 0.100, H: 0.000

Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.457

Group # 8 -- 1: 0.231, 2: 0.690

Group # 9 -- M: 0.674, F: 0.289

Log likelihood = -42.874 Significance = 0.761

Run # 38, 86 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.989

Group # 2 -- D: 0.549, N: 0.157, x: 0.995, i: 0.124  
 Group # 3 -- Q: 0.193, C: 0.857, O: 0.089, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.464, h: 0.643, P: 0.351  
 Group # 8 -- 1: 0.237, 2: 0.686  
 Group # 9 -- M: 0.682, F: 0.280  
 Log likelihood = -41.777 Significance = 0.323

Run # 39, 93 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.990

Group # 2 -- D: 0.564, N: 0.138, x: 0.994, i: 0.107  
 Group # 3 -- Q: 0.200, C: 0.854, O: 0.097, H: 0.000  
 Group # 6 -- m: 0.717, a: 0.519, b: 0.411, t: 0.277, e: 0.076, c: 0.093  
 Group # 8 -- 1: 0.226, 2: 0.694  
 Group # 9 -- M: 0.675, F: 0.288  
 Log likelihood = -40.656 Significance = 0.479

Run # 40, 61 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.989

Group # 2 -- D: 0.534, N: 0.183, x: 0.996, i: 0.129  
 Group # 3 -- Q: 0.210, C: 0.854, O: 0.089, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.547, r: 0.329  
 Group # 8 -- 1: 0.214, 2: 0.704  
 Group # 9 -- M: 0.654, F: 0.313  
 Log likelihood = -42.227 Significance = 0.244

Run # 41, 66 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.988

Group # 2 -- D: 0.554, N: 0.169, x: 0.994, i: 0.107  
 Group # 3 -- Q: 0.217, C: 0.849, O: 0.104, H: 0.000  
 Group # 8 -- 1: 0.221, 2: 0.699  
 Group # 9 -- M: 0.664, F: 0.300  
 Group #10 -- A: 0.447, B: 0.603  
 Log likelihood = -42.430 Significance = 0.328

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 3 2 8 9

Best stepping up run: #34

-----

Stepping down...

----- Level # 10 -----

Run # 42, 202 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.998

Group # 1 -- R: 0.743, I: 0.041  
 Group # 2 -- D: 0.564, N: 0.080, x: 0.994, i: 0.152  
 Group # 3 -- Q: 0.180, C: 0.850, O: 0.110, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.518, L: 0.439  
 Group # 5 -- U: 0.368, h: 0.768, P: 0.417  
 Group # 6 -- m: 0.531, a: 0.526, b: 0.627, t: 0.168, e: 0.079, c: 0.021  
 Group # 7 -- X: 0.729, r: 0.023  
 Group # 8 -- 1: 0.142, 2: 0.768  
 Group # 9 -- M: 0.600, F: 0.377



Group #10 -- A: 0.383, B: 0.719  
 Log likelihood = -32.615

----- Level # 9 -----

Run # 43, 188 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 2 -- D: 0.552, N: 0.136, x: 0.998, i: 0.096  
 Group # 3 -- Q: 0.230, C: 0.865, O: 0.067, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.518, L: 0.439  
 Group # 5 -- U: 0.425, h: 0.721, P: 0.326  
 Group # 6 -- m: 0.718, a: 0.491, b: 0.614, t: 0.178, e: 0.053, c: 0.020  
 Group # 7 -- X: 0.573, r: 0.247  
 Group # 8 -- 1: 0.169, 2: 0.743  
 Group # 9 -- M: 0.665, F: 0.299  
 Group #10 -- A: 0.419, B: 0.656  
 Log likelihood = -37.379 Significance = 0.004

Run # 44, 163 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.744, I: 0.040  
 Group # 3 -- Q: 0.135, C: 0.830, O: 0.100, H: 0.002  
 Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.455  
 Group # 5 -- U: 0.369, h: 0.696, P: 0.589  
 Group # 6 -- m: 0.556, a: 0.533, b: 0.455, t: 0.357, e: 0.133, c: 0.023  
 Group # 7 -- X: 0.720, r: 0.027  
 Group # 8 -- 1: 0.166, 2: 0.746  
 Group # 9 -- M: 0.523, F: 0.471  
 Group #10 -- A: 0.388, B: 0.711  
 Log likelihood = -39.806 Significance = 0.004

Run # 45, 154 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.986  
 Group # 1 -- R: 0.786, I: 0.021  
 Group # 2 -- D: 0.595, N: 0.176, x: 0.527, i: 0.236  
 Group # 4 -- v: 0.487, L: 0.544  
 Group # 5 -- U: 0.347, h: 0.625, P: 0.795  
 Group # 6 -- m: 0.547, a: 0.596, b: 0.222, t: 0.325, e: 0.059, c: 0.295  
 Group # 7 -- X: 0.705, r: 0.035  
 Group # 8 -- 1: 0.132, 2: 0.779  
 Group # 9 -- M: 0.561, F: 0.424  
 Group #10 -- A: 0.408, B: 0.677  
 Log likelihood = -62.928 Significance = 0.000

Run # 46, 177 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.998  
 Group # 1 -- R: 0.746, I: 0.039  
 Group # 2 -- D: 0.563, N: 0.077, x: 0.994, i: 0.158  
 Group # 3 -- Q: 0.179, C: 0.848, O: 0.115, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.374, h: 0.756, P: 0.428  
 Group # 6 -- m: 0.537, a: 0.529, b: 0.626, t: 0.148, e: 0.071, c: 0.024  
 Group # 7 -- X: 0.730, r: 0.023  
 Group # 8 -- 1: 0.143, 2: 0.767  
 Group # 9 -- M: 0.597, F: 0.380  
 Group #10 -- A: 0.382, B: 0.722  
 Log likelihood = -32.667 Significance = 0.752

Run # 47, 179 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.997

Group # 1 -- R: 0.738, I: 0.045

Group # 2 -- D: 0.569, N: 0.117, x: 0.989, i: 0.128

Group # 3 -- Q: 0.199, C: 0.825, O: 0.172, H: 0.000

Group # 4 -- v: 0.496, L: 0.513

Group # 6 -- m: 0.678, a: 0.509, b: 0.500, t: 0.304, e: 0.047, c: 0.072

Group # 7 -- X: 0.716, r: 0.029

Group # 8 -- 1: 0.151, 2: 0.760

Group # 9 -- M: 0.559, F: 0.427

Group #10 -- A: 0.363, B: 0.753

Log likelihood = -34.044 Significance = 0.244

Run # 48, 180 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.998

Group # 1 -- R: 0.742, I: 0.042

Group # 2 -- D: 0.546, N: 0.127, x: 0.992, i: 0.174

Group # 3 -- Q: 0.152, C: 0.849, O: 0.124, H: 0.000

Group # 4 -- v: 0.533, L: 0.390

Group # 5 -- U: 0.402, h: 0.711, P: 0.432

Group # 7 -- X: 0.716, r: 0.029

Group # 8 -- 1: 0.164, 2: 0.748

Group # 9 -- M: 0.587, F: 0.393

Group #10 -- A: 0.403, B: 0.684

Log likelihood = -34.517 Significance = 0.581

Run # 49, 195 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.990

Group # 1 -- R: 0.541, I: 0.380

Group # 2 -- D: 0.577, N: 0.123, x: 0.991, i: 0.097

Group # 3 -- Q: 0.226, C: 0.842, O: 0.114, H: 0.000

Group # 4 -- v: 0.518, L: 0.439

Group # 5 -- U: 0.449, h: 0.678, P: 0.335

Group # 6 -- m: 0.587, a: 0.515, b: 0.595, t: 0.187, e: 0.109, c: 0.058

Group # 8 -- 1: 0.208, 2: 0.709

Group # 9 -- M: 0.679, F: 0.283

Group #10 -- A: 0.422, B: 0.650

Log likelihood = -38.607 Significance = 0.001

Run # 50, 180 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.997

Group # 1 -- R: 0.713, I: 0.063

Group # 2 -- D: 0.518, N: 0.111, x: 0.998, i: 0.208

Group # 3 -- Q: 0.149, C: 0.873, O: 0.076, H: 0.000

Group # 4 -- v: 0.510, L: 0.466

Group # 5 -- U: 0.428, h: 0.713, P: 0.333

Group # 6 -- m: 0.640, a: 0.495, b: 0.592, t: 0.200, e: 0.342, c: 0.034

Group # 7 -- X: 0.670, r: 0.064

Group # 9 -- M: 0.612, F: 0.363

Group #10 -- A: 0.472, B: 0.556

Log likelihood = -40.494 Significance = 0.000

Run # 51, 189 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.998

Group # 1 -- R: 0.761, I: 0.031  
 Group # 2 -- D: 0.562, N: 0.099, x: 0.990, i: 0.161  
 Group # 3 -- Q: 0.171, C: 0.843, O: 0.134, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.512, L: 0.459  
 Group # 5 -- U: 0.398, h: 0.732, P: 0.396  
 Group # 6 -- m: 0.502, a: 0.534, b: 0.616, t: 0.166, e: 0.088, c: 0.017  
 Group # 7 -- X: 0.747, r: 0.016  
 Group # 8 -- 1: 0.138, 2: 0.772  
 Group #10 -- A: 0.357, B: 0.761  
 Log likelihood = -33.139 Significance = 0.308

Run # 52, 182 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.998

Group # 1 -- R: 0.722, I: 0.055  
 Group # 2 -- D: 0.540, N: 0.084, x: 0.997, i: 0.191  
 Group # 3 -- Q: 0.168, C: 0.860, O: 0.088, H: 0.000  
 Group # 4 -- v: 0.526, L: 0.413  
 Group # 5 -- U: 0.337, h: 0.790, P: 0.480  
 Group # 6 -- m: 0.539, a: 0.530, b: 0.588, t: 0.154, e: 0.162, c: 0.024  
 Group # 7 -- X: 0.714, r: 0.030  
 Group # 8 -- 1: 0.178, 2: 0.735  
 Group # 9 -- M: 0.645, F: 0.322  
 Log likelihood = -34.018 Significance = 0.096

Cut Group # 4 with factors vL

----- Level # 8 -----

Run # 53, 162 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.993

Group # 2 -- D: 0.550, N: 0.133, x: 0.998, i: 0.100  
 Group # 3 -- Q: 0.225, C: 0.866, O: 0.067, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.431, h: 0.708, P: 0.334  
 Group # 6 -- m: 0.731, a: 0.491, b: 0.612, t: 0.163, e: 0.048, c: 0.022  
 Group # 7 -- X: 0.573, r: 0.247  
 Group # 8 -- 1: 0.169, 2: 0.743  
 Group # 9 -- M: 0.663, F: 0.301  
 Group #10 -- A: 0.418, B: 0.657  
 Log likelihood = -37.451 Significance = 0.004

Run # 54, 140 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.996

Group # 1 -- R: 0.745, I: 0.040  
 Group # 3 -- Q: 0.138, C: 0.826, O: 0.105, H: 0.002  
 Group # 5 -- U: 0.375, h: 0.686, P: 0.591  
 Group # 6 -- m: 0.564, a: 0.534, b: 0.457, t: 0.331, e: 0.123, c: 0.026  
 Group # 7 -- X: 0.721, r: 0.027  
 Group # 8 -- 1: 0.167, 2: 0.745  
 Group # 9 -- M: 0.523, F: 0.471  
 Group #10 -- A: 0.386, B: 0.714  
 Log likelihood = -39.837 Significance = 0.005

Run # 55, 123 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.986

Group # 1 -- R: 0.785, I: 0.021  
 Group # 2 -- D: 0.595, N: 0.179, x: 0.532, i: 0.232

Group # 5 -- U: 0.341, h: 0.637, P: 0.793  
 Group # 6 -- m: 0.538, a: 0.598, b: 0.220, t: 0.333, e: 0.062, c: 0.278  
 Group # 7 -- X: 0.704, r: 0.036  
 Group # 8 -- 1: 0.133, 2: 0.778  
 Group # 9 -- M: 0.563, F: 0.422  
 Group #10 -- A: 0.410, B: 0.672  
 Log likelihood = -62.996 Significance = 0.000

Run # 56, 152 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.737, I: 0.045  
 Group # 2 -- D: 0.570, N: 0.118, x: 0.989, i: 0.127  
 Group # 3 -- Q: 0.200, C: 0.825, O: 0.171, H: 0.000  
 Group # 6 -- m: 0.679, a: 0.508, b: 0.498, t: 0.312, e: 0.047, c: 0.070  
 Group # 7 -- X: 0.716, r: 0.029  
 Group # 8 -- 1: 0.151, 2: 0.760  
 Group # 9 -- M: 0.559, F: 0.427  
 Group #10 -- A: 0.362, B: 0.753  
 Log likelihood = -34.049 Significance = 0.256

Run # 57, 153 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.751, I: 0.037  
 Group # 2 -- D: 0.547, N: 0.121, x: 0.991, i: 0.183  
 Group # 3 -- Q: 0.149, C: 0.842, O: 0.145, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.418, h: 0.676, P: 0.447  
 Group # 7 -- X: 0.719, r: 0.027  
 Group # 8 -- 1: 0.163, 2: 0.749  
 Group # 9 -- M: 0.576, F: 0.407  
 Group #10 -- A: 0.396, B: 0.697  
 Log likelihood = -34.701 Significance = 0.542

Run # 58, 166 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.542, I: 0.379  
 Group # 2 -- D: 0.576, N: 0.118, x: 0.991, i: 0.102  
 Group # 3 -- Q: 0.221, C: 0.843, O: 0.114, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.456, h: 0.662, P: 0.341  
 Group # 6 -- m: 0.600, a: 0.514, b: 0.597, t: 0.177, e: 0.099, c: 0.065  
 Group # 8 -- 1: 0.210, 2: 0.708  
 Group # 9 -- M: 0.677, F: 0.285  
 Group #10 -- A: 0.421, B: 0.652  
 Log likelihood = -38.680 Significance = 0.001

Run # 59, 154 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.716, I: 0.061  
 Group # 2 -- D: 0.518, N: 0.109, x: 0.998, i: 0.209  
 Group # 3 -- Q: 0.148, C: 0.872, O: 0.078, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.433, h: 0.702, P: 0.339  
 Group # 6 -- m: 0.643, a: 0.496, b: 0.591, t: 0.188, e: 0.320, c: 0.037  
 Group # 7 -- X: 0.671, r: 0.063  
 Group # 9 -- M: 0.611, F: 0.364  
 Group #10 -- A: 0.471, B: 0.556  
 Log likelihood = -40.511 Significance = 0.000

Run # 60, 160 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.998  
 Group # 1 -- R: 0.764, I: 0.030  
 Group # 2 -- D: 0.563, N: 0.095, x: 0.990, i: 0.164  
 Group # 3 -- Q: 0.171, C: 0.841, O: 0.140, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.401, h: 0.724, P: 0.405  
 Group # 6 -- m: 0.506, a: 0.536, b: 0.614, t: 0.152, e: 0.082, c: 0.019  
 Group # 7 -- X: 0.748, r: 0.016  
 Group # 8 -- 1: 0.138, 2: 0.772  
 Group #10 -- A: 0.356, B: 0.763  
 Log likelihood = -33.161 Significance = 0.328

Run # 61, 157 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.998  
 Group # 1 -- R: 0.726, I: 0.053  
 Group # 2 -- D: 0.539, N: 0.079, x: 0.997, i: 0.199  
 Group # 3 -- Q: 0.165, C: 0.859, O: 0.091, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.347, h: 0.772, P: 0.491  
 Group # 6 -- m: 0.554, a: 0.532, b: 0.590, t: 0.128, e: 0.142, c: 0.029  
 Group # 7 -- X: 0.716, r: 0.029  
 Group # 8 -- 1: 0.182, 2: 0.732  
 Group # 9 -- M: 0.645, F: 0.322  
 Log likelihood = -34.130 Significance = 0.090

Cut Group # 6 with factors mabtec

----- Level # 7 -----

Run # 62, 133 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991  
 Group # 2 -- D: 0.536, N: 0.179, x: 0.997, i: 0.120  
 Group # 3 -- Q: 0.199, C: 0.864, O: 0.074, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.454, h: 0.665, P: 0.344  
 Group # 7 -- X: 0.552, r: 0.311  
 Group # 8 -- 1: 0.205, 2: 0.712  
 Group # 9 -- M: 0.652, F: 0.314  
 Group #10 -- A: 0.446, B: 0.605  
 Log likelihood = -40.412 Significance = 0.001

Run # 63, 112 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.752, I: 0.036  
 Group # 3 -- Q: 0.127, C: 0.824, O: 0.117, H: 0.003  
 Group # 5 -- U: 0.417, h: 0.654, P: 0.498  
 Group # 7 -- X: 0.717, r: 0.029  
 Group # 8 -- 1: 0.172, 2: 0.740  
 Group # 9 -- M: 0.529, F: 0.464  
 Group #10 -- A: 0.392, B: 0.704  
 Log likelihood = -41.031 Significance = 0.008

Run # 64, 95 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.985  
 Group # 1 -- R: 0.782, I: 0.022  
 Group # 2 -- D: 0.588, N: 0.198, x: 0.557, i: 0.241  
 Group # 5 -- U: 0.423, h: 0.647, P: 0.493

Group # 7 -- X: 0.698, r: 0.040  
 Group # 8 -- 1: 0.143, 2: 0.767  
 Group # 9 -- M: 0.571, F: 0.413  
 Group #10 -- A: 0.418, B: 0.658  
 Log likelihood = -64.574 Significance = 0.000

Run # 65, 100 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.750, I: 0.037  
 Group # 2 -- D: 0.552, N: 0.151, x: 0.987, i: 0.163  
 Group # 3 -- Q: 0.171, C: 0.821, O: 0.202, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.712, r: 0.031  
 Group # 8 -- 1: 0.165, 2: 0.747  
 Group # 9 -- M: 0.546, F: 0.442  
 Group #10 -- A: 0.388, B: 0.711  
 Log likelihood = -35.669 Significance = 0.392

Run # 66, 139 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.989  
 Group # 1 -- R: 0.565, I: 0.315  
 Group # 2 -- D: 0.560, N: 0.150, x: 0.988, i: 0.131  
 Group # 3 -- Q: 0.194, C: 0.837, O: 0.139, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.478, h: 0.614, P: 0.358  
 Group # 8 -- 1: 0.232, 2: 0.689  
 Group # 9 -- M: 0.665, F: 0.299  
 Group #10 -- A: 0.440, B: 0.618  
 Log likelihood = -40.381 Significance = 0.001

Run # 67, 128 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.716, I: 0.060  
 Group # 2 -- D: 0.511, N: 0.150, x: 0.998, i: 0.208  
 Group # 3 -- Q: 0.154, C: 0.865, O: 0.090, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.460, h: 0.632, P: 0.387  
 Group # 7 -- X: 0.664, r: 0.070  
 Group # 9 -- M: 0.609, F: 0.366  
 Group #10 -- A: 0.467, B: 0.565  
 Log likelihood = -42.010 Significance = 0.000

Run # 68, 131 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.998  
 Group # 1 -- R: 0.767, I: 0.029  
 Group # 2 -- D: 0.550, N: 0.135, x: 0.987, i: 0.179  
 Group # 3 -- Q: 0.139, C: 0.840, O: 0.165, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.440, h: 0.647, P: 0.427  
 Group # 7 -- X: 0.738, r: 0.019  
 Group # 8 -- 1: 0.151, 2: 0.760  
 Group #10 -- A: 0.369, B: 0.743  
 Log likelihood = -34.993 Significance = 0.459

Run # 69, 127 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.730, I: 0.050  
 Group # 2 -- D: 0.530, N: 0.118, x: 0.995, i: 0.212  
 Group # 3 -- Q: 0.152, C: 0.849, O: 0.118, H: 0.000

Group # 5 -- U: 0.398, h: 0.690, P: 0.494  
 Group # 7 -- X: 0.704, r: 0.036  
 Group # 8 -- 1: 0.198, 2: 0.718  
 Group # 9 -- M: 0.636, F: 0.334  
 Log likelihood = -36.001 Significance = 0.110

Cut Group # 9 with factors MF

----- Level # 6 -----

Run # 70, 109 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 2 -- D: 0.537, N: 0.260, x: 0.994, i: 0.111  
 Group # 3 -- Q: 0.177, C: 0.866, O: 0.081, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.512, h: 0.602, P: 0.273  
 Group # 7 -- X: 0.569, r: 0.258  
 Group # 8 -- 1: 0.209, 2: 0.708  
 Group #10 -- A: 0.419, B: 0.656  
 Log likelihood = -42.457 Significance = 0.000

Run # 71, 88 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.761, I: 0.031  
 Group # 3 -- Q: 0.118, C: 0.829, O: 0.116, H: 0.002  
 Group # 5 -- U: 0.420, h: 0.649, P: 0.499  
 Group # 7 -- X: 0.728, r: 0.023  
 Group # 8 -- 1: 0.168, 2: 0.744  
 Group #10 -- A: 0.381, B: 0.722  
 Log likelihood = -41.065 Significance = 0.009

Run # 72, 76 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.986  
 Group # 1 -- R: 0.792, I: 0.019  
 Group # 2 -- D: 0.596, N: 0.191, x: 0.486, i: 0.234  
 Group # 5 -- U: 0.438, h: 0.626, P: 0.481  
 Group # 7 -- X: 0.715, r: 0.030  
 Group # 8 -- 1: 0.147, 2: 0.764  
 Group #10 -- A: 0.399, B: 0.693  
 Log likelihood = -65.124 Significance = 0.000

Run # 73, 79 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.764, I: 0.030  
 Group # 2 -- D: 0.553, N: 0.156, x: 0.984, i: 0.163  
 Group # 3 -- Q: 0.159, C: 0.823, O: 0.209, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.729, r: 0.023  
 Group # 8 -- 1: 0.154, 2: 0.757  
 Group #10 -- A: 0.370, B: 0.742  
 Log likelihood = -35.760 Significance = 0.471

Run # 74, 112 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.988  
 Group # 1 -- R: 0.568, I: 0.309  
 Group # 2 -- D: 0.570, N: 0.220, x: 0.972, i: 0.111  
 Group # 3 -- Q: 0.176, C: 0.838, O: 0.158, H: 0.000

Group # 5 -- U: 0.546, h: 0.531, P: 0.283  
 Group # 8 -- 1: 0.241, 2: 0.682  
 Group #10 -- A: 0.401, B: 0.688  
 Log likelihood = -43.008 Significance = 0.000

Run # 75, 98 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.724, I: 0.054  
 Group # 2 -- D: 0.509, N: 0.193, x: 0.996, i: 0.211  
 Group # 3 -- Q: 0.151, C: 0.856, O: 0.109, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.485, h: 0.601, P: 0.359  
 Group # 7 -- X: 0.679, r: 0.055  
 Group #10 -- A: 0.442, B: 0.613  
 Log likelihood = -43.147 Significance = 0.000

Run # 76, 99 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.997  
 Group # 1 -- R: 0.740, I: 0.043  
 Group # 2 -- D: 0.524, N: 0.153, x: 0.993, i: 0.218  
 Group # 3 -- Q: 0.152, C: 0.839, O: 0.148, H: 0.000  
 Group # 5 -- U: 0.428, h: 0.652, P: 0.465  
 Group # 7 -- X: 0.725, r: 0.025  
 Group # 8 -- 1: 0.204, 2: 0.712  
 Log likelihood = -37.592 Significance = 0.024

Cut Group # 5 with factors UhP

----- Level # 5 -----

Run # 77, 65 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.988  
 Group # 2 -- D: 0.529, N: 0.272, x: 0.994, i: 0.123  
 Group # 3 -- Q: 0.202, C: 0.855, O: 0.092, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.570, r: 0.255  
 Group # 8 -- 1: 0.206, 2: 0.710  
 Group #10 -- A: 0.429, B: 0.637  
 Log likelihood = -43.889 Significance = 0.000

Run # 78, 40 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.758, I: 0.033  
 Group # 3 -- Q: 0.132, C: 0.816, O: 0.138, H: 0.002  
 Group # 7 -- X: 0.720, r: 0.027  
 Group # 8 -- 1: 0.183, 2: 0.730  
 Group #10 -- A: 0.388, B: 0.711  
 Log likelihood = -41.983 Significance = 0.008

Run # 79, 38 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.985  
 Group # 1 -- R: 0.788, I: 0.020  
 Group # 2 -- D: 0.600, N: 0.196, x: 0.444, i: 0.221  
 Group # 7 -- X: 0.712, r: 0.032  
 Group # 8 -- 1: 0.154, 2: 0.756  
 Group #10 -- A: 0.403, B: 0.685  
 Log likelihood = -65.991 Significance = 0.000



Run # 80, 63 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.986  
 Group # 1 -- R: 0.579, I: 0.279  
 Group # 2 -- D: 0.554, N: 0.228, x: 0.979, i: 0.134  
 Group # 3 -- Q: 0.193, C: 0.830, O: 0.170, H: 0.000  
 Group # 8 -- 1: 0.247, 2: 0.678  
 Group #10 -- A: 0.413, B: 0.667  
 Log likelihood = -44.061 Significance = 0.000

Run # 81, 57 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.995  
 Group # 1 -- R: 0.726, I: 0.052  
 Group # 2 -- D: 0.506, N: 0.208, x: 0.996, i: 0.218  
 Group # 3 -- Q: 0.165, C: 0.845, O: 0.128, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.675, r: 0.059  
 Group #10 -- A: 0.448, B: 0.602  
 Log likelihood = -43.923 Significance = 0.000

Run # 82, 55 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.996  
 Group # 1 -- R: 0.738, I: 0.044  
 Group # 2 -- D: 0.529, N: 0.180, x: 0.991, i: 0.197  
 Group # 3 -- Q: 0.170, C: 0.823, O: 0.187, H: 0.000  
 Group # 7 -- X: 0.715, r: 0.030  
 Group # 8 -- 1: 0.212, 2: 0.706  
 Log likelihood = -38.424 Significance = 0.022

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 4 6 9 5  
 Best stepping up run: #34  
 Best stepping down run: #73

## ANEXO F - Rodada Geral você/o(a) senhor(a)

• CELL CREATION • 14/02/16 16:35 .....

Name of token file: voce versus senhor.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

)

Number of cells: 174

Application value(s): VS

Total no. of factors: 38

Group	V	S	Total	%
-----				
1 (2)	V	S		
G N	15	0	15	6.8
%	100.0	0.0		* KnockOut *
I N	22	28	50	22.7
%	44.0	56.0		
R N	28	10	38	17.3
%	73.7	26.3		
g N	104	0	104	47.3
%	100.0	0.0		* KnockOut *
E N	13	0	13	5.9
%	100.0	0.0		* KnockOut *
Total N	182	38	220	
%	82.7	17.3		
-----				
2 (3)	V	S		
D N	139	17	156	70.9
%	89.1	10.9		
N N	24	4	28	12.7
%	85.7	14.3		
i N	15	16	31	14.1
%	48.4	51.6		
x N	4	1	5	2.3
%	80.0	20.0		
Total N	182	38	220	

	%	82.7	17.3		
-----					
3 (4)	V	S			
O N	27	14	41	18.6	
	%	65.9	34.1		
H N	4	17	21	9.5	
	%	19.0	81.0		
Q N	35	6	41	18.6	
	%	85.4	14.6		
C N	99	1	100	45.5	
	%	99.0	1.0		
J N	17	0	17	7.7	
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
Total N	182	38	220		
	%	82.7	17.3		
-----					
4 (5)	V	S			
v N	130	32	162	73.6	
	%	80.2	19.8		
L N	52	6	58	26.4	
	%	89.7	10.3		
Total N	182	38	220		
	%	82.7	17.3		
-----					
5 (6)	V	S			
U N	94	22	116	52.7	
	%	81.0	19.0		
P N	16	9	25	11.4	
	%	64.0	36.0		
h N	72	7	79	35.9	
	%	91.1	8.9		
Total N	182	38	220		
	%	82.7	17.3		
-----					
6 (7)	V	S			
a N	141	25	166	75.5	
	%	84.9	15.1		
b N	15	9	24	10.9	
	%	62.5	37.5		
e N	0	1	1	0.5	
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
m N	9	1	10	4.5	
	%	90.0	10.0		
f N	5	0	5	2.3	
	%	100.0	0.0		* KnockOut *

t N 11 1 12 5.5  
% 91.7 8.3

c N 1 1 2 0.9  
% 50.0 50.0

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
7(8) V S  
r N 20 10 30 13.6  
% 66.7 33.3

X N 150 28 178 80.9  
% 84.3 15.7

Z N 12 0 12 5.5  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
8(9) V S  
k N 129 0 129 58.6  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

s N 15 38 53 24.1  
% 28.3 71.7

d N 38 0 38 17.3  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
9(10) V S  
1 N 66 25 91 41.4  
% 72.5 27.5

2 N 116 13 129 58.6  
% 89.9 10.1

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
10(11) V S  
M N 78 15 93 42.3  
% 83.9 16.1

F N 104 23 127 57.7  
% 81.9 18.1

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
11(12) V S  
A N 71 23 94 42.7  
% 75.5 24.5

B N 111 15 126 57.3

% 88.1 11.9

Total N 182 38 220  
% 82.7 17.3

-----  
TOTAL N 182 38 220  
% 82.7 17.3

Name of new cell file: Untitled.cel

• CELL CREATION • 14/02/16 16:42 .....

Name of token file: voce versus senhor.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(  
(1)  
(2 (R (COL 2 G))  
  (I (COL 2 I))  
  (R (COL 2 R))  
  (R (COL 2 g))  
  (R (COL 2 E)))  
(3)  
(4 (O (COL 4 O))  
  (H (COL 4 H))  
  (Q (COL 4 Q))  
  (C (COL 4 C))  
  (Q (COL 4 J)))  
(5)  
(6)  
(7 (a (COL 7 a))  
  (b (COL 7 b))  
  (b (COL 7 e))  
  (m (COL 7 m))  
  (a (COL 7 f))  
  (t (COL 7 t))  
  (c (COL 7 c)))  
(8 (r (COL 8 r))  
  (X (COL 8 X))  
  (r (COL 8 Z)))  
(10)  
(11)  
(12)  
)

Number of cells: 142  
Application value(s): VS  
Total no. of factors: 28

Group	V	S	Total	%
-----				
1 (2)	V	S		
R N	160	10	170	77.3
%	94.1	5.9		
I N	22	28	50	22.7
%	44.0	56.0		
Total N	182	38	220	
%	82.7	17.3		
-----				

2 (3)    V    S  
 D N    139    17    156 70.9  
 %    89.1    10.9

N N    24    4    28 12.7  
 %    85.7    14.3

i N    15    16    31 14.1  
 %    48.4    51.6

x N    4    1    5 2.3  
 %    80.0    20.0

Total N    182    38    220  
 %    82.7    17.3

---

3 (4)    V    S  
 O N    27    14    41 18.6  
 %    65.9    34.1

H N    4    17    21 9.5  
 %    19.0    81.0

Q N    52    6    58 26.4  
 %    89.7    10.3

C N    99    1    100 45.5  
 %    99.0    1.0

Total N    182    38    220  
 %    82.7    17.3

---

4 (5)    V    S  
 v N    130    32    162 73.6  
 %    80.2    19.8

L N    52    6    58 26.4  
 %    89.7    10.3

Total N    182    38    220  
 %    82.7    17.3

---

5 (6)    V    S  
 U N    94    22    116 52.7  
 %    81.0    19.0

P N    16    9    25 11.4  
 %    64.0    36.0

h N    72    7    79 35.9  
 %    91.1    8.9

Total N    182    38    220  
 %    82.7    17.3

---

6 (7)    V    S  
 a N    146    25    171 77.7  
 %    85.4    14.6

b N    15    10    25 11.4

	%	60.0	40.0		
m	N	9	1	10	4.5
	%	90.0	10.0		
t	N	11	1	12	5.5
	%	91.7	8.3		
c	N	1	1	2	0.9
	%	50.0	50.0		
Total	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		
-----					
7 (8)		V	S		
r	N	32	10	42	19.1
	%	76.2	23.8		
X	N	150	28	178	80.9
	%	84.3	15.7		
Total	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		
-----					
8 (10)		V	S		
1	N	66	25	91	41.4
	%	72.5	27.5		
2	N	116	13	129	58.6
	%	89.9	10.1		
Total	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		
-----					
9 (11)		V	S		
M	N	78	15	93	42.3
	%	83.9	16.1		
F	N	104	23	127	57.7
	%	81.9	18.1		
Total	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		
-----					
10 (12)		V	S		
A	N	71	23	94	42.7
	%	75.5	24.5		
B	N	111	15	126	57.3
	%	88.1	11.9		
Total	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		
-----					
TOTAL	N	182	38	220	
	%	82.7	17.3		

• BINOMIAL VARBRUL • 14/02/16 16:43 .....

Name of cell file: Untitled.cel

Averaging by weighting factors.  
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:  
Convergence at Iteration 2  
Input 0.827  
Log likelihood = -101.241

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.890  
Group # 1 -- R: 0.665, I: 0.089  
Log likelihood = -72.329 Significance = 0.000

Run # 3, 4 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.851  
Group # 2 -- D: 0.589, N: 0.513, i: 0.141, x: 0.412  
Log likelihood = -89.178 Significance = 0.000

Run # 4, 4 cells:  
Convergence at Iteration 6  
Input 0.933  
Group # 3 -- O: 0.121, H: 0.017, Q: 0.382, C: 0.876  
Log likelihood = -61.438 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.832  
Group # 4 -- v: 0.450, L: 0.636  
Log likelihood = -99.798 Significance = 0.092

Run # 6, 3 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.841  
Group # 5 -- U: 0.446, P: 0.251, h: 0.660  
Log likelihood = -96.324 Significance = 0.009

Run # 7, 5 cells:  
Convergence at Iteration 5  
Input 0.839  
Group # 6 -- a: 0.529, b: 0.224, m: 0.634, t: 0.679, c: 0.162  
Log likelihood = -96.050 Significance = 0.038

Run # 8, 2 cells:  
Convergence at Iteration 4  
Input 0.829  
Group # 7 -- r: 0.398, X: 0.525  
Log likelihood = -100.513 Significance = 0.233



Run # 9, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.843  
 Group # 8 -- 1: 0.329, 2: 0.623  
 Log likelihood = -95.654 Significance = 0.001

Run # 10, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 3  
 Input 0.827  
 Group # 9 -- M: 0.520, F: 0.486  
 Log likelihood = -101.166 Significance = 0.700

Run # 11, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 4  
 Input 0.836  
 Group #10 -- A: 0.378, B: 0.592  
 Log likelihood = -98.296 Significance = 0.016

Add Group # 3 with factors OHQC

----- Level # 2 -----

Run # 12, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.946  
 Group # 1 -- R: 0.624, I: 0.151  
 Group # 3 -- O: 0.196, H: 0.025, Q: 0.366, C: 0.841  
 Log likelihood = -51.661 Significance = 0.000

Run # 13, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.940  
 Group # 2 -- D: 0.585, N: 0.405, i: 0.190, x: 0.596  
 Group # 3 -- O: 0.163, H: 0.016, Q: 0.362, C: 0.866  
 Log likelihood = -56.317 Significance = 0.017

Run # 14, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.934  
 Group # 3 -- O: 0.122, H: 0.017, Q: 0.381, C: 0.874  
 Group # 4 -- v: 0.469, L: 0.585  
 Log likelihood = -61.102 Significance = 0.430

Run # 15, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.937  
 Group # 3 -- O: 0.119, H: 0.018, Q: 0.410, C: 0.867  
 Group # 5 -- U: 0.479, P: 0.266, h: 0.609  
 Log likelihood = -59.355 Significance = 0.132

Run # 16, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.939  
 Group # 3 -- O: 0.115, H: 0.015, Q: 0.404, C: 0.875  
 Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.250, m: 0.432, t: 0.408, c: 0.064  
 Log likelihood = -58.327 Significance = 0.187

Run # 17, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.936

Group # 3 -- O: 0.118, H: 0.015, Q: 0.383, C: 0.878  
 Group # 7 -- r: 0.332, X: 0.541  
 Log likelihood = -60.247 Significance = 0.130

Run # 18, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.939  
 Group # 3 -- O: 0.139, H: 0.016, Q: 0.360, C: 0.874  
 Group # 8 -- 1: 0.352, 2: 0.606  
 Log likelihood = -59.102 Significance = 0.034

Run # 19, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.934  
 Group # 3 -- O: 0.119, H: 0.016, Q: 0.380, C: 0.878  
 Group # 9 -- M: 0.558, F: 0.458  
 Log likelihood = -61.066 Significance = 0.407

Run # 20, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.936  
 Group # 3 -- O: 0.121, H: 0.017, Q: 0.376, C: 0.876  
 Group #10 -- A: 0.399, B: 0.576  
 Log likelihood = -60.251 Significance = 0.131

Add Group # 1 with factors RI

----- Level # 3 -----

Run # 21, 25 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.953  
 Group # 1 -- R: 0.620, I: 0.158  
 Group # 2 -- D: 0.591, N: 0.305, i: 0.244, x: 0.522  
 Group # 3 -- O: 0.224, H: 0.020, Q: 0.331, C: 0.850  
 Log likelihood = -48.438 Significance = 0.094

Run # 22, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.948  
 Group # 1 -- R: 0.625, I: 0.149  
 Group # 3 -- O: 0.195, H: 0.026, Q: 0.363, C: 0.842  
 Group # 4 -- v: 0.461, L: 0.608  
 Log likelihood = -51.212 Significance = 0.357

Run # 23, 23 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.948  
 Group # 1 -- R: 0.621, I: 0.158  
 Group # 3 -- O: 0.188, H: 0.027, Q: 0.416, C: 0.824  
 Group # 5 -- U: 0.490, P: 0.285, h: 0.586  
 Log likelihood = -50.286 Significance = 0.258

Run # 24, 26 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.953  
 Group # 1 -- R: 0.623, I: 0.154  
 Group # 3 -- O: 0.171, H: 0.022, Q: 0.418, C: 0.837  
 Group # 6 -- a: 0.565, b: 0.245, m: 0.337, t: 0.350, c: 0.210  
 Log likelihood = -49.241 Significance = 0.305

Run # 25, 12 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.792, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.218, H: 0.019, Q: 0.359, C: 0.844  
 Group # 7 -- r: 0.014, X: 0.732  
 Log likelihood = -39.425 Significance = 0.000

Run # 26, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.946  
 Group # 1 -- R: 0.618, I: 0.163  
 Group # 3 -- O: 0.217, H: 0.025, Q: 0.353, C: 0.839  
 Group # 8 -- 1: 0.409, 2: 0.565  
 Log likelihood = -50.998 Significance = 0.256

Run # 27, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.949  
 Group # 1 -- R: 0.637, I: 0.128  
 Group # 3 -- O: 0.197, H: 0.026, Q: 0.364, C: 0.840  
 Group # 9 -- M: 0.634, F: 0.401  
 Log likelihood = -50.136 Significance = 0.085

Run # 28, 15 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.951  
 Group # 1 -- R: 0.635, I: 0.133  
 Group # 3 -- O: 0.205, H: 0.032, Q: 0.365, C: 0.831  
 Group #10 -- A: 0.348, B: 0.615  
 Log likelihood = -49.591 Significance = 0.044

Add Group # 7 with factors rX

----- Level # 4 -----

Run # 29, 32 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991  
 Group # 1 -- R: 0.788, I: 0.011  
 Group # 2 -- D: 0.526, N: 0.433, i: 0.380, x: 0.776  
 Group # 3 -- O: 0.243, H: 0.016, Q: 0.348, C: 0.845  
 Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.725  
 Log likelihood = -38.585 Significance = 0.645

Run # 30, 23 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.791, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.219, H: 0.019, Q: 0.361, C: 0.843  
 Group # 4 -- v: 0.482, L: 0.550  
 Group # 7 -- r: 0.014, X: 0.730  
 Log likelihood = -39.357 Significance = 0.714

Run # 31, 32 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.789, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.219, H: 0.020, Q: 0.372, C: 0.838

Group # 5 -- U: 0.478, P: 0.450, h: 0.548  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.729  
 Log likelihood = -39.309 Significance = 0.891

Run # 32, 33 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991  
 Group # 1 -- R: 0.788, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.210, H: 0.017, Q: 0.381, C: 0.842  
 Group # 6 -- a: 0.533, b: 0.401, m: 0.357, t: 0.423, c: 0.207  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.727  
 Log likelihood = -38.825 Significance = 0.877

Run # 33, 24 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.789, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.243, H: 0.019, Q: 0.349, C: 0.840  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.729  
 Group # 8 -- 1: 0.435, 2: 0.546  
 Log likelihood = -39.190 Significance = 0.495

Run # 34, 21 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991  
 Group # 1 -- R: 0.795, I: 0.010  
 Group # 3 -- O: 0.212, H: 0.018, Q: 0.364, C: 0.845  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.728  
 Group # 9 -- M: 0.575, F: 0.445  
 Log likelihood = -39.046 Significance = 0.402

Run # 35, 22 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.803, I: 0.008  
 Group # 3 -- O: 0.211, H: 0.019, Q: 0.370, C: 0.842  
 Group # 7 -- r: 0.012, X: 0.737  
 Group #10 -- A: 0.351, B: 0.613  
 Log likelihood = -37.571 Significance = 0.056

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 3 1 7  
 Best stepping up run: #25

Stepping down...

----- Level # 10 -----

Run # 36, 142 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.995  
 Group # 1 -- R: 0.806, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.592, N: 0.211, i: 0.301, x: 0.739  
 Group # 3 -- O: 0.306, H: 0.020, Q: 0.477, C: 0.770  
 Group # 4 -- v: 0.561, L: 0.336  
 Group # 5 -- U: 0.287, P: 0.592, h: 0.772  
 Group # 6 -- a: 0.632, b: 0.180, m: 0.064, t: 0.130, c: 0.067  
 Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.725

Group # 8 -- 1: 0.347, 2: 0.609  
 Group # 9 -- M: 0.483, F: 0.512  
 Group #10 -- A: 0.266, B: 0.681  
 Log likelihood = -32.874

----- Level # 9 -----

Run # 37, 134 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.960  
 Group # 2 -- D: 0.615, N: 0.321, i: 0.153, x: 0.554  
 Group # 3 -- O: 0.201, H: 0.019, Q: 0.390, C: 0.839  
 Group # 4 -- v: 0.549, L: 0.365  
 Group # 5 -- U: 0.410, P: 0.362, h: 0.671  
 Group # 6 -- a: 0.573, b: 0.299, m: 0.421, t: 0.181, c: 0.023  
 Group # 7 -- r: 0.461, X: 0.509  
 Group # 8 -- 1: 0.306, 2: 0.641  
 Group # 9 -- M: 0.383, F: 0.586  
 Group #10 -- A: 0.270, B: 0.677  
 Log likelihood = -47.843 Significance = 0.000

Run # 38, 118 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.806, I: 0.008  
 Group # 3 -- O: 0.258, H: 0.026, Q: 0.399, C: 0.808  
 Group # 4 -- v: 0.532, L: 0.410  
 Group # 5 -- U: 0.304, P: 0.800, h: 0.685  
 Group # 6 -- a: 0.622, b: 0.119, m: 0.101, t: 0.328, c: 0.098  
 Group # 7 -- r: 0.012, X: 0.741  
 Group # 8 -- 1: 0.368, 2: 0.594  
 Group # 9 -- M: 0.497, F: 0.502  
 Group #10 -- A: 0.309, B: 0.646  
 Log likelihood = -34.466 Significance = 0.374

Run # 39, 102 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991  
 Group # 1 -- R: 0.822, I: 0.005  
 Group # 2 -- D: 0.589, N: 0.202, i: 0.378, x: 0.399  
 Group # 4 -- v: 0.516, L: 0.454  
 Group # 5 -- U: 0.265, P: 0.797, h: 0.743  
 Group # 6 -- a: 0.637, b: 0.078, m: 0.107, t: 0.296, c: 0.198  
 Group # 7 -- r: 0.017, X: 0.723  
 Group # 8 -- 1: 0.254, 2: 0.681  
 Group # 9 -- M: 0.425, F: 0.555  
 Group #10 -- A: 0.208, B: 0.730  
 Log likelihood = -43.652 Significance = 0.000

Run # 40, 128 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.995  
 Group # 1 -- R: 0.806, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.585, N: 0.221, i: 0.322, x: 0.730  
 Group # 3 -- O: 0.322, H: 0.022, Q: 0.460, C: 0.768  
 Group # 5 -- U: 0.347, P: 0.621, h: 0.684  
 Group # 6 -- a: 0.612, b: 0.201, m: 0.093, t: 0.195, c: 0.128  
 Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.725  
 Group # 8 -- 1: 0.331, 2: 0.622  
 Group # 9 -- M: 0.486, F: 0.510

Group #10 -- A: 0.262, B: 0.684  
 Log likelihood = -33.199 Significance = 0.437

Run # 41, 127 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.797, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.576, N: 0.294, i: 0.289, x: 0.711  
 Group # 3 -- O: 0.333, H: 0.019, Q: 0.410, C: 0.791  
 Group # 4 -- v: 0.479, L: 0.559  
 Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.344, m: 0.178, t: 0.379, c: 0.243  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.720  
 Group # 8 -- 1: 0.338, 2: 0.617  
 Group # 9 -- M: 0.463, F: 0.527  
 Group #10 -- A: 0.265, B: 0.681  
 Log likelihood = -34.300 Significance = 0.245

Run # 42, 134 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.793, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.571, N: 0.323, i: 0.290, x: 0.689  
 Group # 3 -- O: 0.322, H: 0.022, Q: 0.391, C: 0.795  
 Group # 4 -- v: 0.498, L: 0.504  
 Group # 5 -- U: 0.466, P: 0.337, h: 0.602  
 Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.718  
 Group # 8 -- 1: 0.349, 2: 0.608  
 Group # 9 -- M: 0.493, F: 0.505  
 Group #10 -- A: 0.264, B: 0.682  
 Log likelihood = -34.812 Significance = 0.432

Run # 43, 134 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.975  
 Group # 1 -- R: 0.647, I: 0.113  
 Group # 2 -- D: 0.640, N: 0.170, i: 0.188, x: 0.488  
 Group # 3 -- O: 0.231, H: 0.021, Q: 0.459, C: 0.801  
 Group # 4 -- v: 0.559, L: 0.339  
 Group # 5 -- U: 0.327, P: 0.486, h: 0.746  
 Group # 6 -- a: 0.622, b: 0.141, m: 0.258, t: 0.112, c: 0.095  
 Group # 8 -- 1: 0.393, 2: 0.576  
 Group # 9 -- M: 0.552, F: 0.462  
 Group #10 -- A: 0.283, B: 0.667  
 Log likelihood = -40.272 Significance = 0.000

Run # 44, 131 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.803, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.578, N: 0.233, i: 0.321, x: 0.827  
 Group # 3 -- O: 0.222, H: 0.014, Q: 0.502, C: 0.802  
 Group # 4 -- v: 0.578, L: 0.293  
 Group # 5 -- U: 0.278, P: 0.571, h: 0.788  
 Group # 6 -- a: 0.638, b: 0.167, m: 0.075, t: 0.100, c: 0.069  
 Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.718  
 Group # 9 -- M: 0.529, F: 0.478  
 Group #10 -- A: 0.319, B: 0.638  
 Log likelihood = -33.737 Significance = 0.192

Run # 45, 134 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.995

Group # 1 -- R: 0.807, I: 0.008

Group # 2 -- D: 0.590, N: 0.210, i: 0.306, x: 0.751

Group # 3 -- O: 0.299, H: 0.019, Q: 0.479, C: 0.773

Group # 4 -- v: 0.560, L: 0.336

Group # 5 -- U: 0.284, P: 0.594, h: 0.775

Group # 6 -- a: 0.633, b: 0.178, m: 0.065, t: 0.130, c: 0.070

Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.724

Group # 8 -- 1: 0.352, 2: 0.606

Group #10 -- A: 0.272, B: 0.676

\*\*\* Warning, negative change in likelihood (-0.00600992) replaced by 0.0.

Log likelihood = -32.871 Significance = 1.000

Run # 46, 128 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.993

Group # 1 -- R: 0.799, I: 0.009

Group # 2 -- D: 0.555, N: 0.237, i: 0.414, x: 0.853

Group # 3 -- O: 0.222, H: 0.014, Q: 0.448, C: 0.822

Group # 4 -- v: 0.569, L: 0.316

Group # 5 -- U: 0.270, P: 0.712, h: 0.764

Group # 6 -- a: 0.643, b: 0.128, m: 0.068, t: 0.145, c: 0.085

Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.718

Group # 8 -- 1: 0.448, 2: 0.537

Group # 9 -- M: 0.610, F: 0.419

Log likelihood = -35.170 Significance = 0.036

Cut Group # 9 with factors MF

----- Level # 8 -----

Run # 47, 124 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.959

Group # 2 -- D: 0.610, N: 0.298, i: 0.172, x: 0.636

Group # 3 -- O: 0.171, H: 0.017, Q: 0.402, C: 0.850

Group # 4 -- v: 0.556, L: 0.347

Group # 5 -- U: 0.381, P: 0.355, h: 0.711

Group # 6 -- a: 0.575, b: 0.294, m: 0.435, t: 0.163, c: 0.027

Group # 7 -- r: 0.506, X: 0.499

Group # 8 -- 1: 0.339, 2: 0.615

Group #10 -- A: 0.321, B: 0.636

Log likelihood = -48.462 Significance = 0.000

Run # 48, 109 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.994

Group # 1 -- R: 0.807, I: 0.008

Group # 3 -- O: 0.257, H: 0.025, Q: 0.399, C: 0.808

Group # 4 -- v: 0.533, L: 0.410

Group # 5 -- U: 0.303, P: 0.800, h: 0.686

Group # 6 -- a: 0.622, b: 0.118, m: 0.101, t: 0.328, c: 0.098

Group # 7 -- r: 0.012, X: 0.741

Group # 8 -- 1: 0.369, 2: 0.594

Group #10 -- A: 0.311, B: 0.644

Log likelihood = -34.464 Significance = 0.374

Run # 49, 90 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.991

Group # 1 -- R: 0.826, I: 0.005  
 Group # 2 -- D: 0.583, N: 0.201, i: 0.400, x: 0.442  
 Group # 4 -- v: 0.513, L: 0.465  
 Group # 5 -- U: 0.263, P: 0.801, h: 0.745  
 Group # 6 -- a: 0.634, b: 0.077, m: 0.118, t: 0.318, c: 0.249  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.720  
 Group # 8 -- 1: 0.263, 2: 0.674  
 Group #10 -- A: 0.232, B: 0.709  
 Log likelihood = -43.846 Significance = 0.000

Run # 50, 118 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.995

Group # 1 -- R: 0.807, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.584, N: 0.220, i: 0.327, x: 0.740  
 Group # 3 -- O: 0.316, H: 0.021, Q: 0.462, C: 0.770  
 Group # 5 -- U: 0.345, P: 0.622, h: 0.687  
 Group # 6 -- a: 0.613, b: 0.198, m: 0.094, t: 0.194, c: 0.133  
 Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.724  
 Group # 8 -- 1: 0.335, 2: 0.619  
 Group #10 -- A: 0.267, B: 0.680  
 Log likelihood = -33.195 Significance = 0.437

Run # 51, 116 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.994

Group # 1 -- R: 0.799, I: 0.009  
 Group # 2 -- D: 0.573, N: 0.291, i: 0.299, x: 0.735  
 Group # 3 -- O: 0.323, H: 0.018, Q: 0.414, C: 0.794  
 Group # 4 -- v: 0.476, L: 0.566  
 Group # 6 -- a: 0.556, b: 0.342, m: 0.187, t: 0.387, c: 0.272  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.719  
 Group # 8 -- 1: 0.346, 2: 0.610  
 Group #10 -- A: 0.278, B: 0.671  
 Log likelihood = -34.327 Significance = 0.238

Run # 52, 123 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.994

Group # 1 -- R: 0.794, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.570, N: 0.322, i: 0.292, x: 0.696  
 Group # 3 -- O: 0.319, H: 0.022, Q: 0.393, C: 0.796  
 Group # 4 -- v: 0.499, L: 0.504  
 Group # 5 -- U: 0.465, P: 0.336, h: 0.604  
 Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.718  
 Group # 8 -- 1: 0.351, 2: 0.606  
 Group #10 -- A: 0.267, B: 0.680  
 Log likelihood = -34.808 Significance = 0.432

Run # 53, 124 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.975

Group # 1 -- R: 0.641, I: 0.123  
 Group # 2 -- D: 0.643, N: 0.175, i: 0.178, x: 0.446  
 Group # 3 -- O: 0.240, H: 0.022, Q: 0.456, C: 0.797  
 Group # 4 -- v: 0.557, L: 0.344  
 Group # 5 -- U: 0.340, P: 0.468, h: 0.734  
 Group # 6 -- a: 0.618, b: 0.153, m: 0.256, t: 0.116, c: 0.085  
 Group # 8 -- 1: 0.377, 2: 0.587



Group #10 -- A: 0.264, B: 0.683  
 Log likelihood = -40.401 Significance = 0.000

Run # 54, 114 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.802, I: 0.009  
 Group # 2 -- D: 0.579, N: 0.237, i: 0.314, x: 0.815  
 Group # 3 -- O: 0.226, H: 0.014, Q: 0.501, C: 0.800  
 Group # 4 -- v: 0.580, L: 0.290  
 Group # 5 -- U: 0.283, P: 0.565, h: 0.783  
 Group # 6 -- a: 0.637, b: 0.171, m: 0.075, t: 0.100, c: 0.064  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.719  
 Group #10 -- A: 0.310, B: 0.645  
 Log likelihood = -33.787 Significance = 0.182

Run # 55, 114 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.992  
 Group # 1 -- R: 0.791, I: 0.011  
 Group # 2 -- D: 0.553, N: 0.270, i: 0.397, x: 0.818  
 Group # 3 -- O: 0.245, H: 0.014, Q: 0.430, C: 0.819  
 Group # 4 -- v: 0.570, L: 0.314  
 Group # 5 -- U: 0.289, P: 0.720, h: 0.735  
 Group # 6 -- a: 0.640, b: 0.137, m: 0.064, t: 0.159, c: 0.068  
 Group # 7 -- r: 0.017, X: 0.722  
 Group # 8 -- 1: 0.436, 2: 0.545  
 Log likelihood = -35.827 Significance = 0.016

Cut Group # 4 with factors vL

----- Level # 7 -----

Run # 56, 107 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.958  
 Group # 2 -- D: 0.607, N: 0.294, i: 0.184, x: 0.640  
 Group # 3 -- O: 0.176, H: 0.017, Q: 0.383, C: 0.854  
 Group # 5 -- U: 0.437, P: 0.367, h: 0.632  
 Group # 6 -- a: 0.558, b: 0.327, m: 0.507, t: 0.210, c: 0.046  
 Group # 7 -- r: 0.508, X: 0.498  
 Group # 8 -- 1: 0.330, 2: 0.623  
 Group #10 -- A: 0.320, B: 0.637  
 Log likelihood = -48.928 Significance = 0.000

Run # 57, 92 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.807, I: 0.008  
 Group # 3 -- O: 0.271, H: 0.027, Q: 0.396, C: 0.803  
 Group # 5 -- U: 0.335, P: 0.805, h: 0.635  
 Group # 6 -- a: 0.612, b: 0.127, m: 0.120, t: 0.377, c: 0.140  
 Group # 7 -- r: 0.012, X: 0.740  
 Group # 8 -- 1: 0.359, 2: 0.601  
 Group #10 -- A: 0.305, B: 0.649  
 Log likelihood = -34.596 Significance = 0.433

Run # 58, 73 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991

Group # 1 -- R: 0.826, I: 0.005  
 Group # 2 -- D: 0.581, N: 0.203, i: 0.407, x: 0.445  
 Group # 5 -- U: 0.272, P: 0.803, h: 0.731  
 Group # 6 -- a: 0.630, b: 0.079, m: 0.125, t: 0.331, c: 0.272  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.720  
 Group # 8 -- 1: 0.261, 2: 0.676  
 Group #10 -- A: 0.231, B: 0.711  
 Log likelihood = -43.879 Significance = 0.000

Run # 59, 99 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.798, I: 0.009  
 Group # 2 -- D: 0.574, N: 0.310, i: 0.283, x: 0.730  
 Group # 3 -- O: 0.322, H: 0.017, Q: 0.412, C: 0.796  
 Group # 6 -- a: 0.557, b: 0.332, m: 0.185, t: 0.399, c: 0.259  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.719  
 Group # 8 -- 1: 0.357, 2: 0.602  
 Group #10 -- A: 0.284, B: 0.666  
 Log likelihood = -34.421 Significance = 0.295

Run # 60, 107 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.994  
 Group # 1 -- R: 0.794, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.570, N: 0.322, i: 0.292, x: 0.695  
 Group # 3 -- O: 0.319, H: 0.022, Q: 0.393, C: 0.796  
 Group # 5 -- U: 0.464, P: 0.335, h: 0.606  
 Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.718  
 Group # 8 -- 1: 0.352, 2: 0.606  
 Group #10 -- A: 0.267, B: 0.680  
 Log likelihood = -34.809 Significance = 0.522

Run # 61, 108 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.974  
 Group # 1 -- R: 0.641, I: 0.123  
 Group # 2 -- D: 0.639, N: 0.175, i: 0.192, x: 0.434  
 Group # 3 -- O: 0.244, H: 0.023, Q: 0.423, C: 0.807  
 Group # 5 -- U: 0.397, P: 0.509, h: 0.646  
 Group # 6 -- a: 0.602, b: 0.166, m: 0.327, t: 0.159, c: 0.145  
 Group # 8 -- 1: 0.367, 2: 0.595  
 Group #10 -- A: 0.264, B: 0.683  
 Log likelihood = -40.717 Significance = 0.000

Run # 62, 97 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.801, I: 0.009  
 Group # 2 -- D: 0.566, N: 0.265, i: 0.344, x: 0.808  
 Group # 3 -- O: 0.241, H: 0.017, Q: 0.480, C: 0.798  
 Group # 5 -- U: 0.368, P: 0.613, h: 0.656  
 Group # 6 -- a: 0.609, b: 0.196, m: 0.129, t: 0.182, c: 0.160  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.719  
 Group #10 -- A: 0.312, B: 0.643  
 Log likelihood = -34.401 Significance = 0.128

Run # 63, 99 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.991

Group # 1 -- R: 0.790, I: 0.011  
 Group # 2 -- D: 0.546, N: 0.279, i: 0.426, x: 0.810  
 Group # 3 -- O: 0.258, H: 0.016, Q: 0.406, C: 0.821  
 Group # 5 -- U: 0.362, P: 0.749, h: 0.620  
 Group # 6 -- a: 0.616, b: 0.158, m: 0.097, t: 0.257, c: 0.144  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.720  
 Group # 8 -- 1: 0.423, 2: 0.554  
 Log likelihood = -36.323 Significance = 0.013

Cut Group # 6 with factors abmtc

----- Level # 6 -----

Run # 64, 96 cells:  
 Convergence at Iteration 9  
 Input 0.957  
 Group # 2 -- D: 0.603, N: 0.328, i: 0.175, x: 0.629  
 Group # 3 -- O: 0.190, H: 0.018, Q: 0.357, C: 0.854  
 Group # 5 -- U: 0.498, P: 0.236, h: 0.595  
 Group # 7 -- r: 0.507, X: 0.498  
 Group # 8 -- 1: 0.317, 2: 0.632  
 Group #10 -- A: 0.312, B: 0.643  
 Log likelihood = -49.801 Significance = 0.000

Run # 65, 79 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.799, I: 0.009  
 Group # 3 -- O: 0.260, H: 0.026, Q: 0.376, C: 0.816  
 Group # 5 -- U: 0.446, P: 0.410, h: 0.607  
 Group # 7 -- r: 0.013, X: 0.735  
 Group # 8 -- 1: 0.371, 2: 0.592  
 Group #10 -- A: 0.303, B: 0.651  
 Log likelihood = -36.278 Significance = 0.412

Run # 66, 60 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.988  
 Group # 1 -- R: 0.808, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.579, N: 0.237, i: 0.369, x: 0.472  
 Group # 5 -- U: 0.391, P: 0.286, h: 0.719  
 Group # 7 -- r: 0.027, X: 0.700  
 Group # 8 -- 1: 0.273, 2: 0.666  
 Group #10 -- A: 0.224, B: 0.716  
 Log likelihood = -46.814 Significance = 0.000

Run # 67, 68 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.796, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.559, N: 0.386, i: 0.292, x: 0.658  
 Group # 3 -- O: 0.318, H: 0.020, Q: 0.343, C: 0.819  
 Group # 7 -- r: 0.016, X: 0.724  
 Group # 8 -- 1: 0.355, 2: 0.604  
 Group #10 -- A: 0.289, B: 0.662  
 Log likelihood = -35.461 Significance = 0.525

Run # 68, 96 cells:  
 Convergence at Iteration 11  
 Input 0.971

Group # 1 -- R: 0.633, I: 0.136  
 Group # 2 -- D: 0.631, N: 0.214, i: 0.181, x: 0.477  
 Group # 3 -- O: 0.280, H: 0.027, Q: 0.380, C: 0.806  
 Group # 5 -- U: 0.491, P: 0.207, h: 0.617  
 Group # 8 -- 1: 0.346, 2: 0.611  
 Group #10 -- A: 0.256, B: 0.689  
 Log likelihood = -41.956 Significance = 0.000

Run # 69, 83 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.797, I: 0.010  
 Group # 2 -- D: 0.554, N: 0.367, i: 0.309, x: 0.778  
 Group # 3 -- O: 0.257, H: 0.017, Q: 0.414, C: 0.815  
 Group # 5 -- U: 0.482, P: 0.321, h: 0.585  
 Group # 7 -- r: 0.018, X: 0.721  
 Group #10 -- A: 0.309, B: 0.646  
 Log likelihood = -35.761 Significance = 0.175

Run # 70, 86 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.781, I: 0.013  
 Group # 2 -- D: 0.535, N: 0.386, i: 0.382, x: 0.777  
 Group # 3 -- O: 0.266, H: 0.017, Q: 0.363, C: 0.831  
 Group # 5 -- U: 0.490, P: 0.403, h: 0.546  
 Group # 7 -- r: 0.019, X: 0.717  
 Group # 8 -- 1: 0.440, 2: 0.542  
 Log likelihood = -38.173 Significance = 0.010

Cut Group # 5 with factors UPh

----- Level # 5 -----

Run # 71, 57 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.954  
 Group # 2 -- D: 0.594, N: 0.379, i: 0.182, x: 0.568  
 Group # 3 -- O: 0.194, H: 0.018, Q: 0.326, C: 0.864  
 Group # 7 -- r: 0.433, X: 0.516  
 Group # 8 -- 1: 0.308, 2: 0.639  
 Group #10 -- A: 0.334, B: 0.626  
 Log likelihood = -51.549 Significance = 0.000

Run # 72, 39 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.800, I: 0.009  
 Group # 3 -- O: 0.259, H: 0.023, Q: 0.359, C: 0.826  
 Group # 7 -- r: 0.013, X: 0.736  
 Group # 8 -- 1: 0.376, 2: 0.588  
 Group #10 -- A: 0.322, B: 0.636  
 Log likelihood = -36.788 Significance = 0.455

Run # 73, 29 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.983  
 Group # 1 -- R: 0.804, I: 0.008  
 Group # 2 -- D: 0.566, N: 0.320, i: 0.358, x: 0.392  
 Group # 7 -- r: 0.025, X: 0.704

Group # 8 -- 1: 0.290, 2: 0.653  
 Group #10 -- A: 0.257, B: 0.688  
 Log likelihood = -49.830 Significance = 0.000

Run # 74, 56 cells:  
 Convergence at Iteration 10  
 Input 0.964  
 Group # 1 -- R: 0.627, I: 0.147  
 Group # 2 -- D: 0.618, N: 0.274, i: 0.187, x: 0.382  
 Group # 3 -- O: 0.281, H: 0.026, Q: 0.302, C: 0.836  
 Group # 8 -- 1: 0.351, 2: 0.606  
 Group #10 -- A: 0.287, B: 0.664  
 Log likelihood = -44.293 Significance = 0.000

Run # 75, 48 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.800, I: 0.009  
 Group # 2 -- D: 0.544, N: 0.425, i: 0.315, x: 0.742  
 Group # 3 -- O: 0.256, H: 0.017, Q: 0.360, C: 0.836  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.728  
 Group #10 -- A: 0.331, B: 0.628  
 Log likelihood = -36.425 Significance = 0.173

Run # 76, 50 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.784, I: 0.012  
 Group # 2 -- D: 0.531, N: 0.417, i: 0.379, x: 0.751  
 Group # 3 -- O: 0.267, H: 0.016, Q: 0.337, C: 0.841  
 Group # 7 -- r: 0.017, X: 0.722  
 Group # 8 -- 1: 0.435, 2: 0.546  
 Log likelihood = -38.372 Significance = 0.017

Cut Group # 2 with factors DNix

----- Level # 4 -----

Run # 77, 26 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.946  
 Group # 3 -- O: 0.142, H: 0.018, Q: 0.354, C: 0.873  
 Group # 7 -- r: 0.340, X: 0.539  
 Group # 8 -- 1: 0.323, 2: 0.627  
 Group #10 -- A: 0.370, B: 0.598  
 Log likelihood = -56.246 Significance = 0.000

Run # 78, 12 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.982  
 Group # 1 -- R: 0.808, I: 0.008  
 Group # 7 -- r: 0.021, X: 0.713  
 Group # 8 -- 1: 0.304, 2: 0.642  
 Group #10 -- A: 0.274, B: 0.674  
 Log likelihood = -51.368 Significance = 0.000

Run # 79, 28 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.951  
 Group # 1 -- R: 0.627, I: 0.147

Group # 3 -- O: 0.230, H: 0.034, Q: 0.351, C: 0.826  
 Group # 8 -- 1: 0.390, 2: 0.578  
 Group #10 -- A: 0.337, B: 0.624  
 Log likelihood = -48.687 Significance = 0.000

Run # 80, 22 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.993  
 Group # 1 -- R: 0.803, I: 0.008  
 Group # 3 -- O: 0.211, H: 0.019, Q: 0.370, C: 0.842  
 Group # 7 -- r: 0.012, X: 0.737  
 Group #10 -- A: 0.351, B: 0.613  
 Log likelihood = -37.571 Significance = 0.213

Run # 81, 24 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.789, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.243, H: 0.019, Q: 0.349, C: 0.840  
 Group # 7 -- r: 0.015, X: 0.729  
 Group # 8 -- 1: 0.435, 2: 0.546  
 Log likelihood = -39.190 Significance = 0.032

Cut Group # 8 with factors 12

----- Level # 3 -----

Run # 82, 15 cells:  
 Convergence at Iteration 7  
 Input 0.939  
 Group # 3 -- O: 0.117, H: 0.016, Q: 0.378, C: 0.879  
 Group # 7 -- r: 0.344, X: 0.538  
 Group #10 -- A: 0.407, B: 0.569  
 Log likelihood = -59.272 Significance = 0.000

Run # 83, 6 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.976  
 Group # 1 -- R: 0.806, I: 0.008  
 Group # 7 -- r: 0.024, X: 0.705  
 Group #10 -- A: 0.347, B: 0.616  
 Log likelihood = -54.931 Significance = 0.000

Run # 84, 15 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.951  
 Group # 1 -- R: 0.635, I: 0.133  
 Group # 3 -- O: 0.205, H: 0.032, Q: 0.365, C: 0.831  
 Group #10 -- A: 0.348, B: 0.615  
 Log likelihood = -49.591 Significance = 0.000

Run # 85, 12 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.990  
 Group # 1 -- R: 0.792, I: 0.011  
 Group # 3 -- O: 0.218, H: 0.019, Q: 0.359, C: 0.844  
 Group # 7 -- r: 0.014, X: 0.732  
 Log likelihood = -39.425 Significance = 0.056

Cut Group # 10 with factors AB

----- Level # 2 -----

Run # 86, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.936

Group # 3 -- O: 0.118, H: 0.015, Q: 0.383, C: 0.878

Group # 7 -- r: 0.332, X: 0.541

Log likelihood = -60.247 Significance = 0.000

Run # 87, 3 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.973

Group # 1 -- R: 0.800, I: 0.009

Group # 7 -- r: 0.022, X: 0.711

Log likelihood = -57.712 Significance = 0.000

Run # 88, 8 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.946

Group # 1 -- R: 0.624, I: 0.151

Group # 3 -- O: 0.196, H: 0.025, Q: 0.366, C: 0.841

Log likelihood = -51.661 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 9 4 6 5 2 8 10

Best stepping up run: #25

Best stepping down run: #85